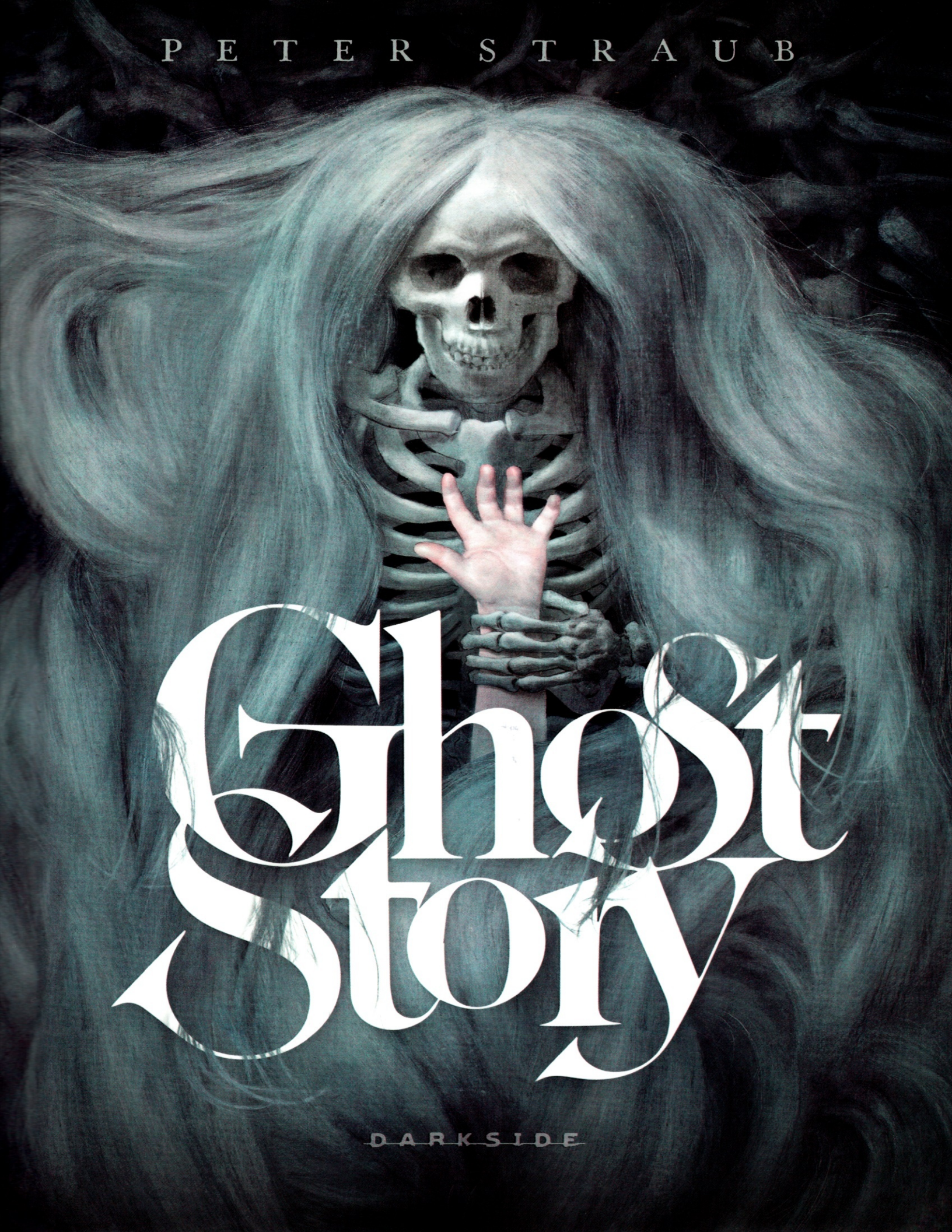
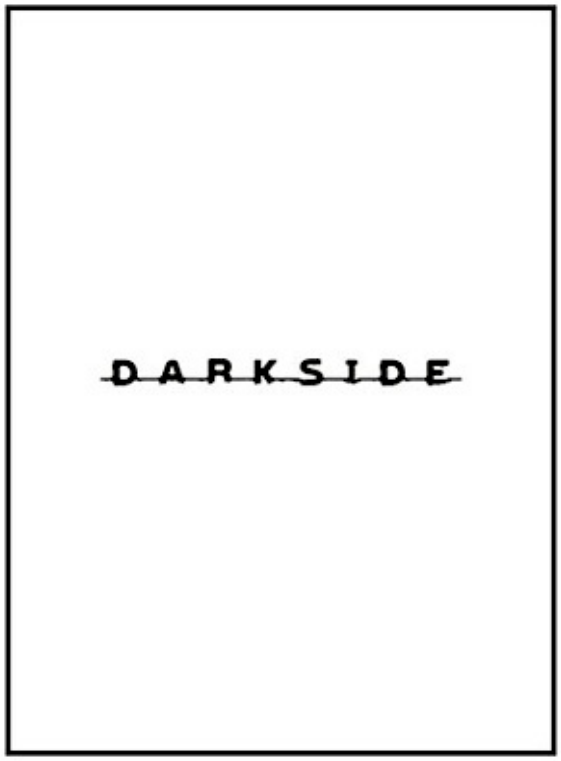
PETER STRAUB



Ghost Story

DARKSIDE


DARKSIDE





#DARKSIDEBOOKS


Ghost
Story

PETER STRAUB



TRADUÇÃO
REGIANE WINARSKI

DARKSIDE

Sumário

Prólogo: Dirigindo rumo ao sul

Parte Um: Depois da festa de Jaffrey

I.: A Sociedade Chowder: as histórias de outubro

II.: A festa de Jaffrey

Parte Dois: A vingança do Dr. Rabbitfoot

I.: Apenas mais um campo, mas o que plantaram lá

II.: Alma

III.: A cidade

Parte Três: A caça ao guaxinim

I.: Eva Galli e o manitu

II.: A cidade sitiada

III.: O fim da Sociedade Chowder

Epílogo: Mariposa em um frasco de veneno

Para Valli Shaio e Gregorio Kohon

O abismo era apenas um dos orifícios naquele poço de trevas que fica abaixo de nós, em toda parte.

— *O Fauno de Mármore*, de Nathaniel Hawthorne

Fantasmas estão sempre famintos.

— R. D. Jameson

PRÓLOGO
DIRIGINDO RUMO AO SUL

1

Qual foi a pior coisa que você já fez?
Não vou contar isso, mas vou contar a pior coisa
que já aconteceu comigo… a coisa mais apavorante…

2

Como achava que teria problemas se atravessasse a fronteira do Canadá com a criança, ele dirigiu para o sul, contornando cidades quando apareciam e trafegando por estradas anônimas que eram como um país diferente, pois a viagem era por si só como estar em um país diferente. A mesmice o confortava e ao mesmo tempo o estimulava, de forma que, no primeiro dia, ele conseguiu dirigir vinte horas seguidas. Eles comiam no McDonald's e em lojas de conveniência; quando ficava com fome, ele saía da estrada e pegava uma rodovia estadual paralela, sabendo que deveria haver uma parada em quinze ou trinta quilômetros. Quando encontrava, acordava a criança, e eles comiam hambúrgueres ou cachorros-quentes com queijo, com a menina nunca falando mais do que o suficiente para dizer o que queria. Na maior parte do tempo, ela dormia. Naquela primeira noite, o homem se lembrou de que havia luzinhas iluminando sua placa e, apesar de mais tarde ficar evidente que isso fora desnecessário, saiu de uma rodovia para uma estrada secundária por tempo suficiente para soltar as lâmpadas e jogá-las em um descampado. Em seguida,

pegou punhados de lama no acostamento e esfregou na placa. Depois de limpar as mãos na calça, voltou para o lado do motorista e abriu a porta. A criança estava dormindo com as costas no assento e a boca fechada. Parecia estar absolutamente tranquila. Ele ainda não sabia o que teria de fazer com ela.

Na Virgínia Ocidental, ele acordou no susto e percebeu que tinha dormido ao volante por alguns segundos. “Vamos parar e tirar um cochilo.” Ele saiu da via expressa nos arredores de Clarksburg e dirigiu em uma estrada secundária até encontrar contra o céu uma placa vermelha giratória com as palavras PIONEER VILLAGE em branco. Estava mantendo os olhos abertos por pura força de vontade. Sua mente não parecia muito bem; tinha a impressão de que havia lágrimas prestes a brotar em seus olhos, e que em pouco tempo começaria a chorar involuntariamente. Quando chegou ao estacionamento do shopping center, dirigiu até a fileira mais distante da entrada e encostou o carro em uma cerca de arame. Logo atrás, havia uma fábrica quadrada de tijolos que fazia réplicas de plástico de animais para caminhões da Golden Chicken. O pátio de asfalto da fábrica estava parcialmente ocupado por gigantescas galinhas e vacas de plástico. No meio havia um touro azul gigante. As galinhas estavam incompletas, eram maiores do que as vacas e de um branco fosco.

À frente dele havia uma seção quase vazia de estacionamento, depois um amontoado de carros enfileirados e uma série de prédios baixos cor de arenito que compunham o complexo do shopping center.

“Podemos olhar essas galinhas grandes?”, perguntou a menina.

Ele fez que não com a cabeça.

“Nós não vamos descer do carro, só vamos dormir.” Ele trancou as portas e fechou as janelas. Sob o olhar firme e sem expectativas da criança, ele se inclinou, tateou embaixo do banco e pegou um pedaço de corda. “Estenda as mãos”, disse.

Quase sorrindo, ela estendeu as pequenas mãos fechadas. Ele as uniu e deu duas voltas nos pulsos com a corda, atou um nó e amarrou os tornozelos. Quando viu a quantidade sobressalente de corda, esticou o que restava com um braço e puxou a criança para perto com o outro. Em seguida, enrolou a corda nos dois, unindo-os, e deu o nó final depois de se espichar no banco da frente.

Ela estava deitada em cima dele, as mãos unidas no meio de sua barriga e a cabeça em seu peito. Respirava com facilidade e regularidade, como se não esperasse nada diferente do que ele fez. O relógio no painel informava que eram cinco e meia, e estava começando a esfriar. Ele estendeu as pernas e encostou a cabeça no apoio do assento. Com o barulho do tráfego, ele adormeceu.

E despertou aparentemente na mesma hora, com o rosto coberto de suor, o odor levemente acre e oleoso do cabelo da criança nas narinas. Estava escuro;

ele devia ter dormido por horas. Eles não foram descobertos; imagine ser encontrado em um estacionamento de shopping center em Clarksburg, na Virgínia Ocidental, com uma garotinha amarrada ao seu corpo adormecido! Ele grunhiu, se mexeu para o lado e acordou a garota. Ela também despertou imediatamente. Inclinou a cabeça para trás e o encarou. Não havia medo, apenas intensidade no olhar. Ele desamarrou os nós apressadamente, tirando a corda de seus corpos; seu pescoço reclamou quando ele se sentou direito. “Quer ir ao banheiro?”, perguntou ele.

Ela assentiu. “Onde?”

“Ao lado do carro.”

“Aqui? No estacionamento?”

“Você ouviu o que eu falei.”

Mais uma vez, ficou com a impressão de que ela quase sorriu. Olhou para o rostinho intenso da menina, emoldurado pelo cabelo preto. “Você vai deixar?”

“Vou segurar sua mão.”

“Mas não vai olhar?” Pela primeira vez, ela demonstrou preocupação.

Ele sacudiu negativamente a cabeça.

Ela levou a mão até a tranca da porta do outro lado, mas ele fez que não com a cabeça de novo, segurou seu pulso e apertou bem. “Do meu lado”, avisou ele, abriu a tranca e saiu, ainda segurando o pulso ossudo da menina. Ela começou a se arrastar de lado na direção da porta, uma garota de sete ou oito anos com cabelos pretos e curtos, usando um vestidinho rosa de um tecido fino. Nos pés sem meias calçava tênis azuis de lona que já se desfaziam nos calcanhares. De forma infantil, colocou uma perna nua para fora primeiro, depois se virou e tirou a outra perna do carro.

Ele a puxou na direção da cerca da fábrica. A garota virou a cabeça para trás e levantou o rosto. “Você prometeu. Não vai olhar.”

“Eu não vou olhar”, garantiu ele.

E, por um momento, não olhou mesmo, mas permitiu que a cabeça virasse quando ela se agachou, forçando-o a se inclinar para o lado. O olhar percorreu os animais grotescos de plástico atrás da cerca. Ele ouviu o farfalhar de tecido — algodão — roçando a pele dela e olhou pra baixo. O braço esquerdo estava estendido para que ela ficasse o máximo possível longe dele. O vestidinho rosa barato estava puxado até a cintura. Ela também olhava para os animais de plástico. Quando a menina terminou, ele desviou o olhar, sabendo que ela olharia para ele. Ela se levantou e esperou que ele lhe dissesse o que fazer em seguida. Ele a puxou para o carro.

“Com que você trabalha?”, perguntou ela.

Ele riu alto de surpresa: uma pergunta casual! “Com nada.”

“Para onde nós vamos? Você vai me levar para algum lugar?”

Ele abriu a porta e chegou para o lado enquanto ela entrava no carro. “Para algum lugar”, disse ele. “Claro, eu estou levando você para algum lugar.” Ele entrou ao lado dela, que deslizou pelo assento até a porta.

“Para onde?”

“Vamos ver quando chegarmos lá.”

• • •

Mais uma vez, ele dirigiu a noite toda, e mais uma vez a garota dormiu na maior parte do tempo, despertando apenas para olhar pelo para-brisa (ela sempre dormia sentada, como uma boneca de tênis e vestidinho rosa) e para lhe fazer perguntas estranhas. “Você é policial?”, perguntou uma vez, e depois de ver uma placa de saída: “O que é Columbia?”.

“É uma cidade.”

“Tipo Nova York?”

“É.”

“Tipo Clarksburg?”

Ele assentiu.

“Nós sempre vamos dormir no carro?”

“Nem sempre.”

“Posso ligar o rádio?”

Ele disse sim, e ela se inclinou para a frente e girou o botão. O carro foi invadido pela estática, duas ou três vozes falando ao mesmo tempo. Ela apertou outro botão, e o mesmo sibilar confuso saiu pelos alto-falantes. “Gire o sintonizador”, instruiu ele. Franzindo a testa, o rosto concentrado, ela começou a mover o seletor lentamente. Em um momento, encontrou um sinal claro, Dolly Parton. “Adoro essa”, disse ela.

Durante horas, eles dirigiram para o sul atravessando músicas e ritmos country, as estações enfraquecendo e mudando, os DJs trocando de nome e de sotaque, os patrocinadores sucedendo uns aos outros em uma lista mutante de companhias de seguro, pasta de dente, sabonete, Dr. Pepper e Pepsi-Cola, cremes para acne, funerárias, vaselina, relógios de pulso baratos, revestimentos de alumínio, xampus anticaspa; mas a música permanecia a mesma, uma história longa e cheia de constrangimento, uma espécie de repetição épica na qual mulheres se casavam com caminhoneiros e apostadores inveterados que não valiam nada, mas ficavam ao lado deles até o divórcio, e os homens iam para bares tentar seduzir outras, pensando em como voltar para casa depois, e eles se uniam de forma explosiva e se separavam com repulsa e preocupados com os bebês. Às vezes o carro não ligava, às vezes a TV estava quebrada; às vezes os

bares fechavam e jogavam você na rua, os bolsos virados do avesso. Não havia nada que não fosse banal, não havia expressão que não fosse um clichê, mas a criança ficava ali, satisfeita e passiva, cochilando enquanto ouvia Willie Nelson e acordando com Loretta Lynn, e o homem apenas dirigia, distraído por essa novela eterna da escória americana.

Uma vez, ele lhe perguntou: “Você já ouviu falar de um homem chamado Edward Wanderley?”.

Ela não respondeu, mas olhou para ele com calma.

“Já?”

“Quem é ele?”

“Era meu tio”, contou ele, e a garota sorriu. “E um homem chamado Sears James?”

Ela sacudiu a cabeça, ainda sorrindo.

“Um homem chamado Ricky Hawthorne?”

Mais uma vez, ela fez que não com a cabeça. Não fazia sentido continuar. Ele não sabia por que tinha se dado ao trabalho de perguntar. Era até possível que nunca tivesse ouvido esses nomes. Claro que nunca tinha ouvido.

• • •

Na Carolina do Sul, ele achou que um patrulheiro rodoviário o seguia: a viatura estava vinte metros atrás, mantendo a mesma distância independentemente do que ele fizesse. Ele achou que tivesse visto o homem da polícia estadual falando no rádio; na mesma hora, diminuiu a velocidade em dez quilômetros por hora e mudou de pista, mas a viatura não o ultrapassou. Sentiu um tremor fundo no peito e no abdome; imaginou a viatura o alcançando, ligando a sirene, forçando-o a ir para a lateral da estrada. Logo viriam as perguntas. Eram umas seis da tarde, e a via expressa estava lotada. Ele se sentiu sendo arrastado pelo tráfego sem poder fazer nada a respeito, à mercê de quem estivesse na viatura da polícia, impotente, encurralado. Tinha que *pensar*. Estava sendo conduzido para Charleston, levado pelo tráfego por quilômetros de vegetação mirrada e terreno plano; sempre havia subúrbios visíveis ao longe, coleções infelizes de casinhas com garagens de madeira. Ele não conseguia se lembrar do número da estrada em que estava. Pelo retrovisor, atrás da fileira comprida de carros e da viatura da polícia, um caminhão velho soltava uma coluna alta de fumaça preta por um cano que mais parecia uma chaminé ao lado do motor. Tinha medo de que o patrulheiro aparecesse atrás dele e gritasse: “Encoste!”. E conseguia imaginar a garotinha gritando, a vozinha metálica dizendo: “Ele me obrigou a vir junto, ele me amarra nele quando dorme!”. O sol do sul parecia agredir seu rosto,

maltratando seus poros. O patrulheiro estadual passou para a pista ao lado e começou a se aproximar.

“Babaca, essa menina não é sua filha, quem é essa menina?”

Eles o colocariam em uma cela e começariam a bater nele, trabalhando metodicamente com os cassetetes, deixando sua pele roxa…

Mas nada disso aconteceu.

3

Logo depois das oito horas, ele parou no acostamento. Era uma estrada estreita, com terra vermelha solta nas laterais, como se tivesse sido aberta recentemente. Ele não sabia mais ao certo em que estado se encontrava, Carolina do Sul ou Geórgia; parecia que aqueles estados eram fluidos, como se seus territórios — e todo o resto — pudessem vazar uns para dentro dos outros, seguindo adiante como as rodovias. Tudo parecia errado. Ele estava no lugar errado; ninguém poderia morar ali, ninguém seria capaz de pensar naquela paisagem brutal. Trepadeiras estranhas, verdes e com a aparência de cordas, subiam pela encosta baixa ao lado do carro. O marcador de combustível apontava para a reserva havia meia hora. Tudo estava errado, tudo. Ele olhou para a garota, aquela que sequestrou. Ela estava dormindo com aquele jeito de boneca, as costas eretas no encosto e os pés nos tênis rasgados pendurados acima do chão. Ela dormia muito. Talvez estivesse doente; talvez estivesse morrendo.

Ela acordou enquanto ele a observava. “Eu preciso ir ao banheiro de novo”, disse ela.

“Está tudo bem? Você não está doente, né?”

“Eu preciso ir ao banheiro.”

“Tudo bem”, grunhiu ele, e foi abrir a porta.

“Me deixa ir sozinha. Eu não vou fugir. Não vou fazer nada. Prometo.”

Ele olhou para o rosto sério dela, os olhos pretos na pele morena.

“Para onde eu poderia ir? Nem sei onde estou.”

“Nem eu.”

“E então?”

Teria que acontecer alguma hora; ele não poderia ficar segurando a menina o tempo inteiro. “Promete?”, perguntou ele, sabendo que a pergunta era boba.

Ela assentiu. Ele disse: “Tudo bem”.

“E você promete que não vai embora?”

“Prometo.”

Ela abriu a porta e saiu do carro. Ele precisou se controlar para não ficar olhando, mas era uma provação evitar olhar. Um teste. Queria muito estar com a mão dela presa na dele. Ela poderia estar descendo o barranco, correndo, gritando… mas não, ela não estava gritando. Muitas vezes, as coisas terríveis que ele imaginava, as piores coisas, não ocorriam; o mundo soluçava, e as coisas voltavam a ser como sempre foram. Quando a garota voltou para o carro, ele foi tomado de alívio; aconteceu de novo, nenhum buraco negro se abriu para ele.

Ele fechou os olhos e viu uma estrada vazia, dividida por linhas brancas, projetando-se à frente.

"Eu preciso encontrar um hotel."

Ela se recostou no assento e esperou que ele fizesse o que bem entendesse. O rádio estava baixo, e os sons de uma rádio de Augusta, Geórgia — uma guitarra sedosa e melodiosa —, saíam pelos alto-falantes. Por um momento, uma imagem surgiu na mente dele — a garota morta, com a língua para fora, os olhos saltados. Ela não oferecia resistência! E, por um momento, ele estava — era como se estivesse — em uma rua de Nova York, uma rua qualquer do East Fifties, uma daquelas ruas em que mulheres bem-vestidas passeavam com cães de guarda. Porque havia uma mulher dessas andando por ali. Alta, com uma calça jeans lindamente surrada, uma blusa cara e um bronzeado intenso, encaminhando-se na direção dele com os óculos de sol no alto da cabeça. Um cachorrão andava ao lado dela, balançando o rabo. Ele estava quase perto o bastante para ver as sardas expostas pelos botões abertos da blusa da mulher.

Ah.

Mas logo voltou ao normal, ouviu a música baixa da guitarra e, antes de ligar a ignição, bateu de leve no topo da cabeça da menina.

"Tenho que arrumar um hotel pra gente", disse.

Por uma hora, ele seguiu em frente, protegido pelo casulo do entorpecimento, pela mecânica do ato de dirigir. Estava quase sozinho na estrada escura.

"Você vai me machucar?", perguntou a menina.

"Como eu posso saber?"

"Acho que não vai. Você é meu amigo."

De repente, não foi "como se" estivesse em uma rua de Nova York, ele *estava* naquela rua, vendo a mulher e o cachorro e o bronzeado vindo em sua direção. Mais uma vez, viu a área sardenta abaixo da clavícula e sabia qual seria o gosto se botasse a língua lá. Como costuma acontecer em Nova York, não conseguia ver o sol, mas podia senti-lo — um sol pesado e agressivo. A mulher era uma estranha qualquer, não era importante… ele não devia conhecê-la, era só um tipo… um táxi passou, e ele estava ciente da existência de uma grade de

ferro no lado direito, das letras da vitrine de um restaurante francês do outro lado da rua. Através das solas das botas, a calçada emanava calor. Em algum lugar acima, um homem gritava uma palavra sem parar. Ele *estava* lá, *estava*-, uma parte de seus sentimentos deve ter ficado evidente em sua expressão, pois a mulher com o cachorro olhou para ele com curiosidade, fechou a cara e foi para a beirada mais distante da calçada.

Ela falava? Alguém imerso em uma experiência dessas seria capaz de emitir frases, frases humanas comuns e audíveis? Era possível falar com pessoas que encontramos em alucinações? Elas responderiam?

Ele abriu a boca. “Eu tenho que…” — *que cair fora*, ele ia dizer, mas já estava de volta ao carro parado. Uma papa umedecida que algum tempo antes eram duas batatas chips estava grudada em sua língua.

Qual foi a pior coisa que você já fez?

Os mapas pareciam mostrar que ele estava a poucos quilômetros de Valdosta. Seguiu dirigindo sem pensar, sem ousar olhar para a criança e, portanto, sem saber se ela estava acordada ou dormindo, mas sentindo seus olhos pousados nele mesmo assim. Acabou passando por uma placa sinalizando que se encontravam a dezesseis quilômetros da Cidade Mais Simpática do Sul.

Parecia outra cidade qualquer do sul: fábricas pequenas na entrada, de máquinas e de estampagem, grupos surreais de cabanas de metal ondulado iluminadas por lâmpadas de arco, pátios repletos de caminhões canibalizados; mais para dentro, casas de madeira precisando de pintura, grupos de homens negros de pé em esquinas, com os rostos se misturando no escuro; estradas novas fendiam a terra e terminavam abruptamente, com as ervas daninhas já grudadas no chão; na cidade em si, os adolescentes perambulavam sem parar, olhando com expressão vazia de dentro dos carros velhos.

Ele passou por um prédio baixo, incongruentemente novo, um sinal do Novo Sul, com uma placa que dizia PALMETTO MOTOR-IN; e voltou pela rua até a construção.

Uma garota com cabelo armado de laquê e batom rosa-chiclete lhe deu um sorriso vazio e morto e um quarto com camas de solteiro “para mim e minha filha”. Na ficha de registro, ele escreveu: Lamar Burgess, 155 Ridge Road, Stonington, Connecticut. Depois que fez o pagamento de um pernoite em dinheiro, ela lhe entregou a chave.

O cubículo continha duas camas de solteiro, um tapete marrom com textura metálica e paredes verde-limão, dois quadros (um gato virando a cabeça para o lado; um índio olhando para um despenhadeiro verdejante do alto de um penhasco), uma televisão, uma porta que levava ao banheiro de azulejos azuis. Ele se sentou no vaso enquanto a menina tirava a roupa e ia para a cama.

Quando colocou a cara na porta para dar uma olhada nela, estava deitada embaixo de um lençol com a cara virada para a parede. As roupas estavam jogadas no chão, com um saco quase vazio de batatas fritas ao lado. Ele voltou para o banheiro, tirou a roupa e entrou no chuveiro. Foi uma bênção. Por um momento, sentiu quase como se estivesse de volta à vida antiga, não "Lamar Burgess", mas Don Wanderley, antigo residente de Bolinas, Califórnia, e autor de dois romances (sendo que um deles chegou a render um dinheirinho). Antigo amante de Alma Mobley, irmão do falecido David Wanderley. E ali estava. Não adiantava, era impossível fugir disso. A mente era uma armadilha, uma gaiola que cai em cima de você. No entanto, ele chegou até onde estava, e estava lá. Empacado no Palmetto Motor-In. Ele desligou o chuveiro, e todos os rastros de bênção desapareceram.

No quartinho, com apenas a luz fraca acima da cabeça iluminando os arredores fantasmagóricos, ele vestiu a calça jeans e abriu a mala. A faca estava enrolada em uma camisa, e quando a desenrolou a lâmina caiu na cama.

Segurando-a pelo cabo pesado de osso, ele foi até a cama da menina. Ela estava dormindo de boca aberta; a testa brilhava de suor.

Por um bom tempo, ele ficou sentado ao lado dela, segurando a faca na mão direita, pronto para usá-la.

Mas, naquela noite, não conseguiria. Desistindo, cedendo, ele balançou o braço dela até as pálpebras tremerem.

"Quem é você?", perguntou ele.

"Eu quero dormir."

"Quem é você?"

"Vá embora. Por favor."

"Quem é você? Eu estou perguntando: quem é você?"

"Você sabe."

"Eu sei?"

"Você sabe. Eu já falei pra você."

"Qual é o seu nome?"

"Angie."

"Angie de quê?"

"Angie Maule. Eu já falei pra você."

Ele segurou a faca nas costas para que ela não visse.

"Eu quero dormir", disse ela. "Você me acordou." Ela virou as costas para ele de novo. Fascinado, ele viu o sono tomar conta dela: as pontas dos dedos tremeram, as pálpebras se contraíram, a respiração mudou. Era como se, para excluí-lo, ela tivesse se forçado a dormir. Angie… Angela? Angela Maule. Não

parecia o nome que ela lhe deu quando ele a levou para o carro. Minoso? Minnorsi? Um nome desse tipo, um sobrenome italiano — não Maule.

Ele segurou a faca com as duas mãos, o cabo de osso preto encostado na barriga nua, os cotovelos para fora: bastava fazer um movimento para a frente e para cima, usando toda a sua força…

No final, por volta das três da manhã, ele foi para a cama.

4

Na manhã seguinte, antes de eles irem embora, a menina lhe falou enquanto ele olhava os mapas.

“Você não deveria me fazer essas perguntas.”

“Que perguntas?” Ele estava de costas, a pedido dela, enquanto ela colocava o vestido rosa, e de repente teve a sensação de que tinha que se virar agora, de que precisava vê-la. Conseguia ver a faca nas mãos dela (embora estivesse dentro da camiseta enrolada), era capaz de senti-la perfurando sua pele. “Posso me virar?”

“Pode, claro.”

Lentamente, ainda sentindo a faca, a faca que era de seu tio, começando a entrar na pele, ele se virou de lado na cadeira. A garota estava sentada na cama desarrumada, olhando para ele. Com o rosto intenso e nada bonito.

“Que perguntas?”

“Você sabe.”

“Me diz.”

Ela balançou a cabeça e não quis dizer mais nada.

“Quer ver para onde estamos indo?”

A garota foi na direção dele, não lentamente, mas de de forma comedida. Como se não desejasse demonstrar desconfiança. “Aqui”, disse ele, apontando para um lugar no mapa. “Panama City, na Flórida.”

“Nós vamos poder ver o mar?”

“Talvez.”

“E não vamos dormir no carro?”

“Não.”

“É longe?”

“Podemos chegar lá hoje à noite. Vamos pegar essa estrada — essa aqui —, está vendo?”

“Aham.” Ela não estava interessada; ficou meio de lado, entediada e cautelosa.

Ela disse: “Você me acha bonita?”.

• • •

Qual foi a pior coisa que já aconteceu com você? Foi você tirar a roupa à noite ao lado da cama de uma garota de nove anos? Foi estar segurando uma faca? Foi a faca querendo matá-la?

Não. Havia coisas piores.

• • •

Não muito longe da fronteira estadual e não na rodovia que mostrou à Angie no mapa, mas em uma estrada vicinal de duas pistas, eles pararam na frente de um prédio de tábuas brancas. *Buddy’s Supplies*.

“Quer entrar comigo, Angie?”

Ela abriu a porta do lado do passageiro e saiu daquele jeito infantil, como se estivesse descendo uma escada; ele segurou a porta de tela para ela. Um homem gordo de camisa branca estava sentado como Humpty Dumpty em um balcão. “Você frauda o imposto de renda”, disse ele. “E é o primeiro cliente do dia. Acredita? Meio-dia e meia e você é a primeira pessoa a entrar pela porta. Não”, disse ele, inclinando-se para a frente e observando os dois. “Porra, não. Você não engana o tio Sam, faz pior do que isso. Você é o cara que matou quatro ou cinco pessoas em Tallahassee outro dia.”

“O quê…?”, disse ele. “Eu só vim comprar comida… minha filha…”

“Já saquei você”, disse o homem. “Eu era policial. Em Allentown, Pensilvânia. Por vinte anos. Comprei este lugar porque o cara me disse que eu conseguiria mais de cem dólares de lucro por semana. Tem muita gente safada nesse mundo. Sempre que alguém entra, sei dizer que tipo de safado ele é. E agora saquei *você*. Você não é assassino. É sequestrador.”

“Não, eu…” Ele sentiu suor escorrendo pelos flancos “Minha menina…”

“Você não me engana. Policial por vinte anos.”

Ele começou a procurar freneticamente a garota pela loja. Finalmente, a viu olhando com uma expressão séria para uma prateleira cheia de potes de manteiga de amendoim.

“Angie”, chamou ele. “Angie, venha…”

“Ah, qual é”, disse o homem gordo. “Eu só estava tentando irritar você. Não precisa surtar nem nada. Quer manteiga de amendoim, garotinha?”

Angie olhou para ele e assentiu.

“Bom, pegue um na prateleira e traga aqui. Mais alguma coisa, moço? Claro que, se for Bruno Hauptmann, vou ter que prender você. Ainda tenho meu revólver de serviço aqui em algum lugar. Pode *acabar* com você, para deixar bem claro.”

Ele se deu conta de que tudo não passava de deboche cansado. Mas mal conseguia esconder seu tremor. Não era uma coisa que um ex-policial notaria? Ele se virou para os corredores e prateleiras.

“Ei, escuta só”, disse o homem às suas costas. “Se você estiver tão encrencado assim, pode simplesmente ir embora daqui agora.”

“Não, não”, disse ele. “Preciso de umas coisas…”

“Você não é muito parecido com a garotinha.”

Às cegas, ele começou a tirar coisas das prateleiras, qualquer coisa. Um pote de picles, uma caixa de tortinhas de maçã, um presunto enlatado, duas ou três outras latas para as quais nem se deu ao trabalho de olhar. Levou tudo para o balcão.

O homem gordo, Buddy, estava olhando desconfiado para ele. “Você só me deixou meio tenso”, explicou ele. “Não tenho dormido muito, estou dirigindo há dois dias…” Uma história surgiu de repente, de forma abençoada. “Tenho que levar minha garotinha até a avó, que mora em Tampa…” Angie se virou, segurando dois potes de manteiga de amendoim crocante, e ficou olhando para ele enquanto falava: “… hã, Tampa, porque a mãe dela e eu nos separamos e eu preciso arrumar um emprego, dar um jeito nas coisas, né, Angie?” A boca da garota permaneceu aberta.

“Seu nome é Angie?”, perguntou o homem gordo.

Ela assentiu.

“Esse homem é seu papai?”

Ele se sentiu prestes a desmaiar.

“Agora é”, disse ela.

O gordo riu. “‘Agora é!’ Coisa de criança. Caramba, quem consegue entender o cérebro de uma criança só pode ser um gênio. Tudo bem, nervosinho, acho que vou aceitar seu dinheiro.” Ainda sentado no balcão, ele somou as compras se inclinando de lado e pressionando os botões da registradora. “É melhor você descansar. Você me lembra um milhão de caras que levei para a minha antiga delegacia.”

Do lado de fora, Wanderley disse para a garota:

“Obrigado por dizer aquilo.”

“Dizer o quê?” Petulante, segura. Mas também quase mecanicamente, de forma sinistra, virando a cabeça de um lado para o outro: “Dizer o quê? Dizer o quê? Dizer o quê?”.

5

Em Panama City, ele parou no Gulf View Motor Lodge, uma série de bangalôs velhos de tijolo dispostos ao redor de um estacionamento. O chalé do gerente ficava na entrada, uma construção quadrada independente e idêntica às demais, exceto por uma vidraça grande atrás da qual, num lugar que deveria ser quente como um forno, um homem idoso e magrelo com óculos de aros dourados e camiseta de malha podia ser visto. Parecia Adolf Eichmann. A expressão severa e inflexível do rosto do homem lembrou Wanderley daquilo que o ex-policial disse sobre ele e a garota: com o cabelo louro e a pele clara, não parecia nem um pouco ser o pai dela. Ele parou na frente do chalé do gerente e saiu do carro, com as palmas das mãos suando.

Mas, lá dentro, quando disse que gostaria de um quarto para ele e a filha, o velho apenas olhou sem curiosidade para a criança de cabelo escuro no carro e disse: “Dez e cinquenta por dia. Preencha e assine a ficha. Se quiser comida, tente o Eat-Mor, no final da estrada. Não é permitido cozinhar nos bangalôs. Pretende ficar mais de uma noite, senhor…?”. Ele virou a ficha para si. “Boswell?”

“Talvez até uma semana.”

“Então você tem que pagar as primeiras duas noites adiantado.”

Ele contou vinte e um dólares, e o gerente lhe entregou uma chave. “Número onze, o número da sorte. Do outro lado do estacionamento.”

O quarto tinha paredes brancas e cheiro de limpador de banheiro. Ele deu uma olhada negligente ao redor: o mesmo tapete cinza, as mesmas duas camas pequenas com lençóis limpos e puídos, uma televisão com tela de doze polegadas, dois quadros feios de flores. O cômodo parecia ter mais sombras do que o possível para um lugar daquele tamanho. A garota estava inspecionando a cama encostada na parede. “O que são Dedos Mágicos? Eu quero experimentar. Posso? Por favor?”

“Acho que não vai funcionar.”

“Posso? Eu quero experimentar. Por favor.”

“Tudo bem. Deite aí. Tenho que sair e fazer umas coisas. Só saia quando eu voltar. Tenho que colocar uma moeda aqui, está vendo? Assim? Quando eu voltar, nós vamos poder comer.” A garota estava deitada na cama, assentindo com impaciência, olhando não para ele, mas para a moeda em sua mão. “Nós vamos comer quando eu voltar. Vou tentar comprar umas roupas novas. Você não pode continuar vestindo a mesma coisa o tempo todo.”

“Coloque a moeda!”

Ele deu de ombros, empurrou a moeda no buraco e ouviu na mesma hora um zumbido. A criança se acomodou na cama, os braços esticados, o rosto tenso. “Ah. É gostoso.”

“Eu volto logo”, disse ele, voltando-se para a luz forte do sol e sentindo o cheiro de mar pela primeira vez.

O golfo estava longe, mas visível. Do outro lado da estrada que pegou para a cidade, a terra despencava abruptamente para uma área inferior desolada, repleta de mato e lixo, dividida por uma série de trilhos de trem. Depois dos trilhos, outro terreno cheio de mato e sem uso terminava em uma segunda estrada, que ia na direção de um grupo de armazéns e abrigos de carga e descarga. Depois dessa segunda estrada ficava o Golfo do México, com água cinzenta e espumante.

Ele andou pela estrada na direção da cidade.

• • •

Nos arredores de Panama City, ele entrou em um bazar Treasure Island e comprou uma calça jeans e duas camisetas para a garota, roupas íntimas, meias, duas camisas, uma calça cáqui e sapatos para ele mesmo.

Carregando duas sacolas grandes, saiu do Treasure Island e seguiu para o centro. Fumaça de diesel vinha em sua direção, carros com adesivos trazendo os dizeres *Mantenham o bom nível do Sul* passavam na rua. Homens de camisas de mangas curtas e cabelos raspados e grisalhos andavam pelas calçadas. Quando viu um policial uniformizado tentando comer uma casquinha de sorvete enquanto preenchia uma multa de estacionamento, passou entre uma picape e uma van Trailways e atravessou a rua. Uma cascata de suor escorreu da sobrancelha esquerda até o olho; ele estava calmo. Mais uma vez, nenhum desastre aconteceu.

Encontrou a rodoviária por acidente. Ocupava metade de um quarteirão, um prédio grande e com cara de novo, com frestas de vidro preto no lugar de janelas. Ele pensou: *Alma Mobley, a marca dela*. Quando passou pela porta giratória, viu algumas pessoas aleatórias sentadas em bancos num espaço amplo e vazio — o tipo de gente que sempre se vê em rodoviárias, alguns poucos homens jovens-velhos com rostos cheios de rugas e penteados complexos, algumas crianças correndo, um mendigo dormindo, três ou quatro garotos adolescentes usando botas de caubói e cabelo até os ombros. Havia outro policial encostado na parede ao lado da banca de revistas. Procurando por ele? O pânico surgiu novamente, mas o policial mal o olhou. Ele fingiu verificar o quadro de chegadas e partidas antes de se dirigir, com descuido exagerado, até o banheiro masculino.

Ele se trancou em uma cabine e tirou a roupa. Depois de se vestir até a cintura com as peças novas, deixou a cabine e se lavou em uma das pias. Saiu tanta sujeira que se lavou de novo, derramando água no chão e usando o sabonete líquido verde nas axilas e na nuca. Depois se secou com papel-toalha e colocou uma das camisas novas de manga curta, uma azul-clara com listras vermelhas finas. Todas as suas roupas foram para a sacola do Treasure Island.

Do lado de fora, reparou no tom estranho e granuloso de azul-acinzentado no céu. Era o tipo de céu que ele imaginava pairar eternamente acima dos recifes e pântanos bem mais ao sul, na Flórida, um céu que seguraria o calor, que só faria o calor aumentar, forçando o mato e as plantas a crescerem de forma fantástica, fazendo espalhar trepadeiras grotescas e inchadas… o tipo de céu e de disco quente luminoso que sempre deveria, agora que ele pensava no assunto, estar acima de Alma Mobley. Colocou o saco de roupas velhas em uma lata de lixo em frente a uma loja de armas.

Com as roupas novas, seu corpo parecia jovem e funcional, mais saudável do que durante todo aquele inverno terrível. Wanderley seguiu pela rua decadente do sul, um homem alto e corpulento com trinta e poucos anos, sem saber mais o que estava fazendo. Esfregou a bochecha e sentiu a suave barba por fazer de homem louro — ele poderia ficar dois ou três dias sem parecer que precisava se barbear. Uma picape conduzida por um marinheiro, com cinco ou seis marujos vestindo roupas brancas de verão em pé na caçamba, passou por ele, e os homens gritaram algo, alguma coisa alegre e particular e debochada.

“Eles não falam por mal”, disse um homem que apareceu ao lado de Wanderley. A cabeça dele, que tinha uma verruga peluda enorme no meio de uma sobrancelha, batia apenas no peito de Wanderley. “São todos bons meninos.”

Ele sorriu e proferiu uma aprovação vazia, depois saiu andando — não podia voltar para o hotel, era incapaz de lidar com a garota; se sentia como se fosse desmaiar. Seus pés pareciam irreais calçados com os Hush Puppies, longínquos, distantes demais dos olhos. Ele percebeu que estava andando depressa por uma rua em declive, indo na direção de uma área de placas de neon e cinemas. No céu granulado, o sol estava alto e parado. Sombras de parquímetros se destacavam, com seu negrume absoluto, na calçada: por um momento, ele teve certeza de que havia mais sombras do que parquímetros. Todas as sombras pairando acima da rua eram intensamente pretas. Ele passou pela entrada de um hotel e vislumbrou um espaço vazio amplo e marrom, uma caverna marrom fria, atrás das portas de vidro.

Quase sem querer, reconhecendo uma série familiar de sensações de medo, ele prosseguiu no calor absurdo: conscientemente, tratou de não pisar nas

sombras dos parquímetros. Dois anos antes, o mundo se reunira nessa forma ameaçadora, se tornara sorrateiro e cheio de intenções ruins — depois do episódio de Alma Mobley, depois que seu irmão morreu. De certa forma, literal ou não, ela matou David Wanderley; ele sabia que teve sorte de fugir daquilo que levou David pela janela do hotel Amsterdam. Apenas a escrita pôde conduzi-lo de volta ao mundo; apenas escrever sobre *aquilo*, a confusão horrenda e complicada que o envolvia com Alma e David, escrever sobre o assunto como uma história de fantasmas o libertou. Era isso o que ele achava.

Panama City? Panama City, Flórida? O que estava fazendo ali? E com aquela garota estranha e passiva que tinha levado? Com quem ele atravessara o Sul?

Ele sempre foi "o errático", "o perturbado", aquele que realçava a força de David na economia da vida familiar, sua pobreza exaltava o sucesso de David; suas ambições e pretensões ("Você acha mesmo que consegue se sustentar como *escritor*? Nem seu tio era tão burro": seu pai), o contraste ao bom senso trabalhador de David, ao progresso constante de David, que ingressou na faculdade de Direito e conseguiu entrar numa boa firma de advocacia. E, quando David esbarrou em coisas que na vida dele eram cotidianas, isso o matou.

Foi a pior coisa que aconteceu com ele. Até o inverno anterior; até Milburn.

O chão da rua decadente pareceu se abrir como um túmulo. Ele sentia como se mais um passo na direção do pé da colina e dos cinemas vagabundos pudesse derrubá-lo, para baixo, como se nunca mais fosse capaz de parar, entrando numa queda sem fim. Uma coisa que não estava lá antes apareceu na sua frente, e ele espremeu os olhos para enxergar melhor.

Sem fôlego, se virou para o sol intenso. O cotovelo bateu no peito de alguém, e ele se ouviu murmurando *desculpa*, *desculpa* para uma mulher irritada de chapéu branco. Inconscientemente, começou a andar com passos apressados pela rua. Lá em cima, ao olhar para o cruzamento no pé da colina, viu por um instante a lápide do irmão: era pequena, de mármore roxo, com as palavras *David Webster Wanderley, 1939-1975* entalhadas, no meio do cruzamento. Ele fugiu.

Sim, ele viu a lápide de David, mas David não tinha uma. Foi cremado na Holanda, e as cinzas foram enviadas para a mãe. Era a lápide de David, sim, com o nome de David, mas o que o fez subir a colina correndo foi a sensação de que aquela lápide era sua. E que, se ele se ajoelhasse no meio do cruzamento e cavasse o caixão, encontraria ali dentro o próprio corpo em putrefação.

Ele se virou para o único lugar fresco e receptivo que tinha visto, o saguão do hotel. Precisava se sentar e se acalmar; sob os olhares desinteressados de um recepcionista e de uma garota atrás de uma banca de revistas, afundou em um sofá. Seu rosto estava melado. O tecido do revestimento do sofá arranhou suas

costas de forma desagradável; ele se inclinou para a frente, passou os dedos pelos cabelos, olhou o relógio. Tinha que parecer normal, como se estivesse apenas esperando alguém; precisava parar de tremer. Palmeiras em vasos foram colocadas em várias partes do saguão. Um ventilador girava mais acima. Um homem velho e magro de uniforme roxo estava junto a um elevador aberto e ficou olhando para ele; ao ser visto, afastou o olhar.

Quando ruídos chegaram até ele, percebeu que, desde que viu a lápide no meio do cruzamento, não ouvira mais nada. Sua pulsação sufocara todos os outros sons. Agora, os barulhos eficientes da vida em um hotel ocuparam o ar úmido. Um aspirador de pó zumbia em uma escada escondida das vistas, telefones tocavam baixo, as portas do elevador se fecharam com um barulho suave. Por todo o saguão, pequenos grupos de pessoas conversavam. Ele começou a sentir que era capaz de enfrentar a rua novamente.

6

“Estou com fome”, disse ela.

“Eu comprei roupas novas.”

“Eu não quero roupas novas. Quero comida.”

Ele atravessou o quarto e se sentou na cadeira vazia.

“Achei que você estivesse cansada de usar o mesmo vestido o tempo todo.”

“Não me importo com o que eu visto.”

“Tudo bem.” Ele jogou a sacola na cama dela. “Só achei que você poderia gostar.”

Ela não respondeu.

“Você pode comer se me responder algumas perguntas.”

Ela deu as costas para ele e começou a puxar o lençol, amassando-o e esticando novamente.

“Qual é seu nome?”

“Eu já falei. Angie.”

“Angie Maule?”

“Não. Angie Mitchell.”

Ele a ignorou.

“Por que seus pais não mandaram a polícia procurar você? Por que ainda não fomos encontrados?”

“Eu não tenho pais.”

“Todo mundo tem pais.”

“Todo mundo, menos os órfãos.”

“Quem cuida de você?”

“Você.”

“Antes de mim.”

“Cala a boca. Cala a boca.” A expressão dela assumiu um aspecto enganoso e controlado.

“Você é mesmo órfã?”

“Cala a boca, cala a boca, cala a boca!”

Para fazer com que ela parasse de gritar, ele tirou o presunto enlatado do saco de compras.

“Tudo bem”, disse ele. “Vou te dar comida. Vamos comer um pouco disto.”

“Tá.” Era como se ela nunca tivesse gritado. “Também quero a manteiga de amendoim.”

Enquanto ele cortava o presunto, ela perguntou: “Você tem dinheiro suficiente para cuidar de nós?”

Ela comia de um jeito metódico: primeiro mordia um pedaço de presunto, depois enfiava os dedos na manteiga de amendoim, levava até a boca e mastigava as duas coisas ao mesmo tempo.

“Que delícia”, ela conseguiu dizer com a comida na boca.

“Se eu dormir, você não vai embora, vai?”

Ela fez que não com a cabeça. “Mas posso dar uma volta, não posso?”

“Acho que sim.”

Ele estava tomando uma lata de cerveja de uma embalagem com seis que comprara no mercadinho na volta; a cerveja e a comida em conjunto o deixaram sonolento, e ele percebeu que, se não fosse para a cama, dormiria na cadeira.

Ela disse: “Não precisa me amarrar a você. Eu vou voltar. Você acredita em mim, não é?”.

Ele assentiu.

“Para onde eu poderia ir? Eu não tenho para onde ir.”

“Tudo bem!”, disse ele. Mais uma vez, não conseguiu falar com ela como gostaria; ela estava no controle. “Pode ir, mas não demore.” Ele estava agindo como um pai. Sabia que ela o tinha colocado nesse papel. Era ridículo.

Ele a viu sair do quartinho horrível. Mais tarde, rolando na cama, ouviu vagamente a porta se fechando e soube que ela havia voltado, afinal. Então, ela era mesmo sua.

• • •

Naquela noite, ele ficou deitado na cama, vestido, observando-a enquanto dormia. Quando seus músculos começaram a doer por ficar parado tanto tempo

na mesma posição, ele mexeu o corpo na cama; assim, ao longo do período de duas horas, passou de deitado de lado apoiando a cabeça na mão a sentado com os joelhos encolhidos e as mãos cruzadas atrás da cabeça, depois inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos e por fim deitado de lado, apoiado em um dos cotovelos. Era como se todas aquelas posturas fossem elementos de uma rotação formal. Seus olhos quase não se desviaram da garota. Ela estava totalmente imóvel; o sono a levou para outro lugar e deixou o corpo ali. Simplesmente deitada ali, com os dois deitados no quarto, ela fugiu dele.

Ele se levantou, foi até a mala, pegou a camisa enrolada e voltou a ficar de pé ao lado da cama. Segurou a camisa pela gola e deixou a gravidade conduzir a faca até a cama, desenrolando a camisa no processo. A lâmina bateu no colchão, mas era pesada demais para quicar. Wanderley a pegou e a ergueu.

Segurando novamente a faca junto às costas, ele sacudiu o ombro da garota. As feições dela pareceram ficar borradas antes que se virasse, enfiando a cara no travesseiro. Ele segurou o ombro dela novamente e sentiu o osso longo e fino, a asa proeminente projetada nas costas.

“Vai embora”, murmurou ela com a boca no travesseiro.

“Não. Vamos conversar.”

“Está muito tarde.”

Ele a sacudiu e, como ela não respondeu, tentou virá-la à força. Mesmo sendo magra e pequena, era forte o bastante para resistir. Ele não conseguiu fazer com que olhasse para ele.

Ela acabou se virando sozinha, quase por despeito. Seu rosto deixava evidente a privação de sono, mas, por baixo do inchaço, ela parecia adulta.

“Qual é o seu nome?”

“Angie.” Ela abriu um sorriso displicente. “Angie Maule.”

“De onde você é?”

“Você sabe.”

Ele assentiu.

“Quais eram os nomes dos seus pais?”

“Não sei.”

“Quem cuidava de você antes de eu aparecer?”

“Não importa.”

“Por quê?”

“Eles não são importantes. Era só gente comum.”

“O sobrenome deles era Maule?”

O sorriso dela se tornou mais insolente. “Isso faz diferença? Você acha que sabe tudo mesmo.”

“O que você quis dizer com ‘era só gente comum’?”

“Era uma família chamada Mitchell. Só isso.”

“E você mesma mudou seu nome?”

“Qual é o problema?”

“Não sei.” Era verdade.

Os dois se olharam, ele sentado na beirada da cama, segurando a faca junto às costas e sabendo que, acontecesse o que fosse, ele não seria capaz de usá-la. Ele achava que David também não era capaz de tirar vidas; pelo menos uma que não fosse a sua, caso tivesse mesmo feito aquilo. A garota devia saber que ele estava segurando a faca, pensou, e simplesmente não considerou isso uma ameaça. A lâmina não era ameaça. Ele também não devia ser. Ela nunca demonstrou preocupação com ele.

“Tudo bem, vamos tentar de novo”, disse ele. “O que você é?”

Pela primeira vez desde que ele a botou no carro, ela sorriu de verdade. Era uma transformação, mas não de um tipo que o deixasse mais calmo. Ela não pareceu menos adulta.

“Você sabe”, disse ela.

Ele insistiu: “O que você é?”.

Ela sorriu enquanto pronunciava a resposta atordoante: “Eu sou você”.

“Não. Eu sou eu. Você é você.”

“Eu sou você.”

“*O que* você é?” A pergunta saiu em desespero, já sem o mesmo sentido da primeira vez em que perguntou.

Então, apenas por um segundo, ele estava de volta à rua em Nova York, e a pessoa à frente dele não era a mulher anônima bronzeada e cheia de estilo, mas seu irmão David, com o rosto destruído e o corpo vestido com as roupas rasgadas e podres do túmulo.

… a coisa mais terrível…

PARTE UM
DEPOIS DA FESTA DE JAFFREY

Don't the moon look lonesome,
shinin' through the trees?
Don't the moon look lonesome,
shinin' through the trees?
— Blues —[1]

[1] "A lua não parece solitária, brilhando em meio às árvores?" [Nota da Tradutora]

I.
A Sociedade Chowder: as histórias de outubro

Os primeiros heróis americanos de ficção eram velhos.
— Robert Ferguson —

MILBURN OBSERVADA PELA NOSTALGIA

Um dia, no começo de outubro, Frederick Hawthorne, um advogado de setenta anos pouquíssimo afetado pela passagem do tempo, saiu da casa onde morava na Melrose Avenue, em Milburn, Nova York, para andar até o outro lado da cidade, até seu escritório na Wheat Row, ao lado da praça. A temperatura estava um pouco mais fria do que Milburn esperava para um iniciozinho de outono, mas Ricky usava o uniforme de inverno, composto por um sobretudo de tweed, cachecol de caxemira e um prático chapéu cinza. Caminhou com uma certa rapidez pela Melrose Avenue para esquentar o sangue, seguindo por baixo dos carvalhos enormes e bordos menores já com as cores tristes em tons de laranja e vermelho, outro elemento precoce da estação. Ele era suscetível a resfriados e, se a temperatura caísse mais uns três graus, teria que ir de carro.

Nesse meio-tempo, enquanto conseguisse proteger o pescoço do vento, ele apreciava a caminhada. Depois que saiu da Melrose Avenue em direção à praça, estava aquecido o bastante para andar em um ritmo mais prazeroso. Ricky tinha poucos motivos para ir correndo até o escritório: raramente apareciam clientes antes do meio-dia. Seu sócio e amigo, Sears James, só devia chegar uns quarenta e cinco minutos depois, e isso dava a Ricky tempo suficiente para caminhar por Milburn cumprimentando as pessoas e observando as coisas que ele gostava de observar.

O que mais gostava de observar era a própria Milburn, a cidade na qual passou toda a sua vida, exceto pelo seu tempo na faculdade, no curso de Direito e no Exército. Nunca quis morar em outro lugar, embora, nos primeiros anos de casamento, sua adorável e inquieta esposa tivesse argumentado muitas vezes que a cidade era entediante. Stella queria Nova York; e seu desejo era determinado. Foi uma das batalhas que ele venceu. Era incompreensível para Ricky que

alguém pudesse considerar Milburn entediante: observando com atenção durante setenta anos, era possível ver a passagem do século em ação. Ricky imaginava que, observando Nova York pelo mesmo período, o que se veria essencialmente seria Nova York trabalhando. Lá, prédios eram erguidos e derrubados depressa demais para o gosto de Ricky, tudo se movia de forma muito acelerada, envolto em um casulo de energia voltado apenas para si mesmo, girando rápido demais para reparar em qualquer outra coisa a oeste do Hudson que não fossem as luzes de Jersey. Além do mais, Nova York tinha uns duzentos mil advogados; Milburn contava com apenas uns cinco ou seis que valessem a pena, e ele e Sears foram, por quarenta anos, os mais proeminentes. (Não que Stella se importasse com os conceitos de proeminência de Milburn.)

Ele entrou no bairro comercial, que ocupava dois quarteirões a oeste da praça, e seguia por mais dois do outro lado, passando pelo cinema Rialto, de Clark Mulligan, e parando para olhar a marquise. O que viu lá o fez franzir o nariz. Os pôsteres na frente do Rialto mostravam o rosto de uma garota sujo de sangue. O tipo de filme de que Ricky gostava ultimamente só podia ser visto na televisão: para ele, a indústria cinematográfica tinha se perdido por volta da época em que William Powell se aposentou. (Ele achava provável que Clark Mulligan concordasse com ele.) Muitos filmes modernos eram como seus sonhos, que se tornaram particularmente vividos no último ano.

Ricky deu as costas para o cinema e se viu diante de uma perspectiva bem mais agradável. As casas de telhados altos originais de Milburn sobreviveram, ainda que quase todas agora fossem empresas; até as árvores eram mais novas do que as casas. Ele foi andando, com os sapatos pretos engraxados chutando folhas secas, passando por prédios como os da Wheat Row e acompanhando as lembranças da infância pelas mesmas ruas. Estava sorrindo e, se alguma das pessoas que cumprimentava perguntasse em que estava pensando, ele talvez dissesse (se concedesse a si mesmo permissão para ser pedante): “Ora, calçadas. Eu estou pensando em calçadas. Uma das minhas lembranças mais antigas é da época em que colocaram as calçadas nos trechos da Candlemaker Street, daqui até a praça. Arrastando os enormes blocos com cavalos. As calçadas trouxeram uma contribuição mais grandiosa à civilização do que o motor de pistões. Antigamente, na primavera e no inverno, as pessoas tinham que andar pela lama, e não dava para entrar em um vestíbulo sem levar um pouco de sujeira junto. No verão, havia poeira para todo lado!” Claro, refletiu ele, os vestíbulos sumiram na mesma época em que as calçadas chegaram.

Quando chegou à praça, ele encontrou outra surpresa infeliz. Algumas das árvores na beirada da área gramada estavam nuas, e a maior parte das demais mostrava alguns galhos vazios; ainda havia muito da cor que ele esperava, mas,

durante a noite, o equilíbrio virou, e agora braços e dedos pretos e esqueléticos, os ossos das árvores, se misturavam às folhas como sinais do inverno. Folhas mortas cobriam a praça.

“Oi, sr. Hawthorne”, disse alguém ao seu lado.

Ele se virou e viu Peter Barnes, um aluno do último ano do ensino médio cujo pai, vinte anos mais novo do que Ricky, fazia parte de seu grupo secundário de amigos. O primeiro círculo consistia de quatro homens da sua idade; eram cinco, porém Edward Wanderley morrera quase um ano antes. Mais tristeza quando ele estava determinado a não ficar triste. “Oi, Peter”, disse ele. “Você devia estar indo para a escola.”

“A aula vai começar uma hora mais tarde hoje. Os aquecedores quebraram de novo.”

Peter Barnes parou ao lado dele, um garoto alto e simpático de suéter de esquiador e calça jeans. O cabelo preto estava longo demais para o gosto de Ricky, quase como os de uma menina, mas a largura dos ombros prometia que, quando começasse a ganhar massa muscular, seria um homem bem maior do que o pai. Presumivelmente, seu cabelo não parecia feminino aos olhos das garotas. “Está só passeando?”

“Isso mesmo”, disse Peter. “Às vezes é divertido andar pela cidade e olhar as coisas.”

Ricky quase abriu um sorriso largo. “Ora, é mesmo! Penso exatamente a mesma coisa. Eu sempre gosto de andar pela cidade. As coisas mais estranhas surgem na minha cabeça. Eu estava pensando agora mesmo que as calçadas mudaram o mundo. Tornaram tudo mais civilizado.”

“Ah, é?”, disse Peter, olhando para ele com curiosidade.

“Eu sei, eu sei. Mas avisei que coisas estranhas passam pela minha cabeça. Céus. Como está Walter?”

“Está bem. Está no banco agora.”

“E Christina, também está bem?”

“Sim”, disse Peter, e houve um tom de frieza na resposta à pergunta sobre a mãe. Algum problema? Ele lembrava que Walter reclamara com ele alguns meses antes que Christina andava meio mal-humorada. Mas, para Ricky, que conseguia se lembrar da geração dos pais de Peter quando adolescentes, os problemas deles sempre eram um tanto fictícios; como as pessoas com uma vida inteira pela frente podiam ter problemas sérios?

“Sabe”, comentou ele, “nós não conversamos assim há séculos. Seu pai já aceitou sua ida para Cornell?”

Peter abriu um sorriso triste. “Acho que já. Pelo jeito ele não sabe como é difícil entrar em Yale. Era bem mais fácil quando ele estudou lá.”

“Sem dúvida”, concordou Ricky, que acabara de se lembrar das circunstâncias em que tivera sua última conversa com Peter Barnes. Foi na festa de John Jaffrey: na noite em que Edward Wanderley morreu.

“Bom, acho que vou dar uma espiada na loja de departamentos”, falou Peter.

“Sim”, disse Ricky, lembrando-se contra a própria vontade de todos os detalhes. Às vezes, lhe parecia que a vida escureceu depois daquela noite; que uma engrenagem fora acionada.

“Acho que já vou indo”, avisou Peter, dando um passo para trás.

“Ah, não se prenda por mim”, disse Ricky. “Eu só estava pensando.”

“Em calçadas?”

“Não, seu malandro.” Peter se virou, sorrindo e dando adeus, e saiu andando tranquilamente pela lateral da praça.

Ricky viu o Lincoln de Sears James seguindo pelo Archer Hotel, no alto da praça, como sempre quinze quilômetros por hora mais devagar do que todo mundo, e se apressou na direção de Wheat Row. A tristeza não ficou para trás; ele viu novamente os braços esqueléticos se balançando com as folhas brilhantes, o rosto ensanguentado implacável da garota no pôster do filme, e lembrou que era sua vez de contar a história na reunião da Sociedade Chowder daquela noite. Ele se apressou, perguntando-se o que poderia ter acontecido com sua boa disposição. Mas sabia: Edward Wanderley. Até Sears os acompanhou, os outros três membros da Sociedade Chowder, naquele clima pesado. Ele tinha doze horas para encontrar alguma coisa sobre a qual falar.

“Ah, Sears”, disse ele nos degraus do prédio. Seu sócio estava saindo do Lincoln. “Bom dia. É na sua casa hoje, não é?”

“Ricky”, confirmou Sears, “a essa hora da manhã é proibido estar animado.”

Sears seguiu em frente, e Ricky foi com ele pela porta, deixando Milburn para trás.

FREDERICK HAWTHORNE

1

De todos os aposentos onde costumavam se encontrar, aquele era o favorito de Ricky: a biblioteca da casa de Sears James, com as poltronas de couro surrado, as estantes altas e escuras com portas de vidro, bebidas nas mesinhas redondas, gravuras nas paredes, o velho tapete Shiraz fofo sob os pés e a lembrança forte de charutos velhos na atmosfera. Por jamais ter se comprometido com um

casamento, Sears James nunca foi obrigado a deixar de lado suas ideias luxuosas de conforto. Depois de tantos anos se reunindo, os outros homens já não estavam mais conscientes do prazer e do relaxamento e da inveja automáticos que sentiam na biblioteca de Sears, assim como quase não percebiam o desconforto igualmente automático que sentiam na casa de John Jaffrey, onde a governanta, Milly Sheehan, aparecia toda hora e ficava rearranjando as coisas. Mas eles sentiam: cada um deles, Ricky Hawthorne talvez mais do que os outros, já desejou ter um lugar assim. Mas Sears sempre teve mais dinheiro do que os demais, assim como o pai dele teve mais dinheiro do que os pais dos outros. Foi assim durante cinco gerações, até surgir o dono de mercearia de interior que se esfalfou para amealhar uma fortuna e transformou a família James em aristocratas: na época do avô de Sears, as mulheres eram magras, palpitantes, decorativas e inúteis, os homens caçavam e iam para Harvard, e todos viajavam para Saratoga Springs no verão. O pai de Sears foi professor de línguas clássicas em Harvard, onde tinha uma terceira casa para a família; o próprio Sears se tornou advogado porque, quando jovem, achou imoral um homem não ter profissão. Seu ano de docência mostrou que ele não poderia ser professor. Os demais membros da família, os primos e irmãos, quase todos sucumbiram a uma boa vida, a acidentes de caça, à cirrose ou a colapsos; mas Sears, velho amigo de Ricky, seguiu blefando até se tornar, se não o idoso mais bonito de Milburn — esse só poderia ser Lewis Benedikt —, o mais distinto. Exceto pela barba, era uma cópia do pai, alto e careca e enorme, com um rosto redondo e sutil acima dos ternos com colete. Os olhos azuis ainda eram joviais.

Ricky achava que deveria invejar isso também, a aparência distinta. Ele nunca foi particularmente atraente. Era pequeno e magro demais para isso. Só o bigode melhorou com a idade, ainda mais abundante conforme ia ficando grisalho. Quando desenvolveu uma papada, não se tornou mais impressionante, apenas ficou parecendo inteligente. Mas não se achava dos mais brilhantes. Se fosse, poderia ter evitado um acordo comercial no qual se tornaria extraoficialmente uma espécie de eterno sócio minoritário. Mas foi seu pai, Harold Hawthorne, quem aceitou Sears na firma. Na época, ficou satisfeito, até animado, pelo fato de seu velho amigo se juntar a ele. Agora, acomodado em uma poltrona inegavelmente confortável, achava que ainda estava satisfeito; os anos os uniram com a mesma segurança que ele tinha no casamento com Stella, e o casamento empresarial foi bem mais tranquilo do que o doméstico, mesmo que os clientes na sala com os dois sócios sempre olhassem para Sears, e não para ele, durante as conversas. Era um acordo que Stella jamais teria tolerado. (Não que qualquer um em sã consciência, durante todos os anos de casamento, escolhesse olhar para Ricky quando poderia ter olhado para Stella.)

Sim, admitiu para si mesmo pela milésima vez, ele gostava dali. Ia contra seus princípios e sua política e provavelmente contra o puritanismo de sua religião havia muito desaparecida, mas a biblioteca de Sears — a casa esplêndida de Sears, na verdade — era um lugar onde um homem ficava à vontade.

Stella não tinha pudor em demonstrar que também era o tipo de lugar onde uma mulher poderia ficar à vontade. Não se importava de tratar a casa de Sears como se fosse dela de vez em quando. Por sorte, Sears tolerava. Foi Stella, em uma ocasião dessas (doze anos antes, entrando na biblioteca como se fosse líder de um pelotão de arquitetos), que os nomeou: "Ah, aqui estão eles, por Deus", comentara ela. "A Sociedade Chowder. Você vai segurar meu marido a noite toda, Sears? Ou os meninos ainda não acabaram de contar mentiras?" Ainda assim, ele achava que foram a energia incessante de Stella e sua eterna implicância que o impediram de sucumbir à idade, como aconteceu com John Jaffrey. Pois o amigo Jaffrey era "velho", apesar de ser seis meses mais novo que o próprio Hawthorne e um ano mais novo que Sears, e na verdade apenas cinco anos mais velho que Lewis, o membro mais novo.

Lewis Benedikt, aquele que, segundo diziam, tinha matado a esposa, estava sentado diretamente à frente de Ricky, uma imagem efusiva de boa saúde. O tempo massacrou todos eles e subtraiu coisas, mas parecia só ter acrescentado a Lewis. Não foi assim quando era mais novo, mas atualmente ele guardava uma semelhança evidente com Cary Grant. O queixo não era mole, o cabelo não caíra. Tinha se tornado quase absurdamente bonito. Naquela noite, as feições grandes, plácidas e bem-humoradas de Lewis exibiam, assim como as de todos eles, uma expressão de expectativa. Era verdade, de um modo geral, que as melhores histórias eram contadas aqui, na casa de Sears.

"Quem está na berlinda hoje?", perguntou Lewis. Mas era só cortesia. Todos sabiam. O grupo chamado Sociedade Chowder tinha poucas regras: eles usavam roupas de gala (porque, trinta anos antes, Sears gostou bastante da ideia), nunca bebiam muito (e agora estavam mesmo velhos demais para isso), nunca perguntavam se uma história era verdadeira (porque mesmo as mais loucas eram verdadeiras em alguns sentidos) e, apesar de as histórias serem contadas de forma rotativa pelo grupo, nunca pressionavam ninguém que estivesse passando por um bloqueio temporário.

Hawthorne estava prestes a confessar quando John Jaffrey o interrompeu. "Eu andei pensando", disse ele, respondendo aos olhares questionadores dos outros. "Não, sei que não sou eu, e que bom que não. Mas eu estava pensando que, em duas semanas, vai fazer um ano da morte de Edward. Ele estaria aqui hoje se eu não tivesse insistido naquela maldita festa."

“Por favor, John”, falou Ricky. Ele não gostava de olhar diretamente para o rosto de Jaffrey quando exibia suas emoções de forma tão clara. Sua pele ficava com uma aparência tal que dava a impressão de ser possível enfiar um lápis nela sem tirar sangue. “Todos nós sabemos que você não teve culpa.”

“Mas aconteceu na minha casa”, insistiu Jaffrey.

“Calma, doutor”, disse Lewis. “Isso não faz nada bem para você.”

“Essa é uma questão que só cabe a mim avaliar.”

“Então não está fazendo nada bem a nenhum de nós”, retrucou Lewis, com o mesmo bom humor bobo. “Nós todos lembramos a data. Como poderíamos esquecer?”

“Então o que vocês vão fazer a respeito? Acham que estão agindo como se nada tivesse acontecido, como se fosse uma coisa normal? Só um velho que bateu as botas? Porque, se for esse o caso, faço questão de informar que não estão.”

Ele os chocou a ponto de deixá-los em silêncio; nem Ricky conseguia pensar no que dizer. O rosto de Jaffrey estava cinzento. “Não”, disse ele. “Ainda bem que não estão. Vocês todos sabem o que está acontecendo conosco. Nós ficamos aqui sentados, conversando como um bando de demônios. Milly não nos aguenta mais na minha casa. Nós nem sempre fomos assim, nós falávamos sobre tudo. Nós nos divertíamos, era *divertido*. Agora não é. Estamos todos com medo. Mas não sei se alguns de vocês estão admitindo. Bom, faz um ano, e não me importo de dizer que eu admito.”

“Não tenho tanta certeza se estou com medo”, comentou Lewis. Ele tomou um gole de uísque e olhou para Jaffrey.

“Mas também não tem tanta certeza de que não está”, retrucou o médico.

Sears James tossiu na mão fechada, e todo mundo olhou para ele. Meu Deus, pensou Ricky: ele pode fazer o que quer, capturar nossa atenção sem esforço nenhum. Eu me pergunto por que ele achou que não poderia ser um bom professor. E também por que eu achei que poderia manter minha posição trabalhando junto com ele. “John”, disse Sears com gentileza, “nós todos conhecemos os fatos. Todos vocês foram gentis o bastante para enfrentar o frio e vir até aqui hoje, e nenhum de nós está ficando mais jovem. Vamos em frente.”

“Mas Edward não morreu na *sua* casa. E aquela tal Moore, a dita atriz, não…”

“Chega disso”, ordenou Sears.

“Bom, imagino que você se lembre de como entramos nessa”, disse Jaffrey.

Sears assentiu, e Ricky Hawthorne também. Foi na primeira reunião depois da estranha morte de Edward Wanderley. Os quatro restantes ficaram hesitantes; não podiam estar mais cientes da ausência de Edward se uma cadeira vazia

tivesse sido colocada entre eles. A conversa não engrenava, e era adiada por alguns falsos começos. Ricky percebeu que todos estavam se perguntando se conseguiriam suportar a continuidade das reuniões. Ricky sabia que nenhum deles aguentaria não se reunir mais. E, então, teve sua inspiração: ele se virou para John Jaffrey e perguntou: “Qual foi a pior coisa que você já fez?”.

O dr. Jaffrey os surpreendeu ficando cor-de-rosa; isso deu o tom de todas as reuniões subsequentes, quando ele disse: “Não vou contar isso, mas vou contar a pior coisa que já aconteceu comigo… a coisa mais apavorante…” Em seguida, contou o que era: na verdade, uma história de terror. Prendeu a atenção de todos, foi surpreendente, assustador… tirou Edward do pensamento deles. Eles seguiram assim desde então.

“Você acha mesmo que é mera coincidência?” perguntou Jaffrey.

“Não estou entendendo”, resmungou Sears.

“Você está sendo dissimulado, e isso é baixo até para você. Quero dizer que começamos nessa linha, eu primeiro, depois que Edward…”

Ele parou de falar, e Ricky soube que estava dividido entre *morreu* e *foi morto*.

“Foi desta para melhor”, complementou ele, torcendo para que tivesse conseguido dar um toque leve à frase. O olhar pétreo de lagarto de Jaffrey, que o encarava, denunciava seu fracasso. Ricky se recostou na poltrona opulenta, esperando que pudesse desaparecer no ambiente luxuoso e se tornar imperceptível como uma mancha de umidade em um dos mapas antigos de Sears.

“De onde você tirou isso?”, perguntou Sears, e Ricky lembrou. Era o que seu pai costumava dizer quando um cliente morria: “O velho Toby Pfaff foi desta para melhor ontem à noite… A sra. Wintergreen foi desta para melhor hoje de manhã. Vai ser o diabo na vara de sucessões”. Ele balançou a cabeça. “Isso mesmo”, disse Sears. “Mas não sei…”

“Exatamente”, disse Jaffrey. “Acho que tem uma coisa bem estranha acontecendo.”

“O que você recomenda? Suponho que não esteja falando só para interromper os procedimentos.”

Ricky sorriu acima dos dedos entrelaçados para mostrar que não tinha se ofendido.

“Bom, eu tenho uma sugestão.” Ricky percebeu que ele estava se esforçando para ser cauteloso com Sears. “Acho que deveríamos convidar o sobrinho de Edward para vir aqui.”

“E qual seria o sentido disso?”

“Ele não seria especialista em… nesse tipo de coisa?”

“O que é ‘esse tipo de coisa’?”

Ao ser pressionado, Jaffrey não recuou.

“Talvez apenas o que seja misterioso. Acho que ele poderia… bem, penso que ele poderia nos ajudar.” Sears estava com expressão impaciente, mas o médico não se deixou interromper. “Acho que precisamos de ajuda. Ou sou o único homem aqui que tem dificuldade para conseguir uma noite decente de sono? Sou o único que tem pesadelos todas as noites?” Ele mediu todos os outros com o rosto magro. “Ricky? Você é um homem sincero.”

“Você não é o único, John”, garantiu Ricky.

“Não, acho que não é mesmo”, disse Sears, e Ricky olhou para ele com surpresa. Sears nunca indicara que talvez também tivesse noites horríveis; certamente, isso nunca ficou claro naquele rosto grande, liso e reflexivo. “Você está com o livro dele em mente, imagino.”

“Bem, sim, claro. Ele deve ter feito pesquisas. Deve ter tido experiências.”

“Achei que a experiência dele fosse de instabilidade mental.”

“Como a nossa”, disse Jeffrey, corajoso. “Edward deve ter tido motivos para querer o sobrinho na casa dele. Devia ser porque desejava que Donald viesse aqui, caso alguma coisa acontecesse com ele. Pode ser que ele soubesse que algo poderia acontecer. E vou dizer outra coisa que acho. Na minha opinião deveríamos contar sobre Eva Galli.”

“Contar uma história inconclusiva de cinquenta anos atrás? Ridículo.”

“A razão para não ser ridícula é justamente o fato de ser inconclusiva”, disse o médico.

Ricky percebeu que Lewis estava tão surpreso e até abalado quanto ele por Jaffrey ter tocado na história de Eva Galli. Aquele episódio estava, como Sears argumentou, cinquenta anos no passado; nenhum deles o mencionou desde aquela época.

“Você acha que sabe o que aconteceu com ela?”, desafiou o médico.

“Ei, vamos parar por aqui”, disse Lewis. “Nós precisamos mesmo disso? Qual é o sentido?”

“O sentido é tentar descobrir o que realmente aconteceu com Edward. Lamento se isso não ficou claro.”

Sears assentiu, e Ricky achou ter detectado no rosto do sócio de longa data um sinal de… quê? Alívio? Claro que ele não admitiria; mas apenas o fato de ser capaz de perceber já era uma revelação para Ricky. “Tenho algumas dúvidas em relação à argumentação”, disse Sears, “mas, se isso vai deixar você satisfeito, acho que poderíamos escrever para o sobrinho de Edward. Temos o endereço dele nos arquivos, não, Ricky?” Hawthorne assentiu. “Porém, para ser democrático, eu gostaria de fazer uma votação primeiro. Vamos simplesmente

concordar ou discordar e votar nesses termos? O que vocês acham?" Ele tomou um gole de sua bebida e olhou para os amigos. Todos concordaram. "Vamos começar com você, John."

"Claro que eu digo sim. Mande chamá-lo."

"Lewis?"

Lewis deu de ombros. "Não faz diferença para mim. Mande chamá-lo se quiser."

"Isso é um sim?"

"Certo, é um sim. Mas voto para não tocarmos na história de Eva Galli."

"Ricky?"

Ricky olhou para o sócio e percebeu que conhecia o voto dele. "Não. Definitivamente, não. Acho um erro."

"Você prefere que as coisas continuem como estão há um ano?"

"Mudar é sempre mudar para pior."

Sears achou graça. "Falou um verdadeiro advogado, embora eu ache que esse sentimento não caia bem a um antigo membro da Liga Socialista da juventude. Mas eu digo sim, e isso soma três a um. Está resolvido. Vamos escrever para ele. Como o meu foi o voto decisivo, eu cuido disso."

"Acabei de pensar uma coisa", disse Ricky. "Faz um ano agora. E se ele quiser vender a casa? Está vazia desde que Edward morreu."

"*Bah*. Você está inventando problemas. Vamos atraí-lo para cá ainda mais rápido se ele quiser vender."

"Como você pode ter certeza de que as coisas não vão piorar? Existe como ter certeza?" Sentado da mesma forma como se sentava pelo menos uma vez por mês por mais de vinte anos em uma poltrona cobiçada na melhor sala que conhecia, Ricky desejou com fervor que nada mudasse, que eles pudessem continuar e que simplesmente aliviassem as ansiedades com pesadelos e histórias. Ao olhar para os demais na luz fraca enquanto um vento frio sacudia as árvores do lado de fora das janelas de Sears, desejou somente isso: continuar. Aqueles eram seus amigos, ele era de certa forma casado com eles, da mesma maneira que, um momento antes, considerou ser unido a Sears, e pouco a pouco foi tomando consciência de que temia por eles. Pareciam tão terrivelmente vulneráveis, sentados ali, olhando para ele com deboche, como se cada um dos outros imaginasse que nada poderia ser pior do que alguns pesadelos e uma história de terror bissemanal. Eles acreditavam na eficiência do conhecimento. Mas Ricky viu uma planície escura, criada por uma cúpula de abajur, cruzando a testa de John Jaffrey e pensou: John já está morrendo. Há um tipo de conhecimento que eles nunca confrontaram, apesar das histórias que contam; e, quando esse pensamento surgiu em sua cabecinha bem cuidada, foi como se o

que estava implícito no conhecimento ao qual pretendia se referir estivesse à solta, como os primeiros sinais de inverno, e se aproximando deles cada vez mais.

Sears disse: “Nós decidimos, Ricky. É o melhor a fazer. Não podemos ficar aqui, cozinhando as mesmas histórias. Agora”. Ele passou os olhos pelo círculo que eles formavam, esfregando as mãos metaforicamente, e disse: “Agora que isso está resolvido, quem, como Lewis disse, está na berlinda hoje?”.

Dentro de Ricky Hawthorne, o passado se moveu de repente e ofereceu um momento tão vivido e completo que ele soube que tinha sua história, apesar de não ter nada planejado e de achar que precisaria pular sua vez; mas dezoito horas do ano de 1945 brilharam com clareza em sua mente, e ele disse: “Bom, acho que sou eu”.

2

Depois que os outros dois foram embora, Ricky permaneceu, alegando que não estava com pressa para sair no frio. Lewis dissera: “Vá botar um pouco de sangue nas suas bochechas, Ricky”, mas o dr. Jaffrey apenas assentiu; estava mesmo um clima estranhamente gelado para outubro, o suficiente para nevar. Sentado sozinho na biblioteca enquanto Sears foi buscar mais bebidas, Ricky conseguiu ouvir a ignição do automóvel de Lewis na rua. Lewis tinha um Morgan que importou da Inglaterra cinco anos antes, e era o único carro esporte cuja aparência agradava Ricky. Mas a cobertura de lona não ofereceria muita proteção em uma noite assim; e Lewis parecia estar com dificuldade para ligar o carro. *Aí*. Ele quase conseguiu. Nesses invernos de Nova York, era preciso mesmo algo maior do que o pequeno Morgan de Lewis. O pobre John estaria congelado quando Lewis o deixasse com Milly Sheehan na casa grande na Montgomery Street, dobrando a esquina e subindo sete quarteirões. Milly estaria sentada na mal-iluminada sala de espera do médico, mantendo-se acordada para poder dar um pulo assim que o ouvisse enfiar a chave na fechadura e ajudá-lo a tirar o casaco, oferecendo-o um chocolate quente. Enquanto Ricky prestava atenção, o motor do Morgan ganhou vida; ele os ouviu enquanto se afastavam e imaginou Lewis colocando um chapéu na cabeça, olhando para John e dizendo: “Eu não *falei* que essa belezinha ia funcionar?”. Depois que deixasse John, ele sairia da cidade, disparando pela Route 17 até alcançar o bosque, para voltar à casa que comprou quando de seu retorno. O que quer que Lewis tivesse feito na Espanha, ganhou muito dinheiro com isso.

A casa de Ricky ficava logo na esquina, a uma caminhada de menos de cinco minutos; antigamente, ele e Sears andavam até o escritório na cidade todos os dias. No tempo quente, às vezes ainda o faziam: “Mutt e Jeff”, como Stella dizia. Isso era mais direcionado a Sears do que a ele mesmo; Stella nunca gostou de Sears. Claro que nunca deixou esse sentimento oculto interferir nas tentativas de dominá-lo um pouco. Não havia sequer como imaginar que Stella estaria esperando com um chocolate quente: ela já teria ido dormir horas atrás, deixando apenas a luz do corredor acesa no andar de cima. Era convicção de Stella que, se ele não via em problemas em ficar na casa dos amigos e deixá-la para trás, podia muito bem andar pelo escuro quando chegasse em casa, batendo os joelhos na mobília moderna de cromo e vidro que ela o fez comprar.

Sears voltou para a sala com duas bebidas na mão e um charuto novo aceso na boca. Ricky disse: “Sears, você deve ser a única pessoa que conheço para quem posso admitir que às vezes desejo nunca ter me casado”.

“Não perca seu tempo me invejando”, falou Sears. “Estou velho demais, gordo demais e cansado demais.”

“Você não é nada disso”, respondeu ele, aceitando a bebida que Sears lhe ofereceu. “Só tem o luxo de poder fingir que está.”

“Ah, mas você tirou a sorte grande”, comentou Sears. “O motivo por que não diz o que acabou de falar para mais ninguém é que qualquer um ficaria estupefato. Stella é de uma beleza notável. E, se você lhe dissesse isso, ela quebraria sua cabeça.” Ele se sentou na mesma poltrona que ocupou mais cedo, esticou as pernas e as cruzou nos tornozelos. “Ela montaria uma caixa, colocaria você dentro, enterraria em cinco segundos e fugiria com um homem atlético de quarenta anos com cheiro de água salgada e rum. O motivo de você poder me contar é que…” Sears fez uma pausa, e Ricky teve medo de que ele dissesse *Às vezes eu também queria que você não tivesse se casado*. “É que sou *hors de combat*, ou seria *hors commerce*?”

Ouvindo a voz do sócio e segurando a bebida, Ricky pensou em John Jaffrey e Lewis Benedikt indo para casa, na residência redecorada à sua espera, e se deu conta do quanto a vida deles estava encaminhada; de como encontraram uma rotina confortável. “Bom, qual dos dois?” perguntou Sears, e ele respondeu: “Ah, no seu caso, *hors de combat*, tenho certeza”. Ele sorriu, dolorosamente consciente da proximidade entre eles. Então se lembrou do que dissera antes, *mudar é sempre mudar para pior*, e pensou: é verdade, e que Deus nos ajude. Ricky de repente viu todos eles, os velhos amigos e a si mesmo, como se estivessem em um plano invisível e frágil suspenso no ar escuro.

“Stella sabe que você tem pesadelos?”, perguntou Sears.

“Bom, eu não sabia que você sabia”, respondeu Ricky, como se fosse uma piada.

“Não vi motivo para discutir o assunto.”

“E você tem há…?”

Sears se inclinou mais na cadeira. “Você tem os seus há…?”

“Um ano.”

“Como eu. Um ano. E os outros dois também, ao que parece.”

“Lewis não parece abalado.”

“Nada abala Lewis. Quando o Criador fez Lewis, disse: ‘Vou dar a você um rosto bonito, uma boa constituição e um temperamento estável, mas, como estamos em um mundo imperfeito, vou segurar um pouquinho na inteligência’. Ele enriqueceu porque gostava dos vilarejos pesqueiros da Espanha, não porque sabia o que aconteceria com eles.”

Ricky ignorou o comentário; fazia parte da forma como Sears gostava de caracterizar Lewis. “Começaram depois da morte de Edward?”

Sears assentiu.

“O que você *acha* que aconteceu com Edward?”

Sears deu de ombros. Eles todos fizeram a pergunta muitas vezes. “Como deve saber muito bem, eu não sei mais do que você.”

“Você acha que vamos ser mais felizes se descobrirmos?”

“Caramba, que pergunta! Também não tenho como responder essa, Ricky.”

“Bom, eu não acho. Penso que uma coisa terrível vai acontecer conosco. Acho que você vai trazer o desastre para nós se convidarmos aquele jovem Wanderley.”

“Superstição”, resmungou Sears. “Besteira. Acho que uma coisa terrível já nos aconteceu, e esse jovem Wanderley pode ser o homem que vai esclarecer tudo.”

“Você leu o livro dele?”

“O segundo? Dei uma olhada.”

Era uma admissão de que tinha lido.

“O que achou?”

“Um bom exercício de escrita de nicho. Mais literário do que a maioria. Alguns trechos bons, um enredo razoavelmente bem construído.”

“Mas as ideias dele…”

“Acho que ele não vai nos classificar de imediato como um bando de velhos tolos. Isso é o mais importante.”

“Ah, mas eu queria que ele fizesse isso”, resmungou Ricky. “Não quero ninguém xeretando nossas vidas. Quero que as coisas sigam em frente.”

“Mas é possível que ele ‘xerete’, como você diz, e termine nos convencendo de que estamos nos assustando à toa. Aí Jaffrey talvez pare de se culpar por aquela maldita festa. Ele só insistiu em fazer a festa porque queria conhecer aquela atrizinha imprestável. Aquela garota Moore.”

“Eu penso muito naquela festa”, falou Ricky. “Fico tentando me lembrar de quando a vi naquela noite.”

“Eu a vi”, disse Sears. “Ela estava conversando com Stella.”

“É o que todo mundo diz. Todo mundo a viu falando com a minha esposa. Mas para onde ela foi depois?”

“Você está ficando igual a John. Vamos esperar o jovem Wanderley. Precisamos de um olhar de fora.”

“Acho que vamos nos arrepender”, disse Ricky, tentando uma última vez. “Acho que vai ser nosso fim. Vamos nos comportar como um animal mordendo o próprio rabo. Temos que deixar isso para trás.”

“Está decidido. Não seja melodramático.”

Então era assim. Sears não podia ser dissuadido. Ricky perguntou sobre outra coisa que tinha na cabeça.

“Nas nossas noites, você sempre sabe o que vai dizer antes, quando é sua vez?”

Os olhos de Sears se encontraram com os dele, maravilhosa e limpidamente azuis. “Por quê?”

“Porque eu não faço isso. Pelo menos, na maior parte do tempo. Eu fico sentado esperando, e de repente me ocorre, como foi hoje. É assim com você?”

“Muitas vezes. Não que isso prove alguma coisa.”

“É assim com os outros também?”

“Não vejo motivo para não ser. Agora, Ricky, eu quero descansar, e você deveria ir para casa. Stella deve estar esperando.”

Ele não soube dizer se Sears estava sendo irônico ou não. Ricky tocou sua gravata-borboleta. Gravatas-borboleta eram uma parte da sua vida, assim como a Sociedade Chowder, que para Stella era quase intolerável.

“De onde essas histórias vêm?”

“Das nossas lembranças”, disse Sears. “Ou, se você preferir, de nossos inconscientes freudianos, sem dúvida. Vamos. Quero ficar sozinho. Tenho que lavar todos os copos antes de ir para a cama.”

“Posso pedir mais uma vez…”

“O quê?”

“… para não escrever para o sobrinho de Edward?” Ricky se levantou, e a audácia fez seu coração disparar.

“Você sabe ser persistente, hein? Claro que pode pedir, mas, quando nos encontrarmos de novo, ele já vai estar com a minha carta. Acho que vai ser melhor assim.”

Ricky fez uma expressão sarcástica, e Sears comentou: “Persistente sem ser agressivo”. Era bem parecido com alguma coisa que Stella diria. Mas Sears o surpreendeu ao acrescentar: “É uma boa qualidade, Ricky”.

Na porta, Sears segurou o casaco enquanto ele enfiava os braços nas mangas. “Achei a aparência de John pior do que nunca hoje”, disse Ricky. Sears abriu a porta da frente na noite escura, iluminada pela luz do poste na frente da casa. A luz alaranjada só alcançava uma parte do gramado curto e morto e da calçada estreita, os dois cobertos de folhas caídas. Nuvens escuras enormes se deslocavam pelo céu preto; parecia inverno. “John está morrendo”, respondeu Sears, sem emoção, devolvendo a Ricky seu pensamento. “Vejo você em Wheat Row. Mande lembranças a Stella.”

E a porta se fechou atrás dele, um homenzinho elegante já começando a tremer no ar frio da noite.

SEARS JAMES

1

Eles passavam a maior parte dos dias juntos no escritório, mas Ricky honrou a tradição e esperou até a reunião na casa do dr. Jaffrey para fazer a Sears a pergunta que tinha na cabeça havia duas semanas. “Mandou a carta?”

“Claro. Eu falei que mandaria.”

“O que você disse?”

“O que foi combinado. Também mencionei a casa e disse que esperávamos que ele não decidisse vendê-la sem inspecionar primeiro. Todas as coisas de Edward ainda estão lá, claro, inclusive as fitas. Se não tivemos coragem de examiná-las, talvez ele tenha.”

Eles estavam separados dos outros dois, logo depois da entrada das salas de estar de John Jaffrey. John e Lewis estavam sentados em cadeiras vitorianas num canto da sala mais próxima, falando com a governanta do médico, Milly Sheehan, que estava sentada em um banco na frente deles, segurando uma bandeja florida onde antes estavam as bebidas deles. Assim como a esposa de Ricky; Milly se ressentia de ficar excluída das reuniões da Sociedade Chowder, mas, ao contrário de Stella Hawthorne, ficava sempre por perto, aparecendo com

tigelas de cubo de gelo e sanduíches e xícaras de chá. Ela irritava Sears quase da mesma forma que uma mosca de verão batendo na janela. De muitas formas, Milly era preferível a Stella Hawthorne — era menos exigente, menos motivada. E sem dúvida cuidava de John: Sears aprovava mulheres que ajudavam seus amigos. Para Sears, era uma pergunta ainda sem resposta se Stella tinha ou não cuidado de Ricky.

Agora, Sears olhava para a pessoa a quem o destino aproximou mais dele do que qualquer outra no mundo e soube que Ricky estava pensando que ele tinha se esquivado da última pergunta. A papada sagaz de Ricky estava repuxada de impaciência.

“Tudo bem”, disse. “Eu falei que não estávamos satisfeitos com o que sabíamos a respeito da morte do tio dele. Não mencionei a srta. Galli.”

“Ah, agradeço a Deus por isso”, Ricky comentou e andou até o outro lado da sala para se juntar aos outros. Milly se levantou, mas Ricky sorriu e fez sinal para ela ficar onde estava. Cavalheiro de nascença, sempre foi encantador com as mulheres. Havia uma poltrona a pouco mais de um metro, mas Ricky não se sentaria enquanto Milly não o convidasse.

Sears tirou os olhos de Ricky e lançou um olhar para a sala familiar no andar de cima. John Jaffrey transformou todo o térreo da casa em local de trabalho — salas de espera, consultórios, um armário de remédios. Os outros dois pequenos aposentos no térreo eram a moradia de Milly. John vivia o resto do tempo ali em cima, onde só havia quartos antigamente. Sears conhecia o interior da casa de John Jaffrey havia pelo menos sessenta anos: durante a infância, morou duas casas depois dali, do outro lado da rua. Ou seja, o local que sempre viu como “a casa da família” ficava lá, para onde voltava do colégio interno, para onde retornava de Cambridge. Naquela época, a residência de Jaffrey era de uma família chamada Frederickson, que tinha dois filhos bem mais novos do que Sears. O sr. Frederickson era um grande comerciante, um homem enorme, bebedor de cerveja artesanal, com cabelos ruivos e um rosto ainda mais vermelho, às vezes misteriosamente roxo; sua mulher foi a jovem mais desejável que Sears já viu. Era alta, com cabelo comprido preso de um tom entre o castanho e o mel, e tinha um rosto exótico e felino e seios proeminentes. Era por essa parte de sua anatomia que Sears era fascinado. Quando falava com Viola Frederickson, tinha que se esforçar para manter o olhar no rosto dela.

Nos verões, em casa, nas férias do colégio interno e entre viagens para o interior, ele trabalhava como babá para o casal. Os Frederickson não podiam pagar uma babá em tempo integral, embora uma garota de Hollow morasse em sua casa, servindo-os como cozinheira e empregada. Provavelmente, Frederickson devia achar graça no fato de que o filho do professor James fosse

babá de seus filhos. Sears tinha suas próprias diversões. Ele gostava dos garotos e apreciava a maneira como o adoravam como herói, o que fazia lembrar bem os garotos mais novos da Hill School; e, quando os meninos estavam dormindo, gostava de andar pela casa para ver o que conseguia encontrar. Viu sua primeira carta em francês na gaveta da cômoda de Abel Frederickson. Sabia que estava fazendo uma coisa errada ao entrar nos aposentos onde se encontrava naquele momento, mas não conseguia se conter. Certa noite, abriu a escrivaninha de Viola Frederickson e encontrou uma fotografia dela — estava absurdamente convidativa, exótica e calorosa, um ícone da metade desconhecida da espécie. Ele olhou para a forma como os seios forçavam o tecido da blusa e sua mente se encheu de sensações de seu peso, de sua densidade. Ele ficou tão duro que seu pênis parecia o tronco de uma árvore; foi a primeira vez que sua sexualidade o abalou com tanta força. Grunhindo, agarrando as calças, ele se virou para evitar a foto e viu uma das blusas dela dobrada em cima da cômoda. Não conseguiu se controlar; acariciou o tecido. Podia ver onde a blusa se projetaria, segurando-a, sua pele como que presente sob as mãos dele, e então desabotoou a calça e sacou o membro. Colocou-o em cima da blusa, pensando com a parte da mente que ainda conseguia pensar que estava sendo obrigado a fazer aquilo; estava sendo obrigado a empurrar a ponta intumescida no local onde os seios o acomodariam. Com um grunhido, se inclinou por cima da blusa, uma convulsão o percorreu e ele explodiu. Suas bolas pareciam ter sido presas em um torno. Logo em seguida, a vergonha o atingiu como um soco. Ele enrolou a blusa dentro da bolsa de livros e, pegando um caminho mais longo para casa, envolveu uma pedra com a peça outrora impecável e jogou no rio. Ninguém nunca mencionou a blusa roubada, mas foi a última vez que ele foi convidado para cuidar dos garotos.

Pelas janelas atrás da cabeça de Ricky Hawthorne, Sears conseguia ver um poste de luz brilhando no segundo andar da residência que Eva Galli comprou quando, por algum desejo ou impulso, foi parar em Milburn. Na maior parte do tempo, ele conseguia esquecer Eva Galli e onde ela morou; achava que estava consciente disso agora, da casa brilhando para eles através janela, por causa de algumas conexões que sua mente fez entre ela e a cena ridícula que acabara de recordar.

Talvez eu devesse ter saído de Milburn quando podia, pensou ele; o quarto onde Edward Wanderley morreu exatamente um ano antes ficava logo acima. Por acordo tácito comum, nenhum deles aludiu à coincidência do encontro justamente naquele local no aniversário da morte do amigo. Uma fração do sentimento de mau presságio de Ricky Hawthorne brilhou em sua mente, e ele pensou: *seu velho tolo, ainda sente culpa por causa daquela blusa. Rá!*

2

“É minha vez hoje”, anunciou Sears, relaxando da melhor forma possível na maior poltrona de Jaffrey e cuidando para manter a antiga casa de Galli fora de sua visão, “e quero contar sobre certos eventos que me aconteceram quando eu era um jovem experimentando as possibilidades da profissão de professor na zona rural de Elmira. Digo experimentando porque, mesmo na época, no começo do meu primeiro ano, eu não tinha certeza se estava destinado para o trabalho. Tinha assinado um contrato de dois anos, mas achava que não poderiam me obrigar a cumpri-lo caso eu decidisse ir embora. Bom, uma das coisas mais pavorosas da minha vida me aconteceu lá, ou não aconteceu e eu imaginei, mas, de qualquer modo, me deixou apavorado e acabou tornando minha permanência impossível. É a pior história que conheço, e a mantive guardada na mente por cinquenta anos.”

Vocês sabem quais eram os deveres de um professor naquela época. Não estamos falando de uma escola urbana, e também não era uma Hill School — Deus sabe que era para lá que deveria ter me candidatado, mas eu tinha várias ideias elaboradas na época. Eu me via como um verdadeiro Sócrates, levando a luz da razão para o meio do nada. Para o meio do nada! Naqueles dias, a zona rural de Elmira era quase isso, pelo que me lembro, mas atualmente não resta nem mesmo um subúrbio na região onde ficava a cidadezinha. Um trevo rodoviário foi colocado bem onde costumava ficar a escola. A coisa toda está dessoterrada em concreto. Chamava-se Four Forks e agora não existe mais. Mas, na época, durante meu ano sabático de Milburn, era um vilarejo bem típico, com dez ou doze casas, uma loja, uma agência dos correios, um ferreiro, a escola. Todas as construções eram parecidas, de um jeito meio generalizado; eram todas de madeira, não eram pintadas havia anos, por isso pareciam um tanto cinzentas e deprimentes. A escola tinha apenas uma sala, claro, uma sala para as oito séries. Quando fui para minha entrevista, me disseram que eu moraria com os Mather — eles ofereceram o menor valor, e logo descobri o motivo — e que meu dia começaria às seis. Eu tinha que cortar lenha para o aquecedor da escola, acender o fogo, varrer a sala e botar os livros no lugar, bombear água, limpar os quadros — e também lavar as janelas quando necessário.

Às sete e meia, os alunos chegariam. E meu trabalho era dar aula para as oito séries, de leitura, escrita, aritmética, música, geografia, caligrafia, história… tudo. Hoje eu fugiria correndo dessa perspectiva, mas, na época, eu me via como uma mistura de de Abraham Lincoln e Mark Hopkins, e estava doido para começar. A ideia como um todo simplesmente me arrebatava. Eu estava encantado. Acho que a cidade já estava morrendo, mas eu não conseguia ver. O

que via era esplendor; liberdade e esplendor. Um pouco borrado, talvez, mas esplendor mesmo assim.

Mas eu *não sabia*. Não tinha como adivinhar como seria a maioria dos meus alunos. Não sabia que grande parte dos professores nesses povoados era composta por garotos de uns dezenove anos, só com um pouco mais de estudo além daquilo que ensinavam. Não sabia que um lugar como Four Forks poderia ser lamacento e desagradável na maior parte do ano. Não sabia que sentiria fome na maioria do tempo. Nem que fizesse parte do meu trabalho aparecer na igreja todos os domingos no vilarejo vizinho, uma caminhada de treze quilômetros. Não sabia como seria difícil.

Comecei a descobrir quando fui até a casa dos Mather com minha mala naquela primeira noite. Charlie Mather havia sido o agente dos correios da cidade, mas, quando os republicanos assumiram o governo, botaram Howard Hummell em seu lugar, e Charlie Mather nunca superou o ressentimento. Ficou amargurado para sempre. Quando me levou para o quarto que eu ocuparia, vi que não estava terminado: o piso era de madeira sem acabamento e o teto consistia de vigas com telhas colocadas em cima.

“Estava fazendo este quarto para nossa filha”, disse Mather. “Ela morreu. Menos uma boca para alimentar.” A cama era um colchão velho e surrado no chão, com um cobertor velho do exército por cima. No inverno, não havia calor suficiente nem para um esquimó naquele quarto. Mas vi que tinha uma escrivaninha e um lampião de querosene, e eu ainda estava com aquele brilho nos olhos e disse que estava ótimo, vou adorar morar aqui, algo do tipo. Mather grunhiu sem acreditar, como era esperado dele.

O jantar naquela noite foi batata com creme de milho.

“Você não vai comer carne aqui”, avisou Mather, “a não ser que economize e compre você mesmo. Estou recebendo um valor para garantir sua subsistência, não para engordar você.”

Acho que não comi carne mais de seis vezes na mesa dos Mather, e quando aconteceu foi tudo de uma vez, quando deram um ganso para ele e comemos ganso todos os dias até não sobrar mais nada. Depois de um tempo, alguns alunos começaram a levar sanduíches de presunto e de carne para mim; os pais sabiam que Mather era um homem avarento. Ele fazia sua principal refeição ao meio-dia, mas deixava claro que era meu dever passar a hora do almoço na escola, “oferecendo ajuda adicional e dando punições”.

Porque lá eles acreditavam na vara de marmelo. Eu tinha terminado meu primeiro dia de aula quando descobri isso. Digo dia de *aula*, mas só consegui deixá-los quietos durante umas poucas horas, escrever seus nomes e fazer algumas perguntas. Foi impressionante. Apenas duas das meninas mais velhas

sabiam ler, e adições e subtrações simples era até onde ia a matemática deles e, além de alguns nunca terem ouvido falar de países estrangeiros, um nem acreditava que pudessem existir. “Ah, não existe nada assim”, disse um garoto magrelo de dez anos. “Um lugar onde as pessoas não são americanas? Onde nem falam americano?” Mas ele não conseguiu ir além, de tanto que estava rindo do absurdo da ideia, e vi uma boca cheia de apavorantes dentes negros. “E a guerra, imbecil?”, retrucou outro garoto. “Nunca ouviu falar dos alemães?” Antes que eu pudesse reagir, o primeiro voou por cima da carteira e começou a bater no segundo. Parecia que estava determinado a matá-lo. Tentei separar os dois meninos, enquanto todas as garotas gritavam, e segurei o braço do agressor. “Ele está certo”, eu disse. “Ele não deveria ter xingado você, mas está certo. Os alemães são as pessoas que moram na Alemanha, e a guerra mundial…” Eu parei de falar porque o garoto estava rosnando para mim. Parecia um cachorro selvagem, e pela primeira vez percebi que ele tinha distúrbios mentais, talvez fosse retardado. Estava prestes a me morder. “Agora, peça desculpas para o seu amigo”, eu mandei.

“Ele não é meu amigo.”

“Peça desculpas.”

“Ele é esquisito, senhor”, disse o outro. Seu rosto estava pálido, parecia assustado, e estava começando a ficar com um olho roxo. “Eu não devia ter dito aquilo para ele.”

Perguntei ao primeiro garoto qual era o nome dele. “Fenny Bate”, ele conseguiu dizer, babando. Estava se acalmando. Mandei o segundo garoto de volta ao seu lugar. “Fenny”, eu disse, “o problema é que você estava errado. Os Estados Unidos não são o mundo inteiro, assim como os Estados Unidos como um todo não se resume a Nova York.” Isso era complicado, e ele não estava mais prestando atenção. Assim, eu o levei até a frente e o fiz se sentar enquanto desenhava mapas no quadro. “Aqui ficam os Estados Unidos da América, e esse é o México, e esse é o Oceano Atlântico…”

Fenny estava sacudindo a cabeça de forma sinistra. “Mentiras”, disse ele. “Tudo isso são mentiras. Essas coisas não estão aí. Não ESTÃO!” Quando gritou, ele empurrou a carteira, que caiu para a frente.

Eu pedi que ele pegasse a carteira de volta e, quando ele fez que não com a cabeça, começando a babar de novo, eu mesmo a botei no lugar. Algumas das crianças soltaram um suspiro de espanto. “Então você nunca viu ou ouviu falar de mapas e de outros países?”, eu perguntei.

Ele assentiu. “Mas são mentiras.”

“Quem disse isso?”

Ele sacudiu a cabeça e se recusou a dizer. Se tivesse mostrado algum sinal de constrangimento, eu teria achado que havia aprendido essa informação equivocada com os pais. Mas não foi isso; ele só estava enraivecido e taciturno.

Ao meio-dia, as crianças levaram seus sacos de papel para fora e comeram seus sanduíches no espaço ao redor da escola. Seria exagero chamar de parquinho, embora houvesse alguns balanços bambos atrás da escola. Fiquei de olho em Fenny Bate. Ele foi deixado de lado pela maioria das crianças. Quando saiu do estupor e tentou se juntar a um grupo, os outros se afastaram e o deixaram sozinho, com as mãos nos bolsos. De tempos em tempos, uma garota magrela com cabelo louro escorrido se aproximava e falava com ele; era um pouco parecida com o garoto, e achei que pudesse ser sua irmã. Verifiquei nas minhas listas: Constance Bate, do quinto ano. Era uma das mais quietas.

Quando olhei novamente para Fenny, vi um homem de aparência estranha de pé na estrada em frente à construção, observando o pátio da escola e olhando para ele, como eu estava fazendo. Fenny Bate estava sentado entre nós, sem perceber nada. Por algum motivo, esse homem me provocou um choque. Não era só o fato de ele ser estranho na aparência, embora fosse mesmo, usando roupas de trabalho velhas e de qualidade duvidosa, com cabelo preto desgrenhado, bochechas brancas, um rosto bonito e braços e ombros que pareciam muito fortes. Era o jeito como ele olhava para Fenny Bate. Parecia selvagem. E, com a selvageria, havia uma espécie impressionante de liberdade na forma como ele estava ali parado, uma liberdade que era mais profunda do que uma simples questão de autoconfiança. Para mim, ele pareceu extremamente perigoso; e eu tinha a impressão de que fora transportado para uma região em que homens e meninos eram feras selvagens disfarçadas. Afastei o olhar, quase assustado pela selvageria no rosto do homem e, quando olhei de novo, ele tinha sumido.

Minhas suspeitas sobre o lugar se confirmaram naquela noite, quando eu já tinha me esquecido do homem na estrada. Subi para o quarto frio a fim de tentar preparar minhas aulas para o dia seguinte. Teria que ensinar a tabuada para as séries mais adiantadas, todos precisavam de geografia extremamente elementar… coisas desse tipo estavam passando pela minha cabeça quando Sophronia Mather entrou no meu quarto. A primeira coisa que ela fez foi diminuir a chama do lampião de querosene que eu estava usando. “Isso é para a escuridão total, não para o fim do dia”, avisou. “Não podemos gastar todo o querosene com você. Você vai ter que aprender a ler seus livros na luz que Deus dá.”

Levei um susto ao vê-la no meu quarto. Durante o jantar da noite anterior, ela ficou em silêncio e, a julgar pelo seu rosto, repuxado e magro e tenso como um

tambor, era de se pensar que o silêncio era seu modo natural. Ela o tornava bem expressivo, posso dizer. Mas eu logo aprenderia que, longe do marido, ela não tinha medo de falar.

“Vim fazer umas perguntas, professor”, disse ela. “As pessoas andam falando.”/p>

“Já?”, perguntei.

“Você termina do mesmo jeito que começa, e como começa é como vai prosseguir. Ouvi de Mariana Birdwood que você tolera mau comportamento nas aulas.”

“Não acho que eu tenha feito isso”, respondi.

“A filha dela, Ethel, acha que sim.”

Não consegui atribuir um rosto ao nome Ethel Birdwood, mas me lembrava de ter chamado por esse nome; era uma das meninas mais velhas, de quinze anos, acreditava eu. “E o que Ethel Birdwood alega que eu tenha tolerado?”

“Foi aquele Fenny Bate. Ele não usou os punhos contra outro garoto? Bem debaixo do seu nariz?”

“Eu falei com ele.”

“*Falou?* Falar não adianta. Por que não usou sua palmatória?”

“Eu não tenho uma”, falei.

Ela ficou chocada. “Mas você *precisa* bater neles”, a mulher disse por fim. “É a única forma. Você precisa bater com a palmatória em um ou dois todos os dias. E em Fenny Bate mais do que no resto.”

“Por que ele em particular?”

“Porque ele é mau.”

“Eu percebi que ele é problemático, lento, perturbado”, argumentei, “mas não acho que tenha visto que é mau.”

“Ele é. Ele é mau. E as outras crianças esperam que ele apanhe. Se suas ideias são arrogantes demais para nós, você vai ter que deixar a escola. Não são só as crianças que esperam que você use a palmatória.” Ela se virou, como se fosse sair. “Achei que devia fazer a gentileza de falar com você antes do meu marido saber que anda negligenciando seus deveres. É melhor seguir o meu conselho. Não dá para ensinar sem bater.”

“Mas o que torna Fenny Bate tão visado?”, eu perguntei, ignorando aquele comentário final terrível. “Seria injusto perseguir um garoto que precisa de ajuda.”

“Ele só precisa da palmatória. Ele não é mau, é a maldade em pessoa. Você devia fazê-lo sangrar e mantê-lo quieto — mantê-lo *domado*. Só estou tentando ajudar, professor. Nós precisamos do pouco dinheiro que sua presença nos

oferece.” Com isso, ela saiu. Eu nem tive tempo de perguntar sobre o homem peculiar que vira naquela tarde.

Bom, eu não tinha a intenção de impor mais sofrimento ao bode expiatório da cidade.

(Milly Sheehan, com o rosto contraído de repugnância, colocou na mesa o cinzeiro que estava fingindo polir, olhou para a janela para ter certeza de que as cortinas estavam fechadas e foi até a porta. Sears, fazendo uma pausa em sua história, percebeu que ela deixou uma fresta aberta.)

3

Sears James, fazendo uma pausa em sua história e pensando com irritação que a bisbilhotice de Milly se tornava menos sutil a cada mês, não estava ciente de um evento que acontecera naquela tarde na cidade e que afetaria a vida de todos eles. Por si só, foi uma coisa comum, a chegada de uma jovem linda em um ônibus Trailways — uma moça que saltou do ônibus na esquina do banco e da biblioteca e que olhou ao redor com expressão de satisfação confiante, como a de uma mulher bem-sucedida voltando para uma visita nostálgica em sua cidade natal. Era isso o que ela sugeria, segurando uma pequena mala na mão e sorrindo de leve diante de uma queda repentina de folhas brilhantes, e você teria dito, se a visse, que o sucesso dela era a medida de sua vingança. Aparentemente, com seu casaco longo e bonito e a abundância de cabelos pretos, ela voltara para se regozijar discretamente de como havia chegado longe — como se isso respondesse por metade do prazer que sentia. Milly Sheehan, que saiu para fazer as compras do médico, viu-a de pé na parada de ônibus quando o veículo se afastou na direção de Binghamton e pensou por um momento que a conhecia; assim como Stella Hawthorne, que estava tomando uma xícara de café sentada à janela do restaurante Village Pump. Ainda sorrindo, a garota de cabelos escuros passou pela janela, e Stella virou a cabeça para vê-la atravessar a praça e subir os degraus do Archer Hotel. O homem que a acompanhava, um professor assistente de antropologia da faculdade SUNY chamado Harold Sims, disse: “O escrutínio de uma mulher bonita por outra! Mas eu nunca tinha visto você fazer isso, Stel”.

Ela, que detestava ser chamada de “Stel”, disse: “Você a achou bonita?”.

“Eu estaria mentindo se dissesse que não.”

“Bom, se você acha que eu também sou bonita, então tudo bem.” Stella um sorriso um tanto automático para Sims, que era vinte anos mais novo e estava

apaixonado por ela, e olhou para o Archer Hotel, onde a jovem tentava abrir a porta, desaparecendo logo em seguida lá dentro.

“Se está tudo bem, por que você está olhando?”

“Ah, é que…” Stella fechou a boca. “Não é nada. Ela é o tipo de mulher que você deveria estar levando para almoçar, não uma peça de museu velha e maltratada como eu.”

“Jesus, como você pode achar isso?”, questionou Sims enquanto tentava segurar a mão dela por baixo da mesa. Ela empurrou a mão para longe com um toque dos dedos. Stella Hawthorne nunca gostou de ser acariciada em restaurantes. Preferia ter dado um bom tapa na pata dele.

“Stella, por favor.”

Ela o encarou diretamente nos olhos castanhos dele e disse: “Não é melhor você voltar para os seus aluninhos?”.

Enquanto isso, a moça estava fazendo check-in no hotel. A sra. Hardie, que cuidava do Archer com o filho desde a morte do marido, saiu do escritório e se aproximou da adorável jovem do outro lado do balcão. “Posso ajudar?”, perguntou ela e pensou: *Como vou manter Jim longe dessa aí?*

“Vou precisar de um quarto com banheira”, disse a jovem. “Gostaria de ficar aqui até conseguir encontrar um lugar para alugar na cidade.”

“Ah, que bom”, disse a sra. Hardie. “Você vai se mudar para Milburn? Acho formidável. A maioria dos jovens daqui mal pode esperar para ir embora. Como meu Jim, que vai levar suas malas e acha que todo dia aqui é mais um dia na prisão. É para Nova York que ele quer ir. É de lá que você vem?”

“Eu já morei lá. Mas pessoas da minha família já viveram aqui.”

“Bom, aqui estão nossas tarifas e o registro”, falou a sra. Hardie, empurrando uma folha de papel mimeografada e o grande livro de couro dos registros pela bancada na direção da jovem. “Você vai ver que é um hotel tranquilo e agradável, a maioria dos hóspedes mora aqui, como em uma pensão, mas com o serviço de um hotel e sem festas barulhentas à noite.” A jovem assentiu diante das tarifas e estava assinando o registro. “Nada de discoteca, nem pensar, e tenho que ser direta: nada de homens no seu quarto depois das onze.”

“Tudo bem”, disse a moça, devolvendo o registro para a sra. Hardie, que leu o nome escrito numa caligrafia clara e elegante: Anna Mostyn, com um endereço de West Eighties, Nova York.

“Ah, que bom”, comentou a sra. Hardie. “Nunca se sabe como as garotas vão reagir a isso atualmente, mas…” Ela olhou para o rosto da nova hóspede e se deteve ao ver a indiferença em seus olhos azuis. Seu primeiro pensamento, quase inconsciente, foi *ela é fria*, seguido pela reflexão bastante consciente de que

aquela moça não teria dificuldade de lidar com Jim. “Anna é um nome antigo e tão bonito.”

“É.”

A sra. Hardie, um pouco desconcertada, tocou o sino para chamar o filho.

“Sou uma pessoa bastante antiquada”, disse a garota.

“Você não disse que teve familiares na cidade?”

“Sim, mas foi há muito tempo.”

“É que não reconheci o nome.”

“Não, você não reconheceria. Uma tia minha morou aqui uma época. O nome dela era Eva Galli. Mas você não deve ter conhecido.”

(A esposa de Ricky, sentada sozinha no restaurante, estalou os dedos de repente e exclamou: “Estou ficando velha”. Ela se recordou de quem a moça a fazia se lembrar. O garçom, um rapaz com aparência de quem abandonou o ensino médio, se inclinou sobre a mesa, sem saber como lhe entregar a conta depois que o cavalheiro saiu furioso, e disse um “Hã?”; “Ah, saia daqui, seu tonto”, repreendeu ela, perguntando-se por que, já que metade dos garotos que abandonam o ensino médio parecem valentões, os demais pareciam cientistas. “Ah, melhor me dar a conta antes que você desmaie.”)

Jim Hardie ficou lançando olhares para ela durante toda a subida pela escada e, quando abriu a porta do quarto e botou a mala no chão, disse: “Espero que você fique por bastante tempo”.

“Achei que sua mãe tivesse dito que você odeia Milburn.”

“Não odeio mais tanto assim”, respondeu ele, lançando o olhar que derreteu Penny Draeger no banco de trás do carro dele na noite anterior.

“Por quê?”

“Ah”, disse ele, sem saber como continuar frente à recusa total da jovem em ser derretida. “Ah, você sabe.”

“Sei?”

“Olha. Eu só quero dizer que você é uma moça muito bonita, só isso. Você sabe o que eu quero dizer. Você tem muito estilo.” Ele decidiu ser mais ousado do que de fato se sentia. “Moças com estilo me excitam.”

“Ah, é?”

“É.” Ele assentiu. Não conseguia entendê-la. Se não houvesse chance, ela o teria mandado passear desde o começo. Mas, apesar de tê-lo deixado ficar, não parecia interessada nem lisonjeada; não parecia sequer estar achando graça. Em seguida, surpreendeu-o fazendo o que ele estava torcendo para que fizesse e tirou o casaco. Não exibia muito na altura do peito, mas tinha boas pernas. E então, totalmente sem aviso, uma percepção total do corpo da jovem tomou conta dele: uma explosão de pura sensualidade, nada como a postura oferecida

de Penny Draeger ou de outras garotas do ensino médio com quem ele foi para a cama, uma onda de sensualidade pura e fria que o fez murchar.

“Ah”, disse ele, torcendo desesperadamente para que ela não o mandasse embora. “Aposto que você tinha um emprego excelente na cidade. Você trabalha na televisão, por acaso?”

“Não.”

Ele se agitou. “Bom, pelo menos eu sei seu endereço, né? Talvez possa passar aqui qualquer hora para conversar.”

“Talvez. Você conversa?”

“Rá. Bom, acho que é melhor eu descer. Tenho um monte de protetores contra tempestades para instalar, com esse tempo frio que está chegando…”

Ela se sentou na cama e estendeu a mão. Com uma certa relutância, ele foi na direção da moça. Quando a tocou, ela colocou uma nota de um dólar dobrada na palma de sua mão. “Vou dizer o que eu acho”, disse ela. “Acho que porteiros e carregadores de malas de hotel não deveriam usar calça jeans. Ficam parecendo relapsos.”

Ele aceitou a nota, confuso demais para agradecer, e saiu correndo.

(Era Ann-Veronica Moore, pensou Stella, aquela atriz que estava na casa de John na noite em que Edward morreu. Stella permitiu que o garoto intimidado segurasse seu casaco de pele. Ann-Veronica Moore, por que eu deveria pensar nela? Só a vi por alguns minutos, e aquela moça realmente não se parecia nem um pouco com ela.)

4

Não, continuou Sears, eu estava determinado a ajudar aquela pobre criatura, Fenny Bate. Não achava que pudesse existir algo como um menino tomado pela maldade, a não ser que incompreensão e crueldade o tornassem mau. E isso dava para remediar. Então, comecei um pequeno programa de recuperação. Quando Fenny virou a carteira no dia seguinte, eu mesmo a coloquei no lugar, para a repugnância das crianças mais velhas; e, no almoço, pedi que ele ficasse lá dentro comigo.

As outras crianças saíram, murmurando especulações — tenho certeza de que acharam que eu bateria nele quando todos fossem para fora. Mas, então, reparei que a irmã dele estava de pé no canto escuro dos fundos da sala.

“Não vou machucá-lo, Constance”, eu disse. “Pode ficar também se quiser.” Pobres crianças! Ainda consigo ver os dois, com os dentes podres e as roupas

esfarrapadas, ele cheio de desconfiança e ressentimento e medo, e ela simplesmente temerosa pelo irmão. A menina foi até uma cadeira, e eu comecei a trabalhar para tentar consertar alguns dos equívocos de Fenny. Contei-lhe todas as histórias de exploradores que eu conhecia, sobre Lewis e Clarke e Cortez e Nansen e Ponce de Leon, coisas que pretendia usar mais tarde nas aulas, mas isso não surtiu efeito em Fenny. Ele *sabia* que o mundo só ia até setenta ou oitenta quilômetros além de Four Forks e que as pessoas nessa área compunham a população mundial. E se agarrava a essa noção com a teimosia obstinada dos burros. “Quem foi que disse isso para você, Fenny?”, perguntei. Ele sacudiu a cabeça. “Você inventou sozinho?” Ele fez que não com um gesto de novo. “Foram seus pais?”

No canto escuro, Constance riu — mas sem estar realmente achando graça. Aquela risada me provocou arrepios; conjurava imagens de uma vida quase bestial. Claro que era isso o que eles tinham; e todas as outras crianças sabiam disso. E, como descobri depois, era bem pior, bem menos natural do que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado.

Levantei as mãos de desespero ou impaciência, e a infeliz garota deve ter achado que eu ia bater nele, pois gritou: “Foi o Gregory!”.

Fenny olhou para ela, e juro que nunca vi ninguém parecer tão assustado. No instante seguinte, ele levantou da cadeira e saiu da sala. Tentei chamá-lo de volta, mas não adiantou. Ele saiu correndo como se quisesse salvar a própria vida, entrou na floresta, disparando como um coelho selvagem. A garota ficou na porta, vendo-o se afastar. E, agora, parecia assustada e consternada; tinha ficado toda pálida. “Quem é Gregory, Constance?”, perguntei, e o rosto dela se contorceu. “Ele às vezes passa pela escola? O cabelo dele é assim?” Eu enfiei as mãos no cabelo, com os dedos abertos, e ela também saiu correndo o mais rápido que conseguiu.

Naquela tarde, fui aceito pelos outros alunos. Eles imaginaram que eu tivesse batido nas duas crianças Bate e entrado na ordem natural das coisas. E, naquela noite, no jantar, eu ganhei, se não uma batata a mais, pelo menos uma espécie de sorriso rígido de Sophronia Mather. Evidentemente, Ethel Birdwood relatara à mãe que o novo professor ouvira a voz da razão.

Fenny e Constance não foram à aula nos dois dias seguintes. Fiquei pensando nisso e concluí que agira de forma tão inábil que eles talvez nunca voltassem. No segundo dia, estava tão agitado que fiquei andando pelo pátio na hora do almoço. As crianças me olharam como fariam com um lunático perigoso; deixaram claro que o professor deveria estar lá dentro, preferivelmente administrando a palmatória. Mas ouvi uma coisa que me fez parar e virar na direção de um grupo de garotas, sentadas um tanto empertigadas na grama. Eram

as garotas maiores, e uma delas era Ethel Birdwood. Eu tinha certeza de que a ouvi mencionar o nome Gregory. “Me conte sobre Gregory, Ethel.”

“O que é Gregory?”, perguntou ela com afetação. “Não tem ninguém com esse nome aqui.” Ela me lançou um olhar bovino, e tive certeza de que estava pensando naquela tradição rural do professor que se casa com a aluna mais velha. Ela era uma garota confiante, essa Ethel Birdwood, e seu pai segundo diziam vinha prosperando nos negócios.

Eu não deixaria a oportunidade passar. “Acabei de ouvir você mencionar o nome dele.”

“Deve ter sido um engano, sr. James”, disse ela, com toda a doçura.

“Não gosto de mentirosos”, eu disse. “Me conte sobre esse tal de Gregory.”

Claro que todas supuseram que eu a estava ameaçando com uma surra. Outra garota foi ao seu resgate. “Nós estávamos dizendo que Gregory consertou aquela calha”, disse ela, apontando para a lateral da escola. Uma das calhas era claramente nova.

“Bom, ele nunca mais virá para esta escola se eu puder evitar”, falei, deixando-as com suas risadas irritantes.

Depois da escola naquele dia, pensei em visitar o covil do leão e ir até a casa dos Bate. Sabia que era tão longe da cidade quanto a casa de Lewis era de Milburn. Segui pela estrada mais provável e tinha andado bastante, cinco ou seis quilômetros, quando percebi que provavelmente fora longe demais. Eu não tinha passado por nenhuma casa, então a residência dos Bate só poderia ser dentro da floresta, e não na beirada, como eu imaginava. Peguei uma trilha aparentemente viável e pensei que ficaria andando de um lado para o outro na direção da cidade até encontrá-los.

Infelizmente, eu me perdi. Entrei em ravinas e subi colinas e atravessei a vegetação até não mais saber nem onde ficava a estrada. Tudo era absurdamente parecido. E então, no crepúsculo, senti que estava sendo observado. Era uma sensação esquisitíssima, como saber que havia um tigre atrás de mim, pronto para atacar. Eu me virei e encostei em um olmo grande. E vi uma coisa. Um homem entrou em uma clareira a uns trinta metros de mim, o mesmo que eu vira antes. Gregory, ou era o que eu pensava. Ele não disse nada, nem eu. Apenas olhou para mim, em completo silêncio, com aquele cabelo desgrenhado e aquele rosto de marfim. Senti ódio, um ódio absoluto, emanando dele. Um ar de violência puramente irracional pairava ao seu redor, junto com aquela liberdade peculiar que eu sentira antes; era como um louco. Poderia ter me matado naquela floresta e ninguém saberia. E, acreditem, o que vi no rosto dele foi um desejo homicida, e mais nada. Quando eu esperava que avançasse e me atacasse, ele foi para trás de uma árvore.

Eu me adiantei bem devagar. “O que você quer?”, gritei, simulando coragem. Não houve resposta. Fui um pouco mais adiante. Finalmente cheguei à árvore em que o vi, e não havia sinal dele. Havia evaporado.

Ainda estava perdido e ainda me sentia ameaçado. Pois esse era o significado da aparição dele, eu sabia: uma ameaça. Dei alguns passos em uma direção aleatória, atravessei outra área densa de árvores e parei. Por um momento, senti medo. Bem na minha frente, mais perto do que a aparição, estava uma garota magra e malvestida com cabelo louro fino: Constance Bate.

“Onde está Fenny?”, perguntei.

Ela levantou um braço ossudo e apontou para o lado. Em seguida, ele também se levantou como… “como uma cobra da cesta”, sou obrigado a admitir, é a metáfora que me vem à mente. Em seu rosto, quando estava de pé no mato alto, havia aquela expressão de culpa mal-humorada característica de Fenny Bate.

“Estava procurando a sua casa”, contei, e os dois apontaram ao mesmo tempo na mesma direção, mais uma vez sem falar nada. Ao olhar por uma abertura na floresta, vi um casebre de papelão alcatroado com uma janela de papel encerado e uma chaminé fina. Havia muitos casebres do tipo aqui e ali, embora felizmente já tenham desaparecido hoje, mas aquele foi o mais sórdido que já encontrei. Sei que tenho a reputação de ser conservador, mas nunca relacionei virtude com sordidez, nem pobreza com sordidez, mas aquele casebre horrível e fedorento — só de olhar dava para ver que fedia — me pareceu exalar maldade. Não, era pior. As vidas lá dentro não deveriam ser apenas brutalizadas pela pobreza, mas também ser distorcidas, malformadas… senti um aperto no coração, afastei o olhar e vi um cachorro preto magro enfiando o focinho em um amontoado morto de penas que um dia deve ter sido uma galinha. Claramente, pensei, foi assim que Fenny ganhou a reputação de ser “mau” — os moradores puritanos de Four Forks devem ter dado uma olhada na casa dele, condenando-o por toda a vida.

De qualquer forma, eu não queria entrar lá. Não acreditava em maldade, mas era essa emanação que eu sentia.

Eu me virei para as crianças, que tinham a mais estranha expressão congelada nos olhos. “Quero ver vocês na escola amanhã”, eu disse.

Fenny fez que não com a cabeça.

“Mas eu quero *ajudar* você”, falei. Estava prestes a fazer um discurso: queria lhe dizer que era meu plano mudar a vida dele, salvá-lo, em um certo sentido, creio que torná-lo humano… aquela expressão obstinada e congelada em seu rosto me fez parar. Havia outra coisa ali, e percebi, chocado, que alguma coisa

em Fenny me fazia lembrar de meu último vislumbre do misterioso Gregory. “Vocês precisam voltar para a escola amanhã”, insisti.

Constance disse: “Gregory não quer. Gregory disse que temos que ficar aqui”.

“Bom, o que eu digo é que ele vai e que você vai também.”

“Vou pedir para Gregory.”

“Ah, que Gregory vá para o inferno”, gritei. “Vocês vão.” Eu saí andando para longe dos dois. Aquela sensação estranha me perseguiu até que eu encontrasse a estrada — era como andar para longe da danação.

• • •

Vocês podem adivinhar qual foi o resultado. Eles não voltaram. As coisas seguiram normalmente por vários dias, Ethel Birdwood e algumas outras meninas me lançando olhares insinuantes sempre que eram chamadas para dar uma resposta, eu preparando as aulas do dia seguinte naquele quarto gelado e acordando, muito diferentemente de Febo, com o amanhecer para preparar a escola. Ethel começou a levar sanduíches para o meu almoço, e em pouco tempo minhas outras admiradoras entre as garotas também começaram a levar lanches. Eu costumava guardar um no bolso para comer no quarto depois do jantar com os Mather.

Aos domingos, fazia a longa caminhada até Footville para minha visita forçada à igreja luterana local. Não era tão insuportável quanto eu temia. O pastor era um alemão velho, Franz Gruber, que se apresentava como dr. Gruber. O título de doutorado era genuíno; ele era um homem bem mais perspicaz do que o corpo volumoso e a residência em Footville, Nova York, sugeriam. Eu considerava seus sermões interessantes e decidi falar com ele.

Quando as crianças Bate finalmente apareceram, estavam com aparência de esgotadas e cansadas, como bêbados depois de uma noite extenuante. Isso passou a ser o padrão. Eles faltavam dois dias, iam a uma aula, faltavam três, iam a duas: e, a cada vez que eu os via, pareciam piores. Fenny, em particular, parecia em franca deterioração. Era como se estivesse envelhecendo prematuramente: foi ficando mais magro, a pele pareceu enrugar na testa e nos cantos dos olhos. E, quando o vi, poderia jurar que ele parecia estar dando risadinhas de mim — Fenny Bate dando risadinhas, embora eu pudesse jurar que ele não era mentalmente capaz disso. Nele, parecia errado… e me assustou.

Portanto, num domingo depois da missa, falei com o dr. Gruber na porta da igreja. Esperei para ser o último a apertar sua mão e, quando todo mundo já seguia pela estrada, eu lhe disse que desejava um conselho a respeito de um problema.

Ele deve ter pensado que eu confessaria adultério ou algo parecido. Mas foi muito gentil e me convidou para ir à sua casa, em frente à igreja.

Graciosamente, ele me acompanhou até a biblioteca. Era um aposento amplo, repleto de livros; eu não via uma sala assim desde que saíra de Harvard. Era, obviamente, a sala de um acadêmico: um local onde um homem confortável com suas ideias trabalhava nelas. A maior parte dos livros era em alemão, mas havia vários em latim e em grego. Ele guardava os escritos patrísticos em pastas grandes de couro macio, comentários da Bíblia, trabalhos de teologia e o grande ajudante dos escritores de sermões, uma concordância bíblica. Em uma prateleira atrás da mesa, fiquei surpreso de ver uma coleção de Lully, Fludd, Bruno, o que poderia ser definido como estudos do oculto da Renascença. Além disso, ainda mais surpreendente, alguns livros antigos sobre bruxaria e satanismo.

O dr. Gruber tinha saído da sala para pegar cerveja e, quando voltou, me viu olhando para esses livros.

“O que você vê”, disse ele com seu sotaque gutural, “é o motivo de eu estar em Footville, sr. James. Espero que não me considere um tolo velho e maluco por causa desses livros.” Sem que eu pedisse, ele me contou a história, que é como era de se esperar: ele era um estudioso brilhante, endossado pelos mais velhos, escreveu livros, mas, quando demonstrou interesse demais pelo que chamava de “questões herméticas”, recebeu ordens de interromper essa linha de estudo. Publicou mais um estudo e foi banido para a congregação mais distante que a cúpula luterana conseguiu encontrar. “Agora”, disse ele, “minhas cartas estão na mesa, como meus novos conterrâneos dizem. Nunca falo dessas questões herméticas nos meus sermões, mas continuo meus estudos a respeito. Você tem toda a liberdade de ir embora ou de falar, como preferir.” Isso me pareceu um pouco exagerado, e fiquei um tanto surpreso, mas não vi motivo para não continuar.

Eu lhe contei a história toda, sem economizar nos detalhes. Ele ouviu com muita atenção, e ficou evidente que já tinha ouvido falar de Gregory e das crianças Bate.

Mais do que isso, parecia bem empolgado com a história.

Quando terminei, ele disse: “E tudo isso aconteceu exatamente como você explicou?”

“Claro.”

“Você não contou para mais ninguém?”

“Não.”

“Fico muito feliz de você ter me procurado”, afirmou ele e, em vez de dizer mais alguma coisa, pegou um cachimbo gigantesco em uma gaveta, encheu de tabaco e começou a fumar, o tempo todo com os olhos protuberantes grudados

em mim. Comecei a me sentir inquieto e lamentei um pouco ter sido displicente com os comentários anteriores do homem. “Sua anfitriã nunca disse por que acha que Fenny Bate é a ‘maldade em pessoa’?”

Fiz que não com a cabeça, tentando me livrar da impressão negativa que tivera dele. “Você sabe por que ela acha isso?”

“É uma história conhecida”, respondeu ele. “Nestas duas cidadezinhas, é uma história até bem famosa.”

“Fenny *é mesmo* mau?”, eu perguntei.

“Ele não é mau, mas está corrompido”, disse o dr. Gruber. “Porém, pelo que você diz…”

“Pode ser pior? Confesso que para mim é um grande mistério”, falei.

“Mais do que você imagina”, disse ele, calmo, sem se alterar. “Se eu tentar explicar, você vai ficar tentado, com base no que sabe sobre mim, a achar que sou louco.” Os olhos dele ficaram ainda mais saltados.

“Se Fenny está corrompido”, perguntei, “quem o corrompeu?”

“Ah, Gregory”, respondeu ele. “Gregory, sem dúvida Gregory está por trás de tudo.”

“Mas quem é Gregory?”, tive que perguntar.

“O homem que você viu. Tenho certeza disso. Você o descreveu com perfeição.” Ele botou os dedos gorduchos atrás da cabeça, imitando meu próprio gesto para Constance Bate. “Perfeitamente, garanto. Mas, quando você ouvir mais, vai duvidar da minha palavra.”

“Pelo amor de Deus, por quê?”

Ele balançou a cabeça, e vi que sua mão livre estava tremendo. Por um segundo, me perguntei se tinha me metido em uma conversa íntima com um louco.

“Os pais de Fenny tiveram três filhos”, contou ele, soltando fumaça pela boca. “Gregory Bate foi o primeiro.”

“Ele é irmão dos dois!”, exclamei. “Um dia, achei que tinha percebido alguma semelhança… sim, eu vejo. Mas não tem nada de anormal nisso.”

“Acho que isso depende do que se passou entre eles.”

Tentei absorver o que ele disse. “Então alguma coisa anormal se passou entre eles.”

“E com a irmã também.”

Uma sensação de horror tomou conta de mim. Eu conseguia visualizar aquele rosto frio e bonito e aquele jeito odioso e descuidado; o ar de Gregory de quem é livre de qualquer controle.

“Entre Gregory e a irmã.”

“E, como falei, entre Gregory e Fenny.”

“Ele corrompeu os dois, então. Por que Constance não é tão condenada por Four Forks quanto Fenny?”

“Lembre-se, professor, de que estamos em um grotão. Um toque de… anormalidade… entre irmão e irmã entre essas famílias miseráveis das cabanas talvez não seja tão anormal assim.”

“Mas entre irmão e irmão…” Eu poderia estar de volta a Harvard, discutindo uma tribo selvagem com um professor de antropologia.

“É.”

“Por Deus, sim!”, exclamei, vendo aquela expressão maliciosa e prematuramente envelhecida no rosto de Fenny. “E agora ele está tentando me mandar embora. Ele me considera uma interferência.”

“Aparentemente, sim. Espero que você entenda o motivo.”

“Porque não vou tolerar isso”, eu disse. “Ele quer se livrar de mim.”

“Ah”, disse ele. “Gregory quer tudo.”

“Você quer dizer que ele os quer para sempre.”

“Os dois para sempre. Mas, pela sua história, talvez Fenny mais do que tudo.”

“Os pais não podem impedir isso?”

“A mãe está morta. O pai foi embora quando Gregory atingiu uma idade suficiente para bater nele.”

“Eles moram sozinhos naquele lugar horrendo?”

Ele assentiu.

Era terrível: queria dizer que o miasma, a sensação de que o lugar era de certa forma maldito, vinha das próprias crianças, do que acontecia entre elas e Gregory.

“Bom”, eu protestei, “as crianças não podem fazer alguma coisa para se proteger?”

“Elas fizeram”, disse ele.

“Mas o quê?” Eu tinha orações em mente, imagino, pois estava falando com um pastor, ou a procura de moradia com outra família; mas, quanto a isso, a minha própria experiência mostrava até onde ia a caridade em Four Forks.

“Você não vai acreditar na minha palavra”, garantiu ele, “então vou precisar mostrar.” Ele se levantou abruptamente e fez sinal para que eu me fizesse o mesmo. “Lá fora”, ordenou ele. Por trás da empolgação, parecia muito perturbado e, apenas por um momento, pensei que ele me julgava tão desagradável quanto eu o achava, com seu cachimbo excessivo e os olhos saltados.

Deixei o cômodo e, quando estava saindo da casa, passei por uma sala com uma mesa posta para uma pessoa. Senti cheiro de assado, e havia uma garrafa

aberta de cerveja em cima da mesa, então era possível que ele apenas estivesse incomodado com a ideia de que eu fosse atrapalhar seu almoço.

Ele bateu a porta quando saímos e seguiu em direção ao fundo da igreja. Era realmente intrigante. Após atravessar a rua, ele disse para mim sem virar a cabeça: “Você sabia que Gregory era o zelador da escola? Que fazia trabalhos por lá?”.

“Uma das garotas comentou alguma coisa sobre isso”, eu respondi, observando-o enquanto continuava a andar pela lateral da igreja. O que vem agora, eu pensei, um passeio nos campos? E o que eu teria que ver para acreditar?

Havia um pequeno cemitério atrás da igreja, e tive tempo enquanto acompanhava o andar oscilante dr. Gruber, de ver os nomes nas lápides enormes do século XIX: Josiah Foote, Sarah Foote, todos pertencentes ao clã responsável pela fundação da aldeia, e outros nomes que não significavam nada para mim. O dr. Gruber agora estava de pé, com um inegável ar de impaciência, ao lado de um portão no fundo do cemitério.

“Aqui”, disse ele.

Bom, pensei, se é preguiçoso demais para abrir você mesmo, e me inclinei para levantar o trinco.

“Não isso”, disse ele com rispidez. “Olhe para baixo. Para a cruz.”

Eu olhei para onde ele estava apontando. Era uma cruz de madeira simples, pintada à mão, no lugar onde estaria uma lápide, na cabeceira de um túmulo. Alguém tinha escrito o nome Gregory Bate na peça horizontal da cruz. Eu olhei para o dr. Gruber, e não houve dúvida dessa vez que ele me encarava com desprezo.

“Não pode ser”, eu disse. “É absurdo. Eu o vi.”

“Pode acreditar, professor, é aqui que seu rival está enterrado”, informou ele, e pouco tempo depois reparei na escolha peculiar de palavras. “A porção mortal dele, pelo menos.”

Fiquei entorpecido; repeti o que dissera havia pouco. “Não pode ser.”

Ele ignorou meu comentário. “Numa noite, um ano atrás, Gregory Bate estava fazendo algum trabalho no pátio da escola. Enquanto trabalhava, olhou para cima e reparou — eu imagino que seja isso o que tenha acontecido — que uma calha exigia atenção, então foi para a parte de trás da escola, pegou a escada e subiu. Fenny e Constance viram sua chance de fugir da tirania e derrubaram a escada. Ele caiu, bateu a cabeça na quina do prédio e morreu.”

“O que eles estavam fazendo lá à noite?”

O pastor deu de ombros. “Ele sempre os levava junto. Eles estavam sentados no parquinho.”

“Não acredito que eles o tenham matado de propósito”, comentei.

“Howard Hummell, o agente dos correios, os viu correndo. Foi ele quem encontrou o corpo de Gregory.”

“Então ninguém viu a coisa acontecendo.”

“Ninguém precisou ver, sr. James. O que aconteceu ficou claro para todo mundo.”

“Não ficou claro para mim”, eu disse, e ele deu de ombros novamente. “O que eles fizeram depois?”

“Eles correram. Deve ter ficado óbvio que conseguiram o que queriam. A parte de trás da cabeça dele estava esmagada. Fenny e a irmã desapareceram por três semanas, escondendo-se na floresta. Quando perceberam que não tinham para onde ir e voltaram para casa, nós já havíamos enterrado Gregory. Howard Hummell contou o que viu, e as pessoas pensaram o que queriam pensar. Daí — você vê? — a ‘maldade’ de Fenny.”

“Mas agora…”, eu disse, olhando para o túmulo com letras rudimentares. Provavelmente as crianças a fizeram e escreveram na cruz, percebi, e de repente esse me pareceu o detalhe mais grotesco de todos.

“Ah, sim, agora. Agora, Gregory o quer de volta. Pelo que você me diz, ele o *tem* de volta, tem os dois. Mas imagino que vá querer tirar Fenny da sua… influência.” Ele pronunciou a última palavra com precisão germânica meticulosa.

Isso me gelou os ossos. “Levá-lo.”

“Levá-lo.”

“Não posso salvá-lo?”, perguntei, quase suplicante.

“Desconfio que mais ninguém possa”, disse ele, olhando para mim como se de uma grande distância.

“Você não pode ajudar? Por Deus!”

“Nem por Ele. Pelo que você disse, isso foi longe demais. Não acreditamos em exorcismos na minha igreja.”

“Você só acredita…” Eu estava furioso e desdenhoso.

“No mal, sim. Nós acreditamos nisso.”

Dei as costas para ele. O pastor deve ter achado que eu voltaria e implorar a sua ajuda, mas, como saí andando, ele gritou: “Cuide-se, professor”.

No caminho de volta para casa, eu estava meio atordoado. Não conseguia acreditar ou aceitar o que pareceu irrefutável quando eu estava falando com o pastor. Mas ele me mostrou o túmulo; e eu vi com meus próprios olhos a transformação em Fenny; e vi Gregory. Não é exagero dizer que o senti, que a impressão que ele provocou em mim foi assim tão forte.

De repente, parei de andar, a um quilômetro e meio de Four Forks, tendo que encarar a prova de que Gregory Bate sabia exatamente o que eu tinha descoberto e o que pretendia. Um dos campos cultivados ali perto formava uma colina ampla e limpa, visível da estrada, e ele estava no alto olhando para mim. Não moveu um músculo quando o vi, mas senti a intensidade que emanava dele, e devo ter dado um pulo de trinta centímetros. Ele estava me olhando como se pudesse ler todos os pensamentos na minha cabeça. Nas nuvens mais acima, um falcão girava sem destino. Todos os indícios de dúvida desapareceram de dentro de mim. Nesse momento, soube que tudo o que Gruber dissera era verdade.

Precisei me esforçar para não sair correndo. Mas não demonstraria covardia para ele, por mais covarde que me sentisse. Ele estava esperando que eu corresse, imagino, parado ali com os braços caídos e o rosto pálido visível apenas como uma mancha branca, com todo aquele sentimento direcionado para mim. Eu me obriguei a continuar o caminho de casa andando.

No jantar, mal consegui engolir a comida; dei apenas uma ou duas garfadas. Mather disse: “Se você quer passar fome, tem mais gente aqui. Para mim, sem problemas”.

Eu o encarei diretamente. “Fenny Bate tinha um irmão além da irmã?”

Ele me olhou com o máximo de curiosidade que tinha.

“E então, tinha?”

“Tinha.”

“Qual era o nome do irmão?”

“Era Gregory, mas agradeço se você puder não falar nele.”

“Vocês tinham medo dele?”, perguntei, pois vi medo no rosto de Mather e no da mulher.

“Por favor, sr. James”, disse Sophronia Mather. “Isso não vai trazer nada de bom.”

“Ninguém fala desse Gregory Bate”, disse o marido.

“O que aconteceu com ele?”, perguntei.

Ele parou de mastigar e botou o garfo na mesa. “Não sei o que você ouviu e nem de quem ouviu, mas vou dizer uma coisa. Se existiu um homem amaldiçoado, esse homem era Gregory Bate, e o que aconteceu com ele foi merecido. Agora chega de conversa sobre Gregory Bate.” Ele colocou mais comida na boca, e a discussão acabou. A sra. Mather manteve o olhar religiosamente fixo no prato pelo resto da refeição.

Eu estava incomodado. Nenhuma das crianças Bate apareceu na escola durante dois ou três dias, e quase pareceu que eu sonhara a história toda. Segui automaticamente com as aulas, mas minha mente estava com eles, principalmente com o pobre Fenny e o perigo que corria.

O que, mais do que tudo, manteve o horror presente foi a visão de Gregory na cidade um dia.

Como era sábado, Four Forks estava cheia de fazendeiros e suas esposas, que iam fazer compras. Todos os sábados, a cidadezinha tinha quase aparência de um mercado a céu aberto, pelo menos em contraste com a normalidade. As calçadas ficavam lotadas, e as lojas tinham muito movimento. Dezenas de cavalos andavam pela rua, e por todos os lados era possível ver os rostos ansiosos de crianças, todas amontoadas nas traseiras de carroças, os olhos arregalados por estarem na cidade. Reconheci vários dos meus alunos e acenei para alguns.

De repente, um fazendeiro grandalhão que eu nunca tinha visto deu um tapinha em meu ombro e disse que sabia que eu era professor do filho dele e que gostaria de apertar minha mão. Eu agradeci e o ouvi falar um pouco. Mas vi Gregory por cima do ombro dele. Estava encostado na parede lateral do correio, indiferente a tudo ao redor e olhando para mim. Apenas olhando atentamente, como devia estar fazendo do alto da colina. Minha boca secou, e alguma coisa óbvia deve ter surgido no meu rosto, porque o pai do meu aluno parou de falar e perguntou se eu estava me sentindo bem.

“Ah, sim”, falei, mas deve ter parecido que eu estava sendo deliberadamente grosseiro, porque ficava olhando por cima do seu ombro. Mais ninguém conseguia ver Gregory; as pessoas só passavam direto, seguindo a vida normalmente e olhando através dele.

Agora, onde eu vi abandono e liberdade, só conseguia ver depravação.

Dei alguma desculpa para o fazendeiro — dor de cabeça, dente inflamado — e me virei para Gregory. Ele não estava mais lá. Tinha sumido durante os poucos segundos em que me despedi do pai do aluno.

Assim, eu soube que o confronto estava chegando, e que ele escolheria a hora e o lugar.

Quando Fenny e Constance foram à escola de novo, eu estava determinado a protegê-los. Os dois estavam pálidos e silenciosos, e uma aura de estranhamento os envolvia, o que foi suficiente para que as outras crianças os deixassem em paz. Uns quatro dias tinham passado desde que vi o irmão deles encostado na parede do correio de Four Forks. Eu não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido com eles desde que os vi pela última vez, mas pelo jeito uma doença os tinha consumido. Pareciam perdidos e distantes, aquelas crianças maltrapilhas e retraídas. Eu estava determinado a mantê-los sob minha proteção.

Quando a aula do dia acabou, eu os mantive na sala enquanto os outros corriam para casa. Eles ficaram sentados sem reclamar, abalados e aparvalhados.

“Por que ele deixou vocês virem à escola?”, perguntei.

Fenny olhou para mim sem entender e perguntou: “Quem?”.

Eu estava estupefato. “Gregory, claro.”

Fenny sacudiu a cabeça, como se para afastar uma névoa. “Gregory? Nós não vemos Gregory há muito tempo. É, não o vemos há muito tempo.”

Agora eu estava chocado: os dois estavam tristes pela ausência dele!

“Então o que vocês fazem?”

“Nós vamos.”

“Vão?”

Constance assentiu, concordando com Fenny: “Nós vamos”.

“Vão onde? Vão fazer o quê?”

Os dois ficaram me olhando de boca aberta, como se eu fosse muito burro.

“Vão encontrar Gregory?” Era horrível, mas eu não conseguia pensar em mais nada.

Fenny balançou a cabeça. “Nós nunca vemos Gregory.”

“Não”, disse Constance, e fiquei horrorizado ao ouvir o lamento na voz dela. “Nós só vamos.”

Fenny pareceu ganhar vida por um momento. Ele disse: “Mas eu o ouvi uma vez. Ele disse que só existe isso e mais nada. Não tem mais nada além disso. Não tem nada como você falou, como nos mapas. Não tem”.

“O que tem por aí, então?”, perguntei.

“É o que nós vemos”, disse Fenny.

“Veem?”

“Quando nós vamos”, respondeu ele.

“O que vocês veem?”, eu perguntei.

“É bonito”, disse Constance, e apoiou a cabeça na mesa. “É muito bonito.”

Eu não tinha a menor ideia do que eles estavam dizendo, mas não gostei muito de como soou, e achei que teria tempo futuramente para falar mais sobre isso. “Bom, ninguém vai a lugar nenhum hoje”, avisei. “Quero que vocês dois fiquem aqui comigo hoje. Quero proteger vocês.”

Fenny assentiu, mas de forma idiota e sem ânimo, como se não ligasse muito para o lugar em que passaria as noites, e quando olhei para Constance para ver se ela concordava, a menina já tinha adormecido.

“Tudo bem, então”, eu disse. “Podemos arrumar lugares para dormir mais tarde, e amanhã vou tentar conseguir camas na cidade. Vocês dois não podem mais ficar na floresta sozinhos.”

Fenny assentiu sem entusiasmo de novo, e vi que ele também estava quase adormecendo. “Pode baixar a cabeça”, eu disse.

Em questão segundos, os dois estavam dormindo com a cabeça na mesa. Era quase possível concordar com a declaração horrível de Gregory naquele momento; parecia mesmo que isso era tudo o que existia, tudo o que havia em

todos os lugares, apenas eu e duas crianças exaustas em uma escola que mais parecia um celeiro frio. Minha sensação de realidade sofrera muitos abalos. Enquanto nós três estávamos na escola, o dia começou a terminar, e a área toda da sala, mal iluminada mesmo nas melhores horas, ficou escura e cheia de sombras. Não tive coragem de acender as luzes, então ficamos sentados lá, como se no fundo de um poço. Eu tinha prometido que encontraria camas no vilarejo, mas aquele buraco miserável a menos de cinquenta passos da estrada parecia estar a quilômetros de distância. E, mesmo que eu tivesse energia e confiança para deixá-los sozinhos, não era capaz de imaginar quem os acolheria. Se fosse um poço, era um poço de desesperança, e eu parecia tão perdido quanto as crianças.

Por fim, não aguentei mais, então fui até Fenny e o balancei pelo braço. Ele despertou como um animal assustado, e eu apenas o segurei na cadeira usando toda a minha força. E disse: “Tenho que saber a verdade, Fenny. O que aconteceu com Gregory?”.

“Ele foi”, disse o menino, novamente mal-humorado.

“Você quer dizer que ele morreu?”

Fenny assentiu, e sua boca se abriu, e novamente vi os dentes podres horríveis.

“Mas ele volta?”

Ele assentiu de novo.

“E você o vê?”

“*Ele* vê a gente”, disse Fenny com firmeza. “Ele olha e olha. Quer tocar.”

“Tocar?”

“Como antes.”

Coloquei a mão na minha testa. Estava quente. Cada palavra que Fenny dizia abria um novo abismo. “Mas vocês tombaram a escada?”

Fenny apenas olhou estupidamente para a mesa, e eu repeti a pergunta. “Vocês tombaram a escada, Fenny?”

“Ele olha e olha”, disse Fenny, como se fosse o principal fato a ocupar sua consciência.

Coloquei as mãos em sua cabeça para fazê-lo olhar para mim, e naquele momento o rosto de seu atormentador apareceu na janela. Aquele rosto branco terrível, como se quisesse impedir que Fenny respondesse a minhas perguntas. Fiquei enjoado, como se tivesse sido jogado de volta no poço, mas também me senti como se a hora da batalha tivesse enfim chegado, e puxei Fenny para perto de mim, tentando protegê-lo fisicamente.

“Ele está aqui?”, gritou Fenny e, ao som da voz dele, Constance caiu no chão e começou a chorar.

“Que importância tem?”, gritei. “Ele não vai pegar vocês. *Eu* estou com vocês. Ele sabe que perdeu vocês para sempre!”

“Onde ele está?”, gritou Fenny de novo, me empurrando. “Onde está Gregory?”

“*Ali*”, eu disse e o virei de frente para a janela.

Ele já estava se virando, e nós dois olhamos para uma janela vazia; não havia nada ali além do céu escuro e vazio. A sensação foi triunfo: eu venci. Segurei o braço de Fenny com toda a força da minha vitória, e ele deu um grito de puro desespero. O garoto caiu para a frente, e eu o segurei como se ele estivesse pulando no próprio poço do inferno. Só alguns segundos depois foi que percebi *o que* segurei: seu coração tinha parado, e eu estava segurando um corpo vazio. Ele tinha partido de vez.

“E foi isso”, disse Sears, olhando para o círculo de amigos. “Gregory também sumiu de vez. Eu tive uma febre quase fatal — foi o que senti na testa — e passei três semanas no quarto do sótão de Mather. Quando me recuperei e consegui me deslocar novamente, Fenny estava enterrado. Tinha partido de vez. Eu quis largar o emprego e ir embora do vilarejo, mas me fizeram cumprir o contrato, e voltei a dar aulas. Eu estava arrasado, mas consegui cumprir minhas funções. No fim, estava até usando a palmatória. Tinha abandonado todas as minhas ideias liberais e, quando fui embora, era visto como um professor bom e satisfatório.

“Mas tem outra coisa. No dia em que fui embora de Four Forks, visitei pela primeira vez o túmulo de Fenny. Era atrás da igreja, ao lado da sepultura do irmão. Eu olhei para os dois túmulos, e sabem o que senti? Não senti nada. Me senti vazio. Como se não tivesse nada a ver com aquilo.”

“O que aconteceu com a irmã?”, perguntou Lewis.

“Ah, ela não era problema. Era uma menina quieta, e as pessoas sentiam pena dela. Eu tinha superestimado a avareza da cidade. Uma das famílias a acolheu. Pelo que sei, era tratada como filha. Ao que parece engravidou, se casou com o garoto e foi embora da cidade. Mas isso só anos depois.”

FREDERICK HAWTHORNE

1

Ricky voltou andando para casa, surpreso de ver neve no ar. *Vai ser um inverno horrível*, pensou ele, *todas as estações estão ficando malucas*. No brilho em

torno do poste de luz no final da Montgomery Street, flocos de neve rodopiavam e caíam e se agarravam ao chão por um tempo antes de derreter. O ar frio entrava embaixo do sobretudo de tweed. Ainda havia meia hora de caminhada pela frente, e ele lamentou não ter ido de carro, o Buick velho no qual Stella fazia questão de não tocar — nas noites frias, ele costumava dirigir. Mas naquela queria tempo para pensar: pretendia interrogar Sears a respeito do conteúdo da carta destinada a Donald Wanderley e precisava desenvolver uma técnica. Sabia que tinha falhado nesse sentido. Sears contou apenas o que desejava e mais nada. Mesmo assim, o dano, do ponto de vista de Ricky, estava feito; que sentido havia em saber como a carta foi escrita? Ele surpreendeu a si mesmo com um suspiro alto e viu sua respiração soprando alguns flocos que caíam preguiçosamente e saíram girando em um padrão intricado enquanto derretiam.

Ultimamente, todas as histórias, inclusive as suas, o deixavam tenso durante horas; mas naquela noite sentia mais do que isso. Nessa ocasião se sentia particularmente nervoso. As noites de Ricky passaram a ser horríveis sem exceção, os sonhos sobre os quais falou com Sears o perseguiam até o amanhecer, e ele não tinha dúvida de que as histórias que contava e ouvia dos amigos davam substância a isso; mesmo assim, achava que a ansiedade não era produto dos sonhos. Nem das histórias, embora a de Sears tivesse sido mais tenebrosa do que a maioria; todas estavam ficando mais pesadas. Eles enchiam uns aos outros de medo a cada vez que se encontravam, mas continuavam a se encontrar porque, do contrário, seria ainda mais assustador. Era reconfortante eles estarem juntos, verem que cada um estava seguindo em frente. Até Lewis estava com medo, caso contrário por que teria votado a favor de escrever para Donald Wanderley? Era isso, saber que a carta estava a caminho, seguindo em uma bolsa de carteiro em algum lugar, que deixava Ricky mais nervoso do que o normal.

Talvez eu devesse mesmo ter saído desta cidade séculos atrás, pensou ele, olhando para as casas pelas quais passava. Eram poucas as residências em que ele não tinha entrado pelo menos uma vez, a trabalho ou lazer, para ver um cliente ou jantar. *Talvez eu devesse ter ido para Nova York quando me casei, como Stella queria;* para Ricky, era um pensamento de uma deslealdade impressionante. Apenas gradualmente, e de forma imperfeita, foi que ele convenceu Stella de que sua vida era em Milburn, com Sears James e a advocacia. Um vento frio atingiu seu pescoço e lhe empurrou o chapéu. Na esquina à frente, viu o Lincoln preto comprido de Sears estacionado junto ao meio-fio; havia uma luz acesa na biblioteca. Sears não conseguiria dormir, não depois de contar uma história daquelas. Agora, todos sabiam os efeitos de reviver esses eventos do passado.

Mas não são só as histórias, pensou ele; não, e também não é *apenas a carta. Alguma coisa vai acontecer*. Era por isso que eles contavam as histórias. Ricky não era dado a premonições, mas o medo do futuro que sentiu duas semanas antes, quando estava conversando com Sears, voltou com tudo. Era por isso que tinha pensado em se mudar da cidade. Ele entrou na Melrose Avenue; "avenida", presumivelmente, por causa das árvores densas que a ladeavam. Os galhos se projetavam como se gesticulassem, tingidos de laranja pelas luzes dos postes. Durante o dia, as últimas folhas caíram. *Alguma coisa vai acontecer com a cidade toda*. Um galho rangeu acima da cabeça de Ricky. Um caminhão mudou de marcha bem atrás dele, na Route 17: os sons viajavam longe nas noites frias de Milburn. Quando seguiu em frente, conseguiu ver as luzes acesas do próprio quarto no terceiro andar da casa. Suas orelhas e seu nariz doíam de frio. Depois de uma vida tão longa e razoável, disse para si mesmo, você não pode vir bancar o místico comigo, velho amigo. Vamos precisar de toda a racionalidade que pudermos reunir.

Naquele momento, perto de onde se sentia mais seguro e com a tranquilidade que permitiu a si mesmo em pensamento, pareceu a Ricky que alguém o estava seguindo; que tinha alguém na esquina, olhando furiosamente para ele. Conseguia sentir olhos frios grudados nele, e na sua mente parecia que flutuavam sozinhos — apenas olhos em seu encalço. Sabia como seriam, claros, pálidos e luminosos, flutuando na altura dos olhos dele. A ausência de sentimentos neles seria horrível; seriam como olhos em uma máscara. Ele se virou, esperando encontrá-los ali, tamanha a força da sensação que causavam. Envergonhado, percebeu que estava tremendo. Claro que a rua estava vazia. Era apenas uma rua vazia, mesmo em uma noite escura, tão comum quanto um filhote de vira-lata.

Desta vez, você conseguiu se deixar com medo de verdade, pensou ele, você e aquela história horrível que Sears contou. Olhos! Parecia algo saído de um filme antigo de Peter Lorre. *Os olhos de… de Gregory Bate?* Droga. *As mãos do dr. Orlac*. Está bem claro, Ricky disse para si mesmo, nada vai acontecer, somos apenas quatro velhos esquisitos ficando loucos. E imaginar que pensei…

Mas não achou que os olhos estivessem atrás dele, simplesmente sabia. Foi uma certeza.

Besteira, ele quase disse em voz alta, mas entrou pela porta da frente um pouco mais rapidamente do que o habitual.

• • •

Sua casa estava escura, como sempre ficava nas noites da Sociedade Chowder. Passando os dedos na beirada do sofá, Ricky desviou da mesa de centro que em

outras noites lhe provocou alguns hematomas; depois de vencer o obstáculo, tateou por um canto até a sala de jantar e foi para a cozinha. Ali, poderia acender a luz sem a possibilidade de perturbar o sono de Stella; só poderia fazer isso novamente no alto da casa, no closet que, assim como a horrível mesa de centro italiana, tinha sido a ideia mais recente da esposa. Como ela observou, os armários deles estavam cheios demais, não havia lugar para guardar as roupas das outras estações, e o quartinho contíguo ao do casal provavelmente não seria mais usado agora que Robert e Jane tinham ido embora; assim, com um custo de oitocentos dólares, eles o converteram em closet, com araras de roupas e espelhos e um tapete macio e novo. O closet provou uma coisa para Ricky: como Stella sempre disse, ele tinha mesmo tantas roupas quanto a esposa. Isso foi uma surpresa para ele, que era tão sem vaidade que desconhecia seu próprio dandismo ocasional.

Uma surpresa mais imediata foi a constatação de que suas mãos estavam tremendo. Ele pretendia fazer uma xícara de chá de camomila, mas, quando viu a maneira como tremia, pegou uma garrafa no armário e serviu uma pequena dose de uísque em um copo. Velho idiota e medroso. Mas xingar a si mesmo não ajudaria e, quando ele levou o copo aos lábios, as mãos ainda estavam tremendo. Era esse maldito aniversário. O uísque, quando colocou a bebida na boca, tinha gosto de óleo diesel, e ele cuspiu tudo na pia. Pobre Edward. Ricky enxaguou o copo, apagou a luz e subiu a escada no escuro.

De pijama, ele saiu do closet e atravessou o corredor em direção ao quarto. Silenciosamente, abriu a porta. Stella estava deitada, respirando baixo e de maneira cadenciada, em um lado da cama. Se conseguisse chegar no lado dele evitando esbarrar na cadeira, chutar as botas dela ou encostar no espelho e fazê-lo sacudir, poderia subir na cama sem incomodá-la.

Ele alcançou o seu lado da cama sem acordá-la e entrou silenciosamente debaixo dos cobertores. Delicadamente, acariciou o ombro nu da mulher. Era bem provável que ela estivesse tendo outro caso, ou pelo menos um dos seus flertes mais sérios, e Ricky pensou que a esposa deveria ter voltado com o professor que conhecera um ano antes — ao telefone, havia um silêncio ofegante que era algo típico dele; havia bastante tempo, Ricky decidira que muitas coisas eram piores do que o fato de Stella ir para a cama com outras pessoas de vez em quando. Ela levava a vida à sua maneira, e ele tinha grande responsabilidade nisso. Apesar do que às vezes sentia e do que dissera para Sears duas semanas antes, não estar casado seria um empobrecimento.

Ele se espreguiçou, esperando o que sabia que aconteceria. Então se lembrou da sensação dos olhos às suas costas; desejou que Stella pudesse ajudar, que fosse capaz de confortá-lo de alguma forma; mas, sem querer alarmá-la ou

perturbá-la, achando que cessariam a cada novo dia e pensando que também eram algo única e particularmente seu, nunca lhe contou a respeito dos pesadelos. Esse é Ricky Hawthorne se preparando para dormir: deitado de barriga para cima, com o rosto inteligente sem exibir sinal das emoções que estavam por trás dele, as mãos atrás da cabeça, os olhos abertos; cansado, inquieto, com ciúmes; temeroso.

2

No quarto do Archer Hotel, Anna Mostyn ficou parada na janela, observando os flocos de neve caindo sobre rua. Embora a luz do teto estivesse apagada e passasse da meia-noite, ainda se encontrava completamente vestida. O sobretudo estava em cima da cama, como se ela tivesse acabado de chegar ou estivesse de saída.

Ela ficou em frente à janela fumando, uma mulher alta e atraente com cabelo escuro e olhos azuis alongados. Conseguia ver quase toda a Main Street, a praça deserta de um lado, com os bancos vazios e as árvores nuas, as fachadas escurecidas das lojas, o restaurante Village Pump e uma loja de departamentos; dois quarteirões depois, um sinal de trânsito ficou verde na rua vazia. A Main Street se estendia por oito quarteirões, mas as construções só eram visíveis como vitrines obscurecidas ou prédios de escritórios. No lado oposto da praça, ela via as fachadas escuras das duas igrejas acima das árvores altas. Na praça, um general de bronze da Guerra da Independência dos Estados Unidos fazia um gesto grandioso com um mosquete.

Hoje ou amanhã?, perguntou-se ela, tragando o cigarro e observando a cidadezinha.

Hoje.

3

Quando o sono finalmente chegou para Ricky Hawthorne, foi como se ele não estivesse apenas sonhando, mas como se, na verdade, seu corpo tivesse sido içado e ainda permanecesse acordado num outro aposento, em outra casa. Ele estava deitado na cama em um quarto estranho, esperando alguma coisa acontecer. O quarto parecia deserto, parte de uma casa abandonada. As paredes e o chão eram de tábuas nuas; a janela era apenas uma moldura vazia, com o sol

entrando por uma dezena de frestas. Partículas de poeira giravam nesses raios de luz. Ele não fazia ideia de como poderia saber, mas sabia que alguma coisa aconteceria e que estava com medo. Não conseguiu sair da cama; mas, mesmo que seus músculos estivessem funcionando, sabia com a mesma convicção que não tinha como escapar do que estava por vir. O quarto ficava em um piso superior da casa; pela janela, ele via apenas nuvens cinzentas e um céu de um azul pálido. Mas o que estava chegando viria de dentro, e não do lado de fora.

Seu corpo estava escondido sob uma colcha de retalhos velha e tão surrada que alguns quadrados estavam brancos. Embaixo da coberta, suas pernas estavam paralisadas, duas linhas sobressalentes no tecido. Quando Ricky olhou para cima, percebeu que conseguia ver todos os detalhes da parede com uma nitidez maior que a habitual: via como as fibras desciam pelo veio da madeira, como os nós eram formados, o jeito como as cabeças dos pregos se destacavam no alto de algumas tábuas. Uma brisa entrava no quarto, fazendo a poeira voar.

Ele ouviu um estrondo vindo de um andar inferior da casa; era o barulho de uma porta sendo aberta, uma porta pesada de porão batendo contra a parede. Até o quarto em que estava, no andar de cima, tremeu. Prestando atenção, escutou uma forma complexa se arrastando para fora do porão: era uma forma pesada, animalesca, e teve que se espremer para passar pela porta. A madeira rachou, e Ricky ouviu a criatura batendo em uma parede. O que quer que fosse, estava começando a investigar o térreo, deslocando-se de forma lenta e arrastada. Ricky conseguia visualizar o que a criatura via: uma série de quartos vazios iguais ao seu. No térreo, grama alta e erva daninha estariam crescendo pelas rachaduras do piso. A luz do sol estaria tocando nos flancos e nas costas da coisa que se movia pesadamente e com determinação pelos aposentos vazios. A coisa no andar de baixo produziu um ruído de sucção, depois um grunhido agudo. Estava à sua procura. Farejava pela casa, sabendo que ele estava lá.

Ricky tentou novamente forçar as pernas a se moverem, mas os dois volumes sob o tecido sequer tremeram. A coisa no andar de baixo esbarrava nas paredes quando passava pelos quartos, produzindo um som estridente; a madeira estalou. Ele teve a impressão de ter ouvido uma tábua podre do piso se quebrando.

Em seguida, ouviu o ruído que temia: a criatura abriu caminho com o ombro por outra porta. Os barulhos do andar inferior de repente ficaram mais altos; ele conseguia ouvir a coisa respirando. Estava no pé da escada.

Ele ouviu a coisa se lançando pela escada.

Martelando as escadas, subiu seis degraus, a julgar pelos sons, mas logo depois escorregou para baixo novamente. Em seguida, foi mais devagar, resmungando com impaciência, escalando dois ou três degraus por vez.

O rosto de Ricky estava molhado de suor. O que mais o assustava era que não podia ter certeza se estava sonhando ou não; se pudesse se certificar de que era apenas um sonho, sofreria tão somente enquanto aquilo durasse, esperando o que havia lá embaixo subir até o topo da escada e entrar no quarto. O susto o acordaria. Mas não parecia um sonho. Seus sentidos estavam alertas, sua mente estava clara, a experiência toda não tinha a atmosfera desencarnada e etérea dos sonhos. Ele jamais havia suado em pesadelos. E, se estivesse acordado, a coisa esbarrando e fazendo barulho na escada iria pegá-lo, porque ele não conseguia se mover.

Os barulhos mudaram, e Ricky percebeu que estava realmente no terceiro andar da casa abandonada, porque a coisa que o procurava se encontrava no segundo. Os ruídos estavam bem mais altos: o ganido, o som arrastado do corpo esbarrando nas portas e paredes. Estava se movendo mais depressa, como se sentisse o seu cheiro.

A poeira ainda rodopiava em meio aos raios aleatórios de sol; as poucas nuvens ainda corriam por um céu que remetia ao início da primavera. O piso tremia enquanto a criatura se debatia com impaciência no patamar.

Agora, era possível ouvir sua respiração claramente. A criatura se precipitou no último lance de escada, fazendo um ruído como o de uma bola de demolição batendo na lateral de um prédio. O estômago de Ricky parecia cheio de gelo; ele estava com medo de vomitar — de expelir cubos de gelo. Sua garganta apertou. Ele teria gritado, mas achou, mesmo sabendo que não era verdade, que, se não fizesse nenhum barulho, talvez a coisa não o encontrasse. A coisa resmungou e ganiu, debatendo-se pela escada. Um corrimão se quebrou.

Quando chegou ao patamar perto da porta do quarto, ele soube o que era. Uma aranha; era uma aranha gigante. Golpeando a porta do quarto. Ele ouviu a criatura começar a ganir novamente. Se aranhas pudessem ganir, seria assim. Uma porção de pernas roçava na porta enquanto o ganido se tornava mais alto. Ricky sentiu puro terror, um medo lívido e elementar, pior do que qualquer coisa que experimentara na vida.

Mas a porta não se quebrou. Abriu silenciosamente. Uma forma preta e alta apareceu além da moldura. Não era uma aranha, fosse lá o que aquilo fosse, e o terror de Ricky diminuiu uma fraçãozinha quase impossível de notar. O vulto escuro na porta não se moveu por um momento, ficou parado, como se estivesse olhando para ele. Ricky tentou engolir; conseguiu usar os braços para se levantar. As tábuas ásperas arranharam suas costas, e ele pensou de novo: *isto não um é sonho*.

A forma preta passou pela porta.

Ricky viu que não era um animal, mas um homem. Porém outra silhueta escura se destacou, e mais outra, e então ele percebeu que eram três homens. Embaixo do capuz que caía sobre os rostos sem vida, vislumbrou feições familiares. Sears James, John Jaffrey e Lewis Benedikt estavam à sua frente, e Ricky soube que estavam mortos.

Ele acordou gritando. Seus olhos se abriram para a visão habitual das manhãs na Melrose Avenue, o quarto com paredes cor de creme e as gravuras que Stella comprara na última viagem a Londres, a janela com vista para o quintal amplo, uma camisa sobre uma cadeira. A mão firme de Stella segurou seu ombro. O quarto parecia misteriosamente sem luz. Movido por um impulso poderoso que não conseguiu nomear, Ricky pulou da cama — ou pelo menos chegou tão perto de pular da cama quanto seus joelhos de setenta anos permitiriam — e foi até a janela. Stella, atrás dele, perguntou: “O que foi?”. Ele não sabia o que estava procurando, mas o que viu foi algo inesperado: o quintal inteiro, e todos os telhados das casas vizinhas, estavam cobertos de neve. O céu também estava estranhamente sem luz. Não sabia o que ia dizer, mas, quando abriu a boca, falou: “Nevou a noite inteira, Stella. John Jaffrey não deveria ter dado aquela maldita festa”.

4

Stella se sentou na cama e se dirigiu a ele como se tivesse dito algo minimamente razoável. “A festa de John não foi há mais de um ano, Ricky? Não sei o que isso tem a ver com a neve de ontem à noite.”

Ele esfregou os olhos e as bochechas secas; ajeitou o bigode. “Fez um ano ontem à noite.” Nesse momento, se deu conta do que a mulher tinha dito. “Não, claro que não. Não tem ligação nenhuma.”

“Volte para a cama e me conte o que houve, amor.”

“Ah, eu estou bem”, disse ele, mas voltou para a cama. Quando estava levantando o cobertor para se deitar, Stella disse: “Você não está bem, amor. Deve ter tido um sonho horrível. Quer me contar?”.

“Não faz muito sentido.”

“Me conte mesmo assim.” Ela começou a acariciar as costas e os ombros dele, que se virou para observar a cabeça da mulher no travesseiro azul-escuro. Como Sears dissera, Stella era uma beleza: era linda quando ele a conheceu e, aparentemente, ainda seria quando morresse. Não era uma beleza robusta de caixa de chocolates, e sim uma que se revelava em maçãs do rosto pronunciadas,

planícies faciais retas e sobrancelhas pretas marcantes. O cabelo de Stella ficou implacavelmente grisalho aos trinta e poucos anos, e ela se recusou a pintar, percebendo, bem antes de qualquer pessoa, o tipo de atração sexual que uma cabeça cheia de cabelos grisalhos abundantes exerceria em combinação com um rosto jovem; agora, o cabelo grisalho continuava abundante, e o rosto não estava tão menos jovem. Seria mais verdadeiro dizer que nunca foi exatamente jovem, nem chegaria a envelhecer de fato: na realidade, a cada ano, até quase os cinquenta, sua beleza só ganhou em plenitude, e mesmo depois disso não declinou. Ela era dez anos mais nova do que Ricky, mas em seus melhores dias ainda parecia ter passado só um pouquinho dos quarenta.

"Me conte, Ricky", disse ela. "Que diabos está acontecendo?"

Ele começou a contar o sonho e viu preocupação, horror, amor e medo cruzando o rosto elegante da esposa. Ela continuou massageando as costas dele, depois passou sua mão para o peito.

"Amor", disse quando ele terminou, "sério mesmo que você tem sonhos assim todas as noites?"

"Não", disse ele, olhando o rosto dela e vendo, por baixo das emoções superficiais do momento, o egocentrismo e o divertimento que estavam sempre presentes em Stella e que sempre apareciam lado a lado. "Esse foi o pior." E então, sorrindo de leve porque percebeu aonde ela estava querendo chegar com tantas massagens, disse: "Foi o campeão".

"Você anda muito tenso ultimamente." Ela levantou a mão dele e levou aos lábios.

"Eu sei."

"Todos vocês têm esses pesadelos?"

"Todos quem?"

"A Sociedade Chowder." Ela colocou a mão dele em sua bochecha.

"Acho que sim."

"Bom", disse ela, sentou-se e, cruzando os braços com os cotovelos virados para fora, começou a puxar a camisola por cima da cabeça, "vocês, velhos tolos, não acham que deveriam fazer alguma coisa a respeito?" Já sem a roupa de dormir, ela mexeu a cabeça para ajeitar os cabelos. Os dois filhos deixaram seus seios murchos e os mamilos grandes e marrons, mas o corpo de Stella envelhecera apenas um pouco mais que seu rosto.

"Nós não sabemos o que fazer", confessou ele.

"Ah, eu sei o que fazer", disse ela, voltando para a cama e abrindo os braços. Se Ricky alguma vez desejou ter permanecido solteirão como Sears, essa vontade não se manifestou naquela manhã.

“Seu velho gostoso”, disse Stella quando eles terminaram, “você teria desistido disso muito tempo atrás se não fosse eu. Que desperdício teria sido. Se não fosse eu, você teria vergonha até de tirar as roupas.”

“Isso não é verdade.”

“Ah, é? O que você faria, então? Sairia correndo atrás de garotinhas, como Lewis Benedikt?”

“Lewis não corre atrás de garotinhas.”

“Moças de vinte e poucos anos, então.”

“Não. Eu não faria isso.”

“Está vendo? Eu estou certa. Você não teria vida sexual nenhuma, como seu querido sócio Sears.” Ela ergueu o lençol e o cobertor do seu lado da cama e se levantou. “Vou tomar banho primeiro”, avisou ela. Stella exigia muito tempo sozinha no banheiro todas as manhãs. Colocava o roupão comprido branco-acinzentado e parecia prestes a mandar alguém saquear Troia. “Mas vou dizer o que você deveria fazer. Você deveria ligar para Sears agora mesmo e contar para ele esse sonho horrível. Você não vai melhorar nada se, pelo menos, não falar sobre o assunto. Se conheço bem você e Sears, os dois são capazes de passar semanas sem comentar nada pessoal um para o outro. Isso é horrível. Sobre o que vocês *falam*, afinal?”

“Sobre o que falamos?”, perguntou Ricky, um pouco surpreso. “Nós falamos sobre a lei.”

“Ah, a lei”, disse Stella e saiu andando para o banheiro.

Quando voltou, quase trinta minutos depois, ele estava sentado na cama com a expressão confusa. As bolsas embaixo dos olhos estavam maiores do que o habitual. “O jornal ainda não chegou”, contou ele. “Eu desci e procurei.”

“Claro que não”, disse Stella, largando uma toalha e uma caixa de lenços de papel na cama, depois se virou de novo para entrar no closet. “Que horas você acha que são?”

“Que horas? Nossa, que horas são? Meu relógio está na mesa.”

“Pouco depois das sete.”

“Sete?” Eles normalmente só se levantavam após as oito, e Ricky costumava enrolar em casa até nove e meia e só então sair para o escritório na Wheat Row. Embora nem ele e nem Sears admitissem, não havia mais muito trabalho; clientes antigos apareciam de tempos em tempos, havia alguns processos complicados que pareciam se arrastar até a década seguinte, sempre surgia um testamento ou outro ou um problema de impostos para esclarecer, mas eles poderiam ficar em casa dois dias por semana sem que ninguém percebesse. Sozinho em sua parte do escritório, Ricky estava relendo ultimamente o segundo

livro de Donald Wanderley, tentando sem sucesso se convencer de que queria o autor em Milburn. “O que estamos fazendo acordados?”

“Você nos acordou com seus gritos, caso tenha se esquecido”, disse Stella do closet. “Estava tendo problemas com um monstro que tentava devorar você, lembra?”

“Hum”, disse Ricky. “Bem que eu achei que estava escuro lá fora.”

“Não mude de assunto”, disse Stella, e em mais um ou dois minutos estava novamente ao lado da cama, completamente vestida. “Quando você começa a gritar enquanto dorme, está na hora de levar o que está acontecendo a sério. Sei que você não quer ir ao médico…”

“Pelo menos não a um médico para a cabeça”, disse Ricky. “Minha mente está funcionando muito bem.”

“Foi o que eu disse. Mas, como você não quer nem pensar nisso, deveria pelo menos conversar com Sears sobre o assunto. Não gosto de ver você se afligindo assim.” Com isso, ela saiu do quarto para descer as escadas.

Ricky se deitou e começou a pensar. Como disse para Stella, foi o pior dos pesadelos. Só de pensar a respeito agora, ficava perturbado — Stella descendo a escada era de alguma forma um som perturbador. O sonho foi extraordinariamente vivido, com detalhes e texturas de momentos de vigília. Ele se lembrava dos rostos dos amigos, pobres cadáveres desolados, abandonados pela vida. Foi horrível; foi em certo sentido imoral, e o choque à sua moralidade, ainda mais do que o horror, foi o que o fez abrir a boca e gritar. Talvez Stella estivesse certa. Sem saber como tocaria no assunto com Sears, ele pegou o telefone ao lado da cama. Depois que o telefone de Sears tocou uma vez, Ricky percebeu que estava agindo de forma muito diferente de como era de fato, e que não tinha a menor ideia do motivo por que Stella achava que Sears James teria alguma coisa boa para dizer. Mas já era tarde demais, e Sears havia atendido ao telefone, dizendo alô.

“É Ricky, Sears.”

Evidentemente, era uma manhã de demonstração de inconsistências de personalidade; nada era mais atípico de Sears do que a resposta que deu. “Ricky, graças a Deus”, disse ele. “Você deve ser médium. Eu ia ligar pra você. Pode vir me buscar em cinco minutos?”

“Preciso de uns quinze”, respondeu Ricky. “O que aconteceu?” E então, pensando no sonho: “Alguém morreu?”.

“Por que você está perguntando isso?”, questionou Sears com uma voz diferente, mais aguda.

“Por nenhum motivo. Conto mais tarde. Imagino que não vamos para Wheat Row.”

“Não. Acabei de receber uma ligação do Nosso Virgílio. Ele nos quer lá; quer processar todo mundo que houver por perto. Venha logo, tá?”

“Elmer quer nós dois na fazenda? O que aconteceu?”

Sears estava impaciente. “Alguma coisa de fazer tremer o chão, ao que parece. Vamos desligar, Ricky.”

5

Enquanto Ricky corria para tomar um banho escaldante, Lewis Benedikt estava correndo por uma trilha que atravessava a floresta. Ele fazia isso todas as manhãs, corria regularmente três quilômetros antes de preparar o café da manhã para si mesmo e para qualquer moça que pudesse ter passado a noite na sua casa. Hoje, como sempre acontecia depois das noites da Sociedade Chowder e com muito mais frequência do que os amigos imaginavam, não havia moça nenhuma, e Lewis estava forçando o ritmo mais do que o habitual. Na noite anterior, teve o pior pesadelo da vida; os efeitos ainda o afetavam, e ele achou que uma boa corrida pudesse afastá-los — enquanto outro homem escreveria em um diário ou contaria para sua amante ou tomaria uma bebida, Lewis se exercitava. Assim, agora, com trajes de corrida azuis e tênis Adidas, ele bufava enquanto corria pela trilha na floresta.

A propriedade de Lewis incluía florestas e pastos, além da casa de pedra da qual ele gostou desde o momento em que a viu. Era como uma fortaleza com janelas, uma construção enorme erguida no começo do século por um fazendeiro rico que apreciava o visual dos castelos nos livros ilustrados de Sir Walter Scott, muito admirados por sua esposa. Lewis não conhecia nem se importava com Sir Walter, mas os anos em que viveu em um hotel lhe trouxeram a necessidade de sentir uma enormidade de quartos ao redor. Ele teria claustrofobia em um chalé. Quando decidiu vender seu hotel para a cadeia que vinha oferecendo quantias cada vez maiores havia seis anos, ele tinha dinheiro suficiente sobrando, depois de descontados os impostos, para comprar a única casa em Milburn ou arredores que o satisfaria de fato, e também para mobiliá-la como desejasse. Os painéis de madeira, as armas e as lanças nem sempre agradavam as convidadas. (Stella Hawthorne, que passou três tardes aventureiras na fazenda de Lewis logo depois do retorno dele, disse que nunca estivera antes em um refeitório militar.) Ele vendeu o terreno de pastagem tão logo surgiu uma oportunidade, mas manteve a floresta porque gostava da ideia de ser seu dono.

Ao correr por lá, sempre via uma coisa nova que estimulava sua percepção de vida: um dia, um canteiro de campânulas-brancas e acônitos em um espaço ao lado do riacho, no seguinte um tordo-sargento do tamanho de um gato olhando para ele com olhos arregalados nos galhos de um bordo. Mas hoje ele não estava observando, apenas corria pelo caminho coberto de neve, desejando que o que quer que estivesse acontecendo parasse. Talvez o tal jovem Wanderley pudesse endireitar as coisas novamente: a julgar pelo seu livro, já tinha passado por lugares bem sombrios. Talvez John estivesse certo, e o sobrinho de Edward pudesse ao menos entender o que estava acontecendo com os quatro. Não podia ser apenas culpa depois de tanto tempo. A história de Eva Galli acontecera havia tanto tempo que dizia respeito a cinco homens diferentes em um país diferente; se você olhasse para aquela terra e a comparasse com o que era nos anos 1920, jamais pensaria que pudesse se tratar do mesmo lugar. Até sua floresta era replantada, embora ele gostasse de fingir que não.

Lewis, quando corria, gostava de pensar na floresta clímax enorme que já cobrira toda a América do Norte: um cinturão amplo de árvores e vegetação, uma riqueza silenciosa pela qual se moviam apenas ele e os índios. E alguns espíritos. Sim, em uma área infinita de floresta, dava para acreditar em espíritos. A mitologia indígena estava cheia deles — eram adequados à paisagem. Mas agora, em um mundo de lanchonetes Burger King, supermercados Piggly Wiggly e pistas de golfe Pitch and Putt, todos os velhos fantasmas tirânicos deveriam ter sido expulsos.

Eles ainda não foram expulsos, Lewis. Ainda não.

Era como se houvesse uma outra voz falando na sua mente. Até parece que não, ele disse para si mesmo, passando a mão no rosto.

Não aqui. Ainda não.

Merda. Ele estava assustando a si mesmo. Ainda se sentia afetado por aquele maldito sonho. Talvez fosse o momento de falarem a sério sobre esses sonhos uns com os outros, de descrevê-los. E se todos tivessem tido o mesmo pesadelo? O que isso significaria? A mente de Lewis não era capaz de ir tão longe. Bom, significaria alguma coisa, e pelo menos falar sobre o assunto ajudaria. Ele achou que tinha acordado com o susto de manhã. O pé afundou na neve derretida, e Lewis viu claramente a imagem final do sonho: os dois homens tirando o capuz para mostrar seus rostos cadavéricos.

Ainda não.

Droga. Ele parou de repente, na metade exata da corrida, e secou a testa com a manga do casaco esportivo. Queria já ter completado a corrida e estar na cozinha, preparando café ou sentindo o cheiro de bacon na frigideira. Você aguenta mais do que isso, abutre velho, disse para si mesmo, teve que aguentar

desde que Linda se matou. Ele se apoiou por um momento na cerca no fim do caminho, no ponto em que retornava para as árvores, e olhou sem direção específica para o campo que vendera. Agora, estava coberto por uma fina camada de neve, uma área irregular na qual a luz forte quicou e cantarolou momentaneamente. Aquilo tudo já tinha sido floresta. *Onde as coisas obscuras se escondiam*.

Ah, inferno. Bom, se já estiveram ali, não estavam visíveis agora. O ar era pesado e vazio, e a vista alcançava quase até o mergulho no vale, onde os caminhões da Route 17 seguiam o caminho para Binghamton e Elmira, ou na outra direção, para Newburgh ou Poughkeepsie. Apenas por um momento, a floresta atrás de si o deixou inquieto. Ele se virou; viu tão somente o caminho sinuoso até as árvores; ouviu só um esquilo zangado reclamando porque teria um inverno de fome.

Amigão, nós todos tivemos invernos de fome. Ele estava pensando na estação que sucedeu a morte de Linda. Nada afastava hóspedes como um suicídio público. E existe uma sra. Benedikt? Ah, sim, é ela quem está ali, sangrando no pátio — você sabe, aquela com o pescoço curvado de um jeito estranho. Eles foram embora um a um, deixando-o com uma propriedade de dois milhões de dólares em deterioração e nenhuma entrada de dinheiro. Foi necessário demitir três quartos dos funcionários e pagar os demais do próprio bolso. Os negócios demoraram três anos para voltar ao normal, e ele precisou de seis para pagar suas dívidas.

De repente, o que ele queria não era café e bacon, mas uma garrafa de cerveja O'Keefe. Um galão inteiro. Sua garganta estava seca, e o peito doía.

Sim, nós todos tivemos invernos de fome, amigão. Um galão de O'Keefe? Ele conseguiria engolir um barril. Lembrar da morte sem sentido e inexplicável de Linda o fez desejar a embriaguez.

Era hora de voltar. Abalado pela lembrança — o rosto de Linda lhe voltou à mente com clareza impressionante, fazendo-o reviver os nove anos desde aquele momento —, ele se virou de costas para a cerca e respirou fundo. A corrida, e não um galão de cerveja, era sua terapia agora. O caminho pelos dois quilômetros e meio de floresta parecia mais estreito, mais escuro.

O seu problema, Lewis, é que você é amarelo.

Foi o pesadelo que trouxe as lembranças de volta. Sears e John naquelas mortalhas do túmulo, com aqueles rostos sem vida. Por que não Ricky? Se os outros dois membros vivos da Sociedade Chowder estavam lá, por que não o terceiro?

Ele estava suando antes mesmo de começar a correr de volta.

O caminho do retorno fazia uma longa curva para a esquerda antes de se desviar na direção da casa; normalmente, esse desvio indevido era a parte favorita da corrida matinal. A floresta se fechava quase imediatamente depois e, depois de quinze passos, já era possível esquecer o campo aberto logo atrás. Mais do que qualquer outra parte do caminho, aquele ponto fazia lembrar a floresta clímax original: carvalhos grossos e bétulas femininas lutavam por espaço para suas raízes, samambaias altas se projetavam no caminho. Hoje, ele correu com tão pouco prazer quanto lhe era possível sentir. Todas aquelas árvores, sua quantidade e espessura, eram obscuramente ameaçadoras: correr para longe da casa era como correr para longe da segurança. Ao passar pela neve em pó no ar branco, se forçou mais intensamente a seguir a direção da casa.

Na primeira vez em que a sensação o atingiu, ele a ignorou, prometendo não se permitir ficar mais abalado do que já estava. Veio-lhe à mente que havia alguém de pé no início do caminho de volta, onde ficavam as primeiras árvores. Ele sabia que não poderia haver ninguém lá; era impossível que uma pessoa pudesse ter percorrido o campo sem ser notado. Mas a sensação persistiu; não admitia ser ignorada. Os olhos do seu observador pareciam segui-lo, aprofundando-se nas árvores amontoadas. Um grupo de corvos levantou voo dos galhos de um carvalho logo à frente. Normalmente, isso teria feito Lewis sorrir, mas, dessa vez, ele teve um sobressalto com a barulheira e quase caiu.

A sensação mudou nessa hora, ficou mais intensa. A pessoa logo atrás estava em seu encalço, olhando para ele com olhos enormes. Freneticamente, e sentindo desprezo por si mesmo, Lewis disparou para casa sem ousar olhar para trás. Conseguia sentir os olhos observando-o até alcançar a cobertura no quintal que ia da floresta até a porta da cozinha.

Ele correu por esse caminho, o peito puxando ar com irregularidade, girou a maçaneta e pulou para dentro. Bateu a porta e foi direto para a janela ao lado. O caminho estava vazio, e as únicas pegadas eram as suas. Ainda assim, Lewis estava assustado, olhando para a beirada da floresta. Por um momento, uma sinapse traidora do cérebro disse: talvez você devesse vender a casa e se mudar para a cidade. Mas não havia pegadas. Não poderia haver ninguém lá, se escondendo ao abrigo das árvores — ele não seria colocado para fora de casa por causa do medo, forçado por sua própria fraqueza a trocar o isolamento confortável e perfeito por aglomeração e desconforto. Ele sustentaria sua decisão, tomada em uma cozinha fria no primeiro dia de neve.

Lewis colocou uma chaleira no fogão, pegou o bule de café na prateleira, encheu o moedor com grãos Blue Mountain e segurou o botão até virarem pó. *Ah, inferno*. Abriu a geladeira, pegou uma garrafa de O’Keefe e, depois de tirar a tampa, bebeu quase tudo sem sentir o gosto ou engolir direito. Quando a cerveja

bateu no estômago, um pensamento de caráter duplo o surpreendeu. *Eu queria que Edward ainda estivesse vivo; eu queria que John não tivesse insistido tanto em dar aquela maldita festa*.

6

“Bom, pode falar”, disse Ricky. “O que foi, invasores de novo? Nós explicamos nossa posição sobre isso. Ele precisa saber que, mesmo que ganhasse, não conseguiria o suficiente em um processo de invasão de propriedade para pagar os custos.”

Estavam entrando na base do Cayuga Valley, e Ricky guiava o velho Buick com muito cuidado. As estradas estavam escorregadias e, embora normalmente mandasse colocar os pneus de neve antes de fazer o mesmo percurso de treze quilômetros até a fazenda de Elmer Scales, naquela manhã Sears não lhe deu tempo para isso. O próprio Sears, enorme com o chapéu preto e o casaco preto de gola de pele, parecia tão ciente disso quanto Ricky. “Concentre-se em dirigir”, disse ele. “Deve ter gelo nas estradas perto de Damascus.”

“Nós não vamos para Damascus”, observou Ricky.

“Mesmo assim.”

“Por que você não quis usar seu carro?”

“Mandei colocar os pneus de neve hoje de manhã.”

Ricky grunhiu, achando graça. Sears estava em um dos seus humores rebeldes, uma consequência frequente das conversas com Elmer Scales. Era um dos clientes mais antigos e difíceis que eles tinham. (Elmer os procurou pela primeira vez aos quinze anos de idade, com uma lista longa e complexa de pessoas que gostaria de processar. Os dois nunca conseguiram se livrar dele, e Elmer tampouco alterou sua percepção de conflito como uma situação que poderia ser mais bem resolvida com um processo imediato.) Um homem magrelo e animado, com orelhas de abano e voz aguda, Scales era chamado de “Nosso Virgílio” por Sears em virtude dos poemas que enviava ritualmente para revistas católicas e jornais locais. Ricky sabia que as revistas os devolviam com a mesma solenidade — uma vez Elmer lhe mostrou uma pasta cheia de cartas de rejeição —, mas os jornais locais imprimiram dois ou três. Eram poemas inspiradores, com imagens retiradas da vida de Elmer como fazendeiro: *As vacas mugem, os bodes balem. A Glória de Deus anda em pés trovejantes*. Elmer Scales também. Tinha oito filhos e uma paixão ardente pelos litígios.

Uma ou duas vezes por ano, um dos sócios era chamado à fazenda Scales, e Elmer o levava a um buraco na cerca, por onde um caçador ou um adolescente tinha entrado nos seus campos. Elmer muitas vezes identificava os invasores com o binóculo e queria processá-los. Os advogados costumavam convencê-lo a deixar a ideia de lado, mas ele sempre tinha dois ou três litígios de outros tipos acontecendo. Porém, dessa vez, Ricky desconfiava que era algo mais sério do que os aborrecimentos de costume de Scales; ele nunca tinha pedido — exigido — a presença dos dois.

"Como você sabe, Sears", disse Ricky, "consigo dirigir e pensar ao mesmo tempo. Estou indo a cinquenta por hora, com a maior tranquilidade possível. Acho que você pode confiar e me contar o que deixou Elmer irritado."

"Alguns animais dele morreram." Sears disse com os lábios cerrados, dando a entender que o fato de estar falando provavelmente faria com que saíssem da estrada a qualquer minuto.

"Então por que nós estamos indo lá? Nós não temos como trazê-los de volta."

"Ele quer que nós vejamos o que aconteceu. Chamou Walter Hardesty também."

"Então não foi o caso de simplesmente morrerem."

"Com Elmer, quem sabe? Agora faça o favor de se concentrar em nos levar até lá em segurança, Ricky. Essa experiência já vai ser bem pavorosa."

Ricky olhou para o sócio e, pela primeira vez naquela manhã, viu como o rosto de Sears estava pálido. Por baixo da pele lisa, veias azuis proeminentes nadavam intercaladamente até se tornarem visíveis; embaixo dos olhos jovens, havia áreas flácidas de pele cinzenta e enrugada. "Mantenha os olhos na estrada", disse Sears.

"Você está com uma aparência péssima."

"Acho que Elmer não vai reparar."

Os olhos de Ricky estavam agora seguramente na estrada estreita; isso dava licença para que falasse. "Teve uma noite ruim?"

Sears disse: "Acho que está começando a passar".

Como era uma mentira deslavada, Ricky a ignorou. "Teve?"

"Ricky, o observador. Sim, tive."

"Eu também. Stella acha que precisamos conversar sobre isso."

"Por quê? Ela também tem noites ruins?"

"Ela acha que falar pode ajudar."

"Isso parece coisa de mulher. Falar só abre feridas. Não falar ajuda a cicatrizar."

"Sendo assim, foi um erro convidar Donald Wanderley para vir até aqui."

Sears grunhiu de irritação.

“Isso foi injusto da minha parte”, disse Ricky, “e peço desculpas por ter falado. Mas acho que precisamos tratar sobre esse assunto pelo mesmo motivo que você acha que devemos convidar o tal menino.”

“Ele não é menino. Deve ter uns 35 anos. Talvez até quarenta.”

“Você entendeu o que eu quero dizer.” Ricky respirou fundo. “Agora, já vou pedindo desculpas de antemão, porque vou contar o sonho que tive ontem à noite. Stella disse que acordei gritando. De qualquer forma, foi o pior sonho até agora.” Com a mudança no clima do interior do carro, Ricky soube que Sears ficou mais interessado na mesma hora. “Eu estava em uma casa vazia, num andar superior, e um animal misterioso estava tentando me encontrar. Vou pular umas partes, mas a sensação de perigo era absurda. No final do sonho, a criatura entrou no quarto onde eu estava, mas não era mais um monstro. Era você, junto com Lewis e John. Todos vocês estavam mortos.” Ao olhar de soslaio para o passageiro, ele viu a curva da bochecha sarapintada de Sears, a curva da aba de seu chapéu.

“Você viu nós três?”

Ricky assentiu.

Sears pigarreou e abriu um pouco a janela. O ar gelado invadiu o carro. O peito de Sears se expandiu embaixo do casaco preto: os pelos espetados do casaco de pele se aplainaram com o fluxo de ar. “Extraordinário. Você diz que estávamos nós três?”

“Sim. Por quê?”

“Extraordinário. Porque eu tive um sonho idêntico. Mas quando aquela coisa horrível entrou no meu quarto, eu só vi dois homens. Lewis e John. Você não estava lá.”

Ricky percebeu um certo sentimento na voz do outro e demorou um momento para identificá-lo, e então, quando encontrou um nome para aquilo, o reconhecimento o surpreendeu a ponto de silenciá-lo até que eles entrassem no longo caminho de acesso à fazenda de Elmer Scales. Era inveja.

• • •

“Nosso Virgílio”, disse Sears, e Ricky achou que estava falando isso para si mesmo. Enquanto eles seguiam lentamente pelo caminho até a casa isolada de dois andares, Ricky viu um Scales obviamente impaciente, usando boné e jaqueta xadrez, esperando-os na varanda, e percebeu também que a fazenda parecia uma construção saída de um quadro de Andrew Wyeth. O próprio Scales parecia um retrato de Wyeth; ou talvez, mais precisamente, uma obra de Norman Rockwell. Os ouvidos se projetavam vermelhos embaixo das abas presas do

boné. Um Dodge sedã cinza estava parado no espaço amplo ao lado da varanda e, quando Ricky estacionou ao lado, viu o emblema do xerife na porta. “Walt está aqui”, disse ele, e Sears assentiu.

Os dois homens saíram do carro, puxando os casacos com força ao redor do pescoço. Scales, agora ladeado por duas crianças que tremiam, não se moveu da varanda. Estava com a expressão dura de empolgação que acompanhava seus litígios mais passionais. Sua voz esganiçada disse para eles: “Já estava na hora de os dois advogados chegarem. Walt Hardesty está aqui há dez minutos”.

“Ele não veio de tão longe”, resmungou Sears. A aba do chapéu se curvou com a brisa que cortava os campos.

“Sears James, acho que nenhum homem vivo conseguiu ter a última palavra com você. Ei, crianças! Voltem para casa, vocês vão acabar congelando.” Ele deu um tapinha em cada uma ao mesmo tempo, e os dois garotos correram pela porta. Scales estava um patamar acima dos dois homens idosos, com um sorriso terrível.

“O que foi, Elmer?”, perguntou Ricky, segurando o casaco fechado no pescoço. Os pés nos sapatos pretos lustrados já estavam congelados.

“Vocês vão ter que ver. Mas, como dois garotos da cidade, não estão vestidos para uma caminhada pelos campos. Azar de vocês. Esperem um segundo, vou chamar Hardesty.” Ele desapareceu por um momento dentro da casa e voltou com o xerife, Walt Hardesty, que estava usando um casaco largo de brim forrado de pele de cordeiro e um chapéu Stetson. Alertado pelo comentário de Scales, Ricky olhou para os pés do xerife; estava calçando botas pesadas de caminhada. “Sr. James, sr. Hawthorne.” Ele acenou para os dois com vapor saindo por baixo do bigode, maior e mais desgrenhado que o de Ricky. Com a roupa de boiadeiro, Hardesty parecia quinze anos mais jovem do que sua verdadeira idade. “Agora que vocês estão aqui, talvez Elmer nos mostre que mistério é esse.”

“Pode acreditar que vou mostrar”, garantiu o fazendeiro, descendo os degraus da varanda e conduzindo-os para longe da casa, seguindo por um caminho na direção do celeiro coberto de neve. “Venham por aqui, cavalheiros, e vou mostrar a vocês.”

Hardesty foi andando ao lado de Ricky. Sears caminhava sozinho, com imensa dignidade, atrás dos dois. “Está frio pra caralho”, disse o xerife. “Parece que vai ser um inverno bem longo.”

Ricky disse: “Espero não estar velho demais para isso”.

Com gestos exagerados e expressão de alegria no rosto fino, Elmer Scales abria uma cerca comprida de madeira que levava a um pasto lateral. “Preste atenção, Walt”, avisou ele. “Veja se consegue encontrar alguma pegada.” Ele apontou para uma fila de pegadas espalhadas. “Essas são as minhas de hoje de

manhã, indo e vindo.” As marcas da volta tinham um espaço maior entre elas, como se Scales estivesse correndo. “Onde está seu caderno? Você não vai anotar?”

“Calma, Elmer”, disse o xerife. “Quero ver qual é o problema primeiro.”

“Você tomou notas bem rápido quando meu filho mais velho destruiu o carro dele.”

“Venha, Elmer. Mostre o que você quer que a gente veja.”

“Vocês da cidade vão estragar os sapatos”, falou Elmer. “Não dá para evitar. Me sigam.”

Hardesty obedeceu e saiu andando ao lado de Elmer; as costas largas no casaco volumoso faziam o fazendeiro parecer um garotinho saltitante. Ricky olhou para Sears logo atrás, chegando apenas agora ao portão e olhando para o campo cheio de neve com repulsa. “Ele podia ter avisado que precisaríamos de sapatos de neve.”

“Ele está se divertindo”, comentou Ricky, impressionado.

“Ele vai se divertir quando eu pegar uma pneumonia e decidir que vou jogar um processo pra cima *dele*”, murmurou Sears. “Como não há alternativa, vamos.”

Sears colocou o pé com o sapato elegante no pasto, onde afundou imediatamente na neve até os cadarços. “Ugh.” Ele puxou o pé de volta e o sacudiu. Os outros já estavam na metade do campo. “Eu não vou”, disse Sears, colocando as mãos nos bolsos do casaco opulento. “Droga, ele pode ir até o escritório.”

Ricky disse: “Bom, então é melhor pelo menos eu ir”, e saiu andando atrás dos outros dois. Walt Hardesty se virou para olhá-lo, coçando o bigode irregular, um homem da lei da fronteira transportado para um campo coberto de neve no estado de Nova York. Ele parecia estar sorrindo. Elmer Scales seguia em frente, alheio. Ricky foi pulando de pegada em pegada. Atrás, ouviu Sears soltar o ar com força suficiente para encher um balão e começar a segui-los.

Em fila única agora, com Elmer falando e gesticulando na frente, eles percorreram o campo. Com um ar estranho de júbilo triunfante, Elmer parou no alto de uma elevação. Ao lado dele, parcialmente cobertas de neve, havia pilhas de coisas sujas. Quando Hardesty chegou às pilhas cinzentas e baixas, ajoelhou-se e cutucou; em seguida grunhiu, empurrando, e Ricky viu quatro pés pretos rolando rigidamente pelo ar.

Com os sapatos encharcados e os pés gelados, Ricky foi até lá. Sears, estendendo os braços para manter o equilíbrio, ainda estava seguindo na direção deles, com a aba do chapéu achatada pelo vento.

“Eu não sabia que você ainda tinha ovelhas”, ele ouviu Hardesty dizer.

“Agora não tenho!”, gritou Scales. “Eu só tinha essas quatro, e agora estão mortas. Alguém as matou. Eu as mantinha aqui por causa dos velhos tempos. Meu pai tinha umas duzentas e poucas, mas essas coisas idiotas não dão mais dinheiro. As crianças gostavam delas, só isso.”

Ricky olhou para os quatro animais mortos: caídos de lado, os olhos vidrados, neve grudada no pelo sujo. Com inocência, perguntou: “O que as matou?”.

“Pois é! É isso, não é?” Elmer estava entrando em estado histérico. “O quê? Bom, você é a lei aqui, então me diga!”

Hardesty, ajoelhado ao lado do corpo cinzento e sujo da ovelha que tinha feito rolar, olhou para Scales com repulsa. “Você quer dizer que nem sabe se esses animais morreram naturalmente, Elmer?”

“Eu sei que não! Eu sei!” Scales levantou os braços de forma dramática: um morcego em pleno voo.

“Como você sabe?”

“Porque nada pode matar uma maldita ovelha. É assim que eu sei! E o que mataria quatro de uma vez? Ataques cardíacos? Caramba!”

Sears agora se juntou a eles, fazendo o ajoelhado Hardesty parecer pequeno. “Quatro ovelhas mortas”, disse ele, olhando para baixo. “Imagino que você queira processá-las.”

“O quê? Encontre o lunático que fez isso e o processe!”

“E quem seria?”

“Sei lá. Mas…”

“O quê?” Hardesty tirou os olhos da ovelha caída à frente dele.

“Conto lá dentro. Enquanto isso, senhor xerife, dê uma boa olhada, tome notas e descubra o que ele fez com elas.”

“Ele?”

“Lá dentro.”

Hardesty, de cara feia, cutucou a carcaça.

“Você vai ter que chamar o veterinário para ver isso, não eu.” As mãos dele foram até o pescoço do animal. “Oh-oh.”

“O quê?”, disse Scales, quase pulando de expectativa.

Em vez de responder, Hardesty andou de quatro até a ovelha ao lado e afundou as mãos na lã de seu pescoço.

“Você deveria ver isso”, falou ele e, segurando o nariz e a boca do animal, puxou a cabeça da ovelha.

“Jesus”, disse Scales; os dois advogados ficaram em silêncio. Ricky olhou para o ferimento exposto: como uma boca larga, havia um corte longo no pescoço do animal.

“Trabalho bem feito”, comentou Hardesty. “Trabalho muito bem feito. Tudo bem, Elmer. Você provou que estava certo. Vamos voltar lá para dentro.” Ele limpou os dedos na neve.

“Jesus”, repetiu Elmer. “As gargantas foram cortadas? De todas?”

Com cansaço, Hardesty puxou a cabeça de cada animal. “De todas.”

Velhas vozes falaram com clareza na mente de Ricky. Ele e Sears se olharam e desviaram o rosto.

“Vou processar quem fez isso!”, gritou Elmer. “Merda! Eu sabia que tinha alguma coisa estranha! Eu sabia! Merda!”

Hardesty estava agora olhando para o campo vazio. “Você tem certeza de que veio até aqui uma vez e voltou direto?”

“Ã-ham.”

“Como você sabia que tinha alguma coisa errada?”

“Porque eu vi os bichos aqui em cima hoje de manhã, da janela. Normalmente, quando estou lavando o rosto em frente à janela, os animais idiotas são a primeira coisa que eu vejo. Está vendo?” Ele apontou para a casa por cima do campo. A vidraça brilhante da janela da cozinha estava virada para eles. “Tem grama aqui embaixo. Elas ficam andando o dia inteiro, enchendo a pança. Quando a neve fica muito alta, eu levo as ovelhas para o celeiro. Eu olhei para cá e as vi, como estão agora. Tinha alguma coisa errada, então vesti o casaco, calcei as botas e vim aqui. Depois, liguei para você e para os meus advogados. Quero processar e quero que você prenda quem fez isso.”

“Não tem nenhuma marca de pegada além das nossas”, comentou Hardesty, ajeitando o bigode.

“Eu sei”, disse Scales. “Ele apagou.”

“Pode ser. Mas normalmente dá para perceber quando a neve está lisa.”

Jesus, ela se mexeu, não pode ser, ela está morta.

“E tem outra coisa”, disse Ricky, rompendo o silêncio desconfiado que havia se instalado entre os dois homens e interrompendo a voz lunática na sua mente. “Não estou vendo sangue.”

Por um momento, os quatro homens olharam para as ovelhas e para a neve fresca. Era verdade.

“Podemos sair daqui agora?”, perguntou Sears.

Elmer ainda estava olhando para a neve e engolia em seco. Sears começou a se mover pelo campo, e logo todos foram atrás.

• • •

“Muito bem, crianças, para fora da cozinha. Vão lá para cima”, gritou Scales assim que eles entraram na casa e tiraram os casacos. “Temos que falar em

particular. Andem, vão logo.” Ele balançou as mãos para algumas crianças amontoadas no corredor, que estavam olhando para a pistola de Walter Hardesty. “Sarah! Mitchell! Lá para cima, agora.” Ele os levou para a cozinha, e uma mulher tão magra quanto Elmer se levantou de uma cadeira e juntou as mãos. “Sr. James, sr. Hawthorne”, disse ela. “Aceitam um café?”

“Apenas uma toalha de papel, por favor, sra. Scales”, disse Sears. “Depois, café.”

“Toalha…”

“Para limpar meus sapatos. O sr. Hawthorne sem dúvida precisa da mesma coisa.”

A mulher olhou com consternação para os sapatos do advogado. “Ah, céus. Aqui, vou ajudar…” Ela pegou um rolo de toalhas de papel em um armário, cortou um pedaço grande e fez que ia se ajoelhar aos pés de Sears. “Não precisa”, disse Sears, pegando o papel das mãos dela. Apenas Ricky sabia que Sears estava perturbado, e não sendo rude.

“Sr. Hawthorne…?” Um pouco abalada pela frieza de Sears, a mulher se virou para Ricky.

“Sim, obrigado, sra. Scales”, disse ele. “É muita gentileza sua.” Ele também aceitou um pedaço grande da toalha de papel.

“As gargantas delas foram cortadas”, disse Elmer para a esposa. “O que eu falei? Algum maluco veio aqui. *E”* — a voz dele ficou mais alta — “um maluco capaz de voar, porque não deixou pegadas.”

“Conte para eles”, incentivou a esposa. Elmer lhe lançou um olhar repentino, e ela correu para preparar o café.

Hardesty perguntou: “Contar o quê?”. Não mais com o traje de Wyatt Earp, o xerife estava de volta à sua idade de cinquenta anos. *Ele está enchendo a cara mais do que nunca,* pensou Ricky ao ver as veias rompidas no rosto de Hardesty, a irresolução cada vez mais profunda. Pois a verdade era que, apesar da aparência de *ranger* texano, do nariz adunco, das bochechas marcadas e dos olhos azuis de pistoleiro, Walt Hardesty era preguiçoso demais para ser um bom xerife. Era típico dele precisar que mandassem que olhasse as outras ovelhas. E Elmer Scales estava certo: ele deveria ter feito anotações.

Agora, o fazendeiro estava exultante, prestes a soltar a bomba. Tendões se destacavam no pescoço; as orelhas de morcego ganharam um tom vermelho mais escuro. “Ora, que merda, eu vi ele, está bom?” Sua boca se manteve comicamente aberta, e ele observou cada um de uma vez.

“Ele”, disse a esposa em um contraponto irônico ao seu lado.

“Merda, mulher, o que seria então?” Scales bateu na mesa. “Prepare aquele café e pare de interromper.” Ele se virou para os três homens. “Grande como eu!

Maior! Olhando para mim! A coisa mais terrível que já se viu!” Apreciando o momento, ele abriu os braços. “Lá fora! Logo ali! Que tal isso?”

“Você o reconheceu?”, perguntou Hardesty.

“Não vi tão bem. Agora vou contar como foi.” Ele estava se movendo pela cozinha, incapaz de se conter, e Ricky se lembrou de uma antiga percepção, de que “Nosso Virgílio” escrevia poesia porque era volátil demais para acreditar que não era capaz. “Eu estava aqui tarde da noite ontem. Não conseguia dormir, nunca consigo.”

“Nunca consegue”, ecoou a esposa.

Gritos e baques soaram no andar superior. “Esqueça o café e vá lá em cima, dê um jeito neles”, disse Scales, silenciando enquanto ela saía do cômodo. Em pouco tempo, outra voz se juntou à cacofonia acima; depois, os barulhos pararam.

“Como disse, eu estava aqui, lendo uns catálogos de equipamentos e de sementes. Então…! Eu ouço uma coisa vinda de lá do celeiro. Algum invasor! Droga! Eu pulo e olho pela janela. Vejo que estava nevando. Oh-oh, trabalho para amanhã, eu digo para mim mesmo. E aí, vejo o sujeito. Perto do celeiro. Bom, entre o celeiro e a casa.”

“Como ele era?”, perguntou Hardesty, ainda sem tomar nota.

“Não deu pra ver! Estava escuro demais!” Agora, a voz dele passara de contralto a soprano. “Só o vi ali, olhando!”

“Você o viu no escuro?”, perguntou Sears com voz entediada. “As luzes do quintal estavam acesas?”

“Senhor advogado, isso só pode ser brincadeira, com a conta de luz como está. Não, mas eu o vi e percebi que era grande.”

“E como você sabia, Elmer?”, perguntou Hardesty. A sra. Scales estava descendo pela escada sem tapete, *tum tum tum*, sapatos duros batendo nos degraus de madeira. Ricky espirrou. Uma criança começou a assobiar e se deteve de repente quando os passos cessaram.

“Porque eu vi os olhos dele! Está bom? Olhando direto para mim! Coisa de um metro e oitenta acima do chão.”

“Você só viu os olhos dele?”, perguntou Hardesty, incrédulo. “Mas o que os olhos desse cara faziam, Elmer, brilhavam no escuro?”

“Isso é você quem está falando”, respondeu Elmer.

Ricky virou a cabeça para observar Elmer, que observava a todos com satisfação evidente, e depois, apesar de a princípio não pretender, olhou por cima da mesa para Sears. Ele tinha ficado tenso e imóvel com a última pergunta de Hardesty, tentando não deixar nada transparecer na expressão, e no rosto

redondo de Sears viu a mesma intenção. *Sears também. Também significa alguma coisa para ele*.

“Eu espero que você o pegue, Walt, e que vocês dois, meus advogados, processem até o cu do sujeito daqui até o verão”, disse Elmer de forma conclusiva. “Perdoe meu linguajar, querida.” A esposa estava entrando na pequena cozinha novamente, e ela assentiu para o pedido de desculpas, reconhecendo a razão dele com um movimento do queixo antes de tirar a chaleira do fogo.

“Você viu alguma coisa ontem à noite, sra. Scales?”, perguntou Hardesty.

Ricky percebeu um reconhecimento similar nos olhos de Sears, e soube que tinha se entregado.

“Só vi um marido assustado”, respondeu ela. “Acho que foi a parte que ele deixou de fora.”

Elmer pigarreou; o pomo de adão subiu e desceu. “Bom. Foi esquisito.”

“Sim”, disse Sears. “Acho que já sabemos tudo o que precisamos saber. Agora, se você nos der licença, o sr. Hawthorne e eu precisamos voltar para a cidade.”

“Vocês vão tomar seu café primeiro, sr. James”, insistiu a sra. Scales, colocando uma caneca de plástico fumegante na frente dele, em cima da mesa. “Se vão processar até o cu de um monstro daqui até o verão, vocês vão precisar de força.”

Ricky teve que forçar um sorriso, mas Walt Hardesty gargalhou.

• • •

Lá fora, Hardesty, novamente no abrigo protetor do traje de *ranger* texano, se inclinou para falar baixo pela fresta de oito centímetros que Sears abriu na janela. “Vocês dois vão voltar para a cidade? Podemos nos encontrar para trocar umas palavrinhas?”

“É importante?”

“Pode ser, pode não ser. Mas eu gostaria de conversar com vocês.”

“Certo. Vamos direto para a delegacia.”

A mão enluvada de Hardesty foi até o queixo e ele o coçou. “Eu preferia não falar sobre isso na frente dos outros rapazes.”

Ricky ficou parado com as mãos no volante e o rosto alerta voltado para Hardesty, mas em sua mente brotou apenas um pensamento: *Está começando. Está começando e nem sabemos o que é*.

“O que você sugere, Walt?”, perguntou Sears.

“Sugiro uma parada confidencial em algum lugar onde dê para conversar tranquilamente. Ah, vocês conhecem o Humphrey’s Place, perto dos limites da

cidade, na Seven Mile Road?”

“Acho que já vi.”

“Eu costumo usar a salinha dos fundos como escritório quando tenho assuntos confidenciais. Que tal nos encontrarmos lá?”

“Se você insiste”, disse Sears, sem se dar ao trabalho de consultar Ricky.

Eles seguiram o carro de Hardesty até a cidade, indo um pouco mais rápido do que no caminho de ida. O reconhecimento entre eles — que ambos conheciam a coisa assustadora que Elmer Scales tinha visto — tornou impossível um diálogo. Quando Sears enfim se manifestou, foi sobre um tópico aparentemente neutro.

“Hardesty é um idiota incompetente. ‘Assuntos confidenciais.’ O único assunto confidencial dele é com uma garrafa de Jim Beam.”

“Bom, agora nós sabemos o que ele faz à tarde.” Ricky saiu da rodovia e pegou a Seven Mile Road. A taverna, a única construção à vista, era um aglomerado cinzento de ângulos e pontas que ficava a duzentos metros à direita.

“Realmente. Ele entorna bebida grátis na salinha dos fundos de Humphrey Stalladge. Estaria melhor em uma fábrica de sapatos em Endicott.”

“Sobre o que você acha que essa conversa vai ser?”

“Vamos saber logo. Chegamos ao nosso local de encontro.”

Hardesty já estava parado ao lado do carro no estacionamento grande e agora quase vazio. O Humphrey’s Place, na verdade não mais do que uma taverna comum de beira de estrada, tinha uma fachada comprida, com picos e espigões e duas janelas pretas grandes: em uma delas, um letreiro em neon trazia o nome do lugar; na outra, um anúncio do Utica Club piscava. Ricky parou ao lado do carro do xerife, e os dois advogados saíram no vento frio.

“Venham comigo”, disse Hardesty, em uma curva crescente de entonação, a voz inflada de falsa bondade. Depois de se entreolharem com um desconforto compartilhado, eles subiram os degraus de concreto atrás do xerife. Ricky espirrou duas vezes, intensamente, assim que entrou na taverna.

Omar Norris, um dos bêbados de tempo integral da pequena população da cidade, estava sentado em um banco no bar, olhando para eles com expressão impressionada; o gorducho Humphrey Stalladge andava entre as mesas, limpando cinzeiros. “Walt!”, gritou ele e acenou para Ricky e Sears. A postura de Hardesty tinha mudado: dentro do bar, ele ficou mais alto, mais senhorial, e a atitude física em relação aos dois homens idosos logo atrás sugeria que eles tinham ido ao local para se aconselhar com o xerife. Mas Stalladge olhou com mais atenção para Ricky e disse: “Sr. Hawthorne, não é?”. Ele sorriu e emendou: “Bem…”. Ricky então soube que Stella já tinha ido lá em algum momento.

“A sala dos fundos está livre?”, perguntou Hardesty.

“Sempre está para você.” Stalladge fez um gesto na direção da porta com uma placa que sinalizava “Particular”, escondida em um canto ao lado do longo bar, e observou enquanto os três homens atravessavam o piso poeirento. Omar Norris, ainda atônito, ficou olhando, Hardesty andando como uma autoridade do governo, Ricky se destacando apenas pelo seu asseio sóbrio, a presença imponente de Sears lembrando (só agora ocorria a Ricky) Orson Welles. “Você está bem acompanhado hoje, Walt”, gritou Stalladge depois que eles passaram, e Sears fez um de seus ruídos de nojo no fundo da garganta — tanto para esse comentário como para o movimento negligente que Hardesty fez com a mão enluvada quando ouviu o comentário. Hardesty abriu a porta majestosamente.

Mas, quando entrou, depois de indicar que eles deviam seguir pelo corredor mal iluminado até a salinha escura no final, seus ombros despencaram de novo, seu rosto relaxou, e ele disse: “Querem alguma coisa?”. Os dois homens sacudiram a cabeça.

“Estou com um pouco de sede”, comentou Hardesty, fez uma careta e passou pela porta.

Sem dizer nada, os dois advogados seguiram pelo corredor e entraram na salinha escura. No centro, havia uma mesa, marcada por mil gerações de cigarros; seis cadeiras dobráveis a circundavam. Ricky encontrou o interruptor e acendeu as luzes. Entre as lâmpadas escondidas e a mesa, havia caixas de cerveja empilhadas quase até o teto. A sala toda tinha cheiro de fumaça e de cerveja velha; mesmo com a luz acesa, a parte da frente do recinto estava quase tão escura quanto antes.

“O que estamos fazendo aqui?”, perguntou Ricky.

Sears se sentou pesadamente em uma das cadeiras dobráveis, suspirou, tirou o chapéu e colocou cuidadosamente na mesa.

“Se você quer dizer o que pode sair dessa excursão fantástica, nada, Ricky, nada.”

“Sears”, disse Ricky. “Acho que deveríamos falar sobre o que Elmer viu lá.”

“Não na frente de Hardesty.”

“Eu concordo. Agora.”

“Não agora. Por favor.”

“Meus pés ainda estão gelados”, falou Ricky, e Sears deu um raro sorriso para ele.

Eles ouviram a porta no final do corredor sendo aberta. Hardesty entrou, com um copo cheio de cerveja em uma das mãos e uma garrafa pela metade de Labatt e o chapéu Stetson na outra. A pele estava um pouco avermelhada, como se tivesse sido atingida por uma rajada forte de vento. “Cerveja é a melhor coisa para a garganta seca”, comentou ele. Embaixo da névoa camuflada de cerveja

que flutuou com suas palavras havia um odor mais pungente e sombrio de mosto azedo de uísque. “Lubrifica bem as vias.” Ricky calculou que Hardesty tinha conseguido virar uma dose de uísque e meia garrafa de cerveja nos poucos momentos em que passou no bar. “Vocês dois já vieram aqui?”

“Não”, disse Sears.

“Ah, é um bom lugar. Bem discreto. Humphrey cuida para que você não seja incomodado se tiver um assunto particular para conversar, e é meio afastado, então não é provável que vejam o xerife e dois dos advogados mais distintos da cidade entrando em uma taverna.”

“Ninguém além de Omar Norris.”

“Certo, e não tem muitas chances de que ele se lembre.” Hardesty passou uma perna por cima da cadeira, como se fosse um cachorro grande no qual pretendesse montar, sentou-se e jogou ao mesmo tempo o chapéu na mesa, fazendo-o esbarrar no de Sears. Em seguida, a garrafa de Labatt foi parar em cima da mesa; Sears puxou o chapéu para alguns centímetros mais perto da barriga quando o xerife tomou um gole longo do copo.

“Posso repetir uma pergunta que meu sócio acabou de fazer? O que estamos fazendo aqui?”

“Sr. James, eu quero contar uma coisa.” Os olhos do agente da lei tinham um brilho sincero de um homem embriagado. “Vocês vão entender por que precisamos ir para longe de Elmer. Nós nunca vamos encontrar quem ou o que matou aquelas ovelhas.” Ele engoliu novamente, e sufocou um arroto com as costas da mão.

“Não?” Pelo menos a encenação ruim de Hardesty estava afastando a mente de Sears dos próprios problemas; ele estava fingindo surpresa e interesse.

“Não. Não tem como, de jeito nenhum. Não é a primeira vez que uma coisa assim acontece.”

“Não é?”, perguntou Ricky. Ele também se sentou, pensando em quantos animais tinham sido mortos em Milburn sem que ouvisse falar sobre o assunto.

“Não mesmo. Não aqui, sabe, mas em outras partes do país.”

“Ah.” Ricky se recostou na cadeira bamba.

“Vocês devem lembrar que alguns anos atrás eu fui a uma convenção nacional da polícia em Kansas City. Viagem de avião, fiquei uma semana. Foi uma viagem ótima.”

Ricky se lembrava disso porque, depois do retorno de Hardesty, o xerife tinha falado para o Lion’s Club, o Kiwanis, o Rotary, a Jaycee e o the Elks, a National Rifle Association, os maçons e a John Birch Society, o VFW e a Companions of the Forest of America — as organizações que pagaram pela viagem, de um terço das quais Ricky era integrante por obrigação. Seu tópico foi

a necessidade de “uma força policial moderna e totalmente equipada nas pequenas comunidades americanas”.

“Bom”, disse Hardesty, segurando a garrafa de cerveja com a mão como se fosse um cachorro-quente, “uma noite, no hotel, comecei a conversar com um grupo de xerifes locais. Esses caras eram do Kansas, do Missouri e de Minnesota. Vocês sabem. Eles estavam falando desse tipo de coisa, crimes esquisitos e não solucionados. O que quero dizer é o seguinte. Pelo menos dois ou três passaram pela mesma coisa que vimos hoje. Um bando de animais caídos mortos em um campo — pimba, mortos da noite para o dia. Nenhuma causa até você olhar e encontrar, sabem como é. Ferimentos bem caprichados, como um cirurgião faria. E sem sangue. Chamam de sangria. Um desses caras disse que teve uma onda disso no vale do rio Ohio no final dos anos 1960. Cavalos, cachorros, vacas; acho que as nossas foram as primeiras ovelhas. Mas, sr. Hawthorne, você me fez lembrar tudo quando observou que não havia sangue. Isso mesmo, foi o que me lembrou. Aquelas ovelhas deviam ter sangrado loucamente. E, em Kansas City, a mesma coisa aconteceu um ano antes da conferência, por volta do Natal.”

“Besteira”, disse Sears. “Não vou ouvir mais nada dessa baboseira.”

“Me desculpe, sr. James. Não é baboseira. Tudo isso aconteceu. Pode pesquisar no *Kansas City Times*. Dezembro de 1973. Um monte de gado morto, sem pegadas, sem sangue, com neve recém-caída, como hoje.” Ele olhou para Ricky, piscou, virou a cerveja.

“Ninguém foi preso?”, perguntou Ricky.

“Nunca. Em todos esses lugares, nunca encontraram ninguém. Foi como se uma coisa ruim tivesse chegado à cidade, dado um show e ido embora. Minha ideia é que coisas assim são algum tipo de piada para alguém.”

“O quê?”, retrucou Sears, explosivo. “Vampiros? Demônios? Loucura.”

“Não, não estou dizendo isso. Droga, eu sei que não existem vampiros, assim como sei que o maldito monstro naquele lago na Escócia não está lá.” Hardesty se inclinou para trás na cadeira e juntou as mãos atrás da cabeça. “Mas ninguém nunca encontrou nada, e nós também não vamos. Nem faz sentido procurar. Acho que vou só deixar Elmer feliz contando para ele que estou trabalhando no caso.”

“É só isso mesmo que você pretende fazer?”, perguntou Ricky Hawthorne com incredulidade.

“Ah, talvez eu mande um homem andar por algumas fazendas, perguntando se alguém viu alguma coisa estranha ontem à noite, mas só isso.”

“E você nos trouxe aqui para nos dizer isso?”, perguntou Sears.

“Sim.”

“Vamos, Ricky.” Sears empurrou a cadeira para trás e estendeu a mão para pegar o chapéu.

“E, *na verdade*, eu achei que os dois advogados mais distintos da cidade talvez pudessem me dizer alguma coisa.”

“Eu poderia, mas duvido que você fosse ouvir.”

“Um pouco menos de arrogância, sr. James. Nós dois estamos do mesmo lado, não?”

Ricky disse, junto ao inevitável *pffff* expelido por Sears:

“O que você achou que poderíamos dizer?”.

“Por que vocês acham que sabem alguma coisa sobre o que Elmer viu ontem à noite?” Ele passou o dedo por um sulco na testa e sorriu. “Vocês dois gelaram quando Elmer estava contando tudo. Então sabem de alguma coisa ou ouviram alguma coisa ou viram alguma coisa que não queriam contar para Elmer Scales. Então finjam que vocês apoiam o xerife do condado e falem.”

Sears se levantou da cadeira. “Eu vi quatro ovelhas mortas. Não sei de nada. E isso, Walter, é tudo.” Ele pegou o chapéu na mesa. “Vamos, Ricky, nós temos mais o que fazer.”

• • •

“Ele está certo, não é?” Eles estavam dobrando a esquina da Wheat Row. O volume cinzento da catedral de St. Michael se projetava à direita; as figuras grotescas e sacras acima da porta e ao lado das janelas vestiam gorros e camisas de neve fresca, como se estivessem congeladas no lugar.

“Sobre o quê?” Sears fez um gesto na direção do prédio onde ficava o escritório deles. “Milagre dos milagres. Uma vaga na porta.”

“Sobre o que Elmer viu.”

“Se ficou óbvio para Walt Hardesty, então está mesmo óbvio. Sim.”

“Você viu alguma coisa?”

“Eu vi uma coisa que não estava lá. Tive uma alucinação. Só posso supor que estava cansado demais e fui afetado emocionalmente pela história que contei.”

Ricky estacionou o carro com cuidado no espaço diante da fachada alta de madeira da construção onde ficava o escritório.

Sears tossiu, colocou a mão na maçaneta da porta, não se mexeu; para Ricky, ele parecia já estar arrependido do que diria. “Imagino que você tenha visto mais ou menos a mesma coisa que Nosso Virgílio.”

“Sim, vi.” Ele fez uma pausa. “Não. Senti, mas sabia o que era.”

“Bem.” Ele tossiu de novo, e Ricky ficou tenso com a espera. “O que vi foi Fenny Bate.”

“O garoto da nossa história?” Ricky estava perplexo.

“O garoto para quem tentei dar aula. O garoto que imagino ter matado, ajudado a matar.”

Sears tirou a mão da porta e deixou seu peso afundar novamente no assento do carro. Agora, finalmente, ele queria falar.

Ricky tentou absorver a ideia. “Eu não sabia se…” Ele parou no meio da frase, ciente de que estava rompendo uma das regras da Sociedade Chowder.

“Se era uma história real? Ah, foi bem real, Ricky. Bem real. Existiu um Fenny Bate de verdade, e ele morreu.”

Ricky se lembrou da visão da janela acesa de Sears. “Você estava olhando pela janela da biblioteca quando o viu?”

Sears fez que não com a cabeça. “Estava subindo a escada. Era bem tarde, por volta das duas da madrugada. Eu tinha dormido em uma poltrona depois de lavar a louça. Não estava me sentindo muito bem, infelizmente… teria me sentido pior se soubesse que Elmer Scales me acordaria às sete da manhã de hoje. Bom, apaguei as luzes da biblioteca, fechei a porta e comecei a subir a escada. E o vi sentado ali, bem na escada. Parecia estar dormindo. Estava vestido com os trapos que me lembro de vê-lo usar, e os pés estavam descalços.”

“O que você fez?”

“Fiquei com medo demais para fazer alguma coisa. Não sou mais um homem jovem de vinte anos. Ricky, eu fiquei parado ali por… sei lá quanto tempo. Achei que podia desabar. Eu me firmei com a mão no corrimão, e ele acordou.” Sears apertava as duas mãos unidas na frente do corpo, e Ricky conseguiu perceber que estava fazendo força. “Ele não tinha os olhos. Só as órbitas. O resto do rosto estava sorrindo.” As mãos de Sears foram até o rosto e se dobraram sob o chapéu de aba larga. “Deus do céu, Ricky. Ele queria brincar.”

“Ele queria *brincar*?”

“Foi o que passou pela minha cabeça. Eu estava tão chocado que não conseguia pensar direito. Quando a… alucinação se levantou, eu corri escada abaixo e me tranquei na biblioteca. Dormi no sofá. Fiquei com a sensação de que tinha ido embora, mas não criei coragem para ir até a escada. Acabei adormecendo e tive o sonho de que estávamos falando. De manhã, claro, me dei conta do que aconteceu. Eu estava ‘vendo coisas’, como se diz por aí. E não pensei, assim como agora, que esse tipo de coisa pudesse ser exatamente da jurisdição de Walt Hardesty. Nem do Nosso Virgílio, na verdade.”

“Meu Deus, Sears”, disse Ricky.

“Esqueça isso, Ricky. Esqueça que contei essa história. Pelo menos até o jovem Wanderley chegar.”

Jesus, ela se mexeu, não pode *ser, ela está morta*, disse sua mente de novo, e ele tirou os olhos do painel, onde estavam descansando enquanto Sears o mandava fazer o impossível, e olhou diretamente para o rosto pálido do sócio de advocacia.

"Chega", insistiu Sears. "Seja lá o que for, chega. Para mim, já basta."

… não, coloque os pés dela primeiro.

"*Sears*."

"Não consigo, Ricky", disse Sears, descendo do carro em seguida.

Hawthorne saiu pelo lado do motorista e olhou por cima do veículo para Sears, um homem imponente vestido de preto, e por um momento viu no rosto do velho amigo as feições de cera que o sonho lhe mostrou. Atrás dele, ao redor, toda a cidade flutuava no ar invernal, como se também tivesse morrido secretamente. "Mas vou dizer uma coisa", falou Sears. "Eu queria que Edward ainda estivesse vivo. Desejo isso com frequência."

"Eu também", sussurrou Ricky, mas Sears já tinha dado as costas para ele e começava a subir os degraus até a porta da frente. Um vento cada vez mais forte açoitava o rosto e as mãos de Ricky, e ele seguiu o amigo rapidamente, espirrando de novo.

JOHN JAFFREY

1

O médico, aquele que deu a festa, acordou de um sono agitado no momento em que Ricky Hawthorne e Sears James iniciavam a caminhada por um campo na direção do que pareciam ser várias pilhas de roupa suja. Gemendo, Jaffrey olhou ao redor. Tudo parecia sutilmente alterado, errado. Até o ombro nu de Milly Sheehan, que dormia ao seu lado, estava errado — o ombro redondo de Milly parecia insubstancial, como fumaça rosada flutuando no ar. Isso era verdade em relação ao quarto como um todo. O papel de parede desbotado (listras azuis e rosas ainda mais azuis), a mesa com caprichadas pilhas de moedas, um livro da biblioteca (*A Formação de um Cirurgião*) e um abajur, as portas e puxadores do armário branco alto em frente, o terno cinza listrado do dia anterior e o fraque da noite anterior jogados com descuido sobre uma cadeira: tudo parecia drenado de vários tons de cor, em fiapos, como no interior de uma nuvem. Naquele quarto, ao mesmo tempo familiar e irreal, ele não poderia ficar.

Jesus, ela se mexeu, suas próprias palavras se encolheram e morreram no ar desbotado, como se ele tivesse acabado de dizê-las. Perseguido por elas, saiu rapidamente da cama.

Jesus, ela se mexeu, e dessa vez ele as ouviu sendo faladas. A voz estava firme, sem entonação e sem vibrato, e não era sua. Ele precisava sair da casa. Dos sonhos, só conseguia se lembrar da última imagem assustadora: antes daquilo houve a história de sempre, de ficar deitado paralisado em um quarto vazio, nenhum quarto que já tivesse visto na vida, e a chegada de um animal ameaçador que se transformava em Sears morto e em Lewis morto; ele supunha que todos estavam tendo esse sonho. Mas a imagem que o fez atravessar o quarto foi a seguinte: o rosto, manchado de sangue e distorcido com hematomas, de uma jovem mulher — uma mulher tão morta quanto Sears e Lewis no sonho recorrente, olhando para ele com olhos brilhantes e uma boca sorridente. Foi mais real do que qualquer coisa ao redor, mais real do que ele mesmo. (*Jesus, ela se mexeu*, não pode *ser, ela está morta*.)

Mas ela se mexeu, sim. Ela se sentou e sorriu.

Estava finalmente chegando ao fim para ele, assim como para Edward, e uma parte da mente sabia disso. E ele se sentiu agradecido. Um pouco surpreso por suas mãos não terem derretido nos puxadores de metal da gaveta da cômoda, Jaffrey pegou meias e uma cueca. Uma luz rosada sobrenatural ocupava o quarto. Ele se vestiu rapidamente com peças de roupa aleatórias, selecionadas às cegas, e saiu do quarto para descer a escada até o térreo. Lá, obedecendo a um impulso imbuído nele por dez anos de hábito, entrou em um escritório pequeno de fundos, abriu um armário e pegou dois frascos e duas seringas descartáveis. Sentou-se em uma cadeira giratória, enrolou a manga, tirou as seringas das embalagens e colocou uma na mesa com tampo de metal ao lado.

A garota se sentou no banco do carro sujo de sangue e sorriu para ele pela janela. Ela disse: *Anda logo, John*. Ele introduziu a primeira agulha na tampa de borracha do composto de insulina, puxou o êmbolo e enfiou a agulha no braço. Quando ficou vazia, tirou do braço e jogou no cesto de lixo embaixo da mesa; em seguida, enfiou a agulha da outra seringa no segundo frasco, que continha um composto de morfina. Foi injetado no mesmo braço.

Anda logo, John.

Nenhum dos seus amigos sabia que ele era diabético desde os sessenta e poucos anos; também não desconhecia o vício em morfina que o dominou na mesma época, quando começou a administrar a droga em si mesmo. Apenas observaram os efeitos do ritual matinal do médico consumindo-o gradualmente.

Com as duas seringas no fundo do cesto de lixo, o dr. Jaffrey foi até o saguão de entrada e sala de espera. Havia cadeiras vazias enfileiradas junto às paredes;

em uma delas apareceu uma garota de roupas rasgadas, manchas vermelhas no rosto e um líquido cor de rubi escorrendo da boca quando ela disse: *Anda logo, John*.

Ele enfiou a mão no armário para pegar o sobretudo e ficou surpreso com o fato de sua mão, estendida na extremidade do braço, ser uma coisa tão inteira que funcionava. Alguém atrás dele parecia estar ajudando-o a enfiar os braços nas mangas do casaco. Cegamente, pegou um chapéu na prateleira acima dos ganchos de casacos. E saiu cambaleando pela porta da frente.

2

O rosto estava sorrindo para ele de uma janela do andar de cima na antiga casa de Eva Galli. *Vamos logo*. Andando de um jeito meio estranho, como se estivesse bêbado, ele seguiu pela calçada, os pés em chinelos de pano não registrando o frio, e tomou a direção da cidade. Antes de chegar à esquina, ainda era capaz de sentir a casa do outro lado da rua como uma presença atrás de si; quando conseguiu chegar lá, com o casaco aberto voando em volta da calça do terno cinza e do fraque, viu de forma repentina em sua mente que a casa estava em chamas, toda envolta em uma chama transparente que agora aquecia suas costas. Mas, quando se virou para olhar, o lugar não estava pegando fogo, não havia chamas transparentes, nada tinha acontecido.

• • •

Portanto, quando Ricky Hawthorne e Sears James estavam sentados com Walt Hardesty em uma cozinha de fazenda tomando café, o dr. Jaffrey, uma figura magra de chapéu de pesca, casaco desabotoado, calça de um terno, paletó de outro e chinelos de pano, passava na frente do Archer Hotel. Estava tão pouco ciente disso quanto do vento que sacudia o casaco e o fazia bater em suas costas. Eleanor Hardie, que aspirava o tapete do saguão do hotel, o viu passar segurando o chapéu e pensou: pobre dr. Jaffrey, é obrigado a sair para ver um paciente nesse tempo. A parte de baixo da janela excluía os chinelos de pano da visão que tivera do médico. Ela teria ficado confusa ao vê-lo hesitando na esquina e contornando pelo lado esquerdo da praça — na verdade, retomando o caminho pelo qual tinha vindo.

Quando passou pelos janelões do restaurante Village Pump, William Webb, o jovem garçom que Stella Hawthorne intimidara, estava arrumando guardanapos e talheres, terminando tudo para ir até os fundos do restaurante, onde poderia

descansar e tomar uma xícara de café. Como estava mais perto do dr. Jaffrey do que Eleanor Hardie quando o viu, percebeu os detalhes do rosto pálido e confuso do médico embaixo do chapéu de pesca, o casaco desabotoado revelando o pescoço nu, o paletó do fraque por cima da camisa do pijama. O que passou pela cabeça dele foi: *o velho tolo está com amnésia*. Nas cinco ou seis ocasiões em que Bill Webb viu o dr. Jaffrey no restaurante, o médico leu um livro durante a refeição e deixou uma gorjeta minúscula. Como Jaffrey tinha começado a se apressar, embora a expressão em seu rosto sugerisse que não tinha ideia de para onde estava indo, Webb largou um punhado de utensílios na mesa e saiu correndo do restaurante.

O dr. Jaffrey tinha começado a correr na calçada. Webb foi atrás e o alcançou no sinal de trânsito um quarteirão depois; o médico, correndo, parecia um pássaro anguloso. Webb tocou na manga do casaco preto. “Dr. Jaffrey, posso ajudar?”

Dr. Jaffrey.

Na frente de Webb, prestes a correr para o outro lado da rua sem se dar ao trabalho de olhar o tráfego — que, de qualquer modo, era inexistente —, Jaffrey se virou depois de ouvir uma ordem em tom monocórdio. Bill Webb viveu, nesse momento, uma das experiências mais perturbadoras de sua vida. Um homem que ele só conhecia de vista, um homem que nunca olhou para ele nem com curiosidade educada, agora o encarava com pavor absoluto no rosto. Webb, que baixou a mão, não fazia ideia de que o médico via, em vez de seu rosto comum, um tanto anfíbio, a face de uma garota morta sorrindo em diferentes gradações de vermelho para ele.

“Eu vou”, disse o médico, com o rosto ainda demonstrando horror. “Eu vou agora.”

“Hã, claro”, disse Webb.

O médico se virou e correu, alcançando o outro lado da rua sem incidentes. Continuou a corrida de ave pelo lado esquerdo da Main Street, com os cotovelos balançando, o casaco voando atrás, e Webb ficou perturbado o bastante com a expressão revelada pelo doutor para ficar parado olhando de boca aberta até perceber que estava sem casaco e a um quarteirão do restaurante.

3

Na mente do dr. Jaffrey, uma imagem perfeita se formou, bem mais clara do que os prédios pelos quais passou correndo. Foi a imagem da ponte de aço de duas

pistas acima do riozinho no qual Sears James uma vez jogou uma blusa enrolada em uma pedra grande. O chapéu de pesca voou da cabeça dele com uma rajada de vento, e por um momento também se mostrou com clareza, voando lindamente pelo ar cinzento.

“Eu vou agora”, disse ele.

Embora em qualquer dia normal Jaffrey pudesse ir direto até a ponte sem nem pensar nas ruas que o levariam lá, naquela manhã vagou por Milburn em pânico crescente, incapaz de encontrá-la. Conseguia visualizar a ponte com clareza — via até os rebites com as cabeças arredondadas, a face achatada e opaca do metal —, mas, quando tentou visualizar a localização, viu apenas uma imagem confusa. Prédios? Ele se virou para a Market Street, quase esperando ver a ponte se erguendo entre o Burger King e o A&P. Concentrado apenas na ponte, ele se esqueceu do rio.

Árvores? Um parque? A imagem que as palavras evocavam era tão forte que ele ficou surpreso, ao sair da Market Street, em ver ao redor apenas ruas vazias, com neve acumulada no meio-fio. *Ande, doutor*. Ele cambaleou para a frente, se endireitou apoiando-se em um poste de barbearia e seguiu em frente.

Árvores? Algumas árvores espalhadas pela paisagem? Não. Nem esses prédios flutuantes.

Enquanto o médico vagava meio cegamente pelas ruas que deveria reconhecer, indo da praça até a Washington Street, no sul, depois até Milgrim Lane, descendo-a e passando pelas casas de madeira de três aposentos entre lava-jatos e farmácias, até Hollow e a verdadeira pobreza, onde ele seria quase tão desconhecido quanto podia ser em Milburn (ali poderia ter problemas se não estivesse tão frio e se *problema* não tivesse se tornado um conceito tão sem sentido quando aplicado a seu caso), várias pessoas o viram passar. Os moradores de Hollow que o viram acharam que era só mais um maluco, amaldiçoado e vestido estranhamente. Quando virou sem querer na direção certa e atravessou ruas silenciosas, onde havia árvores nuas nas beiradas de longos gramados, aqueles que o viram supuseram que o carro do médico estivesse perto, porque ele tinha começado a se mover em um trote lento e não levava chapéu. Um carteiro, que o segurou pelo braço perguntando “Cara, precisa de ajuda?”, ficou chocado e impotente pelo mesmo olhar arregalado de terror que deteve Bill Webb. O dr. Jaffrey acabou voltando ao bairro comercial.

Quando já tinha circundado duas vezes a rotatória Benjamin Harrison, nas duas ocasiões passando direto pela pista de entrada da ponte, uma voz paciente em sua mente disse: *Contorne mais uma vez e pegue a segunda à direita, doutor*.

“Obrigado”, sussurrou ele, depois de perceber divertimento e paciência na voz que antes julgara inumana e desprovida de entonação.

Assim, mais uma vez, exausto e quase congelado, John Jaffrey se obrigou a se deslocar dolorosamente pelos borracheiros e oficinas de escapamentos da rotatória Benjamin Harrison, e, levantando os joelhos como um velho cavalo de carga, enfim pegou o caminho para a pista de entrada da ponte.

"Claro", soluçou ele, vendo por fim o arco cinzento acima do rio vagaroso. Não conseguia mais trotar; a essa altura, na verdade, mal conseguia andar. Um dos chinelos tinha caído, e o pé antes coberto por ele estava totalmente dormente. Sentia uma ardência no lado esquerdo, o coração estava disparado, os pulmões eram pura dor. A ponte era como uma oração atendida. Ele andou em sua direção. Era *ali* o lugar da ponte, ali naquela área de vento, onde os prédios velhos de tijolo davam espaço para um pântano matoso, onde o vento parecia uma mão que o segurava.

Agora, doutor.

Ele assentiu e, quando chegou mais perto, viu onde poderia se posicionar. Quatro curvas de metal, atravessadas por vigas, formavam uma linha ondulante dos dois lados da ponte. No meio da construção, entre a segunda e a terceira curvas de metal, uma viga grossa de aço se projetava para cima.

Jaffrey não se deu conta da mudança do concreto da rua para o aço da ponte, mas conseguia sentir a estrutura se movendo embaixo dele, erguendo-se um pouco a cada rajada mais forte do vento. Quando chegou na superestrutura, ele se pendurou na amurada. Depois de chegar à viga central, agarrou um dos degraus, colocou os pés congelados no apoio de baixo e começou a subir na amurada plana.

Mas não conseguiu.

Por um momento, ficou com as mãos em um degrau e os pés em outro, como um velho pendurado em uma corda, respirando tão pesadamente que parecia estar chorando. Conseguiu levantar o pé com o chinelo e colocar no degrau seguinte. Depois, usando o que supunha ser o que lhe restava de força, ele ergueu o corpo. Parte da pele do pé descalço aderiu ao degrau inferior. Ofegando, parou no segundo degrau e viu que havia mais dois até alcançar uma altura suficiente para subir na amurada.

Uma de cada vez, foi transferindo as mãos para o degrau seguinte. Em seguida, moveu o pé com o chinelo; então, com o que pareceu um esforço heroico, moveu o outro.

Uma dor percorreu toda a extensão de sua perna, e ele se agarrou aos apoios, com o pé descalço erguido no vento frio. Por um momento, sentindo o pé queimando, temeu que o choque pudesse fazê-lo cair de volta na ponte. Se descesse, jamais conseguiria subir novamente.

Delicadamente, colocou os dedos do pé ainda em chamas no degrau. Foi o suficiente para sustentá-lo. Mais uma vez, transferiu os braços dormentes. O pé com o chinelo subiu um degrau — aparentemente por vontade própria. Ele tentou se levantar, mas os braços apenas tremeram. Parecia que os músculos dos ombros estavam se separando. Por fim, conseguiu se erguer com a ajuda, pensou ele, de uma mão que o empurrava para cima pela lombar, e os dedos, por sorte, conseguiram agarrar o degrau. Estava quase lá.

Pela primeira vez reparou no pé descalço sangrando no metal. A dor tinha aumentado; agora, toda a perna esquerda parecia em chamas. Colocou o pé na amurada reta e se segurou com força, usando os dois braços exaustos enquanto movia o pé direito para o lado.

A água brilhava fracamente mais abaixo. O vento sacudia seu cabelo e seu casaco.

De pé na frente dele, em uma plataforma de vento cinza, usando um paletó de tweed e gravata-borboleta, encontrava-se Ricky Hawthorne. As mãos de Ricky estavam unidas em um gesto característico na frente da fivela do cinto.

“Bom trabalho, John”, disse ele em tom seco e gentil. O melhor de todos, o doce e traído Ricky Hawthorne.

“Você aguenta coisa demais de Sears”, respondeu John Jaffrey, a voz fraca e sussurrada. “Sempre aguentou.”

“Eu sei.” Ricky sorriu. “Sou um subalterno por natureza. Sears sempre foi um general por natureza.”

“*Errado*”, Jaffrey tentou dizer. “Ele não é, não, ele…” O pensamento morreu.

“Não importa”, disse a voz leve e seca. “Só dê um passo à frente da ponte, John.”

O dr. Jaffrey estava olhando para a água cinzenta.

“Não, não posso. Eu tinha uma coisa diferente em mente. Eu ia…” A confusão o interrompeu.

Quando levantou o olhar, soltou um suspiro de susto. Edward Wanderley, que era mais próximo dele do que qualquer um dos outros, estava de pé no vento em vez de Ricky. Como na noite da festa, usava sapatos pretos, um terno de flanela cinza, uma camisa florida. Os óculos de armação preta tinham as hastes unidas por um cordão prateado. Exibindo sua beleza com o cabelo grisalho teatral e as roupas caras, Edward sorriu para ele com compaixão, preocupação, afeto. “Quanto tempo”, comentou.

O dr. Jaffrey começou a chorar.

“Está na hora de parar de enrolar”, disse Edward. “Basta um passo. É simples à beça, John.”

O dr. Jaffrey assentiu.

“Então dê o passo, John. Você está cansado demais para fazer qualquer outra coisa.”

O dr. Jaffrey pulou da ponte.

Abaixo dele, no nível da água, mas protegido do vento por uma placa grossa de aço, Omar Norris o viu batendo na água. O corpo do médico afundou, subiu à superfície um momento depois e girou parcialmente uma vez antes de começar a descer pelo rio, levado pela correnteza. “Merda”, disse Omar; tinha ido para o único lugar em que achava que poderia terminar uma garrafa de bourbon sem ser achacado por advogados, pelo xerife, pela esposa ou por alguém o mandando subir no limpador de neve para começar a desobstruir as ruas. Ele entornou mais um pouco de bebida na boca e fechou os olhos. Quando abriu, o homem ainda estava lá, mais baixo na água porque o casaco pesado tinha começado a puxar o corpo para o fundo. “Merda.” Ele fechou a garrafa, levantou-se e voltou para o vento, para ver se conseguia encontrar alguém que soubesse o que fazer.

II.
A festa de Jaffrey

Cedam lugar, moças, e sumam!
Não se gabem nem um pouco!
Pois aqui se aproxima uma
cujo rosto vai ofuscar vocês todas.
— “A Praise of His Lady”, *Tottel’s Miscellany*, 1557 —

1

Os eventos a seguir ocorreram um ano e um dia antes, na noite do último dia da era dourada. Nenhum deles sabia que era sua era dourada, nem que essa época estivesse chegando ao fim; na verdade, teriam visto suas vidas da mesma forma que as pessoas com existências confortáveis, com uma boa quantidade de amigos e a certeza de comida na mesa, como um processo de melhoria gradual e até imperceptível. Depois de sobreviver às crises dos anos da juventude e da meia-idade, achavam que tinham sabedoria suficiente para enfrentar as crises vindouras do envelhecimento; depois de terem testemunhado guerras, adultérios, compromissos e mudanças, achavam que tinham visto quase tudo que o que *deveriam* — eles não fariam maiores reivindicações.

Mas havia coisas que não tinham visto e que acabariam vendo com o tempo.

É sempre verdade em termos pessoais, se não históricos, que a característica que define uma era dourada é sua rotina, sua sucessão de pequenas satisfações da vida diária. Se nenhum integrante da Sociedade Chowder, exceto Ricky Hawthorne, realmente apreciava isso, com o tempo todos viriam a aprender.

2

“Acho que precisamos ir.”

“O quê? Você sempre gostou de festas, Stella.”

“Estou com uma sensação estranha sobre essa.”

“Você não quer conhecer a atriz?”

“Meu interesse em conhecer beldades de dezenove anos sempre foi limitado.”

“Edward parece um tanto apaixonado por ela.”

“Ah, Edward.” Stella, sentada na frente do espelho e penteando o cabelo, sorriu para o reflexo de Ricky. “Acho que vai valer a pena ir só para ver a reação de Lewis Benedikt ao achado de Edward.” O sorriso mudou de tom quando os músculos delicados ao lado da boca se moveram, tornando-se mais sarcásticos. “Pelo menos é uma mudança ser convidada para uma reunião da Sociedade Chowder.”

“Não é uma reunião, é uma festa”, observou Ricky inutilmente.

“Eu sempre achei que as mulheres deveriam poder ir às famosas reuniões de vocês.”

“Eu sei disso”, falou Ricky.

“E é por isso que eu quero ir.”

“Não é a Sociedade Chowder. É só uma festa.”

“Então quem John convidou além de você e da atrizinha de Edward?”

“Todo mundo, acho”, respondeu Ricky com sinceridade. “Qual foi a sensação que você disse que teve?”

Stella inclinou a cabeça, encostou o mindinho no batom, olhou para os próprios olhos iluminados e disse: “Senti um arrepio estranho”.

3

Sentada ao lado de Ricky enquanto ele dirigia o carro dela pela curta distância até a Montgomery Street, Stella, que estava estranhamente silenciosa desde que ambos saíram de casa, falou: “Bem, se todo mundo vai mesmo estar lá, talvez haja alguns rostos novos”.

Como ela gostaria que acontecesse, Ricky sentiu uma pontada ridícula de ciúme.

“É extraordinário, não?” A voz de Stella estava leve, musical, confidente, como se sua intenção fosse a superficialidade absoluta.

“O quê?”

“Que um de vocês esteja dando uma festa. As únicas pessoas que conhecemos que dão festas somos nós, e são no máximo duas por ano. Não

consigo acreditar… John Jaffrey! Estou impressionada por Milly Sheehan ter permitido.”

“O glamour do mundo do teatro, eu imagino”, disse Ricky.

“Milly não acha nada glamouroso além de John Jaffrey”, respondeu Stella, rindo da maneira como a governanta encarava o amigo deles. Stella, que em certos assuntos práticos era mais sábia do que qualquer homem ao redor, às vezes se divertia com a ideia de que o dr. Jaffrey usava algum tipo de droga; e estava convencida de que Milly e o patrão não ocupavam camas separadas.

Pensando sobre seu próprio comentário, Ricky perdeu a alfinetada da esposa. “O glamour do mundo do teatro”, tão remoto e improvável quanto qualquer coisa do tipo pudesse parecer em Milburn, parecia ter dominado a imaginação de Jaffrey — ele, cujo maior entusiasmo era uma truta bem fisgada, foi ficando cada vez mais obcecado pela jovem hóspede de Edward Wanderley nas três semanas anteriores. O próprio Edward fez muito segredo a respeito da garota. Ela era nova, muito jovem, e no momento uma “estrela”, o que quer que isso realmente significasse, e pessoas assim davam vida a Edward; portanto, não era excepcional que a tivesse persuadido a ser o tema mais recente de uma das autobiografias em que ele trabalhava como *ghost writer*. O procedimento típico era Edward fazer a pessoa falar para um gravador pelo número de semanas que julgasse necessário; depois, com grande habilidade, transformava essas lembranças em livro. O restante da pesquisa era feito por correspondência e pelo telefone com qualquer pessoa que conhecesse ou já tivesse conhecido a pessoa-tema — a investigação genealógica também era parte do método de Edward. Ele tinha muito orgulho de suas pesquisas genealógicas. A gravação era feita, sempre que possível, na casa dele; as paredes do escritório eram cobertas de fitas — nas quais, pelo que se sabia, muitas indiscrições cabeludas e impublicáveis estavam registradas. O próprio Ricky tinha apenas um leve interesse nas personalidades e na vida sexual de atores, e achava que os amigos também. Mas quando a produção de *Todo mundo viu o sol brilhar* fez uma substituição de elenco durante o mês em que Ann-Veronica Moore esteve em Milburn, John Jaffrey passou a desejar cada vez mais um único objetivo: fazer a garota ir à sua casa. Um mistério ainda maior foi que suas dicas e planejamentos deram certo, e a garota aceitou ir a uma festa em sua homenagem.

“Deus do céu”, disse Stella ao ver o número de carros enfileirados na porta da casa de Jaffrey.

“É a festa de revelação de John”, comentou Ricky. “Ele quer exibir sua realização.”

Eles estacionaram no final do quarteirão e seguiram pelo ar frio até a porta da casa. Vozes e música pulsavam até eles.

“Não acredito”, disse Ricky. “Ele está usando o consultório também.”

• • •

E era verdade. Um jovem encostado na porta junto à multidão os deixou entrar. Ricky o reconheceu como o mais recente ocupante da casa de Galli. Aceitou o agradecimento de Ricky com uma expressão respeitosa e sorriu para Stella. “Sra. Hawthorne, não é? Eu a vi pela cidade, mas não fomos apresentados.” Antes que Ricky pudesse se lembrar do nome do homem, ele já tinha oferecido a mão à sua esposa, dizendo: “Freddy Robinson. Eu moro do outro lado da rua”.

“É um prazer, sr. Robinson.”

“É uma festa e tanto.”

“Tenho certeza que sim”, disse Stella, com o mais leve sorriso contorcendo os cantos da sua boca.

“Casacos no consultório aqui, bebidas lá em cima. Eu ficaria feliz de pegar uma enquanto você e seu marido cuidam dos casacos.”

Stella olhou para o blazer, para a calça xadrez, para a gravata-borboleta de veludo torta, para o rosto absurdamente ansioso. “Fique tranquilo que não é necessário, sr. Robinson.”

Ela e Ricky desviaram para o consultório, onde havia casacos jogados para todo lado.

“Meu bom Deus”, disse Stella. “O que aquele jovem faz da vida?”

“Acho que vende seguros.”

“Eu deveria ter percebido. Me leve lá para cima, Ricky.”

Segurando sua mão fria, Ricky a levou para fora do consultório e percorreu o perímetro mais afastado do centro da festa até a escada. Um toca-discos em uma mesa tocava música de discoteca; jovens dançavam e se sacudiam.

“John sofreu um choque mental”, murmurou Ricky.

“Ou uma insolação”, disse Stella atrás dele.

“Oi, sr. Hawthorne.” Isso foi dito por um garoto alto no final da adolescência, o filho de um cliente.

“Oi, Peter. Está barulhento demais para nós aqui embaixo. Estou procurando a ala Glenn Miller.”

Os olhos azuis de Peter Barnes o observaram sem expressão. Ele parecia tão estranho para os jovens? “Ei, o que você sabe sobre Cornell? Acho que é lá que quero fazer faculdade. Talvez consiga uma admissão precoce. Oi, sra. Hawthorne.”

“É uma boa universidade. Espero que você consiga entrar”, disse Ricky. Stella deu uma cutucada nas costas dele.

“Vai ser tranquilo. Eu sei que vou entrar. Cheguei na casa dos setecentos no meu exame de admissão. Papai está lá em cima. Sabe de uma coisa?”

“Não.” Stella o cutucou de novo. “O quê?”

“Todos nós fomos convidados porque temos mais ou menos a mesma idade de Ann-Veronica Moore, mas a levaram lá para cima assim que ela e o sr. Wanderley chegaram aqui. Nós nem pudemos falar com ela.” Ele indicou os casais dançando no pequeno aposento do andar de baixo. “Mas Jim Hardie beijou a mão dela. Ele sempre faz coisas assim. Deixa todo mundo com aquela cara.”

Ricky viu o filho de Eleanor Hardie fazendo uma série de passos de dança ritualísticos com uma garota cujo cabelo preto cascateava até a lombar — era Penny Draeger, filha de um farmacêutico que era seu cliente. Ela se afastou, girou, levantou um pé e encostou o traseiro na virilha de Hardie. “Ele parece um garoto promissor”, ronronou Stella. “Peter, você pode me fazer um favor?”

“Hã, claro”, disse o garoto, engolindo em seco. “O quê?”

“Abra espaço para eu e meu marido subirmos.”

“Claro, sim. Mas quer saber? Fomos convidados para conhecer Ann-Veronica Moore e depois tínhamos que ir para casa. A sra. Sheehan disse que não podemos nem subir. Pelo jeito acharam que ela gostaria de dançar conosco, mas nem lhe deram oportunidade. E, às dez horas, a sra. Sheehan disse que nos expulsaria. Menos ele, eu acho.” Ele indicou Freddy Robinson, que estava com um braço nos ombros de uma garota do ensino médio dando risadinhas.

“Terrivelmente injusto”, disse Stella. “Agora, seja um bom garoto e abra caminho.”

“Ah, sim.” Ele os levou pelo salão cheio até a escadaria como se estivesse guiando com relutância uma excursão de moradores do hospício da região. Quando estavam em segurança na escada e Stella já tinha começado a subir majestosamente, ele se inclinou para a frente e sussurrou no ouvido de Ricky. “Pode me fazer um favor, sr. Hawthorne?” Ricky assentiu. “Diga oi para ela por mim, tá? Ela é uma boneca.”

Ricky riu alto, fazendo Stella virar a cabeça e olhar para ele sem entender. “Não foi nada, querida”, garantiu ele, subindo a escada em direção às regiões mais tranquilas da casa.

• • •

Eles viram John Jaffrey de pé no corredor, esfregando as mãos. Uma música suave de piano vinha da sala.

“Stella! Ricky! Não é maravilhoso?” Ele fez um gesto expansivo para as salas. Estavam tão cheias quanto as de baixo, mas com homens e mulheres de

meia-idade — os pais dos adolescentes, vizinhos e conhecidos de Jaffrey. Ricky viu dois ou três fazendeiros prósperos de fora da cidade, Rollo Draeger, o farmacêutico, Louis Price, um negociador de *commodities* que lhe deu uma ou duas boas ideias, Harlan Bautz, seu dentista, que já parecia meio bêbado, alguns homens que não conhecia, mas que achava que deviam ser da universidade — Milly Sheehan tinha um sobrinho que dava aulas lá, lembrou —, Clark Mulligan, dono do cinema da cidade, Walter Barnes e Edward Venuti, do banco, cada um com uma camisa de gola alta, Ned Rowles, que editava o jornal local. Eleanor Hardie, com as duas mãos em um copo alto sustentado na altura dos seios, estava inclinando o rosto com as sobrancelhas erguidas na direção de Lewis Benedikt. Sears estava encostado em uma estante, parecendo meio para baixo. A multidão se abriu, e Ricky viu o motivo. Irmengard Draeger, a esposa do farmacêutico, estava tagarelando no ouvido dele, e Ricky sabia o que ela estava dizendo. *Estudei em Skidmore, bom, passei três anos lá antes de conhecer Rollo, você não acha que mereço coisa melhor do que esta cidade no fim do mundo? Sinceramente, se não fosse Penny, eu faria a mala e iria embora agora*. Era a melodia, e não exatamente a letra, à qual Irmengard sincronizou os últimos dez anos da vida.

"Não sei por que nunca fiz isso antes", comentou John, com o rosto radiante. "Me sinto mais jovem esta noite do que em uma década."

"Que maravilha, John", disse Stella, inclinando-se para a frente para beijar a bochecha dele. "O que Milly acha disso?"

"Não gostou muito." Ele pareceu perplexo. "Não conseguiu entender por que eu queria fazer uma festa. Não conseguiu entender por que eu queria trazer a srta. Moore aqui."

Milly apareceu naquele momento, oferecendo uma bandeja de canapés para Barnes e Venuti, os dois banqueiros, e pela expressão determinada no rosto gorducho Ricky notou que ela se opôs à ideia desde o começo. "Por que você quis?"

"Com licença, John, vou dar um giro por aí", avisou Stella. "Não se preocupe em me arrumar uma bebida, Ricky, vou pegar uma de alguém que não esteja tomando a que pegou." Ela passou pela porta na direção de Ned Rowles. Lou Price, com jeito de gângster com um terno risca de giz trespassado, segurou a mão dela e lhe deu um beijo na bochecha.

"É uma moça maravilhosa", disse John Jaffrey, e os dois homens viram Stella se esquivar de Lou Price dizendo alguma coisa e continuando na direção de Ned Rowles. "Queria que houvesse um milhão como ela." Rowles estava se virando para observar Stella se aproximando, com o rosto se iluminando de prazer. Com o paletó de veludo, o cabelo claro e o rosto sincero, Ned Rowles

parecia mais um estudante de jornalismo do que um editor. Também beijou Stella, mas na boca, e segurou as duas mãos dela quando fez isso. “Por que eu quis?” John inclinou a cabeça, e quatro rugas profundas dividiram as laterais do pescoço. “Não sei exatamente. Edward está tão enfeitiçado por essa garota que eu queria conhecê-la.”

“Está? Enfeitiçado?”

“Ah, totalmente. Espere só. Você vai ver. E além disso só vejo meus pacientes e Milly e a Sociedade Chowder. Achei que era hora de me expandir um pouco. De me divertir um pouco antes de cair morto.”

Era um comentário frívolo para John Jaffrey, e Ricky olhou para o amigo, tirando os olhos da esposa, que ainda estava de mãos dadas com Ned Rowles.

“E sabe o que não consigo superar? Uma das atrizes mais famosas dos Estados Unidos está no andar de cima da minha casa neste minuto.”

“Edward está com ela?”

“Disse que ela precisava de alguns minutos antes de se juntar a nós. Acho que a está ajudando com o casaco, talvez.” O rosto maltratado de Jaffrey brilhava de orgulho.

“Acho que ela ainda não é uma das atrizes mais famosas dos Estados Unidos, John.” Stella tinha seguido em frente, e Ned Rowles estava falando alguma coisa com veemência para Ed Venuti.

“Bom, vai ser. Edward acha que sim, e ele sempre está certo sobre coisas assim, Ricky!” Jaffrey segurou os braços do amigo. “Você viu os jovens dançando lá embaixo? Não é fantástico? Jovens se divertindo na *minha* casa? Eu achei que eles gostariam de conhecê-la. É uma honra fantástica, sabe. Ela só pode ficar aqui mais alguns dias. Edward está quase terminando de gravar as fitas, e ela precisa voltar para Nova York e para a peça. E aqui está ela, na minha casa! Por Deus, Ricky!”

Ricky sentiu quase como se devesse colocar um pano frio na testa de Jaffrey.

“Você sabia que ela veio do nada? Que era a aluna mais promissora da aula de teatro e, na semana seguinte, conseguiu o papel em *Todos viram o sol brilhar?*”

“Não, John.”

“Acabei de ter uma ideia maravilhosa. Sobre tê-la aqui em casa. Eu estava ali de pé, ouvindo a música de discoteca dos jovens lá de baixo e ouvindo trechos do disco de George Shearing aqui, e pensei: lá embaixo está a vida crua e animal, jovens pulando com a batida; neste andar, temos a vida mental, médicos e advogados, toda a respeitabilidade da classe média, e lá em cima está a graça, o talento, a beleza… o espírito. Está vendo? É como a evolução. Ela é a coisa mais etérea que você já viu. E só tem dezoito anos.”

Nunca na vida Ricky tinha ouvido John Jaffrey expressar um conceito tão extravagante. Ele estava começando a se preocupar com a pressão sanguínea do médico. Mas os dois homens ouviram o ruído de uma porta sendo fechada no patamar de cima, seguido da voz grave de Edward dizendo alguma coisa com a entonação maliciosa de uma piada.

"Achei que Stella tivesse dito que ela tem dezenove anos", disse Ricky.

"*Shhh*."

Uma bela garotinha estava descendo a escada na direção deles. O vestido era simples e verde, o cabelo, como uma nuvem. Depois de um segundo, Ricky viu que os olhos dela combinavam com o vestido. Movendo-se com uma espécie de precisão rítmica, ela lhes deu o menor dos sorrisos — e mesmo assim foi radiante — e seguiu em frente, encostando no peito do dr. Jaffrey com as pontas dos dedos quando passou. Ricky a observou, achando graça e emocionado. Não via nada assim desde Louise Brooks em *A caixa de Pandora*.

Ele olhou para Edward Wanderley e viu na mesma hora que John Jaffrey estava certo. As feições de Edward brilhavam. Tinha sido balançado pela garota, e ficou igualmente óbvio que era difícil para ele deixá-la sozinha por tempo suficiente para cumprimentar os amigos. Os três homens foram para a sala lotada. "Ricky, você está ótimo", disse Edward, colocando um braço com facilidade ao redor dos ombros dele. Edward era quinze centímetros mais alto e, quando começou a empurrá-lo pela sala, Ricky sentiu cheiro de perfume caro. "Ótimo. Mas não está na hora de parar de usar gravata-borboleta? A era de Arthur Schlesinger está morta e enterrada."

"Foi a era logo depois da minha", justificou Ricky.

"Não, escute só, ninguém é mais velho do que a maneira como se sente. Parei totalmente de usar gravatas. Em dez anos, oitenta por cento dos homens deste país vão usar gravatas apenas em casamentos e funerais. Barnes e Venuti ali vão se vestir assim lá no banco." Ele observou a sala. "Para onde ela foi?" Ricky, em quem gravatas novas evocavam um desejo de usá-las até para dormir, olhou para o pescoço exposto de Edward enquanto o amigo observava a sala lotada, viu que estava mais enrugado do que o de John Jaffrey e decidiu não mudar seus hábitos. "Passei três semanas com aquela garota, e ela é o assunto mais fantástico que já tive para escrever. Mesmo se estiver inventando coisas, e pode ser que esteja, vai ser o melhor livro que já escrevi. Ela teve uma vida horrível, *horrível*. Dá vontade de chorar só de ouvir. Eu fico lá chorando. Estou dizendo, ela está jogando talento fora naquela baboseira da Broadway, é um desperdício. Vai ser uma grande atriz trágica. Quando sair da adolescência." Com o rosto vermelho, Edward riu do próprio absurdo. Como John, ele também estava nas nuvens.

“Vocês dois parecem ter sido infectados por essa garota como se ela fosse um vírus”, comentou Ricky.

John riu, e Edward disse: “O mundo todo vai ser infectado, Ricky. Ela tem esse dom”.

“Ah”, disse Ricky, lembrando-se de uma coisa. “Seu sobrinho, Donald, parece estar fazendo muito sucesso com o livro novo. Parabéns.”

“É bom saber que não sou o único desgraçado com algum talento na família. E isso pode ajudá-lo a superar a morte do irmão. Foi uma história estranha, uma história muito estranha. Pelo jeito os dois estavam noivos da mesma mulher. Mas não queremos pensar em nada macabro hoje. Vamos nos divertir.”

John Jaffrey sorriu, concordando alegremente.

4

“Vi seu filho lá embaixo, Walt”, disse Ricky para Walter Barnes, o mais velho dos dois banqueiros. “Ele me contou sobre a decisão. Espero que consiga.”

“É, Pete escolheu Cornell. Eu sempre torci para ele pelo menos se candidatar para Yale, minha antiga universidade. Ainda acho que ele entraria.” Um homem pesado, com o rosto teimoso como o do filho, Barnes não estava inclinado a aceitar os parabéns de Ricky. “O garoto nem está mais interessado. Diz que Cornell é suficiente para ele. ‘Suficiente.’ A geração dele é ainda mais conservadora do que a minha. Cornell é o tipo de lugar mediano onde ainda fazem guerra de comida. Nove ou dez anos atrás, eu tinha medo de Pete crescer e virar um radical barbudo que fizesse atentados a bombas. Agora, tenho medo de ele aceitar menos do que poderia ter.”

Ricky emitiu ruídos vagos de solidariedade.

“Como seus filhos estão? Ainda na Costa Oeste?”

“Sim. Robert dá aula de inglês para o ensino médio. O marido de Jane conseguiu uma vice-presidência.”

“Vice-presidência de quê?”

“Segurança.”

“Ah, veja só.” Os dois tomaram um gole de bebida, tentando não inventar comentários sobre o que uma promoção a vice-presidente encarregado de segurança poderia querer dizer em uma companhia de seguros. “Estão planejando vir no Natal?”

“Acho que não. Os dois têm uma vida bem ativa.” Na verdade, nenhum dos filhos escrevia para Ricky e Stella havia vários meses. Foram crianças infelizes,

adolescentes mal-humorados, e agora, com quase quarenta anos, adultos insatisfeitos — de muitas formas, ainda adolescentes. As poucas cartas de Robert eram pedidos de dinheiro mal disfarçados; as de Jane eram superficialmente alegres, mas Ricky lia o desespero nas entrelinhas. (“Estou realmente gostando de mim agora”: uma declaração que, para Ricky, significava o contrário. A eloquência o deixava tenso.) Os filhos de Ricky, antigos queridinhos do seu coração, agora eram como planetas distantes. Suas cartas já eram dolorosas; vê-los era pior ainda. “Não”, disse ele. “Acho que não vão conseguir vir desta vez.”

“Jane é uma garota bonita”, comentou Walter Barnes.

“Puxou à mãe.”

Ricky começou automaticamente a olhar ao redor para encontrar Stella e viu Milly Sheehan apresentando sua esposa para um homem alto com ombros murchos e lábios grossos. O sobrinho acadêmico.

Barnes perguntou: “Você viu a atriz de Edward?”.

“Está por aí em algum lugar. Eu a vi descer.”

“John Jaffrey parece bem animado com ela.”

“Ela de fato tem uma beleza deslumbrante”, reconheceu Ricky, rindo em seguida. “Edward também está deslumbrado.”

“Pete leu em uma revista que ela só tem dezessete anos.”

“Nesse caso, é uma ameaça pública.”

• • •

Quando Ricky deixou Barnes para se juntar à esposa e a Milly Sheehan, ele teve um vislumbre da atriz. Estava dançando com Freddy Robinson ao som de um disco de Count Basie e se movia como um maquinário delicado, com os olhos emanando um brilho esverdeado; com os braços em torno dela, Freddy Robinson parecia estupefato de felicidade. Sim, os olhos da garota reluziam, Ricky reparou, mas seria de prazer ou deboche? A garota virou a cabeça, e os olhos enviaram uma corrente de emoção pela sala até ele, e Ricky viu nela a pessoa que sua filha Jane, agora acima do peso e infeliz, sempre quis ser. Enquanto a via dançar com o tolo Freddy Robinson, entendeu que ali, na frente dele, estava uma pessoa que nunca teria motivo para dizer que estava realmente passando a gostar de si mesma; ela era um pequeno estandarte da compostura.

• • •

“Oi, Milly”, disse ele. “Você está trabalhando muito.”

“Ah, nossa, quando eu estiver velha demais para trabalhar, vou me deitar e morrer. Você comeu alguma coisa?”

“Ainda não. Esse deve ser seu sobrinho.”

“Ah, por favor, me *perdoe*. Vocês ainda não se conhecem.” Ela tocou no braço do homem alto ao seu lado. “Ele é o inteligente da família, Harold Sims. É professor da faculdade, e estávamos tendo uma ótima conversa com a sua esposa. Harold, esse é Frederick Hawthorne, um dos melhores amigos do doutor.” Sims sorriu para ele. “O sr. Hawthorne é sócio-fundador da Sociedade Chowder”, complementou Milly.

“Eu estava ouvindo sobre a Sociedade Chowder”, disse Harold Sims. A voz dele era muito grave. “Parece interessante.”

“Infelizmente, é tudo menos isso.”

“Estou falando do ponto de vista antropológico. Ando estudando o comportamento de grupos de interação masculinos cronologicamente relacionados. O conteúdo ritualístico sempre é muito forte. Vocês, hã, membros da Sociedade Chowder, usam mesmo fraque quando se reúnem?”

“Sim, sou obrigado a dizer que sim.” Ricky olhou para Stella pedindo ajuda, mas ela havia se abstraído mentalmente e estava olhando tranquilamente para os dois homens.

“E por que isso, exatamente?”

Ricky sentiu que o homem estava prestes a puxar um caderno do bolso.

“Pareceu uma boa ideia uns cem anos atrás. Milly, por que John convidou metade da cidade se vai deixar Freddy Robinson monopolizar a srta. Moore?”

Antes que Milly pudesse responder, Sims perguntou: “Você conhece o trabalho de Lionel Tiger?”.

“Acho que sou absurdamente ignorante a esse respeito”, disse Ricky.

“Eu ficaria interessado em observar uma das suas reuniões. Isso pode ser providenciado, não?”

Stella finalmente riu e fez uma cara de *agora saia dessa*.

“Eu duvido muito”, disse Ricky, “mas acho que conseguiria levar você à próxima reunião da Kiwanis.”

Sims perdeu o ímpeto, e Ricky viu que ele era inseguro demais em relação à própria dignidade para aceitar bem uma piada. “Somos apenas cinco velhos que gostam de se encontrar”, ele se apressou em dizer. “Antropologicamente, somos um fracasso. Não somos do interesse de ninguém.”

“Vocês são do meu interesse”, disse Stella. “Por que não convidam o sr. Sims e a sua esposa para a próxima reunião?”

“Isso mesmo!” Sims começou a demonstrar uma quantidade alarmante de entusiasmo. “Eu gostaria de gravar para começar, depois o elemento de vídeo…”

“Está vendo aquele homem ali?” Ricky fez sinal na direção de Sears James, que mais do que nunca se parecia com uma nuvem de tempestade em forma

humana. Pelo jeito Freddy Robinson, agora separado da srta. Moore, estava tentando vender uma apólice de seguro para ele. “Aquele grandão? Ele cortaria minha garganta se eu fizesse uma coisa assim.”

Milly pareceu chocada; Stella levantou o queixo e disse: “Foi um prazer conhecer você, sr. Sims”. E os deixou.

Harold Sims disse: “Antropologicamente, essa é uma declaração muito interessante”. Ele olhou para Ricky com um interesse ainda mais profissional. “A Sociedade Chowder deve ser muito importante para você.”

“Claro que é”, Ricky se resumiu a dizer.

“Pelo que você disse, eu faria a suposição que o homem para quem você apontou é a figura dominante do grupo, o chefão.”

“É muita astúcia da sua parte”, disse Ricky. “Agora, se puder me dar licença, estou vendo uma pessoa com quem preciso falar.”

Quando ele deu as costas e se afastou alguns passos, ouviu Sims perguntar a Milly: “Aqueles dois são mesmo casados?”.

5

Ricky se posicionou em um canto, decidindo esperar. Tinha uma visão boa, quase totalmente desobstruída da festa; ficaria bem feliz só de observar as coisas até a hora de ir para casa. Quando o disco acabou, John Jaffrey apareceu ao lado do aparelho portátil e colocou outro na vitrola. Lewis Benedikt, que o acompanhava, pareceu achar graça, e quando a música começou a sair das caixas de som, Ricky entendeu por quê. Era um disco de Aretha Franklin, uma cantora que Ricky conhecia apenas do rádio. Onde John Jaffrey tinha conseguido um disco assim e quanto tempo atrás? Devia ter comprado especialmente para a festa. Era um conceito fascinante, mas as deliberações de Ricky foram interrompidas por uma sucessão de pessoas que se juntaram a ele, uma a uma, em seu canto.

O primeiro que o encontrou foi Clark Mulligan, o dono do Rialto, o único cinema de Milburn. Os sapatos Hush Puppies estavam estranhamente limpos, a calça passada, a barriga contida pelo botão do paletó — Clark tinha se arrumado para aquela noite. Presumivelmente, sabia que fora convidado por causa de sua relação com o *show business*. Ricky achava que deveria ser a primeira vez que John recebia Clark Mulligan em sua casa. Ficou feliz de vê-lo; sempre ficava. Mulligan era a única pessoa da cidade que compartilhava seu amor por filmes

antigos. As fofocas de Hollywood entediavam Ricky, mas ele amava os filmes da era de ouro.

“Quem ela faz você lembrar?”, ele perguntou a Mulligan.

Mulligan olhou para o outro lado da sala. A atriz estava de pé com uma postura modesta, ouvindo alguma coisa dita por Ed Venuti. “Mary Miles Minter?”

“Ela me lembrou Louise Brooks. Mas acho que os olhos de Louise Brooks não eram verdes.”

“Quem sabe? Mas dizem que ela é uma ótima atriz. Que surgiu do nada. Ninguém sabe nada sobre ela.”

“Edward sabe.”

“Ah, ele está fazendo um daqueles livros, não é?”

“As entrevistas estão quase no fim. É sempre difícil para Edward se despedir das pessoas sobre quem escreve, mas desta vez vai ser ainda mais traumático. Acho que ele se apaixonou por ela.” E, de fato, Edward se juntou a Ed Venuti e conseguiu se colocar entre o banqueiro e a pequena atriz.

“Eu também me apaixonaria por ela”, especulou Mulligan. “Quando os rostos delas vão para a tela, eu me apaixono por todas. Você viu Marthe Keller?” Ele revirou os olhos.

“Ainda não, mas pelas fotos que vi, parece bem mais uma Constance Talmadge moderna.”

“Está brincando? Que tal Paulette Goddard?” E, a partir daí, eles passaram a falar com alegria de Chaplin, *Barba azul*, Norma Shearer e John Ford, Eugene Pallette e Harry Carey Jr., *No tempo das diligências* e *A ceia dos acusados*, Veronica Lake e Alan Ladd, John Gilbert e Rex Bell, Jean Harlow, Charlie Farrell, Janet Gaynor, *Nosferatu* e Mae West, atores e filmes que Ricky viu quando jovem e nunca deixou de apreciar com alegria, e a recordação fresca deles o ajudava a se recordar do que um jovem dissera sobre ele mesmo e a esposa.

“Aquele não era Clark Mulligan?” Sua segunda visitante foi Sonny Venuti, esposa de Edward. “Está com uma aparência péssima.” A própria Sonny se transformara, ao longo dos anos, de uma mulher magra e bonita com um lindo sorriso, numa estranha ossuda com uma expressão inquieta e atordoada permanente nos olhos. Uma vítima do casamento. Três meses antes, entrou na sala de Ricky e perguntou o que precisava fazer para conseguir um divórcio. “Ainda não tenho certeza, mas estou pensando no assunto. Tenho que descobrir em que pé estou.” Sim, havia outro homem, mas ela não quis dizer quem era. “Mas vou contar o seguinte: ele é bonito e inteligente e tão sofisticado quanto se pode ser nesta cidade.” Ela não deixou dúvida de que se tratava de Lewis.

Mulheres assim sempre faziam Ricky Hawthorne se lembrar de sua filha, e expôs todas as opções com delicadeza, mostrando cada passo, explicando tudo de forma cuidadosa e sucinta, embora soubesse que ela nunca voltaria.

“Ela é bonita, não?”

“Ah, muito.”

“Conversei com ela por um segundo.”

“É mesmo?”

“Ela não estava interessada. Só quer saber de homens. E adoraria *você.”*

Naquele momento, a atriz estava conversando com Stella, a menos de três metros, o que parecia contrariar a declaração de Sonny Venuti. Ricky viu as duas mulheres conversando sem ouvir suas palavras. Sonny deu uma explicação um tanto prolongada sobre o motivo por que a atriz o amaria. A pessoa sobre quem falava estava ouvindo Stella, e respondendo, duas mulheres adoráveis, interessantes, divertidas. E então, a srta. Moore disse alguma coisa que visivelmente desconcertou Stella: a esposa de Ricky piscou, abriu a boca, fechou-a, ajeitou o cabelo — se fosse homem, teria coçado a cabeça. Ann-Veronica Moore, com Edward Wanderley logo atrás, saiu andando.

“Eu tomaria cuidado”, avisou Sonny Venuti. “Ela pode parecer um anjinho, mas esse tipo de mulher adora pisar nos homens.”

“Caixa de Pandora”, disse Ricky, lembrando-se de sua primeira impressão da atriz.

“O quê? Ah, sim, eu sei, é um filme antigo. Quando procurei você naquela vez, Katharine Hepburn e Spencer Tracy sugiram na conversa duas vezes.”

“Como estão as coisas agora, Sonny?”

“Estou tentando de novo, Deus, como estou tentando. Quem consegue se divorciar em Milburn? Mas ainda quero descobrir quem sou.”

Ricky pensou na filha e seu coração deu um nó.

E então Sears James se juntou a Ricky em seu canto.

“Privacidade, enfim”, comentou ele, colocando a bebida em uma mesa e se encostando nas estantes.

“Eu não contaria com isso.”

“Um jovem inacreditável tentou me vender seguro. Mora do outro lado da rua.”

“Eu o conheço.”

Como estavam em total acordo sobre o assunto Freddy Robinson, não havia mais nada a dizer. Mas Sears acabou rompendo o silêncio.

“Lewis talvez precise de ajuda para ir para casa. Ele está um tanto embriagado.”

“Bom, não é uma das nossas reuniões, afinal.”

“Hum. Imagino que ele talvez escolha uma garota que possa levá-lo em casa.”

Ricky olhou para ele para ver se era um comentário de motivação mais pessoal, mas Sears só estava observando a festa vagamente, com tédio evidente. “Você conversou com a convidada de honra?”

“Eu nem a vi.”

“Ela é impossível de não ver. Acho que está…” Ele levantou a bebida na direção em que a viu, mas a atriz não estava mais lá. Edward conversava com John, presumivelmente sobre ela, mas Ann-Veronica Moore não estava mais na sala. “Fique de olho em Edward. Ele vai encontrá-la.”

“Não é o filho de Walter Barnes ali, de pé perto do bar?”

Embora já tivesse passado das dez, Peter Barnes e uma garota estavam mesmo perto do bar, e o garçom que aliviou Milly de seus deveres estava preparando bebidas para os dois. A governanta do dr. Jaffrey não teve coragem de mandar os adolescentes para baixo, e os mais ousados invadiram a festa do andar de cima. A música de piano que substituiu Aretha Franklin cessou abruptamente, e Ricky viu Jim Hardie fazendo malabarismos com vários discos, tentando decidir qual era o menos fora de moda. “Oh-oh”, disse ele para Sears, “temos um novo disc jockey.”

“Já chega”, decretou Sears. “Estou cansado e vou para casa. Música barulhenta sempre me faz querer agredir alguém.”

Ele se afastou com todo o seu volume corporal. Milly Sheehan impediu seu progresso e se dirigiu a ele com agitação. Ricky achou que ela estava nervosa por causa da súbita aparição dos adolescentes. Sears deu de ombros — não era problema seu.

Ricky queria ir para casa nessa hora, mas Stella tinha começado a dançar com Ned Rowles, e em pouco tempo várias das esposas atraíram os maridos para mais perto do toca-discos. Os adolescentes dançavam de forma enérgica, às vezes quase elegante; os adultos pareciam bobos e meros imitadores perto deles. Ricky grunhiu; a noite seria longa. Todos tinham começado a falar mais alto, o barman estava preparando seis bebidas de uma vez, movendo uma garrafa de cabeça para baixo acima de uma fileira de copos cheios de gelo. Sears alcançou a porta e desapareceu.

Christina Barnes, uma loura alta com rosto ávido, apareceu ao lado de Ricky.

“Como meu filho conseguiu tomar conta desta festa, que tal dançar comigo, Ricky?”

Ricky sorriu. “Infelizmente, não vou poder ser um cavalheiro desta vez, Christina. Não danço há quarenta anos.”

“Alguma coisa você deve fazer muito bem para ficar com Stella todos esses anos.”

Ela já tinha passado três drinques do limite. “Sim”, respondeu ele. “Quer saber o quê? Eu nunca perdi meu senso de humor.”

“Ricky, você é maravilhoso. Eu adoraria fazer uma massagem nas suas costas um dia desses e ver se consigo descobrir do que você é feito.”

“Cotocos velhos de lápis e livros de direito antiquados.”

Desajeitada, ela o beijou, batendo no maxilar dele. “Sonny Venuti foi ver você alguns meses atrás? Queria conversar sobre isso.”

“Então vá ao meu escritório”, respondeu, sabendo que ela não iria.

“Com licença, Ricky, Christina”, disse Edward Wanderley, que tinha aparecido do outro lado de Ricky.

“Vou deixar vocês, homens, com seus negócios particulares.” Christina saiu em busca de um parceiro de dança.

“Você a viu? Sabe onde ela está?” O rosto largo de Edward parecia o de um menino ansioso.

“A srta. Moore? Não a vejo há um tempo. Você a perdeu?”

“*Droga*. Ela simplesmente sumiu.”

“Deve estar no banheiro.”

“Há 25 minutos?” Edward massageou a testa.

“Não se preocupe com ela, Edward.”

“Não estou preocupado, só quero encontrá-la.” Ele ficou nas pontas dos pés e começou a olhar por cima das cabeças dos dançarinos, ainda esfregando a mão na testa. “Você não acha que ela saiu com um daqueles garotos horríveis, não é?”

“Eu não teria como dizer.” Edward Bateu no ombro dele e saiu rapidamente da sala.

Christina Barnes e Ned Rowles apareceram no espaço vazio que Edward deixara na beirada do tapete, e Ricky os contornou para procurar Stella. Depois de um momento, ele a viu com Jim Hardie, obviamente recusando um convite para aprender o *bump*. Ela o olhou com um certo alívio e se afastou do garoto.

A música estava tão alta que eles tinham que falar diretamente no ouvido do outro. “Aquele é o garoto mais direto que já conheci.”

“O que ele disse?”

“Que eu parecia Anne Bancroft.”

A música parou de repente, e a resposta de Ricky se espalhou por toda a festa. “Ninguém com menos de trinta deveria ter permissão para entrar em um cinema.”

Todo mundo, exceto Edward Wanderley, que estava interrogando um hostil Peter Barnes, se virou para Ricky e Stella. E então, o sempre esperançoso Freddy

Robinson segurou a mão da namorada de Jim Hardie, outro disco caiu na vitrola e as pessoas voltaram ao clima de festa. Edward falava baixo, com insistência, mas a voz irritada de Peter Barnes soou um momento antes de a música começar: “Meu Deus, cara, talvez ela tenha subido”.

“Podemos ir?”, ele perguntou a Stella. “Sears foi embora há um tempo.”

“Ah, vamos ficar mais um pouco. Não fazemos nada assim há séculos. Estou me divertindo, Ricky.” Quando ela viu o rosto decepcionado do marido, disse: “Dance comigo, Ricky. Só uma vez”.

“Eu não danço”, respondeu ele, se fazendo ouvir acima da algazarra da música. “Divirta-se. Mas vamos sair em meia hora, certo?”

Ela deu uma piscadinha, se virou e foi imediatamente capturada por Lou Price, que parecia um gângster, a quem dessa vez ela sucumbiu.

Edward, não vendo nada à sua frente, passou correndo.

Ricky andou ao redor da festa por um tempo, recusando bebidas do barman. Ele falou com Milly Sheehan, que estava sentada no sofá, exausta.

“Eu não sabia que seria assim”, reclamou Milly. “Vou levar horas para limpar.”

“Peça para John ajudar.”

“Ele *sempre* ajuda”, disse Milly, uma luminosidade tocando o rosto simples e redondo. “Ele é maravilhoso nesse sentido.”

Ricky saiu andando e finalmente chegou ao alto da escada. Havia silêncio tanto em cima como embaixo. A atriz de Edward estaria lá em cima com um dos rapazes? Ele sorriu e desceu em busca de tranquilidades.

As salas do médico estavam vazias. Luzes estavam acesas, cigarros foram pisoteados no chão, copos pela metade ocupavam todas as superfícies. Os cômodos estavam com cheiro de suor, cerveja, fumaça. A vitrolinha portátil na sala da frente estava girando, a agulha batendo nas ranhuras vazias. Ricky levantou o braço da vitrola, colocou no apoio e desligou o aparelho. Milly teria muito trabalho ali embaixo na manhã seguinte. Ele olhou para o relógio. Meia-noite e meia. Pelo teto, vinha a batida de um baixo, um eco metálico de música.

Ricky se sentou em uma das cadeiras duras da sala de espera, acendeu um cigarro, suspirou e relaxou. Perguntou-se se deveria ajudar Milly começando a arrumar os cômodos inferiores, mas se deu conta de que precisaria de uma vassoura. Estava cansado demais para ir procurar uma.

Alguns minutos depois, passos o acordaram de um cochilo leve. Ele se empertigou na cadeira ao ouvir alguém abrir uma porta no pé da escada. “Olá?”, gritou ele, sem querer constranger um casal ilícito.

“Quem é? Ricky?” John Jaffrey apareceu na sala de espera da frente. “O que você está fazendo aqui? Você viu Edward?”

“Eu vim aqui para ficar no silêncio. Edward estava andando de um lado para o outro tentando encontrar a srta. Moore. Talvez tenha subido.”

“Estou preocupado com ele”, avisou Jaffrey. “Parecia tão… tão tenso. Ann-Veronica está dançando com Ned Rowles. Ele não a viu?”

“Ela sumiu há um tempo. Era por isso que ele estava nervoso.”

“Ah, pobre Edward. Ele não precisa se preocupar com aquela garota. Ela é bem tranquila. Você precisava ver. Ela é adorável. Parece melhor agora do que esteve a noite toda.”

“Bem.” Ele se levantou da cadeira dura. “Quer ajuda para procurar Edward?”

“Não, não, não. Pode continuar aqui. Vou encontrá-lo. Vou olhar nos quartos. Mas o que ele poderia estar fazendo lá…”

“Ainda procurando, imagino.”

John se virou, murmurando que não poderia deixar de se preocupar, e voltou pelos consultórios. Ricky foi atrás dele lentamente.

Harold Sims estava dançando com Stella, segurando-a com firmeza e despejando um fluxo regular de palavras no ouvido dela. A música estava tão alta que Ricky teve vontade de gritar. Ninguém além de Sears tinha ido embora, e os jovens, agora bêbados em sua maioria, giravam, com cabelos e braços voando. A pequena atriz saltitava com o editor, Lewis estava conversando com Christina Barnes no sofá. Os dois estavam alheios à presença da adormecida Milly Sheehan, a menos de vinte centímetros. Ricky desejou profundamente estar na cama. O barulho lhe deu dor de cabeça. Seus velhos amigos, exceto Sears, deviam ter perdido a cabeça. Lewis estava com a mão no joelho de Christina Barnes, com os olhos estavam desfocados. Ele estava mesmo tentando seduzir a esposa do banqueiro? Na presença do marido e do filho?

No andar de cima, uma coisa pesada caiu, e apenas Ricky ouviu. Ele caminhou até o patamar e viu John Jaffrey de pé no alto da escada.

“Ricky.”

“O que foi, John?”

“Edward. É Edward.”

“Ele derrubou alguma coisa?”

“Suba aqui, Ricky.”

Ricky subiu a escada, ficando um pouco mais preocupado a cada passo. John Jaffrey parecia muito abalado.

“Ele derrubou alguma coisa? Se machucou?”

Jaffrey abriu a boca. Finalmente, sons saíram. “Eu derrubei uma cadeira. Não sei o que fazer.”

Ricky alcançou o patamar e olhou no rosto aturdido de Jaffrey. “Onde ele está?”

“No segundo quarto.”

Como Jaffrey não se mexeu, Ricky atravessou o corredor até a segunda porta. Olhou para trás; Jaffrey assentiu, engoliu em seco e finalmente foi na direção dele. “Aí dentro.”

A boca de Ricky estava seca. Desejando estar em outro lugar, fazendo qualquer coisa menos aquilo, ele colocou a mão na maçaneta e girou. A porta se abriu.

O quarto estava frio e quase vazio. Dois casacos, o de Edward e o da garota, estavam jogados sobre um colchão exposto. Mas Ricky só viu Edward Wanderley. Edward estava no chão, as duas mãos encolhidas contra o peito e os joelhos erguidos. O rosto estava com um aspecto terrível.

Ricky deu um passo para trás e quase caiu por cima da cadeira que John Jaffrey tinha virado. Não havia como acreditar que Edward ainda estava vivo — ele não seria capaz de dizer como sabia, mas tinha certeza —, e mesmo assim perguntou: “Você tentou sentir a pulsação?”

“Ele não tem pulsação. Está morto.”

John estava tremendo junto à porta. Música e vozes subiam pela escada.

Ricky se obrigou a se ajoelhar ao lado de Edward. Tocou em uma das mãos, segurando a camisa verde de Edward. Colocou os dedos na parte interna do pulso. Não sentiu nada, mas não era médico. “O que você acha que aconteceu?” Ainda não conseguia olhar para o rosto distorcido de Edward.

John adentrou um pouco mais o quarto. “Ataque cardíaco?”

“Você acha que foi isso?”

“Não sei. Sim, provavelmente. Empolgação demais. Mas…”

Ricky olhou para Jaffrey e soltou a mão ainda quente de Edward. “Mas o quê?”

“Não sei. Não tenho como dizer. Mas, Ricky, veja o rosto dele.”

Ele olhou: músculos rígidos, boca escancarada como se quisesse gritar, olhos vazios. Era o rosto de um homem sendo torturado, esfolado vivo. “Ricky”, falou John, “não é adequado a um médico dizer tal coisa, mas parece que ele morreu de medo.”

Ricky assentiu e se levantou. A aparência de Edward era exatamente assim. “Não podemos deixar ninguém entrar aqui. Vou descer e chamar uma ambulância.”

6

E esse foi o fim da festa de Jaffrey: Ricky Hawthorne ligou para pedir uma ambulância, desligou o toca-discos e disse que Edward Wanderley tinha “sofrido um acidente” e não havia nada o que pudessem fazer, então mandou trinta pessoas para casa. Não permitiu que ninguém subisse. Procurou Ann-Veronica Moore, mas ela já tinha ido embora.

Meia hora depois, o corpo de Edward estava a caminho do hospital ou do necrotério. Ricky levou Stella para casa. “Você não a viu sair?”, perguntou ele.

“Num minuto ela estava dançando com Ned Rowles, no seguinte desapareceu porta afora. Achei que ia ao banheiro. Ricky, que horror.”

“Sim. Foi um horror.”

“Pobre Edward. Acho que não consigo acreditar.”

“Acho que eu também não.” Lágrimas surgiram nos seus olhos, e por alguns segundos ele dirigiu cegamente, vendo apenas borrões. Para tentar tirar a imagem do rosto de Edward da mente, perguntou: “O que ela disse que tanto surpreendeu você?”.

“O quê? Quando? Eu quase não falei com ela.”

“No meio da festa. Vi vocês conversando e achei que ela tivesse dito alguma coisa que a surpreendeu.”

“*Ah*.” A voz de Stella ficou mais alta. “Ela me perguntou se eu era casada. Eu disse: ‘Sou a sra. Hawthorne’. E ela respondeu: ‘Ah, sim, acabei de ver seu marido. Ele daria um bom inimigo’.”

“Você não pode ter ouvido direito.”

“Ouvi, sim.”

“Não faz sentido.”

“Foi o que ela disse.”

• • •

E, uma semana depois, quando Ricky ligou para o teatro onde a garota estava trabalhando para tentar devolver o casaco, ficou sabendo que ela voltara para Nova York no dia seguinte à festa, abandonara a peça abruptamente e deixara a cidade. Ninguém sabia onde estava. Ela havia sumido de vez — era jovem demais, novata demais, e não deixou para trás nem reputação suficiente para se tornar uma lenda. Naquela noite, no que parecia ser a reunião final da Sociedade Chowder, ele respirou fundo, se virou para um moroso John Jaffrey e perguntou: “Qual foi a pior coisa que você já fez?”

E John poupou a todos ao responder: “Não vou contar isso, mas vou contar a pior coisa que já aconteceu comigo”, e contou uma história de terror.

PARTE DOIS
A VINGANÇA DO DR. RABBITFOOT

Siga uma sombra, e ela ainda guiará você;
Faça parecer que você a está guiando, e ela vai atrás.
— Ben Jonson

I.
Apenas mais um campo, mas o que plantaram lá

DOS DIÁRIOS DE DON WANDERLEY

1

A velha ideia do dr. Rabbitfoot… a ideia para outro livro, a história da destruição de uma cidade pequena pelo dr. Rabbitfoot, um *showman* itinerante que acampa em regiões nos arredores, vende elixires e poções e panaceias (um homem negro?) e que tem um espetaculozinho secundário — jazz, garotas dançando, trombones etc. Ventiladores e bolhas de sabão. Se existe o ambiente perfeito para uma história assim, esse lugar é Milburn.

Primeiro sobre a cidade, depois sobre o bom doutor. A cidade do meu tio, Milburn, é um daqueles lugares que parece criar seu próprio limbo e depois faz um ninho nele. Não é exatamente urbana e nem exatamente rural — pequena demais para a primeira definição, populosa demais para a segunda; e ciente demais do próprio status. (O jornal local se chama *O Urbanita*. Milburn até parece sentir orgulho da minúscula favela, umas poucas ruas chamadas de Hollow, parecendo apontar para lá e dizendo: Estão vendo? Nós temos lugares onde você precisa tomar cuidado depois que escurece, nossos tempos não nos tornam ilesos e inocentes. Isso é quase uma comédia. Se algum problema surgir em Milburn, não vai começar em Hollow.) Três quartos dos homens trabalham em outro lugar, principalmente em Binghamton — a cidade depende da estrada para viver. Uma sensação de estarem estranhamente acomodados, parados, *pesados, e* ao mesmo tempo nervosos. (Aposto que fofocam uns sobre os outros sem parar.) Nervosos porque devem sentir que estão sempre perdendo alguma coisa — que o tempo, afinal, os deixou na mão. Devo sentir isso por causa do contraste que vejo entre este lugar e a Califórnia — é uma preocupação que não existe por lá. Parece um tipo particular de ansiedade do *nordeste* americano, peculiar a essas cidadezinhas. Bons lugares para o dr. Rabbitfoot.

(Falando em ansiedade, os três homens idosos que conheci hoje — amigos do meu tio — sofrem muito com isso. Obviamente, tem a ver com o que os fez escreverem para mim, sem saber que eu estava ficando tão cansado da Califórnia que teria ido para qualquer lugar onde achasse que talvez pudesse trabalhar.)

Em termos de paisagem, claro, é bonito — todos esses lugares são. Até Hollow tem uma espécie de beleza sépia dos anos trinta. Existe a praça costumeira de toda cidade, as árvores de sempre — bordos, pinheiros, carvalhos, a floresta cheia de matéria morta com musgo —, a sensação de que a mata ao redor é mais poderosa, *mais profunda* do que a gradezinha de ruas que as pessoas colocaram em meio a ela. E, quando cheguei, vi as casas grandes, algumas o bastante para serem chamadas de mansões.

Mas, mesmo assim… é um local maravilhoso e caiu dos céus para o livro do dr. Rabbitfoot.

Ele é negro, definitivamente. Usa roupas espalhafatosas, com um toque antiquado: polainas, anéis grandes, uma bengala, um fraque exagerado. É alegre, profissional, falador incansável, um pouco ameaçador — é o bicho-papão. Pode se tornar seu dono se você não tomar cuidado. Vai pegar você se não se cuidar. Tem um sorriso aniquilador.

Você só vai vê-lo à noite, quando passar por um trecho de terra normalmente deserto, e ali estará ele, de pé em uma plataforma em frente a sua barraca, girando uma bengala enquanto a banda de jazz toca. Música animada o cerca, ele assobia sob o cabelo preto crespo, com um saxofone nos lábios. Está olhando diretamente para você. Convida-o a dar uma olhada no show, para comprar uma garrafa do elixir por um dólar. Diz que é o célebre dr. Rabbitfoot e que tem exatamente o que sua alma precisa.

E se a necessidade de sua alma for uma bomba? Uma faca? Uma morte lenta?

O dr. Rabbitfoot dá uma piscadela. Pode deixar, cara. É só tirar um dólar do bolso da calça jeans.

Agora, para declarar o óbvio: por trás dessa figura que fico empurrando de um lado para o outro na cabeça há anos está Alma Mobley. Também era conveniente para ela dar a você aquilo que desejava.

O tempo todo, o sorriso traquinas, os olhos brancos brilhantes… a alegria sinistra. *E aquela pequena Alma Mobley, garoto? Imagine que você a veja quando fechar os olhos, e aí? Ela está lá? He, he. Você já tocou em um fantasma? Já colocou a mão na pele branca de um fantasma? E os olhos tranquilos do seu irmão? Estavam observando você?*

2

Fui ao escritório do advogado que me escreveu, Sears James, assim que cheguei à *cidade — um prédio branco severo na Wheat Row, Junto à praça da cidade. O dia, cinzento pela manhã, estava frio e claro e, antes que eu visse a recepcionista, pensei: talvez esse seja o começo de um novo ciclo para você*, mas a recepcionista disse que tanto o sr. James como o sr. Hawthorne estavam em um enterro. A nova secretária que eles contrataram também foi, mas isso parecia um pouco forçado da parte dela, porque a moça sequer conhecia o dr. Jaffrey, não? Ah, eles deveriam estar no cemitério agora. E você é o sr. Wanderley que estavam esperando? E também não conhecia o dr. Jaffrey? Ah, ele era um homem muito querido, devia praticar medicina aqui em Milburn fazia quarenta anos, era o homem mais gentil que já se viu, não meloso, sabe, mas quando colocava as mãos em você dava para sentir a gentileza fluindo, *ela ficou tagarelando, olhando para mim, me inspecionando, tentando entender que raios o chefe dela poderia querer comigo*, e aí aquela mulher velha sentada em frente à mesa telefônica deu um sorriso furioso e jogou a carta que escondia na manga, *ela disse é claro que você não conhece, mas ele se matou cinco dias atrás. Pulou da ponte, você pode imaginar? Foi trágico. O sr. James e o sr. Hawthorne ficaram tão chateados. Ainda não superaram. Agora que aquela Anna está obrigando os dois a fazer o dobro de trabalho e temos aquele maluco do Elmer Scales ligando todos os dias, gritando com eles por causa daquelas quatro ovelhas… o que levaria um homem bom como o dr. Jaffrey a fazer uma coisa assim, você imagina?*

(*Ele ouviu o dr. Rabbitfoot, moça*.)

Ah, você gostaria de ir ao cemitério?

3

Ele foi. Ficava em uma rua chamada Pleasant Hill, logo depois da saída da cidade, em uma daquelas estradas estaduais (ela deu boas instruções), com longos campos morrendo debaixo de um gelo que caíra cedo demais, e de vez em quando o vento levantava uma placa de neve solta, fazendo-a ficar de pé e balançar os braços. É engraçado como *este lugar parece perdido, embora as pessoas tenham andado por ele por centenas de anos. Parece machucado e lamentável, com a alma desaparecida ou recolhida, esperando que aconteça alguma coisa que a desperte novamente*.

A placa, *Cemitério Pleasant Hill*, era um pedaço de metal cinzento, pendurado em um dos lados de um portão preto de ferro; se não fosse o portão grande no que parecia a entrada de mais um campo cheio de colinas, Don não teria visto. Olhou para o portão conforme foi se aproximando, perguntando a si mesmo que tipo de fazendeiro seria arrogante o bastante para colocar um portão baronial na entrada por onde passava o trator, desacelerou, olhou para a estrada estreita inclinada — mais do que um caminho de trator — e viu meia dúzia de carros parados no alto da subida. Em seguida, viu a plaquinha. *Apenas mais um campo, mas veja o que plantam aqui*. Ele guiou o carro e atravessou o portão.

Don deixou o carro longe dos outros, na metade da colina, e andou até o topo: bem próxima dali, estava a seção mais antiga do cemitério, lápides inclinadas com marcas fundas, anjos de pedra com braços levantados carregados de neve. Moças de granito protegiam os olhos com antebraços cobertos de panos. Esqueletos finos de erva daninha subiam pelas lápides tortas. A estrada estreita dividia a seção antiga e levava a uma região mais larga de lápides pequenas e bem-arranjadas. Roxas, cinzas e brancas, eram diminuídas pela expansão de terra que se abria a partir daí: após um momento, a cem metros de distância, Don viu as cercas que envolviam o cemitério. Um rabecão estava parado no ponto mais baixo. O motorista de quepe preto escondia um cigarro, para que não pudesse ser visto pelo grupinho de pessoas em volta do túmulo mais recente. Uma mulher, sem forma sob um casaco azul-claro, se segurava a uma outra, mais alta; as demais pessoas estavam eretas e imóveis como postes. *Quando vi os dois homens idosos juntos na base do túmulo, soube que só podiam ser os dois advogados — se não fossem advogados, eram atores interpretando esse papel. Comecei a ir na direção deles pelo declive da estrada estreita. Mas então pensei: se o falecido era médico, por que não tem mais gente? Onde estão os pacientes dele?* Um homem de cabelo grisalho ao lado dos dois advogados o viu primeiro e cutucou o grandão, que usava um casaco preto de gola de pele. O grandão olhou para ele, e o homenzinho ao seu lado, o que parecia resfriado, também tirou os olhos do pastor e encarou Don com curiosidade. Até o pastor parou de falar por um momento, enfiou a mão congelada no bolso do sobretudo e mirou Don com um ar confuso no rosto flácido.

E então, finalmente, um sinal de boas-vindas, um contraste com essa observação cautelosa: uma das belezinhas, a mais nova (uma filha?), dirigiu a ele um pequeno sorriso genuíno.

O homem com cabelo grisalho que olhou para Don como se ele devesse estar no cinema deixou os outros dois e andou na direção dele.

“Você é amigo de John?”, perguntou sussurrando.

“Meu nome é Don Wanderley”, ele murmurou em resposta. “Recebi uma carta de um homem chamado Sears James, e a recepcionista do escritório disse que eu poderia encontrá-lo aqui.”

“Caramba, você até se parece um pouco com Edward.” Lewis segurou o braço dele e apertou. “Olha, garoto, estamos passando por um momento difícil aqui, então aguente aí e não diga nada até terminar. Você tem onde passar a noite?”

Assim, eu me juntei a eles, meio me misturando, meio evitando os olhares. A mulher de casaco azul-claro continuava sem muito equilíbrio ao lado da outra com aparência desafiadora que a segurava: seu rosto se moveu e ela chorou, ah não ah não ah não. Havia lenços de papel coloridos amassados aos seus pés, subindo e rolando sob o vento que soprava no vale. De vez em quando, um deles disparava como um faisão de tom pastel e ficava preso no arame da cerca. Quando saímos de lá, havia dezenas presos no arame.

FREDERICK HAWTHORNE

4

Ricky estava satisfeito com Stella. Enquanto os três membros restantes da Sociedade Chowder tentavam se ajustar ao choque da morte de John, apenas ela pensou na tristeza de Milly Sheehan. Sears e Lewis, achava, pensaram o mesmo que ele — que Milly simplesmente moraria na casa de John. Ou que, se o lugar parecesse vazio demais, ela poderia ficar no Archer Hotel até decidir para onde ir e o que fazer. Ele e Sears sabiam que a governanta não teria dificuldades financeiras; eles fizeram o testamento que deixou para Milly a casa de John Jaffrey e o conteúdo de sua conta bancária. Somando tudo, ela receberia cerca de duzentos mil dólares; e, se decidisse ficar em Milburn, isso seria mais do que o suficiente para pagar os impostos da propriedade e ter uma vida confortável. Nós somos advogados, ele disse para si mesmo, pensamos assim. É inevitável; colocamos os detalhes em primeiro lugar e as pessoas em segundo.

Claro que estavam pensando em John Jaffrey. A notícia chegou quase ao meio-dia do dia que se seguiu àquele em que as premonições de Ricky ganharam força total: ele sabia que uma coisa horrível tinha acontecido assim que reconheceu a voz trêmula de Milly Sheehan do outro lado da linha. “É, é…”, disse ela, com a voz embargada e indistinta. “Sr. Hawthorne…?”

“Sim, sou eu, Milly”, disse ele. “O que aconteceu?” Ele acionou o interfone que se comunicava com a sala de Sears e o mandou ligar o viva-voz do aparelho na extensão. “O que foi, Milly?”, perguntou, sabendo que sua voz soaria alta demais para Sears, mas naquele momento era incapaz de falar baixo — os alto-falantes, embora reproduzissem a voz do cliente em volume normal, triplicavam o barulho feito por qualquer pessoa na extensão da outra sala. “Você está rompendo meus tímpanos”, reclamou Sears na linha.

“Desculpe”, disse Ricky. “Milly, você está aí? É Milly, Sears.”

“Foi o que entendi. Milly, podemos ajudar?”

“*Ugh*”, chorou ela, e a nuca dele ficou gelada.

O telefone ficou mudo. “Milly?”

“A linha caiu”, disse Sears.

“Você está aí, Milly?”

Ricky ouviu o telefone estalar em uma superfície dura.

A voz seguinte foi de Walt Hardesty. “Alô, aqui é o xerife. É o sr. Hawthorne?”

“Sim. O sr. James está na extensão. O que está acontecendo, Walt? Milly está bem?”

“Ela está olhando pela janela. O que ela é, afinal? Esposa dele? Achei que era esposa dele.”

Sears explodiu com impaciência, com a voz alta como um canhão no escritório de Ricky. “É a governanta dele. Agora diga o que está acontecendo aí.”

“Bom, ela está desmoronando como uma esposa. Vocês são os advogados do sr. Jaffrey?”

“Somos”, disse Ricky.

“Já sabem sobre ele?”

Os dois sócios ficaram em silêncio. Se Sears estava se sentindo do mesmo modo que Ricky, sua garganta deveria estar apertada demais para que pudesse falar.

“Bom, ele resolveu pular”, disse Hardesty. “Ei, aguenta aí, minha senhora. É melhor se sentar.”

“ELE FEZ O QUÊ?”, gritou Sears, e sua voz explodiu na sala de Ricky.

“Bom, ele mergulhou da ponte esta manhã. Resolveu pular. Calma, minha senhora, me deixe falar.”

“O nome dela é sra. Sheehan”, disse Sears com uma voz mais controlada. “Ela poderia reagir melhor se você a chamasse assim. Agora, como a sra. Sheehan evidentemente queria se comunicar conosco e não consegue fazer isso, por favor, conte o que aconteceu com John Jaffrey.”

“Ele mergulhou…”

“Vamos com calma. Ele *caiu* da ponte? Que ponte?”

“Droga, a ponte em cima do rio, o que você acha?”

“Qual é a condição dele?”

“Mortinho da silva. Como você achou que ele estaria? Me diga, quem vai cuidar das providências? A senhora aqui não está em condições…”

“Nós vamos”, disse Ricky.

“E podemos cuidar de mais do que isso”, acrescentou Sears, furioso. “Seus modos são uma desgraça. Sua dicção é vergonhosa. Você é um simplório, Hardesty.”

“Espere aí…”

“E TEM MAIS! Se você está supondo que o dr. Jaffrey cometeu suicídio, está entrando num terreno perigoso, meu amigo, e seria melhor que mantivesse a suposição para si mesmo.”

“Omar Norris viu tudo”, disse Hardesty. “Precisamos identificar o corpo antes de mandar fazer a autópsia, então por que vocês não vêm aqui para sairmos do telefone?”

Cinco segundos depois que Ricky desligou o telefone, Sears apareceu na porta, já enfiando o braço no casaco. “Não é verdade”, falou ele enquanto se vestia. “É algum tipo de engano, mas vamos lá mesmo assim.”

O telefone tocou de novo. “Não atenda”, sugeriu Sears, mas Ricky atendeu.

“Sim?”

“Tem uma jovem na recepção para ver você e o sr. James”, disse a recepcionista.

“Diga para ela voltar amanhã, sra. Quast. O dr. Jaffrey morreu esta manhã, e o sr. James e eu estamos indo até a casa dele para encontrar Walt Hardesty.”

“Por que…” A sra. Quast, que estava à beira da indiscrição, mudou de assunto. “Sinto muitíssimo, sr. Hawthorne. Quer que eu ligue para a sra. Hawthorne?”

“Sim, e diga que vou entrar em contato assim que puder.” Àquelas alturas, Sears estava em uma fúria impaciente e, quando Ricky contornou a mesa, o sócio já estava no corredor, girando o chapéu. Ricky pegou o casaco e correu para alcançá-lo.

Juntos, eles seguiram pelo corredor com painéis de madeira na parede. “Aquele idiota entediante e inconcebível”, resmungou Sears. “Como se desse para acreditar em Omar Norris a respeito de qualquer assunto que não seja bourbon e limpa-neves.”

Ricky se deteve e colocou a mão no braço de Sears. “Nós temos que pensar nessa hipótese, Sears. John pode mesmo ter se matado.” Ainda não tinha caído a

ficha para ele, e dava para ver que Sears estava determinado a não deixar que caísse. “Ele jamais teria um motivo para passear a pé na ponte, principalmente neste tempo.”

O rosto de Sears estava vermelho. “Se você acha isso, também é um simplório. Não me interessa se John estava *observando pássaros*, ele estava fazendo alguma coisa.” Seu olhar evitou o de Ricky. “Não sei e não consigo imaginar o que seria, mas alguma coisa era. Ele pareceu prestes a se suicidar ontem à noite?”

“Não, mas…”

“Então não vamos discutir. Vamos para a casa dele.” Ele atravessou o corredor na frente de Ricky e abriu a porta da recepção com o ombro. Ricky Hawthorne, correndo atrás, entrou na recepção e ficou um pouco surpreso de vê-lo diante de uma garota alta de cabelo escuro, rosto oval e feições pequenas e entalhadas.

“Sears, não temos tempo para isso agora, eu disse para essa jovem vir amanhã.”

“Ela está dizendo…” Sears tirou o chapéu. Ele parecia ter levado uma golpe na cabeça com uma tábua. “Conte para ele o que me falou”, ele pediu para a moça.

Ela disse: “Eva Galli era minha tia e estou procurando um emprego.”

• • •

(A sra. Quart se afastou da garota, que apenas sorriu para ela e corou ao ligar para o número de Hawthorne. A moça se afastou para examinar as gravuras de Kitaj com as quais Stella, dois ou três anos antes, substituíra as antigas reproduções de Audubon de Ricky. Incompreensível e nova, essa foi a avaliação da sra. Quast tanto sobre as gravuras como sobre a garota. *Não*, Stella Hawthorne expirou quando ouviu a notícia sobre o sr. Jaffrey. *Ah, pobre Milly. Todo mundo está sofrendo, tenho certeza, mas vou ter que fazer alguma coisa por Milly*. Quando tira o pino da mesa telefônica, a sra. Quast pensa, minha nossa, está muito *claro* aqui, mas depois pensa, não, está *escuro*, escuro como o *pecado*, as luzes devem ter queimado, mas no instante seguinte tudo está normal, o abajur na mesa parece o mesmo de sempre, e ela esfrega os olhos, balança a cabeça grisalha — *Milly Sheehan teve uma vida plenamente confortável, já estava na hora de ter que fazer um trabalho de verdade* — e fica atônita ao ouvir o sr. James dizendo para aquela moça insolente que, se ela voltasse no dia seguinte, eles poderiam conversar sobre um trabalho como secretária. *Mas o que está acontecendo aqui?)*

• • •

E Ricky, olhando para Sears, também se perguntou: trabalho de secretária? Eles tinham uma secretária de meio período, Mavis Hodge, que fazia boa parte do trabalho de datilografia. Para encontrar serviço para outra garota, teriam que começar a responder correspondência inútil. Mas claro que não foi a necessidade por mais mão de obra que fez Sears tratar a garota daquela forma, foi o nome, *Eva Galli*, pronunciado em uma voz que teria gosto de vinho do porto se fosse possível bebê-la… Sears pareceu de repente muito cansado, a insônia e os pesadelos e a visão de Fenny Bate e Elmer Scales e suas malditas ovelhas e agora a morte de John *(ele resolveu pular)*, tudo se juntou para enfraquecê-lo, ainda que só por um momento. Ricky viu o medo e a exaustão do sócio e achou que até Sears poderia desmoronar. “Sim, volte amanhã”, ele disse para a garota, reparando que o rosto oval e as feições regulares eram mais do que meramente atraentes e soube que, se havia algo de que Sears não precisava ser lembrado naquele momento, era de Eva Galli. A sra. Quast estava olhando para ele, que lhe disse para cuidar das ligações que chegassem durante a tarde, apenas para dizer alguma coisa.

“Entendo que um bom amigo de vocês acabou de morrer”, disse a moça para Ricky. “Lamento ter vindo em um momento tão difícil”, e sorriu com tristeza, com o que parecia preocupação genuína. “Não deixem que eu atrase vocês.”

Ele olhou mais uma vez para aquelas feições delicadas antes de se virar para Sears e para a porta — Sears abotoando o casaco por reflexo, com o rosto pálido —, e lhe pareceu que talvez os instintos de Sears estivessem certos, talvez a chegada dessa garota fosse parte do quebra-cabeça, nada parecia mais acidental; como se houvesse algum tipo de plano e, se eles pudessem juntar todas as peças, descobririam qual era.

“Não deve nem ser John”, disse Sears no carro. “Hardesty é tão incompetente que eu não ficaria surpreso se tivesse acreditado na palavra de Omar Norris…” A voz dele sumiu; os dois sócios sabiam que isso era apenas um desejo. “Frio demais”, comentou Sears, projetando os lábios de um jeito infantil.

“Frio demais mesmo”, concordou Ricky, finalmente pensando em outra coisa para falar. “Pelo menos Milly não vai passar fome.” Sears suspirou, quase achando graça. “E que bom, ela nunca conseguiria outro emprego em que pudesse exercer sua xeretice.” O silêncio se instalou de novo quando eles reconheceram que estavam concordando que John Jaffrey devia mesmo ter pulado da ponte Milburn e se afogado no rio gelado.

Depois que eles pegaram Hardesty e foram até a pequena cadeia onde o corpo estava sendo guardado até a chegada do rabecão, eles descobriram que Omar Norris não se enganara. O morto era John — parecia ainda mais acabado do que em vida. O pouco cabelo estava grudado na cabeça, os lábios estavam

repuxados sobre gengivas azuis — todo seu ser estava vazio, como no pesadelo de Ricky Hawthorne. “Jesus”, comentou Ricky.

Walt Hardesty sorriu e falou: “Não é o nome que passaram para nós, senhor advogado”.

“Nos dê logo os formulários, Hardesty”, Sears disse baixinho e, sendo quem era, acrescentou: “Vamos ficar com os artigos pessoais também, a não ser que você tenha conseguido perdê-los junto com as dentaduras”.

Eles acharam que talvez pudessem encontrar uma pista da morte de Jaffrey nas poucas coisas dentro do envelope pardo que Hardesty lhes entregou. Mas, a partir dos objetos retirados dos bolsos de Jaffrey, eles não conseguiram concluir nada. Um pente, seis botões e abotoaduras combinando, um exemplar de *A Formação de um Cirurgião*, uma caneta esferográfica, um molho de chaves em uma bolsinha de couro gasta, três moedas de vinte e cinco centavos e uma de dez — Sears espalhou tudo em seu colo no banco da frente do velho Buick de Ricky. “Um bilhete era esperança demais”, disse Sears, recostando-se e esfregando os olhos. “Estou começando a me sentir como um membro de uma espécie em risco de extinção.” Ele se empertigou novamente e olhou para o conjunto de itens. “Quer ficar com alguma dessas coisas ou devemos entregar para Milly?”

“Talvez Lewis gostasse dos botões e das abotoaduras.”

“Vamos dar para ele. Ah. Lewis. Vamos ter que dar a notícia. Quer voltar para o escritório?”

Eles estavam atordoados no assento quente do velho automóvel de Ricky. Sears retirou um charuto longo do estojo, cortou a ponta e, sem se dar ao trabalho de passar pelos rituais costumeiros de cheirar e olhar, acendeu-o com o isqueiro. Ricky abriu a janela sem reclamar. Sabia que Sears estava fumando por reflexo, que não estava prestando atenção no charuto.

“Você percebe, Ricky”, comentou Sears, “que John está morto e nós estávamos falando das abotoaduras dele?”

Ricky ligou o carro. “Vamos voltar para a Melrose Avenue e tomar uma bebida.”

Sears colocou a coleção patética de objetos de volta no envelope pardo, dobrou no meio e guardou em um dos bolsos do casaco. “Dirija com cuidado. Você não percebeu que está nevando de novo?”

“Percebi, sim”, disse Ricky. “Se começar cedo assim e ficar muito pior, podemos acabar cobertos de neve até o fim do inverno. Talvez fosse bom comprar comida enlatada, só por segurança.” Ricky acendeu os faróis, sabendo que Sears logo começaria a dar ordens a respeito. O céu cinzento que pairava sobre a cidade havia semanas escurecera até quase ficar preto, pontilhado por nuvens que pareciam ondas assombrosas.

“Humpf”, resmungou Sears. “A última vez que isso aconteceu…”

“Eu tinha voltado da Europa. 1947. Inverno horrível.”

“E antes disso foi nos anos vinte.”

“1926. A neve quase cobriu as casas.”

“Morreu até gente. Uma vizinha minha faleceu no meio daquela neve.”

“Quem?”, perguntou Ricky.

“O nome dela era Viola Frederickson. Ficou presa no carro. Morreu congelada. Os Frederickson eram os donos da casa de John, na verdade.” Sears suspirou de novo, demonstrando cansaço, então Ricky entrou na praça e passou pelo hotel. Flocos de neve semelhantes a bolas de algodão voavam pelas janelas escuras do hotel. “Pelo amor de Deus, Ricky, sua janela está aberta. Você quer nos congelar?” Ele ergueu as mãos para aproximar mais a gola de pele do queixo e viu o charuto entre os dedos. “Ah. Desculpe. Força do hábito.” Ele baixou a janela e jogou o charuto fora. “Que desperdício.”

Ricky pensou no corpo de John Jaffrey deitado em uma maca numa cela; em dar a notícia para Lewis; na pele azulada esticada sobre o crânio de John.

Sears tossiu. “Não consigo entender por que não tivemos notícias do sobrinho de Edward.”

“Ele provavelmente vai aparecer por aqui.” A neve ficou mais fraca. “É melhor assim.” E pensou: *bem, talvez não*. O ar apresentava uma escuridão diurna peculiar que não parecia ser afetada pelos faróis, que não passavam de um brilho quase invisível na frente do carro. Eram os objetos e estranhezas da cidade que pareciam brilhar, não com a luz amarela dos faróis, mas um brilho embranquecido, com o branco das nuvens ainda fervendo e espumando mais acima — aqui brilhava uma cerca, ali uma porta e um friso. Aqui, um amontoado de pedras em um muro, ali, choupos nus em um gramado. A cor exangue fazia Ricky se lembrar sombriamente do rosto de John Jaffrey. Acima do brilho dessas coisas aleatórias, o céu atrás das nuvens ferventes estava ainda mais escuro.

“Bom, o que você acha que aconteceu?”, perguntou Sears.

Ricky entrou na Melrose Avenue. “Quer parar na sua casa para pegar alguma coisa primeiro?”

“Não. Você tem uma opinião ou não?”

“Eu queria saber o que aconteceu com as ovelhas de Elmer Scales.”

Eles estavam parando na frente da casa de Ricky, e Sears exibia sinais óbvios de impaciência. “Não estou nem aí para as ovelhas do Nosso Virgílio”, disse ele; queria sair do carro, queria finalizar a discussão, teria rosnado como um urso se Ricky tivesse mencionado a aparição do abobado e descalço Fenny Bate em sua

escadaria — Ricky percebia tudo isso, mas, depois que os dois saíram do carro e estavam andando até a porta, ele disse: “Sobre a garota hoje de manhã”.

“O que tem ela?”

Ricky botou a chave na porta.

“Se você quer fingir que precisamos de uma secretária, tudo bem, mas…”

Stella abriu a porta por dentro, já falando. “Que bom vocês dois estarem aqui. Eu estava com tanto medo de vocês voltarem para o barulho da Wheat Row, fingindo que nada aconteceu. Fingindo trabalhar e me deixando no escuro! Sears, por favor, saia do frio, não queremos que todo o calor saia. Entrem!” Eles entraram no hall e, movendo-se como dois cavalos cansados de charrete, tiraram os casacos. “Vocês dois estão com uma aparência péssima. Não pode ser um caso de identidade trocada, então? Era John?”

“Era John”, confirmou Ricky. “Não temos mais nada para contar, Stella. Parece que ele pulou da ponte.”

“Meu Deus”, disse Stella, com toda a sua alegria momentânea desaparecendo. “A pobre Sociedade Chowder.”

“Amém”, retrucou Sears.

Depois de um almoço tardio, Stella disse que prepararia um prato para Milly. “Talvez ela queira comer alguma coisa.”

“Milly?”, perguntou Ricky, assustado.

“Milly Sheehan, preciso lembrar? Eu não posso deixá-la vagando naquela casa enorme de John. Eu a peguei e trouxe para cá. Ela está arrasada, a pobrezinha, então a coloquei na cama. Acordou hoje de manhã, não conseguiu encontrar John e ficou nervosa naquela casa durante horas até aquele Walter Hardesty, aquele homem horroroso, aparecer.”

“Que bom”, disse Ricky.

“‘Que bom’, é o que ele diz. Se você e Sears não estivessem tão preocupados com vocês mesmos, talvez tivessem pensado um pouco nela.”

Sentindo-se atacado, Sears levantou a cabeça e piscou algumas vezes. “Milly não tem com que se preocupar. Ele lhe deixou a casa e uma quantidade absurda de dinheiro.”

“Absurda, Sears? Por que você não leva a comida lá para o quarto e diz como ela deveria estar agradecida? Você acha que isso poderia alegrá-la? O fato de John Jaffrey ter deixado para ela alguns milhares de dólares?”

“Não exatamente alguns, Stella”, disse Ricky. “John deixou quase tudo o que tinha para Milly.”

“E era assim que deveria ser mesmo”, declarou Stella, e saiu da cozinha batendo os pés, deixando os dois intrigados.

Sears perguntou: “Você já teve problemas para decifrar o que ela diz?”.

“De vez em quando”, respondeu Ricky. “Tinha um manual de decodificação, mas acho que ela jogou fora logo depois do casamento. Vamos ligar para Lewis e dar a notícia? Já adiamos demais.”

“Me dê o telefone”, disse Sears.

LEWIS BENEDIKT

5

Sem fome, Lewis preparou o almoço por puro hábito: queijo *cottage*, mortadela Croghan com raiz forte e um pedaço grosso de queijo cheddar de Otto Gruebe, feito pelo próprio velho Otto na pequena fábrica de queijo a alguns quilômetros de Afton. Um pouco aborrecido por causa das experiências matinais, Lewis gostou de pensar no velho Otto nesse momento. Otto Gruebe era uma pessoa descomplicada, um tanto parecido com Sears James na altura, mas um pouco curvado em virtude de uma vida que passara inclinado em cima de tinas; tinha um rosto careteiro de palhaço e ombros e mãos enormes. Otto fez o seguinte comentário sobre a morte de sua esposa: “Você teve um probleminha na Espanha, né? Me contaram na cidade. É uma *pena*, Lewis”. Depois do tato demonstrado por todo mundo, isso comoveu Lewis imensamente. Otto, com sua pele clara demais por passar dez horas por dia na fábrica, Otto com seu bando de cachorros de caça — ele jamais sentira medo sequer um dia na vida. Mastigando o almoço, Lewis pensou em pegar o carro para visitar Otto num dia qualquer; levaria a arma e procuraria guaxinins com Otto e seus cachorros, se a neve diminuísse. A cabeça dura tipicamente germânica de Otto lhe faria bem.

Mas estava nevando de novo; os cachorros estariam latindo nos canis, e o velho Otto estaria separando o soro do leite, praguejando contra o inverno precoce.

Uma pena. Sim, era uma pena mesmo, e mais do que isso: um mistério. Como Edward.

Ele se levantou abruptamente e colocou o prato na pia; olhou para o relógio e grunhiu. Onze e meia e o almoço já tinha acabado; o resto do dia se projetava à sua frente como uma montanha. Não teria uma noite de conversa boba com uma garota pela qual esperar ansiosamente; tampouco poderia esperar uma noite de prazeres mais profundos com Christina Barnes, pois estava tentando ir mais devagar.

Lewis Benedikt conseguira fazer com sucesso uma coisa que, em uma cidade do tamanho de Milburn, costuma ser considerada impossível: desde o primeiro mês do retorno da Espanha, construiu uma vida secreta que permaneceu secreta. Ia atrás de universitárias, jovens professoras do ensino médio, esteticistas, mocinhas delicadas que vendiam cosméticos na loja de departamentos Young Brothers — qualquer garota bonita o bastante para ser ornamental. Usou sua boa aparência, seu charme e seu bom humor naturais, além de seu dinheiro, para se estabelecer na mitologia da cidade como um personagem cômico: o playboy envelhecido, o malandro agradável. Jovial, maravilhosamente sem afetação, Lewis levava suas garotas aos melhores restaurantes num raio de 65 quilômetros, pedia a melhor comida e o melhor vinho, fazia com que morressem de rir. Ele levava para a cama talvez um quinto dessas garotas, ou era levado por elas, que demonstravam, com suas gargalhadas, que nunca conseguiriam levá-lo a sério. Quando um casal — um casal, digamos, como Walter e Christina Barnes — entrava no Old Mill, perto de Kirkwood, ou no Christo's, entre Belden e Harpursville, quase podia esperar ver a cabeça grisalha de Lewis inclinada na direção do rosto divertido de uma garota bonita com um terço de sua idade. "Olha só o velho canalha", Walter Barnes talvez dissesse, "atacando de novo." A esposa sorria, mas seria difícil dizer o que aquele sorriso significava.

Pois Lewis usava sua reputação cômica como disfarce para camuflar a seriedade do coração e se aproveitava dos romances públicos com garotas para esconder seus relacionamentos mais profundos e verdadeiros com mulheres. Ele passava noites ou madrugadas com suas garotas; as mulheres que amava, via uma ou duas vezes por semana, nas tardes em que os maridos estavam no trabalho. A primeira foi Stella Hawthorne, e de certa forma o menos satisfatório dos seus amores, mas estipulou um padrão para o resto. Stella foi informal e espertinha demais, muito casual com ele. Estava se divertindo, e o simples divertimento era o que as jovens professoras de ensino médio e esteticistas lhe davam. Ele queria sentimento. Queria emoção — precisava disso. Stella era a única esposa de Milburn que, ao ser testada, esquivou-se dessa necessidade. Ela lhe devolvera a imagem de playboy… de forma proposital. Ele a amou breve e plenamente, mas as necessidades dos dois eram muito diferentes. Stella não queria sentimentalismo; Lewis, no fundo de seu coração exigente, sabia que desejava recapitular as emoções que Linda lhe proporcionara. O Lewis frívolo era uma aparência superficial. Infelizmente, teve que dispensar Stella; ela não captou os sinais, a emoção que ele lhe ofereceu bateu e voltou. Lewis sabia que ela desconfiava que ele havia iniciado uma série de casos vazios com garotas.

Mas em vez disso ele passara, oito anos antes, para Leota Mulligan, esposa de Clark Mulligan. Depois de Leota, para Sonny Venuti, e então para Laura

Bautz, esposa do dentista Harlan Bautz, e finalmente, um ano antes, para Christina Barnes. Apreciou cada uma dessas mulheres. Amava sua solidez, sua ligação com os maridos, seus apetites, seus humores. Amava conversar com elas, que o entendiam, e cada uma sabia exatamente o que ele estava oferecendo: muito mais um pretenso casamento secreto do que um caso.

Quando a emoção começava a se desgastar e a se tornar repetitiva, era o fim. Lewis ainda amava cada uma delas; ainda amava Christina Barnes, porém…

O porém era que a parede estava diante dele. Parede era como Lewis chamava o momento em que começava a pensar que seus relacionamentos profundos eram tão triviais quanto os casos passageiros. Era o momento de se afastar. Muitas vezes, nos momentos de recolhimento, ele se pegava pensando em Stella Hawthorne.

Bom, claro que não poderia esperar uma noite com Stella Hawthorne. Fantasiar sobre isso seria confirmar sua tolice para si mesmo.

Afinal, o que poderia ser uma tolice maior do que aquela cena ridícula que se passara pela manhã? Lewis se afastou da pia para olhar pela janela, na direção do caminho até o bosque, lembrando que voltara correndo, ofegante, com o coração saltando de terror. Foi uma verdadeira imbecilidade. A neve fofa caiu, a familiar floresta levantou os braços brancos, o caminho de volta seguia inofensivo, formando um ângulo encantadoramente estranho, rumando para lugar nenhum.

“Quando cair do cavalo, você sobe de novo”, Lewis disse para si mesmo. “Sobe de novo naquele filho da mãe.” O que tinha acontecido? Ele ouviu… vozes? Não; ouviu seus próprios pensamentos. Assustou-se ao se recordar, com demasiada precisão, da última noite em que Linda estivera viva. Isso e o pesadelo, Sears e John avançando para cima dele, confundiram suas emoções, o que o fez se comportar como um personagem em uma história da Sociedade Chowder. Nenhum estranho diabólico estivera em seu encalço no caminho de volta para casa; não era possível andar pela floresta sem ser ouvido. Tudo era explicável.

Lewis foi para o quarto, tirou os mocassins e colocou um par de botas, vestiu um suéter e um casaco de inverno com capuz, desceu e saiu pela porta da cozinha.

As pegadas da manhã já estavam ficando cobertas de neve. O ar estava delicioso, fresco como uma maçã; uma neve suave continuava a cair. Se não podia caçar guaxinins com Otto Gruebe, talvez conseguisse esquiar um pouco. Lewis atravessou pátio de tijolos e pegou a trilha. Acima dele, o céu estava escuro e cheio de nuvens brilhantes, mas uma luz cinzenta e clara preenchia o dia. A neve nos galhos de pinheiros cintilava, excepcional e branca como o luar.

Saiu andando deliberadamente pelo seu habitual caminho de volta. Seu medo o surpreendeu, fazendo a boca e a barriga formigarem de expectativa.

“Bom, estou aqui, venha me pegar”, disse ele e sorriu.

Não sentiu a presença de nada além do dia e da floresta, e da casa logo atrás; percebeu, depois de um momento, que até seu medo tinha sumido.

E agora, andando pela neve na direção do bosque, Lewis teve uma nova percepção. Podia ter surgido por ver o bosque de um ângulo não familiar, indo até lá na direção contrária, e talvez porque estava andando por ali pela primeira vez em semanas, e não correndo. Fosse qual fosse o motivo, a floresta parecia uma ilustração em um livro — não um bosque real, mas um desenho em uma página. Era um bosque de contos de fadas, parecia perfeito demais, bem composto demais — desenhado em tinta preta — para ser real. Até o caminho sinuoso sem uma direção precisa parecia algo fantasioso.

Era a claridade que dava o tom de mistério. Cada galho nu e fino, cada emaranhado de caules estreitos se destacava separadamente, brilhando com vida própria. Uma magia distorcida pairava fora do campo de visão. Quando Lewis adentrou ainda mais a floresta, onde a neve recente ainda não havia penetrado, viu as pegadas que deixara de manhã, que também pareciam assombradas e ilustrativas e parte do conto de fadas, aquelas pegadas na neve vindo em sua direção.

• • •

Lewis estava agitado demais para ficar em casa depois da caminhada. O vazio do lugar denunciava um lar sem mulher; por algum tempo, não haveria mulher nenhuma, a não ser que Christina Barnes aparecesse para uma última despedida. Alguns trabalhos que precisavam ser feitos na casa estavam esperando havia semanas — ele tinha que verificar a fossa, a mesa da sala de jantar precisava de polimento, além de boa parte da prataria —, mas esses afazeres poderiam esperar um pouco mais. Ainda usando o suéter e o casaco, Lewis andou pela casa, indo de um andar para o outro, sem nunca parar em nenhum aposento.

Entrou na sala de jantar. A grande mesa de mogno o encarou com reprovação; a superfície estava sem brilho, arranhada aqui e ali por causa das vezes em que ele apoiara cerâmica espanhola no móvel sem usar um apoio embaixo. As flores em um vaso no centro da mesa tinham murchado; algumas pétalas estavam caídas na madeira como abelhas mortas. *Você realmente esperava ver alguém lá fora?*, perguntou a si mesmo. *Está decepcionado por não ter visto?*

Ao sair da sala de jantar com o vaso de flores murchas nas mãos, viu novamente a floresta de contos de fadas. Galhos brilhavam, espinhos se

destacavam como tachinhas, sugerindo uma narrativa de um livro que ele já tinha fechado.

Bem. Ele balançou a cabeça, levou as flores mortas para a cozinha e jogou-as na lata de lixo. *Quem você queria encontrar? A si mesmo?*

Inesperadamente, Lewis corou.

Colocou o vaso vazio na bancada e voltou lá para fora, atravessando o pátio até o velho estábulo que um dono anterior convertera em garagem e depósito de ferramentas. O Morgan estava estacionado ao lado de uma bancada de ferramentas repleta de chaves de fenda, alicates e pincéis em latas. Lewis inclinou a cabeça, abriu a porta e se espremeu atrás do volante.

Ele deu ré para sair da garagem, saltou do carro e fechou a porta, depois entrou novamente no veículo, passou com o veículo pelos tijolos e dirigiu pelo caminho ladeado de árvores até a rodovia. Sentiu-se imediatamente mais normal: a cobertura de lona do Morgan era sacudida pelo vento, a brisa fria partia seu cabelo ao meio. O tanque estava quase cheio.

Em quinze minutos, estava cercado de colinas e campos abertos, que eram intercalados por amontoados de árvores. Ele pegou as estradas secundárias, chegou a dirigir a no, às vezes 120, quando via uma reta grande à frente. Desviou do vale Chenango, seguiu a linha do rio Tioughnioga até Whitney Point e virou para oeste, na direção de Richford e Caroline, adentrando o vale Cayuga. Às vezes, nas curvas, a traseira do pequeno automóvel derrapava, mas Lewis corrigia a direção com experiência, sem nem pensar no que estava fazendo. Dirigia instintivamente bem.

Finalmente, percebeu que estava fazendo a mesma rota e o mesmo caminho da época em que era apenas um aluno voltando para Cornell. A única diferença era que a velocidade revigorante nesses tempos era de cinquenta quilômetros por hora.

Depois de quase duas horas dirigindo, pegando estradas secundárias que passavam por fazendas e parques estaduais só para ver aonde iam dar, seu rosto ficou dormente por causa do frio. Estava no condado de Tompkins, perto de Ithaca, e a paisagem era mais lírica que do nos arredores de Binghamton — quando alcançou o alto das colinas, conseguiu ver a estrada escura percorrendo vales e passando por viadutos com árvores dos dois lados. O céu tinha escurecido, apesar de ser apenas o meio da tarde; Lewis pensou que veria mais neve antes do anoitecer. À sua frente, longe o suficiente para que pudesse alcançar a velocidade certa, havia uma área larga na estrada onde sabia que era possível dar um cavalinho de pau com o Morgan. No entanto, lembrou a si mesmo de que tinha 65 anos — era velho demais para fazer gracinhas com o carro. Usou o espaço para dar meia-volta e retornar para casa.

Indo mais devagar, percorreu o vale na direção de Harford, seguindo para o leste. Nas retas, ia um pouco mais rápido, mas tomava cuidado para manter a velocidade abaixo de 110. Ainda assim, havia prazer na velocidade, na brisa fria que lhe tocava o rosto e na dirigibilidade agradável do pequeno veículo. Tudo isso quase o fez sentir novamente como um garoto da Tau Kappa Epsilon, deslizando nas estradas a caminho de casa. Alguns flocos de neve pesados caíam.

Perto do campo de pouso nos arredores de Glen Aubrey, passou por uma área de bordos desnudos e viu neles a clareza brilhante da sua floresta. Pareciam carregados de magia, com um significado escondido que era parte de uma história complexa — raposas heroicas que, na verdade, eram príncipes vivendo a maldição de alguma bruxa. Ele viu as pegadas correndo em sua direção.

… *imagine que você saísse para passear e se visse correndo na sua própria direção, seu cabelo voando, seu rosto distorcido de medo*…

Suas entranhas gelaram, assim como o rosto. À frente dele, de pé no meio da estrada, havia uma mulher. Ele teve tempo de reparar apenas em sua postura alarmada, nos cabelos voando em volta dos ombros. Virou o volante, perguntando-se de onde ela poderia ter vindo — *Jesus, ela pulou na minha frente* — e na mesma hora percebeu que não tinha como não atingi-la. O carro ia derrapar.

A traseira do Morgan deslizou lentamente na direção da garota. De repente, o carro todo estava se deslocando de lado, e ele a perdeu de vista. Em pânico, Lewis virou o volante para o outro lado. O tempo encolheu até virar uma cápsula sólida que o envolvia, enquanto ele se via sentado e impotente em um carro voador. Mas a textura do momento mudou, o tempo se rompeu e começou a fluir, e ele soube, sentindo-se mais passivo do que jamais fora na vida, que o veículo tinha saído da estrada. Tudo estava acontecendo com lentidão inacreditável, quase preguiçosa, e o Morgan flutuava.

Em um instante, acabou. O carro parou com um sacolejo forte em um campo, com a frente apontada para a estrada. A mulher que ele podia ter atropelado não estava em lugar nenhum. Um gosto de sangue encheu a boca de Lewis; grudadas no volante, suas mãos tremiam. Talvez ele a tivesse, *sim*, atropelado, jogando seu corpo em uma vala. Lutou para abrir a porta e saiu. As pernas também estavam tremendo. Ele viu na mesma hora que o Morgan atolara: os pneus traseiros estavam enfiados na terra. Ele precisaria de um reboque. “Ei”, gritou. “Você está bem?” Ele forçou as pernas a se moverem. “Você está bem?”

Lewis seguiu com passos instáveis na direção da estrada. Viu as marcas fortes que o carro tinha feito. Seus quadris estavam doendo. Ele se sentiu muito velho. “Ei, moça!” Não conseguia ver a garota em lugar nenhum. Com o coração

disparado, andou pela estrada, com medo do que poderia ver caído na vala, os membros espalhados, a cabeça para trás… mas o local abrigava apenas um monte de neve intocada. Ele olhou para os dois lados da estrada; não havia mulher nenhuma à vista.

Lewis acabou desistindo. De alguma forma, a mulher fora embora tão repentinamente quanto chegara; ou ele apenas imaginou que a tinha visto. Ele esfregou os olhos. Os quadris ainda estavam doendo; os ossos pareciam estar raspando uns nos outros. Andou com dificuldade pela estrada, torcendo para encontrar uma fazenda de onde pudesse telefonar para solicitar socorro. Quando finalmente encontrou, um homem com uma barba preta densa e olhos animalescos permitiu que ele usasse o telefone, mas o fez esperar na varanda aberta até que o reboque chegasse.

• • •

Ele só chegou em casa depois das sete. Faminto, Lewis ainda estava irritado. A garota esteve lá apenas por um momento, como um cervo pulando na sua frente, e quando ele derrapou perdeu-a de vista. Mas, naquela estrada longa e reta, para onde poderia ter corrido depois que ele foi parar no campo? Talvez estivesse mesmo caída morta em uma vala; mas até um cachorro deixaria um amassado enorme na lataria do Morgan, e o carro estava intacto.

“Inferno”, Lewis disse em voz alta. O carro ainda estava na entrada da casa; ele ficou ali dentro apenas pelo tempo suficiente de se aquecer. A inquietação da tarde, a sensação de que, se não se movesse, alguma coisa ruim poderia acontecer — de que uma coisa pior do que o acidente estava apontada para ele como uma arma — tinha voltado. Lewis subiu para o quarto, tirou o casaco e o suéter e colocou uma camisa limpa, uma gravata listrada e um blazer transpassado. Iria ao Humphrey’s Place e comeria um hambúrguer acompanhado de algumas cervejas. Era isso o que precisava fazer.

• • •

O estacionamento estava cheio, e Lewis teve que parar em uma vaga perto da estrada. A neve suave parou no começo da noite, mas o ar estava frio e tão cortante que a impressão era a de que seria possível quebrá-lo em pedaços com as mãos. Propagandas de cerveja piscavam nas janelas do prédio longo e cinzento; música country do quarteto musical chegava a Lewis no estacionamento. “Wabash Cannonball”.

Uma nota lamentosa da rabeca penetrou em seu cérebro, e logo estava lá dentro, e Lewis franziu a testa para um músico que tocava no palco, o cabelo caindo nos ombros, o quadril esquerdo e o pé direito balançando no ritmo, mas

os olhos do garoto estavam fechados e ele não reparou. Um instante depois, a música era apenas música novamente, mas sua dor de cabeça não passou. O bar estava tão lotado e quente que Lewis começou a transpirar quase imediatamente. O grandalhão e disforme Humphrey Stalladge, com um avental por cima da camisa branca, se deslocava de um lado para o outro atrás do balcão. Todas as mesas perto da banda pareciam cheias de jovens que bebiam jarras de cerveja. Quando olhava para aquelas nucas, não conseguia diferenciar os garotos das garotas.

E se você se visse correndo na sua própria direção, correndo para os faróis do seu carro, o cabelo voando e o rosto contorcido de medo…

"Quer alguma coisa, Lewis?", perguntou Humphrey.

"Duas aspirinas e uma cerveja. Estou com uma dor de cabeça horrível. E um hambúrguer, Humphrey. Obrigado."

Na outra ponta do bar, o mais longe possível da banda, parecendo molhado e imundo, Omar Norris distraía um grupo de homens. Enquanto falava, seus olhos pareciam saltados, as mãos faziam movimentos amplos, e Lewis soube que, se estivesse perto o bastante dele, acabaria vendo o cuspe de Omar brilhando em sua lapela. Quando era mais jovem, as histórias que Omar contava de quando fugia da esposa e sobre estratagemas no estilo de W. C. Fields para evitar algum tipo de trabalho que não fosse guiar o limpador de neve da cidade e de ser o Papai Noel da loja de departamento eram bem divertidas, mas Lewis estava um pouco surpreso de ele ainda conseguir alguém que o ouvisse. As pessoas estavam até lhe pagando bebidas. Stalladge voltou com as aspirinas e colocou um copo de cerveja ao lado. "O hambúrguer está a caminho", avisou.

Lewis colocou as aspirinas na língua e as empurrou com a cerveja. A banda tinha acabado "Wabash Cannonball" e estava tocando outra coisa, uma música que ele não reconheceu. Uma das jovens nas mesas na frente da banda se virou e estava olhando para ele. Lewis assentiu para ela.

Terminou a cerveja e observou o resto das pessoas. Só havia alguns compartimentos reservados vazios na parede da frente, então chamou a atenção de Humphrey e apontou para o copo e, quando estava cheio, ele atravessou o salão em direção a um deles. Se não chegasse logo em um, ficaria preso no balcão a noite toda. Na metade do caminho, cumprimentou Rollo Draeger, o farmacêutico — que saíra para fugir das reclamações infinitas de Irmengard —, e reconheceu tardiamente o rapaz sentado ao lado da garota que o encarou: Jim Hardie, filho de Eleanor, atualmente muito visto na companhia da filha de Draeger. Olhou para o casal e viu que ambos o encaravam. Jim Hardie era um garoto suspeito, pensou Lewis: era largo e louro e forte, mas parecia ter um toque de selvageria tão amplo quanto o condado. Estava sempre sorrindo. Lewis

ouvira de Walt Hardesty que provavelmente foi Jim Hardie quem botou fogo no velho celeiro abandonado dos Pugh e incendiou um campo. Era capaz de imaginar o garoto sorrindo enquanto fazia isso. A garota que o acompanhava aquela noite era mais velha do que Penny Draeger. E também mais bonita.

Lewis se lembrou de uma época anos antes em que tudo era simples e na qual teria sido ele quem estaria sentado ao lado de uma garota ouvindo uma banda — Noble Sissle ou Benny Goodman — com o coração em chamas. A lembrança o fez olhar automaticamente ao redor em busca do rosto imperativo de Stella Hawthorne, mas sabia que, no momento em que entrou, registrou de forma parcialmente consciente que ela não estava lá.

Humphrey apareceu com o hambúrguer, olhou para o copo e disse: “Se você vai beber rápido assim, não quer uma jarra?”.

Lewis nem tinha percebido que a segunda cerveja já terminara. “Boa ideia.”

“Você não parece muito bem”, comentou Humphrey.

A banda, que estava discutindo alguma coisa, voltou a tocar ruidosamente e poupou Lewis da necessidade de responder. As duas atendentes do bar de Humphrey, Anni e Annie, voltaram, permitindo a entrada de uma onda de ar frio no local. Elas eram motivo suficiente para ficar. Anni era meio cigana, com cabelo cacheado e preto caindo ao redor de um rosto sensual; Annie parecia uma viking, com pernas fortes e torneadas e belos dentes. As duas tinham trinta e poucos anos e falavam como professoras universitárias. Moravam com homens na zona rural e não tinham filhos. Lewis gostava imensamente das duas, e às vezes levava uma ou outra para jantar. Anni o viu e acenou, ele acenou de volta, e o guitarrista, com o acompanhamento da rabeca, gritou:

> *You lost your hot, I lost mine*
> *so* (ruído de feedback) *we find*
> *a spare Garden to seed our dreams?*[2]

Humphrey se afastou para dar instruções às funcionárias. Lewis deu uma mordida no hambúrguer.

Quando levantou o rosto, Ned Rowles estava de pé ao lado dele. Lewis levantou as sobrancelhas e, ainda mastigando, se levantou parcialmente e fez sinal para Rowles se sentar no compartimento. Ele também gostava de Ned Rowles; Ned fizera d’*O Urbanita* um jornal interessante, não se limitando à programação habitual de cidades pequenas, com seus piqueniques de bombeiros e suas propagandas de liquidação no mercado. “Me ajude a beber isto”, disse ele e serviu cerveja da jarra no copo quase vazio de Ned.

“E eu?”, perguntou uma voz mais grave e mais seca por cima de seu ombro, e, assustado, Lewis virou a cabeça e viu Walt Hardesty olhando para ele. Isso explicava por que Lewis não tinha visto Ned antes; ele e Hardesty estavam na salinha em que Humphrey guardava o estoque de cerveja. Lewis sabia que Hardesty, que ano após ano ia se rendendo à garrafa da mesma forma que Omar Norris, às vezes passava a tarde toda na salinha dos fundos — ele não beberia na frente dos seus subordinados policiais.

“Claro, Walt”, disse ele. “Eu não tinha visto você. Por favor, me acompanhe.” Ned Rowles estava olhando para ele de um jeito estranho. Lewis tinha certeza de que o editor achava Hardesty tão cansativo quanto ele e não queria sua companhia, mas o que poderia fazer, mandar o xerife embora? Fosse lá o que aquele olhar significasse, Rowles deslizou no banco do compartimento a fim de abrir espaço para Hardesty. O xerife ainda estava usando a jaqueta pesada; a salinha dos fundos devia estar fria. Como o universitário que parecia ser, Ned passava o máximo de tempo possível apenas com um paletó de tweed como proteção contra o inverno.

Lewis viu que os dois homens o encaravam de um jeito estranho, e seu coração disparou. Teria atropelado a garota, afinal? Alguém teria anotado sua placa? Ele seria culpado de atropelamento sem assistência à vítima!

“Bom, Walt”, disse Lewis, “tem alguma coisa especial acontecendo ou você só quer uma cerveja?” Ele encheu o copo de Hardesty enquanto falava.

“Agora eu aceitaria a cerveja, sr. Benedikt”, respondeu Hardesty. “Que dia, não?”

“Sim”, disse Lewis simplesmente.

“Um dia terrível”, confirmou Ned Rowles, passando a mão pelo cabelo que caía na testa. Ele fez uma careta para Lewis. “Você não parece muito bem, amigão. Talvez devesse ir para casa descansar.”

Lewis ficou ainda mais intrigado depois desse comentário. Se tivesse atropelado a garota e eles soubessem, o xerife não o deixaria simplesmente ir para casa.

“Ah”, disse ele, “eu fico inquieto em casa. Eu me sentiria bem melhor se as pessoas parassem de me dizer que estou com a aparência péssima.”

“Bom, é uma situação muito triste”, falou Rowles. “Acho que todos nós concordaríamos com isso.”

“Ah, sim”, concordou Hardesty, terminando a cerveja e servindo mais. O rosto de Ned estava com uma expressão dolorosa de… o quê? Parecia solidariedade. Lewis colocou mais cerveja no copo. O rabequeiro passou a tocar guitarra, e agora a música estava tão alta que os três homens tinham que se

inclinar para poderem se ouvir. Lewis conseguia ouvir fragmentos de letras de música, trechos gritados nos microfones.

wrong way out, baby… wrong way out[3]

“Eu estava pensando na época em que era jovem e ia ver Benny Goodman”, comentou ele. Ned Rowles virou a cabeça, confuso.

“Benny *Goodman?*” Hardesty riu. “Eu gosto de country. De country de verdade, tipo Hank Williams, não o lixo que esses garotos tocam. Isso não é country. Jim Reeves. É disso que eu gosto.” Lewis conseguia sentir o bafo do xerife, uma mistura de cerveja e podridão terrível, como se ele tivesse comido lixo.

“Ah, você é mais jovem do que eu”, disse ele, recostando-se.

“Eu só queria dizer que sinto muito”, interrompeu Ned, e Lewis olhou para ele de maneira intensa, tentando entender o tamanho da confusão em que estava metido. Hardesty sinalizava em direção a Annie, a viking, para que levasse outra jarra. A cerveja chegou em minutos, derramando um pouco quando ela a colocou na mesa. Quando se afastou, piscou para Lewis.

Em algum momento durante a manhã, Lewis se lembrava, e em algum momento durante o passeio… bordos desnudos… ele percebeu uma claridade estranha, onírica, uma apuração da visão que era como olhar para uma gravura — uma floresta assombrada, um castelo cercado de árvores altas…

wrong way out, baby… you’re on the wrong

… mas agora ele se sentia desnorteado e confuso, tudo era estranho, e a piscadela de Annie era como algo saído de um filme surreal…

you’re on the wrong

Hardesty se inclinou para a frente de novo e abriu a boca. Lewis viu um ponto de sangue no olho esquerdo dele, pairando abaixo da íris azul como um ovo fecundado. “Vou dizer uma coisa”, gritou Hardesty para ele. “Temos quatro ovelhas mortas, sabe? Gargantas cortadas. Nada de sangue e nenhuma pegada. O que você conclui disso?”

“Você é a lei, o que você conclui?”, perguntou Lewis, erguendo a voz para ser ouvido acima do barulho da banda.

“Eu digo que o mundo está estranho, está virando um mundo estranho”, gritou Hardesty e lançou a Lewis um dos seus olhares de durão do Texas. “*Muito* estranho. Eu diria que seus dois amigos advogados sabem alguma coisa sobre a questão.”

“É improvável”, atenuou Ned. “Mas preciso checar se algum deles quer escrever alguma coisa sobre o dr. John Jaffrey no jornal. A não ser que você queira, Lewis.”

“Escrever sobre John n’*O Urbanita*?”, perguntou Lewis.

“Ah, você sabe, umas cem palavras, talvez duzentas, qualquer coisa que você consiga pensar em dizer sobre ele.”

“Mas por quê?”

“Meu Deus, porque você não vai querer que Omar Norris seja o único…” Hardesty parou, com a boca aberta. Ainda parecia estupefato. Lewis esticou o pescoço para olhar Omar Norris do outro lado do salão lotado, ainda balançando os braços e tagarelando. No balcão à frente dele havia uma fileira de bebidas. A sensação de uma coisa ruim próxima que o havia perseguido o dia todo se intensificou. Um acorde de rabeca desafinado o perfurou como uma flecha: é *agora, é agora…*

Ned Rowles estendeu a mão por cima da mesa e tocou a de Lewis. “Ah, Lewis”, disse ele. “Eu tinha certeza de que você sabia.”

“Eu passei o dia fora”, respondeu Lewis. “Eu estava… O que aconteceu?” *Um dia depois do aniversário de morte de Edward*, pensou ele, e soube que John Jaffrey estava morto. Em seguida, percebeu que o ataque cardíaco de Edward aconteceu depois da meia-noite e que *aquele dia* era o do aniversário da morte dele.

“Ele resolveu pular”, disse Hardesty, e Lewis percebeu que o homem havia lido essa expressão em algum lugar e achava que era o tipo de linguajar que deveria usar. O xerife tomou um gole de cerveja e fez uma careta para Lewis, cheio de ameaça constrangida. “Ele pulou da ponte hoje de manhã. Já devia estar mortinho antes mesmo de bater na água. Omar Norris viu tudo.”

“Ele pulou da ponte”, repetiu Lewis, baixinho. Por algum motivo, queria ter atropelado a garota — foi apenas um desejo passageiro, mas significaria que John estaria em segurança. “Meu Deus”, disse ele.

“Achamos que Sears ou Ricky poderiam ter contado a você”, informou Ned Rowles. “Eles aceitaram cuidar dos preparativos funerários.”

“Jesus, John vai ser enterrado”, disse Lewis, e lágrimas surpresas surgiram em seus olhos. Ele se levantou desajeitadamente e começou a sair do compartimento.

“Imagino que você não possa me contar nada de útil”, comentou Hardesty.

“Não. Não. Eu tenho que ir para lá. Eu não sei de nada. Eu preciso ver os outros.”

“Me avise se eu puder ajudar”, gritou Ned acima do barulho.

Sem olhar direito para onde estava indo, Lewis esbarrou em Jim Hardie, que havia se posicionado em um local em que não podia ser visto do compartimento. “Desculpe, Jim”, disse Lewis, e teria passado por ele e pela garota, mas Hardie o agarrou pelo braço.

“Essa moça queria conhecer você”, disse Hardie, com um sorriso desagradável. “Então, vim fazer as apresentações. Ela está hospedada no nosso hotel.”

“Não tenho tempo. Preciso ir”, disse Lewis, com a mão de Hardie ainda fechada com força ao redor de seu braço.

“Espere. Estou fazendo o que ela me pediu. Sr. Benedikt, esta é Anna Mostyn.” Pela primeira vez desde que encontrou o olhar dela no bar, Lewis prestou atenção na garota. Não era uma garota, ele descobriu; devia ter uns trinta anos, talvez um ou dois para mais ou para menos. Não era a típica acompanhante de Jim Hardie. “Anna, este é o sr. Lewis Benedikt. Acho que é o coroa mais bonito em cinco ou seis condados, talvez até no estado todo, e sabe bem disso.” A moça ficava ainda mais bonita conforme você olhava para ela. Parecia lembrar alguém, e ele achava que deveria ser Stella Hawthorne. Passou pela cabeça dele que tinha esquecido como Stella Hawthorne era quando tinha trinta anos.

Uma figura desolada retirada de um quadro da pior estirpe, Omar Norris estava apontando para ele do balcão. Ainda sorrindo ferozmente, Jim Hardie soltou seu braço. O garoto com a rabeca jogou o cabelo para trás de um jeito feminino e começou outra música.

“Sei que você precisa ir”, disse a mulher. A voz dela era baixa, mas deslizava através do ruído. “Eu soube do seu amigo por Jim e queria dizer o quanto lamento.”

“Eu mesmo acabei de saber”, disse Lewis, desesperado para ir embora do bar. “Foi um prazer conhecer você, senhorita…”

“Mostyn”, respondeu ela sem esforço com uma voz audível. “Espero ver você novamente em breve. Vou trabalhar para seus amigos advogados.”

“Ah, é? Bom…” O significado do que ela disse ficou claro para ele. “Sears e Ricky deram um emprego a você?”

“Sim. Eu soube que eles conheciam minha tia. Talvez você também. O nome dela era Eva Galli.”

“Ai, meu Deus”, disse Lewis, assustando Jim Hardie a ponto de fazê-lo deixar o braço cair. Lewis disparou para o interior do bar antes de mudar de direção e correr para a porta.

“O rei do glamour deve estar precisando cagar”, comentou Jim. “Ah. Desculpa, moça. Quer dizer, srta. Mostyn.”

A Sociedade Chowder acusada

6

Com a cobertura de lona do Morgan estalando e deixando o frio entrar, Lewis dirigiu até a casa de John o mais rápido que conseguiu. Não sabia o que esperava encontrar lá: talvez uma reunião final da Sociedade Chowder, Ricky e Sears falando com uma racionalidade bizarra sobre um caixão aberto. Ou talvez os próprios Ricky e Sears magicamente mortos e enrolados nas vestes pretas do sonho, três corpos deitados em um quarto superior…

Ainda não, sua mente disse.

Ele parou ao lado da casa na Montgomery Street e saiu do carro. O vento afastou o blazer de seu corpo e puxou a gravata; ele percebeu que, como Ned Rowles, estava sem casaco. Lewis olhou com desespero para as janelas apagadas e pensou que pelo menos Milly Sheehan estaria em casa. Correu até a entrada e apertou a campainha. Longe e baixa, ela tocou. Imediatamente abaixo ficava a campainha do consultório, usada pelos pacientes de John, e ele também a acionou, ouvindo o clamor impaciente do outro lado da porta. Como se estivesse nu no frio, Lewis começou a tremer.

Sentiu que havia água fria em seu rosto. Primeiro pensou que fosse neve, mas percebeu que estava chorando outra vez.

Lewis bateu na porta inutilmente, se virou, sentindo as lágrimas como gelo no rosto, olhou para o outro lado da rua e viu a antiga casa de Eva Galli.

Sua respiração congelou. Quase achou que era capaz de vê-la novamente, a feiticeira da juventude deles, movendo-se em frente a uma janela do andar de baixo.

Por um momento, tudo possuía a mesma clareza da manhã, seu estômago também congelou, a porta se abriu, e então ele percebeu que a figura que saía era um homem. Lewis secou a testa com as mãos. O homem obviamente queria falar com ele. Quando se aproximou, Lewis o reconheceu: era Freddy Robinson, o corretor de seguros. Ele também era cliente regular do Humphrey's Place.

"Lewis?", disse ele. "Lewis Benedikt? Ei, que bom ver você, cara!"

Lewis começou a se sentir do mesmo jeito que no bar, só queria ir embora. "Sim, eu mesmo", respondeu ele.

"Puxa, que pena o que aconteceu ao dr. Jaffrey, não é? Eu soube hoje à tarde. Ele era muito amigo seu, não?" Robinson estava agora perto o suficiente para apertar sua mão, e Lewis não conseguiu fugir dos dedos frios do corretor. "Que coisa horrível, hein? Uma tragédia e tanto, eu acho. Caramba." Ele estava balançando a cabeça com vigor. "Vou dizer uma coisa. O velho dr. Jaffrey ficava

na dele, mas eu amava aquele cara. De verdade. Quando me convidou para aquela festa que deu para a atriz, fiquei nas nuvens. E, cara, que festa! De verdade, eu me diverti muito. Ótima festa.” Ele deve ter percebido que Lewis enrijecera, pois acrescentou: “Antes do que aconteceu no final, claro”.

Lewis estava olhando para o chão, sem se dar ao trabalho de responder àqueles comentários horríveis, e Freddy Robinson aproveitou o silêncio para acrescentar:

“Ei, você parece meio exausto. Não é bom ficar aqui no frio. Por que não vem para a minha casa e toma uma bebida para se esquentar? Eu adoraria ouvir sobre suas experiências, jogar conversa fora, falar sobre as suas opções de seguro, mas só por curiosidade — de qualquer forma, não tem ninguém em casa…” Como Jim Hardie, ele segurou o braço de Lewis, que, intimidado e infeliz como estava, sentiu desespero e avidez no sujeito. Se Robinson pudesse ter algemado Lewis e o arrastando para o outro lado da rua, teria feito isso. Lewis sabia que, se permitisse, por algum motivo Robinson se agarraria a ele como craca.

“Infelizmente, não posso”, disse ele, com mais educação do que se não tivesse sentido a enorme necessidade de Robinson. “Preciso ver umas pessoas.”

“Você está falando de Sears James e Ricky Hawthorne, eu acho”, respondeu Robinson, já derrotado. Ele soltou o braço de Lewis. “Nossa, o que vocês fazem é tão incrível, eu realmente os admiro com aquele clube e tudo mais.”

“Minha nossa, não caia na besteira de nos *admirar*”, disse Lewis, já indo para o carro. “Alguém está nos eliminando como moscas.”

Ele falou de forma quase casual, um mero comentário para encerrar o assunto, e em cinco minutos já tinha se esquecido do que dissera.

• • •

Ele dirigiu os oito quarteirões até a casa de Ricky porque era impensável que Sears tivesse levado Milly Sheehan para sua casa e, quando chegou lá, viu que estava certo. O velho Buick de Ricky ainda estava na entrada.

“Ah, então você soube”, disse Ricky quando abriu a porta. “Que bom você ter vindo.” Seu nariz agora estava vermelho, e Lewis pensou que era por causa do choro, mas percebeu que ele estava com um resfriado forte.

“Sim, encontrei Hardesty e Ned Rowles, e eles me contaram. Como você soube?”

“Hardesty ligou para o escritório.” Os dois homens entraram na sala, e Lewis viu Sears James, sentado em uma poltrona, fazendo uma careta quando o nome do xerife foi citado.

Stella entrou da sala de jantar, suspirou e atravessou a sala para abraçá-lo. “Sinto muito, Lewis”, disse ela. “É uma tristeza tão grande.”

“É impossível”, disse Lewis.

“Pode ser, mas foi John quem levaram para o necrotério do condado esta tarde”, disse Sears com a voz rouca. “Quem pode dizer o que é impossível? Nós todos estamos muito tensos. Eu posso pular da ponte amanhã.” Stella deu mais um aperto em Lewis e foi se sentar ao lado de Ricky no sofá. A mesa italiana de centro diante deles parecia do tamanho de um rinque de patinação.

“Você precisa de um café”, disse Stella, observando Lewis com mais atenção, e se levantou novamente para ir em direção à cozinha.

“Você acharia impossível”, prosseguiu Sears, inabalado pela interrupção, “que três homens adultos como nós tivessem que se juntar para se aquecer, mas aqui estamos.”

Stella voltou com café para todos, e a conversa desconexa parou por um momento.

“Nós tentamos falar com você”, disse Ricky.

“Fui dar uma volta.”

“Foi John quem quis que escrevêssemos para o jovem Wanderley”, disse Ricky depois de um momento.

“Escrever para quem?”, perguntou Stella, sem entender. Sears e Ricky explicaram. “Bom, é a coisa mais maluca que eu já ouvi”, comentou ela. “É a cara de vocês três se enrolarem e pedirem para outra pessoa resolver seus problemas. Eu não esperaria isso de John.”

“Supostamente, ele é um especialista, Stella”, disse Sears, irritado. “No que me diz respeito, o suicídio de John prova que precisamos dele mais do que nunca.”

“Bom, quando ele vem?”

“Não sei”, admitiu Sears. “Ele pareceu abalado, um peru velho e gordo no fim do inverno.”

“Se vocês querem saber, o que deveriam fazer é acabar com essas reuniões da Sociedade Chowder”, disse Stella. “São destrutivas. Ricky acordou gritando hoje de manhã. Vocês três parecem ter visto fantasmas.”

Sears permaneceu calmo. “Dois de nós viram o corpo de John. Isso já é motivo suficiente para parecermos meio fora do normal.”

“Como…”, Lewis começou, mas parou. *Como ele estava?* era uma pergunta singularmente idiota.

“Como o quê?”, perguntou Sears.

“Como vocês foram contratar a sobrinha de Eva Galli?”

“Ela pediu um emprego”, respondeu Sears. “Nós tínhamos trabalho sobrando.”

“Eva Galli?”, perguntou Stella. “Não era aquela mulher rica que veio aqui, hã, muito tempo atrás? Não a conheci muito bem; ela era bem mais velha do que eu. Ela não ia se casar com alguém? Mas de repente arrumou as coisas e saiu da cidade?”

“Ela ia se casar com Stringer Dedham”, disse Sears, impaciente.

“Ah, sim, Stringer Dedham”, lembrou Stella. “Minha nossa, ele era um homem bonito. Mas teve aquele acidente horrível, alguma coisa em uma fazenda.”

“Ele perdeu os dois braços em uma debulhadora”, disse Ricky.

“Argh. Que conversa. Deve parecer uma das reuniões de vocês.”

Os três homens estavam pensando a mesma coisa.

“Quem contou sobre a srta. Mostyn?”, perguntou Sears. “A sra. Quast deve fazer hora extra na fofoca.”

“Não, eu a conheci. Ela estava no Humphrey’s Place com Jim Hardie. Se apresentou para mim.”

A conversa frágil morreu de novo.

Sears perguntou a Stella se havia conhaque na casa, e Stella disse que pegaria para todos e desapareceu de novo na cozinha.

Sears puxou o paletó com violência, tentando ficar confortável na cadeira de couro e metal. “Você levou John para casa ontem à noite. Ele parecia diferente de alguma forma?”

Lewis sacudiu a cabeça. “Nós não conversamos muito. Ele disse que sua história foi boa.”

“Não disse muito mais do que isso?”

“Falou que estava com frio.”

“Humpf.”

Stella voltou com uma garrafa de Remy Martin e três copos em uma bandeja. “Vocês deveriam se olhar no espelho. Parecem três corujas.”

Eles apenas assentiram.

“Cavalheiros, vou deixar vocês com o conhaque. Tenho certeza de que vocês devem querer conversar sobre algumas coisas.” Stella olhou para eles, autocrática e benevolente como uma professora primária, e saiu rapidamente da sala sem se despedir. A reprovação dela ficou pairando entre eles.

“Ela está abalada”, disse Ricky, como um pedido de desculpas. “Bem, nós todos estamos. Mas Stella sentiu mais do que deseja demonstrar.” Como se para compensar a esposa, Ricky se inclinou para a frente por cima da mesa que parecia um rinque de patinação e serviu uma quantidade generosa de conhaque

em cada copo. “Preciso disso também. Lewis, só não entendo o que o levaria a fazer aquilo. Por que John Jaffrey poderia querer se matar?”

“Não sei por quê”, respondeu Lewis, pegando um dos copos. “Acho que fico feliz por não saber.”

“Seja sensato, para variar”, rosnou Sears. “Nós somos homens, Lewis, não animais. Não fomos feitos para ficar escondidos na escuridão, com medo.” Ele também aceitou um copo e bebeu. “Como espécie, temos fome de conhecimento. De esclarecimento.” Os olhos pálidos se fixaram com irritação em Lewis. “Ou talvez eu tenha compreendido mal e você não tenha tido a intenção de defender a ignorância.”

“Não vá se exceder, Sears”, disse Ricky.

“Menos jargão, Ricky”, retorquiu Sears. “‘Exagero’ mesmo. Isso pode impressionar Elmer Scales e as ovelhas dele, mas para mim não diz nada.”

Havia alguma coisa sobre ovelhas, mas Lewis tinha esquecido. Ele disse: “Não quero defender a ignorância, Sears. Só quero dizer que… droga, não sei mais. Acho que eu quis dizer que talvez fosse coisa demais para absorver”. O que ele não articulou, embora estivesse em parte ciente disso, era a ideia de que temia examinar muito de perto para os últimos momentos da vida de qualquer suicida, fosse um amigo ou uma esposa.

“*Sim*”, sussurrou Ricky.

“Que baboseira”, disse Sears. “Eu ficaria aliviado de saber que John estava apenas em desespero. São as outras explicações que me assustam.”

Lewis disse: “Tenho a sensação de que estou deixando passar alguma coisa”, e provou para Ricky pela milionésima vez que não era o imbecil que Sears imaginava.

“Ontem à noite”, falou Ricky, segurando o copo com as duas mãos e dando um sorriso fatalista, “depois que nós três fomos embora, Sears viu Fenny Bate na escada da casa dele.”

“Deus do céu.”

“Já chega”, avisou Sears. “Ricky, eu proíbo você de falar sobre isso. O que nosso amigo quer dizer, Lewis, é que eu achei que o vi. Estava muito assustado. Foi uma alucinação, um assombro, como dizem por aqui.”

“Agora você está argumentando pelos dois lados”, observou Ricky. “Da minha parte, eu ficaria feliz em pensar que você está certo. Não quero ver o jovem Wanderley aqui. Acho que podemos nos arrepender, mas vai ser tarde demais.”

“Você me entendeu mal. Eu quero que ele venha e diga: desistam. Meu tio Edward morreu por causa do tabagismo e da empolgação, John Jaffrey era

instável. Foi por esse motivo que aceitei a sugestão de John. Quer dizer: ele que venha, e quanto mais cedo melhor."

Lewis disse: "Se você acha isso, eu concordo com você".

"É justo com John?", perguntou Ricky.

"Para John já não faz diferença se somos justos com ele", retrucou Sears. Ele terminou o conhaque no copo e se inclinou para se servir mais da garrafa.

Passos repentinos na escada fizeram com que os três virassem a cabeça em direção à entrada do corredor.

Virado para aquele lado na cadeira, Lewis conseguia ver a janela da frente de Ricky e reparou com surpresa que começara a nevar de novo. Centenas de flocos enormes martelavam a janela escura.

Milly Sheehan entrou, com o cabelo todo amassado de um lado e armado do outro. Estava espremida em um roupão antigo de Stella. "Eu ouvi isso, Sears James", disse ela com uma voz que soou como uma sirene de ambulância. "Você vai pisar em cima de John mesmo depois de morto."

"Milly, eu não quis ser desrespeitoso", disse Sears. "Você não devia…"

"Não. Você não vai se livrar de mim assim tão fácil. Não vou servir café agora, fazer uma reverência e ir embora. Tenho uma coisinha a dizer para você. John não cometeu suicídio. Lewis Benedikt, escute também. Ele não se matou. Não teria feito isso. John foi assassinado."

"Milly", começou Ricky.

"Você acha que sou surda? Acha que não sei o que está acontecendo? John foi morto, e sabe quem o matou? Bem, eu sei." Passos apressados, dessa vez de Stella, se fizeram ouvir pela escada. "Eu sei quem o matou. Foram vocês. Vocês, a Sociedade Chowder. Vocês o mataram com suas histórias terríveis. Vocês o deixaram doente, vocês e seu Fenny Bates!" O rosto dela se contorceu; Stella entrou às pressas, porém tarde demais para impedir as palavras finais de Milly. "Deveriam chamar vocês de Sociedade da Morte! Deveriam chamar vocês de Assassinos Associados!"

7

Ali estavam eles, os Assassinos Associados, sob o céu claro do fim de outubro. Sentiam dor, raiva, desespero, culpa — falavam compulsivamente de túmulos e cadáveres havia um ano, e agora estavam enterrando um deles. As descobertas inesperadas da autópsia intrigaram e perturbaram a todos; Sears explodiu, preferindo não acreditar. No começo, Ricky também não aceitou que John

pudesse ser viciado em drogas. “Provas de introdução volumosa, habitual e antiga de substância narcótica…”, e então um monte de linguagem médica complicada, mas a questão era que o legista difamou publicamente John Jaffrey. A admoestação de Sears não adiantou de nada, o homem não mudaria a história. Sears não alteraria sua opinião de que, ao longo de uma autópsia, o homem tinha passado de um profissional capacitado a um tolo incompetente e perigoso. As descobertas do legista circularam por Milburn, e alguns cidadãos disseram que estavam do lado de Sears, enquanto outros aceitaram as conclusões da autópsia, mas ninguém foi ao enterro. Até o reverendo Neil Wilkinson parecia constrangido. Enterro de um suicida e viciado em drogas — ora!

A garota nova, Anna, foi maravilhosa: ajudou a lidar com a fúria de Sears, protegendo a sra. Quast de seus piores efeitos, foi tão sensacional com Milly Sheehan quanto Stella e revolucionou o escritório. Forçou Ricky a se dar conta de que a Hawthorne & James teria bastante trabalho se os dois advogados se dispusessem a fazê-lo. Mesmo durante o terrível período em que cuidavam das providências para o enterro de John, mesmo no dia em que ele tirou um terno do armário do médico e comprou um caixão, Ricky e Sears se viram respondendo mais cartas e atendendo a mais telefonemas do que em semanas. Estavam rumando para a aposentadoria, encaminhando clientes para outros lugares de forma um tanto automática, e era como se Anna Mostyn trouxesse os dois de volta à vida. Mencionou a tia apenas uma vez, e da maneira mais inofensiva: perguntou como ela era. Sears chegou perto de corar e murmurou: “Quase tão bonita quanto você, mas não tão intensa”. E ela ficou sempre ao lado de Sears na questão da autópsia. Até legistas cometem erros, observou com um bom senso plácido e inegável.

Ricky não tinha tanta certeza; nem sabia se importava. John ainda trabalhava bem como médico; seu corpo enfraquecera, mas ele permaneceu competente na cura de outros corpos. Um vício em drogas “volumoso, habitual etc.” explicava seu declínio físico. Uma injeção diária de insulina deixaria John acostumado com agulhas. Ele descobriu que, se John Jaffrey era viciado, isso não afetava muito o que Ricky pensava a seu respeito.

E mais: tornava o suicídio dele explicável. Não foi um Fenny Bate descalço e sem olho, não foram os Assassinos Associados, não foram umas meras histórias que o mataram — a droga consumiu seu cérebro da mesma forma que o corpo. Ou então ele não conseguia aguentar mais a “vergonha” do vício. Ou algo do tipo.

Às vezes, era convincente.

Enquanto isso, seu nariz escorria e seu peito chiava. Ele queria se sentar; queria ficar aquecido. Milly Sheehan estava agarrada a Stella como se as duas

tivessem sofrido com a passagem de um furacão, de vez em quando usando uma das mãos para tirar mais um lenço de papel da caixa, limpando os olhos e largando o lenço no chão.

Ricky pegou um lenço úmido no bolso do casaco, assoou discretamente o nariz e o guardou de volta.

Todos ouviram o carro subindo a colina do cemitério.

DOS DIÁRIOS DE DON WANDERLEY

8

Aparentemente, sou membro honorário da Sociedade Chowder. É tudo muito estranho — na verdade, a peculiaridade de tudo é um pouco perturbadora. Talvez o mais estranho em relação à minha presença aqui seja que os amigos do meu tio quase parecem temer estarem presos em uma história de terror da vida real, uma narrativa como *O vigilante da noite*. Foi por causa de O *vigilante da noite* que escreveram para mim. Eles me viram como uma espécie de profissional, especialista no sobrenatural — eles me viram como Van Helsing! Minhas impressões iniciais estavam corretas; todos sentem um pressentimento distinto — imagino que podemos dizer que estão à beira de sentirem medo da própria sombra. Meu papel é justamente o de *investigar*. E o que eles não me disseram diretamente, mas deram a entender, é que eu devo dizer: vocês não têm nada com o que se preocupar, rapazes. Há uma explicação racional e razoável para tudo — mas disso não tenho muita dúvida.

Eles querem que eu consiga escrever também — foram bem firmes sobre isso. Sears James disse: “Não chamamos você aqui para interromper sua carreira!”. Portanto, querem que eu dedique metade do meu dia ao dr. Rabbitfoot e a outra metade a eles. Tenho a sensação inegável de que parte do que eles querem é apenas alguém com quem possam falar. Estão conversando entre si há tempo demais.

• • •

Não muito tempo depois que a secretária, Anna Mostyn, saiu, a empregada do morto disse que gostaria de se deitar, e Stella Hawthorne a levou para o andar de cima. Quando voltou, a sra. Hawthorne serviu a todos nós grandes copos de uísque. Na alta sociedade de Milburn, à qual acho que eles pertencem, bebe-se uísque no estilo inglês, puro.

Tivemos uma conversa sofrida e hesitante. Stella Hawthorne disse: “Espero que você enfie um pouco de bom senso na cabeça desses sujeitos”, o que me intrigou. Eles ainda não tinham explicado o verdadeiro motivo para terem me convidado para vir. Eu assenti, e Lewis falou: “Temos que conversar”. Isso os silenciou novamente. “Nós também queremos falar sobre seu livro”, avisou Lewis.

“Tudo bem”, respondi. Mais silêncio.

“É melhor eu alimentar vocês, suas três corujas”, disse Stella Hawthorne. “Sr. Wanderley, pode me dar uma mãozinha?”

Eu a segui até a cozinha, esperando que ela me entregasse pratos ou talheres. O que não esperava era que a elegante sra. Hawthorne se virasse, batesse a porta e dissesse: “Aqueles três velhos idiotas lá não disseram por que queriam que você viesse aqui?”.

“Parece que estão um pouco esquivos”, eu disse.

“Ah, espero que você seja bom, sr. Wanderley”, comentou ela, “porque vai ter que ser um verdadeiro Freud para lidar com esses três. Quero que você saiba que não aprovo sua presença aqui. Acho que as pessoas deveriam resolver seus problemas sozinhas.”

“Eles deram a entender que queriam falar comigo sobre o meu tio”, eu disse. Mesmo com o cabelo grisalho, pensei que ela não poderia ter mais do que 46 ou 47 anos, e era tão linda e implacável quanto um busto numa proa de navio.

“Seu tio! Bom, talvez queiram mesmo. Eles nunca se dignariam a me contar”, e entendi parte do motivo de sua fúria. “Você conhecia bem o seu tio, sr. Wanderley?”

Eu lhe pedi que usasse meu primeiro nome. “Não muito bem. Depois que fui para a faculdade e me mudei para a Califórnia, eu não o via mais do que uma vez a cada dois anos. Quando ele morreu, não nos víamos fazia anos.”

“Mas ele deixou a casa para você. Não acha um pouco estranho aqueles três personagens lá fora não terem sugerido que você ficasse lá?”

Antes que eu pudesse responder, ela prosseguiu: “Bom, mesmo que você não ache, eu acho. E não acho apenas estranho, mas patético. Eles têm medo de entrar na casa de Edward. Chegaram a uma espécie de… de acordo tácito. Nunca entraram na casa. São supersticiosos, é esse o motivo”.

“Eu achei que tivesse sentido… Bom, quando fui ao enterro, eu pensei ter visto…”, gaguejei, sem saber até onde poderia ir com ela.

“Bom para você”, disse ela. “Talvez não seja tão cabeça-dura quanto eles. Mas digo o seguinte, Don Wanderley: se eles ficarem piores do que já estão, você vai ter que se ver comigo.” Ela colocou as mãos nos quadris, com os olhos em chamas, e soltou o ar com força. Seus olhos mudaram; ela me deu um sorriso

tenso e sofrido e disse: “É melhor irmos logo, ou acho que vão começar a fofocar sobre você”.

Ela abriu a geladeira e tirou um prato com um assado do tamanho de um porco jovem. “Rosbife frio está bom para você? Os apetrechos para trinchar estão na gaveta à sua direita. Comece a cortar.”

• • •

Só depois que Stella saiu de casa abruptamente para o que chamou de “compromisso” — após a cena estranha na cozinha, eu tive noção do caráter desse compromisso, e a expressão momentânea de pura infelicidade que surgiu no rosto de Ricky Hawthorne confirmou — os três homens se abriram comigo. Na verdade não “se abriram”, pelo menos não até bem depois, mas, quando Stella Hawthorne saiu com o carro, os três homens de idade começaram a me mostrar por que tinham me pedido para ir a Milburn.

Começou como uma entrevista de emprego.

“Bem, aqui está você, finalmente, sr. Wanderley”, disse Sears James, servindo mais conhaque no copo e tirando uma charuteira grossa de dentro do bolso do paletó. “Charuto? Garanto que são de qualidade.”

“Não, obrigado”, eu disse. “E, por favor, me chame de Don.”

“Muito bem. Eu não dei as boas-vindas de forma adequada, Don, mas vou fazer isso agora. Éramos todos grandes amigos de seu tio Edward. Eu estou, e falo pelos meus dois amigos também, muito agradecido por você ter atravessado o país para se juntar a nós. Achamos que você pode nos ajudar.”

“Isso tem a ver com a morte do meu tio?”

“Em parte. Queremos que você trabalhe para nós.” Ele me perguntou se poderíamos falar sobre *O vigilante da noite*.

“Claro.”

“Era um romance, portanto em boa parte inventado, mas essa invenção foi baseada em um caso verdadeiro? Imaginamos que você tenha feito algumas pesquisas para o livro. Mas o que queremos saber é se, ao longo da sua pesquisa, você descobriu alguma prova que pudesse corroborar as ideias do seu livro. Ou, quem sabe, sua pesquisa pode ter sido inspirada em alguma ocorrência inexplicável de sua vida.”

Eu quase conseguia sentir a tensão dos três nas pontas dos dedos, e talvez eles conseguissem sentir a minha da mesma forma. Não sabiam nada sobre a morte de David, mas me pediram para expor o mistério central de *O vigilante da noite* e também da minha vida.

“A invenção, como você diz, foi baseada em um caso verdadeiro”, eu disse, e a tensão se dissipou.

“Você poderia descrevê-lo para nós?”

“Não”, respondi. “Não é uma coisa clara o bastante para mim. Além do mais, é pessoal demais. Me desculpem, mas não posso falar a respeito.”

“Nós respeitamos isso”, disse Sears James. “Você parece nervoso.”

“Eu estou”, admiti, e dei uma risada.

“A situação narrada em *O vigilante da noite* foi baseada em um episódio real sobre o qual você tinha conhecimento?” perguntou Ricky Hawthorne, como se não estivesse prestando atenção ou não conseguisse acreditar no que tinha acabado de ouvir.

“Isso mesmo.”

“E você conhece outros casos similares?”

“Não.”

“Mas não rejeita imediatamente o sobrenatural”, disse Sears.

“Não sei se rejeito ou não”, eu falei. “Como a maioria das pessoas.”

Lewis Benedikt se empertigou e olhou para mim. “Mas você acabou de dizer…”

“Não disse, não”, interrompeu Ricky Hawthorne. “Ele só disse que o livro dele foi *baseado* em um evento real, e não que recontasse fielmente o evento. É isso, Don?”

“Mais ou menos.”

“Mas e sua pesquisa?”, perguntou Lewis.

“Eu não fiz muitas pesquisas”, expliquei.

Hawthorne suspirou, olhou para Sears com o que parecia ser ironia: *Eu disse*.

“Acho que você pode nos ajudar mesmo assim”, insistiu Sears, como se estivesse contradizendo uma opinião emitida. “Seu ceticismo vai nos fazer bem.”

“Talvez”, murmurou Hawthorne.

Eu ainda estava com a sensação de que eles estavam invadindo meu espaço mais particular. “O que tudo isso tem a ver com o ataque cardíaco de meu tio?”, perguntei. Foi um questionamento bastante defensivo, mas era a pergunta certa a fazer.

Então as coisas vieram à tona — James tinha decidido me contar tudo.

“E nós estamos tendo noites inenarráveis. Sei que John também tinha. Não é exagero dizer que tememos por nossa razão. Algum de vocês contestaria isso?”

Hawthorne e Lewis Benedikt pareciam estar se lembrando de coisas que preferiam não recordar e sacudiram negativamente a cabeça.

“Então nós queremos sua ajuda de especialista, e o máximo de tempo que você puder nos conceder de forma razoável”, concluiu Sears. “O aparente suicídio de John abalou todos nós profundamente. Mesmo se ele fosse viciado em drogas, o que contesto, não acho que fosse um suicida.”

“O que ele estava usando?”, perguntei. Era apenas um pensamento fortuito.

“Usando? Não lembro… Ricky, você viu as roupas dele?”

Hawthorne assentiu. “Tive que jogar fora. Era uma combinação totalmente absurda de coisas: o paletó do fraque, uma camisa de pijama, a calça de outro terno. Sem meias.”

“Foi o que John vestiu quando acordou na manhã em que morreu?”, perguntou Lewis, atônito. “Por que você não nos contou antes?”

“Primeiro fiquei chocado, mas depois esqueci. Tinha muita coisa acontecendo.”

“Mas ele costumava ser um homem tão caprichoso”, disse Lewis. “Caramba, se John misturou as roupas assim, sua mente devia estar confusa também.”

“Exato”, disse Sears e sorriu para mim. “Don, foi uma pergunta pertinente. Nenhum de nós pensou nisso.”

Era possível ver que ele estava começando a agarrar todas as racionalizações disponíveis. “Não simplifica as coisas em nada observar que a mente dele estava confusa”, apontei. “No caso que eu tinha em mente quando escrevi meu livro, um homem se matou, e tenho certeza de que estava com a mente abalada, mas nunca descobri o que realmente aconteceu com ele.”

“Você está falando sobre o seu irmão, não?”, perguntou Ricky Hawthorne com perspicácia. Naturalmente. Então todos sabiam, afinal; meu tio lhes contou sobre David. “E foi a esse ‘caso’ que você fez alusão?”

Eu assenti.

“Oh-oh”, disse Lewis.

Eu disse: “Apenas o transformei em uma história de fantasmas. Não sei o que realmente aconteceu”.

Por um momento, os três pareceram constrangidos.

“Bom”, disse Sears James, “mesmo que não esteja acostumado a fazer pesquisas, tenho certeza de que você é capaz.”

Ricky Hawthorne se encostou no sofá excêntrico; sua gravata-borboleta ainda se mantinha imaculada, mas o nariz estava vermelho, e os olhos, turvos. Parecia pequeno e perdido no meio da mobília gigante. “Obviamente, meus dois amigos vão ficar mais felizes se você ficar conosco por um tempo, sr. Wanderley.”

“Don.”

“Don, então. Como você parece preparado para fazer isso, e como estou exausto, sugiro que nos desejemos boa-noite. Você vai passar a noite na casa de Lewis?”

Lewis Benedikt disse: “Tudo bem”, e então se levantou.

“Eu tenho uma pergunta”, falei. “Vocês estão me pedindo para pensar no sobrenatural, ou como queiram chamar, porque isso os absolve de pensarem a respeito?”

“Perspicaz, mas impreciso”, disse Sears James, olhando para mim com os olhos azuis certeiros como um disparo de rifle. “Nós pensamos nisso o tempo todo.”

“Isso me faz lembrar”, comentou Lewis. “Vocês vão cancelar as reuniões da Sociedade Chowder? Alguém acha que deveríamos?”

“Não”, disse Ricky com um desprezo incomum. “Pelo amor de Deus, não vamos parar. Por nós, continuaremos a nos encontrar. Don será convidado.”

Então, aqui estou eu. Cada um dos três homens, os amigos do meu tio, parece admirável de um jeito particular; mas estão ficando loucos? Não tenho nem como saber ao certo se me contaram tudo. Eles estão com medo, e dois deles *morreram;* e eu escrevi neste diário que Milburn parece o tipo de cidade em que o dr. Rabbitfoot trabalharia. Se eu começo a imaginar que um dos meus livros está acontecendo ao meu redor, sinto a realidade escapando de mim.

O problema é que quase consigo começar a imaginar isso. Os dois suicídios — o de David e o do dr. Jaffrey —, esse é o problema, essa simples coincidência. (E a Sociedade Chowder não dá sinais de perceber que essa coincidência é o motivo principal para eu estar interessado no problema deles.) Em que coisa *estou* envolvido aqui? Em uma história de fantasmas? Ou em coisa pior, algo que não se se limita a uma história? Os três velhos têm somente um conhecimento superficial dos eventos de dois anos atrás — e não é possível que saibam que me pediram para entrar na parte mais estranha da minha vida novamente, para voltar no calendário e reencontrar os piores dias, os mais destrutivos; ou para me enredar novamente nas páginas de um livro que foi minha tentativa de me reconciliar com eles. Mas pode haver alguma ligação, mesmo que seja apenas a de uma história de fantasmas conduzindo a outra, como era com a Sociedade Chowder? E pode realmente haver ligação *factual* entre *O vigilante da noite e o* que aconteceu com meu irmão?

---

[2] “Você perdeu o que te fazia sentir calor, eu também / então (ruído de feedback) vamos achar / um outro jardim para semear os nossos sonhos?” [NT]

[3] “Rota de fuga errada, baby… rota de fuga errada” [NT]

II.
Alma

Tudo o que tem beleza tem corpo e é um corpo;
tudo o que existe o faz em carne e osso:
e os sonhos são retirados dos corpos que são.
— “Bodiless God”, D. H. Lawrence —

DOS DIÁRIOS DE DON WANDERLEY

1

Só há um jeito de responder àquela pergunta. Devo passar algum tempo, uma semana ou duas, escrevendo com alguns detalhes os fatos tais como me recordo a respeito de mim mesmo, de David e de Alma Mobley. Quando os transformei em ficção no livro, inevitavelmente lhes dei um certo caráter sensacionalista e, ao fazer isso, falsifiquei minhas próprias lembranças. Se estivesse satisfeito, jamais teria considerado escrever o livro do dr. Rabbitfoot — ele não passa de Alma caracterizada como um negro. Alma com chifres, cauda e trilha sonora. Assim como “Rachel Varney”, de *O vigilante da noite*, não passava de Alma usando roupas sofisticadas. Alma era bem mais estranha do que “Rachel”. O que desejo fazer agora não é inventar situações fictícias e peculiaridades fictícias, mas observar as peculiaridades que existiam. Em *O vigilante da noite*, tudo foi resolvido, tudo se acertou no final; na vida, nada se acertou e nada se resolveu.

• • •

Não conheci Alma como “Saul Malkin” conheceu “Rachel Varney”, em um salão de jantar de Paris, e sim em um ambiente totalmente banal. Foi em Berkeley, onde boas críticas ao meu primeiro livro me valeram um trabalho como professor por um ano. Era um grande feito para um escritor iniciante, e levei a função bem a sério. Ministrei um módulo de escrita criativa e dois num curso de graduação em literatura americana. Foi o segundo que me fez trabalhar mais. Era obrigado a ler tanta coisa que não conhecia bem e corrigir tantos

trabalhos de escrita temática que tinha pouco tempo para escrever. E, tendo lido pouquíssimo Howells ou Cooper, nunca chegara a estudar a crítica sobre eles que a estrutura do curso exigia que eu conhecesse. Eu me vi caindo em uma rotina de ministrar aulas, levar os trabalhos de escrita criativa para ler em casa, de jantar em um bar ou café, e depois passar a noite na biblioteca revirando bibliografias e caçando exemplares do *PMLA*. Às vezes, conseguia trabalhar em uma história minha quando voltava para o apartamento; com mais frequência, meus olhos estavam ardendo e meu estômago estava revirado por causa do café do departamento de inglês, e meus instintos para a prosa foram mortos por um *waffle* acadêmico. De tempos em tempos, eu saía com uma garota do departamento, uma professora com doutorado na Universidade de Wisconsin. O nome dela era Helen Kayos, e nossas mesas, além de doze outras, ficavam lado a lado em um escritório comunitário. Ela havia lido meu primeiro livro, mas não ficou impressionada.

Era severa com a literatura, tinha medo de dar aula e era descuidada com a aparência, desiludida com os homens.

Seus interesses eram os escoceses contemporâneos de Chaucer e análise linguística; aos 23 anos, de certa forma já tinha a natureza nada prática de uma velha acadêmica solteirona. “Meu pai mudou o nome de Kayinski, mas eu sou obstinadamente polaca”, ela dizia, mas era um caso clássico de autoilusão; ela era obstinada em relação aos escoceses chaucerianos e mais nada. Helen era uma garota corpulenta com óculos grandes e cabelo solto que sempre parecia estar entre um corte e outro; era um cabelo sem intenções realizadas. Tempos antes, ela decidira que era sua inteligência aquilo que tinha a oferecer à universidade, ao planeta e aos homens. Era a única coisa nela mesma em que confiava. Eu a convidei para almoçar na terceira vez que a vi no escritório. Ela estava revisando um artigo e quase pulou da cadeira. Acho que fui o primeiro homem em Berkeley a convidá-la para almoçar.

Alguns dias depois, eu a encontrei no escritório, após minha última aula. Ela estava sentada à mesa olhando para a máquina de escrever. Nosso almoço foi constrangedor; ela disse, ao comparar os artigos que estava tentando escrever com o meu trabalho: “Mas eu estou tentando descrever a realidade!”.

“Vou embora”, falei. “Por que você não vem comigo? Vamos tomar uma bebida em algum lugar.”

“Não posso. Odeio bares e tenho que trabalhar nisso”, disse ela. “Ah, olha. Você poderia me acompanhar até a minha casa. Pode ser? Fica lá na colina. Está bom pra você?”

“É onde eu moro também.”

“Estou mesmo cansada disso. O que você está lendo?” Eu mostrei um livro. “Ah. Nathaniel Hawthorne. Seu curso de pesquisa.”

“Harvey Lieberman me disse que, em três semanas, vou dar a aula principal sobre Hawthorne. Não leio *A casa das sete torres* desde o ensino médio.”

“Lieberman é um preguiçoso de uma figa.”

Eu estava inclinado a concordar; até o momento, três dos outros assistentes dele também tinham dado aulas em seu lugar. “Vai ficar tudo bem”, falei, “desde que eu consiga pensar em uma maneira de amarrar tudo e conseguir fazer todas as leituras.”

“Pelo menos você não tem que se preocupar com efetivação”, disse ela, indicando a máquina de escrever.

“Não. Apenas com comida.” Esse foi o tom do nosso almoço.

“Desculpe.” Ela baixou a cabeça, já sofrendo, e toquei em seu ombro, dizendo-lhe para não se levar tão a sério.

Quando estávamos descendo a escada juntos, Helen carregando uma pasta desgastada e enorme, lotada de livros e trabalhos, e eu levando comigo apenas *A casa das sete torres*, uma garota alta e sardenta passou entre nós. A primeira impressão que tive de Alma Mobley foi de uma palidez generalizada, uma indistinguibilidade emocional sugerida pelo rosto comprido e sem expressão e pelo cabelo cor de palha e sem vida. Os olhos redondos eram de um azul bem clarinho. Senti uma mistura estranha de atração e repulsa; na luz fraca da escada, ela transmitia a impressão de ser uma garota atraente que passou a vida em uma caverna — parecia ter o mesmo tom branco e fantasmagórico por todo o corpo. “Sr. Wanderley?”, perguntou ela.

Quando eu assenti, ela murmurou seu nome, mas eu não ouvi.

“Sou estudante de pós-graduação em inglês”, disse ela. “Eu gostaria de saber se você se importaria se eu fosse à sua aula sobre Hawthorne. Vi seu nome no horário do professor Lieberman, na sala do departamento.”

“Não, por favor, vá”, falei. “Mas é uma aula só. É provável que seja perda de tempo para você.”

“Obrigada”, disse ela e continuou abruptamente a subir a escada.

“Como ela sabia quem eu sou?”, sussurrei para Helen, escondendo meu deleite pelo que achava que era minha notoriedade até então invisível. Helen bateu no livro na minha mão.

Ela morava a três quarteirões do meu apartamento; o dela era uma coleção aleatória de quartos no andar de cima de uma casa antiga, dividido com duas garotas. Os quartos pareciam arbitrariamente posicionados, assim como as coisas neles — o apartamento tinha a aparência de um lugar cuja disposição de estantes, cadeiras e mesas nunca fora pensada; onde o entregador deixou, as

coisas ficaram. Aqui, um abajur tinha sido colocado ao lado de uma cadeira, ali havia uma mesa cheia de livros enfiada embaixo de uma janela, mas todo o resto era tão bagunçado que era preciso contornar a mobília para chegar ao corredor.

As colegas de apartamento também pareciam aleatórias. Helen as descreveu para mim durante a caminhada colina acima. Uma delas, Meredith Polk, também era de Wisconsin, uma nova professora do departamento de botânica. Conheceu Helen quando as duas estavam procurando lugar para morar, descobriram que fizeram mestrado na mesma instituição e decidiram morar juntas. A terceira garota era uma pós-graduanda em teatro chamada Hilary Lehardie. Helen disse: "Hilary nunca sai do quarto, deve ficar ali o dia todo, acho, e ouve rock durante boa parte da noite. Eu uso protetores de ouvido. Mas Meredith é melhor. É muito intensa e meio estranha, mas acho que somos amigas. Ela tenta me proteger".

"Proteger de quê?"

"Da maldade."

As duas colegas estavam lá quando cheguei ao apartamento de Helen. Assim que entrei atrás dela, uma garota de cabelo preto, acima do peso e de calça jeans e suéter saiu pela porta da cozinha e me olhou de cara feia através de óculos grossos. Meredith Polk. Helen me apresentou como um escritor do departamento de inglês, e Meredith disse um "E aí?" e voltou para a cozinha. De um quarto lateral, vinha uma música alta.

A garota de cabelo preto e óculos se mandou da cozinha novamente assim que Helen entrou para pegar uma bebida para mim. Desviou da mobília até uma cadeira dobrável perto de uma parede junto à qual havia o que pareciam ser cem cactos e plantas em vasos. Enfiou um cigarro na boca e olhou para mim com desconfiança evidente.

"Você não é acadêmico? Não tem contrato fixo?" Isso porque era uma professora no primeiro ano de trabalho, a anos da efetivação.

Eu respondi: "Tenho contrato de um ano. Sou escritor".

"Ah", disse ela. Ficou me olhando por mais um momento. E depois: "Então foi você que a levou para almoçar".

"Sim."

"Ah."

A música explodiu através da parede. "Hilary", falou ela, apontando na direção da música. "Nossa colega de apartamento."

"Isso não incomoda você?"

"Na maior parte do tempo eu nem escuto. Questão de concentração. E é bom para as plantas."

Helen voltou com um copo cheio de uísque, com um cubo de gelo flutuando no alto como um peixe dourado morto. Trazia uma xícara de chá para si.

“Licença”, disse Meredith, saindo em direção ao quarto.

“Ah, faz bem ver um homem neste lugar horrível”, comentou Helen. Por um momento, toda a preocupação e a vergonha sumiram do rosto dela, e pude ver a verdadeira inteligência sob a sabedoria acadêmica. Ela parecia vulnerável, mas menos do que eu tinha pensado.

Fomos para a cama juntos uma semana depois, no meu apartamento. Ela não era virgem e afirmou de forma veemente não estar apaixonada. Na verdade, tomou a decisão de transar a precisão lúcida com que se dedicava aos escoceses chaucerianos, e foi assim também que se comportou na cama. “Você nunca vai se apaixonar por mim”, disse ela, “e eu nem espero isso. Não tem problema.”

Ela passou duas noites no meu apartamento daquela vez. Fomos para a biblioteca juntos à noite, desaparecendo em nossos cubículos separados como se não houvesse emoção nenhuma entre nós. O único sinal que tive de que a situação não era bem essa veio numa noite uma semana depois, quando encontrei Meredith Polk em frente à minha porta quando cheguei em casa. Ela ainda estava usando aquela calça jeans e o suéter.

“Seu merda”, sibilou para mim, e eu abri a porta rapidamente, levando-a para dentro.

“Seu desgraçado sem coração”, continuou ela. “Você vai destruir as chances de efetivação dela. E ela está com o coração partido. Você a trata como se fosse uma prostituta. Ela é boa demais para você. Nem os seus valores são os mesmos. Helen é dedicada à carreira acadêmica, é a coisa mais importante da vida dela. Eu entendo isso, mas acho que você não. Acho que você não é comprometido com nada além da sua vida sexual.”

“Uma coisa de cada vez”, falei. “Como eu posso estar estragando as chances de efetivação dela? Vamos falar disso primeiro.”

“É o primeiro semestre dela aqui. Eles ficam de olho em nós, sabia? O que você acha que vão falar se uma professora novata pular na cama do primeiro cara que aparece?”

“Estamos em Berkeley. Acho que ninguém repara e nem se importa.”

“Seu porco. Você não repara e nem se importa, você não repara em nada nem se importa com nada, essa é a verdade. Você a ama?”

“Saia”, eu disse. Eu estava perdendo a calma. Ela parecia um sapo zangado, coaxando para mim, marcando território.

A própria Helen chegou três horas depois, parecendo pálida e magoada. Não quis discutir as acusações absurdas de Meredith Polk, mas disse que conversou com ela na noite anterior. “Meredith é muito protetora”, justificou. “Deve ter procurado você. Me desculpe, Don.” E começou a chorar. “Não, não faça carinho nas minhas costas assim. Não. É idiotice. É que não consegui trabalhar

nas últimas noites, só isso. Acho que fico infeliz sempre que não estou com você.” Ela olhou para mim, abalada. “Eu não devia ter dito isso. Mas você não me ama, né? Você não conseguiria, né?”

“Não existe resposta para isso. Vamos pegar uma xícara de chá para você.”

Ela estava deitada na cama do meu pequeno apartamento, encolhida em posição fetal. “Estou me sentindo tão culpada.”

Eu voltei com o chá dela. “Eu queria que pudéssemos fazer uma viagem juntos”, falou ela. “Queria que pudéssemos ir à Escócia juntos. Passei tantos anos lendo sobre a Escócia e nunca fui para lá.” Os olhos dela transbordavam atrás dos óculos grandes. “Ah, estou péssima. Eu sabia que não deveria ter vindo para cá. Eu estava feliz em Madison. Não deveria ter vindo para a Califórnia.”

“Aqui é seu lugar mais do que o meu.”

“Não”, disse ela, rolando para o lado a fim de esconder o rosto. “Você pode ir para qualquer lugar e conseguir se encaixar. Eu nunca fui nada além de uma burra de carga da classe trabalhadora.”

“Qual foi o último livro realmente bom que você leu?”, perguntei.

Ela rolou de novo para olhar para mim, com a curiosidade derrotando a infelicidade e o constrangimento no rosto. Estreitando os olhos, pensou por um momento. “*A Retórica da Ironia*, de Wayne Booth. Acabei de reler.”

“Seu lugar é em Berkeley”, falei.

“Meu lugar é em um zoológico.”

Era um pedido de desculpas por tudo, por Meredith Polk e pelos sentimentos dela, mas eu sabia que, se fôssemos em frente, eu só a magoaria mais. Helen estava certa: era impossível que eu viesse a amá-la.

Mais tarde, passei a achar que minha vida em Berkeley assumira um padrão que o resto da minha vida iria adquirir. Exceto pelo meu trabalho, tudo era essencialmente vazio. Mas não era melhor continuar saindo com Helen do que magoá-la insistindo em dar um tempo? No mundo de trabalho que eu via como o meu, conveniência era sinônimo de gentileza. Quando nos separamos, entre nós havia o acordo de que não nos encontraríamos por um ou dois dias, mas que tudo voltaria a ser como antes.

Na semana seguinte, porém, o período convencional da minha vida chegou ao fim; depois disso, vi Helen Kayon apenas duas vezes.

2

Eu tinha descoberto o gancho para a aula sobre Hawthorne; estava em um ensaio de R. P. Blackmur: “Quando todas as possibilidades são eliminadas, *então* nós pecamos”. A ideia parecia se irradiar pelo trabalho de Hawthorne, e consegui conectar livros e contos por esse cristianismo com viés para a escuridão, através do impulso que há neles pelo pesadelo — pelo que era quase o desejo por um pesadelo. Pois imaginar um pesadelo é afastá-lo. E encontrei uma declaração de Hawthorne que me ajudou a explicar seu método: “Às vezes produzo um efeito singular e não desagradável, no que diz respeito à minha própria mente, imaginando uma série de incidentes em que o mecanismo espiritual da lenda mágica deve ser combinado com personagens e maneirismos da vida diária”. Quando reuni as ideias que estruturariam a aula, os detalhes foram passados para as páginas do meu caderno.

Esse trabalho e meus alunos de escrita me mantiveram totalmente ocupado nos cinco dias antes da aula. Helen e eu nos encontramos rapidamente, e prometi que passaríamos um fim de semana fora quando meu trabalho mais imediato tivesse acabado. Meu irmão, David, era dono de um “chalé” em Still Valley, perto de Mendocino, e disse que eu poderia usá-lo sempre que quisesse passar um tempo fora de Berkeley. Era o típico exemplo de consideração de David, mas uma espécie de perversidade me impedia de usar a casa. Eu não queria ter motivos para ser grato a David. Depois da aula, eu levaria Helen a Still Valley e mataria dois escrúpulos com uma cajadada só.

Na manhã da aula, reli o capítulo de D. H. Lawrence sobre Hawthorne e encontrei as seguintes frases:

> E a primeira coisa que ela faz é seduzi-lo.
> E a primeira coisa que ele faz é ser seduzido.
> E a segunda coisa que eles fazem é abraçar seu pecado em segredo, se gabar dele e tentar entender.
> E esse é o mito da Nova Inglaterra.

Era *isso* o que eu estava procurando o tempo todo. Coloquei a xícara de café na mesa e comecei a reestruturar meus comentários. A percepção de Lawrence incrementava a minha, eu conseguia ver todos os livros de um jeito novo. Descartei parágrafos e escrevi novos entre as linhas riscadas… Esqueci-me de ligar para Helen, como havia prometido.

No fim, usei bem pouco as minhas anotações. Em um momento, procurando por uma metáfora, eu me apoiei no púlpito e vi Helen e Meredith Polk sentadas juntas em uma das últimas fileiras, na extremidade do anfiteatro. Meredith Polk estava de testa franzida, tão desconfiada quanto um policial de Berkeley. Quando

cientistas ouvem os tipos de coisas que acontecem em salas de aula de literatura, costumam fazer essa cara. Helen só parecia interessada, e fiquei agradecido por ela ter ido.

Quando acabou, o professor Lieberman se levantou da cadeira para me dizer que gostou muito dos meus comentários e perguntar se eu gostaria de dar a aula dele sobre Stephen Crane em dois meses. Ele precisaria ir a uma conferência em Iowa naquela semana e, como fiz um trabalho tão "exemplar", principalmente considerando que não era acadêmico… em resumo, ele talvez achasse possível estender meu contrato por um segundo ano.

Fiquei perplexo tanto pelo suborno como pela arrogância dele. Lieberman, ainda jovem, era um homem famoso, não tanto um acadêmico no sentido de Helen, mas um "crítico", um generalizador, um sub-Edmund Wilson; eu não respeitava seus livros, porém esperava mais dele. Os alunos estavam se encaminhando para as portas de saída, uma multidão de camisetas e jeans. De repente, vi um rosto se erguendo com expectativa na minha direção, um corpo magro que não vestia jeans, mas um vestido branco. Lieberman de repente se tornou uma interferência, um obstáculo, e eu aceitei dar a aula sobre Crane para me livrar dele. "*Muito* bom, Donald", ele falou e desapareceu. Foi rápido assim: num momento, o jovem professor empolado estava na minha frente e no seguinte eu estava olhando para o rosto da garota de vestido branco. Era a aluna de pós-graduação que me abordou na escada com Helen.

Ela estava completamente diferente: mais saudável, com um suave e dourado bronzeado no rosto e nos braços. O cabelo louro e liso brilhava. Os olhos claros também; neles, vi um caleidoscópio de luzes e cores fragmentadas. A boca era ladeada por duas linhas suaves de ironia. Ela estava exuberante, uma das garotas mais lindas que já tinha visto — o que não era pouco, considerando que Berkeley estava tão cheia de mulheres bonitas que era possível ver uma diferente cada vez que se levantava o rosto. Mas a garota à minha frente não exibia nada da deselegância e da vulgaridade confiante e provocadora das beldades habituais dos cursos de graduação: tinha apenas a aparência *certa*, perfeitamente à vontade consigo mesma. Helen Kayon não tinha a menor chance.

"Isso foi bom", disse ela, e as leves linhas ao lado da boca tremeram como se fosse uma piada interna. "Estou feliz por ter vindo, no fim das contas." Pela primeira vez, ouvi seu sotaque sulista: um arrastar de letras, um cantarolar.

"Eu também", eu disse. "Obrigado pelo elogio."

"Quer apreciá-lo a sós?"

"Isso é um convite?" Mas percebi que estava sendo rápido demais, sentindo-me lisonjeado demais e sendo unidimensional.

“Um o quê? Não, não foi essa a minha intenção.” Sua boca se moveu: *que ideia*.

Eu olhei para o alto do anfiteatro. Helen e Meredith Polk já estavam no corredor, indo para a porta. Helen deve ter começado a se mexer assim que me viu olhar para a loura. Se me conhecia tão bem quanto dizia, ela sabia no que eu estava pensando. Helen saiu pela porta sem olhar para trás, mas Meredith Polk tentou me assassinar com os olhos.

“Você está esperando alguém?”, perguntou a garota.

“Não, não é nada de importante”, eu disse. “Quer almoçar comigo? Não comi nada e estou morrendo de fome.”

Eu sabia que estava me comportando com egoísmo impressionante; mas também estava ciente de que a garota na minha frente já era mais importante para mim do que Helen Kayon, e ao deixar Helen ir embora — ao agir como o desgraçado que Meredith Polk dizia que eu era — eu estava eliminando semanas, talvez meses, de cenas dolorosas. Não menti para Helen; ela sempre soube que nosso relacionamento era frágil.

A garota andando ao meu lado pelo campus vivia em perfeita harmonia com a sua feminilidade; mesmo naquele momento, pouco depois de eu tê-la visto em boa luz, ela parecia sem idade, atemporal até, linda de um jeito quase solene e mítico. A separação de Helen de si mesma a impedia de ser graciosa, e ela era nitidamente uma pessoa de meu próprio período histórico; já minha primeira impressão de Alma Mobley foi que ela poderia se mover com graça natural por uma *piazza* italiana no século XVI; ou, nos anos 1920 (mais precisamente), poderia ter ganhado um olhar de apreciação de Scott Fitzgerald, passando voando pelo Plaza Hotel com suas pernas arrasadoras. Dito assim, parece absurdo. Obviamente, eu tinha reparado nas pernas dela, tinha uma certa noção de seu corpo; mas imagens de *piazzas* italianas e Fitzgerald no Plaza são metáforas mais do que improváveis para a carnalidade. Era como se todas as células dela fossem dotadas de desembaraço; nada poderia ser menos típico de uma estudante de pós-graduação em inglês de Berkeley. A graciosidade era tão profunda nela que parecia, mesmo na época, marcar uma intensa passividade.

Claro que estou condensando seis meses de impressões em um único momento, mas minha justificativa é que as sementes de tudo isso estavam presentes quando saímos do campus para ir a um restaurante. O fato de ela me acompanhar com tanta boa-vontade, com uma despreocupação tão grande que fazia ressoar julgamentos silenciosos, continha um toque de passividade — a passividade tática e irônica dos belos, daqueles cuja beleza os aprisionou como uma princesa em uma torre.

Eu a levei para um restaurante que ouvi Lieberman mencionar — era caro demais para a maioria dos alunos, e para mim. Mas a cerimônia de uma refeição luxuosa combinava com ela e com meu sentimento de celebração.

Soube imediatamente que era ela quem eu queria levar para a casa de David em Still Valley.

Seu nome, descobri, era Alma Mobley, e ela nasceu em New Orleans. Eu percebi, mais pelas suas maneiras do que por qualquer coisa explicitamente declarada, que seus pais eram ricos; o pai era pintor, e longos períodos de sua infância foram passados na Europa. Ao mencionar os pais, ela falava no passado, e eu soube que eles tinham morrido um tempo antes. Isso também combinava com seu jeito, com o ar de desligamento de tudo, exceto dela mesma.

Como Helen, estudou no Meio-Oeste. Frequentou a Universidade de Chicago — isso pareceu quase impossível, Alma em Chicago, aquela cidade fútil e difícil — e foi aceita no programa de doutorado em Berkeley. Pelo que disse, eu entendi que ela estava navegando sem rumo definido pela vida acadêmica, sem um comprometimento profundo como ode Helen. Era doutoranda porque tinha talento para a mecânica do trabalho literário e porque era inteligente; era melhor do que qualquer outra coisa que pudesse pensar em fazer. E estava na Califórnia porque não tinha gostado do clima de Chicago.

Mais uma vez, de forma esmagadora, senti uma irrelevância na forma com que ela encarava boa parte das peças que compunham o cenário de sua vida; de sua autossuficiência passiva. Eu não tinha dúvida de que era inteligente o bastante para terminar a tese (Virginia Woolf), e com sorte conseguir um emprego de professora em uma das pequenas faculdades da costa californiana. Mas, de repente e de forma chocante, enquanto ela levava uma colherada de abacate verde até a boca, tive outra visão. Eu a vi como uma puta, uma prostituta da Storyville de 1910, o cabelo preso de forma exótica, as pernas de dançarina encolhidas — seu corpo nu ficou bem nítido por um momento. Outra imagem de distanciamento profissional, eu achava, mas isso não explicava a força da visão. Fui sexualmente afetado por ela. Ela estava falando de livros — não como Helen, mas como uma leitora comum —, e eu olhei por cima da mesa e soube que desejava ser o homem que importava em sua vida, queria pegar aquela passividade e sacudi-la e fazer com que ela me visse de fato.

“Você não tem namorado?”, eu perguntei.

Ela fez que não com a cabeça.

“Então não está apaixonada?”

“Não”, e ela deu um sorriso rápido pela obviedade da pergunta. “Teve um cara em Chicago, mas acabou.”

Eu me agarrei ao substantivo. “Um dos seus professores.”

“Um dos meus professores assistentes.” Outro sorriso.

“Você se apaixonou por ele? Ele era casado?”

Ela olhou para mim com seriedade por um momento. “Não. Não foi o que você está pensando. Ele não era casado e eu não estava apaixonada.”

Mesmo naquele momento percebi que ela teria facilidade em mentir. Isso não me causou repulsa; era prova de como a vida lhe fora gentil, e era uma parte de tudo o que eu já queria mudar nela. “Ele estava apaixonado por você”, falei. “Foi por isso que você quis sair de Chicago?”

“Não, já estava tudo terminado quando fui embora. Alan não teve nada a ver com isso. Ele fez papel de bobo. Só isso.”

“Alan?”

“Alan McKechnie. Ele era um doce.”

“Um doce bobo.”

“Você está mesmo tão interessado nisso?” perguntou ela, com o truque característico de acrescentar uma ironia suave e quase invisível que negava importância à questão.

“Não. Só estou um pouco curioso.”

“Bom.” Os olhos dela, cheios daquela luz estilhaçada, se encontraram com os meus. “A história não é lá grandes coisas. Ele ficou… obcecado. Eu participava de um grupo de estudos com ele. Éramos quatro. Três rapazes e eu. O grupo se reunia duas vezes por semana. Deu para perceber que ele estava ficando interessado em mim, mas era uma pessoa muito tímida. Era inexperiente com mulheres.” Mais uma vez, aquele desvio suave e lento na voz e nos olhos dela. “Ele me levou para sair algumas vezes. Não queria que fôssemos vistos, então tínhamos que ir a lugares fora de Hyde Park.”

“Para onde vocês iam?”

“Para bares de hotel. Lugares assim. No entorno do Loop. Acho que foi a primeira vez que ele fez uma coisa assim com uma aluna, e isso o deixou apreensivo. Acho que não devia ter muita diversão na vida. Eu acabei sendo demais para ele. Percebi que não o queria do jeito como ele me queria. Sei o que você vai perguntar agora, então vou responder. Sim, nós dormimos juntos. Por um tempo. Não foi muito bom. Alan não era muito… físico. Comecei a achar que sua verdadeira vontade era ir para a cama com um garoto, mas claro que ele era muito… sei lá… para fazer isso. Não conseguia.”

“Quanto tempo durou?”

“Um ano.” Ela terminou de comer e colocou o guardanapo ao lado do prato. “Não sei por que estamos conversando sobre isso.”

“Do que você realmente gosta?”

Ela fingiu pensar a sério a respeito. “Vamos ver. Do que realmente gosto. Do verão. De cinema. De livros ingleses. De acordar às seis e ver o amanhecer pela janela, tudo tão vazio e puro. De chá de limão. O que mais? Paris. E Nice. Eu gosto muito de Nice. Quando eu era garotinha, fui para lá por quatro ou cinco verões seguidos. E gosto de boas refeições, como esta.”

“Não parece que a vida acadêmica é para você”, comentei. Era como se ela tivesse me contado tudo e ao mesmo tempo nada.

“Não parece mesmo, né?” Ela riu, como se estivesse zombando de uma coisa sem importância. “Imagino que eu precise de um Grande Amor.”

E ali estava ela de novo, a princesa trancada na torre do amor-próprio.

“Vamos ver um filme amanhã”, propus, e ela concordou.

No dia seguinte, eu convenci Rex Leslie, cujo escritório ficava no mesmo corredor que o meu, a trocar de mesa comigo.

• • •

O cinema de arte estava exibindo *A grande ilusão*, de Renoir, que Alma nunca tinha visto. Depois fomos a um café, um lugar cheio de estudantes, e trechos de conversas de mesas próximas chegavam à nossa. Por um momento depois que nos sentamos, senti uma pontada de medo cheio de culpa e reconheci um segundo depois que estava com receio de encontrar Helen Kayon. Mas não era o tipo de lugar que ela frequentaria; e, de qualquer modo, naquele horário Helen costumava estar na biblioteca. Senti por um momento uma intensa gratidão por não estar lá estudando uma disciplina que não era a minha, mas apenas em uma condição de emprego.

“Que filme bonito”, falou ela. “Ainda sinto como se estivesse nele.”

“Você sente filmes muito profundamente, então.”

“Claro.” Ela me olhou, intrigada.

“E literatura?”

“Claro.” Ela me encarou de novo. “Bom. Não sei. Eu gosto.”

Um garoto barbado vestindo camisa de lenhador perto de nós disse em voz alta: “Wenner é ingênuo e a revista dele também. Vou voltar a comprar quando eu vir uma foto de Jerry Brown na capa.”

O amigo disse: “Wenner é Jerry Brown”.

“Berkeley”, falei.

“Quem é Wenner?”

“Estou surpreso de você não saber. Jann Wenner?”

“Quem é?”

“Foi o aluno de Berkeley que fundou a *Rolling Stone.*”

“É aquela revista?”

“Você é cheia de surpresas”, eu disse. “Quer dizer que nunca ouviu falar?”

“Não estou interessada na maioria das revistas. Nunca olho. Que tipo de revista é? O nome é em homenagem àquela banda?”

Eu assenti. Pelo menos ela tinha ouvido falar. “De que tipo de música você gosta?”

“Não me interesso muito por música.”

“Vamos tentar outros nomes. Você sabe quem é Tom Seaveris?”

“Não.”

“Já ouviu falar de Willie Mays?”

“Ele não era atleta? Eu também não me interesso muito por esportes.”

“Dá para ver.” Ela riu. “Você está ficando mais intrigante. E Barbra Streisand?”

Ela fez um beicinho encantador, uma paródia de si mesma. “Claro.”

“John Ford?” Não. “Arthur Fonzarelli?” Não. “Grace Bumbry?” Não. “Desi Arnaz?” Não. “Johnny Carson?” Não. “Andre Previn?” Não. “John Dean?” Não.

“Não me pergunte mais, ou vou começar a dizer sim para tudo”, avisou ela.

“O que você *faz*?”, eu perguntei. “Tem certeza de que mora neste país?”

“Me deixe testar você. Você já ouviu falar de Anthony Powell ou Jean Rhys ou Ivy Compton-Burnett ou Elizabeth Jane Howard ou Paul Scott ou Margaret Drabble ou…”

“São escritores ingleses, e eu ouvi falar de todos”, respondi. “Mas entendi o que você quer dizer. Você não está interessada nas coisas em que não está interessada.”

“Exatamente.”

“Você nem lê os jornais”, eu disse.

“Não. E nunca assisto televisão.” Ela sorriu. “Você acha que eu deveria ser colocada em um paredão e fuzilada?”

“Só estou interessado em quem são seus amigos.”

“Está? Bom, você é meu amigo, não é?” Nesse comentário, assim como durante toda a nossa conversa, havia aquela sombra de ironia desinteressada. Eu me perguntei por um momento se ela era mesmo totalmente humana; a ignorância quase total em relação à cultura popular demonstrava, mais do que qualquer afirmação, a pouca importância que dava ao que as pessoas achavam dela. O que vi como integridade era mais completo do que eu poderia imaginar. Talvez um sexto dos estudantes de pós-graduação da Califórnia nunca tinha ouvido falar de um atleta como Seaver; mas quem nos Estados Unidos poderia não ter escutado o nome de Fonz?

“Mas você tem outros amigos. Acabou de me conhecer.”

“Tenho, sim.”

“No departamento de inglês?” Não era impossível; pelo que eu sabia dos meus colegas temporários, podia haver um grupo amplo de fãs de Virginia Woolf que nunca lia jornais. Mas neles essa distância do mundo ao redor seria afetação; em Alma, o inverso teria sido verdadeiro.

“Não. Eu não conheço muita gente lá. Conheço algumas pessoas interessadas em ocultismo.”

“Ocultismo?” Eu não conseguia imaginar o que ela queria dizer. “Sessões espíritas? Tabuleiros Ouija? Madame Blavatsky? Adivinhação?”

“Não. Eles são mais sérios do que isso. Pertencem a uma ordem.”

Fiquei perplexo; tinha caído em um abismo. Visualizei satanismo, convenções de bruxas; a loucura da Califórnia levada ao extremo.

Ela leu meu rosto e disse: “Eu não participo. Só conheço as pessoas”.

“Qual é o nome da ordem?”

“X.X.X.”

“Mas…” Eu me inclinei para a frente, mal acreditando que tinha ouvido corretamente. “Não pode ser X.X.X.? Xala…”

“Xala Xalior Xlati.”

Senti descrença, choque; senti um medo motivado pela surpresa ao olhar para aquele belo rosto. O X.X.X. era mais do que um grupo de malucos da Califórnia que usavam túnicas; eram assustadores. Eram famosos por serem cruéis, selvagens até; tinham alguma ligação com a família Manson, e esse foi o único motivo que me levou a ler sobre eles. Depois do caso Manson, supostamente tinham ido para outro lugar — eu achava que para o México. Ainda estavam na Califórnia? Pelo que li, Alma estaria mais segura se conhecesse assassinos profissionais da máfia: no caso dos mafiosos, você esperaria encontrar os motivos, racionais ou não, pertencentes à nossa fase do capitalismo. O X.X.X. era matéria-prima para pesadelos.

“E essas pessoas são suas amigas?”, eu quis saber.

“Foi você quem perguntou.”

Eu balancei a cabeça, ainda atônito.

“Não se preocupe com isso. Nem com eles. Você nunca vai vê-los.”

Isso me deu uma visão totalmente diferente da vida dela; sentada na minha frente, sorrindo ligeiramente, ela se tornou sinistra por um momento. Era como se eu tivesse saído de um caminho iluminado na selva; e pensei em Helen Kayon trabalhando nos escoceses chaucerianos na biblioteca.

“Nem eu os vejo tanto”, comentou ela.

“Mas você foi às reuniões deles? Frequentou suas casas?”

Ela assentiu. “Já falei. Eles são meus amigos. Mas não se preocupe com isso.”

Poderia ser mentira, mais uma, pois eu achava que ela nem sempre era sincera comigo. Mas seu jeito tomado como um todo, até a preocupação com meus sentimentos, demonstrava que estava sendo verdadeira. Ela levou a xícara de café aos lábios, sorrindo para mim com um traço de preocupação, e então a vi parada na frente de uma fogueira, segurando uma coisa sangrenta nas mãos…

"Mas você *está* se preocupando com isso. Eu não sou membro. Conheço pessoas que participam. Você me perguntou. E eu achei que deveria saber."

"Você foi a reuniões? O que acontece?"

"Não posso dizer. É só uma parte da minha vida. Uma pequena parte. Não vai chegar até você."

"Vamos sair daqui", eu disse.

Estaria eu já pensando na época em que ela me daria material para um livro? Acho que não. Minha impressão era que seu contato com o grupo deveria ser bem menor do que ela havia sugerido; tive apenas um vislumbre, bem depois, de que poderia não ser. Ela estava romanceando, exagerando, eu disse para mim mesmo. O X.X.X. e Virginia Woolf? E *A grande ilusão?* Era muito improvável.

• • •

De uma maneira doce, quase provocativa, ela me convidou para ir ao seu apartamento. Era uma caminhada curta do café até lá. Quando saímos da rua movimentada e entramos na área mais escura de casas altas, ela começou a jogar conversa fora a respeito de Chicago e de sua vida por lá. Pela primeira vez não precisei questioná-la para obter informações sobre o passado. Senti ter detectado uma espécie de alívio em sua voz: seria porque ela "confessou" que conhecia o X.X.X.? Ou porque eu não fiz perguntas sobre isso? A segunda opção, pensei. Era uma noite típica de fim de verão em Berkeley, e de alguma forma o tempo estava quente e frio ao mesmo tempo — frio o bastante para um casaco, mas com um de calor oculto na textura do ar. Apesar da surpresa desagradável, a jovem ao meu lado — com sua graça inconsciente, com a inteligência igualmente natural embutida em sua fala, com sua beleza um tanto sublime — me encheu de vida, me deixou mais feliz por minha existência do que eu vinha me sentindo havia meses. Estar com ela era como sair da hibernação.

Chegamos ao prédio. "É no térreo", avisou ela, subindo os degraus até uma porta. Pelo prazer de olhar para ela, fiquei para trás. Um pardal pousou no corrimão e inclinou a cabeça; senti cheiro de folhas queimando; ela se virou, e seu rosto estava coberto pela sombra da luz fraca da varanda. Em algum lugar do bairro, um cachorro latiu. Milagrosamente, eu ainda conseguia ver os olhos dela, brilhando como os de um gato. "Você é tão circunspecto quanto seu livro ou vai entrar comigo?"

Registrei simultaneamente o fato de que ela lera meu livro e a crítica a seu respeito, então subi os degraus até a porta.

Eu não tinha imaginado como seria o apartamento, mas deveria saber que não seria nem um pouco parecido com a bagunça de Helen. Alma morava sozinha — mas disso eu já desconfiava. Tudo na sala grande para onde ela me levou era unificado por um único gosto, um único ponto de vista. Era, embora não de forma escancarada, uma das salas particulares mais luxuosas que eu já tinha visto. Um tapete Bokhara comprido e grosso cobria o chão; a tela da lareira era pintada e ladeada de mesas que pareciam, ao meu olhar destreinado, ser Chippendale. Uma mesa grande estava colocada na frente da janela saliente. Cadeiras listradas estilo regencial; almofadas grandes; um abajur Tiffany em cima da mesa. Eu me dei conta de que estava certo de achar que os pais dela tinham dinheiro. Então perguntei: "Você não é uma típica aluna de doutorado, é?".

"Decidi que era mais sensato viver com essas coisas do que guardar em um depósito. Mais café?"

Eu assenti. Tantas coisas nela agora faziam sentido, se encaixavam em um padrão que eu não conseguira visualizar antes. Se Alma parecia remota, era por ser genuinamente diferente; foi criada de uma maneira à qual noventa por cento dos Estados Unidos não tem acesso e muitas vezes sequer acredita que existe — os modos dos boêmios excepcionalmente ricos. E, se em sua essência ela era passiva, era porque nunca teve que tomar uma decisão por si própria. Naquele momento, inventei uma infância de amas-de-leite e babás, estudos na Suíça; férias em iates. Eu achava que isso explicava seu ar de atemporalidade; era o motivo de eu tê-la imaginado passando pelo Plaza Hotel nos anos 1920 de Fitzgerald: esse tipo de riqueza parecia pertencer a outra era.

Quando ela voltou com o café, perguntei: "Você gostaria de fazer uma viagem comigo em uma ou duas semanas? Nós podíamos ficar numa casa em Still Valley".

Alma levantou as sobrancelhas e inclinou a cabeça. Pensei que havia uma qualidade andrógina na passividade dela; assim como há, talvez, uma qualidade andrógina em uma prostituta.

"Você é uma garota interessante", falei.

"Uma personagem do *Reader's Digest*."

"Não mesmo."

Ela se sentou, com os joelhos encolhidos, em uma almofada alta na minha frente; ela era intensamente sexual e etérea ao mesmo tempo, e descartei a noção de parecer um tanto andrógina. Parecia impossível eu ter acabado de pensar

naquilo. Eu sabia que precisava dormir com ela; sabia que dormiria, e a certeza me fez agir de forma ainda mais imperativa.

Jus' put yo money on the table, boy…[4]

De manhã, minha paixão era total. O movimento de ir para a cama aconteceu da maneira mais simples possível; depois que passamos uma hora ou duas falando, ela disse: "Você não quer ir para casa, quer?".

"Não."

"Bom, então é melhor passar a noite aqui." O que veio em seguida não foi só uma dança convencional dos corpos, a corrida de três pernas do desejo; na verdade, ela era tão passiva na cama quanto em todo o resto. Mas teve um orgasmo sem esforço, primeiro durante o estágio do minueto e também depois, durante o período da ação em si; agarrou-se ao meu pescoço como uma criança enquanto os quadris se projetavam e as pernas agarravam minhas costas; mas, mesmo durante essa rendição, ela estava distante. "Ah, eu te amo", disse ela depois da segunda vez, agarrando meu cabelo, mas a pressão das mãos era tão leve quanto a voz. Ao desvendar um mistério nela, eu encontrei outro oculto. A paixão de Alma parecia vir da mesma parte de seu ser de onde eram provenientes seus modos à mesa. Eu tinha feito amor com mais de dez garotas que eram "melhores na cama" do que Alma Mobley, mas com nenhuma delas vivenciei aquela delicadeza de sentimento, o desembaraço de Alma com nuances e tonalidades de sentimento. Era como estar perpetuamente à beira de outro tipo de experiência; como estar diante de uma porta fechada.

Entendi pela primeira vez por que garotas se apaixonavam por Don Juans, por que se humilhavam indo atrás deles.

E sabia que ela havia me apresentado uma versão altamente seletiva de seu passado. Eu tinha certeza de que ela foi quase tão promíscua quanto qualquer mulher pode ser. Isso combinava com o X.X.X., com uma partida repentina de Chicago; a promiscuidade parecia o elemento não mencionado do modo de ser de Alma.

O que eu queria, claro, era suplantar todos os outros; abrir a porta e testemunhar todos os mistérios; ter sua graça e sutileza direcionadas totalmente para mim. Em uma fábula sufi, o elefante se apaixonava por um vaga-lume e imaginava que o inseto brilhava por nenhuma outra criatura além dele; e, quando voava longas distâncias para longe, o elefante sentia confiança de que, no centro da luz do vaga-lume, havia a imagem de um elefante.

3

Isso quer dizer simplesmente que o amor me quebrou as pernas. Minhas ideias de voltar a escrever outro livro desapareceram. Eu não conseguia inventar sentimentos estando tão tomado por eles; com o enigma de Alma diante de mim, o enigma bem diferente dos personagens fictícios parecia artificial. Eu chegaria lá, mas teria que fazer *essa outra coisa* primeiro.

Por pensar incessantemente em Alma Mobley, eu precisava vê-la sempre que podia. Durante dez dias, fiquei com ela quase todos os minutos em que não estava dando aula. Histórias não lidas de alunos se acumulavam no meu sofá, equiparando-se à pilha de trabalhos sobre *A Letra Escarlate* na minha mesa. Durante esse tempo, nossa ousadia sexual foi absurda. Fiz amor com Alma em salas de aula temporariamente vazias, no escritório destrancado que eu dividia com mais doze pessoas; uma vez, eu a segui até um banheiro feminino em Sproul Hall e a penetrei enquanto ela se equilibrava em uma pia. Um aluno da aula de escrita criativa, depois de eu ter sido muito retórico, perguntou: “Como você define o homem, então?”.

“Sexual e imperfeito”, respondi.

Como afirmei, passara com ela “quase” todos os momentos em que não estava em sala de aula. As exceções foram duas noites em que ela disse que precisava visitar uma tia em San Francisco. Ela me deu o nome da tia, Florence de Peyser, mas, enquanto estava fora, eu ainda morria de dúvida. Porém, no dia seguinte, ela voltou inalterada — não consegui ver sinal de outro amante. Nem do X.X.X., que era a minha maior preocupação. E cercava a sra. de Peyser com tantos detalhes circunstanciais (um *yorkshire terrier* que atendia pelo nome de Chookie, um armário cheio de vestidos Halston, uma empregada chamada Rosita) que minhas desconfianças morreram. Era impossível voltar de uma noite na companhia dos zumbis sinistros do X.X.X. cheia de histórias sobre um cachorro chamado Chookie. Se havia outros amantes, se a promiscuidade que senti naquela primeira noite ainda existia nela, eu não via sinal.

Na verdade, se uma coisa me incomodava, não era a hipotética rivalidade de outro homem, mas um comentário que ela fez durante nossa primeira manhã juntos. Poderia não ser mais do que uma declaração de afeto estranhamente elaborada: “Você foi aprovado”, decretou ela. Por um momento de insanidade, achei que ela estava se referindo ao ambiente em que nos encontrávamos — o vaso chinês na mesa de cabeceira, o desenho emoldurado de Pissarro e o tapete felpudo. (Tudo isso me deixava mais inseguro do que eu admitia.)

“Então você me aprova”, falei.

“Não por mim. Claro que por mim, mas não só por mim.” E ela levou um dedo aos lábios.

Em um dia ou dois, eu já tinha me esquecido desse mistério irritantemente desnecessário.

• • •

Claro que também esqueci meu trabalho, a maior parte dele. Mesmo depois das primeiras semanas sexuais frenéticas, passei bem menos tempo me dedicando ao ensino do que antes. Estava apaixonado como nunca. Era como se, durante toda a minha vida, eu tivesse me esquivado da alegria, olhando-a de esguelha, interpretando-a de maneira equivocada; só Alma foi capaz de me colocar cara a cara com ela.

Minhas desconfianças e as dúvidas que nutria a respeito dela foram incineradas pelo sentimento. Se havia coisas que eu não sabia sobre ela, não fazia diferença; o que eu sabia bastava.

Tenho certeza de que ela foi a primeira a tocar no assunto casamento. Foi com uma frase como: “Quando estivermos casados, temos que viajar muito” ou “Que tipo de casa você gostaria de ter quando nos casarmos?” Nossas conversas seguiam para esse tipo de discussão sem esforço — eu não sentia coerção, apenas uma felicidade cada vez maior.

“Ah, você foi mesmo aprovado”, disse ela.

“Posso conhecer sua tia um dia?”

“Vou poupar você disso”, respondeu ela, o que não respondeu à pergunta subentendida. “Se nos casarmos ano que vem, vamos passar o verão nas ilhas gregas. Tenho uns amigos com quem podemos ficar, amigos do meu pai que moram em Poros.”

“Eles também me aprovariam?”

“Não ligo se aprovam ou não”, falou ela, pegando minha mão e fazendo meu coração acelerar.

Vários dias depois, mencionou que, depois que visitássemos Poros, ela gostaria de passar um mês na Espanha.

“E Virginia Woolf? Seu diploma?”

“Não sou uma aluna muito boa.”

Claro que eu não imaginava que passaríamos meses e meses viajando, mas era uma fantasia que parecia ao menos uma imagem do nosso futuro compartilhado; como a fantasia da minha aprovação contínua não específica.

Quando a aula sobre Stephen Crane, que eu daria no lugar de Lieberman, se aproximava, percebi que não havia me preparado e disse para Alma que teria que passar pelo menos duas noites na biblioteca.

“Vai ser uma aula péssima mesmo, não ligo se Lieberman vai tentar me arrumar mais um ano aqui, porque acho que nós dois queremos sair de Berkeley, mas tenho que reunir algumas ideias.” Ela disse que tudo bem, que estava planejando visitar a sra. de Peyser nas duas ou três noites seguintes de qualquer forma.

Quando nos separamos no dia seguinte, demos um longo abraço. E ela saiu dirigindo. Fui andando até o meu apartamento, no qual tinha passado bem pouco tempo no mês e meio anterior, ajeitei as coisas e fui para a biblioteca.

No térreo da biblioteca, vi Helen Kayon pela primeira vez desde que ela deixara, na companhia de Meredith Polk, o anfiteatro em que eu dera a aula. Ela não me viu; estava esperando o elevador com Rex Leslie, o professor com quem troquei de mesa. Estavam conversando e, enquanto eu olhava para eles, Helen encostou a palma da mão nas costas de Rex. Eu sorri, desejei silenciosamente que tudo corresse bem e subi pela escada.

Naquela noite e na seguinte trabalhei na elaboração da aula. Eu não tinha nada a dizer sobre Stephen Crane; não estava interessado em Stephen Crane; sempre que erguia o rosto do papel, via Alma Mobley, os olhos cintilando e a boca se abrindo.

Na segunda noite de ausência de Alma, saí do apartamento para comer pizza e tomar uma cerveja e a vi nas sombras ao lado de um bar chamado The Last Reef; era um lugar no qual eu hesitaria em entrar, pois tinha reputação de ser um covil de motoqueiros e homossexuais à procura de sexo. Fiquei paralisado; por um segundo, o que senti não foi traição, mas medo. Ela não estava sozinha, e o homem que a acompanhava estivera no bar (estava com um copo de cerveja), mas não parecia ser motoqueiro tampouco um gay em busca de companhia. Era alto, tinha a cabeça raspada e usava óculos escuros. Era muito pálido. E, embora estivesse vestido de maneira comum, de calça cáqui e jaqueta de golfe (por cima do peito nu? Eu pensei ter visto correntes de algum tipo pressionadas contra a pele), tinha uma aparência animalesca, um lobo faminto em pele humana. Um garotinho, exausto e descalço, estava sentado na calçada aos pés dele. Os três eram muito estranhos, agrupados nas sombras na lateral do bar. Alma parecia à vontade com o homem; falava de modo desconexo, ele respondia, os dois pareciam mais próximos do que Helen Kayon e Rex Leslie, embora não houvesse gestos de familiaridade entre eles. A criança ficou encolhida aos pés do homem, por vezes se sacudindo, como se estivesse com medo de levar um chute. Os três pareciam uma família perversa e noturna, uma família de Charles Addams. A graça característica de Alma, o jeito de se portar, pareciam, ao lado do homem com jeito de lobisomem e da criança patética, irreais, de alguma

forma terríveis. Eu recuei, pensando que, se o sujeito me visse, viraria um selvagem em um instante.

Pois é assim um lobisomem, pensei, e depois concluí: o X.X.X.

O homem puxou o garoto trêmulo da calçada, assentiu para Alma e entrou em um carro perto do meio-fio, ainda segurando o copo de cerveja. O menino entrou no banco de trás. Em um momento, o carro se afastou.

Mais tarde, sem saber se estava cometendo um erro, mas incapaz de esperar até o dia seguinte, telefonei para ela.

"Vi você umas duas horas atrás", eu disse. "Não quis incomodar. Mas achava que você estava em San Francisco."

"Estava chato e eu voltei antes. Não liguei porque queria que você fizesse seu trabalho. Ah, Don, pobre homem. Você deve ter imaginado alguma coisa horrível."

"Quem era o homem com quem você estava conversando? Cabeça raspada, óculos escuros, que estava com um garotinho ao lado de um bar de motoqueiros."

"Ah, ele. Foi *ele* quem você viu comigo? É o Greg. Nos conhecemos em New Orleans. Ele veio estudar aqui, mas abandonou os estudos. O garoto é o irmãozinho dele. Os pais dos dois morreram, e Greg cuida do menino. Mas devo dizer que não muito bem. O garoto é retardado."

"Ele é de New Orleans?"

"Claro."

"Qual é o sobrenome dele?"

"Por que você quer saber? Está desconfiado? O sobrenome dele é Benton. Os Benton moravam na mesma rua que nós."

Parecia plausível se eu não pensasse na aparência do homem que ela chamava de Greg Benton. "Ele é do X.X.X.?", perguntei.

Ela riu. "Meu pobre queridinho está nervoso, né? Não, claro que não. Não pense nisso, Don. Não sei por que contei pra você."

"Você conhece mesmo gente do X.X.X.?", insisti.

Ela hesitou. "Bom, só algumas pessoas." Fiquei aliviado; achei que ela estava se glamourizando. Talvez meu "lobisomem" fosse mesmo só um antigo vizinho de Nova Orleans; na verdade, a imagem dele nas sombras do bar me fez lembrar da primeira impressão que formei da própria Alma, de pé, sem cor como um fantasma em uma escadaria mal iluminada do campus.

"O que esse… Benton faz?"

"Bom, acho que ele tem um negócio informal de fármacos", respondeu ela.

Isso fazia sentido. Combinava com a aparência dele, com o fato de ele frequentar um bar como o Last Reef. Alma parecia estar mais próxima do

constrangimento do que eu já tinha visto.

“Se você tiver acabado o trabalho, venha dar um beijo na sua noiva”, disse ela. Eu saí pela porta em menos de um minuto.

• • •

Duas coisas peculiares aconteceram naquela noite. Nós estávamos na cama de Alma, vigiados pelos objetos que já enumerei. Eu estava mais cochilando do que dormindo naquela noite, e estendi suavemente a mão para tocar o braço nu e roliço de Alma; não queria acordá-la. Mas foi como se o braço dela tivesse dado um choque nos meus dedos; não um choque elétrico, mas um choque de sentimento concentrado, um choque de repulsa, como se eu tivesse tocado em uma lesma. Puxei a mão de volta, e ela se virou e murmurou: “Tudo bem, querido?”, e murmurei alguma coisa em resposta. Alma bateu na minha mão de leve e voltou a dormir. Um tempo depois, sonhei com ela. Vi apenas o seu rosto; mas não era o rosto que eu conhecia, e a estranheza me fez grunhir de ansiedade. E, pela segunda vez, fiquei totalmente desperto, sem saber quem eu era, tampouco do lado de quem me encontrava.

4

Talvez tenha sido aí que as mudanças começaram, mas em termos superficiais nosso relacionamento continuou como era, pelo menos até o fim de semana prolongado em Still Valley. Nós ainda fazíamos amor com frequência e alegria, Alma seguia falando de forma encantadora sobre a forma como viveríamos depois que nos casássemos. E eu continuei a amá-la mesmo enquanto duvidava da absoluta veracidade de algumas de suas declarações. Afinal, um escritor não era também uma espécie de mentiroso? Minha profissão consistia em inventar coisas e cercá-las de detalhes suficientes para torná-las críveis; algumas invenções que porventura partissem de outra pessoa não me perturbavam muito. Tínhamos decidido nos casar em Berkeley no fim do semestre de primavera, e o casamento parecia uma confirmação formal de nossa felicidade. Mas acho que a mudança já começara, e que o fato de eu ter me encolhido em resposta ao tocar na pele dela no meio da noite foi um sinal de que tivera início semanas antes sem que eu tenha percebido.

Mas um fator da mudança foi sem dúvida a “aprovação” que tão misteriosamente conquistei. Enfim perguntei abertamente sobre isso, na manhã da aula sobre Crane; era uma manhã tensa para mim, pois eu sabia que faria um

mau trabalho, então disse: “Olha. Se essa aprovação que você fica mencionando não é sua e se não é da sra. de Peyser, então de quem é? Isso não sai da minha cabeça. Não é do seu amigo do comércio de drogas, imagino. Ou é do irmão idiota dele?”

Ela ergueu o olhar, um pouco surpresa. Mas sorriu. “Acho que preciso contar. Nós estamos ficando bem próximos.”

“Deveríamos estar.”

Ela ainda estava sorrindo. “Vai parecer um pouco estranho.”

“Não ligo. Só estou cansado de não saber.”

“A pessoa que aprova você é um antigo amante meu. Espere, Don, não me olhe assim. Eu não saio mais com ele. Não *posso*. Ele está morto.”

“Morto?” Eu me sentei. Parecia surpreso, e tenho certeza de que minha expressão mostrava isso, mas acho que deveria estar esperando uma coisa dessa ordem de estranheza.

Ela assentiu; seu rosto estava sério e brincalhão ao mesmo tempo, o efeito “duplo”. “Isso mesmo. O nome dele é Tasker Martin. Eu mantenho contato com ele.”

“Você mantém contato com ele.”

“Constantemente.”

“Constantemente.”

“Sim. Eu falo com ele. Tasker gosta de você, Don. Gosta muito de você.”

“E ele me aprovou, foi isso.”

“Isso mesmo. Eu falo com ele sobre tudo. E ele me disse várias vezes que somos feitos um para o outro. Além disso, ele *gosta* de você, Don. Seria um bom amigo seu se estivesse vivo.”

Fiquei apenas olhando para ela.

“Eu falei que ia parecer um pouco estranho.”

“Parece mesmo.”

Ela levantou as mãos. “*E aí?*”

“Hum. Há quanto tempo… Tasker morreu?”

“Anos atrás. Cinco ou seis anos atrás.”

“Outro amigo de New Orleans?”

“Isso mesmo.”

“E vocês dois eram bem próximos?”

“Nós fomos amantes. Ele era mais velho, bem mais velho. Morreu de ataque cardíaco. Duas noites depois, começou a falar comigo.”

“Ele demorou dois dias para arrumar moedas para o telefone público.” Ela não respondeu. “Ele está falando com você agora?”

“Está ouvindo. Está feliz por você saber sobre ele.”

“Não tenho certeza se eu estou feliz de saber sobre ele.”

“É só se acostumar com a ideia. Ele gosta muito de você, Don. Vai ficar tudo bem, vai ser como era antes.”

“Tasker pega o telefone quando estamos na cama?”

“Não sei. Acho que sim. Ele sempre gostou desse tipo de coisa.”

“E Tasker dá algumas das ideias que você comentou sobre o que vamos fazer depois que nos casarmos?”

“Às vezes. Foi Tasker quem me lembrou do amigo do meu pai em Poros. Ele acha que você vai amar a ilha.”

“E o que Tasker acha que vou fazer agora que você me contou sobre ele?”

“Diz que você vai ficar chateado e achar que sou maluca por um tempo, mas que vai se acostumar com a ideia. Afinal, ele está aqui e não vai a lugar algum, e você está aqui e nós vamos nos casar. Don, pense em Tasker como se ele fosse parte de mim.”

“Acho que deve ser mesmo”, falei. “Não consigo acreditar que você se comunica com um homem que morreu cinco anos atrás.”

Em parte, eu estava fascinado. Um hábito do século XIX, como falar com espíritos de falecidos, combinava com Alma, harmonizava com sua passividade. Mas também era apavorante. O fantasma falante de Tasker Martin era claramente uma ilusão. No caso de qualquer pessoa que não fosse Alma, teria sido sintoma de doença mental. O conceito de ser aprovado por antigos amantes também era sinistro. Olhei por cima da mesa para Alma, que me encarava com uma expressão gentil de expectativa, e pensei: ela parece andrógina. Poderia ser um garoto bonito de dezenove anos com sardas. Ela sorriu para mim, ainda com expectativa no rosto. Eu queria fazer amor com ela, mas também sentia um certo distanciamento. Os dedos longos e bem-feitos pousaram na madeira polida da mesa, presos a mãos e pulsos igualmente lindos. Essas duas coisas também me atraíam e repeliam.

“Vamos ter um casamento maravilhoso”, disse Alma.

“Você, Tasker e eu.”

“Está vendo? Ele disse que você ficaria assim no começo.”

A caminho da aula, eu me lembrei do homem que vi em sua companhia, Greg Benton, da Louisiana, com o rosto morto e feroz, e estremeci.

• • •

Um sinal da anormalidade de Alma, uma indicação de que não era como qualquer um que eu conhecesse, era que ela sugeria um mundo em que fantasmas conselheiros e lobos disfarçados de homens poderiam existir. Não me ocorre outra maneira de dizer isso. Não quero afirmar que ela me fez acreditar

em coisas sobrenaturais; mas sugeriu que essas coisas pudessem estar pairando invisivelmente ao nosso redor. Você entra em um terreno com aparência sólida, mas o chão se desfaz sob seus pés; um olhar para baixo e, em vez de ver grama, terra, a solidez que esperava, você está olhando para uma caverna profunda onde coisas rastejantes correm para fugir da luz. Bem, então aqui é uma caverna, uma espécie de abismo, você diz; até onde vai? Fica embaixo de tudo, e a terra sólida é apenas uma ponte que passa por cima? Não; claro que não; provavelmente não é. Eu amo Alma, disse para mim mesmo. Vamos nos casar no próximo verão. Pensei em suas pernas extraordinárias, no rosto lindo e adorável; na sensação que ela me passava de que eu estava metido em um jogo compreendido apenas parcialmente.

• • •

Minha segunda aula foi um desastre. Apresentei ideias que não eram minhas, tentei relacioná-las sem sucesso e me perdi nas minhas anotações; eu me contradisse. Com a cabeça em outras coisas, disse que *O Emblema Vermelho da Coragem* era “uma ótima história de fantasmas na qual o fantasma nunca aparece”. Foi impossível disfarçar minha falta de preparo e de interesse no que estava dizendo. Algumas palmas irônicas se fizeram ouvir quando desci do pódio. Fiquei agradecido pelo fato de Lieberman estar longe, em Iowa.

Depois da aula, passei em um bar e pedi um Johnny Walker Black duplo. Antes de sair, fui até os telefones nos fundos e peguei a lista telefônica de San Francisco. Primeiro procurei no P e não achei nada e comecei a suar, mas quando olhei no D, encontrei de Peyser, F. O endereço ficava na seção direita da cidade. Talvez a terra fosse um chão sólido, afinal. Claro que era.

• • •

No dia seguinte, liguei para David no escritório e disse que gostaria de ir para sua casa em Still Valley. “Fantástico”, disse ele, “já estava mais do que na hora. Tem umas pessoas que cuidam de lá para que ninguém roube nada, mas eu sempre quis que você usasse a casa, Don.”

“Eu andei muito ocupado”, falei.

“Como são as mulheres aí?”

“Estranhas e novas”, respondi. “Na verdade, acho que estou noivo.”

“Você não parece muito seguro.”

“Eu estou noivo. Vou me casar no verão.”

“E qual é o nome dela? Você não contou para ninguém? Uau. Já ouvi falar em ser discreto, mas…”

Eu lhe disse o nome dela. “David, eu não contei para mais ninguém da família. Se você fizer contato com alguém, diga que vou escrever em breve. Estar noivo ocupa a maior parte do meu tempo.”

Ele me forneceu as coordenadas para chegar à casa, informou o nome dos vizinhos que tinham a chave e disse: “Ei, irmãozinho, estou feliz por você”. Nós fizemos as costumeiras promessas de nos corresponder.

• • •

David comprou a propriedade de Still Valley quando estava empregado em um escritório de direito da Califórnia; com a sagacidade de sempre, ele escolheu o lugar com cuidado, certificando-se de que a casa que lhe serviria como moradia de férias tivesse bastante terreno ao redor (três hectares) e fosse perto do mar, depois gastou todo o dinheiro que tinha guardado reformando e redecorando o local. Quando foi morar em Nova York, manteve a casa, sabendo que os valores das propriedades em Still Valley iam decolar. A casa devia ter quadruplicado de valor depois disso, provando mais uma vez que David não era bobo. Depois que Alma e eu pegamos a chave com o pintor e sua esposa artesã vários quilômetros adiante na estrada, nós entramos em um caminho de terra que levava em direção ao mar. Dava para ouvir e sentir o cheiro do Pacífico antes de avistarmos a casa. E, quando Alma a viu, disse: “Don, é para cá que nós deveríamos vir na lua de mel”.

Fui ludibriado pelas menções frequentes de David ao lugar como um “chalé”. O que eu esperava era uma casa de madeira com dois ou três cômodos, provavelmente com encanamento externo, uma cabana para beber cerveja e jogar pôquer. Mas parecia exatamente o que era, o brinquedo caro de um jovem advogado rico.

“Seu irmão deixa este lugar ficar vazio?”, perguntou Alma.

“Acho que vem aqui duas ou três semanas por ano.”

“Nossa.”

Eu nunca a havia visto impressionada assim. “O que Tasker acha?”

“Acha incrível. Diz que parece New Orleans.”

Eu deveria saber.

Mas a descrição não era imprecisa. O “chalé” de David era uma estrutura alta de madeira com dois andares, de uma brancura impressionante e em estilo espanhol, com varandas de ferro forjado preto nas janelas superiores. Colunas grossas ladeavam a enorme porta da frente. Atrás da casa dava para ver o infinito oceano azul bem abaixo. Peguei nossas malas no porta-malas do carro, subi os degraus e abri a porta. Alma veio logo atrás.

Depois de passar por um pequeno vestíbulo com piso frio, entramos em uma sala ampla onde várias áreas eram elevadas e outras rebaixadas. Um tapete branco e grosso cobria tudo. Havia sofás enormes e mesas com tampos de vidro em diferentes áreas da sala. Vigas polidas e envernizadas ficavam expostas por todo o teto.

Eu sabia o que encontraria mesmo antes de inspecionar a casa, que haveria uma sauna, uma hidromassagem e uma banheira quente, um sistema de som caro, Cuisinart na cozinha, uma estante cheia de pornografia educativa no quarto — e tudo isso nós fomos encontrando conforme percorríamos o lugar. Também um Betamax, uma estante francesa de pães que servia de prateleiras para bugigangas art déco, uma cama do tamanho de uma piscina, bidê em todos os banheiros… quase na mesma hora, me senti preso na fantasia de outra pessoa. Eu não tinha ideia de que David ganhara tanto dinheiro durante os anos em que passou na Califórnia; também não sabia que tinha um gosto do nível de um jovem rico.

“Você não gostou, não é?” perguntou Alma.

“Estou surpreso.”

“Qual é o nome do seu irmão?”

Eu falei para ela.

“E onde ele trabalha?”

Ela assentiu quando eu disse o nome do escritório, não como “Rachel Varney” faria, com uma ironia distante, mas como se estivesse verificando-o em uma lista.

Mas ela estava certa, claro: eu não gostei do Xanadu de David.

Mesmo assim, ali estávamos nós. Passaríamos três noites na casa. E Alma a aceitou como se fosse sua. Mas, enquanto preparava a comida na cozinha cheia de eletrodomésticos, enquanto se maravilhava com a coleção de brinquedos caros de David, fui ficando cada vez mais amargo. Eu achava que ela tinha se adaptado à casa de um jeito estranho, passando por uma sutil transformação de uma estudante de Virginia Woolf para uma esposa suburbana. De repente, conseguia vê-la comprando uma quantidade exagerada de molhos no supermercado.

Mais uma vez, estou comprimindo ideias sobre Alma em um único parágrafo, mas, nesse caso, considerando as impressões de dois dias, e não de três vezes essa quantidade de meses. E a mudança foi uma mera questão de grau. Mas eu tinha a sensação desagradável de que, assim como no apartamento em que morava, ela era a perfeita encarnação da garota rica boêmia, na casa de David deu sinais de uma personalidade que se adequava a banhos de hidromassagem e saunas domésticas. Ficou mais falante. As frases sobre como

nós viveríamos depois do nosso casamento se tornaram ensaios: descobri onde seria nossa base enquanto estivéssemos viajando (Vermont), quantos filhos teríamos (três) e assim por diante.

E pior, ela começou a falar sem parar sobre Tasker Martin.

"Tasker era um homem grande, Don, tinha cabelo branco lindo e um rosto forte com olhos azuis mais do que penetrantes. O que Tasker gostava era… Eu já contei sobre Tasker… Um dia, Tasker e eu…"

Isso, mais do que qualquer outra coisa, marcou o fim da minha paixão.

Mas, mesmo então, tive dificuldade de aceitar que meus sentimentos mudaram. Enquanto ela descrevia as personalidades dos nossos filhos, eu me via cruzando os dedos mentalmente, quase tremendo. Ao perceber o que estava fazendo, dizia para mim mesmo: "Mas você está apaixonado, não está? Pode até aguentar a fantasia de Tasker Martin, não pode? Por ela?"

O tempo piorou tudo. Embora tivesse feito sol quente no dia em que chegamos, nossa primeira noite em Still Valley acabou mergulhada em uma névoa escura e densa que se estendeu pelos três dias. Quando olhei pelas janelas dos fundos para o mar, foi como se o oceano estivesse ao nosso redor, cinza e mortal. (Claro que é assim que "Saul Malkin" imagina seu quarto de hotel em Paris com "Rachel Varney".) Às vezes, dava para ver até metade da estrada pelo vale, mas em outras não dava para enxergar além da distância de um braço estendido. Uma lanterna naquela névoa úmida perderia a esperança.

Assim, ali estávamos nós, manhãs e tardes na casa de David enquanto a névoa cinza passava pelas janelas e o barulho das ondas batendo na praia logo abaixo sugerindo que a qualquer minuto a água poderia começar a entrar por baixo da porta. Alma estava encolhida elegantemente em um dos sofás, segurando uma xícara de chá ou um prato com uma laranja cortada em partes iguais.

"Tasker dizia que eu seria a mulher mais bonita dos Estados Unidos quando tivesse trinta anos. Bem, tenho 25 agora e acho que vou decepcioná-lo. Tasker dizia…"

O que eu sentia era *medo*.

Na segunda noite, ela saiu da cama nua e acabou me acordando. Eu me sentei e esfreguei os olhos na escuridão. Alma atravessou o quarto frio e cinza até a janela. Nós não tínhamos fechado as cortinas, e Alma ficou de costas para mim, olhando para… o nada. As janelas do quarto davam para o mar, mas, embora pudéssemos ouvir os ruídos frios da água durante toda a noite, a janela não revelava nada além do cinza crescente.

Eu estava à espera de que ela falasse. As costas dela estavam alongadas e pálidas no quarto escuro.

“O que foi, Alma?”, perguntei.

Ela não se moveu nem falou.

“Tem alguma coisa errada?” A pele dela parecia sem vida, mármore branco e frio. “O que aconteceu?”

Ela se virou um pouco para mim e disse: “Eu vi um fantasma.” (Isso, pelo menos, é o que “Rachel Varney” diz para “Saul Malkin”; mas Alma, na verdade, teria dito: “Eu *sou* um fantasma”? Não houve como ter certeza; ela falou muito baixo. Eu já tinha ouvido mais do que o suficiente sobre Tasker Martin, e minha primeira resposta foi um grunhido. Mas, se ela tivesse dito *eu sou um fantasma*, teria respondido de forma diferente?)

“Ah, Alma”, falei, não tão irritado quanto teria ficado se fosse de dia. O frio no quarto, a janela escura e o corpo branco e esguio da garota, tudo isso tornava Tasker uma presença mais real do que jamais fora. Eu estava com um pouco de medo. “Diga para ele ir embora”, pedi. “Volte para a cama.”

Mas não adiantou. Ela pegou o roupão na cama, enrolou no corpo e se sentou, virando a cadeira para a janela. “Alma?” Ela não respondeu nem se virou. Eu me deitei de novo e finalmente voltei a dormir.

• • •

Depois do fim de semana prolongado em Still Valley, as coisas se desenrolaram até a conclusão inevitável. Eu pensava com frequência que Alma estava meio louca. Ela nunca explicou o comportamento daquela noite e, depois do que aconteceu com David, eu me perguntei se todas as ações dela abrangeram o que eu já tinha chamado de jogo; se foi brincalhona, se estava manipulando de forma deliberada a minha mente e meus sentimentos. Garota rica passiva, terrorista do oculto, estudiosa de Virginia Woolf, semilunática — ela não demonstrava coerência.

Continuou a nos projetar no futuro, mas depois de Still Valley, comecei a inventar desculpas para evitá-la. Eu achava que a amava, mas o amor foi superado pelo medo. Tasker, Greg Benton, os zumbis do X.X.X. — como eu poderia me casar com *aquilo tudo?*

Comecei a sentir uma repulsa física além da moral. Ao longo dos dois meses depois de Still Valley, praticamente paramos de fazer amor, embora eu às vezes passasse a noite na cama dela. Quando a beijava, quando a abraçava ou tocava nela, ouvia meu próprio pensamento: *não por muito tempo.*

Minhas aulas, exceto por raros momentos nas classes de escrita, se tornaram distanciada e chatas; parei totalmente de escrever. Um dia, Lieberman me pediu para ir à sua sala, e quando cheguei ele disse: “Um dos seus colegas descreveu sua aula de Stephen Crane para mim. Você disse mesmo que *O Emblema*

Vermelho era uma história de fantasmas sem um fantasma?”. Quando eu assenti, ele perguntou: “Pode me dizer o que isso significa?”.

“Eu não sei o que significa. Minha mente estava vagando. Minha retórica fugiu do controle.”

Ele me olhou com repulsa. “Eu achei que você teve um bom começo”, comentou ele, e eu soube que não havia mais possibilidade de permanecer por mais um ano.

5

De repente, Alma desapareceu. Ela me forçou, como as pessoas dependentes podem forçar outros a fazerem o que querem, a encontrá-la para almoçar em um restaurante perto do campus. Fui até lá, peguei uma mesa, esperei meia hora e finalmente percebi que ela não iria. Estava preparado para mais histórias do que faríamos em Vermont e não sentia fome, mas comi uma salada para me consolar e fui para casa.

Ela não ligou naquela noite. Sonhei com ela sentada na proa de uma pequena embarcação, navegando para longe em um canal e sorrindo de forma enigmática, como se me dar um dia e uma noite de liberdade fosse o último ato de seu número enigmático.

De manhã, eu comecei a me preocupar. Telefonei várias vezes durante o dia, mas ou ela estava fora, ou não estava atendendo o telefone. (Isso evocou uma imagem clara. Uma dezena de vezes, enquanto eu estava no seu apartamento, ela deixou o telefone tocar até parar.) À noite, eu tinha começado a imaginar que estava livre dela e sabia que faria qualquer coisa para evitar vê-la de novo. Telefonei mais duas vezes durante a noite e fiquei feliz de não obter resposta. Por fim, fiquei acordado até as duas da madrugada escrevendo uma carta de rompimento.

Antes da minha primeira aula, fui até o prédio dela. Meu coração estava batendo acelerado: eu estava com medo de vê-la sem querer e ter que dizer as frases que soavam bem mais convincentes no papel. Subi os degraus do prédio e vi que as cortinas estavam fechadas nas janelas. Testei a porta e estava trancada. Quase toquei a campainha. Mas apenas enfiei a carta entre a janela e a moldura, onde ela veria a inscrição *Alma* assim que subisse a escada. E então, eu — não há outra palavra para isso — fugi.

Claro que ela conhecia meus horários de aula, e até esperei vê-la do lado de fora de uma sala de aula ou de um anfiteatro, com minha carta arrogante na mão

e uma expressão provocativa no rosto. Mas passei aquele dia letivo sem vê-la.

O dia seguinte foi uma repetição do anterior. Fiquei com medo de ela ter se matado; deixei a preocupação de lado; fui dar minhas aulas; à tarde, liguei e não obtive resposta. Jantei em um bar; depois, fui andando até a rua dela e vi o retângulo branco da minha traição ainda na janela. Em casa, pensei em desconectar o telefone, mas acabei deixando ligado, já quase pronto para admitir que esperava que ela ligasse.

No dia seguinte, eu tinha uma reunião da aula de literatura americana às duas. Para chegar ao prédio onde o grupo se reunia, precisava atravessar uma ampla praça de tijolos. Era um lugar que estava sempre lotado. Os estudantes montavam mesas onde você podia assinar abaixo-assinados pela legalização da maconha ou se declarar a favor da homossexualidade e da proteção às baleias; alunos passavam por ali sem parar. Entre eles, vi Helen Kayon pela primeira vez desde a noite na biblioteca. Rex Leslie estava andando ao lado dela, segurando sua mão. Eles pareciam muito felizes, uma alegria animal os envolvia como uma bolha. Eu me afastei daquela visão, sentindo-me um mendigo abandonado. Percebi que não me barbeava havia dois dias, que não me olhei no espelho e nem troquei de roupa.

E quando me virei de costas para Helen e Rex, vi um homem alto e pálido, de cabeça raspada e óculos escuros, olhando para mim do chafariz. O garoto de olhar vazio, descalço e de macacão maltrapilho, estava sentado aos pés dele. Greg Benton parecia ainda mais assustador do que quando o vi em frente ao Last Reef; de pé no sol ao lado de um chafariz, ele e o irmão eram aparições extraordinárias, um par de tarântulas. Até os alunos de Berkeley, que já tinham visto de tudo no sentido de estranheza humana, esquivavam-se deles. Agora que sabia que eu tinha reparado nele, Benton não falou nem gesticulou para mim, mas sua atitude toda, a inclinação da cabeça raspada, o jeito como posicionava o corpo, era apenas um único gesto. Tudo expressava raiva, como se eu o tivesse enfurecido ao fugir com alguma coisa. Ele era como uma mancha furiosa de escuridão na praça ensolarada. Como um câncer.

Mas percebi que, por algum motivo, ele estava impotente. Olhava de cara feia para mim porque era tudo o que *podia* fazer. Abençoei imediatamente a proteção de milhares de estudantes; depois, pensei que Alma estava encrencada. Em perigo. Ou morta.

Dei as costas para Benton e seu irmão e corri para o portão no fim da praça. Quando atravessei a rua, eu me virei para olhar de novo para Benton. Senti que me observava enquanto eu corria, senti sua satisfação fria. Mas ele e o irmão tinham sumido. O chafariz jorrava água, os alunos caminhavam. Até tive um

vislumbre de Helen e Rex Leslie entrando em Sproul Hall, mas o câncer havia derretido.

Quando cheguei à rua de Alma, meu medo parecia absurdo. Sabia que estava reagindo à minha própria culpa. Mas ela não marcou nossa separação definitiva ao me dar o bolo no restaurante? Minha preocupação com a segurança dela parecia uma manipulação final. Eu acalmei a respiração. Então reparei que as cortinas das janelas de Alma estavam abertas e que o envelope sumira.

Corri pelo quarteirão e subi a escada. Inclinando-me de lado, era possível ver dentro da casa dela. Tudo tinha sumido. A sala estava vazia. No piso antes coberto pelos tapetes de Alma, vi meu envelope. Estava lacrado.

6

Fui para casa atordoado e assim permaneci por semanas. Não conseguia entender o que tinha acontecido. Senti um alívio enorme e uma grande perda. Ela devia ter deixado a casa no dia em que nos encontraríamos no restaurante, mas o que se passava na sua cabeça? Uma última piada? Ou ela sabia que tudo tinha acabado desde Still Valley? Estava desesperada? Era difícil de acreditar.

E, se eu estava tão ansioso para me livrar dela, por que sentia agora que estava andando por um mundo que havia perdido parte de seu sentido? Alma se foi, e fiquei com o mundo vazio de causa e efeito, o mundo aritmético — ainda que sem o medo estranho que ela despertou em mim, sem o mistério também. O único mistério que eu ainda precisava desvendar era descobrir o lugar para onde ela teria ido; além do enigma ainda maior: saber quem ela era.

Bebi muito e faltei nas aulas; dormi durante a maior parte do dia. Era como se eu sofresse de uma doença generalizada que tirava minha energia e me deixava sem ocupação além de dormir e pensar em Alma. Quando, depois de uma semana, comecei a me sentir melhor, lembrei-me de ter visto Benton na praça e imaginei que ele estava com raiva porque sabia que eu tinha escapado com vida.

Depois que comecei a me reunir com meus grupos de novo, encontrei Lieberman nos corredores depois de uma aula, e primeiro ele abaixou a cabeça, pretendendo me esnobar, mas pensou melhor, virou-se para mim e perguntou: “Pode me acompanhar até a minha sala um segundo, Wanderley?” Ele também estava com raiva, mas era uma raiva com a qual eu podia lidar. Eu queria dizer que era só raiva humana, mas qual raiva não é? A de um lobisomem?

“Sei que decepcionei você”, eu disse. “Mas minha vida fugiu do meu controle. Eu fiquei doente. Vou terminar meu período da forma mais honrada possível.”

“Decepcionou? Essa palavra é muito branda.” Ele se recostou na cadeira de couro, com os olhos em chamas. “Acho que nunca um dos nossos temporários me deixou na mão desse jeito. Deixei uma aula importante nas suas mãos, e você aparentemente reuniu a pior mistura, o pior *lixo…*” Ele recuperou o controle. “E perdeu mais aulas do que qualquer outra pessoa na nossa história desde que tivemos um poeta alcoólatra que tentou botar fogo no departamento de matrículas. Em resumo, você foi relaxado, indolente, preguiçoso… uma desgraça. Eu só queria que soubesse o que penso de você. Por sua causa, todo o nosso programa de admissão de escritores está em risco. Esse programa é supervisionado, sabia? Temos um comitê para dar satisfações. Vou ter que defender você diante deles, por mais que deteste essa ideia.”

“Não posso culpar você pelo que está sentindo”, eu disse. “Mas me envolvi em uma situação estranha, acho que andei surtando.”

“Eu me pergunto quando vocês, que se julgam pessoas criativas, vão se dar conta de que não podem sair fazendo o que der na telha.” A explosão o fez se sentir melhor. Ele entrelaçou os dedos e olhou para mim por cima deles. “Espero que você não espere que vou escrever recomendações suas.”

“Claro que não”, respondi. E pensei em uma coisa. “Eu queria saber se posso fazer uma pergunta.”

Ele assentiu.

“Já ouviu falar de um professor de inglês da Universidade de Chicago chamado Alan McKechnie?” Os olhos dele ficaram arregalados; ele cerrou os punhos. “Não sei exatamente o que estou perguntando. Só queria saber se você sabe alguma coisa sobre ele.”

“O que você está dizendo?”

“Estou curioso sobre ele. Só isso.”

“Bom, só para deixar claro”, disse ele, levantando-se e andando até a janela, que tinha uma vista esplêndida da praça. “Eu não gosto de fofoca, sabe.”

Mas eu sabia era que ele amava fofocas, como a maioria dos acadêmicos. “Conheci Alan superficialmente. Participamos de um simpósio sobre Robert Frost cinco anos atrás. Um homem sensato. Um pouco tomista demais, mas lá é Chicago, certo? Ainda assim, uma boa mente. Tinha uma família adorável, pelo que sei.”

“Tinha filhos? Uma esposa?”

Lieberman olhou para mim, desconfiado. “Claro. Foi o que tornou tudo tão trágico. Fora a perda das contribuições dele ao ramo, claro.”

“Claro. Eu esqueci de mencionar.”

“Então, o que você sabe? Não vou difamar um colega só por… só por…”

“Houve uma garota”, eu disse.

Ele assentiu, parecendo satisfeito. “Sim. Aparentemente. Eu soube na última convenção da MLA. Um dos colegas do departamento me contou. Ele foi *seduzido*. A garota começou a ir atrás dele. A perseguir mesmo. ‘La Belle Dame sans Merci’, para resumir — e soube que ele finalmente se encantou por ela. Era uma aluna. Essas coisas acontecem, claro, acontecem o tempo todo. Uma garota se apaixona pelo professor, consegue seduzi-lo, às vezes o faz largar a esposa, na maioria das vezes não. A maioria de nós tem bom senso.” Ele tossiu. Eu pensei: você é mesmo um escroto. “Bom. Ele não teve. Ficou em pedaços. A garota o arruinou. No fim, ele se matou. Pelo que eu soube, ela executou uma fuga à meia-noite, como nossos amigos ingleses dizem. Embora eu não consiga imaginar o que isso possa ter a ver com você.”

Ela inventara quase tudo na história de McKechnie. Eu me perguntei o que mais poderia ter sido mentira. Quando cheguei em casa, liguei para de Peyser, F. Uma mulher atendeu o telefone.

“Sra. de Peyser?”

Era ela.

“Peço desculpas por ligar em uma situação em que possa haver um equívoco de identidade, sra. de Peyser, mas aqui é Richard Williams, do First National Bank da Califórnia. Temos um pedido de empréstimo de uma srta. Mobley que passou o nome da senhora como referência. Só estou fazendo a verificação de segurança de rotina. A senhora foi mencionada como tia dela.”

“Como o quê? Qual é o nome dela?”

“Alma Mobley. O problema é que ela se esqueceu de dar o endereço e o número de telefone, e há várias outras sra. de Peyser na região, e preciso das informações corretas para o arquivo.”

“Bom, não sou eu! Eu nunca ouvi falar de uma pessoa chamada Alma Mobley, posso garantir.”

“A senhora não tem uma sobrinha chamada Alma Mobley que é estudante de pós-graduação em Berkeley?”

“De jeito nenhum. Sugiro que você procure essa srta. Mobley e pergunte o endereço da tia para não perder seu tempo.”

“Vou fazer isso agora mesmo, sra. de Peyser.”

• • •

O segundo semestre foi como um borrão chuvoso. Tentei escrever um novo livro, mas não consegui. Não sabia o que fazer com a personagem de Alma: ela

era a “La Belle Dame sans Merci”, como Lieberman disse, ou apenas uma garota no limiar da sanidade? Eu não sabia como tratá-la, e o primeiro rascunho tomou caminhos tão errados que poderia ser um exercício do uso de um narrador não confiável. E senti que o livro precisava de outro elemento, algo que eu ainda não conseguia ver, para que funcionasse.

David me ligou em abril. Parecia empolgado, feliz, rejuvenescido como não o ouvia em anos. “Tenho uma notícia incrível”, anunciou ele. “Maravilhosa. Não sei como contar.”

“Robert Redford comprou a história da sua vida para o cinema.”

“O quê? Ah, pare com isso. Não, na verdade é difícil de contar.”

“Por que você não começa do início?”

“Tudo bem. É o que eu vou fazer, espertinho. Dois meses atrás, no dia três de fevereiro” — esse era o advogado trabalhando — “eu estava em Columbus Circle para visitar um cliente. O tempo estava um horror e tive que dividir um táxi para voltar para Wall Street. Isso é péssimo, não é? Mas eu me vi sentado ao lado da mulher mais bonita que eu já tinha visto na vida. Era tão bonita que minha boca ficou seca. Não sei de onde tirei a coragem, mas, quando chegamos ao Park, eu a convidei para jantar. Não costumo fazer coisas assim!”

“Não mesmo.” David era advogado demais para convidar garotas estranhas para sair. Ele nunca tinha ido a um bar de solteiros na vida.

“Bom, essa garota e eu nos demos bem. Eu a vi todas as noites naquela semana. E continuo vendo desde então. Na verdade, nós vamos nos casar. Essa é parte da notícia.”

“Parabéns”, eu disse. “Desejo a você mais sorte do eu tive.”

“Agora é que chegamos na parte difícil. O nome dessa garota impressionante é Alma Mobley.”

“Não pode ser”, falei.

“Espere. Apenas espere. Don, sei que é um choque. Mas ela me contou sobre o que houve entre vocês, e acho essencial que você saiba o quanto ela lamenta tudo o que aconteceu. Nós conversamos muito sobre isso. Ela sabe que magoou seus sentimentos, mas sabia que não era a garota certa para você. E *você* não era certo para *ela*. Além do mais, ela estava mal na Califórnia. Não estava sendo ela mesma, segundo me disse. E tem medo de que você fique com uma ideia errada a seu respeito.”

“É exatamente com isso que fiquei”, falei. “Tudo nela é errado. Ela é uma espécie de bruxa. É destrutiva.”

“Calma aí. Eu vou me *casar* com essa garota, Don. Ela não é a pessoa que você pensa que é. Deus, como nós conversamos sobre isso. Obviamente, você e eu temos que conversar sobre isso entre nós. Na verdade, minha esperança era

que você pudesse pegar um avião para Nova York este fim de semana para podermos ter uma longa conversa e resolver a situação. Eu pagaria a passagem de bom grado.”

“Isso é ridículo. Pergunte sobre Alan McKechnie. Veja o que ela conta. Depois, eu conto a verdade.”

“Não, espere, cara, nós já passamos por tudo isso. Eu sei que ela contou uma versão errada do caso com McKechnie. Você não consegue imaginar como ela ficou arrasada? Por favor, venha até aqui, Don. Nós três precisamos ter uma longa conversa.”

“Não nesta vida”, retruquei. “Alma é uma espécie de Circe.”

“Olha, estou no escritório, mas vou ligar de novo mais para o fim da semana, tá? Temos que acertar as coisas. Não quero que meu irmão guarde sentimentos ruins pela minha esposa.”

Sentimentos ruins? Eu sentia pavor.

Naquela noite, David ligou de novo. Eu perguntei se ele já tinha conhecido Tasker. Ou se sabia sobre Alma e o Xala Xalior Xlati.

“Está vendo? Foi aí que surgiu a ideia errada. Ela inventou essas coisas todas, Don. Estava um pouco abalada aí na Costa Oeste. Além do mais, quem pode levar todas essas coisas a sério? Ninguém aqui em Nova York ouviu falar do X.X.X. Na Califórnia, as pessoas ficam todas incomodadas por besteiras.”

E a sra. de Peyser? Ela disse que eu era terrivelmente possessivo; a sra. de Peyser foi uma maneira que encontrou para que tivesse um tempo para ela.

“Vou perguntar uma coisa, David”, falei. “Às vezes, pelo menos uma vez, você não olhou para ela ou tocou nela e sentiu… uma coisa estranha? Que, por mais que você se sinta atraído por ela, causa nojo?”

“Você só pode estar brincando.”

David não permitiria que eu fugisse do assunto de Alma Mobley, como era meu desejo. Não deixaria para lá. Telefonava de Nova York duas ou três vezes por semana, cada vez mais chateado com minha recusa a ser racional.

“Don, nós temos que conversar sobre isso. Me sinto péssimo por você.”

“Não sinta.”

“Eu não entendo sua atitude. Sei que o seu ressentimento deve ser terrível. Se fosse o contrário e Alma tivesse saído da minha vida e decidido se casar com você, eu estaria péssimo. Mas, se você não admitir esse ressentimento, não vamos conseguir chegar ao ponto de fazer alguma coisa.”

“Eu não tenho ressentimento nenhum, David.”

“Pare com isso, irmãozinho. Temos que conversar sobre isso alguma hora. Alma e eu achamos isso.”

Um dos meus problemas era que eu não sabia até onde as suposições de David estavam corretas. Era verdade que eu nutria um ressentimento em relação a David e de Alma. Mas seria apenas por isso que me causava repulsa pela ideia de que eles se casariam?

Após um mês, mais ou menos, depois de muitas conversas, David ligou para dizer que eu teria "uma folga da perseguição de seu irmão. Tenho um trabalho em Amsterdam e vou passar cinco dias lá a partir de amanhã. Alma não vê Amsterdam desde que era criança e vai comigo. Vou mandar um cartão-postal. Mas me faça um favor e pense sobre nossa situação, tá?"

"Vou me esforçar", eu disse. "Mas você se preocupa demais com o que eu penso."

"O que você pensa é importante para mim."

"Tudo bem", falei. "Tome cuidado."

O que eu queria dizer com *isso*?

Algumas vezes, sentia que David e eu subestimamos o calculismo dela. Eu pensei: e se Alma planejou o encontro com David? E se o procurou deliberadamente? Quando eu considerava essa possibilidade, Gregory Benton e as histórias de Tasker Martin pareciam mais sinistras — como se eles, além de Alma, também estivessem perseguindo David.

• • •

Quatro dias depois, recebi uma ligação de Nova York e fiquei sabendo que David estava morto. Quem ligou foi um dos sócios dele, Bruce Putnam; a polícia holandesa entrou em contato com o escritório.

"Você quer ir até lá, sr. Wanderley?", perguntou Putnam. "Nós gostaríamos de deixar tudo por sua conta de agora em diante. Apenas nos mantenha informados, por favor. Seu irmão era amado e respeitado aqui. Nenhum de nós sabe o que aconteceu. Parece que ele caiu de uma janela."

"Você teve notícias da noiva dele?"

"Ah, existia uma noiva? Imagine só, ele nunca disse nada a respeito. Ela estava com ele?"

"Claro que sim", eu disse. "Deve ter visto tudo. Deve saber o que aconteceu. Vou pegar o primeiro avião."

Havia um avião no dia seguinte para o aeroporto de Schiphol, e fui de táxi até a delegacia de polícia que fez contato com o escritório. O que me disseram pode ser reproduzido com simplicidade: David caiu, atravessando uma janela e passando por cima de uma sacada da altura de seu peito. O dono do hotel ouviu um grito, nada mais; nem vozes, nem discussão. Achavam que Alma pudesse tê-

lo abandonado; quando a polícia entrou no quarto, não havia nenhuma peça de roupa dela no armário.

Fui ao hotel, olhei pela varanda alta de ferro e me virei para abrir o armário de roupas. Havia três dos ternos Brooks Brothers de David pendurados, com dois pares de sapatos embaixo. Contando o que devia estar usando na hora da morte, ele levara quatro ternos e três pares de sapato para uma viagem de cinco dias. Pobre David.

7

Tomei todas as providências para a cremação e, dois dias depois, estava em um crematório frio enquanto o caixão de David deslizava por um trilho até uma cortina verde franjada.

Dois dias depois disso, estava de volta a Berkeley. Meu pequeno apartamento parecia uma cela estranha. Tinha a impressão de que havia me separado de maneira irreversível da pessoa que eu era nos dias em que buscava referências a James Fenimore Cooper no *PMLA*. Comecei a escrever *O Vigilante da Noite*, contando apenas com ideias vagas e nebulosas para a história, e a preparar minhas aulas novamente. Numa noite, liguei para o apartamento de Helen Kayon, pensando em convidá-la para beber alguma coisa para poder conversar sobre Alma e meu irmão, e Meredith Polk me disse que Helen tinha se casado com Rex Leslie na semana anterior. Eu me pegava cochilando de tempos em tempos durante o dia todo e ia para a cama antes das dez; bebia muito, mas não ficava bêbado. Mas, se sobrevivesse ao ano, iria para o México a fim de me deitar ao sol e trabalhar no livro.

E para fugir das minhas alucinações. Uma vez, acordei perto da meia-noite e ouvi alguém andando pela minha cozinha; quando saí da cama para verificar, vi meu irmão David em pé perto do fogão, segurando o bule de chá em uma das mãos. “Você dorme muito, garoto”, disse ele. “Por que não me deixa preparar uma xícara?” Em outra ocasião, quando estava dando aula sobre um livro de Henry James para meu grupo de estudos, eu vi, em uma das cadeiras, não a garota ruiva que sabia que estava lá, mas, novamente, David, com o rosto coberto de sangue e o terno rasgado, assentindo com alegria pela forma inteligente como eu falava sobre o *Retrato de uma Senhora*.

Mas eu tinha mais uma descoberta a fazer antes de poder ir para o México. Um dia, fui à biblioteca e, em vez de procurar a pilha de revistas de crítica literária, fui para a seção de referências e encontrei um exemplar do *Who’s Who*

de 1960. Era um ano quase arbitrário; mas, se Alma tinha vinte e cinco anos quando a conheci, em 1960 deveria ter nove ou dez.

Robert Mobley estava no livro. Pelo que eu consigo lembrar, a referência dele era a seguinte. Eu li e reli e por fim fiz uma cópia.

> MOBLEY, ROBERT OSGOOD, pintor e aquarelista, nascido em New Orleans, La, 23 fev. 1909; filho de Felix Morton e Jessica (Osgood); formado na Universidade de Yale 1927; casou-se com Alice Whitney 27 ago. 1936; filhos: Shelby Adam, Whitney Osgood. Exposto em: Flagler Gallery, Nova York; Winson Galleries, Nova York; Galerie Flam, Paris; Schlegel, Zurich; Galeria Esperance, Roma. Ganhador Golden Palette 1946; South Regional Painters Award 1952, 1955, 1958. Parte do acervo de: Adda May Lebow Museum, New Orleans; Louisiana Fine Arts Museum; Chicago Institute of the Arts; Santa Fe Fine Arts; Rochester Arts Center; muitos outros. Serviu como tenente-comandante USNR, 1941-1945. Membro Golden Palette Society; Southern Regional Arts League; American Water Color Society; American League of Artists; American Academy of Oil Painting. Clubes: Links Golf; Deepdale Golf; Meadowbrook; Century (Nova York); Lyford Cay (Nassau); Garrick (Londres). Autor: *Eu Vim por Aqui*. Casas: Canal Blvd 38957, New Orleans, La; Church Row 18, Londres NW3 RU; "Dans Le Vigne", Route de la Belle Isnard, St. Tropez 83, França.

Esse frequentador de clubes e artista rico teve dois filhos, nenhuma filha. Tudo o que Alma me contou (e presumivelmente também para David) foi inventado. Ela dera um nome falso e história nenhuma; podia muito bem ser um fantasma. Mas então pensei em "Rachel Varney", uma morena de olhos escuros, nadando em dinheiro e com um passado obscuro, e percebi que David era o elemento que faltava no livro que eu tinha tentado escrever.

8

Eu passei quase três semanas escrevendo isso, e tudo o que fiz foi lembrar. Não estou mais perto de entender do que antes.

Mas talvez tenha chegado a uma conclusão tola. Não estou mais tão pronto para rejeitar a ideia de que pode haver alguma conexão entre *O Vigilante da Noite* e o que aconteceu com David e comigo. Eu me vejo na mesma posição da Sociedade Chowder, sem saber mais em que acreditar. Se for convidado a contar uma história para a Sociedade Chowder, vou falar sobre o que escrevi aqui. Este relato da minha história com Alma — não *O Vigilante da Noite* — é a minha história para a Sociedade Chowder. Então talvez eu não tenha desperdiçado meu tempo, afinal; dei a mim mesmo uma base para o livro do dr. Rabbitfoot e estou disposto a mudar de ideia a respeito de uma questão importante — agora, talvez *a* pergunta importante. Quando comecei isto, na noite seguinte ao enterro do dr. Jaffrey, achei que seria destrutivo me imaginar na paisagem e na atmosfera dos

meus próprios livros. Mas… eu não estava naquela paisagem, de volta a Berkeley? Minha imaginação talvez fosse mais literal do que eu pensava.

• • •

Várias coisas estranhas estão acontecendo em Milburn. Aparentemente, um grupo de animais de fazenda, vacas e cavalos, foram mortos por algum tipo de fera — eu ouvi um sujeito na farmácia dizendo que criaturas vindo de um disco voador foram as responsáveis pelas mortes! E, o que é bem mais sério, um homem morreu ou foi assassinado. O corpo foi encontrado perto do desvio de uma ferrovia sem uso. Era um corretor de seguros chamado Freddy Robinson. Lewis Benedikt, em particular, pareceu abalado com a morte dele, embora pareça ter sido acidental. Na verdade, uma coisa bem estranha parece estar acontecendo a Lewis: ele ficou distraído e agitado, quase como se culpasse a si mesmo pelo acontecido com Robinson.

Eu também tenho um sentimento incomum que vou registrar aqui com o risco de me sentir um idiota quando ler futuramente. Essa sensação não tem fundamento nenhum; é mais um palpite do que um *sentimento*. É que, se eu começar a olhar com mais atenção para Milburn e fizer o que a Sociedade Chowder pede, acabarei descobrindo o que fez David voar por cima daquele parapeito em Amsterdam.

• • •

O sentimento mais estranho, porém, o que faz minha adrenalina disparar, é que estou prestes a entrar na minha própria mente. Viajar no território da minha própria escrita, mas desta vez sem o fingimento confortável da ficção. Nada de “Saul Malkin” desta vez; apenas eu.

---

[4] “Abre o jogo de uma vez, rapaz…” [NT]

III.
A cidade

Narciso, olhando para sua imagem no lago, chorou.
Um amigo passando ali o viu e perguntou: "Narciso, por que você chora?".
"Porque meu rosto mudou", disse Narciso.
"Você chora porque está ficando mais velho?"
"Não. Vejo que não sou mais inocente. Estou olhando para mim mesmo há muito e muito tempo e, ao fazer isso, gastei minha inocência."

1

Como Don escrevera no diário enquanto estava no quarto 17 do Archer Hotel e revivia seus meses com Alma Mobley, Freddy Robinson perdeu a vida. E, como Don comentou, três vacas pertencentes a um fazendeiro de gado leiteiro chamado Norbert Clyde foram mortas. O sr. Clyde, ao se dirigir ao celeiro na noite da ocorrência, viu uma coisa que o assustou tanto que ele sentiu como se o corpo tivesse sido privado de ar.

Voltou correndo para casa e só ousou sair quando conseguiu ver a alvorada, quando já era hora de iniciar as tarefas e ele foi obrigado a sair. Sua descrição da figura que ele viu inspirou, entre algumas das almas mais impressionáveis de Milburn, a história de uma criatura em um disco voador que Don ouviu na farmácia. Tanto Walt Hardesty como o agente da secretaria de agricultura do condado, que inspecionaram as vacas mortas, ouviram a história, mas nenhum dos dois era crédulo o bastante para aceitar aquilo. Walt Hardesty, como nós sabemos, tinha ideias próprias; contava com aquilo que considerava um bom motivo para supor que mais alguns animais seriam drenados e pronto, acabaria. A experiência dele com Sears James e Ricky Hawthorne o fez guardar a teoria para si e não a compartilhar com o burocrata do condado, que preferiu deixar passar alguns fatos óbvios, formulando a conclusão de que, em algum lugar por ali, um cachorro enorme se tornara um assassino. Preencheu um relatório a respeito e voltou para a sede administrativa do condado, considerando seu trabalho finalizado. Elmer Scales, que tinha ouvido falar das vacas de Norbert

Clyde e por temperamento se mostrava meio inclinado a acreditar de fato em discos voadores, ficou sentado por três noites seguidas junto à janela da sala, segurando uma espingarda calibre 12 carregada sobre os joelhos (… *você pode ter vindo de Marte, garoto, pode ser, mas vamos ver como brilha quando levar chumbo)*. Ele não poderia ter previsto, tampouco entendido, o que faria com aquela espingarda em dois meses. Walt Hardesty, que precisaria limpar a sujeira de Elmer, estava satisfeito em ir levando as coisas em banho-maria até o próximo acontecimento esquisito e pensar em como poderia fazer os dois advogados se abrirem — eles e o amigo, o sr. Lewis Esnobe Benedikt. Os três sabiam de alguma coisa que não estavam contando, o que incluía também coisas a respeito do amigo mais velho, o sr. John Drogadaço Jaffrey. Eles não encararam de um jeito *normal*, Hardesty disse para si mesmo enquanto se deitava na sala reservada atrás do seu escritório. Ele colocou uma garrafa de County Fair no chão ao lado do colchão. Não, senhor. O sr. Ricky Esnobe Hawthorne Chifrudo e o sr. Sears Roebuck Esnobe James absolutamente não agiram de maneira normal.

Mas Don não sabe, então não poderia incluir no diário, que depois que Milly Sheehan sai da casa dos Hawthorne para voltar para a casa na Montgomery Street, onde morava com John Jaffrey, ela se lembra de uma manhã em que o médico não chegou a instalar os protetores contra tempestades nas janelas, coloca um casaco e sai para tentar fazer isso ela mesma e, enquanto olha com desespero para as janelas (sabendo que nunca vai conseguir levantar as estruturas pesadas tão alto), o dr. Jaffrey contorna a lateral da residência e sorri para ela. Está usando o terno que Ricky Hawthorne escolheu para o enterro, mas sem sapatos e sem meias, e primeiro o choque de vê-lo lá fora descalço é pior do que o outro. “Milly”, diz ele, “mande todos irem embora, mande todos irem embora. Eu vi o outro lado, Milly, e é *horrível.”* A boca dele se move, mas as palavras soam como um filme mal dublado. “*Horrível*. Não deixe de lhes contar agora”, insiste ele, e Milly desmaia. Ela fica apenas alguns segundos apagada e volta a si choramingando, com o quadril doendo por causa da queda, mas, mesmo com medo, não vê pegadas ao lado de onde se encontra e sabe que só estava vendo coisas — ela nunca contaria para ninguém. Pessoas são internadas por coisas assim. “Já chega dessas malditas histórias, e também já chega do *sr*. Sears James”, ela murmura para si mesma antes de se levantar e ir mancando para dentro.

Don, sentado sozinho no quarto 17, obviamente não sabe da maioria das coisas que acontecem em Milburn enquanto faz um passeio de três semanas pelo passado. Ele mal vê a neve, que continua a cair pesadamente; Eleanor Hardie não desliga o aquecimento, assim como não permite que o tapete do saguão

fique por aspirar, então está quente no quarto. Mas, numa noite, Milly Sheehan ouve o vento mudar para o norte e oeste e, ao sair da cama para pegar outro cobertor, vê estrelas entre fiapos de nuvens. De volta à cama, fica escutando o vento soprar mais forte — e depois, mais forte ainda, sacudindo o caixilho da janela, forçando para entrar. A cortina se agita, a janela treme. Quando ela acorda de manhã, encontra neve cobrindo o parapeito.

• • •

E aqui há outros eventos de duas semanas em Milburn, todos os que aconteceram enquanto Don Wanderley, de forma consciente e por vontade própria, evocava o espírito de Alma Mobley:

Walter Barnes estava sentado no carro, no posto de gasolina Esso de Len Shaw, e pensou na esposa enquanto Len enchia o tanque. Christina andava pela casa de cara feia havia meses, olhando para o telefone e queimando comida, e com o tempo Walter começou a achar que ela estava tendo um caso. De forma perturbadora, ainda carregava na mente uma imagem clara de um Lewis Benedikt bêbado fazendo carinho nos joelhos de Christina na trágica festa de Jaffrey, e de uma Christina bêbada permitindo. Era verdade que ela ainda era uma mulher atraente, e ele tinha se tornado um banqueiro gordo de cidade pequena, não o potentado financeiro que pretendia. A maioria dos homens da sua classe em Milburn ficaria feliz de ir para a cama com Christina, mas fazia quinze anos que uma mulher não olhava para ele de um jeito estimulante. Uma infelicidade tomou conta dele. O filho sairia de casa em um ano, e então seriam apenas ele e Christina, fingindo ser felizes. Len tossiu e disse: “Como está sua amiga, a sra. Hawthorne? Achei que ela estava um pouco pálida na última vez que veio aqui. Achei que talvez estivesse pegando gripe”.

“Não, ela está bem”, respondeu Walter Barnes, pensando que Len, como noventa por cento dos homens da cidade, desejava Stella, assim como ele mesmo. O que deveria fazer, pensou, era fugir com Stella Hawthorne; ir para algum lugar como Pago Pago e esquecer sua condição de homem solitário e casado em Milburn. Sem saber que a solidão que de fato o visitaria seria pior do que qualquer coisa que pudesse imaginar e que Peter Barnes, seu filho, estava sentado em outro carro com Jim Hardie enquanto eles rodavam trinta quilômetros por hora acima do limite de velocidade em direção a uma velha taverna, ouvindo Jim, que tinha um metro e noventa, era musculoso e o tipo de garoto descrito quarenta anos antes como um “osso duro de roer” e que botou fogo no antigo celeiro dos Pugh porque tinha ouvido que as irmãs Dedham guardavam os cavalos lá dentro, contar histórias das suas relações sexuais com a nova mulher no hotel, a tal Anna, narrativas que nunca seriam verdadeiras, não

do jeito como Jim as descrevia. Sem saber também que Clark Mulligan estava na cabine de projeção do cinema, assistindo a *Carrie, a Estranha* pela sexagésima vez e preocupado com o que toda aquela neve faria com o negócio dele e se Leota teria alguma outra coisa além de carne moída para jantar e se alguma coisa empolgante voltaria a acontecer com ele. E Lewis Benedikt andava pelas salas da casa enorme, atormentado por um pensamento impossível: que a mulher que apareceu à sua frente na estrada e que ele quase matou era sua esposa morta. A posição dos ombros, o movimento do cabelo… quanto mais pensava naqueles segundos, mais agonizantes e fugidios eles lhe pareciam. E Stella Hawthorne estava deitada em uma cama de hotel com o sobrinho de Milly Sheehan, Harold Sims, perguntando a si mesma se Harold alguma hora pararia de falar: “E então, Stel, uns caras do meu departamento estão pesquisando sobre sobrevivência de mitos entre os ameríndios porque dizem que essa coisa toda de dinâmica de grupo já era, dá para acreditar? Droga, se eu tivesse terminado minha tese quatro anos atrás… agora a coisa toda está fora de moda, Johnson e Leadbeater nem *mencionam* mais Lionel Tiger, estão entrando em trabalho de campo, e outro dia, pelo amor de Deus, um cara me parou no corredor e perguntou se eu tinha lido alguma coisa sobre o manitu… o *manitu*, pelo amor de Deus. Sobrevivência do mito, pelo amor de Deus”.

“O que é um manitu?”, perguntou ela, mas não prestou atenção à resposta, uma história sobre um índio que perseguiu um cervo por dias montanha acima, mas quando chegou no cume o cervo se virou contra ele e não era mais um cervo…

e o encapotado Ricky Hawthorne, dirigindo na Wheat Row certa manhã (ele agora estava com os pneus de neve), viu um homem usando uma japona e um gorro azul batendo em uma criança no lado norte da praça. Reduziu a velocidade e teve tempo de ver os pés descalços do garoto batendo na neve. Por um momento, ficou tão chocado que não conseguiu pensar no que fazer; mas parou, encostou o carro e saiu. “Já chega”, gritou ele, “já chega *mesmo*”, mas o homem e a criança se viraram para encará-lo com uma força tão peculiar que ele baixou o braço e voltou para o carro;

e, na noite seguinte, bebendo chá de camomila, olhou de uma janela do andar de cima e quase largou a xícara ao ver um rosto desesperado o olhando, e que sumiu em um instante quando ele chegou para o lado. No momento seguinte, ele percebeu que era seu próprio rosto;

e Peter Barnes e Jim Hardie saem de um bar, e Jim, que está bem menos bêbado do que Peter, diz *ei, seu merda, tive uma grande ideia,* e ri durante boa parte do caminho até Milburn;

e uma mulher de cabelo preto se senta virada para a janela em um quarto escuro do Archer Hotel e vê a neve cair e sorri para si mesma;

e, às seis e meia da noite, um corretor de seguros chamado Freddy Robinson se tranca na sala, liga para uma recepcionista chamada Florence Quast e diz: “Não, acho que não preciso incomodar nenhum dos dois, acho que a nova secretária deles poderia responder à minha pergunta. Você pode me passar o nome dela? E onde ela está hospedada mesmo?”;

e a mulher no hotel fica sentada sorrindo, e vários outros animais, parte da diversão, são mortos: duas novilhas no celeiro de Elmer Scales (depois de Elmer ter adormecido com a espingarda no colo) e um dos cavalos das irmãs Dedham.

2

Foi assim que Freddy Robinson entrou na história. Ele escrevera a apólice das Dedham, as duas filhas do falecido Coronel e irmãs do também morto havia muito Stringer Dedham. Ninguém se importava muito com as Dedham agora àquela altura. Elas moravam na velha casa na Willow Mile Road, tinham cavalos, mas raramente vendiam e ficavam na delas. Com a mesma idade da maioria dos homens da Sociedade Chowder, não tinham envelhecido bem. Durante anos, falaram com obsessão sobre Stringer, que não morreu imediatamente quando a debulhadora arrancou seus braços, mas ficou deitado na mesa da cozinha, enrolado em três cobertores durante um agosto abafado, balbuciando e desmaiando e balbuciando de novo, até a vida se esvair de seu corpo. As pessoas em Milburn se cansaram de ouvir a respeito do que Stringer estava tentando dizer quando morreu, principalmente porque não fazia muito sentido; nem as irmãs Dedham conseguiam explicar direito — o que queriam saber era se Stringer tinha *visto* alguma coisa, ele estava agitado, e não era tolo o bastante para ficar preso na debulhadora se estivesse com tudo sob controle, certo? E as irmãs pareciam culpar a noiva de Stringer, a srta. Galli, e durante algum tempo sobrancelhas foram erguidas para ela; mas a srta. Galli arrumou as coisas e saiu da cidade, e depois disso as pessoas perderam interesse no que as irmãs Dedham achavam dela. Trinta anos depois, poucas pessoas da cidade se lembravam de Stringer Dedham, que era bonito e um cavalheiro que poderia ter transformado os cavalos em um bom negócio, e não apenas um hobby desinteressado para duas mulheres idosas, e as irmãs Dedham se cansaram da própria obsessão — depois de tantos anos, não tinham tanta certeza do que Stringer estava tentando dizer sobre a srta. Galli —, e decidiram que os cavalos

eram amigos mais leais do que o povo de Milburn. Vinte anos depois disso, ainda estavam vivas, mas Nettie sofria de uma paralisia por causa de um derrame, e a maioria dos jovens de Milburn nunca tinha visto nenhuma das duas.

Freddy Robinson passou pela fazenda delas num dia não muito tempo depois de ter ido morar em Milburn, e o que o fez dar ré e entrar no terreno foi o nome na caixa de correio, Cel. T. Dedham — ele não sabia que Rea Dedham repintava o nome do pai na caixa a cada dois anos. Apesar de o coronel Thomas Dedham ter morrido de malária em 1910, ela era supersticiosa demais para tirar o nome de lá. Rea explicou para ele e ficou tão feliz de ter um jovem vigoroso do outro lado da mesa que comprou um seguro no valor de três mil dólares. O que protegeu com a apólice foram os cavalos. Estava pensando em Jim Hardie, mas não contou isso para Freddy Robinson. Jim Hardie não prestava, e guardava um ressentimento das irmãs desde que Rea o enxotou do celeiro dos cavalos quando ele era um garotinho. Pelo que o jovem Robinson explicou, um seguro simples era do que ela precisava, para o caso de Jim Hardie voltar com um galão de gasolina e um fósforo.

• • •

Naquela época, Freddy era um corretor iniciante, e sua ambição era se tornar membro da Million Dollar Roundtable. Oito anos depois, estava perto de chegar lá, mas não fazia mais diferença — ele sabia que, se morasse em uma cidade maior, teria conseguido bem antes. Tinha ido a conferências e convenções e encontros de vendas suficientes para achar que sabia a maior parte do que havia para saber a respeito de seguros. Conhecia o funcionamento do negócio e sabia como vender seguro de vida e de imóveis para um fazendeiro assustado e jovem cuja alma pertencia ao banco e cujo pé-de-meia tinha desaparecido em um sistema novo de ordenha… Um sujeito assim precisava muito de seguro. Mas oito anos morando em Milburn mudaram Freddy Robinson. Ele não tinha mais orgulho de sua capacidade de vender, pois aprendera que se apoiava em uma forma de explorar o medo e a ganância; ele aprendeu, meio sem perceber, a desprezar a maioria dos colegas vendedores, ou, na expressão da empresa, os “Espantosos”.

Não foi o casamento nem seus filhos os responsáveis pelas mudanças em Freddy, mas morar em frente à casa de John Jaffrey. No começo, pensou que os coroas que via entrando uma vez por mês, mais ou menos, eram cômicos, com aparência incrivelmente presunçosa. Fraque! Pareciam inacreditavelmente sérios, quatro Matusaléns alongando o tempo.

Mas começou a reparar que, depois de ir a reuniões de vendas em Nova York, voltava aliviado; o casamento estava indo mal (ele percebeu que sentia

atração pelas garotas do ensino médio, com as quais sua esposa se parecia antes dos dois filhos), mas seu lar era mais do que a Montgomery Street, era toda Milburn, e boa parte da cidade era mais tranquila e bonita do que qualquer outro lugar onde ele tivesse morado. Gradualmente, sentiu que tinha um relacionamento secreto com Milburn; sua esposa e seus filhos eram eternos, mas Milburn era um oásis temporário de descanso, não o remanso provinciano que imaginara de início. E uma vez, em uma conferência, um novo agente sentado ao lado dele tirou o crachá de Espantoso e largou-o na mesa, dizendo: "Posso aguentar quase tudo, mas essa merda de Mickey Mouse me deixa louco".

Mais dois eventos, tão irrelevantes quanto esses, ajudaram na conversão de Freddy. Certa noite, quando andava sem destino por Milburn, passou pela casa de Edward Wanderley, na Haven Lane, e viu a Sociedade Chowder pela janela. Eles estavam sentados ali, seus Matusaléns, conversando; um levantou a mão e outro sorriu. Freddy estava solitário, e eles pareciam muito próximos. Ele parou para olhar. Desde que se mudou para Milburn, foi de 26 a 31, e os homens não pareciam mais tão velhos. Enquanto permaneciam iguais, Freddy envelheceu e foi se aproximando deles. Não eram grotescos, mas dignos. Além do mais, uma coisa que nunca tinha considerado, estavam se divertindo. Ele se perguntou sobre o que poderiam estar falando e foi tomado pela sensação de que era uma coisa *secreta*, que não era trabalho, nem esporte, nem sexo ou política. Deu-se conta de que a conversa deles seria de um tipo que ele nunca tinha ouvido. Duas semanas depois, levou uma das garotas do ensino médio a um restaurante em Binghamton e viu Lewis Benedikt do outro lado do salão com uma das garçonetes do bar de Humphrey Stalladge. (As duas recusaram docemente os avanços de Freddy.) Tinha começado a invejar a Sociedade Chowder; em pouco tempo, começaria a amar o que achava que eles representavam, uma forma de combinar civilização com bons momentos tranquilos.

Lewis era o foco dos sentimentos de Freddy. Mais próximo de sua idade do que os outros, revelava o que Freddy poderia se tornar.

Ele olhava seu ídolo no Humphrey's Place e reparava como erguia as sobrancelhas quando respondia a uma pergunta e como inclinava a cabeça para o lado com frequência quando sorria; como usava os olhos. Freddy começou a imitar esses maneirismos. Também copiou o que achava que era o padrão sexual de Lewis, mas diminuindo as idades das garotas dele, que tinham 25 ou 26, para dezessete ou dezoito, a idade das meninas que lhe interessavam. Comprava paletós como os que via Lewis usando.

Quando o dr. Jaffrey o convidou para a festa de Ann-Veronica Moore, Freddy achou que as portas do paraíso lhe tinham sido abertas. Visualizou uma noite tranquila, a Sociedade Chowder, ele e a atriz, e disse para a esposa ficar em

casa; quando se viu em meio aos convidados, começou a se comportar como um tolo. Ficou no andar de baixo, tímido e decepcionado demais para se aproximar dos homens mais velhos de quem queria ser amigo; ficou de olho em Stella Hawthorne; quando finalmente reuniu coragem para abordar Sears James, que sempre o apavorara, pegou-se falando sobre seguros, como se por uma maldição. Depois que o corpo de Edward Wanderley foi descoberto, Freddy foi embora com os outros convidados.

Depois do suicídio do dr. Jaffrey, Freddy ficou desesperado. A Sociedade Chowder estava se desintegrando antes de ele ter a chance de provar que era digno dela. Naquela noite, viu o Morgan de Lewis parar na frente da casa do médico e correu para consolá-lo, a fim de causar uma boa impressão. Mas, novamente, não deu certo. Ele estava nervoso demais, tinha brigado com a esposa e não conseguiu deixar de falar sobre seguros; perdeu Lewis novamente.

• • •

Portanto, sem saber nada sobre o que Stringer Dedham poderia ter tentado descrever para as irmãs enquanto morria de hemorragia em um cobertor na mesa da cozinha, Freddy Robinson, cujos filhos já eram como estranhos barulhentos e cuja esposa queria o divórcio, não tinha ideia do que viria pela frente quando Rea Dedham ligou certa manhã e disse que ele tinha que ir até a fazenda. Mas ele achava que aquilo que viu lá, um pedaço de lenço de seda preso e tremulando em uma cerca de arame, seria um jeito de conseguir a companhia graciosa dos amigos de quem precisava.

Primeiramente pareceu outra manhã qualquer de trabalho, outra questão cansativa a ser resolvida. Rea Dedham o fez esperar dez minutos na varanda gelada. De tempos em tempos, ele ouvia um cavalo relinchando no estábulo. Por fim, ela apareceu, enrugada e encolhida em um xale xadrez por cima do vestido, dizendo que sabia quem foi, sim, senhor, ela sabia, mas tinha lido a apólice e não constava em lugar nenhum que a pessoa não receberia o dinheiro se soubesse, dizia? E ele gostaria de um café?

“Sim, obrigado”, respondeu Freddy, tirando uns papéis da pasta. “Agora, se pudéssemos preencher esses formulários de queixa, a empresa já poderia começar a trabalhar neles assim que possível. Vou dar uma olhada nos danos, claro, srta. Dedham. Houve algum tipo de acidente?”

“Eu já falei”, disse ela. “Eu sei quem foi. Não foi acidente. O sr. Hardesty também está vindo, então você vai ter que esperar.”

“Então é um caso de perda criminal”, falou Freddy, marcando um quadrinho em um dos papéis. “A senhora pode me contar nas suas próprias palavras?”

“São as únicas palavras que tenho, sr. Robinson, mas você vai esperar o sr. Hardesty chegar. Estou velha demais para dizer tudo duas vezes. E não vou sair naquele frio duas vezes, nem mesmo por dinheiro. Brrr!” Ela abraçou a si mesma com os braços ossudos e tremeu teatralmente. “Agora você se sente e tome um pouco de café.”

Freddy, que estava segurando desajeitadamente os papéis, a caneta e a pasta, procurou uma cadeira vazia. A cozinha das irmãs Dedham era uma caverna suja e cheia de tralhas. Em uma cadeira havia dois abajures, em outra uma pilha de exemplares d’*O Urbanita* tão velhos que estavam amarelados. Um espelho alto adornado por uma moldura entalhada com desenhos de folhas em uma parede refletia sua imagem, uma figura de burocrática incompetência submersa em papéis desordenados. Ele recuou até uma parede escura, abaixou-se e derrubou uma caixa de papelão com o traseiro. A coisa caiu no chão com um estrondo alto. O único ponto de luz do sol no aposento o iluminava. “Céus”, disse Rea Dedham, dando de ombros. “Que barulheira!” Freddy esticou as mãos com cautela e arrumou os papéis no colo. “Cavalo morto, é isso?”

“É isso. Vocês me devem dinheiro… *muito* dinheiro, pelo que eu sei.”

Freddy ouviu alguma coisa pesada se arrastando pela casa na direção da cozinha e deu um grunhido silencioso. “Vou começar os detalhes preliminares”, falou ele, inclinando-se para não ter que olhar para Nettie Dedham.

“Nettie quer dizer oi”, avisou Rea. Ele teve que olhar de qualquer modo.

Um momento depois, a porta se abriu para o lado de dentro, deixando entrar uma pilha de cobertores em uma cadeira de rodas. “Oi, srta. Dedham”, disse Freddy, levantando-se parcialmente e segurando a pasta com uma das mãos, os papéis com a outra. Ele olhou para ela rapidamente e voltou para os papéis.

Nettie fez um ruído. A cabeça dela parecia ser basicamente uma boca escancarada. Nettie estava coberta até o queixo por cobertores, e sua cabeça se mantinha repuxada para trás por uma limitação terrível dos músculos, de forma que a boca ficava sempre aberta.

“Você se lembra do gentil sr. Robinson”, disse Rea para a irmã, colocando xícaras de café na mesa. Aparentemente, Rea fazia todas as refeições de pé, pois não fez menção de que pretendia se sentar. “Ele vai conseguir o dinheiro pelo pobre Chocolate. Está preenchendo os formulários agora, não? Está preenchendo os formulários.”

“*Ceo*”, balbuciou Nettie, balançando a cabeça ao falar. “*Dieo*.”

“Conseguir nosso dinheiro, isso mesmo”, disse Rea. “Não tem nada de errado com Nettie, sr. Robinson.”

“Claro que não”, concordou ele, afastando o olhar novamente. Seus olhos encontraram um tordo empalhado embaixo de um domo de vidro, cercado de

folhas marrons. “Vamos aos negócios, certo? Pelo que entendi, o nome do animal era…”

“O sr. Hardesty chegou”, anunciou Rea. Freddy ouviu outro carro se aproximando e colocou a caneta sobre os papéis no colo. Olhou com desconforto para Nettie, que estava mexendo a boca e olhando com expressão sonhadora para o teto manchado. Rea colocou a xícara na mesa e começou a caminhar até a porta. *Lewis abriria para ela*, pensou ele, ainda segurando a pilha desajeitada de papéis.

“Sente-se, pelo amor de Deus”, disse rispidamente a mulher.

As botas de Hardesty ressoaram na neve, subindo na varanda. Ele bateu duas vezes até Rea conseguir chegar à porta.

Freddy já tinha visto Walt Hardesty no Humphrey’s Place vezes demais, seguindo para a salinha dos fundos às oito e saindo à meia-noite, para respeitá-lo como um xerife. Parecia um fracassado mal-humorado, o tipo de policial que gostaria de usar a coronha da arma na cabeça de alguém. Quando Rea abriu a porta, Hardesty estava na varanda com as mãos nos bolsos, os óculos de sol como uma armadura sobre os olhos, e não fez menção de entrar. “Oi, srta. Dedham”, falou ele. “Bom, onde está seu problema?”

Rea puxou o xale com força em volta do corpo e passou pela porta. Freddy hesitou por um momento e percebeu que ela não voltaria; largou os papéis na cadeira e foi atrás. Nettie balançou a cabeça para Freddy quando ele passou.

“Eu sei quem foi”, ele a ouviu dizer para Hardesty enquanto andava na direção deles. A voz da senhora idosa estava alta e indignada. “Foi aquele Jim Hardie, foi ele.”

“Ah, é?”, disse Hardesty. Freddy se juntou a eles, e o xerife lhe fez um aceno por cima da cabeça de Rea. “Não demorou para você chegar aqui, sr. Robinson.”

“Papelada da empresa”, murmurou Freddy. “Papelada oficial.”

“Homens como você sempre estão cheios de papéis até o rabo”, disse Hardesty e deu um sorriso tenso.

“Foi Jim Hardie, com certeza”, insistiu Rea. “Aquele garoto é maluco.”

“Bom, nós vamos verificar isso”, disse Hardesty. Eles estavam quase no estábulo. “Foi a senhora que encontrou o animal morto?”

“Temos um garoto agora”, disse Rea. “Ele vem dar comida e água e trocar o feno. É bicha”, acrescentou ela, e Freddy levantou a cabeça de repente, com surpresa. Agora sentia o cheiro do estábulo. “Ele encontrou Chocolate na baia dele. São seiscentos dólares em carne de cavalo, sr. Robinson, independentemente de quem tenha sido.”

“Hã, como a senhora chegou a esse número?”, perguntou Freddy. Hardesty estava abrindo as portas do estábulo. Um cavalo relinchou, outro chutou a porta

da baia. Aos olhos destreinados de Freddy, todos aqueles animais pareciam perigosos. Os lábios e olhos enormes faiscavam para ele.

"Porque o pai dele foi General Hershey e a mãe foi Sweet Tooth, e eram dois cavalos ótimos, é por isso. Poderíamos ter vendido General Hershey como procriador em qualquer lugar. Ele parecia Seabiscuit, Nettie dizia."

"*Seabiscuit*", Hardesty repetiu baixinho.

"Você é novo demais para se lembrar dos cavalos bons", falou Rea. "Anote isso tudo nos seus papéis. Seiscentos dólares." Ela os estava conduzindo pelo estábulo, e os cavalos nas baias recuaram ou balançaram a cabeça, de acordo com sua natureza.

"Esses animais não estão muito limpos", disse Hardesty. Freddy olhou com mais atenção e viu uma mancha enorme de lama seca na lateral de um cavalo cinzento.

"Arredios", disse Freddy.

"Um diz que eles são arredios, o outro diz que estão sujos. Eu estou *velha* demais, esse é o problema. Bom, aqui está o pobre Chocolate." A declaração foi desnecessária; os dois homens estavam olhando por cima da porta da baia para um animal grande e avermelhado no chão coberto de feno. Para Freddy, pareceu o corpo de um rato enorme.

"Inferno", praguejou Hardesty, e abriu a porta da baia. Ele passou por cima das pernas rígidas e começou a montar no pescoço. O cavalo da baia ao lado relinchou, e Hardesty quase caiu. "Inferno." Ele se ajeitou, apoiando um braço na lateral de madeira da baia. "Inferno, consigo ver daqui." Ele esticou a mão até o nariz do cavalo e puxou a cabeça toda na direção dele.

Rea Dedham gritou.

• • •

Os dois homens meio que carregaram e meio que arrastaram a mulher pelo estábulo, passando por duas fileiras de cavalos apavorados. "Calma, calma", ficava repetindo Hardesty, como se a velha senhora fosse um cavalo.

"Quem faria uma coisa assim?", perguntou Freddy, ainda chocado pela visão do ferimento comprido no pescoço do cavalo.

"Norbert Clyde alega que são marcianos. Diz que viu um. Você não ouviu falarem disso?"

"Ouvi alguma coisa", admitiu Freddy. "Você vai verificar onde Jim Hardie estava ontem à noite?"

"Amigo, eu ficaria bem mais feliz se as pessoas não me dissessem como fazer meu trabalho." Ele se inclinou sobre a senhora idosa. "Srta. Dedham, está

mais calma agora? Quer se sentar?” Ela assentiu, e Hardesty disse para Freddy: “Vou segurá-la, e você abre a porta do meu carro”.

Eles a colocaram no banco do carro, as pernas para fora. “Pobre Chocolate, pobre Chocolate”, gemeu ela. “Que horror… pobre Chocolate.”

“Tudo bem, srta. Dedham. Agora, quero dizer uma coisa.” Hardesty se inclinou para a frente e apoiou um pé no carro. “Jim Hardie não fez isso, está ouvindo? Jim Hardie estava tomando cerveja com Pete Barnes ontem. Eles foram até um bar fora de Glen Aubrey, e verificamos que ficaram lá até quase duas da madrugada. Sei sobre sua briguinha com Jim, então perguntei por aí.”

“Ele poderia ter feito isso depois das duas”, disse Freddy.

“Ele ficou jogando cartas com Peter Barnes até o amanhecer. É o que Pete diz, pelo menos. Jim anda passando muito tempo com Pete Barnes, mas acho que o garoto dos Barnes não faria uma coisa assim e nem acobertaria quem pudesse ter feito, não acha?”

Freddy sacudiu a cabeça.

“E, quando Jim não está com o garoto dos Barnes, está com aquela moça nova, você sabe quem é. A bonita, que parece modelo.”

“Sei de quem você está falando. Quer dizer, eu a vi.”

“É. Então, ele não matou esse cavalo, assim como não matou as ovelhas de Elmer Scales. O agente da secretaria da agricultura diz que foi um cachorro assassino. Então, se você vir um cachorro grande voador com dentes em formato de lâminas, acho que é ele.” Ele lançou um olhar cheio de intensidade para Freddy e se virou para Rea Dedham. “Está pronta para entrar agora? Está frio demais aqui para alguém da sua idade. Vou levar a senhora para dentro e trazer umas pessoas para se livrarem daquele cavalo.”

Freddy deu um passo para trás, sentindo repulsa por Hardesty. “Você sabe que não foi um cachorro.”

“Sei.”

“Então o que acha que foi? O que está acontecendo?” Ele olhou ao redor, sabendo que estava deixando passar alguma coisa. Então percebeu, e abriu a boca no momento em que viu um pedaço brilhante de tecido colorido balançando na cerca de arame perto do estábulo.

“O que você está querendo me dizer?”

“Não tinha sangue”, disse Freddy, olhando para o tecido.

“Que bom que você reparou. Um agente da secretaria de agricultura decidiu não notar. Você vai me ajudar com essa senhora?”

“Eu deixei uma coisa cair lá”, disse Freddy, andando na direção do estábulo. Ele ouviu Hardesty grunhir e pegar a srta. Dedham e, quando chegou ao estábulo, se virou e o viu levando-a pela porta. Freddy foi até a cerca e puxou o

pedaço de pano que estava preso ali: seda. Foi arrancado de um lenço, e ele sabia onde o tinha visto.

Freddy começou a planejar, embora essa não fosse a palavra que ele escolheria.

Em casa, depois de datilografar seu relatório e enviar com os formulários assinados para o escritório principal, ele ligou para o número de telefone de Lewis Benedikt. Não sabia direito o que diria; porém achava que conseguira a chave que vinha procurando.

"Alô, Lewis", disse ele. "Oi, como está? É Freddy."

"Freddy?"

"Freddy Robinson. Você sabe."

"Ah, sim."

"Hã, você está ocupado agora? Eu queria conversar sobre uma coisinha."

"Pode falar", disse Lewis, de forma não muito promissora.

"Tudo bem. Se eu não estiver tomando seu tempo?… Certo. Sabe aqueles animais que foram mortos? Você soube que tivemos outro caso? Um dos cavalos velhos das irmãs Dedham, eu fiz a apólice dele. Bom, não acho que tenha sido morto por um marciano. Você acha?" Ele fez uma pausa, mas Lewis não disse nada. "Isso é loucura. Hã, olha, aquela mulher que acabou de se mudar para a cidade, a que às vezes anda com Jim Hardie, ela não está trabalhando para Sears e Ricky?"

"Eu ouvi falar a respeito", respondeu Lewis, e Freddy percebeu, pela sua voz, que deveria ter dito Hawthorne & James em vez de Sears e Ricky.

"Você a conhece?"

"Nem um pouco. Posso perguntar aonde você quer chegar?"

"Bom, acho que existem mais coisas acontecendo do que o xerife Hardesty imagina."

"Você pode se explicar, Freddy?"

"Não por telefone. Podemos nos encontrar para conversar? É que achei uma coisa na casa das Dedham e só queria mostrar para Hardesty depois de ter falado com você e talvez, hã, com o sr. Hawthorne e o sr. James."

"Freddy, não tenho ideia do que você está dizendo."

"Bom, para falar a verdade, eu também não tenho muita certeza, mas eu queria me encontrar com você, tomar umas cervejas e discutir algumas ideias. Ver o que podemos concluir a partir disso."

"Disso o que, pelo amor de Deus?"

"De algumas ideias que tenho. Acho vocês todos incríveis, sabe, e quero que saibam que, se houver algum tipo de problema aparecendo…"

“Freddy, eu tenho todos os seguros de que preciso”, disse Lewis. “Não estou com cabeça para sair. Desculpe.”

“Bom, que tal eu encontrar você no Humphrey’s Place, então? Podemos conversar lá.”

“É uma possibilidade”, disse Lewis e desligou.

Freddy colocou o telefone no lugar, satisfeito por ter plantado ganchos suficientes em Lewis por ora. Lewis acabaria ligando de volta quando pensasse em tudo o que ele contou. Claro que, se tudo o que estava dizendo era verdade, era seu dever procurar Hardesty, mas havia bastante tempo para isso — ele queria pensar nas implicações antes de falar com a polícia. Queria ter certeza de que a Sociedade Chowder estava protegida. Seus pensamentos foram mais ou menos nesta ordem: ele viu o lenço, cujo pedaço foi rasgado, em volta do pescoço da garota que Hardesty chamava de “aquela moça nova”. Ela usou o lenço no Humphrey’s Place em um encontro com Jim Hardie. Rea Dedham desconfiava que Jim Hardie tinha matado o cavalo; Hardesty disse qualquer coisa sobre uma “briga” entre Hardie e as irmãs Dedham. O lenço provava que a garota esteve lá, então por que Hardie também não estaria? E se esses dois tiveram algum motivo para matar o cavalo, por que não poderiam ter matado os outros animais? Norbert Clyde viu uma forma grande, com algo peculiar nos olhos. Podia ter sido Jim Hardie sob um raio de luar. Freddy tinha lido sobre bruxas modernas, mulheres malucas que juntavam homens em covis. Talvez essa garota nova fosse assim. Jim Hardie era material para qualquer maluca que chegasse na cidade, mesmo que a mãe nunca percebesse. Mas a reputação da Sociedade Chowder ficaria maculada se isso tudo fosse verdade, se a notícia se espalhasse. Hardie poderia ser calado, mas a garota teria que ser paga e obrigada a ir embora.

Ele esperou por dois dias cheios de ansiedade que Lewis retornasse a ligação.

Como Lewis não entrou em contato, Freddy decidiu que o momento de ser agressivo tinha chegado e mais uma vez ligou para o número dele.

“Sou eu de novo, Freddy Robinson.”

“Ah, sim”, disse Lewis, já distante.

“Eu realmente acho que deveríamos nos encontrar. Certo? Sinceramente, Lewis, acho que deveríamos. Estou pensando no melhor para você.” E, procurando um apelo irrecusável: “E se o próximo corpo for humano, Lewis? Pense nisso”.

“Você está me ameaçando? Que diabos está dizendo?”

“Claro que não.” Ele ficou paralisado. Lewis o tinha interpretado do jeito errado. “Escute, que tal amanhã à noite?”

“Vou caçar guaxinins”, disse Lewis imediatamente.

“Nossa”, disse Freddy, assustado por essa nova faceta do ídolo. “Eu não sabia que você fazia isso. Você caça guaxinins? Que legal, Lewis.”

“É relaxante. Eu saio com um velho amigo que tem uns cachorros. Nós passeamos e passamos um tempo na floresta. É legal para quem gosta.” Freddy ouviu a infelicidade na voz de Lewis e ficou perturbado demais para responder por um momento. “Então tchau”, arrematou Lewis e desligou.

Freddy olhou para o telefone, abriu a gaveta onde tinha colocado o pedaço do lenço e olhou para o tecido. Se Lewis podia ir caçar, ele também podia. Sem saber direito por que achava necessário, foi até a porta do escritório e a trancou. Vasculhou a memória até achar o nome da mulher idosa que trabalhava de recepcionista na firma de advocacia: Florence Quast. Em seguida, pegou o número dela na lista telefônica e intrigou a velha senhora com uma longa história sobre uma apólice inexistente. Quando ela sugeriu que ligasse para o sr. James ou para o sr. Hawthorne, ele falou: “Não, acho que não preciso incomodar nenhum dos dois, creio que aquela garota nova possa responder minhas perguntas. Você poderia me dar o nome dela? E dizer onde está hospedada?”.

(Você está pensando, Freddy, que ela vai morar na sua casa em breve? E foi por isso que trancou a porta do escritório? Você queria deixá-la de fora?)

Horas depois, ele massageou a testa, abotoou o paletó, limpou as palmas das mãos na calça e ligou para o Archer Hotel.

“Sim, eu ficaria feliz em vê-lo, sr. Robinson”, disse a garota, parecendo muito calma.

(Freddy, você não está mesmo com medo de encontrar uma garota bonita para uma conversa à noite, está? Qual é o seu problema, afinal? E por que ficou com a sensação de que ela sabia exatamente o que você ia dizer?)

3

Entendeu a questão?, perguntou Harold Sims a Stella Hawthorne, acariciando distraidamente o seio direito dela. Entendeu? É só uma história. É o tipo de coisa de que meus colegas gostam agora. Histórias! A questão dessa coisa que o índio estava perseguindo é sua necessidade de se mostrar — a coisa não resiste à tentação se identificar — e não é apenas má, mas também vaidosa. E eu tenho que contar histórias de terror idiotas assim, histórias idiotas como um imbecil…

• • •

“Tudo bem, Jim, qual é a história?”, perguntou Peter Barnes. “Qual é essa sua grande ideia?” O ar frio que entrava no carro de Jim Hardie o deixou consideravelmente mais sóbrio. Agora, quando se concentrava, ele conseguia ver os quatro raios amarelos dos faróis se juntando em dois. Jim Hardie ainda estava rindo — uma gargalhada cruel e determinada, e Peter soube que Jim faria alguma coisa com alguém, quer ele estivesse junto ou não.

“Ah, ótimo”, disse Hardie e apertou a buzina. Mesmo no escuro, o rosto dele era uma máscara vermelha na qual os olhos eram pequenas fendas. Era assim que Jim Hardie ficava quando estava fazendo as coisas mais absurdas e, sempre que Peter Barnes parava para pensar direito no assunto, ficava agradecido pela perspectiva de, dali a um ano, ir embora para a faculdade e para longe de um amigo que podia ficar com uma cara de maluco desse jeito. Jim Hardie, bêbado ou estimulado de qualquer outra forma, era capaz de loucuras assustadoras. O que era quase admirável ou ainda mais assustador era que ele nunca perdia a eficiência física ou verbal, por mais alcoolizado que estivesse. Mais ou menos bêbado, como agora, nunca arrastava as palavras e nem cambaleava. Totalmente embriagado, era pura anarquia. “Nós vamos destruir coisas”, disse ele.

“Legal”, disse Peter. Ele sabia que não deveria protestar. Além do mais, Jim sempre se safava de tudo o que fazia. Desde que eles se conheceram, no ensino fundamental, Jim Hardie conseguia escapar das encrencas com sua lábia; ele era louco, mas não era burro. Nem Walt Hardesty conseguiu alguma coisa contra ele, mesmo depois de ter colocado fogo no antigo celeiro dos Pugh porque a burra da Penny Draeger lhe disse para ele que as irmãs Dedham, que Jim odiava, estavam usando o local como estábulo.

“Seria uma boa ganhar alguns sorrisos antes de você ir para Cornell, né?”, disse Jim. “Seria bom ganhar todos os que você puder, porque ouvi falar que aquele lugar é um buraco.” Jim sempre disse que não via sentido em fazer faculdade, mas às vezes mostrava que se ressentia da aceitação antecipada de Peter em Cornell. Peter sabia que Jim Hardie queria mesmo era que eles continuassem provocando o caos, tendo dezoito anos para sempre.

“Milburn também”, disse Peter.

“Tem razão, meu filho. Sem dúvida nenhuma. Mas pelo menos vamos animar a cidade, hein? É isso o que vamos fazer hoje, Priscilla. E, se você achava que ia ficar sóbrio durante nossas aventuras, seu velho amigo James cuidou disso.” Hardie abriu o casaco e tirou uma garrafa de bourbon. “Mãos leves, seu merda, mãos leves.” Ele abriu a tampa com uma das mãos, bebendo enquanto dirigia, e seu rosto ficou vermelho e rígido. “Quer um trago?”

Peter fez que não com a cabeça; o cheiro o deixou enjoado.

“O idiota do barman virou as costas, né? *Zum*. O babaca sabia que tinha sumido, mas foi bundão demais para dizer alguma coisa. Quer saber de uma coisa, Peter? É deprimente não ter um adversário melhor para enfrentar.” Ele riu, e Peter Barnes também.

“Bom, e o que a gente vai fazer?”

Hardie passou a garrafa, e dessa vez ele bebeu. Os faróis dançaram e se tornaram quatro novamente, então ele sacudiu a cabeça, fazendo com que voltassem a ser apenas dois.

“Rá! Nós vamos espiar, meu rapaz. Nós vamos dar uma espiada na moça.” Hardie pegou a garrafa e bebeu, e um pouco de bourbon escorreu pelo queixo dele.

“Espiar? Tipo coisa de espião?” Ele virou a cabeça para Hardie, que obviamente poderia continuar bebendo até de manhã e durante o dia seguinte, tornando-se cada vez menos previsível.

“Espiar. Olhar. Dar uma xeretada. Se não gostar da ideia, pode pular do carro.”

“Uma moça?”

“Bom, não um cara, seu merda.”

“Como? Vamos nos esconder em um arbusto e olhar…”

“Não exatamente. Não exatamente. Tem um lugar bem melhor.”

“Quem?”

“Aquela puta do hotel.”

Peter estava agora mais confuso do que nunca. “Aquela de quem você estava falando? A de Nova York?”

“É.” Jim contornou a praça e passou pelo hotel sem nem se dar ao trabalho de olhar.

“Achei que você estivesse comendo ela.”

“Ah, eu menti, cara. E daí? Eu exagero um pouco. A verdade é que ela nunca me deixou botar a mão nela. Desculpa por ter inventado uma aventurinha com ela, tá? Ela me fez me sentir um babaca. Fui com ela ao Humphrey’s, usei minhas melhores cantadas… Bom, eu quero dar uma espiada nela sem ela saber que estou lá.” Jim se inclinou para a frente e parou de olhar para a rua por uma quantidade irresponsável de tempo, tateando embaixo do assento. Quando corrigiu a postura, estava sorrindo largamente e segurando um telescópio de metal. “Com isto. É um telescópio e tanto, moleque. Custou sessenta pratas na Maçã.”

“Humm.” Peter voltou a se ajeitar no banco. “É a coisa mais imunda que já ouvi.”

Um instante depois, percebeu que Jim estava parando o carro. Ele inclinou o corpo para a frente e olhou pela janela.

“Ah, não. Aqui, não.”

“É aqui, cara. Anda logo.”

Hardie o empurrou com o ombro, e Peter abriu a porta, meio que rolando para fora do carro. A catedral de St. Michael se erguia à frente deles, enorme e austera na escuridão.

• • •

Os dois garotos ficaram tremendo dentro dos casacos junto a uma porta lateral da catedral. “O que você vai fazer agora? Arrombar a porta com um chute? Tem cadeado, caso você não tenha reparado.”

“Cala essa boca. Eu trabalho em um hotel, lembra?” Hardie pegou um monte de chaves presas em uma argola embaixo do casaco. A outra mão estava segurando o telescópio e a garrafa. “Vá até ali mijar enquanto eu experimento as chaves.” Ele colocou a garrafa no degrau e se inclinou em direção ao cadeado.

Peter foi caminhando junto à lateral longa e cinzenta da igreja. Daquele lado, parecia uma prisão. Ele abriu o zíper, começou a mijar, fazendo subir uma fumacinha, cambaleou e molhou as botas. Em seguida, se encostou na igreja com um braço, ficou parado como se estivesse refletindo e vomitou silenciosamente entre os pés. O vômito também soltou fumaça. Ele já estava pensando em voltar a pé para casa quando Jim Hardie chamou: “Venha, Clarabelle”. Ele se virou, e ali estava Hardie, sorrindo para ele, balançando as chaves e a garrafa ao lado de uma porta aberta. Parecia uma das gárgulas na fachada da catedral.

“Não”, disse ele.

“Anda *logo*. Ou você não tem pentelhos no saco?”

Peter começou a andar, e Hardie esticou a mão e o empurrou pela porta.

Do lado de dentro, a catedral estava fria e escura, uma escuridão submarina. Peter parou, os pés nas pedras, sentindo um espaço enorme ao redor. Estendeu as mãos e tocou o ar gelado. Atrás, ouviu Jim Hardie reunindo todas as coisas que tinha. “Ei, onde está sua maldita mão? Tome, pegue isto.” O telescópio foi colocado na palma da mão dele. Os passos de Hardie se afastaram para o lado, estalando no piso de pedra.

Ele se virou e viu o cabelo de Hardie balançando na escuridão. “Anda. Tem uma escada em algum lugar aqui…”

Peter deu um passo e esbarrou em uma espécie de banco.

“Quieto.”

“Não estou vendo você!”

“Merda. Aqui.” Houve um movimento na escuridão. Ele entendeu que Jim estava acenando e se deslocou com cuidado na sua direção.

“Está vendo a escada? Vamos subir por ela. Até uma espécie de sacada.”

“Você já fez isso”, comentou Peter, impressionado.

“Claro que fiz. Não seja burro. Às vezes, eu trazia Penny pra cá e trepava nos bancos. E daí? Ela também não é católica.”

Os olhos de Peter estavam se ajustando, e uma luz difusa de uma janela circular alta o ajudou a ver o interior da igreja. Ele nunca tinha entrado em St. Michael. Era bem maior do que a construção quadradona branca e suburbana em que os pais passavam uma hora na Páscoa e no Natal. Pilares enormes dividiam o espaço amplo; um pano que cobria o altar cintilava como um fantasma. Ele arrotou e sentiu gosto de vômito. A escada para a qual Jim estava apontando era larga, de pedra, e fazia uma curva para dentro da catedral.

“Nós vamos subir ali e chegar na fachada, virados para a praça. O quarto dela fica na praça, entendeu? Com um bom telescópio, podemos olhar lá dentro.”

“É burrice.”

“Vou explicar mais tarde, seu merda. Vamos subir.” Ele começou a subir rapidamente a escada. Peter ficou para trás. “Espere”, disse Hardie, virando-se e descendo alguns degraus. “Você precisa de um cigarro.” Ele sorriu para Peter, pegou os cigarros e deu um para ele.

“Aqui?”

“É, porra. Ninguém vai ver você.” Ele acendeu seu cigarro e o de Peter. A chama do isqueiro deixou as paredes avermelhadas, fazendo todo o resto desaparecer. A fumaça melhorou o gosto na boca de Peter, fazendo de alguma forma o vômito ficar com gosto de cerveja de novo. “Dê uma ou duas tragadas. Está vendo? Está tudo bem.” Ele soprou a fumaça, mas com a chama apagada, Peter só conseguia ouvi-lo soprar. Ele tragou o cigarro de novo. Hardie estava certo; ele ficou mais calmo. “Vamos subir agora.” Jim começou a subir de novo, e Peter foi atrás.

No alto, bem no interior da igreja, eles seguiram uma galeria estreita até a fachada. Lá, havia uma janela com um parapeito amplo de pedra que dava para a praça. Jim estava sentado no parapeito com as pernas levantadas quando Peter chegou até ele.

“Você acreditaria”, falou ele, “que uma vez tive um lindo momento com Penny bem aqui?” Jim largou o cigarro no chão e pisou. Peter o viu piscar na claridade cinzenta da janela. “Eles ficam loucos. Não conseguem descobrir quem fumou. Aqui. Tome um gole.” Ele estendeu a mão com a garrafa.

Peter balançou a cabeça e lhe entregou o telescópio. “Tudo bem, nós estamos aqui. Agora explique.” Ele se sentou no parapeito gelado e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

Hardie olhou para o relógio. “Primeiro, um pouco de magia. Olhe pela janela.” Peter olhou. A praça, os prédios escuros, as árvores nuas. No Archer Hotel, do outro lado da praça, não havia nenhuma janela com a luz acesa. “Um, dois, três.” No *três*, as luzes da praça se apagaram. “São duas horas.”

“Que magia.”

“Bom, se você se acha tanto, acenda novamente.” Hardie se virou, ajoelhou-se na pedra e levou o telescópio aos olhos. “Pena que a luz dela não está acesa. Mas, se ela chegar perto da janela, eu vou conseguir ver. Quer dar uma olhada?”

Peter pegou o telescópio e virou na direção do hotel.

“Ela está no quarto acima da porta da frente. Bem em frente e um pouco para baixo.”

“Encontrei a janela. Não tem nada lá.” Mas ele viu um brilho vermelho na escuridão do quarto. “Espere. Ela está fumando.”

Hardie pegou o telescópio da mão dele. “Certo. Sentada, fumando.”

“Então explique por que invadimos uma igreja para vê-la fumar.”

“Bom, no dia em que ela chegou no hotel, eu tentei me aproximar, sabe? Ela me manda passear. Um pouco mais tarde, *ela* me pergunta se posso levá-la a algum lugar. Disse que queria conhecer o Humphrey’s Place. Eu a levo lá, mas ela nem presta atenção em mim. Me deixou puto da vida, cara. Para que perder meu tempo se ela não está interessada, certo? Bom, sabe por quê? Ela queria conhecer Lewis Benedikt. Você sabe quem é, né? O cara que supostamente matou a mulher na França.”

“Espanha”, corrigiu Peter, que tinha ideias muito complexas em relação a Lewis Benedikt.

“Que diferença faz? Eu tenho certeza de que foi por isso que ela me pediu para levá-la até lá. Então ela gosta de assassinos de esposas.”

“Acho que ele não matou a mulher”, disse Peter. “Ele é um bom sujeito. Quer dizer, eu acho que é um bom sujeito. Penso que as mulheres às vezes… você sabe…”

“Porra, não ligo se ele matou a mulher ou não. Ei, ela está se movendo.” Ele ficou em silêncio; Peter levou um susto quando o telescópio foi colocado em suas mãos. “Olha. Rápido.”

Peter ergueu o telescópio, procurou a janela, passou por cima do “A” no letreiro do hotel. Então de volta ao “A” e depois para cima. Ele se moveu involuntariamente alguns centímetros no parapeito. A mulher estava na janela,

sorrindo, segurando um cigarro, olhando diretamente nos seus olhos. Ele achou que talvez precisasse vomitar de novo.

“Ela está olhando para nós!”

“Fala sério. Estamos do outro lado da praça. Está escuro lá fora. Mas você entendeu o que eu quero dizer.”

Peter devolveu o telescópio para Jim, que voltou a olhar para a janela da mulher. “Entendi o que você quis dizer sobre o quê?”

“Ah, ela é estranha. Duas horas da manhã e ela está no quarto no escuro, vestida e fumando?”

“E daí?”

“Olha, eu passei a minha vida toda naquele hotel, tá bom? Eu sei como as pessoas agem em hotéis. Até os velhos que moram lá. Eles assistem televisão, pedem serviço de quarto, deixam as roupas espalhadas pelo quarto, guardam garrafas em armários e deixam anéis sobre as mesas, fazem festinhas no quarto e você tem que esfregar o tapete depois. À noite, dá para ouvi-los falando sozinhos, roncando, cuspindo… bom, dá para ouvir tudo o que eles fazem. Dá para ouvi-los mijando na pia. As paredes são grossas, mas as *portas* não são, sabe como é? Se você estiver no corredor, quase consegue ouvir quando escovam os dentes.”

“E daí?”, perguntou Peter de novo.

“E daí que ela não faz nada disso. Nunca faz barulho. Não assiste TV. O quarto raramente precisa ser limpo. Até a cama está sempre feita. Estranho, não é? O que ela faz, dorme em cima das cobertas? Passa a noite acordada?”

“Ela ainda está lá?”

“Está.”

“Me deixa ver.” Peter pegou o telescópio. A mulher ainda estava na janela, sorrindo de leve, como se soubesse que eles estavam falando a seu respeito. Peter estremeceu. Devolveu o telescópio.

“E digo mais. Eu carreguei a mala dela quando ela chegou. Eu já carreguei um milhão de malas, acredite, e aquela estava vazia. Talvez tivesse alguns jornais dentro e mais nada. Quando ela estava no trabalho, olhei dentro do armário dela: nada. Nenhuma roupa. Mas *ela não usa sempre a mesma coisa*, cara. Então como é que ela faz, se veste em camadas? Dois dias depois, olhei de novo, e dessa vez o armário estava cheio de roupas, como se ela soubesse que alguém entrou e olhou. Foi na noite em que ela me pediu para levá-la ao Humphrey’s, e achei que ia levar uma bronca. Mas, não, ela mal falou comigo. A única coisa que disse foi: ‘Quero que você me apresente àquele homem’. ‘Lewis Benedikt?’, eu perguntei, e ela assentiu, como se já soubesse o nome dele. Eu a levei até ele, e o cara saiu correndo como um coelho.”

“Benedikt? Por quê?”

“Para mim ele ficou com medo dela.” Jim colocou o telescópio no parapeito e acendeu outro cigarro, olhando para Peter o tempo todo. “E quer saber de uma coisa? Eu também. Tem alguma coisa no jeito como ela olha para a gente às vezes.”

“Como se achasse que você está xeretando o quarto dela.”

“Talvez. Mas é um olhar pesado, cara. Não tem como não afetar você. E tem mais uma coisa. Se você andar pelos corredores à noite, dá para saber quem está de luz acesa, certo? A luz passa por baixo da porta. Bom, ela nunca acende a luz. *Nunca*. Mas, numa noite… ah, isso é loucura.”

“Me conte.”

“Uma noite, eu vi um brilho embaixo da porta dela. Uma luz tremeluzente, como radiação, sabe? Uma luz meio esverdeada. Fria. Não era fogo nem nada, nem vinha das nossas lâmpadas.”

“Que idiotice.”

“Eu vi.”

“Mas não quer dizer nada. Luz verde.”

“Não só verde, mas intensa. Meio metalizada. E foi por isso que eu quis que a gente desse uma olhada nela.”

“Bom, você olhou, agora vamos para casa. Meu pai vai ficar irritado se eu chegar tarde!”

“Espere.” Ele olhou pelo telescópio de novo. “Acho que tem alguma coisa acontecendo. Ela não está mais na janela. Puta merda.” Ele baixou o telescópio. “Ela abriu a porta e saiu. Eu a vi saindo para o corredor.”

“Ela está vindo pra cá!” Peter pulou do parapeito e seguiu pela galeria na direção da escada.

“Não vá molhar a calça, Priscilla. Ela não está vindo pra cá. Não conseguiu ver a gente, lembra? Mas, se está indo a algum lugar, quero ver para onde. Você vem ou não?” Ele já estava pegando o cigarro, a garrafa, as chaves. “Anda logo. A gente tem que correr. Ela vai sair pela porta em dois minutos.”

“Eu estou correndo, eu estou correndo!”

Eles correram pela galeria, escada abaixo. Hardie disparou pelos corredores laterais da catedral e abriu a porta, o que forneceu ao cambaleante Peter luz suficiente para evitar os pilares e os cantos dos bancos. Na escuridão da noite, Jim botou o cadeado no lugar e correu até o carro. O coração de Peter estava batendo acelerado, em parte pelo alívio que sentiu ao se ver fora da igreja. Mas ainda estava tenso. Imaginou a mulher que viu na janela caminhando pela praça cheia de neve na direção deles, a Rainha Má de *Branca de Neve*, uma mulher

que nunca acendia a luz nem dormia em uma cama e que conseguia vê-lo em uma noite totalmente escura por uma janela de igreja.

Ele percebeu que seus pensamentos estavam mais lúcidos. Ao entrar no carro ao lado de Jim, comentou: “O medo deixa a gente sóbrio”.

“Ela não estava vindo para cá, idiota”, disse Hardie, mas saiu da lateral da catedral em direção ao lado sul da praça tão rápido que cantou pneu. Peter observou com ansiedade a amplidão da praça, uma extensão branca entrecortada por árvores nuas e pela estátua, mas não viu nenhuma Rainha Má indo na direção deles. A imagem se formou tão claramente em sua cabeça que, sem acreditar, ele continuou a observar a praça depois que Jim entrou na Wheat Row.

“Ela está nos degraus”, sussurrou Jim quando eles estavam quase na esquina. Ao olhar na direção do hotel por entre as árvores, Peter viu a mulher descendo calmamente até a calçada. Estava usando casaco comprido, um lenço fino e um chapéu. Parecia tão absurdamente normal com aquelas roupas, andando na rua deserta depois das duas da manhã, que Peter riu e estremeceu ao mesmo tempo.

Jim apagou os faróis e seguiu silenciosamente até o sinal. À esquerda deles, do outro lado da rua, a mulher se movia com agilidade na escuridão.

“Ei, vamos para casa”, disse Peter.

“De jeito nenhum. Eu quero ver para onde ela vai.”

“E se ela vir a gente?”

“Ela não vai ver.” Ele virou para a esquerda e desceu lentamente pela praça, passando pelo hotel, os faróis ainda apagados. Embora as luzes da praça não estivessem acesas, as lâmpadas dos postes ficariam até o amanhecer, e os dois garotos a viram entrar em uma área iluminada no fim do primeiro quarteirão, em frente à Main Street. Jim seguiu silenciosamente, e eles esperaram até que ela andasse mais um quarteirão para avançarem.

“Ela só está dando uma volta”, disse Peter. “Tem insônia e caminha à noite.”

“Porra nenhuma.”

“Não gosto de fazer isso.”

“Tudo bem. Tudo bem. Saia do carro e vá andando pra casa”, sussurrou Jim com irritação. Ele estendeu o braço na frente de Peter e abriu a porta do passageiro. “Saia e vá correndo pra casa.”

Peter sentiu o sopro frio que entrou pela porta aberta, quase pronto para sair.

“Você também deveria ir pra casa.”

“Minha nossa. Que inferno, você! Saia ou feche a porta”, sibilou Jim. “Ei! Espera um segundo!” Os dois garotos viram outro carro entrar na rua à frente, parando embaixo de um poste dois quarteirões depois. A mulher foi até o veículo sem preocupação nenhuma, a porta se abriu, e ela entrou.

“Eu conheço aquele carro”, disse Peter. “Já vi por aí.”

“Claro que viu, tonto. Camaro azul, ano 75. É daquele cretino do Freddy Robinson.” Ele acelerou mais fundo quando o carro de Robinson se afastou.

“Bom, agora você sabe aonde ela vai à noite.”

“Talvez.”

“Talvez? O que mais pode ser? Robinson é casado. Na verdade, minha mãe ouviu da sra. Venuti que a esposa quer se divorciar dele.”

“Isso é porque ele anda atrás de garotinhas do ensino médio, né? Você sabe que Freddy Robinson gosta das novinhas. Você nunca o viu com uma garota?”

“Sim.”

“Quem era?”

“Uma menina da escola”, disse Peter, sem querer dizer que era Penny Draeger.

“Tudo bem. Então, o que quer que o babaca esteja fazendo, não é simplesmente um encontro. Para onde ele está indo?”

Robinson estava seguindo pelo lado noroeste de Milburn, entrando em ruas que pareciam aleatórias, indo para longe do centro da cidade. Aquelas casas sob o céu preto, neve caída no jardim da frente, pareciam sinistras aos olhos de Peter Barnes. A escala da noite as diminuía para algo pouco maior do que casinhas de boneca, menores do que já eram. Os faróis traseiros de Freddy Robinson seguiam à frente deles como os olhos de um gato.

“Tudo bem. Vamos ver, ele vai virar à direita lá na frente e seguir para o oeste pela Bridge Road.”

“Como você…?” Peter parou de falar e viu o carro de Robinson fazer o que Jim previu. “Aonde ele vai?”

“Para o único lugar nesse caminho que não tem um balanço no quintal.”

“A velha estação ferroviária.”

“Você ganhou um charuto. Ou melhor, um cigarro.” Os dois acenderam Marlboros; no minuto seguinte, o carro de Robinson entrou no estacionamento da estação desativada de Milburn. A ferrovia tentava vender o prédio havia anos; era uma casca vazia com piso de madeira e uma bilheteria. Dois vagões antigos ocupavam os trilhos cobertos de mato desde que os garotos conseguiam lembrar.

Enquanto eles observavam, de um carro apagado na Bridge Road, primeiro a mulher saiu do Camaro, seguida por Robinson. Peter olhou para Jim, com medo de saber o que ele faria. Hardie esperou até que Robinson e ela se encaminhassem para a lateral da estação e então abriu a porta.

“Não”, disse Peter.

“Tudo bem. Fique aqui.”

“Qual é a intenção? Pegar os dois de calça arriada?”

“Não é isso o que eles vão fazer, idiota. Aqui fora? Ou naquela estação antiga gelada, com os ratos? Ele tem dinheiro suficiente para pagar um hotel.”

“Então *o quê*?”, perguntou Peter.

“Eu quero saber o que ela vai dizer. Ela o trouxe até aqui, não foi?”

Então ele fechou a porta e começou a seguir silenciosamente pela Bridge Road.

Peter tocou na maçaneta, empurrou-a para baixo e ouviu a tranca se abrindo. Jim Hardie era maluco; por que segui-lo e se meter numa confusão desnecessária?

Eles já tinham invadido uma igreja, fumaram cigarros e beberam uísque lá, e aqui estava Jim Hardie, não satisfeito, seguindo o papa-anjo Freddy Robinson e aquela mulher sinistra.

O quê? O chão vibrou, e do nada um vento gelado o atingiu. Mais de duas vozes pareceram vir de trás da estação, gritando no vento repentino. Parecia que a mão de alguém estava batendo dentro do crânio de Peter.

A noite escureceu ao redor, e ele achou que estivesse desmaiando; ouviu ao longe Jim Hardie caindo na neve mais à frente, então os dois jovens e a velha estação foram como que envolvidos por um momento de pura claridade.

Ele saiu do carro, de pé num chão que parecia sacudir, olhando para Jim. Seu amigo estava sentado na neve, com o corpo coberto de branco. As sobrancelhas de Jim brilhavam, esverdeadas como o mostrador de um relógio — a neve fazia isso às vezes, dependendo do ângulo do luar. Jim correu para a estação, e Peter conseguiu pensar: É assim que ele se mete em encrenca, além de ser maluco, nunca desiste. E os dois ouviram Freddy Robinson gritando.

Peter se agachou ao lado do carro, como se esperasse tiros. Ouviu os passos de Jim se afastando na direção da estação. Os passos pararam; apavorado, Peter olhou com cautela por trás do para-choque do carro. Com as costas e pernas salpicadas de neve brilhante, Jim estava inconscientemente imitando sua postura e espiando pela lateral da estação.

Ele desejou estar a duzentos metros de distância, observando por um telescópio.

Jim engatinhou mais alguns metros. Peter sabia que dali ele conseguiria ver toda a parte de trás da estação. Além da plataforma, degraus de pedra levavam aos trilhos. Os dois vagões abandonados, cheios de mato em volta, ficavam nas duas pontas da estação.

Ele sacudiu a cabeça e viu Jim correndo, meio curvado, de volta para o carro. Jim não falou nem olhou para ele, apenas abriu a porta e entrou. Peter também entrou, com os joelhos doloridos por ficar ajoelhado, no momento em que Jim ligou o carro.

“E aí, o que aconteceu?”

“Cala a boca.”

“O que você viu?”

Hardie enfiou o pé no acelerador e engatou a marcha; o carro deu um solavanco para a frente. Uma camada de neve cobria a jaqueta e a calça jeans de Hardie.

“Você viu alguma coisa?”

“Não.”

“Sentiu o chão tremer? Por que Robinson gritou?”

“Não sei. Ele estava deitado nos trilhos.”

“Você não viu aquela mulher?”

“Não. Ela devia estar do outro lado.”

“Bom, você viu alguma coisa. Saiu correndo como um louco.”

“Pelo menos eu fui até lá!”

A resposta silenciou Peter, mas ainda havia mais. “Seu merdinha, ficou escondido atrás do carro como uma garotinha… você tem a coragem de um pombo… agora, escute, se alguém perguntar aonde você foi esta noite, diga que estava jogando pôquer comigo, nós estávamos jogando pôquer no seu porão como ontem à noite, certo? Nada aconteceu, entendeu? Nós tomamos algumas cervejas e continuamos o jogo de ontem. Tá?”

Tá, mas…

“*Tá*.” Hardie se virou e olhou de cara feia para Peter. “Tá. Quer saber o que eu vi? Bom, alguma coisa *me* viu. Quer saber? Tinha um garotinho sentado no alto da estação, e ele devia estar me olhando o tempo todo.”

Isso foi totalmente inesperado. “Um garotinho? Que loucura. São quase três da manhã. Está frio, e não tem como subir no telhado da estação. A gente tentava fazer isso na época da escola.”

“Bom, ele estava lá, e estava me olhando. E tem outra coisinha.” Hardie dobrou uma esquina em alta velocidade e quase bateu em uma fileira de caixas de correspondência. “Ele estava descalço. E acho que sem camisa também.”

Peter ficou em silêncio.

“Cara, ele me deixou cagado de medo. Por isso fui embora. E acho que Freddy Robinson está morto, cara. Então, se alguém perguntar, nós jogamos pôquer a noite toda.”

“O que você falar, tá falado.”

“Então tá falado.”

• • •

Omar Norris teve um despertar desagradável. Depois que a esposa o botou para fora de casa, ele passou a noite no que considerava seu último refúgio, um dos vagões perto da estação abandonada, e se ouviu algum barulho durante o sono pesado não lembrava mais. Portanto, ficou particularmente inconformado ao descobrir que aquilo que supôs ser um amontoado de trapos velhos nos trilhos lá fora era um corpo humano. Ele não disse “De novo não” (o que disse foi “Que merda”), mas “De novo não” foi o que quis dizer.

4

Nas noites e nos dias seguintes, vários eventos de relevância imediata variada aconteceram em Milburn. Alguns desses eventos pareciam triviais para as pessoas envolvidas, alguns foram confusos ou irritantes, mas outros se mostraram imponentes e significativos. Mas todos eram parte do padrão que acabaria levando tantas mudanças a Milburn e, sendo assim, todos foram importantes.

A esposa de Freddy Robinson soube que o marido tinha feito a pior cobertura de seguro de vida do mundo para si mesmo e que o “Espantoso” Fred, candidato a membro da Million Dollar Roundtable, só valia quinze mil dólares morto. Ela fez uma chamada lacrimosa de longa distância para a irmã solteira em Aspen, Colorado, que disse: “Eu sempre falei que ele era mesquinho. Por que você não vende a casa e vem para cá, um lugar saudável? E que tipo de acidente foi, querida?”.

Essa era a pergunta que o legista do Condado de Broome estava fazendo a si mesmo ao olhar para o cadáver de um homem de 34 anos do qual a maioria dos órgãos internos e todo o sangue foram removidos. Por um momento, ele pensou em escrever em CAUSA DA MORTE a palavra “exsanguinação”, mas acabou escrevendo “trauma interno considerável”, com um longo comentário encerrando com a especulação de que o “trauma” fora causado por um animal agressivo.

E Elmer Scales ficava sentado todas as noites com a espingarda no colo, sem saber que a última vaca foi morta e que a figura que viu parcialmente estava procurando presas menores;

e Walt Hardesty pagou uma bebida para Omar Norris na sala dos fundos do Humphrey’s Place e o ouviu dizer que, agora que teve tempo de pensar, talvez tivesse ouvido um carro ou dois naquela noite, e ao que parecia não foi tudo, aparentemente houve algum tipo de *barulho* e uma espécie de *luz*. “Barulho?

Luz? Para com isso, Omar", disse Hardesty, mas ficou tomando sua cerveja depois que o homem saiu, perguntando-se que diabos estava acontecendo;

e a excelente jovem que Hawthorne e James contrataram disse para os empregadores que gostaria de deixar o Archer Hotel e que tinha ouvido falar que a sra. Robinson estava colocando a casa à venda, então por acaso eles não poderiam falar com seu amigo do banco para lhe arrumar um financiamento? A secretária tinha uma conta polpuda em uma cooperativa bancária em San Francisco;

e Sears e Ricky se entreolharam, demonstrando uma coisa surpreendentemente parecida com alívio, como se não gostassem da ideia de ver aquela casa vazia, e então disseram que era bem provável que conseguissem se arranjar com o sr. Barnes;

e Lewis Benedikt prometeu a si mesmo que ligaria para o amigo Otto Gruebe para marcar uma saída com os cachorros para um dia de caça aos guaxinins;

e Larry Mulligan, ao preparar o corpo de Freddy Robinson para o enterro, olhou para o rosto do cadáver e pensou *ele deve ter visto o diabo vindo buscá-lo;*

e Nettie Dedham, presa na cadeira de rodas da mesma forma como estava presa no corpo paralisado, ficou olhando pela janela da sala de jantar como gostava de fazer enquanto Rea se ocupava com a alimentação noturna dos cavalos e inclinou a cabeça para poder ver a luz do fim da tarde no campo. Ela viu uma figura se movendo lá fora, e Nettie, que entendia mais do que inclusive a própria irmã poderia acreditar, viu com temor a forma se aproximando da casa e do celeiro. Emitiu alguns sons engasgados, mas sabia que Rea nunca ouviria. A figura chegou mais perto, assustadoramente familiar. Nettie tinha medo de que fosse o garoto da cidade de quem Rea falava — aquele louco em estado de fúria que a irmã denunciara para a polícia. Ela estremeceu ao observar a figura se aproximando pelo campo, imaginando como seria sua vida se o garoto fizesse alguma coisa com Rea, depois berrou de terror e quase virou a cadeira de rodas. O homem andando na direção do celeiro era seu irmão Stringer, usando a camisa marrom que vestia no dia de sua morte. Estava coberta de sangue, como no dia em que elas o colocaram na mesa e o enrolaram em cobertores, mas os braços estavam inteiros. Stringer olhou para o outro lado do pequeno pátio até a janela, segurou os fios de arame farpado com as mãos, passou pela cerca e foi em sua direção. Sorriu para ela, deixando Nettie com a cabeça mole sobre os ombros, depois se virou novamente para o estábulo.

• • •

E Peter Barnes desceu até a cozinha para o café da manhã apressado como sempre, mais ainda ultimamente, desde que a mãe passou a ficar tão

introspectiva, e encontrou o pai, que devia ter saído de casa quinze minutos antes, sentado à mesa em frente a uma xícara de café frio. “Ei, pai”, disse ele, “você está atrasado para o banco.”

“Eu sei”, falou o pai. “Eu queria conversar com você sobre uma coisa. Nós não temos conversado muito, Pete.”

“É, acho que não. Mas não dá para esperar? Tenho que ir para a escola.”

“Você vai para lá, mas, não, acho que não dá para esperar. Estou pensando nisso há alguns dias.”

“É?” Peter serviu leite em um copo, sabendo que provavelmente seria algo sério. Seu pai nunca falava sobre coisas sérias imediatamente; pensava nelas como se fossem empréstimos bancários, depois jogava em cima de você quando tinha um plano elaborado.

“Acho que você tem andado muito com Jim Hardie”, disse o pai. “Ele não é flor que se cheire e anda ensinando maus hábitos a você.”

“Acho que não é verdade”, disse Peter, magoado. “Tenho idade suficiente para ter meus próprios hábitos. Além do mais, Jim não é tão ruim quanto as pessoas dizem. Só passa dos limites às vezes.”

“Ele passou dos limites na noite de sábado?”

Peter colocou o copo na mesa e olhou com calma fingida para o pai. “Não. Nós fizemos muito barulho?”

Walter Barnes tirou os óculos, limpando-os no colete. “Ainda está tentando me convencer de que vocês estavam aqui naquela noite?”

Peter sabia que não devia sustentar a mentira. Ele sacudiu negativamente a cabeça.

“Não sei onde vocês estavam e não vou perguntar. Você está com dezoito anos e tem direito à sua privacidade. Mas quero que você saiba que, às três da manhã, sua mãe achou que tinha ouvido um barulho, então eu levantei e andei por toda a casa. Você não estava lá embaixo, na sala, com Jim Hardie. Na verdade, não estava em casa.” Walter colocou os óculos e olhou com seriedade para o filho, e Peter soube que agora ele enunciaria o plano que havia elaborado.

“Eu não contei para a sua mãe porque não queria que ela se preocupasse com você. Ela anda tensa ultimamente.”

“Pois é, por que ela anda tão irritada?”

“Não sei”, disse o pai, que tinha uma ideia aproximada. “Acho que está se sentindo muito sozinha.”

“Mas ela tem um monte de amigas, tem a sra. Venuti, que vê quase todos os dias…”

“Não tente desviar do assunto. Vou fazer algumas perguntas, Pete. Você não teve nada a ver com a morte do cavalo das irmãs Dedham, certo?”

“*Não*”, disse Peter, chocado.

“E imagino que não saiba nada sobre o assassinato de Rea Dedham.”

Para Peter, as irmãs Dedham eram apenas ilustrações de um livro de história. “Assassinato? Meu Deus, eu…” Ele olhou ao redor, nervoso. “Eu nem sabia.”

“Foi o que pensei. Eu mesmo só soube ontem. O garoto que limpa os estábulos a encontrou ontem à tarde. Vai sair nos noticiários hoje. E no jornal desta noite.”

“Mas por que você está me perguntando essas coisas?”

“Porque as pessoas vão pensar que Jim Hardie pode estar envolvido.”

“Isso é loucura!”

“Pelo bem de Eleanor Hardie, espero que seja mesmo. E, para falar a verdade, não consigo imaginar o filho dela fazendo nada do tipo.”

“Não, ele não faria, só é meio sem limites, não para quando um cara comum pararia…” Peter calou a boca ao ouvir as próprias palavras.

Seu pai suspirou. “Eu estava preocupado… As pessoas sabem que Jim tem alguma coisa contra as coitadas daquelas mulheres. Bom, tenho certeza de que ele não está envolvido, mas Hardesty sem dúvida vai fazer perguntas.” Ele colocou um cigarro na boca, mas não acendeu. “Certo. Cara, acho que temos que ficar mais próximos. Você vai para a faculdade ano que vem, e este deve ser nosso último ano juntos como uma família. Vamos dar uma festa daqui a dois fins de semana, e eu gostaria que você relaxasse e participasse. Você aceita fazer isso?”

Então esse era o plano. “Claro”, disse ele, aliviado.

“E vai ficar a festa toda? Eu queria que você participasse de tudo.”

“Claro.” Ao olhar para o pai, Peter o viu, por um momento, surpreendentemente velho. O rosto, flácido e enrugado, estava marcado por uma vida de preocupações.

“E vamos ter mais conversas de manhã?”

“Sim. Como quiser. Claro.”

“E vai haver menos saídas para bares com Jim Hardie.” Foi uma ordem, não uma pergunta, e Peter assentiu. “Ele pode meter você em confusão.”

“Ele não é tão ruim quanto todo mundo pensa”, disse Peter. “Só não *para*, sabe, vai em frente e…”

“Já chega. Melhor você ir para a escola. Quer carona?”

“Prefiro ir andando. Chego cedo demais se for de carro.”

“Tudo bem, garoto.”

Cinco minutos depois, com os livros debaixo do braço, Peter saiu de casa; suas entranhas ainda carregavam a marca do medo que sentiu quando achou que o pai perguntaria sobre a noite de sábado — era um episódio que ele planejava

tirar da cabeça o mais completamente possível —, porém o medo era apenas uma área trêmula cercada por um mar de alívio. Seu pai estava bem mais preocupado em estabelecer uma proximidade do que com as coisas que ele fez com Jim Hardie. A noite de sábado ficaria esquecida no tempo e se tornaria algo tão remoto quanto as irmãs Dedham.

Ele dobrou a esquina. A discrição do pai era a única coisa a esconder a conexão que havia entre ele e a coisa misteriosa que acontecera duas noites antes. De alguma forma, seu pai era um escudo contra aquilo; as coisas terríveis não aconteceriam. Ele estava protegido até pela imaturidade. Se não fizesse nada de ruim, os terrores não o atingiriam.

Quando chegou ao alto da praça, o medo tinha sumido quase completamente. O caminho normal para a escola o obrigaria a passar na frente do hotel, mas ele não queria correr o menor risco de ver aquela mulher de novo, então entrou na Wheat Row. O ar frio açoitava seu rosto; pardais se aglomeravam e piavam na praça coberta de neve, movendo-se em ziguezagues velozes. Um Buick preto comprido passou por ele, que olhou pelas janelas e viu os dois advogados velhos, os amigos do pai, no banco da frente do carro. Os dois pareciam cinzentos e cansados. Ele acenou, e Ricky Hawthorne levantou a mão em um cumprimento.

Estava quase no fim da Wheat Row, passando pelo Buick estacionado, quando uma agitação na praça chamou sua atenção. Um homem musculoso de óculos de sol, um desconhecido, estava andando na neve. Usava uma japona e um gorro de lã, mas Peter viu, pela pele branca em volta das orelhas, que sua cabeça era raspada. O estranho batia palmas, fazendo os pardais voarem como se estivessem fugindo do disparo de uma arma. Parecia irracional como um animal selvagem. Mais ninguém, nem os advogados subindo os belos degraus do século XVIII da Wheat Row, nem as secretárias logo atrás, de casacos curtos e pernas compridas, parecia vê-lo. O homem bateu palmas de novo, e Peter percebeu que estava olhando diretamente para ele. Sorria como um leopardo faminto. Começou a correr na direção de Peter, que, paralisado, sentiu que o homem estava se movendo mais rapidamente do que seus passos demonstravam. Ele se virou para fugir e viu, sentado em uma das lápides inclinadas na frente da catedral de St. Michael, um garotinho de cabelo desgrenhado e um rosto indolente e sorridente. O garoto, menos ameaçador, tinha a mesma essência do homem. Também estava olhando para Peter, que se lembrou do que Jim Hardie havia visto na estação abandonada. O rosto idiota da criança se contorceu em uma risada. Quase derrubando os livros, Peter saiu correndo e continuou em disparada sem olhar para trás.

NOSSA SRTA. DEDHAM AGORA VAI DIZER ALGUMAS PALAVRAS

5

Os três homens estavam sentados no corredor do terceiro andar do Hospital Universitário, em Binghamton. Nenhum deles gostaria de estar ali: Hardesty porque desconfiava que parecia um tolo na cidade grande, onde ninguém reconhecia imediatamente sua autoridade, e também por desconfiar que estava em uma missão inútil; Ned Rowles porque não gostava de ficar longe da sede d'*O Urbanita* durante a maior parte do dia e por não apreciar nem um pouco a ideia de deixar a montagem da edição inteira aos cuidados da equipe; e Don Wanderley porque estava afastado da Costa Leste por tempo suficiente para perder a habilidade de dirigir bem e instintivamente em estradas cobertas de gelo. Mesmo assim, achou que ver a mulher cuja irmã morreu de forma tão bizarra poderia ajudar a Sociedade Chowder.

A sugestão foi de Ricky Hawthorne.

"Eu não a vejo há um século, e soube que teve um derrame um tempo atrás, mas talvez possamos descobrir alguma coisa a seu respeito. Se você estiver disposto a fazer a viagem em um tempo assim." Era um dia em que a tarde estava tão escura quanto a noite; uma tempestade pairava sobre a cidade, apenas aguardando.

"Você acha que pode haver alguma ligação entre a morte da irmã e o seu problema?"

"Sim", admitiu Ricky. "Não acho de verdade, claro, mas seria bom não ignorar nem mesmo esses acontecimentos periféricos. Acredite em mim quando digo que há alguma relevância, de qualquer modo. Vamos conversar mais tarde. Agora que está aqui, não devemos deixar você no escuro sobre nada. Sears pode não concordar comigo, mas Lewis provavelmente concordaria." E Ricky acrescentou com sarcasmo: "Além do mais, pode ser bom para você sair de Milburn, ainda que só por um tempinho".

E isso foi verdade no começo. Binghamton, quatro ou cinco vezes maior do que Milburn, mesmo em um dia escuro de nuvens baixas, parecia um outro mundo, mais animado: trânsito movimentado, prédios novos, gente jovem, sons da vida urbana, algo que pertencia à sua década. Deslocava Milburn para um período antigo, típico de um romance gótico. Uma cidade maior o fez reconhecer como Milburn era isolada, um campo apropriado para especulações como as da Sociedade Chowder — foi o aspecto da cidade que o fez se lembrar inicialmente do dr. Rabbitfoot. Parecia que ele tinha se acostumado com isso. Em

Binghamton, não havia o zumbido do macabro, tampouco alguma anormalidade à espreita para ser farejada em histórias regadas a uísque ou em pesadelos de homens idosos.

Mas, no terceiro andar do hospital, Milburn prevaleceu. Milburn estava presente na desconfiança e no nervosismo de Walt Hardesty, no seu rude "O que é que *você* está fazendo aqui? Você é lá da cidade. Eu já vi você, vi no Humphrey's". Milburn estava até no cabelo sujo de Ned Rowles e em seu terno amassado; em seu ambiente, Rowles parecia convencional e até bem-vestido. Fora, era quase um caipira. Era quando você reparava que seu paletó era curto demais, a calça cheia de amassados. E os modos de Rowles em Milburn, discretos e simpáticos, aqui pareciam tingidos de timidez.

"Só achei estranho a velha Rea morrer tão pouco tempo depois de Freddy Robinson ser encontrado morto. Ele esteve na casa dela, sabe? No máximo uma semana antes de Rea morrer."

"Como ela morreu?", Don quis saber. "E quando podemos ver a irmã dela? Não tem horário de visita à noite?"

"Estamos esperando um médico", disse Rowles. "Sobre como ela morreu, decidi não colocar no jornal. Não precisamos de sensacionalismo para vender. Mas achei que todo mundo na cidade tinha ficado sabendo."

"Andei trabalhando quase o tempo todo", disse Don.

"Ah, livro novo. Esplêndido."

"É *isso* o que esse cara é?", perguntou Hardesty. "Era só o que faltava, um escritor. Meu Jesus Cristinho. Que ótimo. Vou falar com uma testemunha na frente do destemido editor e de um escritor qualquer. E essa velha dama, como vai saber quem eu sou? Como *ela* vai saber que eu sou o xerife?"

É isso que o está preocupando, pensou Don. Ele tem essa pinta de Wyatt Earp porque é tão inseguro que deseja que todo mundo saiba que usa distintivo e carrega uma arma.

Algo desses pensamentos deve ter transparecido no rosto dele, porque Hardesty ficou ainda mais agressivo.

"Muito bem, vamos ouvir sua história. Quem mandou você aqui? O que está fazendo na cidade?"

"Ele é o sobrinho de Edward Wanderley", disse Rowles com um tom de voz cansado. "Está fazendo um trabalho para Sears James e Ricky Hawthorne."

"Jesus, aqueles dois", gemeu Hardesty. "Eles pediram que você viesse ver a velha senhora?"

"O sr. Hawthorne pediu", respondeu Don.

"Bom, acho que eu devia me deitar e fingir que sou um tapete vermelho." Hardesty acendeu um cigarro, ignorando a placa de proibido fumar no fim do

corredor. “Aquelas duas aves velhas têm alguma carta na manga. Na manga. Rá! Que ridículo.”

Rowles desviou o olhar, obviamente constrangido. Don olhou para ele em busca de explicação.

“Anda logo, conte, Destemido. Ele perguntou como ela morreu.”

“Não é muito agradável.” Rowles, fazendo uma careta, olhou para Don.

“Ele já é bem crescidinho. Tem até porte de jogador de futebol americano, não?”

Essa era outra coisa que o xerife fazia: sempre ficava medindo o tamanho de outro homem em comparação ao seu.

“Vá em frente. Não é segredo de Estado.”

“Bom.” Rowles se recostou com cansaço na parede. “Ela sangrou até morrer. Os braços foram cortados.”

“Meu Deus”, disse Don, enjoado e arrependido de ter ido até lá. “Quem faria…”

“Me pegou, hein?”, falou Hardesty. “Talvez seus amigos ricos pudessem nos dar uma dica. Mas me diga uma coisa: quem sairia por aí atacando animais de criação, como aconteceu na propriedade da srta. Dedham? E, antes disso, na de Norbert Clyde? E, antes disso, na de Elmer Scales?”

“Você acha que há apenas uma explicação para isso tudo?” Era isso, em sua opinião, o que os amigos do tio estavam pedindo para que descobrisse.

Uma enfermeira passou e fez cara feia para Hardesty, que ficou com vergonha e apagou o cigarro.

“Podem entrar agora”, disse o médico, saindo do quarto.

• • •

O primeiro pensamento de Don, em choque quando viu a velha senhora, foi *ela também está morta*. Mas ele reparou nos olhos brilhantes e cheios de pânico, que voavam de um homem para o outro. Em seguida, viu sua boca se mexendo e entendeu que qualquer possibilidade de comunicação com Nettie Dedham era inviável.

Hardesty, inclinado para a frente, não estava nem um pouco incomodado pela boca aberta da paciente e nem pelos sinais de agitação. “Sou o xerife, srta. Dedham”, disse ele. “Walt Hardesty, o xerife de Milburn.”

Don viu o pânico em estado puro nos olhos de Nettie Dedham e lhe desejou sorte. Então virou-se para o editor.

“Eu sabia que ela tinha sofrido um derrame”, comentou o editor, “mas não pensei que estava tão mal assim.”

“Nós não nos vimos no outro dia”, disse Hardesty, “mas eu falei com a sua irmã. A senhora se lembra? Quando o cavalo foi morto?”

Nettie Dedham fez um ruído oscilante.

“Isso é um sim?”

Ela repetiu o som.

“Que bom. Então a senhora se lembra e sabe quem eu sou.” Ele se sentou e começou a falar em voz baixa.

“Acho que Rea Dedham a entendia”, disse Rowles. “Essas duas, segundo dizem, já foram lindas. Eu me lembro do meu pai falando sobre as irmãs Dedham. Sears e Ricky devem lembrar.”

“Acho que sim.”

“Quero perguntar sobre a morte de sua irmã”, disse Hardesty. “É importante que me conte qualquer coisa que tenha visto. A senhora diz e eu tento entender. Certo?”

“Gl.”

“A senhora se lembra daquele dia?”

“Gl.”

“Isso é inacreditável”, sussurrou Don para Rowles, que contorceu o rosto e foi para o outro lado da cama a fim de olhar pela janela. O céu estava preto e com tonalidades luminosas de roxo.

“A senhora estava sentada em uma posição em que era possível ver o estábulo onde o corpo da sua irmã foi encontrado?”

“*Gl.*”

“Isso é um sim?”

“*Gl!*”

“A senhora viu alguém se aproximando do celeiro ou do estábulo antes da morte da sua irmã?”

“*GL!*”

“Poderia identificar essa pessoa?” Hardesty estava inclinado para a frente, em um ângulo exagerado. “Se o trouxéssemos aqui, a senhora poderia fazer um barulho que indicasse que foi ele?”

A velha senhora fez um som que Don acabou reconhecendo como choro. Sentia-se incomodado por estar no quarto.

“Essa pessoa era um rapaz jovem?”

Mais uma série de ruídos estrangulados. A empolgação de Hardesty estava se tornando uma impaciência férrea.

“Vamos dizer que tenha sido um jovem, então. Foi o garoto Hardie?”

“Cuidado com os procedimentos de obtenção de provas”, murmurou Rowles para a janela.

“Que se danem os procedimentos. Foi ele, srta. Dedham?”

“Glooorgh”, gemeu a mulher.

“Merda. Isso quer dizer que não? Não foi?”

“Glooorgh.”

“A senhora pode tentar dizer o nome da pessoa que viu?”

Nettie Dedham estava tremendo. “Glngr. Ginger.” Ela fez um esforço que Don conseguiu sentir nos próprios músculos. “Glngr.”

“Ah, vamos deixar isso pra lá por enquanto. Tenho mais umas coisinhas para perguntar.” Ele virou a cabeça para olhar com raiva para Don, que imaginou ver constrangimento no rosto do xerife. Hardesty se virou para a velha senhora e baixou o tom da voz, mas Don ainda conseguia ouvir.

“Você não ouviu barulhos estranhos? Nem viu luzes estranhas nem nada?”

A cabeça da velha senhora tremeu; seus olhos se agitaram.

“Algum barulho ou luzes estranhas, srta. Dedham?” Hardesty odiava ter que perguntar isso. Ned Rowles e Don compartilharam um olhar de interesse intrigado.

Hardesty limpou a testa, desistindo. “Já chega. Não adianta. Ela acha que viu alguma coisa, mas quem vai conseguir entender o que foi? Vou embora daqui. Vocês podem ficar ou não, façam o que quiserem.”

Don seguiu o xerife para fora do quarto e parou no corredor, enquanto Hardesty conversava com um médico. Quando Rowles saiu, o rosto de garoto envelhecido parecia pensativo e inquisidor.

Hardesty parou de falar com o médico e olhou para Rowles. “Você entendeu alguma coisa daquilo?”

“Não, Walt. Não entendi nada que fizesse sentido.”

“E você?”

“Nada”, disse Don.

“Bom, vou acabar tendo que começar a acreditar em criaturas do espaço ou *vampiros* ou em *alguma coisa* logo, logo”, disse Hardesty e saiu andando pelo corredor.

Ned Rowles e Don Wanderley foram atrás. Quando chegaram aos elevadores, Hardesty estava dentro de um, apertando um botão. Antes que Don pudesse chegar, a porta se fechou, sem que o xerife impedisse. Ficou óbvio que ele queria fugir dos outros dois.

Um momento depois, outro elevador chegou, e os dois homens entraram. “Eu estava pensando no que Nettie poderia estar tentando dizer”, comentou Rowles. As portas se fecharam e o elevador desceu silenciosamente. “Eu juro que é loucura.”

“Não tenho ouvido nada ultimamente que não seja.”

“E você é o cara que escreveu *O Vigilante da Noite”*

Vai começar, pensou Don.

Don abotoou o casaco e seguiu Rowles até o estacionamento. Embora estivesse apenas de terno, o outro não parecia se incomodar com o frio. “Aqui, entre no meu carro por um segundo”, disse o editor.

Don entrou no banco do passageiro e olhou para Rowles, que estava massageando a testa com uma das mãos. O editor parecia bem mais velho no interior do carro. Sombras se espalhavam por suas rugas.

“Glngr? Não foi o que ela disse da última vez? Você concorda? Foi bem parecido, pelo menos, não? Pois então. Eu não o conheci, mas muito tempo atrás as irmãs Dedham tiveram um irmão, e acho que falaram sobre ele por um bom tempo depois de sua morte…”

• • •

Don voltou dirigindo para Milburn pela rodovia ladeada de campos, sob o céu roxo assustador com listras reluzentes. De volta a Milburn, com parte da história de Stringer Dedham ainda na cabeça; de volta para Milburn, onde as pessoas estavam começando a se fechar conforme a neve piorava e as casas pareciam derreter e se aproximar; onde seu tio morreu e onde seus amigos sonhavam com coisas aterrorizantes; para longe de seu século e de volta ao confinamento de Milburn, cada vez mais parecida com sua mente.

INVASÃO DOMICILIAR, PARTE UM

6

“Meu pai disse que não posso mais passar tanto tempo com você.”

“E daí? Que diferença faz? Quantos anos você tem, cinco?”

“Bom, ele está preocupado com alguma coisa. Não parece muito feliz, não.”

“Não parece muito feliz”, imitou Jim. “Ele é velho. Quantos anos ele tem? 55? Ele tem um trabalho chato e um carro velho e está gordo e o filhinho favorito vai voar do ninho em nove ou dez meses. Dê uma olhada nesta cidade, amigo. Quantas pessoas você vê com sorrisos largos nos rostos enrugados? Esta cidade está cheia de velhos infelizes. Você vai deixar que eles mandem na sua vida?” Jim se recostou no banco do bar e sorriu para Peter, supondo que seu velho argumento ainda era persuasivo.

Peter se sentiu voltando à incerteza e ambiguidade — aqueles argumentos eram persuasivos. As preocupações do pai não eram as mesmas que as suas, e a

questão nunca foi que ele não o amasse, pois amava, mas apenas se devia obedecer às ordens não muito frequentes dele — ou, como Jim disse, “deixar que ele mandasse na sua vida”.

Pois, afinal, ele havia feito alguma coisa realmente errada com Jim? Por causa das chaves dele, os dois não tinham nem arrombado a igreja. Depois, seguiram uma mulher. Só isso. Freddy Robinson morreu, e isso era uma pena, mesmo que eles não gostassem do sujeito, mas ninguém estava dizendo que a morte não foi natural. Ele teve um ataque cardíaco ou caiu e machucou a cabeça…

E não havia nenhum garotinho em cima da estação.

E não havia nenhum garotinho sentado na lápide.

“Acho que eu deveria ficar agradecido por seu pai ter deixado você sair hoje, então.”

“Não, a coisa não está tão ruim assim. Ele só acha que deveríamos passar menos tempo juntos, não que não deveríamos passar nenhum tempo juntos. Acho que ele não gosta que eu frequente lugares assim.”

“Lugares assim? O que tem de errado aqui?” Hardie fez um gesto cômico, apontando para o interior da taverna decadente. “Ei, você… Raio de Sol!”, gritou Jim. “Aqui é um lugar ótimo, não?” O barman olhou por cima do ombro e fez uma careta estúpida. “Civilizado pra caralho, Lady Jane. O Duke ali concorda comigo. Eu sei do que seu coroa tem medo. Ele não quer que você se envolva com gente que não presta. Bom, eu sou esse tipo de gente, é verdade. Mas, se eu sou, você também é. O pior já aconteceu, então, enquanto você estiver aqui, é melhor relaxar e se divertir.”

Se você escrevesse as coisas que Hardie dizia e lesse depois, encontraria os erros, mas, apenas de ouvi-lo falar, era possível ser convencido de qualquer coisa.

“O que os coroas acham loucura é só outra forma de manter a sanidade, sabe — quem vive nesta cidade por muito tempo corre risco de ter uma infestação de cupim nas caraminholas, e você precisa ficar lembrando a si mesmo que o mundo todo não é uma Milburn ampliada.” Ele olhou para Peter, tomou um gole de cerveja e sorriu, e Peter viu a luz fendida nos olhos dele e soube, como sempre soubera, que por baixo do tipo de loucura para “manter a sanidade” havia uma outra loucura, mais real. “Agora admita, Pete”, disse ele. “Não tem horas que você gostaria de ver a cidade toda em chamas? A coisa toda demolida e riscada do mapa? É uma cidade fantasma, cara. O lugar está cheio de Rip Van Winkles, é um Rip Van Winkle atrás do outro, um bando de Rip Van Winkles com aspiradores de pó no lugar do cérebro, com um bêbado como xerife e bares vagabundos como vida social…”

“O que aconteceu com Penny Draeger?”, interrompeu Peter. “Você não sai com ela há três semanas.”

Jim encolheu os ombros no balcão do bar e colocou as mãos em volta do copo de cerveja. “*Um*. Ela soube que levei a filha dos Mostyn para sair e ficou com raiva de mim. *Dois*. Os pais dela, o velho Rollie e a velha Irmengard, souberam que ela saiu duas vezes com o falecido F. Robinson. Por isso, ela está de castigo. Ela não me contou sobre isso, sabe? Que bom que não contou. Eu mesmo teria botado ela de castigo.”

“Será que ela saiu com ele porque você levou aquela mulher ao Humphrey’s?”

“Como é que eu vou saber por que ela faz as coisas, cara? Você está vendo uma sequência de acontecimentos aqui, meu garoto?”

“Você não?” Às vezes, era mais seguro devolver as perguntas de Jim.

“Porra.” Ele se inclinou para a frente e deitou a cabeça desgrenhada na madeira molhada do balcão. “Todas essas mulheres são um mistério para mim.” Ele falava baixinho, como se estivesse lamentando, mas Peter viu os olhos brilhando entre os cílios e soube que era atuação. “Pois é. Bom, talvez você tenha razão. Pode ser que exista uma sequência de acontecimentos aqui, Clarabelle. Pode ser. E, se houver, aquela Anna, além de não me dar nada depois de me provocar, também ferrou a vida sexual que eu tinha. Na verdade, olhando dessa forma, daria para dizer que ela me deve algumas coisinhas.” Ele virou a cabeça parcialmente para o bar, e seus olhos brilharam para Peter. “Mas isso já tinha me ocorrido antes, para falar a verdade.” Ele ficou sentado ali, debruçado, a cabeça como um objeto alheio no balcão, sorrindo como um louco para Peter. “Já tinha, sim, amigão.”

Peter engoliu em seco.

Jim se empertigou e bateu no balcão. “Mais duas canecas aqui, Raio de Sol.”

“O que você quer fazer?”, perguntou Peter, sabendo que seria inevitavelmente levado junto, e olhou pelas janelas sujas da taverna para a escuridão pontilhada de branco.

“Vamos ver. O que eu quero fazer?”, refletiu Jim, e Peter percebeu com um embrulho no estômago que Jim sabia o tempo todo o que gostaria de fazer e que convidá-lo para tomar uma cerveja era apenas a primeira parte do plano. Ele foi guiado para aquela conversa da mesma forma deliberada com que foi arrastado para fora da cidade, e a conversa inteira, aquela coisa de uma “outra forma de manter a sanidade” e de cidade fantasma, fazia parte de uma lista elaborada em algum lugar na mente de Hardie. “O que eu quero fazer?” Ele inclinou a cabeça. “Até este lugar fica meio chato depois de uma caneca ou seis, então acho que

voltar para a querida Milburn seria bom. É, acho que vamos voltar para a querida Milburn."

"Vamos ficar longe dela", disse Peter.

Jim ignorou seu comentário. "Sabe, nossa querida amiga linda e sensual se mudou do hotel duas semanas atrás. Ah, ela faz falta. Ela faz *falta*, Pete. Sinto falta de ver aquela beleza de bunda subindo a escada. Sinto falta daqueles olhos brilhando nos corredores. Sinto falta da mala vazia. Sinto falta do corpo maravilhoso. E tenho certeza de que você sabe para onde ela foi."

"Meu pai cuidou da hipoteca. Da casa *dele*." Peter assentiu com mais vigor do que pretendia, e percebeu que estava ficando bêbado de novo.

"Seu coroa é um gnomo velho bem útil, não?", perguntou Jim, sorrindo de forma agradável. "Barman!" Ele bateu no balcão. "Sirva para mim e para o meu amigo duas doses do seu melhor uísque." Incomodado, o barman serviu as doses da mesma marca que Jim tinha roubado. "Agora, voltando à questão. Nossa amiga, cuja falta é tão sinceramente sentida, deixa o nosso excelente hotel e vai para a casa de Robinson. Não é uma coincidência curiosa? Imagino que você e eu, Clarabelle, somos as únicas pessoas no mundo que sabem que se trata de uma coincidência. Porque somos os únicos que sabiam que ela estava na estação quando o velho Freddy faleceu."

"O coração dele", murmurou Peter.

"Ah, ela entra mesmo no coração da gente. Ela pega você pelo coração e pelas bolas. Mas é engraçado, não é? Freddy cai nos trilhos… eu disse cai? Não, *flutua*. Eu vi, lembra? Ele flutua até os trilhos como se fosse feito de papel de seda. Em seguida, ela fica toda interessada na casa dele. Isso também faz parte da história, amigão? Você também vê uma sequência de acontecimentos nisso também, Clarabelle?"

"Não", sussurrou ele.

"Ah, Pete, não foi por isso que você foi admitido com antecipação na Universidade dos Cornos. Use seus neurônios poderosos, lindão." Ele colocou a mão nas costas de Peter e se inclinou na direção dele, exalando o odor nítido de álcool na cara do amigo. "Nossa amiga sexy quer alguma coisa naquela casa. Imagine ela lá dentro. Cara, eu estou curioso, você não? Aquela garota sexy andando pela antiga casa de Freddy. O que ela está procurando? Dinheiro? Joias? Drogas? Quem sabe? Mas está procurando alguma coisa. Movendo aquele corpinho gostoso por aqueles cômodos, olhando tudo… seria uma coisa e tanto para ver, não seria?"

"Eu não posso", respondeu Peter. O uísque ardia na sua barriga como óleo fervente.

“Eu acho”, disse Jim, “que vamos começar a nos deslocar para nosso meio de transporte.”

• • •

Peter se viu parado no frio ao lado do carro de Jim. Não conseguia se lembrar do motivo de estar sozinho. Ele bateu os pés, girou a cabeça sobre os ombros e disse: “Ei, Jim”.

Hardie surgiu um momento depois, sorrindo como um tubarão. “Desculpe deixar você esperando. Eu só precisava dizer para nosso amigo lá dentro o quanto gostei da companhia dele. Ele não pareceu acreditar, então tive que repetir a mensagem várias vezes. Ele demonstrou o que você poderia chamar de falta de interesse. Felizmente, também cuidei das nossas necessidades líquidas para o resto desta agradável noite.” Ele abriu parcialmente o casaco e deixou o gargalo de uma garrafa aparecer.

“Você é maluco.”

“Sou louco como uma raposa, você quis dizer.” Jim abriu o carro e se inclinou no banco para destrancar a porta de Peter. “Agora, vamos voltar ao assunto da nossa discussão anterior.”

“Você devia ir para a faculdade”, disse Peter na hora que Jim ligou o carro. “Com seu talento para esse tipo de merda, você seria um Phi Beta Kappa.”

“Bom, eu acho que seria um ótimo advogado”, disse Jim, surpreendentemente. “Aqui, tome um gole.” Ele passou a garrafa para Peter. “O que é um advogado além de um fazedor de merdas certificado? Veja o velho Sears James, cara. Se já vi um cara capaz de fazer você ir cagando daqui até Key West…”

Peter se lembrou da última vez que viu Sears James, sentado no carro, com o rosto pálido atrás da janela embaçada. Em seguida, se lembrou do rosto do garoto sentado na lápide em frente a St. Michael. “Vamos ficar longe daquela mulher”, disse ele.

“Essa é a questão que eu quero discutir.” Ele olhou intensamente para Peter. “Nós não chegamos ao ponto em que essa moça misteriosa está andando pela casa, procurando alguma coisa? Pelo que me lembro, Clarabelle, eu pedi para você imaginar isso.”

Peter assentiu, contrariado.

“E me devolva a garrafa se você não vai fazer nada com ela. Pronto. Tem alguma coisa naquela casa, não tem? Você não está curioso para saber o que é? Tem alguma coisa acontecendo, e você e eu, amigão, somos os únicos que sabem disso. Estou certo até agora?”

“Pode ser que esteja.”

“CRISTO!”, gritou Hardie, fazendo Peter dar um pulo. “Seu MERDA! O que mais pode ser? Tem algum motivo para ela querer aquela casa, é a única coisa que faz sentido. Tem alguma coisa lá que ela quer.”

“Você acha que ela se livrou de Robinson?”

“Não sei. Não vi nada além dele flutuando até os trilhos. Mas e daí? De uma coisa eu sei, quero dar uma olhada naquela casa.”

“Ah, não”, gemeu Peter.

“Não existe motivo para sentir medo”, protestou Jim. “Ela é só uma garota, afinal. Tem hábitos estranhos, mas é só uma mulher, Clarabelle. E, puta que pariu, não sou burro a ponto de entrar com ela lá dentro. E, se você é cagão demais para ir comigo, pode ir embora a pé.”

Seguindo pela estrada escura da zona rural da cidade; pela estrada escura até Milburn.

“Como você vai saber se ela saiu? Ela fica sentada no escuro todas as noites, você mesmo disse.”

“É só tocar a campainha, seu burro.”

• • •

No cume da última colina baixa antes da saída, Peter, já doente de preocupação, olhou pela estrada e viu as luzes de Milburn — reunidas em uma pequena depressão na terra, tinha-se a impressão de que dava para pegá-las com uma das mãos. Milburn parecia arbitrária, como uma cidade nômade de barracas, e apesar de Peter Barnes conhecê-la desde sempre — apesar de ser, na verdade, tudo o que ele *conhecia* —, não lhe parecia familiar.

E ele entendeu o porquê. “Jim. Olha. Todas as luzes do lado oeste da cidade estão apagadas.”

“A neve derrubou os fios.”

“Mas não está nevando.”

“Nevou quando a gente estava no bar.”

“Você viu mesmo um garotinho sentado em cima da estação naquela noite?”

“Não. Só achei que vi. Deve ter sido a neve ou um jornal ou alguma coisa. Merda, Clarabelle, como um garoto poderia subir lá? Você sabe que não dá. Vamos ser bem claros, Clarabelle, estava meio assustador lá, naquela noite.”

Eles continuaram seguindo para Milburn em meio à escuridão cada vez maior.

Na cidade, Don Wanderley estava sentado à mesa no lado oeste do Archer Hotel e viu a escuridão se espalhando de repente na rua abaixo de sua janela enquanto o abajur continuava aceso; e Ricky Hawthorne suspirou de susto quando a escuridão se espalhou pela sala, e Stella disse para ele pegar as velas, era apenas aquela parte da rodovia onde as luzes sempre se apagavam pelo menos duas vezes no inverno; e Milly Sheehan, indo buscar as velas, ouviu uma batida lenta na porta da frente que nunca, jamais, nem em mil anos, atenderia; e Sears James, trancado na biblioteca repentinamente escura, ouviu um som de passos felizes na escada e disse para si mesmo que estava cochilando; e Clark Mulligan, que por duas semanas vinha exibindo de filmes de ficção-científica e terror e estava com a cabeça cheia de imagens assustadoras — *você pode passar os filmes, cara, mas ninguém o obriga a assistir* —, saiu do Rialto para tomar ar fresco no meio de um filme e pensou ter visto, no blecaute repentino, um homem que era lobo saltitando pela rua em uma missão cruel, com pressa maligna de chegar a algum lugar *(ninguém obriga você a assistir aos filmes, cara)*.

INVASÃO DOMICILIAR, PARTE DOIS

8

Jim parou o carro meio quarteirão antes da casa. “Se ao menos as malditas luzes não tivessem se apagado.” Os dois estavam olhando para a fachada vazia da casa, as janelas sem cortinas atrás das quais nenhuma pessoa se movia, nenhuma vela ardia.

Peter Barnes pensou no que Jim Hardie viu, o corpo de Freddy Robinson flutuando até os trilhos cobertos de mato, e no garotinho que não estava lá, empoleirado no alto da estação e da lápide. E pensou: *Eu estava certo da última vez. O medo deixa você sóbrio*. Quando olhou para Jim, ele o viu tenso de empolgação.

“Eu achei que ela nunca acendesse mesmo.”

“Cara, eu ainda queria que elas não tivessem se apagado”, disse Jim e estremeceu, com o rosto parecendo uma máscara sorridente. “Em um lugar assim”, disse, indicando o bairro respeitável de casas de três andares, “você sabe, um paraíso de porcos do Rotary como este, nossa amiga pode querer ser igual aos outros. Pode deixar as luzes acesas apenas para que ninguém pense que tem alguma coisa estranha nela.” Ele inclinou a cabeça. “Tipo, sabe, aquela casa velha em Haven Lane onde aquele escritor morava… Wanderley? Você já passou

lá à noite? Todas as casas em volta estão iluminadas, e a do velho Wanderley fica escura como uma tumba, cara. Dá arrepios."

"*Isso* me dá arrepios", admitiu Peter. "Além do mais, é ilegal."

"Você é mesmo inacreditável, sabia?" Hardie se virou no banco e olhou para Peter, que viu sua vontade quase descontrolada de *ir em frente*, de *agir*, de superar novamente o obstáculo que o mundo colocou no seu caminho. "Você acha que nossa amiga se preocupa com o que é legal e o que não é? Acha que comprou aquela casa porque estava preocupada com a porra da lei, com Walt Hardesty, pelo amor de Deus?" Hardie sacudiu a cabeça, enojado ou fingindo estar. Peter desconfiava que ele estava se preparando para agir, por mais imprudente que isso fosse.

Jim se virou para a frente e botou o carro em movimento; por um momento Peter torceu para que Hardie desse a volta no quarteirão e se encaminhasse para o hotel, mas seu amigo manteve o carro na primeira marcha e apenas seguiu adiante até eles se encontrarem exatamente em frente à casa.

"Ou você está comigo ou você é escroto, seu escroto", disse ele.

"O que você vai fazer?"

"Primeiro de tudo, dar uma olhada por uma janela do térreo. Você tem coragem para isso, Clarabelle?"

"Você não vai conseguir ver nada."

"Jesus", disse Hardie, e saiu do carro.

Peter hesitou apenas por um segundo. Mas saiu também e foi atrás de Hardie pelo gramado coberto de neve, até a lateral da casa. Os dois garotos se movimentaram rapidamente, agachados para não serem vistos pelos vizinhos.

Em um instante, estavam encolhidos na neve embaixo de uma das janelas laterais.

"Bom, pelo menos você tem coragem para olhar por uma janela, Clarabelle."

"Não me chame assim", sussurrou Peter. "Estou cansado disso."

"Você escolheu uma ótima hora para me dizer isso." Hardie sorriu para ele e levantou a cabeça para espiar pelo parapeito. "Ei, olha só."

Peter levantou a cabeça devagar. Estava olhando para uma salinha lateral levemente visível sob o luar que brilhava por cima dos ombros deles. A sala não tinha mobília nem tapete.

"Moça estranha", comentou Hardie, e Peter ouviu a gargalhada oculta na voz dele. "Vamos para os fundos." Ele saiu andando, ainda agachado. Peter foi atrás.

"Quer saber, acho que ela não está", disse Hardie quando Peter chegou aos fundos da casa. Ele estava de pé, encostado na parede entre uma janela pequena e a porta. "Tenho a sensação de que a casa está vazia." Ali atrás, onde ninguém poderia vê-los, os dois ficaram mais à vontade.

O quintal comprido terminava em um morrinho de neve que era uma cerca-viva enterrada; havia uma banheira de passarinhos, com a cuba de gesso coberta por neve que parecendo cobertura de bolo, entre eles e a cerca. Mesmo sob o luar, parecia um objeto tranquilizador e comum. Não dava para sentir medo com uma banheira de passarinhos por perto, pensou Peter, e conseguiu dar um sorriso.

“Você não acredita em mim?”, desafiou Hardie.

“Não é isso.” Os dois estavam falando em tom normal.

“Tá, você olha lá dentro primeiro.”

“Tudo bem.” Peter se virou e entrou com ousadia na frente da janelinha. Viu uma pia brilhando levemente, o piso de madeira, um fogão que a sra. Robinson devia ter deixado para trás. Um único copo de água, deixado sobre a bancada, capturava um toque do luar. Se a banheira de passarinhos pareceu comum, aquilo parecia esquecido, um copo pegando poeira na bancada, e Peter na mesma hora começou a concordar com Jim, achando que a casa estava realmente vazia. “Nada”, disse ele.

Hardie assentiu ao seu lado. Em seguida, pulou no pequeno degrau de concreto na frente da porta dos fundos. “Cara, se você ouvir qualquer coisa, saia correndo.” Ele apertou a campainha.

O som da campainha ecoou pela casa.

Os dois garotos se prepararam; prenderam a respiração. Mas nenhum passo soou, nenhum grito se fez ouvir.

“Ei”, disse Jim, sorrindo de forma angelical para Peter. “Que tal isso?”

“A gente está fazendo tudo errado”, disse Peter. “O que a gente deveria fazer era ir lá para a frente e agir como se tivesse acabado de chegar. Se alguém aparecer, vamos ser só dois caras que estão procurando a moça. Se ela não atender a campainha da frente, vamos fazer o que as pessoas sempre fazem e olhar pelas janelas. Se alguém vir a gente contornando a casa agachados como fizemos antes, vai chamar a polícia.”

“Nada mau”, disse Jim depois de um momento. “Tudo bem, vamos tentar. Mas, se ninguém atender, vou vir aqui para trás e entrar. Esse era o objetivo, lembra?”

Peter assentiu; ele lembrava.

Como se também estivesse aliviado de ter encontrado um jeito de parar de se esgueirar, Jim andou livre e naturalmente até a porta da frente da casa. Peter foi mais devagar logo atrás, e Jim atravessou o gramado até a porta. “Tudo bem, cara”, disse ele.

Peter parou ao lado dele e pensou: *Eu não posso entrar aí*. Vazia, mas cheia de cômodos sem móveis e com a atmosfera do tipo de pessoa que escolheu

morar neles, a casa parecia estar fingindo imobilidade.

Jim tocou a campainha da frente. “Nós estamos perdendo tempo”, disse ele, traindo sua própria inquietação.

“Espere. Aja com normalidade.”

Jim enfiou as mãos nos bolsos do casaco e ficou inquieto na soleira da porta. “Já foi tempo suficiente?”

“Mais alguns segundos.”

Jim soltou uma nuvem de vapor. “Tudo bem. Mais alguns segundos. Um, dois, três. E agora?”

“Toque de novo. Como faria se achasse que ela está em casa.”

Jim tocou a campainha uma segunda vez; o barulho soou e morreu dentro da casa.

Peter olhou para um lado e para o outro, pelo quarteirão de casas do outro lado da rua. Não havia carros. Não havia luzes. O brilho leve de uma vela iluminava uma janela quatro casas depois, mas nenhum rosto curioso olhava para os dois garotos nos degraus da casa da nova vizinha. A residência do velho dr. Jaffrey, do outro lado da rua, parecia de luto.

Do nada, totalmente sem explicação, uma música distante reverberou no ar. Um trombone vibrante, um saxofone insinuante: jazz tocando bem longe.

“Hã?” Jim Hardie virou a cabeça, desviando o olhar da porta. “Parece… o quê?”

Peter formou uma imagem de caminhonetes, músicos negros tocando livremente na noite. “Parece um parque de diversões itinerante.”

“Claro. Tem isso em Milburn mesmo. Em novembro.”

“Deve ser um disco.”

“Alguém está com a janela aberta.”

“Só pode ser.”

Ainda assim, como se a ideia de músicos de parque de diversões itinerante aparecendo de repente para tocar em Milburn fosse assustadora, nenhum dos dois queria admitir que os sons eram reais demais para ser uma reprodução.

“Agora, nós olhamos pela janela”, disse Jim. “Finalmente.”

Ele pulou os degraus e foi até a janela grande da frente. Peter ficou na varanda, apertando as mãos, ouvindo a música se afastar: a caminhonete estava indo para o centro da cidade, na direção da praça, pensou ele. Mas que sentido fazia? O som se esvaía.

“Você nunca vai adivinhar o que eu estou vendo”, disse Jim.

Assustado, Peter olhou para o amigo. O rosto de Jim estava deliberadamente sem expressão. “Uma sala vazia.”

“Não exatamente.”

Ele sabia que Jim não contaria. Ele teria que olhar. Peter pulou os degraus e andou até a janela.

Primeiro, viu o que esperava: uma sala vazia, de onde havia sido retirado o tapete, com poeira em toda parte. Do outro lado, o arco preto de uma passagem; ao lado, o reflexo de seu rosto, olhando pelo vidro.

Ele sentiu por um segundo o terror de ficar preso lá dentro como seu reflexo, de ser obrigado a passar por aquela porta, a caminhar por aquele piso vazio. O terror não fez sentido, assim como a música da banda, mas, da mesma forma, estava lá.

E então ele viu o que Jim queria mostrar. De um lado, perto do rodapé, havia uma mala marrom no chão.

"É dela!", disse Jim no ouvido dele. "Sabe o que isso quer dizer?"

"Ela ainda está aí. Ela está aí."

"Não. O que ela queria ainda está aí."

Peter recuou para longe da janela e olhou para o rosto determinado e vermelho de Jim. "Já chega de enrolar", disse Jim. "Eu vou entrar. Você vem… Clarabelle?"

Peter não conseguiu responder; Jim passou por ele e saiu andando pela lateral da casa.

Segundos depois, ele ouviu o barulho de vidro quebrando. Peter grunhiu, se virou e viu suas feições reproduzidas na janela. Estavam repuxadas de medo e indecisão.

Vá embora. Não. Você tem que ajudá-lo. Vá embora. Não, você tem que…

Ele contornou a lateral da casa o mais rápido que conseguiu sem correr.

Jim estava nos degraus dos fundos, enfiando a mão pelo vidro que tinha quebrado. Na luz fraca, inclinado, ele era a imagem de um ladrão. As palavras de Jim voltaram à sua mente. *O pior já aconteceu, então é melhor relaxar e se divertir*.

"Ah, é você", disse Jim. "Achei que já estaria em casa, embaixo da cama."

"O que vai acontecer se ela chegar?"

"Nós fugimos pelos fundos, idiota. Tem duas portas na casa, lembra? Ou você acha que não consegue correr mais rápido do que uma mulher?" O rosto dele ficou imóvel de concentração por um momento; e a fechadura fez um clique. "Você vem?"

"Talvez. Mas não vou roubar nada. E nem você."

Jim deu uma gargalhada de desprezo e passou pela porta.

Peter subiu os degraus e olhou para dentro. Hardie estava atravessando a cozinha, adentrando o interior da casa, sem se dar ao trabalho de olhar para trás.

É melhor relaxar e *se divertir*. Ele passou pela porta. À sua frente, Hardie estava fazendo barulho no corredor, abrindo portas e armários.

"Silêncio", cochichou Peter.

"Silêncio você", Jim retrucou, mas os barulhos pararam na mesma hora, e Peter entendeu que, quer admitisse ou não, Jim também estava com medo.

"Onde você quer olhar?", perguntou Peter. "E o que estamos procurando, afinal?"

"Como é que eu vou saber? Vamos descobrir quando encontrarmos."

"Está escuro demais aqui para vermos alguma coisa. Dá para ver melhor de fora."

Jim tirou os fósforos do bolso da jaqueta e acendeu um. "Que tal agora?" Na verdade, ficou pior. Antes eles tinham uma visão ruim do corredor todo, mas agora só conseguiam enxergar dentro do perímetro de um pequeno círculo de luz.

"Tudo bem, mas vamos ficar juntos", disse Peter.

"Dá para olhar a casa toda mais rápido se a gente se separar."

"De jeito nenhum."

Jim deu de ombros. "Como quiser." Ele levou Peter pelo corredor até a sala. Estava ainda mais desolada do que conseguiram ver de fora. As paredes, pontilhadas aqui e ali por desenhos de crianças, também exibiam os retângulos pálidos onde ficavam os quadros. A tinta estava descascando em algumas partes. Jim andou pelo local, batendo nas paredes, acendendo um fósforo atrás do outro.

"Olha a mala."

"Ah, é, a mala."

Jim se ajoelhou e a abriu. "Nada." Peter olhou por cima do ombro de Jim quando ele virou a mala, a balançou e colocou de volta no chão.

Ele sussurrou: "Nós não vamos encontrar nada".

"Cristo, nós olhamos em dois aposentos e você já está a fim de desistir." Jim se levantou abruptamente, e o fósforo se apagou.

Por um momento, a pura escuridão os envolveu. "Acenda outro", sussurrou Peter.

"É melhor assim. Ninguém lá fora pode ver luz aqui. Seus olhos vão se ajustar."

Eles ficaram em silêncio e envolvidos pela escuridão por cinco ou seis segundos, deixando que a imagem da chama sumisse dos olhos, tornando-se apenas um pontinho preto; e esperaram mais alguns segundos enquanto os contornos da residência ganhavam forma ao redor.

Peter ouviu um barulho em algum lugar da casa e deu um pulo. "Pelo amor de Deus, calma."

“O que foi aquilo?”, sussurrou Peter, e percebeu a histeria aumentando em sua voz.

“Uma escada rangeu. A porta dos fundos fechou sozinha. Nada.”

Peter encostou os dedos na testa e viu que estavam tremendo.

“Escuta. Nós estamos falando, batendo em paredes, nós quebramos uma janela. Você não acha que ela teria aparecido se estivesse aqui?”

“Acho que sim.”

“Tudo bem, vamos tentar o andar de cima.”

Jim segurou a manga da jaqueta dele e o arrastou da sala para o corredor. Em seguida, o soltou e conduziu Peter pelo corredor até o pé da escada.

Lá em cima estava escuro; era um território novo. Desde que entrou na casa, Peter sentiu uma inquietação mais profunda ao olhar para a escada.

“Você sobe e eu fico aqui.”

“Quer ficar aí, sozinho no escuro?”

Peter tentou engolir em seco, mas não conseguiu. Ele fez que não com a cabeça.

“Tudo bem. Só pode estar lá em cima, seja lá o que for.”

Jim colocou o pé no segundo degrau sem pintura. O tapete também fora retirado dali. Ele subiu e olhou para trás. “Você vem?” Ele começou a subir a escada, dois degraus de cada vez. Peter ficou olhando. Quando Jim estava na metade, obrigou-se a ir atrás.

As luzes se acenderam quando Jim estava no alto e Peter já tinha subido dois terços da escada.

“Oi, garotos”, disse uma voz grave e serena no pé da escada.

Jim Hardie berrou.

Peter oscilou na escada e, parcialmente paralisado de medo, pensou que cairia direto nas mãos do homem que os observava lá de baixo.

“Vou levar vocês até sua anfitriã”, falou ele, dando um sorriso mortal. Era o sujeito de aparência mais estranha que Peter já tinha visto: um gorro azul de lã cobria o cabelo louro encaracolado, como o de Harpo Marx; estava de óculos escuros; usava um macacão, mas estava sem camisa; o rosto era branco como marfim. Era o mesmo lá da praça. “Ela vai ficar muito feliz de vê-los novamente”, disse o homem. “Como seus primeiros visitantes, vocês podem contar com boas-vindas especialmente calorosas.” O sorriso do homem se alargou quando ele começou a subir a escada.

Quando tinha subido alguns degraus, ele levantou a mão e tirou o gorro azul da cabeça. Os cachos de Harpo, uma peruca, saíram junto.

Quando tirou os óculos escuros, os olhos brilharam em um tom uniforme de amarelo dourado.

9

De pé em frente à janela do hotel e olhando para a área às escuras de Milburn. Don ouviu os sons distantes de saxofones e trombones soprando no ar frio e pensou: *O dr. Rabbitfoot chegou à cidade*. Seu telefone tocou.

• • •

Sears estava de frente para a porta da biblioteca, prestando atenção para ver se ouviria passos na escada, quando o telefone tocou.

Ignorando o chamado, ele destrancou a porta e abriu. A escada estava vazia.

Ele foi atender ao telefone.

• • •

Lewis Benedikt, cuja mansão ficava na periferia mais distante da área afetada pela falta de energia, não ouviu música e nem passos infantis. O que ouviu, soprando no vento ou dentro da própria mente ou entrando com uma corrente de ar pela sala de jantar e contornando o balaústre no caminho até ele, foi o som mais desesperador que conhecia: a voz melancólica e quase inaudível da esposa morta, chamando sem parar: “Lewis. Lewis”. Já vinha ouvindo isso havia dias. Quando o telefone tocou, ele se virou para o aparelho com alívio.

E com alívio ouviu a voz de Ricky Hawthorne. “Estou ficando maluco sentado aqui no escuro. Já falei com Sears e com o sobrinho de Edward, e Sears disse gentilmente que podemos nos reunir agora mesmo na casa dele. Eu diria que precisamos ir. Você concorda? Vamos violar uma regra e nos encontrar com a roupa que estamos, certo?”

• • •

Ricky considerou que o jovem estava começando a parecer um verdadeiro membro da Sociedade Chowder. Por baixo da máscara de sociabilidade que qualquer um esperaria de um sobrinho de Edward, estava nervoso. Recostou-se em uma das maravilhosas poltronas de couro de Sears, tomou um gole de uísque e observou (com o reflexo de diversão do tio) o estimado interior da biblioteca (parecia mesmo tão antiquada quanto Edward dizia que era?), falava de vez em quando, mas havia uma tensão oculta em todos os seus atos.

Talvez isso o torne um de nós, pensou Ricky, e viu que Don era o tipo de pessoa com quem eles teriam feito amizade anos antes. Se tivesse vindo ao mundo quarenta anos antes, teria sido um deles por direito de nascença.

Ainda assim, havia alguma reserva da parte dele. Ricky não conseguia imaginar o que Don quis dizer quando perguntou se algum deles tinha ouvido

uma música no começo da noite.

Ao ser pressionado sobre isso, ele se esquivou de explicações; sob mais pressão, apenas disse: “Eu só estava tendo a sensação de que tudo o que está acontecendo tem relação direta com a minha escrita”.

Esse comentário, que poderia parecer egocêntrico em qualquer outro momento, ganhou densidade com a luz das velas; cada um dos homens se agitou em sua poltrona.

“Não foi por isso que convidamos você para vir aqui?”, disse Sears.

E, com isso, ele explicou. Ricky ouviu intrigado o relato de Don sobre sua ideia para um novo livro e a descrição do personagem dr. Rabbitfoot, e o fato de ter ouvido a música do sujeito logo antes da ligação de Ricky.

“Está dizendo que os eventos desta cidade são ocorrências de um livro não escrito?”, perguntou Sears com incredulidade. “Isso é uma besteira sem tamanho.”

“A menos que”, disse Ricky, pensativo, “a menos que… bem, não sei direito como dizer isso. A menos que as coisas aqui em Milburn tenham se concentrado recentemente… tenham ganhado um foco que não tinham antes.”

“Você quer dizer que eu sou o foco”, disse Don.

“Não sei.”

“Isso é besteira”, protestou Sears. “Com foco, sem foco… o que está acontecendo é que estamos conseguindo nos assustar ainda mais. Esse é o foco. Os delírios de um escritor não podem ter nada a ver com isso.”

Lewis estava alheio a tudo, tomado por uma infelicidade toda particular. Ricky lhe perguntou o que ele achava, ele respondeu:

“Me desculpem. Eu estava pensando em outra coisa. Posso pegar mais bebida, Sears?”.

Sears assentiu, bem sério. Lewis estava bebendo duas vezes mais rápido que o ritmo normal, como se sua aparição em uma reunião de camisa velha e paletó de tweed lhe dessem licença para violar outra das antigas regras deles.

“E o que indica esse foco misterioso?”, perguntou Sears, beligerante.

“Você sabe tão bem quanto eu. A morte de John, antes de tudo.”

“Coincidência”, respondeu Sears.

“As ovelhas de Elmer… todos os animais que morreram.”

“Agora você está acreditando nos marcianos de Hardesty.”

“Você não se lembra do que Hardesty disse? Que era uma espécie de jogo, uma diversão de um tipo de criatura. O que estou sugerindo é que o jogo ficou mais sério. Freddy Robinson. A pobre Rea Dedham. Meses atrás, senti que nossas histórias estavam atraindo alguma coisa… e tenho medo, tenho muito

medo, de que mais gente nesta cidade venha a morrer. Estou dizendo que nossas vidas e as vidas de muita gente desta cidade podem estar em perigo.”

“Bom, o que eu disse continua valendo. Você certamente conseguiu botar medo em si mesmo”, argumentou Sears.

“Nós todos estamos com medo”, observou Ricky. O resfriado deixava sua voz rouca e fazia sua garganta latejar, mas ele se obrigou a ir em frente. “Estamos. Mas acho que a chegada de Don aqui foi como colocar a última peça em um quebra-cabeça; quando Don se juntou a nós, as forças, ou como quer que você queira chamar, aumentaram. Nós as invocamos. Nós com nossas histórias, Don com seu livro e sua imaginação. Nós vemos coisas, mas não acreditamos nelas; nós sentimos coisas, gente nos observando, coisas sinistras nos seguindo, mas classificamos como fantasia. Nós sonhamos com coisas aterrorizantes, mas tentamos esquecê-los. E, nesse meio-tempo, três pessoas morreram.”

Lewis ficou olhando para o tapete e girou nervosamente um cinzeiro na mesa em frente à poltrona.

“Eu acabei de me lembrar de uma coisa que falei para Freddy Robinson na noite em que ele me abordou em frente à casa de John. Disse que alguém estava nos eliminando como moscas.”

“Mas por que esse jovem, que nenhum de nós tinha visto até pouco tempo atrás, seria o último elemento?”, perguntou Sears.

“Porque ele é sobrinho de Edward?”, sugeriu Ricky. Isso lhe ocorreu do nada; um momento depois, sentiu um espasmo doloroso de alívio por seus filhos não terem planejado passar o Natal em Milburn. “Sim. Porque ele é sobrinho de Edward.”

Os três homens idosos sentiram de forma quase palpável a gravidade do que Ricky chamou de “forças” ao redor. Três homens assustados, sentados à luz fraca de velas, olhando para o passado.

“Talvez”, Lewis disse por fim. Ele bebeu o resto do uísque. “Mas não entendo o que houve com Freddy Robinson. Ele queria se encontrar comigo, me ligou duas vezes. Eu o dispensei. Fiz uma promessa vaga de me encontrar com ele em um bar qualquer hora.”

Sears perguntou: “Ele tinha alguma coisa para contar antes de morrer?”.

“Eu não lhe dei chance de contar. Achei que ele queria me vender seguros.”

“Por que você achou isso?”

“Porque ele falou alguma coisa sobre problemas que poderiam acontecer.”

Eles ficaram em silêncio de novo. “Talvez”, disse Lewis, “se eu tivesse me encontrado com ele, ele ainda estivesse vivo.”

Ricky respondeu: “Lewis, você falou como John Jaffrey. Ele se culpava pela morte de Edward”.

Por um momento, os três homens olharam para Don Wanderley.

“Talvez eu não esteja aqui só por causa do meu tio”, disse Don. “Quero comprar minha entrada na Sociedade Chowder.”

“*O quê?*”, explodiu Sears. “*Comprar?*”

“Com uma história. Não é essa a tarifa de admissão?” Ele deu um sorriso hesitante para o círculo. “Está muito clara na minha mente, porque passei um tempo escrevendo tudo em um diário. E”, continuou ele, violando mais uma das regras, “não se trata de uma ficção. Aconteceu do jeito que vou contar. Não daria para ser aproveitada como ficção porque não teve um fim de verdade. Só ficou para trás quando outras coisas aconteceram. Mas, se o sr. Hawthorne” — “Ricky”, sussurrou o advogado — “estiver certo, então cinco pessoas, e não quatro, morreram. E meu irmão foi o primeiro.”

“Vocês dois ficaram noivos da mesma garota”, falou Ricky, lembrando-se de uma das últimas coisas que Edward tinha dito para ele.

“Nós dois ficamos noivos de Alma Mobley, uma garota que conheci em Berkeley”, começou Don, e os quatro se acomodaram nas poltronas. “Acho que é uma história de fantasmas”, avisou ele, tirando, à imagem do dr. Rabbitfoot, um dólar da calça jeans.

• • •

Ele os prendeu com a história, falando para as chamas das velas como se encarasse um lugar inquieto de sua mente. Não contou como fez no diário, relatando de forma paciente todos os detalhes dos quais conseguia se lembrar, mas revelou quase tudo. A história levou meia hora para ser narrada.

“Então o verbete do *Who’s Who* provou que tudo o que ela disse era falso”, concluiu Don. “David estava morto, e eu nunca mais a vi. Ela simplesmente desapareceu.” Ele secou o rosto e soltou um suspiro audível. “É isso. É uma história de fantasmas ou não? Digam-me vocês.”

Nenhum deles falou por um tempo. *Diga, Sears*, Ricky rogou silenciosamente. Ele olhou para o velho amigo, que tinha unido os dedos na frente do rosto. *Diga, Sears. Diga para ele*.

Sears o encarou. *Ele sabe o que estou pensando*.

“Bem”, manifestou-se Sears, e Ricky fechou os olhos. “Sim, tanto quanto as nossas histórias são. Foi nessa série de eventos que você baseou seu livro?”

“Sim.”

“É uma história melhor do que o livro”, comentou Sears.

“Mas não tem fim.”

“Ainda não, talvez”, disse Sears. Ele franziu o cenho para as velas, que tinham queimado até os castiçais prateados. *Agora*, rogou Ricky, com os olhos

ainda fechados. “Esse jovem que você imaginou que se parecia com um lobisomem se chamava… hã, Greg? Greg Benton?” Ricky abriu os olhos de novo, e se alguém estivesse olhando para ele, teria visto gratidão em suas feições.

Don assentiu, sem entender por que isso era importante. “Eu o conheci com um nome diferente”, revelou Sears. “Muito tempo atrás, ele se chamava Gregory Bate. E o irmão meio retardado se chamava Fenny. Eu estava presente quando Fenny morreu.” Ele sorriu com a amargura de um homem obrigado a comer algo que odeia. “Foi muito tempo antes do seu… Benton… decidir usar a cabeça raspada.”

“Se ele consegue fazer duas aparições, é capaz de fazer três”, emendou Ricky. “Eu o vi na praça há menos de duas semanas.”

As luzes, violentamente intensas depois de tanto tempo passado à luz de velas, voltaram de repente. Os quatro homens na biblioteca de Sears, sua distinção e qualquer tranquilidade que as chamas lhes tivessem dado sendo apagadas pela claridade mais forte, pareceram temerosos: *nós já parecemos meio mortos*, pensou Ricky. Era como se as velas os tivessem atraído para um círculo caloroso, o calor do fogo, um grupo e uma história; agora, eles foram separados, espalhados em uma planície invernal.

“Parece que ele ouviu”, comentou Lewis, bêbado. “Talvez tenha sido isso o que Freddy Robinson viu. Talvez tenha visto Gregory virando lobo. Rá!”

INVASÃO DOMICILIAR, PARTE TRÊS

10

Peter se levantou na escada e, sem consciência de estar disposto a se mover, subiu para ficar ao lado de Jim no patamar do primeiro andar.

O lobisomem subiu devagar, sem parar, na direção deles, sem pressa nenhuma. “Vocês querem conhecê-la, não querem?” Seu sorriso era feroz. “Ela vai ficar muito contente. Vocês vão ter excelentes boas-vindas, eu prometo.”

Peter olhou ao redor como um louco; viu uma luz fosforescente saindo por baixo de uma porta.

“Ela ainda não está em condições de ver vocês, mas isso torna tudo mais interessante, não acham? Nós todos gostamos de ver nossos amigos sem as máscaras.”

Ele está falando para nos manter parados aqui, pensou Peter. É como *uma hipnose*.

"Vocês não são os dois garotos interessados em exploração científica? Em telescópios? Como é bom conhecer dois jovens com mentes inquisitivas, dois rapazes com vontade de ampliar seu conhecimento. Há tanta gente que simplesmente segue vivendo, não é? Tantas com medo de correr riscos. Bom, nós não podemos dizer isso sobre vocês, podemos?"

Peter olhou para o rosto de Jim Hardie. A boca de Jim estava aberta.

"Não, vocês foram extremamente corajosos. Volto a falar com vocês em um momento e quero que relaxem e me esperem… apenas relaxem e me esperem."

Peter bateu com as costas da mão nas costelas de Jim, mas o outro não se mexeu. Ele olhou novamente para a figura terrível subindo na sua direção e cometeu o erro de olhar diretamente naqueles olhos dourados vazios. Imediatamente, ouviu uma voz musical que não vinha do homem, mas falava diretamente dentro de sua cabeça: *Relaxe, Peter, relaxe, você vai conhecê-la*…

"Jim!", gritou ele.

Hardie teve um tremor convulsivo, e Peter soube que ele já estava perdido.

Calma, garoto, não precisa fazer tanto barulho…

O homem de olhos dourados os estava quase alcançando, estendendo a mão esquerda. Peter deu um passo para trás, assustado demais para ter pensamentos coerentes.

A mão branca do homem foi chegando cada vez mais perto da mão esquerda de Jim.

Peter virou as costas e subiu metade do lance seguinte de escada. Quando olhou ao redor, a luz por baixo da porta no patamar do primeiro andar se espalhava com tanta intensidade que as paredes estavam ligeiramente manchadas de verde. Jim também estava esverdeado naquela luz.

"Segure minha mão", disse o homem. Ele estava dois passos abaixo de Jim, e suas mãos quase se tocavam.

Jim roçou os dedos na palma da mão do homem.

Peter olhou escada acima, mas não conseguia abandonar Jim.

O homem estava rindo. O coração de Peter congelou, e ele olhou para baixo de novo. O homem estava segurando o pulso de Jim com a mão esquerda. Os olhos lupinos brilhavam, arregalados.

Jim gritou.

O homem que o segurava levou as mãos até o pescoço de Jim e girou o corpo dele com força imensa, batendo com a cabeça do garoto na parede. Ele firmou os pés nas tábuas do patamar e bateu novamente com a cabeça de Jim na parede.

Sua vez.

Jim caiu no chão, e o homem o chutou para o lado, como se ele fosse um saco de papel sem peso nenhum. Na parede havia uma mancha de sangue, como uma pintura a dedo feita por uma criança.

Peter correu por um longo corredor cheio de portas; abriu uma aleatoriamente e entrou.

Lá dentro, ele parou. Era possível ver o contorno da cabeça de um homem na janela.

“Bem-vindo ao lar”, disse a voz sem inflexão do homem. “Você já a conheceu?” Ele se levantou da cama. “Não? Quando conhecer, nunca vai esquecer. Que mulher incrível.”

O homem, ainda apenas um contorno preto na janela, começou a andar na direção de Peter, que permaneceu imóvel junto à porta. Quando chegou mais perto, ele viu que era Freddy Robinson.

“Bem-vindo ao lar”, disse Robinson.

Achei você.

Passos no corredor pararam atrás da porta do quarto. *Tempo. Tempo. Tempo. Tempo*.

“Sabe, não me lembro exatamente…”

Em pânico, Peter correu em direção a Robinson com os braços estendidos, pretendendo empurrá-lo para longe de seu caminho; assim que seus dedos tocaram a camisa do homem, Robinson se desfez em um padrão deformado de pontos de luz; seus dedos formigaram. Tudo acabou em um instante, e Peter correu, atravessando o ar onde a forma estava antes.

“Saia, Peter”, disse a voz do outro lado da porta. “Nós todos queremos que você saia.” E a outra voz, na sua mente, repetiu: *Tempo*.

De pé na frente da cama, Peter ouviu a maçaneta girando. Subiu na cama e bateu com a palma das mãos no alto da janela.

A janela deslizou, como se estivesse lubrificada. O ar frio o atingiu. Ele sentiu a outra mente à sua procura, dizendo-lhe para que fosse até a porta, para não ser bobo, ele não queria saber se estava tudo certo com Jim?

Jim!

Ele saiu pela janela no momento em que a porta se abriu. Alguma coisa correu até ele, mas Peter já estava do outro lado do telhado superior, pulando para o de baixo. De lá, caiu no telhado da garagem, e da garagem pulou na neve.

Ao passar correndo pelo carro de Jim, olhou de soslaio para a casa; mas estava tão normal quanto antes. Apenas as luzes da escada e do saguão estavam acesas, lançando um retângulo convidativo de luz amarela na calçada. Isso também pareceu falar com Peter Barnes, dizendo: *Imagine a paz de deitar com as mãos cruzadas sobre o peito, imagine dormir debaixo do gelo…*

Ele foi correndo de volta para sua casa.

11

“Lewis, você já está bêbado”, disse Sears, mal-humorado. “Não se faça mais de bobo.”

“Sears”, retrucou Lewis, “é uma coisa engraçada, mas é difícil não fazer papel de bobo quando se fala de coisas assim.”

“É verdade. Mas, pelo amor de Deus, pare de beber.”

“Sabe, Sears”, comentou Lewis. “Tenho a sensação de que nossas pequenas regras de conduta não vão mais servir de muita coisa.”

Ricky lhe perguntou: “Você quer parar com as reuniões?”.

“Bom, o que nós somos, afinal? Os Três Mosqueteiros?”

“De certa forma. Nós somos o que sobrou. E tem Don, claro.”

“Ah, Ricky.” Lewis sorriu. “A coisa mais doce em você é a sua lealdade.”

“Só com as coisas que merecem”, disse Ricky, espirrando alto duas vezes. “Me perdoem. Eu deveria estar em casa. Vocês querem mesmo acabar com as reuniões?”

Lewis colocou o copo no meio da mesa e se recostou na poltrona. “Não sei. Acho que não. Eu nunca fumaria os bons charutos de Sears se não nos encontrássemos duas vezes por mês. E agora que temos um novo membro, bem…” Quando Sears estava prestes a falar, Lewis olhou para eles, mais bonito do que em qualquer outra ocasião em sua vida. “E talvez eu tenha medo de não me reunir com vocês. Talvez eu acredite em tudo o que você disse, Ricky. Tive umas experiências estranhas desde outubro, desde a noite em que Sears falou sobre Gregory Bate.”

“Eu também”, admitiu Sears.

“Eu também”, ecoou Ricky. “Não era isso o que estávamos dizendo?”

“Então acho que temos que segurar a bronca”, disse Lewis. “Vocês estão em outro nível intelectual em comparação a mim, talvez esse garoto também, mas acho que, ou nós ficamos juntos, ou nos separamos de vez nesse tipo de situação. Às vezes, em casa, eu fico bem assustado, como se tivesse alguma coisa lá fora contando os segundos para me pegar. Como pegou John.”

“Nós acreditamos em lobisomens?”, questionou Ricky.

“Não”, disse Sears, e Lewis sacudiu a cabeça.

“Eu também não”, disse Don. “Mas tem uma coisa…” Ele fez uma pausa, pensou e levantou o rosto, dando de cara com os três homens idosos o encarando

com expectativa. “Não consegui formular ainda. É só uma ideia. Vou pensar um pouco mais antes de tentar explicar.”

“Bom, as luzes voltaram já tem um tempo”, disse Sears. “E tivemos uma boa história. Talvez tenhamos feito progresso, mas não vejo como. Se os irmãos Bate estiverem em Milburn, eu gostaria de supor que vão fazer como o inacreditável Hardesty sugere e seguir em frente quando se cansarem de nós.”

Don leu a expressão nos olhos de Ricky e assentiu.

“Espere”, disse Ricky. “Me perdoe, Sears, mas pedi que Don visitasse Nettie Dedham no hospital.”

“Ah, é?” Sears já estava incrivelmente entediado.

“E eu fui”, disse Don. “Conheci o xerife e o sr. Rowles lá. Nós todos tivemos a mesma ideia.”

“Para ver se ela diria alguma coisa”, explicou Ricky.

“Ela não conseguiu. É fisicamente incapaz.” Don olhou para Ricky. “Você deve ter ligado para o hospital.”

“Liguei, sim”, confirmou Ricky.

“Mas, quando o xerife lhe perguntou se tinha visto alguém no dia em que a irmã morreu, ela tentou dizer um nome. Ficou óbvio que era isso o que estava fazendo.”

“E o nome?”, perguntou Sears.

“O que ela disse foi um amontoado de consoantes, como Glngr. Glngr. Ela disse duas ou três vezes. Hardesty desistiu, não conseguiu entender.”

“Acho que ninguém conseguiria”, disse Lewis, olhando para Sears.

“O sr. Rowles me chamou no estacionamento e disse que achou que ela estava tentando dizer o nome do irmão. Stringer? É esse o nome?”

“Stringer?”, repetiu Ricky. Ele cobriu os olhos com a palma da mão.

“Tem alguma coisa aqui que eu não sei”, observou Don. “Alguém pode me explicar por que isso é tão importante?”

“Eu sabia que isso ia acontecer”, disse Lewis. “Sabia.”

“Controle-se, Lewis”, ordenou Sears. “Don, vamos ter que discutir isso entre nós primeiro. Mas acho que devemos a você uma história à altura daquela que nos contou. Você não vai ouvi-la hoje, mas, depois que tivermos discutido o assunto, acho que vai ouvir a maior das histórias da Sociedade Chowder.”

“Então quero pedir outro favor”, disse Don. “Se vocês decidirem me contar, pode ser na casa do meu tio?”

Ele percebeu a relutância por parte dos três homens; eles pareceram mais velhos de repente, e até Lewis se mostrou fragilizado.

“Pode não ser má ideia”, considerou Ricky Hawthorne. Ele parecia um resfriado gigantesco decorado com um bigode e uma gravata-borboleta de

bolinhas. “A casa do seu tio foi onde tudo começou para nós.” Ricky conseguiu sorrir para Don.

“Sim. Acho que você vai ouvir a maior das histórias da Sociedade Chowder.”

“E que o Senhor nos proteja até lá”, disse Lewis.

“Que Ele nos proteja depois”, acrescentou Sears.

12

Peter Barnes entrou no quarto dos pais e se sentou na cama, vendo a mãe pentear o cabelo. Ela estava com seu humor distante e abstraído; havia meses que alternava entre essa frieza glacial (preparando comida congelada e fazendo longas caminhadas sozinha) e um maternalismo invasivo. Nesse espírito, ela lhe presentava com suéteres novos, dava toda a atenção do mundo para ele no jantar e o perturbava por causa do dever de casa. Nos períodos maternais, Peter costumava sentir que ela estava quase à beira do choro. O peso de lágrimas não derramadas ficava evidente na voz e nos gestos.

“O que tem para jantar hoje, mãe?”

Ela inclinou a cabeça e olhou para o reflexo dele no espalho por um segundo. “Cachorro-quente e chucrute.”

“Ah.” Peter até gostava de cachorro-quente, mas o pai detestava.

“Era isso que você queria perguntar, Peter?” Ela não o olhou dessa vez, só manteve o olhar no reflexo da mão passando a escova pelo cabelo.

Peter sempre teve consciência de que sua mãe era uma mulher com uma aparência excepcional — talvez não uma beldade fabulosa como Stella Hawthorne, mas mais do que apenas bonita, de qualquer forma. Era dona de uma beleza altiva, jovem e loura; sempre teve uma expressão desimpedida, como um barco que se vê ao longe em uma baía, velejando ao sabor da brisa. Os homens a desejavam, ele sabia, embora não quisesse pensar nisso; na noite da festa para a atriz, viu Lewis Benedikt acariciando os joelhos de sua mãe. Até então, imaginou cegamente (pensava agora) que a idade adulta e o casamento significavam libertação das confusões apaixonadas da juventude. Mas sua mãe e Lewis Benedikt poderiam ser Jim Hardie e Penny Draeger. Pareciam um casal mais natural do que ela e seu pai. E, não muito tempo depois da festa, ele sentiu o relacionamento dos pais começar a desmoronar.

“Na verdade, não”, disse ele. “Eu gosto de ver você penteando o cabelo.”

Christina Barnes parou, com a mão erguida no alto da cabeça. Em seguida, ela a baixou em um movimento pesado e delicado. Ela encontrou os olhos do

filho de novo, mas afastou o rosto rapidamente, quase com culpa.

“Quem vem para a sua festa amanhã à noite?”, perguntou ele.

“Ah, as pessoas de sempre. Os amigos do seu pai. Ed e Sonny Venuti. Algumas outras pessoas. Ricky Hawthorne e a esposa. Sears James.”

“O sr. Benedikt vem?”

Dessa vez, ela o encarou deliberadamente. “Não sei. Talvez. Por quê? Você não gosta de Lewis?”

“Às vezes acho que gosto. Não o vejo muito.”

“Ninguém o vê muito, querido”, disse ela, melhorando um pouco o humor dele. “Lewis é recluso, a não ser que você seja uma garota de 25 anos.”

“Ele já não foi casado?”

Ela o encarou de novo, dessa vez mais com mais intensidade. “Que interrogatório é esse, Peter? Estou tentando pentear o cabelo.”

“Eu sei. Me desculpe.” Peter ajeitou a colcha da cama com nervosismo.

“Então?”

“Acho que eu só estava querendo saber se você é feliz.”

Ela colocou a escova na penteadeira, fazendo o cabo de marfim estalar na madeira. “Feliz? Claro que sou, querido. Agora desça e mande seu pai se aprontar para o jantar.”

Peter saiu do quarto e desceu até a pequena sala lateral onde o pai estava sem dúvida nenhuma assistindo televisão. Era outro sinal de que as coisas estavam indo mal: Peter não conseguia se lembrar de seu pai optando pela televisão à noite até então, mas durante meses levou a pasta para a sala de TV, dizendo que precisava trabalhar em alguns papéis; minutos depois, era possível ouvir a música de abertura de *Starsky e Hutch* ou de *As Panteras* vazando pela porta fechada.

Ele espiou dentro da sala, viu a poltrona puxada para a frente da tela acesa — *A Família Sol-Lá-Si-Dó* —, as nozes salgadas na tigela ao lado da mesa, um maço de cigarros e um isqueiro, mas o pai não estava lá. A pasta, fechada, estava no chão ao lado da poltrona.

Fora da sala de TV, então, com suas imagens de consolo solitário, no fim do corredor, na cozinha. Quando Peter entrou, Walter Barnes, usando terno marrom e sapatos gastos da mesma cor, estava colocando duas azeitonas em um martíni. “Peter, amigão”, disse ele.

“Oi, pai. A mamãe diz que o jantar vai estar pronto daqui a pouco.”

“Eu queria saber o que isso quer dizer. Uma hora? Uma hora e meia? O que ela fez, você sabe?”

“Cachorro-quente.”

“Uf. Ugh. Cristo. Acho que vou precisar disto aqui, hein, Pete?” Ele ergueu o copo, sorriu para o filho e bebeu.

“Hã, pai…”

“O quê?”

Peter chegou para o lado e enfiou as mãos nos bolsos, subitamente sem palavras. “Está ansioso para sua festa?”

“Claro”, disse o pai. “Vai ser bom, Pete, você vai ver. Tudo vai dar certo.”

Walter Barnes começou a sair da cozinha na direção da sala de TV, mas um instinto o fez olhar novamente para o filho, que estava se balançando de um lado para o outro, com as mãos ainda nos bolsos e o rosto tomado de emoção. “Ei, amigão. Algum problema na escola?”

“Não”, disse Peter, movimentando-se de um jeito desconsolado: de um lado para o outro, de um lado para o outro.

“Venha comigo.”

Eles atravessaram o corredor, com Peter atrás. Na porta da sala de TV, seu pai disse: “Seu amigo Jim Hardie ainda não voltou, pelo que eu soube”.

“Não.” Peter começou a suar.

O pai colocou o martíni em um porta-copos e se sentou pesadamente na poltrona. Os dois olharam para a tela. A maioria dos filhos dos Brady e o pai estavam engatinhando em volta da mobília da sala, uma sala bem parecida com a dos Barnes, procurando um bichinho perdido, uma tartaruga ou um gatinho (ou talvez, como as crianças da família Brady eram uns pestinhas adoráveis, um roedor).

“A mãe dele está morrendo de preocupação”, disse seu pai, colocando um punhado de macadâmias na boca. Quando desceram pela garganta, ele falou: “Eleanor é uma boa pessoa. Mas nunca entendeu aquele menino. Você tem alguma ideia de onde ele pode ter ido?”.

“Não”, disse Peter, olhando a caçada ao roedor como quem procura pistas para conduzir a vida familiar.

“Só saiu de carro.”

Peter assentiu. Ele tinha ido até a Montgomery Street a caminho da escola no dia seguinte à fuga da casa e, do quarteirão anterior, viu que o carro tinha sumido.

“Rollie Draeger está um pouco aliviado, imagino eu”, disse o pai. “Acho que é uma sorte a filha dele não estar grávida.”

“Aham.”

“Você não tem nenhuma ideia de onde Jim pode ter ido?” Seu pai olhou para ele.

“Não”, disse Peter, arriscando encará-lo.

“Ele não contou nada durante suas bebedeiras?”

“Não”, disse Peter, inconsolável.

“Você deve sentir falta dele”, comentou seu pai. “Talvez até esteja preocupado. Não está?”

“Estou”, disse Peter, agora tão próximo das lágrimas quanto às vezes achava que a mãe estava.

“Não fique. Um garoto assim sempre causa mais problemas para os outros do que para ele mesmo. E vou dizer uma coisa: eu sei onde ele está.”

Peter olhou para o pai.

“Ele está em Nova York. Com certeza. Está fugindo por algum motivo. E eu me pergunto se não pode ter tido algum envolvimento com o que aconteceu com a velha Rea Dedham, afinal. É estranho ele ter fugido, você não acha?”

“Ele não fugiu”, disse Peter. “Não fugiu. Não poderia.”

“Mesmo assim, você está melhor com dois velhos como nós do que com ele, não acha?” Como Peter não concordou da maneira esperada, Walter Barnes estendeu a mão para o filho e tocou no braço dele. “Tem uma coisa que você tem que aprender sobre este mundo, Pete. Os encrenqueiros podem parecer atraentes, mas é melhor ficar longe deles. É melhor ter a companhia de pessoas como nossos amigos, como as pessoas com quem você vai conversar na nossa festa, e tudo vai ficar bem. O mundo já é bem difícil de encarar sem procurar confusão.” Ele soltou o braço de Peter. “Por que você não puxa uma cadeira para assistir TV comigo? Vamos passar um tempo juntos.”

Peter se sentou e fingiu ver televisão. De tempos em tempos, ouvia o barulho do limpador de neve, que seguia gradualmente pela rua, indo na direção da praça.

13

No dia seguinte, as duas atmosferas — interna e externa — tinham mudado. Sua mãe não estava com nenhum dos dois humores, mas andava com alegria pela casa, passando aspirador e tirando o pó, falando ao telefone, ouvindo rádio. Peter, no quarto, ouvia música intercalada por relatórios sobre a neve. As ruas e estradas estavam tão ruins que as aulas foram suspensas. O pai foi andando até o banco. Da janela do quarto, Peter o viu saindo de chapéu, sobretudo e botas de borracha, parecendo pequeno e russo. Vários outros russos, os vizinhos, se juntaram a ele quando chegou ao fim do quarteirão. Os noticiários repetiam o mesmo tema: *preparem os trenós, crianças, vinte centímetros ontem à noite e*

previsão de aumento no fim de semana, um acidente na Route 17 atrapalhou o tráfego entre Damascus e Windsor… um acidente na Route 79 bloqueou o tráfego entre Oughuoga e Center Village… um trailer capotou na Route 11, a seis quilômetros e meio de Castle Creek… Omar Norris chegou com o limpador de neve pouco antes do meio-dia, enterrando dois carros debaixo do imenso acúmulo de neve. Depois do almoço, sua mãe o fez bater claras em neve até ficarem firmes. O dia parecia um longo rolo de tecido cinza; infinito.

Sozinho novamente no quarto, ele pesquisou *Robinson, F*. na lista telefônica e ligou para o número, com o coração pulando até o céu da boca. Depois de dois toques, alguém atendeu e desligou em seguida.

O rádio só trazia desastres. Em Lester, um homem de 52 anos morreu de ataque cardíaco enquanto tirava neve da entrada de casa; duas crianças foram mortas quando o carro da mãe bateu no pilar de uma ponte perto de Hillcrest. Um idoso em Stamford morreu de hipotermia, pois não podia pagar por aquecimento.

Às seis, o limpador de neve passou novamente pela casa. Naquela hora, Peter estava na sala de TV, esperando o noticiário. A mãe olhou lá dentro, uma cabeça loura em meio a um frenesi de ordens. “Lembre-se de trocar de roupa para o jantar, Pete. Por que você não capricha e usa uma gravata?”

“Alguém vem com esse tempo?” Ele apontou para a tela, uma mancha de neve caindo, o trânsito parado. Homens com uma maca carregavam o corpo da vítima de hipotermia, Elmore Vesey, de 76 anos, para fora de uma cabana decadente coberta de neve.

“Claro. Ninguém mora longe.” Inexplicavelmente feliz, ela saiu andando.

Meia hora depois, seu pai chegou em casa de cara fechada, olhou para o filho e disse: “Oi, Pete. Tudo bem?”. Ele subiu a escada e foi tomar um banho quente de banheira.

Às sete, o pai se juntou a ele na sala de TV, com um martíni na mão, castanhas na tigela. “Sua mãe disse que gostaria de ver você de gravata. Como ela está tão de bom humor, por que não fazer a vontade dela desta vez?”

“Tudo bem”, disse Peter.

“Algum sinal de Jim Hardie?”

“Não.”

“Eleanor deve estar ficando louca de preocupação.”

“Acho que está mesmo.”

Ele foi para o quarto e se deitou na cama. Estar em uma festa, responder a todas as perguntas de sempre (“Ansioso para Cornell?”), andar por aí com bandejas e jarras de bebidas, eram as coisas que ele menos tinha vontade de fazer neste mundo. Pete queria se encolher embaixo do cobertor e ficar na cama

pelo máximo de tempo que deixassem. Assim, nada poderia acontecer com ele. A neve aumentaria em volta da casa, os termostatos trabalhariam, ele teria longos períodos de sono…

Às sete e meia, a campainha tocou, e ele se levantou da cama. Ouviu o pai abrindo a porta, vozes, bebidas sendo oferecidas. Os recém-chegados eram os Hawthorne e outro homem, cuja voz ele não reconheceu. Peter tirou a camisa pela cabeça e vestiu uma limpa. Em seguida, amarrou uma gravata no pescoço, deu o nó, penteou o cabelo com os dedos e saiu do quarto.

Quando chegou ao patamar da escada e conseguiu ver a porta, seu pai estava pendurando casacos no armário de convidados. O desconhecido era um homem alto na casa dos trinta anos, com cabelo louro denso, rosto quadrado simpático, paletó de tweed e camisa azul sem gravata. *Não é advogado*, pensou Peter. “Um *escritor*”, disse sua mãe naquele instante, com a voz mais alta do que o normal. “Que interessante.” Peter fez uma careta.

“Aqui está Pete, nosso filho”, anunciou seu pai, e todos os três convidados olharam para ele, os Hawthorne sorrindo e o estranho apenas com um olhar inquisitivo de interesse. Ele apertou as mãos de todos e se perguntou, ao segurar a mão de Stella, como sempre acontecia quando ele a via, como uma mulher tão velha conseguia ser tão linda quanto qualquer uma dessas pessoas que aparecem nos filmes. “É um prazer ver você, Peter”, disse Ricky Hawthorne e deu um aperto de mão brusco nele. “Você parece meio cansado.”

“Eu estou bem”, disse ele.

“E este é Don Wanderley. Ele é escritor e era sobrinho do sr. Wanderley”, apresentou sua mãe. O aperto de mão do escritor foi firme e caloroso. “Ah, precisamos falar sobre seus livros. Peter, você pode fazer o favor de ir até a cozinha pegar o gelo?”

“Você é um pouco parecido com seu tio”, comentou Peter.

“Obrigado.”

“Peter, o *gelo*.”

Stella Hawthorne disse: “Em uma noite assim, acho que prefiro minhas bebidas aquecidas no vapor, como mariscos”.

A mãe dele interrompeu sua gargalhada — “Pete, o gelo, por favor” — e se virou para Stella Hawthorne com um sorriso nervoso. “Não, as ruas parecem bem no momento”, ele ouviu Ricky Hawthorne dizendo para seu pai. Ele seguiu pelo corredor até a cozinha e começou a colocar gelo em uma tigela. A voz da mãe, alta demais, chegava até lá.

Um instante depois, ela estava ao seu lado, tirando coisas da grelha e espiando o forno. “As azeitonas e as torradas de arroz estão prontas?” Ele assentiu. “Então coloque em uma bandeja e ofereça, por favor, Peter.” Havia

rolinhos primavera e fígado de galinha enrolado em bacon. Ele queimou os dedos quando foi colocar tudo em uma bandeja, e sua mãe se aproximou por trás e beijou sua nuca. “Pete, você é um amor.” Sem ter bebido nada, estava agindo como bêbada. “O que temos que fazer agora? Os martínis estão prontos? Quando você voltar com a bandeja, pegue a jarra e coloque em outra bandeja com os copos, certo? Seu pai vai ajudar. E agora? O que eu tenho que fazer? Ah, amassar alcaparras e anchovas e botar na caçarola. Você está lindo, Peter, estou tão feliz por você ter colocado gravata.”

A campainha tocou de novo: mais vozes familiares. Harlan Bautz, o dentista, e Lou Price, que parecia o vilão de um filme de gângsteres. Suas esposas, agitada e dócil, respectivamente.

Peter estava passando a primeira bandeja quando os Venuti chegaram. Sonny Venuti colocou um rolinho na boca, disse “Quentinho!” e o beijou a bochecha. Estava de olhos saltados e abatida. Ed Venuti, o sócio do pai, perguntou: “Ansioso por Cornell, filho?”, e soltou um bafo de gim na cara dele.

“Sim, senhor.”

Mas ele não estava ouvindo. “Deus abençoe o Trem Feliz de Martinilândia”, disse Ed quando seu pai colocou um copo cheio na mão dele.

Quando ofereceu a bandeja para Harlan Bautz, o dentista deu um tapa nas suas costas e disse: “Aposto que você mal pode esperar para ir para Cornell, hein, garoto?”.

“Sim, senhor.” Peter fugiu correndo para a cozinha.

Sua mãe estava colocando uma mistura esverdeada em uma caçarola quente. “Quem chegou agora?”

Ele contou.

“Termine de colocar essa gosma aí e coloque de volta no forno”, disse ela, entregando a tigela. “Tenho que dizer oi. Ah, estou tão *festiva* hoje.”

Ela saiu, e ele ficou sozinho na cozinha. Colocou o resto da substância verde e densa na caçarola e mexeu com uma colher. Quando estava colocando de volta no forno, seu pai apareceu e disse: “Onde está a bandeja de bebidas? Eu não deveria ter feito tantos martínis, temos um monte de bebedores de uísque aqui. Ah, vou levar a jarra e usar os outros copos da sala. Ei, a casa já está lotada, Pete. Era bom você ir conversar com aquele escritor, ele é um sujeito interessante, acho que escreve histórias de terror. Eu me lembro de Edward ter dito qualquer coisa sobre isso. Interessante, não é? Eu sabia que você se divertiria ao passar um tempo com nossos amigos. Você está, não é?”.

“O quê?” Peter fechou a porta do forno.

“Se divertindo.”

“Claro.”

“Que bom. Saia daqui e converse com as pessoas.” Ele balançou a cabeça, como se estivesse impressionado. “Garoto. Sua mãe está toda animada. Está se divertindo. É bom vê-la assim de novo.”

“É”, disse Peter, e foi para a sala carregando uma bandeja de canapés que a mãe tinha deixado na cozinha.

Lá estava ela, “toda animada”, como o pai dissera; quase literalmente animada, falando de forma acelerada em meio a uma nuvem de fumaça, afastando-se de Sonny Venuti para pegar uma tigela de azeitonas pretas e oferecer para Harlan Bautz.

“Dizem que, se continuar assim, Milburn pode ficar totalmente isolada”, disse Stella Hawthorne com a voz mais baixa e mais audível do que a de sua mãe e a da sra. Venuti. Talvez por esse motivo tenham parado todas as conversas. “Nós só temos um limpador de neve, e o do condado vai ficar ocupado com a rodovia.”

Lou Price, no sofá ao lado de Sonny Venuti, disse: “E veja quem dirige nosso limpador de neve. O conselho municipal nunca deveria ter se deixado convencer pela mulher de Omar Norris. Na maior parte do tempo, Omar está bêbado demais para saber para onde está indo”.

“Ah, Lou, esse é o único trabalho que Omar Norris faz o ano todo… e ele passou aqui duas vezes hoje!” Sua mãe defendeu Omar Norris com entusiasmo demais. Peter a viu olhando para a porta e percebeu que essa animação era causada por alguém que ainda não tinha chegado.

“Ele deve estar dormindo nos vagões a esta altura”, comentou Lou Price. “Nos vagões ou na garagem, se a esposa deixar que ele se aproxime tanto assim. Você iria querer um cara desses dirigindo um limpador de neve de duas toneladas perto do seu carro? Ele poderia destruir a coisa toda só com o bafo.”

A campainha tocou, e sua mãe quase deixou cair a bebida.

“Eu atendo”, disse Peter e foi até a porta.

Era Sears James. Sob a aba larga do chapéu, mostrava um rosto cansado e tão branco que as bochechas estavam quase azuis. Ele disse “Oi, Peter” e pareceu normal de novo, tirando o chapéu e se desculpando pelo atraso.

Durante vinte minutos, Peter carregou canapés em bandejas, encheu copos e fugiu de conversas. (Sonny Venuti, segurando sua bochecha com dois dedos: “Aposto que você mal pode esperar para sair desta cidade horrível e começar a ir atrás das universitárias, não é, Pete?”.) Sempre que olhava para a mãe, ela estava no meio de uma frase, com os olhos se desviando para a porta. Lou Price estava explicando em voz alta alguma coisa sobre o futuro da soja para Harlan Bautz; a sra. Bautz estava entediando Stella Hawthorne com conselhos sobre decoração. (“Eu diria para escolher jacarandá.”) Ed Venuti, Ricky Hawthorne e seu pai

conversavam em um canto sobre o desaparecimento de Jim Hardie. Peter voltou para a paz estéril da cozinha, afrouxou a gravata e aninhou a cabeça entre os braços em uma bancada cheia de coisas verdes. Cinco minutos depois, o telefone tocou. “Não, pode deixar, Walt. Eu atendo”, ele ouviu sua mãe dizendo na sala.

A extensão da cozinha parou de tocar alguns segundos depois. Ela atendeu ao telefone na sala de televisão. Peter olhou para o aparelho branco na parede da cozinha. Talvez não fosse o que ele pensava; talvez fosse Jim Hardie dizendo *ei, não se preocupe, cara, estou na Maçã*… ele precisava saber. Mesmo que fosse o que ele pensava. Peter pegou o telefone. Só ouviria por um segundo.

A voz era de Lewis Benedikt, e seu coração murchou.

“… não, Christina, não posso ir”, disse Lewis. “É impossível. Tem dois metros de neve na minha porta.”

“Tem alguém na linha”, avisou sua mãe.

“Não seja paranoica”, disse Lewis. “Além do mais, Christina, seria uma perda de tempo eu ir. Você sabe.”

“Pete? É você? Você está ouvindo?”

Peter prendeu a respiração, mas não desligou.

“Ah, Peter não está ouvindo nada. Por que ele faria isso?”

“Droga, você está aí?” A voz de sua mãe era penetrante como o zumbido de uma vespa.

“Christina, me desculpe. Nós ainda somos amigos. Volte para a sua festa e divirta-se.”

“Você é um canalha sem nenhum sentimento”, disse sua mãe e bateu o telefone. Um segundo depois, em choque, Peter desligou a extensão.

Ele ficou parado, com as pernas bambas, quase certo do significado do que acabara de ouvir. Virou-se cegamente para a janela da cozinha. Passos. A porta atrás dele se abriu e se fechou. Atrás de seu reflexo pálido — tão sem cor quanto no momento em que olhava para um cômodo vazio na Montgomery Street — estava o de sua mãe, com o rosto parecendo apenas um borrão zangado. “Você estava ouvindo, seu xereta?” Logo surgiu outro reflexo entre eles. Permaneceu assim por um momento, outra mancha pálida deslizando entre o rosto dele e o da mãe. A imagem se aproximou, e Peter estava vendo um rosto pequeno — não refletido, mas diretamente do lado de fora da janela. Um rosto suplicante e deformado de criança. O garoto estava implorando para que ele saísse. “Me conte, seu xereta”, ordenou a mãe.

Peter gritou e enfiou a mão fechada na boca para abafar o barulho. Ele fechou os olhos.

De repente, os braços da mãe estavam ao seu redor, e a voz dela se fez ouvir, murmurando pedidos de desculpas, com lágrimas agora não latentes, mas

quentes no pescoço dele. Peter conseguia ouvir, acima do barulho que a mãe estava fazendo, a voz de Sears James declarando: “Sim, Don veio para tomar posse da casa, mas também para nos ajudar com um probleminha, um problema de pesquisa.” Uma voz abafada que poderia ser de Sonny Venuti comentou alguma coisa. Sears respondeu: “Nós queremos que ele investigue o passado daquela garota Moore, a atriz que desapareceu”. Mais vozes abafadas: surpresa branda, dúvida branda, curiosidade branda. Peter tirou a mão da boca.

“Tudo bem, mãe”, disse ele.

“Peter, me desculpe.”

“Eu não vou contar.”

“Não é… Peter, não é o que você está pensando. Você não pode se deixar abalar por isso.”

“Eu achei que poderia ser Jim Hardie ligando”, disse ele.

A campainha tocou.

Ela soltou o pescoço do filho. “Coitadinho de você, querido, com um péssimo amigo fujão e uma mãe maluca como eu.” Ela beijou a parte de trás da cabeça dele. “E eu molhei a sua camisa limpa.”

A campainha tocou de novo.

“Chegou mais gente”, disse Christina Barnes. “Seu pai vai preparar as bebidas. Vamos voltar ao normal antes de sermos vistos em público de novo, tá?”

“É alguém que você convidou?”

“Só pode ser, Pete. Quem mais poderia ser?”

“Não sei”, disse ele, olhando para a janela novamente. Não tinha ninguém lá, apenas o rosto virado da mãe e o seu, brilhando como velas fracas no vidro. “Ninguém.”

Ela se ajeitou e secou os olhos.

“Vou tirar a comida do forno. É melhor você ir dizer olá.”

“Quem é?”

“Alguém que Sears e Ricky conhecem.”

Ele foi até a porta e olhou para trás, mas sua mãe já estava abrindo o forno e enfiando a mão dentro, uma mulher comum aprontando comida para uma festa.

Não sei o que é real e o que não é, pensou ele, dando as costas para ela e seguindo para o corredor. O desconhecido, o sobrinho do sr. Wanderley, estava falando perto da arcada da sala. “Bem, o que me interessa agora, para falar a verdade, é a diferença entre invenção e realidade. Por exemplo, você por acaso ouviu uma música alguns dias atrás? Uma banda tocando em algum lugar da cidade?”

“Eu não”, sussurrou Sonny Venuti. “Você ouviu?”

Peter parou embaixo da arcada e olhou boquiaberto para o escritor.

“Ei, Pete”, disse seu pai. “Quero que você conheça sua acompanhante para o jantar.”

“Ah, *eu* queria me sentar ao lado deste belo jovem”, disse Sonny Venuti, sorrindo para ele com os olhos esbugalhados.

“Você vai ter que ficar comigo mesmo”, falou Lou Price.

“Venha até aqui, amigão”, chamou seu pai.

Ele se afastou de Don Wanderley, que o encarava com curiosidade, e se virou para o pai. Sua boca secou. Seu pai estava com o braço ao redor de uma mulher alta com um rosto fino e bonito.

Era o rosto que ele viu olhando para ele na outra ponta de um telescópio, no lado oposto de uma praça.

“Anna, esse é meu filho Pete. Pete, a srta. Mostyn.”

Os olhos dela o avaliaram. Por um momento, ele tomou consciência de se encontrar entre a mulher e Don Wanderley, com Sears James e Ricky Hawthorne observando tudo como espectadores em uma partida de tênis; mas ele e a mulher e Don Wanderley formavam os pontos de um triângulo longo e estreito como um espelho ardente, então os olhos dela o observaram novamente, e ele conseguia pensar apenas no perigo que corria.

“Ah, acho que Peter e eu vamos ter muito o que conversar”, disse Anna Mostyn.

DOS DIÁRIOS DE DON WANDERLEY

14

O que era para ser minha apresentação a uma comunidade mais ampla de Milburn acabou em um caos desastroso.

Peter Barnes, um garoto alto de cabelo preto que parece ao mesmo tempo inteligente e sensível, foi a causa do choque. Parecia apenas incomunicável no começo, o que era algo compreensível para um garoto de dezessete anos bancando o garçom na festa dos pais. Manifestações de carinho pelos Hawthorne. Ele também reage a Stella. Mas, por trás do distanciamento, havia mais alguma coisa — uma coisa que gradualmente imaginei que fosse… pânico? Desespero? Ao que parece, um amigo dele despareceu do nada, e os pais imaginaram que essa era a causa de sua morosidade. No entanto, era mais do que isso, e o que pensei ter visto nele foi medo — ou a Sociedade Chowder incutira

isso em mim, ou me fizera projetá-lo de forma equivocada. Quando eu estava fazendo meus comentários pomposos para Sonny Venuti, Peter se deteve e ficou me olhando; ele realmente me investigou com os olhos, e tive a sensação de que desejava muito falar comigo — e não era sobre livros. O surpreendente foi que achei que ele também tinha ouvido a música do dr. Rabbitfoot.

E se for verdade… se for verdade, estamos no meio da vingança do dr. Rabbitfoot. E Milburn inteira está prestes a explodir.

Estranhamente, foi algo que Anna Mostyn disse que fez Peter desmaiar. Ele estremeceu quando a viu pela primeira vez, tenho certeza disso. Ficou com medo dela. Anna Mostyn é uma mulher cuja atratividade não é pouca, comparável até mesmo ao tipo de beleza incrível de Stella Hawthorne; os olhos parecem remeter a Norfolk e Florença, de onde ela diz serem seus ancestrais. Ao que parece, ela se fez indispensável para Sears e Ricky, mas seu maior dom é meramente ser educada e útil quando necessário, como aconteceu no dia do enterro. Ela exala gentileza, simpatia e inteligência, mas não sufoca você com sua excelência. É discreta, tranquila e comportada, uma jovem que demonstra absoluta independência e serenidade. Chega a ser absurdamente reservada. Mas é sensual de uma forma perturbadora e inexplicável. Parece *fria*, mas sensualmente fria; é uma sensualidade voltada à satisfação de si mesma.

Eu a vi desafiando Peter Barnes por um momento durante o jantar. Ele estava olhando para o prato, forçando o pai a falar mais e a demonstrar maior simpatia e irritando a mãe; nunca olhava para Anna Mostyn, apesar de estar sentado ao lado dela. Os outros convidados o ignoravam e conversavam sobre o tempo. Peter estava louco para sair dali. Anna o segurou pelo queixo, e notei o tipo de olhar que ela estava lançando para o rapaz. Ela disse bem baixinho que gostaria de mandar pintar alguns cômodos da casa nova e achava que ele e um ou dois amigos da escola pudessem ir até lá para fazer o trabalho. Ele desfaleceu. Essa palavra antiquada se encaixa perfeitamente. Ele desmaiou, apagou, perdeu os sentidos… desfaleceu. Pensei que pudesse ter sofrido algum tipo de colapso, e a maioria dos presentes também. Stella Hawthorne nos acalmou, ajudou Peter a se levantar da cadeira, e o pai o levou até o andar de cima. O jantar terminou pouco depois.

• • •

E agora, pela primeira vez, atenho-me à seguinte questão: Alma Mobley. Anna Mostyn. As iniciais, a grande similaridade nos nomes. Estarei em um ponto em que possa me dar ao luxo de chamar qualquer coisa coincidente de “mera coincidência”? Anna não é parecida com Alma Mobley em nada; ao mesmo tempo, é como ela.

E entendo de que maneira. É o ar de atemporalidade. Mas, enquanto Alma passaria direto pelo Plaza Hotel nos anos 1920, Anna Mostyn estaria lá dentro, sorrindo para o alvoroço causado por homens com garrafinhas nos bolsos, deixando-os em polvorosa, falando sobre carros novos e o mercado de ações, fazendo o melhor possível para chamar a atenção dela.

Esta noite, vou levar as páginas do livro do dr. Rabbitfoot para o incinerador do hotel e pretendo queimá-las.

PARTE TRÊS
A CAÇA AO GUAXINIM

Mas o espírito civilizado do homem, quer seja chamado
de burguês ou apenas qualificado como civilizado,
não consegue fugir de um sentimento incômodo.
— *Dr. Fausto*, Thomas Mann —

I.
Eva Galli e o manitu

Era outubro decerto
Nesta mesma noite um ano atrás
Quando eu vim, eu vim aqui perto…
Fardo horrível eu trouxe, aqui para perto…

Ah, que demônio me atraiu até aqui?
— “Ulalume”, Edgar Allan Poe —

LEWIS BENEDIKT

1

Dois dias de mudanças no tempo: a neve parou e o sol voltou. Foi como dois dias de um veranico imprevisível. A temperatura ultrapassou o ponto de congelamento pela primeira vez em um mês e meio; a praça da cidade virou um pântano que até os pombos evitavam. Conforme a neve foi derretendo, o rio, mais cinzento e veloz do que no dia em que John Jaffrey pulou da ponte, chegou quase ao topo das barrancas que o ladeavam. Pela primeira vez em cinco anos, Walt Hardesty e seus policiais, ajudados pelos voluntários dos bombeiros, colocaram sacos de areia nas margens para impedir uma inundação. Hardesty usou a fantasia de Velho Oeste durante o trabalho pesado de carregar sacos de areia da picape, mas um policial chamado Leon Churchill tirou a camisa e achou que talvez o pior tivesse passado até os dias mais gelados de fevereiro e março.

Metaforicamente, o povo de Milburn em geral tirou a camisa. Omar Norris voltou com alegria para a garrafa em tempo integral e, quando a esposa o expulsou de casa, voltou para o vagão sem temores e orou no gargalo de uma garrafa pela metade para que a neve pesada tivesse ido embora de vez. A cidade relaxou durante esses dias de alívio temporário e quente. Walter Barnes usou uma camisa espalhafatosa listrada de rosa e azul para ir ao banco, e durante oito horas se sentiu deliciosamente não bancário; Sears e Ricky fizeram piadas velhas

sobre Elmer Scales querer processar o homem da previsão do tempo por inconsistência. Durante dois dias, o Village Pump ficou lotado de estranhos que saíram para dar uma volta na hora do almoço. A movimentação no cinema de Clark Mulligan dobrou nos dois últimos dias do festival de dois filmes de Vincent Price, e ele os manteve em exibição por mais uma semana. Nas valas, a água que corria estava negra; quem não tomasse cuidado poderia ser encharcado pelos carros passando perto demais do meio-fio. Penny Draeger, a antiga namorada de Jim Hardie, encontrou um novo homem, um estranho com cabeça raspada e óculos escuros que disse para ela o chamar de G; era atraente e misterioso e chegara do nada, dizendo ser um marinheiro — coisas empolgantes para Penny. Na luz do sol, com som de água para todo lado, Milburn era uma cidade mais ampla. As pessoas colocavam galochas para manter os sapatos secos e saíam para caminhar. Milly Sheehan contratou um garoto que morava no quarteirão para instalar os protetores contra tempestades em suas janelas, e o rapaz disse: “Nossa, sra. Sheehan, talvez você só precise disso no Natal!”. Stella Hawthorne, deitada em uma banheira aromatizada, decidiu que era hora de mandar Harold Sims de volta para as bibliotecárias solteironas que se impressionariam com ele; preferia ir fazer o cabelo. Assim, por dois dias, decisões foram tomadas, longas caminhadas foram feitas. Homens não se ressentiam por pegar a estrada de manhã e ir para o trabalho. Nessa falsa primavera, os ânimos melhoraram.

Mas Eleanor Hardie foi ficando exausta de preocupação e poliu os corrimões e os balcões do hotel duas vezes em um dia, e John Jaffrey e Edward Wanderley e os outros continuaram debaixo da terra, e Nettie Dedham foi levada para uma instituição ainda balbuciando as únicas duas sílabas que desejaria dizer na vida; e o corpo esquelético de Elmer Scales emagreceu ainda mais por passar tanto tempo sentado com a espingarda no colo. O sol foi descendo mais cedo a cada entardecer, e, à noite, Milburn se contraía e congelava. As casas pareciam se aproximar; as ruas que cintilavam de dia escureciam, pareciam se estreitar, ficando da largura de um carro de boi; o céu escuro se fechava. Os três homens idosos da Sociedade Chowder esqueceram as piadas bobas e continuaram tendo pesadelos. Duas residências espaçosas continuavam ameaçadoramente escuras: a casa na Montgomery Street continha horrores que tremiam e se deslocavam de telhado em telhado, de piso em piso; na velha casa de Edward Wanderley, na Haven Lane, tudo o que havia era mistério; e para Don Wanderley, quando ele o visse, o mistério o conduziria até Panama City, na Flórida, e a uma garotinha que disse: “Eu sou você”.

• • •

Lewis passou o primeiro desses dias limpando a entrada da casa, fazendo um esforço deliberado e trabalhando tão arduamente que molhou de suor o conjunto de moletom e a jaqueta cáqui que estava usando; ao meio-dia, os braços e as costas doíam como se ele nunca tivesse trabalhado na vida. Depois do almoço, cochilou por meia hora, tomou banho e se obrigou a terminar o trabalho. Tirou o resto de neve do caminho que conduzia a sua casa — a neve já estava úmida e bem mais pesada do que quando ele começou — às seis e meia. Lewis entrou depois de criar o que parecia uma cadeia montanhosa na lateral do caminho, tomou outro banho, tirou o telefone do gancho e ingeriu quatro garrafas de cerveja e dois hambúrgueres. Não achou que conseguiria subir a escada para ir para a cama. Quando chegou ao quarto, tirou as roupas, ainda sentindo muita dor, largou-as no chão e caiu nas cobertas, adormecendo instantaneamente.

Nunca soube ao certo se foi um sonho: à noite, ouviu um barulho terrível, o som do vento soprando toda a neve de volta para o caminho. Parecia estar acordado; e também teve a impressão de ouvir um outro som — algo como uma melodia soprada pelo vento. Ele pensou: *Estou sonhando isso*. Mas seus músculos doeram e latejaram quando ele saiu da cama, e sua cabeça girou. Lewis foi até a janela que dava para a lateral da casa, para o telhado do antigo estábulo e para o primeiro terço do caminho que conduzia até a entrada. Avistou uma lua crescente pairando acima das árvores desoladas. O que viu em seguida foi tão parecido com uma cena de um dos filmes antigos de Ricky que depois ele soube que não poderia ter testemunhado aquilo. O vento soprava, como ele temia, e finas rajadas de neve ocuparam a passagem; tudo estava branco e preto. Havia um homem vestindo trajes de menestrel em cima da montanha de neve, a caminho da estrada. Um saxofone branco como os olhos dele pendia de sua boca. Quando Lewis olhou, sem nem tentar forçar a mente enevoada a compreender aquela visão, o músico soprou compassos parcialmente audíveis, baixou o saxofone e deu uma piscadinha. Sua pele era retinta como o céu, e ele parecia não exercer peso sobre a neve, na qual deveria estar afundado até a cintura. *Não é um dos seus velhos espíritos, Lewis, que com inveja da sua localização veio atrás dos seus melros e das suas campânulas-brancas; volte para a cama e sonhe em paz*. Mas, ainda atordoado pela exaustão, ele ficou olhando, e a figura mudou: era John Jaffrey sorrindo para ele daquela mesma posição impossível, com graxa de sapato espalhada no rosto e nas mãos, olhos brancos, dentes brancos. Lewis cambaleou de volta para a cama.

• • •

Depois que tinha sanado boa parte das dores musculares com os vapores de um banho quente e longo, Lewis desceu e olhou pelas janelas da sala de jantar com

surpresa. A maior parte da neve já tinha desaparecido das árvores na frente da casa, deixando-as molhadas e brilhantes. Poças escuras de água ocupavam o pátio de tijolos que ia da residência até o antigo estábulo. A cadeia de montanhas de neve ao lado do caminho da entrada estava com metade da altura do dia anterior. A mudança no tempo se manteve. O céu estava aberto e azul. Lewis olhou uma segunda vez para a pequena montanha de neve ao lado do caminho e sacudiu a cabeça: outro sonho. O sobrinho de Edward plantara aquela imagem na mente dele com seu relato a respeito do personagem principal do livro ainda não escrito, o líder negro de uma banda de parque de diversões itinerante com um nome engraçado. *Ele está nos fazendo sonhar seus livros por ele,* pensou, abrindo um sorriso.

Ele caminhou até o saguão de entrada, tirou os chinelos e calçou as botas.

Vestiu a jaqueta cáqui e foi até a cozinha passando por dentro da casa. Colocou uma chaleira cheia de água fria no fogo e olhou pela janela da cozinha. Assim como as árvores da frente, o bosque brilhava e cintilava; a neve estava úmida e densa no gramado, mais branca e mais profunda embaixo das árvores molhadas um pouco mais distantes. Ele faria sua caminhada enquanto a chaleira esquentava e voltaria para tomar o café da manhã.

Do lado de fora, foi surpreendido pelo calor. E, mais do que isso, o ar quente, quase fresco, era como uma proteção, um casulo de segurança. A sugestividade ameaçadora do bosque parecia ter sido levada pela água, e o local agora brilhava com as cores lindamente suaves de cascas de árvore e líquen, com a neve úmida embaixo como uma pincelada de aquarela. O bosque de Lewis não tinha mais a qualidade realista de ilustrações que ele viu lá antes.

Ele pegou o caminho para os fundos novamente, andando e respirando fundo. Sentiu o cheiro das folhas molhadas sob a neve. Sentindo-se jovem e saudável, com o peito cheio de um ar delicado, arrependeu-se de ter bebido tanto na casa de Sears. Foi besteira culpar-se pela morte de Freddy Robinson; quanto aos sussurros que chamavam por seu nome, ele não ouvira isso a vida toda afinal? Era apenas a neve caindo de um galho, um ruído sem sentido ao qual sua alma culpada dava significado.

Ele precisava da companhia de uma mulher, da conversa de uma mulher. Agora que finalmente seu caso com Christina Barnes acabara, poderia convidar Annie, a garçonete loura do Humphrey’s, para jantar em sua casa e ouvi-la falar sobre pintores e livros. A conversa inteligente seria um exorcismo para as preocupações do mês anterior; talvez também convidasse Anni, e então as duas falariam sobre pintores e livros. Ele teria uma certa dificuldade de acompanhar, mas aprenderia alguma coisa.

Depois, pensou em talvez tirar Stella de Ricky por uma ou duas horas e se deleitar com aquele rosto maravilhoso e aquela personalidade vibrante sentada do outro lado da mesa.

Eufórico, Lewis se virou e percebeu por que sempre correu por aquele caminho na direção oposta: seguindo pelo longo trecho da volta, com suas duas partes angulosas, era possível alcançar a casa antes que se pudesse perceber. Ir pelo outro caminho preservava por mais tempo a ilusão de ser o único homem branco em um continente de floresta densa. Ele estava cercado de árvores silenciosas, água pingando e a luz clara do sol.

Dois pontos destruíam a ilusão de Lewis de ser um Daniel Boone andando pela natureza estranha, e ele chegou ao primeiro depois de dez minutos de caminhada. No meio do caminho, viu a parte superior de um caminhão amarelo de combustível, com a outra metade escondida pela curva do longo campo, seguindo para Binghamton. Ele podia muito bem esquecer Daniel Boone. Ele pegou o caminho que levava diretamente até a porta da cozinha.

Àquela altura, estava com fome e feliz de ter se lembrado de comprar bacon e ovos na última vez em que foi a Milburn. Tinha grãos de café para moer, pão integral para torrar, tomates para grelhar. Depois do café, ligaria para as garotas e as convidaria para jantar e deixaria que lhe dissessem quais livros deveria ler. Stella poderia esperar.

Estava na metade do caminho quando sentiu cheiro de comida. Intrigado, inclinou a cabeça. Inconfundivelmente, era cheiro de café da manhã, o que ele tinha acabado de imaginar. Café, bacon, ovos. *Oh-oh*, pensou ele. *Christina*. Depois que Walter saiu para o trabalho e Peter foi para a escola, ela entrou no carro e decidiu fazer uma cena. Ainda tinha a chave da porta dos fundos.

Em pouco tempo, estava próximo o bastante para ver a casa através das últimas árvores, e o cheiro de café da manhã ficou mais forte. Com suas botas pesadas, ele seguiu em frente, pensando no que poderia dizer para Christina. Seria difícil, principalmente se ela estivesse se fazendo de arrependida, como os odores de café da manhã pareciam sugerir… Mas então, ainda no fim do bosque, percebeu que o carro dela não estava em frente à garagem.

E era lá onde ela sempre estacionava o carro. A área ficava fora da visão da estrada, perto da porta dos fundos. Na verdade, era onde todo mundo estacionava. Mas, além de o carro de Christina não estar no pátio de tijolos lamacento, não havia nenhum automóvel ali.

Ele deteve o passo e olhou com atenção para a casa de pedras cinzentas. Restavam apenas algumas árvores à frente, e o tamanho da casa as fazia parecer insignificantes, apenas umas varetas finas. Por um momento, a residência pareceu ainda maior do que era.

Quando a brisa levou os odores de café e bacon até ele, Lewis olhou para a casa como se a visse pela primeira vez: era a cópia arquitetônica da ideia de um castelo escocês, pensada por um ilustrador, uma espécie de insensatez, e a construção também parecia brilhar, como as árvores molhadas. Era o fim de uma jornada em um conto de fadas. Lewis, com suas botas encharcadas e o estômago faminto, olhou para a casa com o coração congelado. As janelas brilhavam nas molduras.

Era o castelo de uma princesa morta, não aprisionada.

Lentamente, Lewis se aproximou da casa e deixou a segurança temporária do bosque. Atravessou o pátio de tijolos onde o carro deveria estar. Os odores de café da manhã estavam enlouquecedores e fortes. Lewis abriu cautelosamente a porta da cozinha e entrou.

O cômodo estava vazio, mas não inalterado. Havia sinais de ocupação e atividade por todo lado. Dois pratos foram colocados na mesa da cozinha, sua melhor louça. Talheres de prata polida estavam posicionados ao lado dos pratos. Havia duas velas apagadas em castiçais de prata próximos aos pratos. Uma lata de polpa de laranja congelada tinha sido posta na frente do liquidificador. Lewis se virou para o fogão: havia frigideiras vazias em cima de bocas apagadas. O cheiro de comida estava sufocante. A chaleira assobiou, e ele apagou o fogo.

Duas fatias de pão tinham sido colocadas ao lado da torradeira.

“Christina?”, chamou ele, pensando — de forma não muito racional — que ainda poderia ser uma surpresinha. Não houve resposta.

Ele se virou para o fogão e farejou o ar acima das frigideiras. Bacon. Ovos na manteiga. Discretamente, tocou no ferro frio.

A sala de jantar estava como havia deixado; e, quando entrou na sala de estar, também a encontrou intacta. Ele pegou um livro que estava no braço de uma poltrona e o olhou intrigado, embora o tivesse colocado ali na noite anterior. Ficou ali por um momento, onde ninguém tinha entrado, sentindo cheiro de um café da manhã que ninguém preparou, como se o aposento fosse um refúgio. “Christina?”, chamou ele. “Alguém?”

No andar de cima, uma porta familiar se fechou.

“Olá?”

Lewis foi até o pé da escada e olhou para cima. “Quem está aí?” A luz do sol entrava por uma janela do patamar; ele viu partículas de poeira girando preguiçosamente acima da escada. A casa estava silenciosa; pela primeira vez, seu tamanho enorme pareceu uma ameaça. Lewis limpou a garganta.

“Quem está aí?”

Depois de um momento, começou a subir a escada. Quando chegou ao patamar, ele olhou pela pequena janela — luz do sol, árvores gotejantes — e

continuou até o topo.

Lá, o corredor estava claro, silencioso, vazio. O quarto de Lewis ficava à direita, dois antigos cômodos cuja parede divisória fora removida. Uma das antigas portas tinha sido selada, e a outra, substituída por uma elaborada placa de madeira texturizada trabalhada à mão. Por causa da pesada maçaneta de metal, a porta do quarto de Lewis se fechava com um barulho distinto, e foi esse o som que ele ouviu.

Lewis parou na frente da porta, incapaz de abri-la. Ele limpou a garganta de novo. Conseguia visualizar os dois ambientes do quarto, o tapete, os chinelos ao lado da cama, o pijama sobre uma cadeira, as janelas pelas quais olhara naquela manhã. E conseguia visualizar a cama. O que o deixou com medo de abrir a porta foi que, na cama, viu o corpo de sua mulher morta catorze anos antes. Ele levantou a mão para bater; parou a dois centímetros da porta; baixou a mão novamente. Lewis tocou na maçaneta.

Ele se obrigou a girar o mecanismo pesado. A porta se deslocou. Lewis fechou os olhos e a empurrou.

Deu de cara com a luz do sol enevoada entrando pelas longas janelas em frente à porta; um pedaço da cadeira, com o pijama azul listrado em cima; o fedor de carne em decomposição.

Bem-vindo, Lewis.

Tomando coragem, Lewis passou pela porta e entrou na poça de luz matinal que era seu quarto. Olhou para a cama vazia. O odor horrível se dissipou tão repentinamente quanto havia surgido. Agora, sentia apenas o cheiro das flores na mesa ao lado da janela. Foi até a cama e tocou com hesitação no lençol de baixo, que estava quente.

• • •

Um minuto depois, estava no andar inferior, segurando o telefone.

“Otto. Você tem medo dos guardas florestais?”

“Ah, Lewis. Eles correm quando me veem. Você quer sair com os cachorros um dia desses? Venha tomar *schnapps* comigo, isso sim.”

“Então vamos sair”, disse Lewis. “Por favor.”

2

Peter saiu da sala de aula quando o sinal tocou e seguiu pelo corredor até seu armário. Enquanto o resto da escola seguia para diferentes partes do prédio e a

maioria dos alunos de sua turma entrava na sala de Miller para a aula de história, ele fingiu procurar um livro. Tony Drexler, um amigo, parou ao seu lado por alguns segundos insuportáveis e acabou perguntando: “já teve notícias de Jim Hardie?”.

“Não”, disse Peter, enfiando a cara no armário.

“Aposto que ele já está no Greenwich Village.”

“É.”

“Hora de ir para a aula de história. Você leu o capítulo?”

“Não.”

“Mentiroso”, disse Drexler, rindo. “Vejo você lá.”

Peter assentiu. Pouco tempo depois, ficou sozinho. Deixando os livros no armário, mas pegando o casaco, fechou a porta de metal e correu até o banheiro. Fechou-se em uma cabine e esperou que o sinal do primeiro período tocasse.

Dez minutos depois, espiou pela porta do banheiro. O corredor estava vazio, e ele saiu correndo. Seguiu pela escada e saiu pela porta sem ser visto.

A uma distância de cem metros, uma turma de educação física suava fazendo ginástica no campo lamacento; duas garotas já estavam correndo na pista, cumprindo alguma punição. Ninguém o viu; a escola já estava mergulhada nas suas atividades, marchando rumo ao som do sinal.

Um quarteirão depois, na School Road, Peter entrou em uma rua menor e ziguezagueou pela cidade a partir de lá, evitando a praça e o bairro comercial, até chegar à Underhill Road, que levava à Route 17. Correu oitocentos metros pela Underhill Road, já fora da cidade, vendo apenas campos que desembocavam em amontoados de árvores.

Quando a rodovia surgiu, ele andou por um outeiro lamacento e pulou uma grade dupla de alumínio presa a uma série de estacas brancas. Peter atravessou a pista correndo até o meio, pulou outra grade de alumínio, esperou uma pausa no tráfego e correu até o outro lado da rodovia. Estendeu o braço, erguendo o polegar, e começou a andar para trás na rodovia.

Ele precisava ver Lewis; tinha que falar com Lewis sobre a sua mãe.

No fundo de sua mente flutuava uma imagem de si mesmo avançando sobre Lewis, distribuindo socos, batendo naquele belo rosto…

Mas então surgiu a imagem oposta de Lewis rindo, e lhe dizendo para não se preocupar, que ele não tinha voltado da Espanha para ter casos com as mães dos outros.

Se Lewis dissesse isso, ele poderia lhe contar sobre Jim Hardie.

• • •

Peter estava pedindo carona havia quinze minutos quando um carro azul finalmente parou no acostamento. O homem de meia-idade atrás do volante se inclinou e abriu a porta do passageiro. “Aonde você vai, filho?” Era um homem corpulento vestido com um terno cinza amassado e uma gravata verde apertada demais. Folhetos de propaganda cobriam o banco de trás. “Só uns dez ou doze quilômetros mais adiante na estrada”, disse Peter. “Aviso quando chegarmos perto.” Ele entrou.

“Isso é contra meus princípios”, disse o homem, acelerando.

“Como?”

“É contra meus princípios. Pedir carona é perigoso, principalmente para garotos bonitos como você. Acho que você não devia fazer isso.”

Peter riu alto, assustando o motorista e a si mesmo.

• • •

O homem parou nos limites da propriedade de Lewis, mas não quis ir embora sem dar outro conselho.

“Escute, filho. Você nunca sabe quem vai encontrar nessas estradas. Pode ser qualquer tipo de pervertido.” Ele segurou o braço de Peter no momento em que o garoto estava abrindo a porta.

“Prometa que não vai fazer mais isso. Prometa, filho.”

“Tudo bem, eu prometo”, disse Peter.

“O Senhor sabe que você fez essa promessa.” O homem soltou o braço de Peter, que saiu do carro. “Espere, filho, espere. Só um segundo.” Peter ficou ao lado do carro, inquieto, enquanto o homem se esticava e pegava um dos folhetos no banco de trás. “Isso vai ajudar, filho. Leia e guarde. Existe uma resposta aí.”

“Uma resposta?”

“Isso mesmo. Mostre para os seus amigos.” Ele entregou a Peter um panfleto com impressão barata: *A Torre de Vigia*.

O motorista ganhou velocidade e avançou pela estrada; Peter enfiou o folheto no bolso e se virou para percorrer o caminho até a casa de Lewis.

Ele já tinha visto a entrada, mas nunca a casa; nunca tinha visto mais do que os picos cinzentos, visíveis da estrada. Quando começou a andar pelo caminho, os picos desapareceram. A neve derretera, e a trilha brilhava, captando a luz do sol como se estivesse refletida em cem pontinhos espelhados. Quando viu o topo da construção a partir da estrada, Peter não podia imaginar como estava distante, tampouco a quantidade de árvores que a cercava. Quando chegou à primeira curva do caminho, conseguiu ver a casa parcialmente atrás dos troncos, e pela primeira vez começou a questionar o que estava fazendo.

Ele chegou mais perto. Uma pequena extensão do caminho fazia uma curva na frente da casa, que parecia tão grande quanto um quarteirão da cidade. Janelas facetadas refletiam a luz. A parte principal do caminho seguia pela lateral da casa e terminava em um pátio de tijolos ladeado por construções que pareciam ser estábulos — Peter só conseguia vê-las parcialmente. Não conseguia se imaginar entrando em um lugar tão imponente: tinha a impressão de que seria possível vagar por ali durante uma semana sem encontrar a saída. Essa evidência do distanciamento de Lewis, de sua alteridade, fez Peter duvidar de todos os seus planos.

Ir até lá parecia tão ameaçador quanto entrar na casa silenciosa da Montgomery Street.

Peter foi até os fundos da casa, tentando relacionar aquela grandiosidade com o que pensava sobre Lewis. Para Peter, que não sabia nada sobre a história da casa, o lugar parecia majestoso; exigia um conceito diferente de seu dono. Ainda assim, a parte posterior da casa lhe parecia mais agradável: uma porta em um pátio de tijolos, a fachada de madeira do estábulo, essas coisas pertenciam a um nível com o qual se sentia mais à vontade. Tinha acabado de reparar nos caminhos que levavam ao bosque quando ouviu uma voz falando em sua mente.

Imagine Lewis na cama com a sua mãe, Peter. Imagine-o deitado em cima dela.

"Não", sussurrou ele.

Imagine como ela, nua, fica se movendo embaixo dele, Peter. Imagine…

Peter deteve o passo, e a voz sumiu na mesma hora. Um carro subia pelo caminho, vindo da rodovia. Lewis estava chegando em casa. Peter pensou por um segundo se deveria aguardar no pátio, para que Lewis o visse quando chegasse, mas o carro se aproximou e estava perto demais, e ele não conseguia suportar a ideia de ver Lewis com o eco daquela voz ainda em sua cabeça, então correu até a lateral do estábulo e se agachou. O carro de sua mãe parou no pátio ao lado da casa.

Peter grunhiu baixinho e ouviu uma gargalhada sussurrada ecoando ao longo das tábuas pintadas do velho estábulo.

Ele se deitou na neve e viu, pelos galhos retorcidos de uma roseira, sua mãe saindo do carro. O rosto dela estava repuxado, pálido, expressando toda uma variedade de sentimentos concentrados — uma expressão rígida e irritada que ele nunca tinha visto. Enquanto olhava a partir da lateral do estábulo, ela se inclinou para dentro do carro e tocou a buzina duas vezes. Em seguida, se empertigou, andou até a frente do carro, desviou das poças nos ladrilhos vermelhos e foi até a portinha nos fundos da casa. Peter achou que ela bateria,

mas sua mãe enfiou a mão na bolsa, pegou uma chave e entrou. Então, ouviu a voz dela chamar o nome de Lewis.

3

Lewis contornou com o Morgan uma poça escura no caminho irregular que levava até os fundos da fábrica de queijo. A fábrica era uma construção de madeira quadrada do tamanho de um bangalô que o próprio Otto construíra em um vale perto de Afton, abaixo de uma cadeia de pequenas montanhas cobertas de vegetação. Cachorros latiam nos canis na lateral da fábrica. Lewis estacionou o carro em frente à plataforma de carga e descarga, pulou na plataforma, abriu a porta de metal e entrou. Ele inspirou o odor penetrante de coalhada.

"Lew-iss!" Otto estava na luz difusa do outro lado da pequena fábrica, cercado de maquinário branco, supervisionando um processo no qual os queijos eram colocados em moldes redondos de madeira. Quando os moldes eram preenchidos, o filho de Otto, Karl, levava cada um deles para a balança, registrava o peso e o número do molde e os empilhava em um canto. Otto disse alguma coisa para Karl e caminhou pelo piso de madeira para apertar a mão de Lewis. "Como é bom ver você, meu amigo. Mas, Lew-iss, você parece tão cansado! Está precisando de um *schnapps* caseiro."

"E você parece ocupado", comentou Lewis. "Mas eu agradeceria o *schnapps*."

"Ocupado? Não se preocupe com isso. Karl está cuidando de tudo agora, e eu devia me preocupar com Karl? Ele é um bom fabricante de queijo. Quase tão bom quanto eu."

Lewis sorriu, e Otto deu um tapa nas costas dele e saiu para o escritório, uma sala pequena próxima à plataforma de carga e descarga. Otto afundou na velha cadeira atrás da mesa, fazendo as dobradiças rangerem; Lewis se sentou do outro lado da mesa.

"Agora, meu amigo." Otto se inclinou e tirou um decantador e dois copinhos de uma gaveta. "Agora tomamos uma boa bebida. Para deixar suas bochechas rosadas de novo." Ele virou líquido do decantador nos copos.

A bebida fez a garganta de Lewis arder, mas tinha gosto de destilado de flores. "Delicioso."

"Claro que é delicioso. Eu mesmo faço. Você trouxe sua arma, Lew-iss?"

Lewis assentiu.

“Pois é. Bem que eu achei que você fosse o tipo de amigo que vem até meu escritório, bebe meu *schnapps* e come meu belo queijo fresco…” Otto se levantou da cadeira e foi até uma geladeira pequena, “mas o tempo todo só pensa em sair para atirar em alguma coisa.” Ele colocou uma peça de queijo manchado de vinho na frente de Lewis e cortou um pedaço com a faca. Esse era um dos queijos especiais que Otto fazia para vender com o seu próprio nome; as peças redondas de cheddar iam para uma cooperativa. “Agora me diga: estou certo?”

“Você está certo.”

“Foi o que pensei. Mas tudo bem, Lew-iss. Eu comprei uma cadela nova. Uma cadela *muito* boa. Essa cadela enxerga entre três e cinco quilômetros e consegue farejar a dezesseis! Acho que vou acabar dando o trabalho de Karl para essa cadela.”

O queijo era tão gostoso quanto o *schnapps* de Otto. “Você não acha que pode estar muito úmido demais para sair com os cachorros?”

“Não, não. Debaixo das árvores grandes não vai estar tão molhado. Você e eu vamos encontrar algum animal. Talvez até uma raposa, hein?”

“E você não tem medo da guarda florestal?”

“Não! Eles correm quando me veem. Dizem, ah-ah, lá vem aquele alemão velho maluco… e com uma arma!”

Ao ouvir a zombaria de Otto, sentado no escritório dele com um copo de bebida forte e a boca cheia de sabores complexos, Lewis achou que Otto representava uma espécie de Sociedade Chowder alternativa — uma amizade menos complicada, mas igualmente valiosa.

“Vamos sair e ver a cadela”, disse ele.

“Vamos ver a cadela, é? Lew-iss, quando você vir minha cadela nova, vai cair de joelhos e pedi-la em casamento.”

Os dois colocaram seus casacos e saíram da sala. Do lado de fora, Lewis reparou em um garoto alto e magro, da idade de Peter Barnes na plataforma de carga e descarga. Vestindo uma camisa roxa e uma calça jeans apertada, empilhava os moldes pesados para serem recolhidos. Olhou para Lewis por um momento, baixou a cabeça e sorriu.

Quando estavam andando para o canil, Lewis disse: “Você contratou um garoto novo?”.

“Contratei. Você viu? É o pobre garoto que encontrou o corpo daquela senhora dos cavalos. Ela morava perto de você.”

“Rea Dedham”, disse Lewis. Quando olhou por cima do ombro, o garoto ainda estava olhando para ele, sorrindo parcialmente. Lewis engoliu em seco e se virou.

“É. Ele ficou muito perturbado e não conseguiu mais ficar morando lá perto, é um garoto muito sensível, Lew-iss, então me pediu um emprego e alugou um quarto em Afton. Eu lhe dei uma vassoura na mão e deixei que ele limpasse as máquinas e empilhasse o queijo. Vai ficar até o Natal, mas depois não vamos poder pagá-lo.”

Rea Dedham; Edward e John; ele era perseguido até ali.

Otto deixou a cadela nova sair do canil e se agachou ao lado dela, passando as mãos em seu pelo. Era uma sabuja magra e cinzenta com ombros e ancas musculosos. A cadela não latia como os outros cachorros e nem pulava de alegria por ter sido tirada do canil, apenas ficou atenta, ao lado de Otto, observando os arredores com olhos azuis alertas. Lewis também se inclinou para fazer carinho, e a cadela aceitou o toque e farejou suas botas. “Essa é a Flossie”, disse Otto. “Que cadela, hein? Que beleza você é, minha Flossie. Vamos dar uma voltinha, minha Flossie?”

Pela primeira vez, a cadela demonstrou animação, inclinando a cabeça e balançando o rabo. O animal treinado, com Otto e suas orelhas de abano feliz ao lado, a proximidade das árvores e os odores penetrantes do processo de fabricação dos queijos, tudo pareceu lançar Lewis para longe do garoto de calça jeans logo atrás e da Sociedade Chowder, que se esgueirava por trás do rapaz, e então disse: “Otto, quero contar uma história”.

“É? Que bom. Conte, Lew-iss.”

“Quero contar como minha esposa morreu.”

Otto inclinou a cabeça e, por um momento absurdo, se pareceu com o cachorro parado ao lado dele. “É? Que bom.” Ele assentiu e, num reflexo, passou um dedo na base das orelhas da cachorra. “Pode me contar enquanto andamos pelo bosque por uma ou duas horas, né? Fico feliz, Lew-iss. Fico feliz.”

• • •

Lewis e Otto chamavam o que faziam quando saíam com rifles e um cachorro de caçar guaxinins, e Otto falava sobre a possibilidade de ver uma raposa, mas havia pelo menos um ano que não atiravam em nada. As armas e a cadela eram apenas uma desculpa para sair andando pela floresta ampla que ficava logo acima da fábrica de queijo — para Lewis, era uma versão mais esportiva das corridas matinais. Às vezes, eles usavam os rifles, em outras um dos cachorros encurralava alguma coisa em uma árvore. Lewis poderia tentar atirar, mas na metade das vezes Otto olhava para o animal encurralado e furioso em um galho de árvore e ria: “Venha, Lew-iss, esse é bonito demais. Vamos procurar um feio”.

Lewis desconfiava que, se tentassem qualquer coisa parecida dessa vez, eles teriam que se resolver com Flossie primeiro. Era um bicho totalmente profissional. Ela não ia atrás de pássaros nem de esquilos como metade dos outros cachorros, apenas andava na frente deles, inclinando a cabeça de um lado para o outro, o rabo balançando. “Flossie vai nos fazer trabalhar”, disse ele.

“Vai. Eu não paguei duzentos dólares para fazer papel de bobo na frente de uma cachorra, né?”

Quando eles subiram o vale e se embrenharam nas árvores, Lewis sentiu a tensão deixando seu corpo. Otto estava exibindo a cadela, assobiando para fazê-la seguir por uma tangente ampla, assobiando novamente para chamá-la de volta.

Agora, eles estavam andando por um bosque denso. Como Otto previu, estava mais frio e mais seco ali do que no vale. No território exposto, a neve derretida formou córregos, e o solo úmido embaixo da neve que restava fazia as botas afundarem, mas sob uma cortina de coníferas era como se o degelo não tivesse chegado. Lewis perdeu Otto de vista por dez minutos, mas teve vislumbres de sua jaqueta vermelha entre folhas verdes de abeto e o ouviu se comunicar com a cachorra. Lewis ergueu o Remington até o ombro e viu uma pinha; a cadela mudou a direção e seguiu em frente, sentindo o cheiro de algo.

Meia hora depois, quando encontrou alguma coisa, Otto estava cansado demais para ir atrás. A cadela começou a correr em círculos e disparou para a direita. Otto baixou o bacamarte e disse: “Ach, deixa pra lá, Flossie”. A cadela choramingou e se virou, olhando para os dois homens sem acreditar: *O que vocês estão fazendo, seus palhaços?* Em seguida, baixou o rabo e voltou. Dez metros depois, se sentou e começou a lamber a pata traseira.

“Flossie desistiu de nós”, comentou Otto. “Não somos do nível dela. Beba um pouco.” Ele ofereceu uma garrafinha a Lewis. “Acho que precisamos nos aquecer, hein, Lewis?”

“Dá para fazer uma fogueira aqui?”

“Claro que dá. Vi umas árvores caídas ali para trás, tinha muita madeira seca. É só fazer um buraco na neve, botar a lenha dentro e pronto. Fogo.”

Verificando que o topo da colina se encontrava a apenas vinte metros acima, Lewis subiu enquanto Otto voltava até as árvores caídas para pegar a madeira seca. Flossie, agora desinteressada, o observava enquanto ele cambaleava na direção do cume.

Ele não esperava ver o que encontrou: eles foram mais longe do que pensava e, mais abaixo, depois de um declive longo coberto de árvores, havia um trecho da rodovia. Do outro lado, a floresta recomeçava, mas os poucos carros que passavam por ali estragavam o clima. Destruíram sua frágil sensação de bem-estar.

De repente, foi como se Milburn tivesse se esticado até lá para apontar em sua direção no cume de uma colina coberta de vegetação: um dos carros que seguiam rapidamente pela rodovia era de Stella Hawthorne. “Ah, Deus”, murmurou Lewis ao ver o Volvo de Stella atravessando o espaço diretamente à sua frente. O automóvel e a mulher que o dirigia fizeram a noite e a manhã virem à tona novamente. Daria no mesmo se ele tivesse montado uma barraca na praça; até na floresta Milburn sussurrava atrás dele. O carro de Stella seguia pela estrada; a seta piscou, e ela parou no acostamento. Um momento depois, outro carro estacionou ao lado. Um homem saiu, foi até a janela de Stella e bateu até que ela abrisse a porta.

Lewis se virou e voltou pela encosta escorregadia para ir ao encontro de Otto.

Ele já tinha acendido uma pequena fogueira. No fundo de um buraco cavado na neve, em uma cama de pedras, uma chama lambia a madeira. Otto colocou um galho maior, depois outro, depois um punhado, e o fogo se espalhou. Acima da fogueira, Otto construiu uma cabana de galhos de uns trinta centímetros. “Agora, Lew-iss”, disse ele, “aqueça suas mãos.”

“Sobrou *schnapps*?” Lewis pegou a garrafa e se juntou a Otto em um tronco caído do qual o amigo havia tirado a neve. Otto enfiou a mão no bolso e tirou uma linguiça caseira partida ao meio. Entregou metade para Lewis e mordeu a sua metade. O fogo lambia a estrutura de gravetos e aquecia os tornozelos de Lewis dentro das botas. Ele estendeu as mãos e os pés, mordeu um pedaço de linguiça e disse: “Uma noite, Linda e eu fomos a um jantar em uma das suítes do hotel que eu tinha. Linda não sobreviveu até o fim da noite. Otto, acho que a mesma coisa que pegou minha esposa está atrás de mim”.

4

Ao lado do estábulo, Peter se levantou atravessou o pátio e olhou pela janela da cozinha. Havia frigideiras no fogão, uma mesa redonda posta para dois: sua mãe tinha ido tomar o café da manhã. Ouviu os passos dela adentrando a casa, obviamente procurando Lewis Benedikt. O que faria quando descobrisse que ele não estava em casa?

Claro que ela não está em perigo, ele disse para si mesmo. Essa casa não é *dela*. Ela não pode estar em perigo. Vai descobrir que Lewis não está e vai embora. Mas a situação era muito parecida com aquele outro momento, ele

olhando por uma janela e esperando na porta enquanto outra pessoa andava por uma casa vazia. *Ela vai embora*.

Peter encostou na porta, esperando que estivesse trancada, mas ela se abriu dois centímetros.

Desta vez, ele não entraria. Tinha medo de muitas coisas, e apenas uma parte desse medo era causada pela possibilidade de encontrar a mãe na casa e ter que inventar uma explicação para estar ali.

Mas não podia fazer isso. Poderia dizer que gostaria de falar com Lewis sobre… qualquer coisa. Sobre Cornell. Sobre fraternidades.

Ele viu a cabeça esmagada de Jim Hardie escorregando por uma parede suja.

Peter tirou a mão da porta e voltou para o pátio de tijolos. Deu vários passos para trás, olhando para cima, para os fundos da casa. Era uma fantasia, de qualquer modo. O rosto zangado da mãe deixou claro que ela não aceitaria nenhuma invenção a respeito de conselhos sobre fraternidades.

Ele recuou mais um pouco, e a fortaleza dos fundos da casa de Lewis por um momento parecia estar se inclinando para persegui-lo. Uma cortina balançou, e Peter foi incapaz de seguir adiante. Havia alguém atrás da cortina, uma pessoa que não era sua mãe. Ele só conseguia ver dedos brancos segurando o tecido. Peter queria correr, mas suas pernas não se mexiam.

A figura de mãos brancas aproximou o rosto do vidro e sorriu para ele. Era Jim Hardie.

Dentro da casa, sua mãe gritou.

As pernas de Peter destravaram, e ele correu pelo pátio, entrando pela porta dos fundos.

Seguiu rapidamente pela cozinha e se viu em uma sala de jantar. Por uma porta ampla, viu as mobílias da sala de estar, a luz entrando pelas janelas da frente. “Mãe!” Ele correu até a sala. Dois sofás de couro ladeavam uma lareira, e havia armas antigas penduradas nas paredes. “Mãe!”

Jim Hardie entrou na sala, sorrindo. Levantou as palmas das mãos, mostrando para Peter que suas intenções não eram violentas. “Oi”, disse ele, mas a voz não era de Jim. Não era de um ser humano.

“Você está morto”, disse Peter.

“Engraçado isso”, respondeu a coisa-Hardie. “A gente não se sente assim depois que acontece. Não sente nem dor, Pete. É quase bom. Não, definitivamente é bom. E claro que não há mais nada com que se preocupar. É uma grande vantagem.”

“O que você fez com a minha mãe?”

“Ah, ela está bem. Está lá em cima com ela. Você não pode subir. Eu tenho que conversar com você. Oi!”

Peter olhou freneticamente para a parede das lanças e dos piques, mas estava tudo muito longe. “Você nem *existe*”, gritou, quase chorando. “Eles mataram você.” Ele pegou um abajur que estava na mesa ao lado de um dos sofás.

“É difícil dizer”, disse Jim. “Você não pode afirmar que eu não existo porque eu estou aqui. Eu já disse oi? Tenho que dizer isso. Vamos…”

Peter lançou o abajur no peito da coisa-Hardie com o máximo de força que conseguiu.

A coisa continuou falando durante os segundos em que o abajur estava no ar. “… sentar e…”

O abajur explodiu em uma chuva de luzes que cintilaram como fagulhas e bateu na parede.

Peter correu pela sala, quase chorando de tanta aflição. Na extremidade do aposento, passou por uma arcada, e seus pés deslizaram sobre ladrilhos pretos e brancos. À direita ficava a porta da frente e à esquerda, uma escada acarpetada. Peter subiu correndo.

Quando chegou ao primeiro patamar, ele se deteve e percebeu que a escada continuava. No final de um corredor comprido, conseguia ver o pé de outra escada, que evidentemente levava à outra parte da casa. “Mãe!”

Ele ouviu um gemido bem próximo. Foi até a porta de madeira do quarto de Lewis e a abriu — sua mãe deu outro gemido estrangulado. Peter entrou correndo.

E então se deteve. O homem da casa de Anna Mostyn estava ali, parado perto de uma cama grande que Peter sabia que devia ser de Lewis. Havia um pijama listrado em uma cadeira. O homem estava usando os óculos escuros e o gorro. Suas mãos estavam em volta do pescoço de Christina Barnes. “Mestre Barnes”, disse ele. “Vocês jovens estão por toda parte mesmo. E vivem enfiando seus lindos narizinhos na vida dos outros. Você vai precisar da palmatória, eu acho.”

“Mãe, eles não são reais”, disse Peter. “Você pode fazer com que desapareçam.” Os olhos de sua mãe estavam saltados, e o corpo se movia convulsivamente. “Você não pode ouvir o que dizem. Eles entram na sua cabeça e hipnotizam você.”

“Ah, nós não precisamos fazer isso”, disse o homem.

Peter andou até a prateleira ampla embaixo das janelas e pegou um vaso de flores.

“Garoto”, chamou o homem.

Peter posicionou o braço. O rosto de sua mãe estava ficando azul, e a língua pendia para fora da boca. Ele soltou um ruído frenético do fundo da garganta e mirou no homem. Duas mãozinhas frias se fecharam no pulso dele. Uma onda de

ar podre, o cheiro de um animal morto exposto ao sol por vários dias, tomou conta dele.

“Bom garoto”, disse o homem.

ALFINETE DE CHAPÉU

5

Harold Sims entrou no carro de maneira brusca, forçando Stella a chegar para o lado. “Qual é a grande ideia? O que você espera agindo desse jeito?”

Stella tirou os cigarros da bolsa, acendeu um e ofereceu o maço para Harold sem dizer nada.

“Eu perguntei qual é a grande ideia. Tive que dirigir quarenta quilômetros para chegar aqui.” Ele recusou os cigarros.

“Foi ideia sua nos encontrarmos, pelo que me lembro. Pelo menos, foi o que você disse ao telefone.”

“Eu quis dizer na sua casa, droga. Você sabia.”

“E eu quis que fosse aqui. Você não precisava vir.”

“Mas eu queria ver você!”

“Então, qual é a diferença se nos encontramos aqui ou em Milburn? Você pode dizer o que quiser aqui.”

Sims deu um soco no painel. “Droga. Estou estressado. Muito estressado. Não preciso de mais problemas. Qual é o sentido de nos encontrarmos aqui, nesta parte deserta da rodovia?”

Stella olhou ao redor. “Acho um lugar bem bonito. Você não? É um lugar bonito, sim. Mas, respondendo a sua pergunta, a questão aqui é que eu não queria que você fosse à minha casa.”

Ele disse: “Você não quer que eu vá à sua casa”. Por um momento, Harold pareceu tão burro que Stella soube que aquilo era um enigma para ele. Homens para os quais você representa um enigma são totalmente inúteis.

“Não”, disse ela delicadamente. “Não queria.”

“Meu Deus, então nós poderíamos ter nos encontrado em um bar, em um restaurante, ou você poderia ter ido para Binghamton…”

“Eu queria ver você a sós.”

“Tudo bem, eu desisto.” Ele levantou as mãos como se estivesse literalmente abrindo mão de alguma coisa. “Imagino que você não esteja nem interessada em saber qual é o meu problema.”

“Harold”, disse ela, “você está me contando sobre seus problemas há meses, e eu ouvi demonstrando total interesse.”

Abruptamente, ele soltou o ar com força, colocou uma das mãos sobre as dela e disse: “Você vai embora comigo? Quero que você vá embora comigo”.

“Isso não é possível.” Ela deu um tapinha na mão dele e a ergueu, livrando as suas. “Nada disso vai acontecer, Harold.”

“Vamos embora comigo ano que vem. Isso nos dá tempo suficiente para dar a notícia para Ricky.” Ele apertou a mão dela de novo.

“Além de ser impertinente, você está sendo tolo. Você tem 46 anos. Eu tenho sessenta. E você tem um emprego.” Stella sentiu quase como se estivesse falando com um dos filhos. Dessa vez, empurrou com firmeza a mão dele e a colocou no volante.

“Ah, merda”, gemeu ele. “Ah, merda. Ah, droga. Só tenho trabalho até o fim do ano. O departamento não vai me recomendar para uma promoção, e isso quer dizer que vou precisar ir embora. Holz me deu a notícia hoje. Disse que lamentava, mas que estava tentando reformular o departamento e eu não estava cooperando. Além do mais, eu não publiquei o suficiente. Não publico nada há dois anos, mas não é minha culpa, você sabe que escrevi três artigos e todos os outros antropólogos do país foram publicados…”

“Eu *já* ouvi isso tudo”, interrompeu Stella. Ela apagou o cigarro.

“Pois é. Mas agora é importante. O pessoal novo do departamento me enganou. Leadbeater ganhou uma bolsa para morar em uma reserva indígena no próximo semestre e fechou um contrato com a Princeton University Press, Johnson vai lançar um livro no outono… e eu perco o emprego.”

Stella enfim captou a mensagem, apesar da impaciência que sentia só de ouvir a voz dele. “Está me dizendo, Harold, que me convidou para fugir com você, sendo que nem emprego tem?”

“Eu quero você comigo.”

“Para onde você pretendia ir?”

“Não sei. Talvez para a Califórnia.”

“Ah, Harold, você está sendo insuportavelmente banal”, explodiu ela. “Você quer morar em um trailer? Comer tacobúrguer? Em vez de resmungar comigo, você deveria estar escrevendo cartas e procurando um novo emprego. E por que acha que eu gostaria de compartilhar da sua pobreza? Eu era sua amante, não sua esposa.” No último segundo, ela se segurou para não acrescentar um “graças a Deus”.

Com voz embargada, Harold disse: “Preciso de você”.

“Isso é ridículo.”

“É verdade. Eu preciso de você mesmo.”

Stella percebeu que ele estava à beira das lágrimas. “Agora você não está sendo apenas banal, mas está sentindo pena de si mesmo. Você é mesmo um poço de autopiedade, Harold. Demorei muito tempo para me dar conta, mas, ultimamente, quando penso em você, consigo vê-lo com uma placa no pescoço dizendo ‘Merecedor’. Admita, Harold, as coisas não andam muito satisfatórias entre nós ultimamente.”

“Bom, se eu sou tão repugnante para você, por que continuou saindo comigo?”

“Você não tinha muita concorrência. E, na verdade, eu não pretendo continuar me encontrando com você. De qualquer forma, você vai estar ocupado demais procurando emprego para fazer minhas vontades. E eu vou estar ocupada demais cuidando do meu marido para ouvir suas reclamações.”

“Seu marido?”, questionou Sims, agora realmente surpreso.

“Sim. Ele é muito mais importante para mim do que você, e neste momento precisa muito mais de mim. Então, infelizmente, é o fim. Não vou mais me encontrar com você.”

“Aquele velho murcho… aquele cabide velho…? Não pode ser.”

“Cuidado”, avisou Stella.

“Ele é tão insignificante”, choramingou Sims. “Você o faz de bobo há anos!”

“Muito bem. Ele pode ser qualquer coisa, menos murcho, e não vou ficar aqui ouvindo você insultá-lo. Se tive uma abordagem experimental em relação aos homens durante a vida, Ricky se adaptou, o que ouso dizer que é mais do que você seria capaz de fazer, e se fiz alguém de bobo foi a mim mesma. Acho que está na hora de eu me tornar respeitável. E, se não consegue ver que Ricky tem quatro ou cinco vezes mais relevância do que você, então só está enganando a si mesmo.”

“Minha nossa, você é bem filha da puta quando quer”, disse Harold, arregalando os olhos miúdos o máximo possível.

Ela sorriu. “‘Você é a criatura mais apavorante e cruel que eu já conheci’, disse Melvyn Douglas para Joan Crawford. Não consigo me lembrar do nome do filme, mas Ricky gosta muito dessa fala. Por que você não liga para ele e pergunta o nome do filme?”

“Deus, quando penso nos homens que você deve ter transformado em bosta de cachorro.”

“Poucos fizeram a transformação com tanto sucesso.”

“Sua vaca.” Os lábios de Harold se contraíam ameaçadoramente.

“Sabe, como todos os homens que sentem muita pena de si mesmos, você é imaturo demais, Harold. Pode fazer o favor de sair do meu carro?”

“Você está irritada”, disse ele, sem acreditar. “Eu perco o emprego, levo um pé na bunda e *você* fica irritada.”

“Estou, sim. Por favor, saia, Harold. Volte para o seu pequeno paraíso de amor-próprio.”

“Eu até poderia. Eu poderia sair agora.” Ele se inclinou para a frente. “Ou poderia pôr juízo na sua cabeça obrigando você a fazer aquilo de que tanto gosta.”

“Entendi. Você está ameaçando me estuprar, Harold?”

“É mais do que uma ameaça.”

“Uma promessa, então?”, perguntou ela, vendo brutalidade real nele pela primeira vez. “Bem, antes de começar a babar em cima de mim, vou fazer uma promessa também.” Stella levou a mão até a lapela e tirou um longo alfinete de chapéu. Já o carregava havia anos, desde que um homem em Schenectady a seguiu o dia todo por várias lojas. Ela segurou o alfinete na frente do corpo. “Se você fizer um gesto na minha direção, eu prometo que vou enfiar essa coisa no seu pescoço.” Stella sorriu, e seu sorriso surtiu efeito.

Ele deixou o assento como se tivesse levado um choque e saiu batendo a porta. Stella deu ré até a grade, mudou de marcha e pegou a estrada.

“PUTA QUE PARIU!” Ele bateu com o punho fechado na palma da outra mão. “ESPERO QUE VOCÊ SOFRA UM ACIDENTE!”

Sims pegou uma pedra do acostamento de cascalho e a jogou no outro lado da rodovia. Ficou parado por mais um momento, com a respiração pesada. “Meu Deus, que vaca.” Ele passou os dedos pelo cabelo curto; estava com raiva demais para dirigir até a universidade. Sims se virou para a floresta que começava na encosta, viu as poças de água gelada entre as árvores e olhou para o outro lado das quatro pistas da estrada, até o terreno seco mais acima.

HISTÓRIA

6

“Nós tínhamos brigado”, disse Lewis. “Não acontecia muito, e quando acontecia normalmente era um equívoco. Daquela vez, foi porque despedi uma camareira. Era apenas uma garota do interior, das proximidades de Málaga. Não consigo nem lembrar o nome dela, mas era esquisita, ou pelo menos era o que eu pensava.” Ele pigarreou e se inclinou na direção do fogo. “O motivo foi o envolvimento dela com ocultismo. Ela acreditava em magia, espíritos

malignos… espiritualismo camponês espanhol. Isso não me incomodava o bastante para despedi-la, embora ela assustasse alguns dos funcionários ao ver maus presságios em tudo. Aves no gramado, chuva inesperada, um copo quebrado, tudo era um mau presságio. Eu a despedi quando ela se recusou a arrumar um dos quartos."

"É um bom motivo", disse Otto.

"Eu também pensei isso. Mas Linda achou que eu estava sendo duro com a garota. Ela nunca tinha se recusado a arrumar o quarto. A garota estava incomodada com as hóspedes, dizia que eram más, alguma coisa assim. Era loucura."

Lewis tomou outro gole da bebida, e Otto colocou um galho na fogueira. Flossie chegou mais perto e se deitou com as ancas próximas às chamas.

"As hóspedes eram espanholas, Lew-iss?"

"Americanas. Uma mulher de San Francisco chamada Florence de Peyser e uma garotinha, sobrinha dela. Alice Montgomery. Uma garotinha fofa de uns dez anos. E a sra. de Peyser tinha uma empregada que viajava com ela, uma americana descendente de mexicanos chamada Rosita. Elas ficaram em uma suíte grande no alto do hotel. Era impossível imaginar pessoas menos assustadoras do que aquelas três, Otto. Claro, Rosita poderia ter arrumado a suíte, e provavelmente fazia isso mesmo, mas era trabalho da nossa garota entrar lá uma vez por dia, e ela se recusou, então eu a despedi. Linda queria que eu mudasse o planejamento para que uma das outras garotas fizesse o trabalho."

Lewis olhou para o fogo. "As pessoas nos ouviram brigando por causa disso, e isso também era raro. Estávamos no jardim das rosas, e acho que posso ter gritado. Eu achava que era questão de princípio. Linda também. Claro. Eu fui burro. Deveria ter mudado o planejamento, como Linda queria. Mas era teimoso demais; em um dia ou dois, ela teria me convencido, mas não viveu o suficiente para isso." Lewis mordeu um pedaço de linguiça e mastigou em silêncio por um tempo, sem sentir o gosto. "A sra. de Peyser nos convidou para jantar na suíte dela naquela mesma noite. Na maior parte das vezes, nós comíamos sozinhos e ficávamos longe das pessoas, mas de vez em quando um hóspede nos convidava para almoçar ou jantar. Achei que a sra. de Peyser estava se esforçando para ser gentil e aceitei por nós dois.

"Eu não deveria ter ido. Estava muito cansado, exausto. Tinha trabalhado muito o dia todo. Além de discutir com Linda, ajudei a colocar duzentas caixas de vinho no depósito de manhã, depois joguei tênis por obrigação em um torneio durante toda a tarde. Duas partidas de duplas. Eu precisava mesmo era de um lanche rápido e ir para a cama, mas fomos para a suíte por volta das nove. A sra. de Peyser nos serviu bebidas, depois combinamos com o garçom que a refeição

deveria ser levada às quinze para as dez. Rosita serviria a comida, e o garçom poderia voltar para a sala de jantar.

“Bom, eu tomei uma bebida e fiquei um pouco tonto. Florence de Peyser me ofereceu outra, e só me restou tentar conversar com Alice. Era uma garotinha adorável, mas nunca falava se você não fizesse alguma pergunta. Era sufocada pelos bons modos e tão passiva que parecia lerda. Concluí que os pais deveriam tê-la largado com a tia durante as férias de verão.

“Mais tarde, me perguntei se minha bebida continha algum tipo de droga. Comecei a me sentir estranho, não enjoado e nem bêbado exatamente, mas dissociado. Como se estivesse flutuando acima de mim mesmo. Mas Florence de Peyser, que nos levou para passear em seu iate… bem, era impossível. Linda reparou que eu não estava me sentindo bem, mas a sra. de Peyser menosprezou o que ela disse. E claro que eu disse que estava bem.

“Nós nos sentamos para comer. Consegui engolir algumas garfadas, mas estava me sentindo muito tonto. Alice não disse nada durante a refeição, mas olhava para mim com timidez de tempos em tempos, sorrindo como se eu fosse um deleite incomum. Era assim que eu me sentia. Na verdade, pode ter sido apenas o álcool misturado ao meu cansaço. Meus sentidos estavam falhando; os dedos pareciam dormentes, além do maxilar, e as cores do quarto pareciam mais pálidas do que eu sabia que eram. Não consegui sentir o gosto da comida.

“Depois do jantar, a tia mandou Alice para a cama. Rosita serviu conhaque, no qual nem toquei. Eu conseguia falar, sei que sim, e posso ter parecido normal para qualquer um, exceto para Linda, mas eu só queria ir para a cama. A suíte, por maior que fosse, parecia estar se fechando ao meu redor, ao redor de nós três, na mesa. A sra. de Peyser nos manteve lá, falando. Rosita desapareceu.

“De repente, a criança me chamou do quarto dela. Ouvi sua voz dizendo ‘Sr. Benedikt, sr. Benedikt’ sem parar, bem baixinho. A sra. de Peyser disse: ‘Você se importa? Ela gosta muito de você’. Claro, eu disse, ficaria feliz de dar um boa-noite para a garota, mas Linda se levantou antes e disse: ‘Querido, você está cansado demais. Eu vou’. ‘Não’, disse a sra. de Peyser. ‘A criança está chamando por ele.’ Mas era tarde demais. Linda já estava indo para o quarto da garota.

“E aí, já era tarde demais para qualquer coisa. Linda entrou no quarto, e um segundo depois eu soube que alguma coisa estava horrivelmente errada. *Porque não houve barulho nenhum*. Eu tinha ouvido a garota sussurrando quando me chamou, e deveria ter ouvido Linda falando com ela.

“Foi o silêncio mais significativo da minha vida. Eu estava ciente, ainda que tonto, da sra. de Peyser olhando para mim. Aquele silêncio prosseguiu. Eu me levantei e comecei a andar até o quarto.

“Linda começou a gritar antes que eu chegasse na metade do caminho. Foram gritos terríveis… tão agudos…” Lewis sacudiu a cabeça. “Eu abri a porta a tempo de ouvir o barulho de vidro quebrando. Linda estava paralisada na janela, com cacos de vidro caindo ao redor. E então, sumiu. Eu estava chocado e apavorado demais para gritar. Por um segundo, não consegui me mover. Eu olhei para Alice, a garota. Ela estava de pé na cama com as costas na parede. Por um segundo, menos de um segundo, achei que ela estivesse dando um sorrisinho debochado para mim.

“Eu corri até a janela. Alice começou a chorar atrás de mim. Era tarde demais para ajudar Linda, claro. Ela estava morta, caída no pátio. Um grupo de pessoas que saiu da sala de jantar para tomar o ar da noite cercava o corpo dela. Algumas olharam para cima e me viram inclinado para fora da janela quebrada. Uma mulher de Yorkshire gritou quando me viu.”

“Ela achou que você a tinha empurrado”, disse Otto.

“Sim. E criou muitos problemas para mim com a polícia. Eu poderia ter passado o resto da vida em uma cadeia espanhola.”

“Lew-iss, essa sra. de Peyser e a garotinha não conseguiram explicar o que realmente aconteceu?”

“Elas foram embora. Tinham reserva para mais uma semana, mas, quando eu estava dando declarações para a polícia, fizeram as malas e foram embora.”

“Mas a polícia não tentou encontrá-las?”

“Não sei. Eu nunca mais as vi. E vou contar uma coisa estranha, Otto. A história teve um fim engraçado. Quando fechou a conta, a sra. de Peyser pagou com um cartão American Express. Fez um pequeno discurso para o recepcionista: disse que lamentava ir embora, que gostaria de poder fazer alguma coisa para me ajudar, mas que era impossível para ela e Alice ficarem depois do choque que sofreram. Um mês depois, tivemos notícias da American Express, dizendo que o cartão era inválido. Que a verdadeira sra. de Peyser estava morta e que a empresa não podia cobrir débitos no nome dela.” Lewis deu risada. Um dos gravetos no fogo caiu nas brasas, fazendo fagulhas voarem na neve. “Ela me passou para trás”, disse ele, rindo de novo. “Bem, o que você acha dessa história?”

“Acho que é uma história tipicamente americana”, disse Otto. “Você deveria ter perguntado à criança o que aconteceu, ou pelo menos o que a fez ficar de pé na cama.”

“Eu perguntei! Eu a segurei e sacudi. Mas ela só chorou. Eu a carreguei até a tia e desci o mais rápido que pude. Não tive outra chance de falar com ela. Otto, por que você disse que era uma história tipicamente americana?”

“Porque, meu bom amigo, todo mundo na sua história é assombrado. Até o cartão de crédito era assombrado. Mais do que tudo, o narrador. E isso, meu amigo, é *echt Amerikanisch*.”

“Bom, não sei”, falou Lewis. “Olha, Otto, estou com vontade de dar uma volta sozinho por um tempo. Vou caminhar por alguns minutos. Você se importa?”

“Você vai levar seu rifle incrementado?”

“Não. Eu não vou matar nada.”

“Leve a pobre Flossie junto.”

“Tudo bem. Vamos, Flossie.”

A cadela deu um pulo, toda alerta de novo, e Lewis, que agora não estava conseguindo ficar parado nem fingir que não estava afetado pelos sentimentos que vieram à tona com as lembranças, saiu andando pela floresta.

TESTEMUNHA

7

Peter Barnes largou o vaso, meio nauseado pelo fedor que se espalhou em torno dele. Ouviu uma risadinha aguda; seu pulso já estava frio no ponto em que o garoto o havia agarrado. Já sabendo o que veria, ele se virou para olhar. O garoto que estava sentado na lápide segurava seu pulso com as duas mãos, olhando para o rosto de Peter com a mesma alegria idiota. Seus olhos eram dourados e vazios.

Peter bateu nele com a mão livre, esperando que a criança magricela e fedorenta se desfizesse no ar como a coisa-Jim Hardie no andar de baixo. Mas o garoto se esquivou do golpe e chutou o tornozelo dele com um pé ossudo que o acertou como um martelo. O chute derrubou Peter no chão.

“Faça-o olhar, moleque”, disse o homem.

O garoto foi para trás de Peter, segurou sua cabeça com duas mãos duras como gelo e o virou à força. O fedor terrível aumentou. Peter percebeu que a cabeça do menino estava logo atrás da sua e gritou: “Se afaste de mim!”, mas as mãos em sua cabeça aumentaram a pressão. Parecia que as laterais do crânio estavam sendo empurradas uma contra a outra. “Me solta!”, gritou ele, e dessa vez teve medo de que o garoto esmagasse sua cabeça.

Os olhos de sua mãe estavam fechados. A língua pendia ainda mais para fora da boca.

“Você a matou”, disse ele.

“Ah, ela ainda não está morta”, disse o homem. “Só está inconsciente. Precisamos que esteja viva, não, Fenny?”

Peter ouviu gritinhos horríveis atrás de si.

“Você a estrangulou”, disse ele. A pressão das mãos do garoto diminuiu, voltando ao nível inicial: o suficiente para prendê-lo como se estivesse em um torno.

“Mas não até a *morte*”, retrucou o homem, dando uma inflexão debochada e pedante às palavras. “Posso ter esmagado a pobre traqueia um pouco, e a pobrezinha deve estar com a garganta bem dolorida. Mas ela tem um pescoço bonito, não, Peter?”

Ele soltou uma das mãos e segurou Christina Barnes no ar com a outra, como se ela tivesse o peso de um gato. A parte exposta do pescoço tinha hematomas grandes.

“Você a machucou”, disse Peter.

“Sou obrigado a admitir que sim. Só queria poder fazer o mesmo serviço em você. Mas nossa benfeitora, a encantadora mulher cuja casa você invadiu com seu amigo, decidiu que quer você para ela. No momento, está ocupada com assuntos mais urgentes. Mas existem coisas incríveis guardadas para você, mestre Barnes, e para os seus amigos mais velhos. Quando chegar a hora, vocês vão perder o rumo de casa. Não vão saber nem se estão plantando ou colhendo, não é verdade, irmão idiota?”

O garoto apertou a cabeça de Peter com uma força dolorosa e soltou um gemido.

“O que você é?”, perguntou Peter.

“Eu sou você, Peter”, disse o homem. Ainda estava segurando a mãe dele com uma das mãos. “Não é uma resposta boa e simples? Claro que não é a única. Um homem chamado Harold Sims, que conhece seus amigos mais velhos, sem dúvida diria que sou um manitu. Ao sr. Donald Wanderley foi informado que me chamo Gregory Benton e resido na cidade de New Orleans. Claro que passei vários meses divertidos em New Orleans, mas não posso dizer que seja de lá. Meu nome de nascimento é Gregory Bate, pelo qual fui conhecido até a minha morte, no ano de 1929. Felizmente, eu tinha feito um acordo com uma mulher encantadora conhecida como Florence de Peyser, que me poupou das indignidades habituais que ocorrem após a morte, coisas que me deixavam com muito medo. De que você tem medo, Peter? Você acredita em vampiros? Em lobisomens?”

A voz ressonante reverberava na mente de Peter, acalentando-o e acalmando-o, e demorou um momento para que ele percebesse que uma pergunta direta tinha sido feita. “*Não*”, sussurrou ele, e

(Mentiroso, passou pela sua mente)

então o homem que segurava sua mãe pelo pescoço se transformou, e por todas as células de Peter se espalhou a certeza de que o que estava vendo não era apenas um lobo, mas um ser sobrenatural em forma de lobo cujo único propósito era matar, criar o terror e o caos e tirar vidas da forma mais selvagem possível; viu que dor e morte eram as únicas sustentações desse ser. Se deu conta de que esse ser não tinha nada de humano e que só usava o corpo que já tinha sido seu como uma roupa. Também percebia agora que a criatura estava permitindo que ele visse mais fundo, que essa destruição pura não era mais dona de si mesma do que um cachorro é dono de si. Outra mente o possuía e orientava, assim como a criatura detinha a pureza terrível de sua maldade. Peter viu tudo isso em um segundo. E o segundo seguinte levou a um reconhecimento ainda pior: que, em toda essa escuridão, vivia um glamour moralmente fatal.

"Eu não…", murmurou ele, tremendo.

"Ah, mas acredita, sim", disse o lobisomem, recolocando os óculos escuros. "Vi perfeitamente bem que acredita. Eu poderia ser um vampiro com a mesma facilidade. Isso é ainda mais bonito. E talvez mais próximo da verdade."

"O que você é?", Peter perguntou mais uma vez.

"Bem, você pode me chamar de dr. Rabbitfoot", falou a criatura. "Ou pode me chamar de vigilante da noite."

Peter piscou algumas vezes, confuso.

"Agora, infelizmente, tenho que deixá-lo. Nossa benfeitora vai providenciar outro encontro com você e seus amigos na devida hora. Mas, antes de irmos embora, temos que satisfazer nossa fome." A criatura sorriu. Seus dentes eram brancos e brilhantes. "Segure-o bem", ordenou a criatura, e as mãos apertaram com uma força terrível as laterais da cabeça de Peter. Ele começou a chorar.

Ainda sorrindo, a criatura puxou Christina Barnes para perto de si e, inclinando a cabeça até o pescoço dela, deslizou a boca por sua pele. Peter tentou dar um pulo, mas as mãos geladas o seguraram. A criatura começou a se alimentar.

Peter tentou gritar, e a criança morta que o segurava moveu as mãos para cobrir sua boca. Apertou a cabeça de Peter contra o peito. O cheiro de podridão, seu terror e desespero, o pânico de estar sendo agarrado contra o corpo repugnante e o horror maior do que estava acontecendo com a mãe… ele desmaiou. Quando acordou, estava sozinho. O fedor de putrefação ainda pairava no quarto. Peter gemeu, ergueu o corpo e se ajoelhou. O vaso que havia jogado estava caído perto dele. Flores ainda viçosas se espalhavam por uma poça no tapete. Ele levou as mãos ao rosto e sentiu o odor do garoto morto que o segurou. Teve ânsia de vômito. O cheiro horrível devia ter tomado sua boca

também, oriundo das mãos do garoto; parecia que sua boca e sua bochecha estavam cobertos de podridão.

Peter saiu correndo do quarto e seguiu pelo corredor até encontrar um banheiro. Abriu a torneira quente e esfregou o rosto e as mãos sem parar, passando sabonete e enxaguando, depois pegando o sabonete de novo e passando nas palmas das mãos. Chorava. Sua mãe estava morta; fora visitar Lewis, e eles a tinham matado. Fizeram com ela o mesmo que com os animais; eram criaturas mortas que viviam de sangue como vampiros. Mas não eram vampiros. Também não eram lobisomens, apenas podiam fazer você acreditar que sim. Se venderam muito tempo antes para alguém que era dona deles. Peter se lembrou da luz verde passando por baixo de uma porta e quase vomitou na pia. *Ela* era dona deles. Eram vigilantes da noite — criaturas noturnas. Ele passou o sabonete de Lewis pela boca, esfregando e esfregando para remover das mãos o cheiro de Fenny.

Peter se lembrou de Jim Hardie sentado no bar em uma taverna vagabunda, perguntando se ele gostaria de ver Milburn pegando fogo, e soube que, a não ser que fosse mais forte, mais corajoso e mais inteligente do que Jim, o que aconteceria seria pior do que isso. Os vigilantes da noite destruiriam sistematicamente o lugar, que se tornaria uma cidade fantasma, e deixariam para trás apenas o cheiro da morte.

Porque isso é tudo o que eles querem, disse para si mesmo, lembrando-se do rosto exposto de Gregory Bate, *só querem destruir*. Ele viu o rosto contraído de Jim Hardie, o rosto bêbado de Jim querendo se aventurar em uma empreitada maluca; o rosto de Sonny Venuti, inclinada na sua direção com os olhos arregalados; o da mãe quando saiu do carro no pátio de ladrilhos; e, o mais assustador, o da atriz na festa do ano anterior, olhando para ele com a boca sorridente e os olhos sem expressão.

Peter largou a toalha de Lewis no chão do banheiro.

Eles já estiveram aqui.

Só havia uma pessoa que poderia ajudá-lo — que não pensaria que estava mentindo ou ficando maluco. Ele tinha que voltar para a cidade para encontrar o escritor que estava hospedado no hotel.

A perda da mãe o abalou novamente, arrancando-lhe lágrimas; mas não havia tempo para chorar agora. Saiu do corredor e passou pela porta pesada. “Ah, mãe”, disse ele. “Eu vou detê-los. Eu *vou* pegá-los. Eu…” Mas as palavras soaram vazias, o desafio de uma criança. *Eles querem que você pense isso*.

Peter não olhou para a casa enquanto corria pela entrada de carros, mas podia senti-la lá atrás, olhando para ele e debochando de suas intenções insignificantes — como se soubesse que sua liberdade era apenas como a de um cachorro preso

na coleira. A qualquer segundo ele poderia ser puxado para trás, com o pescoço machucado, a respiração interrompida…

Ele entendeu o motivo quando chegou no fim do caminho que levava até a casa de Lewis. Havia um carro estacionado na beira da estrada, e o testemunha de Jeová que havia lhe dado carona estava dentro, olhando para ele. Ele piscou os olhos para Peter, olhos brilhantes. “Venha”, chamou o homem. “Venha comigo, filho.”

Peter saiu correndo em meio ao trânsito. Um carro desviou dele, outro derrapou até parar. Várias buzinas soaram. Ele alcançou a divisória e correu pelo outro lado da estrada, que estava vazio. Ainda conseguia ouvir o religioso gritando: “Volte. Não adianta”.

Peter desapareceu na vegetação do outro lado da estrada. Em meio aos barulhos e à confusão do trânsito, ouviu claramente o testemunha de Jeová ligando o carro para ir atrás dele.

8

Cinco minutos depois que Lewis saiu de perto da fogueira de Otto, começou a sentir cansaço. Suas costas doíam pelo grande esforço que fizera para remover a neve com a pá no dia anterior; suas pernas ameaçaram ceder. A cadela andava à frente, forçando-o a seguir quando ele preferia descer a colina até o carro. Mesmo essa possibilidade ficava a pelo menos meia hora de caminhada. Era melhor ir atrás da cadela, descansar e voltar para a fogueira.

Flossie farejou a base de uma árvore, verificou se ele ainda estava ali e seguiu em frente.

A pior parte da história foi que ele permitira que Linda entrasse sozinha no quarto da criança. Sentado à mesa da sra. de Peyser, tonto, ainda mais exausto do que estava agora, sentiu que a situação toda era meio falsa, que estava fazendo parte de um jogo sem saber. Isso foi o que não contou a Otto, essa sensação de que havia algo errado que tomou conta dele durante o jantar. Por trás da falta de gosto da comida, havia um gosto suave de lixo e, da mesma forma, por trás daquela falação superficial de Florence de Peyser, havia uma coisa que o fazia se ver como uma marionete forçada a dançar. Depois de sentir isso, por que continuou sentado, tentando parecer normal? Por que não pegou Linda pelo braço e não saiu às pressas?

Don também disse qualquer coisa sobre se sentir um peão em um jogo.

Porque conhecem você bem o bastante para saber o que você vai fazer. Foi por isso que você ficou. Porque sabiam que você ficaria.

O vento suave mudou de direção, tornando-se mais frio. A cadela ergueu o focinho, farejou e virou na direção do vento. Começou a andar mais depressa.

"Flossie", gritou ele. A cadela, já trinta metros à frente e visível apenas quando ele a via correndo entre as árvores, saiu em uma abertura e olhou para Lewis por cima do ombro. Em seguida, impressionou-o ao baixar a cabeça e rosnar. No instante seguinte, saiu correndo.

Olhando à frente, ele viu apenas os contornos de abetos, intercalados com os esqueletos de outras árvores no chão salpicado de branco. A neve derretida seguia lentamente colina abaixo. Seus pés estavam gelados. Por fim, ouviu a cadela latindo e foi na direção do som.

Quando ele finalmente viu a cachorra, ela começou a choramingar. Estava em uma pequena depressão glacial, e Lewis estava na beirada acima. Rochas como estátuas da Ilha de Páscoa incrustadas de quartzo cobriam o fundo da depressão. A cadela olhou para ele, choramingou novamente, balançou o corpo e se deitou junto a uma das rochas. "Volte, Flossie", pediu ele. Flossie deitou no chão e balançou o rabo.

"O que foi?", perguntou ele.

Lewis entrou na depressão e escorregou dois metros em lama fria. A cadela latiu uma vez, intensamente, depois fez um círculo apertado e se deitou no chão outra vez. Estava olhando para um grupo de abetos crescendo do outro lado do vale. Enquanto Lewis andava pela lama, Flossie se aproximou das árvores.

"Não entre lá", avisou ele. A cadela foi até as primeiras árvores, choramingando; em seguida, desapareceu sob os galhos.

Ele tentou chamá-la. A cachorra não voltou. Nenhum som veio do amontoado denso de abetos. Frustrado, Lewis olhou para o céu e viu nuvens pesadas deslizando no vento norte. A trégua da neve, que durou dois dias, tinha acabado.

"Flossie."

A cadela não reapareceu, mas, quando ele olhou para a cortina densa de folhas de abeto, viu uma coisa impressionante. Talhado com folhas e galhos, havia o contorno de uma porta. Um amontoado de agulhas de abeto formava a maçaneta. Era a ilusão de ótica mais perfeita que já tinha visto. Até as dobradiças estavam representadas.

Lewis deu um passo à frente. Ele estava no lugar onde Flossie tinha se deitado no chão. A ilusão ficava mais perfeita conforme se aproximava das árvores. Agora, as agulhas de abeto pareciam estar quase sugerindo o granulado de uma superfície de madeira polida. Era a forma como alternavam cores e tons,

com um verde mais escuro sobre uma tonalidade mais clara acima de um tom mais escuro, um padrão aleatório se solidificando nas espirais de uma placa de madeira.

Era a porta do seu quarto.

• • •

Lewis subiu lentamente pelo outro lado da depressão, na direção da porta. Chegou perto o suficiente para tocar na madeira lisa.

A porta queria que ele a abrisse. Lewis ficou parado com as botas molhadas em uma brisa fria e crescente e soube que todas as ocorrências inexplicáveis de sua vida desde aquele dia em 1929 o levaram até aquilo: colocaram-no na frente de uma porta impossível que o conduziria a uma experiência imprevisível. Se estava pensando que a história da morte de Linda era, assim como Don dissera sobre a história de Alma Mobley, sem sentido e sem fim, atrás da porta ele conseguiria encontrar explicações. Mesmo naquele momento, Lewis soube que a porta levava não a um aposento, mas a muitos.

Lewis não poderia recusar a oportunidade. Otto, esfregando as mãos na frente de uma fogueira, era apenas uma parte de uma existência trivial demais para ele continuar insistindo que tinha valor — para continuar se agarrando àquilo. Para Lewis, que já tinha tomado sua decisão, seu passado, em especial os últimos anos em Milburn, era um caminho sem graça, um longo sofrimento tedioso e inútil para os quais uma saída fora apresentada.

Assim, Lewis girou a maçaneta de metal e caiu em seu lugar no quebra-cabeça.

Ele entrou, como sabia que aconteceria, em um quarto. Reconheceu-o imediatamente: o quarto ensolarado cheio de flores espanholas no apartamento do andar térreo que ele e Linda ocupavam no hotel. Um tapete sedoso chinês se estendia de seus pés até cada um dos cantos do quarto; flores em vasos, ainda famintas pelo sol, captavam o dourado, o vermelho e o azul do tapete e devolviam com um brilho. Ele se virou, viu a porta se fechando e sorriu. A luz do sol entrava pelas duas janelas idênticas. Ao olhar para fora, viu um gramado verde, um precipício murado e o topo dos degraus que levavam ao mar que cintilava lá embaixo. Lewis foi até a cama de dossel. Um roupão azul-escuro de veludo estava dobrado no pé da cama. Em paz, observou todo o interior do belo quarto.

A porta do corredor se abriu, e Lewis se virou, sorridente, para a esposa. Atordoado de pura felicidade, andou com os braços estendidos. Parou quando viu que ela estava chorando.

“Querida, o que foi? O que aconteceu?”

Ela levantou as mãos; nelas havia o corpo de um cachorro de pelo curto.

“Um dos hóspedes a encontrou caída no pátio. Todo mundo estava saindo do almoço, e quando cheguei lá estavam todos em volta, olhando para a pobrezinha. Foi horrível, Lewis.”

Lewis se inclinou por cima do corpo do cachorro e beijou a bochecha de Linda. “Eu cuido dela, Linda. Mas como foi parar lá?”

“Disseram que alguém a jogou pela janela… ah, Lewis, quem faria uma coisa dessas?”

“Eu cuido dela. Pobrezinha. Sente-se por um minuto.” Ele pegou o cadáver do animal das mãos da esposa. “Vou resolver isso. Não se preocupe mais.”

“Mas o que você vai fazer com ela?”, choramingou.

“Enterrar no jardim das rosas, ao lado de John, eu acho.”

“Que bom. É uma ideia maravilhosa.”

Carregando o cachorro, ele foi na direção do corredor e parou. “Fora isso, foi tudo bem no almoço?”

“Sim, tudo. Florence de Peyser nos convidou para jantar na suíte dela. Você vai estar disposto depois de tanto jogar tênis? Já tem 65 anos, lembre-se.”

“Não tenho, não.” Lewis olhou para ela com expressão intrigada. “Estou casado com você, então tenho cinquenta. Você está me envelhecendo antes da hora!”

“Como sou distraída”, disse Linda. “Acho que mereço uma bronca.”

“Volto logo com uma ideia bem melhor”, disse Lewis, atravessando a porta em direção ao corredor.

O peso do cachorro sumiu das mãos dele, e tudo mudou. Seu pai estava andando em sua direção pela sala da casa presbiterial. “Mais duas questões, Lewis. Sua mãe merece um pouco de consideração, sabe? Você trata esta casa como se fosse um hotel. Chega a qualquer hora da noite.” O pai foi até a poltrona atrás da qual Lewis estava, desviou na direção da lareira e andou até o outro lado da sala, ainda falando. “Às vezes, segundo me dizem, você toma bebidas alcoólicas. Eu não sou um homem moralista, mas não vou tolerar isso. Sei que você tem 65 anos…”

“Dezessete”, disse Lewis.

“Dezessete, então. Não me interrompa. Sem dúvida você se acha muito adulto. Mas não vai beber enquanto morar debaixo deste teto, entendeu? E quero que comece a fazer jus à sua idade ajudando sua mãe com a limpeza. Esta sala, de agora em diante, é responsabilidade sua. Você precisa passar espanador e limpar uma vez por semana. E também cuidar da lareira de manhã. Está claro?”

“Sim, senhor”, disse ele.

“Que bom. Essa é a primeira questão. A segunda é sobre seus amigos. O sr. James e o sr. Hawthorne são bons sujeitos, e eu diria que tenho uma ótima relação com os dois. Mas a idade e as circunstâncias nos separam. Eu não os chamaria de amigos, nem deixaria que dissessem que sou amigo deles. Primeiro de tudo, são episcopais, a um passo do papismo. Além disso, têm uma boa fortuna em dinheiro. O sr. James deve ser um dos homens mais ricos de todo o estado de Nova York. Você sabe o que isso quer dizer em 1928?”

“Sim, senhor.”

“Quer dizer que você não tem condições de acompanhar o filho dele. E também não pode acompanhar o filho do sr. Hawthorne. Temos vidas respeitáveis e tementes a Deus, mas não somos ricos. Se continuar a andar com Sears James e Ricky Hawthorne, prevejo terríveis consequências. Eles têm os hábitos de filhos de homens ricos. Como você sabe, é meu plano mandá-lo para a universidade no outono, mas você vai ser um dos alunos mais pobres de Cornell, e não deve aprender os hábitos deles, Lewis, pois só vão levá-lo à ruína. Vou lamentar eternamente a generosidade de sua mãe, que cedeu os fundos dela para comprar um carro para você.” Ele estava dando outra volta na sala. “E as pessoas já estão fofocando sobre vocês três e aquela mulher italiana da Montgomery Street. Sei que filhos de clérigos costumam ser rebeldes, mas… Bem, as palavras me faltam.” Ele parou no meio do percurso, do outro lado da sala, e olhou com seriedade nos olhos de Lewis. “Suponho que você tenha me entendido.”

“Sim, senhor. Entendi. Isso é tudo?”

“Não. Não consigo explicar isso.” Seu pai estava lhe entregando o cadáver de um cachorro de pelo curto. “Estava caído no caminho da porta da igreja. E se alguém da congregação o tivesse visto ali? Quero que você se livre dele imediatamente.”

“Deixe comigo”, disse Lewis. “Vou enterrar no roseiral.”

“Faça isso imediatamente.”

Lewis tirou o cachorro da sala e se virou no último minuto para perguntar: “Você tem o sermão de domingo pronto, pai?”.

Ninguém respondeu. Ele estava em um quarto sem uso no andar de cima da casa na Montgomery Street. A única mobília do quarto era uma cama. O piso estava à mostra, e papel encerado tinha sido pregado na janela. Como o carro de Lewis estava com o pneu furado, Sears e Ricky foram pegar emprestado o calhambeque de Warren Scales enquanto ele e a esposa grávida faziam compras. Havia uma mulher deitada na cama, mas não respondia porque estava morta. Um lençol cobria seu corpo.

Lewis atravessou o quarto de um lado para o outro, desejando que os amigos voltassem com o carro do fazendeiro. Não queria olhar para a forma coberta na cama; ele foi até a janela. Pelo papel encerado, via apenas uma vaga luz alaranjada. Ele olhou para o lençol. “Linda”, disse com tristeza.

Estava em um aposento com paredes de metal cinza. Havia uma lâmpada pendurada no teto. Sua esposa estava deitada debaixo de um lençol em uma mesa de metal. Lewis se inclinou por cima do corpo dela e chorou. “Não vou enterrar você no laguinho”, disse ele. “Vou levar você para o roseiral.” Ele tocou nos dedos sem vida da esposa por baixo do lençol e os sentiu tremer. Ele se encolheu.

Enquanto olhava, horrorizado, as mãos de Linda se moveram embaixo do lençol. As mãos brancas dobraram o lençol que cobria o rosto. Ela se sentou, com os olhos abertos.

Lewis se encolheu do outro lado da pequena sala. Quando a esposa tirou as pernas de cima da mesa do necrotério, ele gritou. Linda estava nua, e o lado esquerdo do rosto estava quebrado e arranhado. Ele estendeu as mãos na frente do rosto em um gesto infantil de proteção. Linda sorriu para ele e perguntou: “E aquele pobre cachorro?” Ela estava apontando para a parte descoberta da mesa, onde um cão de pelo curto estava deitado de lado em uma poça de sangue.

Lewis olhou com horror para a esposa, mas Stringer Dedham, com o cabelo partido ao meio, uma camisa marrom escondendo os cotocos, estava ao seu lado. “O que você viu, Stringer?”, perguntou ele.

Stringer deu um sorriso sangrento para ele. “Eu vi você. Foi por isso que pulei da janela. Não seja miolo mole.”

“Você me viu?”

“Eu disse que vi você? Acho que o miolo mole sou eu. *Eu* não vi você. Foi sua esposa que viu *você*. O que *eu* vi foi minha garota. Eu a vi pela janela dela na manhã do dia em que ajudei com a debulhadora. Caramba, devo ser um idiota.”

“Mas o que você a viu fazendo? O que tentou dizer para suas irmãs?”

Stringer inclinou a cabeça para trás e riu, e sangue jorrou por sua boca. Ele tossiu. “Minha nossa, eu nem consegui acreditar, foi incrível, amigo. Você já viu uma cobra com a cabeça cortada? Já viu aquela língua saindo, e a cabeça apenas um cotoco do tamanho do seu polegar? já viu aquele corpo se contorcendo e se retorcendo na terra?” Stringer riu alto com a espuma vermelha na boca. “Deus do céu, Lewis, que coisa mais antiga. Sinceramente, desde então eu não consigo pensar direito, como se meu cérebro estivesse todo misturado e escorrendo pelos ouvidos. Foi como naquela vez que tive o derrame, em 1940, lembra? Quando

um lado meu ficou paralisado? E você me deu comida de bebê de colherzinha? *Grrr*, que gosto horrível!”

“Não foi você”, disse Lewis. “Foi meu pai.”

“Bom, o que foi que eu disse? Está tudo misturado, como se alguém tivesse cortado minha cabeça, mas minha língua continuasse se mexendo.” Stringer deu um sorriso vermelho sem graça. “Você não ia pegar aquele pobre cachorrinho e jogar no lago?”

“Ah, sim, quando eu voltar”, disse Lewis. “Nós precisamos do carro de Warren Scales. A esposa dele está grávida.”

“A esposa de um fazendeiro católico não é preocupação minha no momento”, disse seu pai. “Um ano na faculdade endureceu você, Lewis.” De sua posição temporária ao lado da lareira, ele olhou longa e tristemente para o filho. “E sei também que é uma era de endurecimento. Manchada pela escuridão, Lewis. Nossa era é de escuridão. Nós nascemos na danação, e para nossos filhos tudo são trevas. Queria poder ter educado você em tempos mais estáveis… Lewis, este país já foi um paraíso! Um paraíso! Com campos até onde dava para enxergar! Cheios de riquezas do Senhor! Filho, quando eu era pequeno, vi a Escritura numas teias de aranha. O Senhor olhava por nós naquela época, Lewis, dava para sentir a presença Dele na luz do sol e na chuva. Mas agora nós somos como aranhas dançando no fogo.” Ele olhou para o fogo real, que aquecia seus joelhos. “Tudo começou com a ferrovia. Tenho certeza disso, filho. A ferrovia enriqueceu homens que nunca tinham sentido o cheiro de dois dólares juntos na vida. O cavalo de ferro estragou a terra, e agora o colapso financeiro vai se espalhar como uma mancha por todo este país.” E olhou para Lewis com os olhos claros e astutos de Sears James.

“Eu prometi que a enterraria na roseira”, disse Lewis. “Vão voltar logo com o carro.”

“O *carro*.” Seu pai se virou, repugnado. “Você nunca deu ouvido às coisas importantes que eu tinha para dizer. Você me abandonou, Lewis.”

“Você se exalta demais”, disse Lewis. “Vai acabar tendo um derrame.”

“Que a vontade Dele seja feita.”

Lewis olhou para as costas rígidas do pai. “Vou cuidar de tudo agora.” O pai não respondeu. “Adeus.”

Seu pai disse sem se virar: “Você nunca deu ouvidos. Mas preste atenção, filho, isso vai voltar para assombrá-lo. Você foi seduzido por si mesmo, Lewis. Nada mais triste pode ser dito a respeito de qualquer homem. Um rosto bonito e plumas no lugar de cérebro. Você tem a aparência do tio de sua mãe, Leo, e quando ele tinha 25 anos enfiou a mão no forno a lenha e deixou lá até estar queimada como carvão.”

Lewis passou pela porta da sala de jantar. Linda estava tirando o lençol de cima do corpo nu no quarto vazio do andar de cima. Sorriu para ele com sangue nos dentes. “Depois disso”, disse ela, “o tio Leo foi um homem de Deus pelo resto da vida.” Seus olhos brilharam, e ela tirou as pernas da cama. Lewis recuou até a parede de madeira. “Depois disso, ele viu as Escrituras em teias de aranha, Lewis.” Ela foi lentamente na sua direção, contorcendo-se com o quadril quebrado. “Você ia me jogar no lago. Você viu as Escrituras no lago, Lewis? Ou estava distraído com seu rosto bonito?”

“Agora acabou, não acabou?”, perguntou Lewis.

“Sim.” Ela estava perto o bastante para que ele pudesse sentir o cheiro amarronzado da morte.

Lewis enrijeceu o corpo contra a parede áspera.

“O que você viu no quarto daquela garota?”

“Eu vi você, Lewis. O que você deveria ver. Assim.”

9

Enquanto Peter pudesse se esconder na vegetação, estaria em segurança. Uma rede de galhos finos impedia que o vissem da estrada. Do outro lado, a dez ou quinze metros, havia árvores como as da frente da casa de Lewis. Peter se embrenhou nelas para ficar mais escondido do homem no carro. O testemunha de Jeová não tinha saído do acostamento; Peter conseguia ver a parte de cima do carro, um escudo azul brilhante do outro lado dos arbustos secos. Peter saiu correndo da segurança de uma árvore até a outra, depois outra. O carro seguiu em frente. Eles continuaram assim por um tempo, Peter se movendo devagar pelo chão úmido, e o veículo em seu encalço como se ele fosse um peixe-piloto seguido por um tubarão. Em alguns momentos, o carro do religioso ia um pouco à frente, às vezes ficava para trás, mas nunca se distanciava mais do que cinco ou dez metros. O único consolo para Peter era que os erros do motorista provavam que ele não o via. Apenas estava seguindo pelo acostamento da estrada esperando uma área aberta na vegetação.

Peter tentou visualizar a paisagem daquele lado da rodovia e apenas conseguia lembrar que, por um quilômetro e meio nos arredores da casa de Lewis, havia uma vegetação densa; a maior parte do que restava do terreno, até uma erupção de postos de gasolina e drive-ins que marcavam a entrada de Milburn, era campo aberto. A não ser que rastejasse por valas por mais de dez

quilômetros, o homem no carro conseguiria vê-lo assim que ele saísse da floresta.

Saia, filho.

O religioso estava enviando mensagens sem destino, tentando convencê-lo a ir até o carro. Peter fechou a mente para os sussurros da melhor forma que pôde e seguiu em frente pela floresta. Talvez, se não parasse de correr, o homem se afastasse o bastante para que ele conseguisse pensar.

Venha, garoto. Saia daí. Me deixe levar você até ela.

Ainda protegido pelos arbustos altos e pelas árvores, Peter correu até conseguir ver, no meio dos troncos enormes dos carvalhos, uma fileira dupla de arame farpado. Depois do arame havia um campo longo e curvo, um terreno vazio. O carro do religioso não estava por perto. Peter olhou para o lado, mas as árvores eram muito densas, e os arbustos eram altos demais para que pudesse ver a parte mais próxima da rodovia. Peter chegou às últimas árvores e à cerca e olhou para o campo, imaginando se conseguiria passar sem ser visto. Se o homem o visse no campo, Peter sabia que ficaria indefeso. Poderia correr, mas acabaria sendo pego, assim como a coisa na casa da Montgomery Street pegou Jim.

Ela está interessada em você, Peter.

Era outro disparo sem mira e casual, sem nenhuma urgência real.

Ela vai dar a você tudo o que você quiser.

Ela vai dar a você qualquer coisa que você queira.

Ela vai trazer sua mãe de volta.

O carro azul surgiu em seu campo de visão e parou depois do ponto em que o campo começava. Peter retrocedeu um pouco para dentro da floresta. O homem no carro virou de lado, apoiou o braço no banco do passageiro e, com essa postura de espera paciente, olhou para o campo que Peter teria que atravessar.

Venha até aqui e entregaremos sua mãe para você.

Sim. Era isso o que eles fariam. Devolveriam sua mãe. Ela estaria como Jim Hardie e Freddy Robinson, com os olhos vazios, aquela conversa amnésica e nenhuma substância, como um raio de luar.

Peter se sentou no chão molhado, tentando lembrar se havia outra estrada por perto. Teria que passar pelo bosque, caso contrário o homem o encontraria quando ele atravessasse o campo; havia outra estrada paralela à rodovia que levava até Milburn?

Ele se lembrou das noites circulando de carro pela zona rural com Jim, todos os passeios sem destino dos fins de semana e verões do ensino médio. Podia dizer que conhecia o condado de Broome tão bem quanto o próprio quarto.

Mas o homem paciente no carro azul dificultava seus pensamentos. Ele não conseguia se lembrar do que havia do outro lado daquela floresta: a área residencial de alguma construtora, uma fábrica? Por um momento, sua mente não quis fornecer as informações que ele sabia ter, apresentando-lhe apenas imagens de construções vazias em que coisas escuras se moviam atrás de persianas. Mas, o que quer que houvesse do outro lado da floresta, era para lá que precisava ir.

Peter se levantou silenciosamente e recuou alguns metros para dentro da floresta antes de dar as costas para a rodovia e correr para longe do carro. Segundos depois, lembrou para onde estava correndo. Havia uma estrada de duas pistas pavimentadas naquela direção, em Milburn, chamada “estrada velha de Binghamton” porque já tinha sido a única ligação entre as duas cidades; esburacada, obsoleta e insegura, era evitada por quase todos os carros agora. Já houvera vários pequenos comércios em suas margens, mercados de frutas, um hotel, uma farmácia. No momento, a maioria das construções estava vazia, e algumas tinham sido derrubadas. Apenas o Bay Tree Market prosperava: era o preferido das pessoas mais abastadas de Milburn. Sua mãe sempre comprou frutas, legumes e verduras lá.

Se ele se lembrava corretamente da distância entre a estrada antiga e a nova, demoraria menos de vinte minutos para chegar ao Market. De lá, poderia pegar uma carona até a cidade e chegar em segurança ao hotel.

• • •

Em quinze minutos, estava com os pés molhados, uma dor nos flancos e um corte no casaco provocado por um galho, mas agora sabia que se aproximava da estrada. As árvores se tornavam mais esparsas e o terreno apresentava um declínio suave.

Agora, ao ver o ar vazio e cinzento no fim da floresta, chegou mais perto da cerca e se esgueirou pelos últimos trinta metros. Ainda não tinha certeza se o mercado ficava à esquerda ou à direita e a que distância se encontrava. Só esperava tê-lo em seu campo de visão e que o estacionamento estivesse cheio.

Andou mais um pouco e espiou através das poucas árvores que restavam.

Você está desperdiçando seu tempo, Peter. Não quer ver sua mãe de novo?

Ele gemeu, sentindo o toque leve da mente do religioso. Seu estômago gelou. O carro azul estava estacionado na estrada à sua frente. No banco dianteiro, Peter viu uma forma volumosa que sabia ser o homem, recostado, esperando que ele se mostrasse.

O Bay Tree Market estava à vista, a mais ou menos quatrocentos metros à frente, à esquerda de Peter na estrada antiga, e o carro se encontrava virado para

o outro lado. Se saísse correndo, o homem teria que dar meia-volta na estrada velha e estreita.

Mesmo assim, não teria tempo suficiente.

Peter olhou para o mercado. Havia muitos carros no estacionamento. Pelo menos um pertenceria a alguém que ele conhecia. Só precisava chegar lá.

• • •

Por um momento, ele sentiu como se não tivesse mais do que cinco anos, um garoto trêmulo indefeso, desarmado e sem esperança de derrotar a criatura assassina que o esperava no carro. Se rasgasse o casaco impermeável, amarrasse as tiras de pano e colocasse uma ponta no tanque de gasolina… mas isso era apenas uma ideia ruim vista em filmes piores ainda. Jamais conseguiria chegar ao carro sem que o homem o visse.

Na verdade, a única coisa que poderia fazer, além de correr para longe do homem, era atravessar o campo até o mercado para ver o que acontecia. O religioso estava olhando para o outro lado, e pelo menos ele teria um tempo antes de ser visto.

Peter separou as duas fileiras de arame presas nas árvores e passou. Quatrocentos metros à frente, em linha reta, ficava o estacionamento dos fundos do Bay Tree Market. Ele prendeu a respiração e começou a atravessar o campo.

O carro manobrou para dar meia-volta e ficou ao lado dele, visível em sua visão periférica. *Garoto bonzinho e corajoso. Garotos bonzinhos não deveriam pedir carona, certo?* Peter fechou os olhos e seguiu em frente pelo campo.

Garoto corajoso e burro. Ele se perguntou o que o homem faria para impedi-lo.

Não precisou esperar muito para descobrir.

“Peter, preciso falar com você. Abra os olhos, Peter.” A voz era de Lewis Benedikt. Peter abriu os olhos e viu Lewis de pé, vinte metros à frente, usando uma calça larga, botas e uma jaqueta cáqui do exército.

“Você não está aqui”, falou Peter.

“Não diga besteiras, Peter”, disse Lewis e começou a andar na direção dele. “Você consegue me ver, não? Não consegue me ouvir? Estou aqui. Por favor, me escute. Quero falar sobre sua mãe.”

“Ela está morta.” Peter parou de falar, sem querer chegar mais perto da criatura-Lewis.

“Não está, não.” Lewis também parou, como se não quisesse assustar Peter. Na estrada ao lado deles, o carro também parou. “Nada é tão preto no branco. Ela não estava morta quando você a viu na minha casa, estava?”

“Estava.”

“É impossível ter certeza, Pete. Ela desmaiou, como você.” Lewis abriu as mãos e sorriu para Peter.

“Não. Eles cortaram… cortaram a garganta dela. Eles a mataram. Assim como aqueles animais foram mortos.” Ele fechou os olhos de novo.

“Pete, você está errado, e eu posso provar. Aquele homem no carro não quer machucar você. Vamos até ele. Vamos até lá agora.”

Peter abriu os olhos. “Você realmente dormiu com a minha mãe?”

“As pessoas da nossa idade às vezes cometem erros. Fazem coisas de que se arrependem depois. Mas não significa nada, Pete. Você vai ver quando chegar em casa. Só precisa ir para casa conosco, e ela vai estar lá, como sempre esteve.” Lewis sorria para ele, demonstrando uma preocupação sensata. “Não a julgue mal porque ela cometeu um erro.” Ele começou a avançar de novo. “Acredite em mim. Eu sempre esperei que pudéssemos ser amigos.”

“Eu também, mas você não pode ser meu amigo porque está morto”, disse Peter. Ele se inclinou, pegou um punhado caprichado de neve molhada e apertou bem entre as mãos.

“Você vai jogar uma bola de neve em mim? Isso não é meio infantil?”

“Sinto pena de você”, disse Peter e jogou a bola de neve, fazendo aquela coisa que parecia Lewis explodir em uma cascata de luz.

Como se estivesse em um estado de choque, Peter seguiu em frente, atravessando o espaço onde Lewis estava. O ar formigou em seu rosto. Ele sentiu outro toque leve na mente e se preparou.

Mas nenhuma palavra veio em seguida. O que veio foi uma onda de amargura e raiva que quase o derrubou com sua força. Era o mesmo tipo de sentimento sombrio que presenciou quando a criatura que segurava sua mãe tirou os óculos escuros, e a violência da emoção o fez cambalear; mas havia um ar pesado de derrota nela.

Surpreso, Peter virou a cabeça para o lado; o carro azul acelerou pela estrada.

O alívio deixou seus joelhos bambos. Ele não sabia explicar, mas tinha vencido. Peter se sentou pesada e desajeitadamente na neve e tentou não chorar. Depois de um tempo, se levantou de novo e continuou seguindo para o estacionamento. Estava entorpecido demais para ter sentimentos; obrigou-se a se concentrar em fazer as pernas se moverem. Primeiro um passo, depois outro. Seus pés estavam muito gelados. Outro passo. Agora, não estava longe do estacionamento.

De repente, uma doçura ainda maior tomou conta dele. Sua mãe estava correndo pelo estacionamento em sua direção.

“Pete!”, gritou ela, chorando um pouco. “Graças a Deus!”

Ela alcançou os carros que estavam no limite do estacionamento e foi correndo para o campo aberto. Ele apenas a observou enquanto ela corria em sua direção, sobrecarregado de sentimentos a ponto de não conseguir falar, depois seguiu em frente. Ela exibia um hematoma grande na bochecha e o cabelo estava embaraçado, como o de uma cigana. Um lenço amarrado no pescoço mostrava uma linha vermelha no meio.

“Você fugiu”, disse ele, atônito de alívio.

“Eles me tiraram da casa… aquele homem…” Ela estava a alguns metros do filho, e levou as mãos ao pescoço. “Ele cortou meu pescoço… eu desmaiei… eu achei que eles matariam você.”

“Eu achei que você estivesse morta”, disse ele. “Ah, mãe.”

“Pobre Pete.” Ela colocou os braços ao redor do próprio corpo. “Vamos sair daqui. Vamos ter que pegar carona para a cidade. Acho que pelo menos até lá conseguimos chegar.”

O fato de ela conseguir fazer piada, por pior que fosse, o emocionou novamente, levando-o às lágrimas. Ele cobriu os olhos com a mão.

“Chore depois”, disse ela. “Acho que vou chorar por uma semana depois que eu me sentar. Vamos arrumar uma carona.”

“Como você fugiu deles?” Pete estava andando ao lado da mãe, prestes a abraçá-la, mas ela deu um passo para trás, levando-o na direção do estacionamento. Ele acompanhou seu ritmo.

“Acho que eles pensaram que eu estava com medo demais para me mexer. E, quando me levaram para fora, o ar fresco ajudou a me reviver. Aquele homem relaxou o aperto no meu braço, então eu me virei e bati nele com a bolsa. Depois, corri para a floresta. Eu os ouvi me procurando. Eu nunca, *nunca* senti tanto medo na vida. Depois de um tempo, eles desistiram. Estavam procurando você?”

“Não”, disse ele. “Não.” E sua tensão derreteu. “Havia outra pessoa, mas ele foi embora. Não conseguiu me pegar.”

“Eles vão nos deixar em paz agora”, disse ela. “Agora que estamos longe de lá.”

Peter olhou para a mãe, e ela abaixou o olhar. “Eu devo muitas explicações a você, Peter. Mas agora não é o momento. Só quero chegar em casa e fazer um curativo de verdade no pescoço. Vamos ter que pensar em alguma coisa para dizer para o seu pai.”

“Você não vai contar o que aconteceu?”

“Vamos deixar isso para trás, tá bom?” pediu ela, olhando para ele com uma expressão de súplica. “Vou explicar tudo para você… na hora certa. Só vamos ficar agradecidos por estarmos vivos.”

Eles entraram no estacionamento.

“Tudo bem”, disse Peter. “Mãe, eu estou tão…” Ele estava lidando com emoções que eram densas demais para serem expressadas. “Mas nós temos que conversar com alguém. O mesmo homem que machucou você matou Jim Hardie.”

Ela olhou para Peter depois de chegar ao meio do estacionamento. “Eu sei.”

“Sabe?”

“Eu deduzi. Ande logo, Pete. Meu pescoço está doendo. Quero ir para casa.”

“Você disse que sabia.”

Ela fez um gesto de irritação. “Não me interrogue, Peter.”

Peter olhou para o estacionamento como um louco e viu o carro azul passando pela lateral do mercado.

“Ah, mãe”, disse ele. “Eles conseguiram. Eles conseguiram. Você não fugiu coisa nenhuma.”

“*Peter*. Saia desse delírio. Estou vendo uma pessoa que pode nos dar carona.”

Quando o carro azul entrou na pista atrás dela, Peter andou na direção da mãe, encarando-a. “Tudo bem, eu vou.”

“Que bom. Peter, tudo vai voltar a ser como era, você vai ver. Nós dois passamos por um susto horrível, mas um banho quente e um bom descanso vão fazer maravilhas.”

“Você precisa de uns pontos no pescoço”, disse Peter, chegando mais perto.

“Não, claro que não.” Ela sorriu. “Um curativo basta. Foi só um arranhão. Peter. O que você está fazendo, Peter? Não toque nisso, dói. Você vai fazer o sangramento voltar.”

O carro azul agora estava no começo da fileira de veículos na qual eles se encontravam. Peter estendeu a mão para ela.

“Não, Pete, vamos pegar nossa carona em um minuto…”

Ele fechou os olhos e movimentou o braço na direção da cabeça da mãe. Um segundo depois, seus dedos formigaram. Ele gritou; uma buzina soou, terrivelmente alta.

Quando abriu os olhos, sua mãe tinha sumido, e o carro azul estava acelerando em sua direção. Peter correu na direção de dois carros estacionados e entrou no meio deles em busca de proteção no momento em que o carro azul passou, raspando na lateral dos veículos e sacudindo-os.

Ele viu o carro se espremendo no fim da fileira de automóveis e, quando virou para entrar na fileira seguinte, viu Irmengard Draeger, a mãe de Penny, saindo pela porta dos fundos do mercado carregando um saco de compras. Correu na direção dela por entre os carros estacionados.

HISTÓRIAS

10

Dentro do hotel, a sra. Hardie olhou para ele com curiosidade, mas disse o número do quarto de Don Wanderley, observando-o enquanto subia as escadas no final do saguão. Ele sabia que deveria ter se virado para dizer alguma coisa, mas não conseguia confiar em si mesmo, depois do estresse pelo qual passou ao voltar para a cidade com a sra. Draeger, para conseguir conversar o que quer que fosse com a mãe de Jim.

Ele encontrou a porta de Don e bateu.

“Sr. Wanderley”, disse ele quando o escritor abriu a porta.

Para Don, a aparição do adolescente abalado em sua porta significava a chegada de uma certeza. Estava terminado o período em que as consequências da derradeira história da Sociedade Chowder, fossem lá quais fossem, se limitaram a seus membros e a algumas pessoas próximas. A expressão de choque e perda no rosto de Peter Barnes deixou claro para Don que tudo em que vinha pensando naquele quarto não era mais propriedade sua e de quatro homens idosos.

“Entre, Peter”, pediu ele. “Bem que achei que voltaríamos a nos ver logo.”

O garoto se moveu como um zumbi para dentro do quarto e se sentou cegamente em uma poltrona. “Me desculpe”, começou ele, mas então fechou a boca. “Eu quero… eu tenho que…” Ele piscou algumas vezes e não conseguiu continuar.

“Espere”, disse Don; foi até a cômoda e pegou uma garrafa de uísque. Serviu um dedo em um copo de água e deu para Peter. “Beba isto e se acalme. Depois, me conte tudo o que aconteceu. Não perca tempo pensando que posso não acreditar, porque eu vou, sim. E o sr. Hawthorne e o sr. James também, quando eu contar para eles.”

“‘Meus amigos mais velhos’”, comentou Peter. Ele engoliu um pouco do uísque. “Foi assim que ele os chamou. Disse que você achava que o nome dele era Greg Benton.”

Peter se contorceu ao dizer o nome, e Don sentiu o choque da convicção atingindo seus nervos: fosse qual fosse o perigo que pudesse representar para si mesmo, ele destruiria Greg Benton.

“Você o conheceu”, disse ele.

“Ele matou minha mãe”, contou Peter secamente. “O irmão dele me segurou e me fez assistir. Acho… acho que eles beberam o sangue dela. Como fizeram com aqueles animais. E ele matou Jim Hardie. Eu o vi matar, mas fugi.”

“Continue”, pediu Don.

“E ele disse que alguém, não lembro o nome, o chamaria de manitu. Você sabe o que é isso?”

“Já ouvi falar.”

Peter assentiu, como se isso o satisfizesse. “E ele virou lobo. Eu vi. Eu o vi fazer isso.” Peter colocou o copo no chão, olhou de novo para ele, pegou-o e tomou outro gole. Suas mãos tremiam a ponto de quase derramar o uísque. “Eles *fedem*… são como coisas mortas e podres… precisei me esfregar muito. Onde Fenny tocou em mim.”

“Você viu Benton virando lobo?”

“Sim. Bem, não. Não exatamente. Ele tirou os óculos. Eles têm olhos amarelos. Ele me deixou *vê-lo*. Era… ele era puro ódio e morte. Parecia um raio laser.”

“Entendo”, disse Don. “Eu já o vi. Mas nunca sem os óculos.”

“Quando ele os tira, é capaz de forçar você a fazer coisas. Pode falar dentro da sua cabeça. Tipo coisa de percepção extrassensorial. E eles conseguem fazer você ver gente morta, fantasmas, mas, quando toca neles, esses fantasmas meio que explodem. Mas *eles* não explodem. Agarram você e matam. Mas também estão mortos. Uma outra pessoa manda neles, a benfeitora. Eles fazem o que ela quer.”

“Ela?”, perguntou Don, lembrando-se de uma linda mulher segurando o queixo daquele garoto bonito em um jantar.

“Aquela Anna Mostyn”, contou Peter. “Mas ela já esteve aqui.”

“Esteve”, disse Don. “Como atriz.”

Peter olhou para ele com surpresa agradecida.

“Eu acabei de entender uma parte da história, Peter”, revelou Don. “Nos últimos dias.” Ele olhou para o garoto trêmulo na poltrona. “Parece que você descobriu bem mais do que eu em menos tempo.”

“Ele disse que era *eu*”, disse Peter, contorcendo o rosto. “*Ele disse que era eu*, e quero *matar* ele.”

“Então vamos fazer isso juntos”, propôs Don.

• • •

“Eles estão aqui porque eu estou aqui”, disse Don. “Ricky Hawthorne disse isso quando me juntei a ele, Sears e Lewis Benedikt, que nós reunimos essas coisas, esses seres. Que os atraímos até aqui. Talvez, se eu tivesse ficado longe, teríamos apenas algumas ovelhas ou vacas mortas e pronto. Mas isso nunca foi uma possibilidade, Peter. Não dava para ficar longe, e eles sabiam que eu precisaria vir. E agora podem fazer o que quiserem.”

Peter o interrompeu.

“O que *ela* quiser que eles façam.”

“Isso mesmo. Mas nós não estamos indefesos. Nós podemos lutar. E vamos lutar. Vamos nos livrar deles como pudermos. Isso é uma promessa.”

“Mas eles já estão mortos”, argumentou Peter. “Como vamos matá-los? Eu *sei* que eles estão mortos, eles têm aquele cheiro…”

Ele estava começando a entrar em pânico novamente, então Don estendeu a mão e segurou a sua. “Eu sei por causa das histórias. Essas coisas não são novas. Devem existir há séculos, mais do que isso. As pessoas falam e escrevem sobre isso há centenas de anos. Acho que são o que chamavam de vampiros e lobisomens, devem estar por trás de mil histórias de terror. Bom, nas histórias, e acho que isso quer dizer no passado, as pessoas acabaram encontrando formas de fazê-las morrerem de novo. Estacas no coração e balas de prata, lembra? A questão é que essas coisas podem ser destruídas. E, se for necessário usar balas de prata, nós vamos usar. Mas acho que não vamos precisar disso. Você quer vingança e eu também, e vamos conseguir.”

“Mas isso vale apenas para eles”, disse Peter, olhando diretamente para Don. “O que vamos fazer com *ela*?”

“Isso vai ser mais difícil. Ela é o general. Mas a história está cheia de generais mortos.” Era uma resposta simples, mas o garoto pareceu mais calmo. “Agora, acho que é melhor você me contar tudo, Peter. Comece com a morte de Jim, se esse for o início. Quanto mais você lembrar, mais vai nos ajudar. Então, tente contar tudo.”

• • •

“Por que você não falou com ninguém sobre isso?”, perguntou ele quando Peter terminou.

“Porque eu sabia que ninguém acreditaria em mim além de você, que ouviu a música.”

Don assentiu.

“E ninguém vai acreditar, não é? Vão achar que é a mesma coisa que a cisma do sr. Scales com os marcianos.”

“Não exatamente. A Sociedade Chowder vai acreditar. Eu espero.”

“Você está falando do sr. James e do sr. Hawthorne e…”

“Sim.” Ele e o garoto se olharam, sabendo que Lewis estava morto. “Vai ser o suficiente, Peter. São quatro contra ela.”

“Quando vamos começar? O que vamos fazer?”

“Vou me reunir com os outros esta noite. Acho que você deveria ir para casa. Precisa ver seu pai.”

“Ele não vai acreditar em mim. Sei que não. Ninguém acreditaria, a não ser que…” O garoto deixou o resto da frase no ar.

“Quer que eu vá com você?”

Peter sacudiu a cabeça em negativa.

“Eu vou se você quiser.”

“Não. Eu não vou contar para ele. Não adiantaria. Vou ter que contar depois.”

“Talvez seja melhor. E, se quiser ajudar quando chegar a hora, pode contar comigo. Acho que você está sendo corajoso à beça, Peter. A maioria dos adultos teria desmoronado como um castelo de cartas. Mas você vai ter que ser ainda mais corajoso de agora em diante. Talvez tenha que proteger seu pai além de si mesmo. Não abra sua porta para ninguém a não ser que saiba quem é.”

Peter assentiu. “Não vou abrir. Não mesmo. Mas por que eles estão aqui? Por que *ela* está aqui?”

“É o que vou descobrir esta noite.”

Peter se levantou e estava se preparando para ir embora, mas colocou as mãos nos bolsos e encontrou um panfleto dobrado. “Eu esqueci. O homem do carro azul me deu isto depois que me levou até a casa do sr. Benedikt.” Ele pegou *A Torre de Vigia* e abriu na mesa de Don. Embaixo do título, em letras pretas garrafais no papel barato, estavam as palavras DR. RABBITFOOT ME LEVOU AO PECADO.

Don rasgou o panfleto ao meio.

11

Harold Sims entrou na floresta, enojado consigo mesmo e com Stella Hawthorne. Seus sapatos e as barras da calça estavam encharcados, os sapatos provavelmente destruídos. Mas o que não estava? Tinha perdido o emprego e, quando finalmente pediu para Stella ir embora com ele, depois de semanas pensando no assunto, também a perdeu. Droga, ela achava que o pedido havia sido feito no ímpeto do momento? Não o conhecia direito? Ele cerrou os dentes.

Eu não esqueci que ela tem sessenta anos, ele disse para si mesmo. E me preocupei muito com isso. “Eu procurei aquela puta com o coração aberto”, disse em voz alta, vendo as palavras virarem vapor. Ela o traiu. E o insultou. Ela nunca o levou a sério, ele percebia agora.

E o que ela era, afinal? Uma velha sem moral e com uma ótima estrutura óssea. Intelectualmente, era irrelevante.

E ela não era adaptável. Era só levar em conta o que achava da Califórnia: trailers e tacobúrgueres! Ela era rasa, e Milburn era o seu lugar. Com aquele marido metidinho falando sobre filmes antigos.

“Pois não?”, disse ele. Tinha ouvido um ruído rápido e ofegante ali perto. “Precisa de ajuda?” Ninguém respondeu, e ele colocou as mãos nos quadris e olhou ao redor.

Era um som humano, um ruído de dor.

“Vou ajudar se você me disser onde está”, disse ele. Em seguida, deu de ombros e se encaminhou em direção à área da qual achava que o barulho tinha vindo.

Ele parou assim que viu o corpo caído na base dos abetos.

Era um homem — o que havia sobrado de um homem. Sims se obrigou a olhar para ele. Foi um erro, pois quase vomitou. Mas então percebeu que precisaria examiná-lo de novo. Seus ouvidos estavam rugindo. Sims se inclinou sobre a cabeça ferida. Como temia, era Lewis Benedikt. Perto da cabeça estava o corpo de um cachorro. A princípio, Sims achou que o animal fosse um pedaço decepado de Lewis.

Todo trêmulo, Sims ficou de pé. Estava com vontade de sair correndo. O bicho que tinha feito aquilo com Lewis Benedikt ainda estava por perto — não poderia estar a mais de um minuto dali.

Ouviu um ruído nos arbustos e sentiu medo demais para se mover. Visualizou um animal enorme saindo de trás dos abetos e pulando em cima dele, um urso pardo. Sims abriu a boca, mas nada apareceu.

Um homem cujo rosto parecia uma abóbora de Halloween surgiu do meio dos abetos. Estava respirando com dificuldade e segurava um bacamarte enorme apontado para a barriga de Sims.

“Parado aí”, disse o sujeito. Sims tinha certeza de que a criatura de aparência assustadora iria parti-lo ao meio, espalhando suas entranhas.

“Eu deveria matar você agora mesmo”, falou o homem.

“Por favor…”

“Mas hoje é seu dia de sorte, assassino. Vou levar você até um telefone e chamar a polícia. Ei? Por que você fez isso com Lewis, hein?”

Como Sims não conseguiu responder, entendendo apenas que aquele camponês horrível não iria matá-lo, afinal. Otto foi para trás dele e cutucou suas costas com os canos da arma.

“Vamos lá. Banque o soldado, *Scheisskopf* Marche. *Mach schnell*.”

HISTÓRIA ANTIGA

12

Don ficou esperando no carro, em frente à casa de Edward Wanderley, pela chegada de Sears e Ricky. Enquanto aguardava, encontrou em si todas as emoções que tinha visto em Peter Barnes naquele fim de tarde; mas o garoto era uma reprimenda ao seu medo. Em poucos dias, Peter Barnes fez e entendeu mais do que ele e os amigos do tio foram capazes em mais de um mês.

Don pegou os dois livros que tinha pegado emprestado na biblioteca de Milburn pouco antes de Peter chegar. Eram uma forma de embasar a ideia que teve enquanto conversava com os três homens na biblioteca de Sears: ele achava que sabia contra o que estavam lutando. Sears e Ricky lhe diriam por quê. Depois, se a história deles encaixasse com sua teoria, faria aquilo que os levou a trazê-lo até Milburn: daria sua explicação. E, se a explicação parecesse lunática, talvez fosse… talvez fosse até errada. Mas a história de Peter e o exemplar de *A Torre de Vigia* provavam que tinham entrado em uma época na qual a loucura oferecia um retrato mais verdadeiro dos eventos do que a sanidade. Se sua mente e a de Peter Barnes estavam destruídas, Milburn seguia o mesmo padrão. E das rachaduras saíram Gregory, Fenny e sua benfeitora, os quais precisavam destruir.

Mesmo que isso nos mate, pensou Don. Porque somos os únicos que têm alguma chance de fazer isso.

Os faróis de um carro apareceram em meio a um redemoinho de neve. Depois de um momento, Don viu o contorno de um carro escuro e alto logo atrás, que encostou no meio-fio do outro lado da Haven Lane. Os faróis foram apagados. Primeiro Ricky e depois Sears saíram do velho Buick preto. Don saiu do veículo e andou até o outro lado da rua para se juntar a eles.

“E agora Lewis”, disse Ricky para ele. “Você sabia?”

“Não com certeza. Mas desconfiava.”

Sears, que estava apenas ouvindo, assentiu com impaciência. “Você desconfiava. Ricky, dê as chaves para ele.” Quando Don abriu a porta, Sears resmungou logo atrás: “Espero que nos conte como conseguiu essa informação. Se Hardesty estiver dando uma de arauto da cidade, vou fazer com que seja destruído”.

Os três homens passaram pela entrada escura; Sears encontrou o interruptor. “Peter Barnes foi me procurar esta tarde”, contou Don. “Ele viu Gregory Bate matar sua mãe. E viu o que devia ser o fantasma de Lewis.”

“Ah, Deus”, sussurrou Ricky. “Ah, meu Deus. Ah, pobre Christina.”

“Vamos ligar o aquecimento antes de falarmos mais”, pediu Sears. “Se tudo está explodindo na nossa cara, eu pelo menos quero estar aquecido.” Os três começaram a andar pelo pavimento térreo da casa, tirando os lençóis que cobriam os móveis. “Vou sentir muita falta de Lewis”, disse Sears. “Eu o perturbava terrivelmente, mas o amava. Ele nos dava ânimo. Assim como seu tio.” Ele largou um lençol cheio de poeira no chão. “E agora está no necrotério do condado de Chenango, aparentemente vítima de um ataque selvagem de algum tipo de animal. Um amigo de Lewis acusou Harold Sims do crime. Em circunstâncias diferentes, isso seria cômico.” O rosto de Sears exibia sua tristeza. “Vamos dar uma olhada no escritório do seu tio e cuidar do aquecimento. Não sei mais se consigo suportar isso.”

Sears o levou até um aposento grande nos fundos da casa enquanto Ricky ligava a caldeira do aquecimento central.

“Aqui era o escritório.” Ele acionou um interruptor, e lâmpadas no teto iluminaram um sofá velho de couro, uma mesa com máquina de escrever elétrica, um arquivo e uma fotocopiadora; em uma prateleira larga embaixo de prateleiras mais estreitas cheias de caixas brancas, havia um gravador de rolo e outro de fita cassete.

“As caixas são as fitas que ele fez para os livros?”

“Acho que sim.”

“Você e Ricky e os outros nunca voltaram aqui depois que ele morreu?”

“Não”, disse Sears, olhando para o escritório arrumado. O lugar evocava o tio de Don de forma mais completa do que qualquer fotografia; irradiava o contentamento de um homem feliz com o que fazia. Essa impressão ajudou a explicar as palavras seguintes de Sears: “Acho que Stella deve ter dito que tínhamos medo de vir aqui. Pode ter uma certa verdade nisso. Mas acho que o que nos manteve longe de verdade foi a culpa”.

“E isso foi parte do motivo para vocês terem me convidado para vir a Milburn.”

“Sim. Acho que todos nós, menos Ricky, achamos que você…” Ele fez um gesto de descaso com as mãos. “De alguma forma, dissiparia magicamente nossa culpa. A de John Jaffrey mais do que a de todos. Essa é a sabedoria do retrospecto.”

“Porque foi Jaffrey quem deu a festa.”

Sears assentiu brevemente e saiu do escritório. “Ainda deve haver um resto de madeira nos fundos da casa. Por que você não traz um pouco, para podermos acender a lareira?”

• • •

“Esta é a história que nunca achamos que contaríamos”, dizia Ricky dez minutos depois. Uma garrafa de Old Parr e copos ocupavam a mesa poeirenta na frente do sofá de Ricky. “O fogo foi uma boa ideia. Vai ser algo para onde Sears e eu poderemos olhar. Já contei que comecei tudo perguntando a John qual foi a pior coisa que ele já tinha feito? Ele disse que não me contaria e, em vez disso, contou uma história de terror. Bom, eu deveria ter percebido. Sabia qual era a pior coisa. Nós todos sabíamos.”

“Então por que perguntou?”

Ricky espirrou violentamente, e Sears disse: “Aconteceu em 1929, outubro de 1929. Há muito tempo. Quando Ricky perguntou a John qual era a pior coisa que ele tinha feito, nós só conseguíamos pensar no seu tio Edward. Foi apenas uma semana depois da morte dele. Eva Galli era a última coisa na nossa cabeça”.

“Bom, agora nós realmente chegamos a um ponto sem volta”, comentou Ricky. “Até você dizer o nome, eu ainda não tinha certeza se contaríamos. Mas, agora que estamos aqui, é melhor seguirmos em frente sem pausas. O que quer que Peter Barnes tenha contado vai ter que esperar até terminarmos — isso se depois você ainda quiser permanecer no mesmo recinto que nós. E acho que, de alguma forma, o que aconteceu com ele deve ter alguma relação com o caso Eva Galli. Pronto, agora eu também falei.”

“Ricky nunca quis que você soubesse sobre Eva Galli”, comentou Sears. “Quando eu escrevi para você, achou que seria um erro remexer nisso. Acho que concordamos com ele. Eu concordei.”

“Achei que só deixaria tudo mais obscuro”, disse Ricky com voz de resfriado. “Pensei que não poderia ter nada a ver com o nosso problema. Histórias de terror. Pesadelos. Premonições. Apenas quatro velhos tolos ficando senis. Me parecia irrelevante. Estava tudo tão misturado. Deveria ter me tocado disso quando aquela garota veio procurar um emprego. E agora que Lewis se foi…”

“Sabe de uma coisa?”, disse Sears. “Nós nem demos as abotoaduras de John para Lewis.”

“Esquecemos”, falou Ricky, bebendo um pouco de Old Parr. Ele e Sears já estavam mergulhados na história, tão concentrados que Don, sentado perto deles, se sentia invisível.

“Bem, o que aconteceu com Eva Galli?”, perguntou ele.

Sears e Ricky se entreolharam; Ricky olhou para o copo e Sears desviou o olhar para o fogo.

“Deve ser óbvio”, disse Sears. “Nós a matamos.”

“Vocês dois?”, perguntou Don, abalado. Não era a resposta que ele esperava.

“Todos nós”, respondeu Ricky. “A Sociedade Chowder. Seu tio, John Jaffrey, Lewis, Sears e eu. Em outubro de 1929. Três semanas depois da Segunda-Feira Negra, quando a bolsa de valores despencou. Mesmo aqui em Milburn, deu para ver o princípio de pânico. O pai de Lou Price, que também era corretor da bolsa, se matou com um tiro no escritório. E nós matamos uma garota chamada Eva Galli. Não foi bem um assassinato, um homicídio propriamente dito. Nós jamais poderíamos ser condenados por nada, talvez nem homicídio culposo. Mas teria havido um escândalo.”

“E nós não estávamos em condições de enfrentar isso”, justificou Sears. “Ricky e eu tínhamos acabado de começar nossa carreira de advogados, trabalhando na firma do pai dele. John tinha se formado médico apenas um ano antes. Lewis era filho de um pastor. Nossos problemas eram parecidos. Teria sido nossa ruína. Aos poucos, se não imediatamente.”

“Foi por isso que decidimos por aquilo que tentamos fazer”, disse Ricky.

“Sim”, concordou Sears. “Nós fizemos uma coisa abjeta. Se tivéssemos 33 anos, e não 23, provavelmente teríamos procurado a polícia e enfrentado os riscos. Mas éramos tão jovens… Lewis nem tinha saído da adolescência. Então, tentamos esconder. E no fim…”

“No fim”, completou Ricky, “ficamos parecendo personagens de uma das nossas histórias. Ou do seu livro. Ando revivendo os últimos dez minutos há dois meses. Até escuto nossas vozes, as coisas que dissemos quando a colocamos no carro de Warren Scales…”

“Vamos começar do início”, propôs Sears.

“Vamos começar do início. Sim.”

• • •

“Tudo bem”, disse Ricky. “Tudo começa com Stringer Dedham. Ele ia se casar com ela. Eva Galli estava na cidade fazia menos de duas semanas quando Stringer se interessou por ela. Era mais velho do que Sears e eu, tinha 31 ou 32, imagino, e estava em posição de se casar. Cuidava da antiga propriedade e dos estábulos do Coronel com a ajuda das irmãs, e Stringer era trabalhador e tinha boas ideias. Em suma, era um sujeito próspero e bem-visto, e um bom partido para qualquer garota local. E também era bonito. Minha esposa diz que era o homem mais bonito que ela já conhecera. Todas as garotas acima da idade escolar viviam atrás dele. Mas, quando Eva Galli chegou com todo aquele dinheiro, seus modos de cidade grande e sua boa aparência, Stringer ficou encantado. Ela o tirou do prumo. Comprou aquela casa na Montgomery Street…”

“Que casa na Montgomery Street?”, perguntou Don. “A casa onde Freddy Robinson morava?”

“Ah, sim. A que fica em frente à de John. A casa da srta. Mostyn. Ela comprou aquela casa, encheu de móveis novos, um piano e um gramofone. E fumava cigarros, tomava coquetéis e usava o cabelo curto… uma verdadeira garota no estilo John Held.”

“Não totalmente”, objetou Sears. “Ela não era uma rebelde sem causa. O tempo disso já tinha passado, de qualquer modo. E a moça tinha instrução. Lia bastante. Sabia falar de forma inteligente. Eva Galli era encantadora. Como você descreveria a aparência dela, Ricky?”

“Uma Claire Bloom dos anos 1920”, disse Ricky imediatamente.

“Típico de Ricky Hawthorne. Peça para ele descrever alguém e ele cita uma atriz de cinema. Mas acho que dá para usar como uma descrição exata. Eva Galli era de uma modernidade excitante, ou ao menos o que representava a modernidade para Milburn, mas também havia refinamento nela. Um ar de elegância.”

“É verdade”, disse Ricky. “E um certo mistério que achávamos terrivelmente atraente. Como sua Anna Mobley. Nós não sabíamos nada sobre ela, mas pelo que ela transparecia… tinha morado em Nova York e passou algum tempo em Hollywood atuando em filmes mudos. Fez um pequeno papel em um romance chamado *Pérola da China*. Um filme de Richard Barthelmess.”

Don tirou um pedaço de papel do bolso e anotou o nome do filme.

“E era evidente que tinha antepassados italianos, mas disse para Stringer, em algum momento, que os avós maternos eram ingleses. O pai era um homem de fortuna considerável, pelo que deu para entender, mas ela ficou órfã quando criança e foi criada por parentes na Califórnia. Era tudo o que sabíamos a seu respeito. Ela disse que tinha vindo para cá em busca de paz e isolamento.”

“As mulheres tentaram acolhê-la debaixo de suas asas”, lembrou Sears. “Ela era interessante para elas também, lembre-se disso. Uma garota rica que virou as costas para Hollywood, sofisticada e refinada… todas as mulheres de boa posição em Milburn enviavam convites para ela. Todas as pequenas sociedades que as mulheres mantinham aqui naquela época a desejavam. Acho que o que queriam era domá-la.”

“Torná-la identificável”, complementou Ricky. “Sim. Domá-la. Porque, além de todas as qualidades dela, havia outra coisa. Algo excêntrico. Lewis tinha uma imaginação romântica na época, ele me disse que Eva Galli parecia uma aristocrata, uma princesa ou algo similar, que abandonou a corte e foi para o interior para morrer.”

“Sim, ela também nos afetou”, disse Sears. “Claro que, para nós, ela estava fora do alcance. Nós a idealizávamos. Só a víamos de tempos em tempos…”

“Nós a cortejávamos”, esclareceu Ricky.

“Sem dúvida. Nós a cortejávamos. Ela recusava educadamente todos os convites das mulheres, mas não demonstrava objeção ao fato de cinco jovens desengonçados aparecerem em sua porta num sábado ou domingo. Seu tio Edward foi o primeiro de nós. Tinha mais coragem do que os outros quatro. Àquela altura, todo mundo sabia que Stringer Dedham estava louco por ela, então, de certa forma, Eva era vista como se estivesse protegida por Stringer, como se sempre tivesse uma governanta fantasma ao seu lado. Mas Edward conseguiu encontrar uma brechinha nessa redoma invisível. Ele a visitou, Eva foi incrivelmente encantadora com ele, e logo adquirimos o hábito de frequentar sua casa. Stringer não parecia se importar. Ele gostava de nós, embora pertencesse a um mundo diferente.”

“O mundo adulto”, explicou Ricky. “Assim como Eva. Embora ela só devesse ser dois ou três anos mais velha do que nós, daria no mesmo se fosse vinte. Nada poderia ser mais respeitável do que nossas visitas. Claro que algumas das mulheres mais idosas as julgaram escandalosas. O pai de Lewis também. Mas nós contávamos com tolerância social suficiente para não haver problemas. Depois que Edward abriu o caminho, nós fazíamos nossas visitas em grupo uma vez a cada duas semanas, mais ou menos. Sentíamos ciúmes demais para permitir que qualquer um de nós fosse sozinho. Nossas visitas eram extraordinárias. Era como fugir do tempo. Nada excepcional acontecia, até as conversas eram normais, mas, durante aquelas poucas horas passadas com ela, estávamos no reino da magia. Ela nos encantava. E o fato de todos saberem que ela era noiva de Stringer tornava tudo seguro.”

“As pessoas não amadureciam tão rápido naquela época”, disse Sears. “Tudo isso, jovens de vinte anos suspirando por uma mulher de 25 ou 26 como se fosse uma sacerdotisa inatingível, pode parecer risível para você. Mas era assim que a víamos: fora do nosso alcance. Eva era de Stringer, e todos achávamos que, quando eles se casassem, seríamos tão bem-vindos na casa dele quanto na dela.”

Os dois homens idosos ficaram em silêncio por um momento. Olharam o fogo na lareira de Edward Wanderley e tomaram mais uísque. Don não os pressionou para que falassem, sabendo que uma virada crucial na história tinha chegado e que eles terminariam de contar quando fossem capazes.

“Estávamos em uma espécie de paraíso pré-freudiano sem sexo”, disse Ricky por fim. “Em um estado de encantamento. Às vezes, até dançávamos com ela, mas até abraçando-a, vendo-a dançar, nós nunca pensávamos em sexo. Não de forma consciente. Não a ponto de admitir. Bom, o paraíso morreu em outubro de

1929, logo depois da bolsa de valores e do que aconteceu com Stringer Dedham.”

“O paraíso morreu”, ecoou Sears, “e nós vimos o rosto do diabo.” Ele virou a cabeça para a janela.

13

Sears disse: “Olhem a neve”.

Os outros dois seguiram seu olhar e viram flocos brancos batendo na janela. “Se a esposa conseguir encontrá-lo, Omar Norris vai ter muito trabalho antes mesmo do amanhecer.”

Ricky bebeu mais uísque. “Estava quente como num lugar *tropical*”, comentou ele, desfazendo a tempestade do momento em um outubro incomum quase cinquenta anos antes. “O milho foi debulhado tarde naquele ano. Parecia que as pessoas não conseguiam trabalhar. Disseram que as preocupações com o dinheiro deixaram Stringer distraído. As irmãs Dedham afirmaram que não, não era isso, ele havia ido até a casa da srta. Galli naquela manhã. E tinha visto uma coisa.”

“Stringer enfiou os braços na debulhadora”, disse Sears, “e as irmãs dele culparam Eva. Ele disse algumas coisas quando estava morrendo, enrolado em cobertores em cima da mesa. Mas não dava para entender nada do que elas tinham pensado ouvi-lo dizer. ‘Enterrem ela’ foi uma das coisas, e ‘cortem ela’, como se ele tivesse previsto o que ia acontecer consigo mesmo.”

“E”, acrescentou Ricky, “uma outra coisa. As irmãs Dedham disseram que ele gritou outra coisa, mas estava tão misturada com os outros gritos que elas não tiveram certeza. ‘Erva-abelha.’ ‘Erva-abelha’, só isso. Ele estava delirando, obviamente. Enlouquecido pelo choque e pela dor. Bom, ele morreu naquela mesa e foi enterrado alguns dias depois. Eva Galli não foi ao enterro. Metade da cidade estava em Pleasant Hill, mas não a noiva do morto. Isso forneceu material para as más-línguas.”

“As senhoras, as mulheres que ela esnobou”, disse Sears. “Todas caíram em cima dela. Disseram que ela destruiu Stringer. Claro que metade tinha filhas solteiras e estava de olho em Stringer bem antes de Eva Galli aparecer. Elas disseram que ele fez alguma descoberta, um marido abandonado ou um filho ilegítimo, algo assim. Elas a pintaram como uma verdadeira Jezebel.”

“Nós não sabíamos o que fazer”, falou Ricky. “Ficamos com medo de visitá-la depois que Stringer morreu. Ela poderia estar sofrendo tanto quanto uma

viúva, sabe? Mas era uma pessoa reservada. Era papel dos nossos pais consolá-la, não nosso. Se tivéssemos feito uma visita, o falatório maldoso das mulheres teria chegado ao ponto máximo. Portanto, nós ficamos preocupados, mas não fizemos nada a respeito. Todo mundo supôs que ela faria as malas e voltaria para Nova York. Mas nós não conseguíamos nos esquecer daquelas tardes."

"Elas acabaram se tornando mais mágicas, mais importantes", lembrou Sears. "Àquela altura, nós já sabíamos o que tínhamos perdido. Um ideal… e uma amizade romântica conduzida pela luz de um ideal."

"Sears está certo", disse Ricky. "Mas, no fim das contas, nós a idealizamos ainda mais. Ela se tornou um emblema da dor, o símbolo de um coração partido. Nós só queríamos visitá-la. Mandamos um bilhete de condolências e teríamos atravessado o fogo para vê-la. O que não dava para enfrentar era a convenção social rígida que a separava de nós. Não havia mais brechas pelas quais passar."

"Então, ela nos visitou", contou Sears. "No apartamento em que seu tio morava na época. Edward era o único que tinha sua própria casa. Nós íamos lá juntos para conversar e beber aguardente de maçã. Falar sobre as coisas que pretendíamos fazer."

"E falar sobre ela", acrescentou Ricky. "Você conhece aquele poema de Ernest Dowson? 'Fui fiel a ti, Cynara!, do meu jeito.' Lewis encontrou e leu para nós. Aquele poema nos perfurou como uma faca. 'Teus lírios pálidos e perdidos.' Pediu mais aguardente de maçã. 'Música louca e vinho mais forte.' Como éramos idiotas. Mas ela apareceu uma noite no apartamento de Edward."

"E estava *louca*", disse Sears. "Estava assustadora. Ela chegou como um furacão."

"Ela disse que estava se sentindo sozinha", falou Ricky. "Disse que estava cansada desta maldita cidade e de todos os hipócritas que viviam aqui. Queria beber e queria dançar, e não se importava com quem fosse ficar chocado com isso. Disse que, por ela, esta cidadezinha morta e todas as suas pessoazinhas mortas poderiam ir para o inferno. E, se fôssemos homens e não garotinhos, amaldiçoaríamos a cidade também."

"Nós ficamos sem palavras", contou Sears. "Ali estava nossa deusa inatingível, praguejando como um marinheiro, furiosa… agindo como uma prostituta. 'Música louca e vinho mais forte.' Foi isso o que fizemos. Edward tinha um gramofone pequeno e uns discos, e ela nos fez botar no máximo, tocando o jazz mais barulhento que ele conhecia. Ela foi tão veemente! Foi uma loucura. Nós nunca tínhamos visto uma mulher agindo daquele jeito; e, para nós, ela era… sabe? Uma espécie de cruzamento entre a Estátua da Liberdade e Mary Pickford. 'Dance comigo, seu sapinho', ela disse para John, e ele estava com tanto medo que mal ousou tocá-la. Os olhos dela pareciam em chamas."

“Acho que o que ela sentia era ódio”, disse Ricky. “De nós, da cidade, de Stringer. Mas era ódio, e estava fervilhando. Um ciclone de ódio. Eva beijou Lewis quando eles estavam dançando, e ele deu um pulo para trás como se ela o tivesse queimado. Ele baixou os braços, e ela girou até Edward, o segurou e o fez dançar. O rosto dela estava terrível, rígido. Edward sempre foi mais falastrão do que o resto de nós, mas também estava abalado pela loucura de Eva; nosso paraíso desmoronava ao nosso redor, e ela o transformava em pó a cada passo. A cada olhar. *Parecia* um demônio, uma possuída. Sabe quando uma mulher fica com raiva, com muita raiva, e consegue encontrar dentro de si mesma uma fúria capaz de fazer picadinho de qualquer homem? E todo esse sentimento sai e atropela você como um caminhão? Foi assim. ‘As bichinhas não vão beber?’, perguntou ela. E nós bebemos.”

“Foi indescritível”, disse Sears. “Ela parecia ter o dobro do nosso tamanho. Acho que eu sabia o que estava por vir. Só havia uma coisa que *poderia* estar por vir. Mas éramos imaturos demais para saber como lidar com ela.”

“Não sei se percebi que estava para acontecer, mas aconteceu”, lembrou Ricky. “Ela tentou seduzir Lewis.”

“Foi a pior escolha possível”, comentou Sears. “Lewis era apenas um garoto. Poderia já ter beijado, mas não tinha feito mais do que isso. Todos nós amávamos Eva, mas Lewis devia amá-la mais. Foi ele quem encontrou aquele poema de Dowson, lembre-se. E, como a amava mais, essa exibição naquela noite e todo aquele ódio o deixaram atordoado.”

“E ela sabia”, disse Ricky. “Estava adorando. Aquilo a agradava, o fato de Lewis estar tão chocado que não era capaz de dizer nada direito. E quando ela empurrou Edward e foi atrás de Lewis, ele ficou paralisado de terror. Como se tivesse visto a própria mãe agindo daquele jeito.”

“A própria mãe?”, questionou Sears. “Bom, acho que sim. Pelo menos, explica as profundezas das fantasias dele em relação a ela… nossas fantasias, para ser sincero. E ele estava estarrecido. Eva passou os braços em volta dele e o beijou. Parecia que estava devorando a cara dele. Imagine isso, aqueles beijos cheios de ódio despejados em você, toda aquela fúria mordendo sua boca. Deve ter sido como beijar uma navalha. Quando ela afastou a cabeça, a cara de Lewis estava manchada de batom. Normalmente, teria sido uma imagem engraçada, mas foi meio apavorante. Como se ele estivesse sujo de sangue.”

“Edward foi até ela e disse: ‘Calma, srta. Galli’, ou algo do tipo. Ela se virou para ele, que sentiu novamente aquela pressão enorme do ódio. ‘Quer o seu, Edward?’, perguntou ela. ‘Pode esperar sua vez. Quero Lewis primeiro. Porque meu pequeno Lewis é tão bonito.’”

“Depois”, disse Ricky, “ela se virou para mim. ‘Você vai ganhar também, Ricky. E você, Sears. Todos vão. Mas quero Lewis primeiro. Quero mostrar para ele o que aquele insuportável do Stringer Dedham via quando espiava pela minha janela.’ E começou a tirar a blusa.”

“‘*Por favor*, srta. Galli’, Edward disse”, lembrou Sears, “mas ela o manou calar a boca e terminou de tirar a blusa. E não usava sutiã. Os seios estavam enrijecidos. Eram pequenos e firmes, como maçãs. Ela estava absurdamente lasciva. ‘Agora, pequeno e lindo Lewis, por que não vemos o que você sabe fazer?’ Ela começou a devorar a cara dele de novo.”

Ricky prosseguiu: “Nós todos achamos que sabíamos o que Stringer tinha visto pela janela. Eva fazendo amor com outro homem. Isso, assim como a nudez e o que ela estava fazendo com Lewis, era um choque moral. Estávamos muito constrangidos. Finalmente, Sears e eu seguramos os ombros dela e conseguimos afastá-la de Lewis. Nessa hora, ela falou um monte de palavrões. Foi muito feio. ‘Vocês não conseguem esperar, seus isso e aquilo e et cetera e et cetera?’ Ela começou a desabotoar a saia enquanto nos xingava. Edward estava à beira das lágrimas. ‘Eva’, disse ele, ‘não faça isso.’ Ela deixou a saia cair e saiu de dentro dela. ‘Qual é o problema, seu covarde? Está com medo de ver como eu sou?’”.

“Estávamos totalmente desconcertados”, continuou Sears. “Ela tirou as roupas íntimas. E foi dançando até o seu tio. ‘Acho que quero um pedacinho seu, pequeno Edward’, Eva disse, inclinando-se para ele, na direção do pescoço. E ele deu um tapa nela.”

“Com força”, disse Ricky. “E ela deu um tapa ainda mais forte nele. Usou toda a força que tinha. Foi tão alto quanto um disparo. John, Sears e eu praticamente desmaiamos. Ficamos indefesos. Não conseguíamos nos mexer.”

“Se conseguíssemos, talvez tivéssemos impedido Lewis”, disse Sears. “Mas ficamos parados como soldadinhos de chumbo, apenas olhando. Ele partiu para cima dela como um avião, voou pela sala e a segurou. Estava chorando e balbuciando e choramingando — tinha surtado. Deu-lhe um encontrão digno de futebol americano. Os dois caíram como um prédio bombardeado. E fizeram um barulho tão alto quanto a queda da bolsa da Segunda-Feira Negra. Eva não se levantou.”

“A cabeça dela bateu na beirada da lareira”, explicou Ricky. “Lewis se arrastou por cima dela, se ajoelhou e levantou os pulsos, mas mesmo ele viu o sangue saindo pela boca.”

Os dois homens idosos estavam ofegantes.

• • •

“E foi isso”, disse Sears. “Ela estava morta. Nua e morta, com nós cinco ali, de pé como zumbis. Lewis vomitou no chão, e o resto de nós quase fez o mesmo. Não conseguíamos acreditar no que tinha acontecido, no que tínhamos feito. Não é desculpa, estávamos mesmo chocados. Acho que apenas ficamos estremecendo no silêncio por um tempo.”

“Porque o silêncio parecia imenso”, disse Ricky. “Se fechou ao redor de nós, como a neve lá fora. Finalmente, Lewis disse: ‘Nós temos que chamar a polícia’. ‘Não’, Edward disse. ‘Seremos todos presos. Por assassinato.’

“Sears e eu tentamos dizer para ele que ninguém cometeu assassinato, mas Edward disse: ‘O que você vai achar de perder seu direito de advogar? Porque é o que vai acontecer’. John verificou a pulsação e a respiração dela, mas é claro que não havia nem uma coisa nem outra. ‘*Eu* acho que é assassinato’, falou ele. ‘Estamos perdidos.’”

“Ricky perguntou o que íamos fazer”, contou Sears, “e John falou: ‘Só tem uma coisa que podemos fazer. Esconder o corpo. Esconder num lugar onde não vai ser encontrado’. Nós olhamos para o corpo, para o rosto cheio de sangue, e nos sentimos derrotados. Ela havia vencido. A sensação era essa. O ódio dela nos levou a uma coisa bem parecida com assassinato, mesmo que não fosse essa a definição da lei. E, agora, estávamos falando sobre esconder o ato… legal e moralmente, um passo maldito. E nós concordamos.”

Don perguntou: “Onde vocês decidiram esconder o corpo?”.

“Havia um antigo lago a mais ou menos dez quilômetros fora da cidade. Um lago fundo. Não existe mais. Foi aterrado, e construíram um shopping center no terreno. Devia ter trinta metros de profundidade.”

“O carro de Lewis estava com o pneu furado”, lembrou Sears, “então enrolamos o corpo em um lençol, o deixamos lá com ela e fomos à cidade procurar Warren Scales. Ele tinha ido fazer compras com a esposa, nós sabíamos. E era um bom sujeito e gostava de nós. Nós íamos dizer que destruímos o carro dele e que compraríamos um melhor, com Ricky e eu pagando a maior parte.”

“Warren Scales era pai do fazendeiro que fala em atirar em marcianos?”, perguntou Don.

“Elmer foi o quarto filho de Warren, mas o primeiro menino. Não existia nem em pensamento ainda. Fomos até o centro, encontramos Warren e prometemos devolver o carro em uma hora. Depois, fomos até a casa de Edward, carregamos a garota pela escada e a levamos para o carro. Tentamos colocá-la lá dentro.”

Ricky continuou: “Nós estávamos tão nervosos e com tanto medo e tão atordoados que ainda não conseguíamos acreditar no que tinha acontecido e no

que estávamos fazendo. E tivemos muita dificuldade para fazê-la caber no carro. ‘Coloquem os pés primeiro’, alguém disse, então enfiamos o corpo no banco de trás, e o lençol se enrolou todo, e Lewis começou a praguejar porque a cabeça dela estava presa, e nós a puxamos de novo, e John gritou que ela havia se mexido. Edward o chamou de idiota e disse que ela não podia se mexer. Ele não era médico?”.

“Mas finalmente conseguimos colocá-la lá dentro. Ricky e John tiveram que ir atrás com o corpo. Fizemos um percurso de pesadelo pela cidade.” Sears fez uma pausa e olhou o fogo. “Meu Deus. Eu estava dirigindo. Acabei de me dar conta disso. E estava tão abalado que não conseguia me lembrar de como chegar no lago. Fiquei dando voltas dirigindo e nos afastamos uns sete a oito quilômetros do caminho. Finalmente, alguém me disse como chegar lá. E pegamos aquela estradinha de terra que levava ao lago.”

“Tudo parecia tão *intenso*”, disse Ricky. “Cada *folha*, cada *pedrinha*… plano e nítido como as ilustrações de um livro. Nós saímos do carro, e o mundo nos acertou bem entre os olhos. ‘Nós temos que fazer isso?’, Lewis perguntou. Ele estava chorando. Edward respondeu: ‘Quem me dera que não’.”

“Edward sentou atrás do volante”, disse Sears. “O carro estava a dez ou quinze metros do lago, que já era bem fundo perto da beirada. Ele acionou a ignição. Eu girei a manivela. Edward deu a partida, engatou a primeira, pisou na embreagem e pulou para fora. O carro seguiu em frente.”

Os dois homens ficaram em silêncio de novo e se olharam. “Em seguida…”, disse Ricky, e Sears assentiu. “Não sei como dizer isso…”

“Nós vimos uma coisa”, explicou Sears. “Tivemos uma alucinação. Ou algo assim.”

“Vocês a viram viva de novo”, disse Don. “Eu sei.”

Ricky olhou para ele com uma estupefação cansada. “Acho que sabe mesmo. Nós vimos o rosto dela pela janela de trás. Estava olhando para nós, sorrindo para nós. Rindo de nós. Quase caímos mortos. No segundo seguinte, o carro caiu no lago e começou a afundar. Nós todos corremos e tentamos olhar pelas janelas laterais. Eu estava enlouquecido de medo. Sabia que ela estava morta desde o episódio no apartamento, eu *sabia*. John pulou na água no momento em que o carro começou a afundar. Quando subiu à superfície, ele disse que olhou pela janela lateral e…”

“E não viu nada no banco de trás”, Sears disse para Don. “Segundo ele.”

“O carro afundou e nunca mais apareceu. Ainda deve estar lá, debaixo de trinta mil toneladas de terra”, falou Ricky.

“Aconteceu mais alguma coisa?”, perguntou Don. “Por favor, tentem se lembrar. É importante.”

“Duas coisas aconteceram”, disse Ricky. “Mas preciso de mais uma bebida depois de contar isso tudo.” Ele serviu uísque no copo e bebeu antes de continuar. “John Jaffrey viu um lince do outro lado do lago. Depois, nós todos vimos. Demos um pulo de um quilômetro de altura. Nós nos sentimos ainda mais culpados por sermos vistos. Até mesmo por um animal. Ele balançou o rabo e desapareceu na floresta.”

“Cinquenta anos atrás não era comum encontrar linces por aqui?”

“Nem um pouco. Talvez mais para o norte. Bom, essa foi uma coisa. A outra foi que a casa de Eva pegou fogo. Quando voltamos para a cidade, vimos os vizinhos em volta da casa, observando enquanto os voluntários tentavam apagar o incêndio.”

“Alguém viu como começou?”

Sears sacudiu negativamente a cabeça, e Ricky continuou a história. “Ao que parece, começou sozinho. Quando vimos aquilo, ficamos nos sentido muito piores, como se nós tivéssemos provocado o fogo.”

“Um dos voluntários disse uma coisa estranha”, lembrou Sears. “Todos nós devíamos estar com cara de arrasados, ali olhando o incêndio, e um bombeiro supôs que estávamos preocupados com as outras casas da rua. Segundo ele, as outras construções estavam em segurança porque o fogo já estava diminuindo. Ele falou que, pelo que tinha visto, parecia que uma parte da casa tinha explodido *para dentro*. Não sabia explicar direito, mas era isso o que achava. E o incêndio ficou limitado apenas àquela parte da casa, no segundo andar. Eu entendi o que ele estava querendo dizer. Dava para ver algumas vigas, que estavam viradas na direção do fogo.”

“E as janelas!”, lembrou Ricky. “As janelas estavam quebradas, mas não tinha vidro no chão. Elas quebraram para o lado de dentro.”

“Implodiram”, disse Don.

Ricky assentiu. “Sim. Não consegui me lembrar da palavra. Já vi isso acontecendo com uma lâmpada. De qualquer forma, o incêndio destruiu o segundo andar, mas o primeiro não foi afetado. Após um ano ou dois, uma família comprou a casa e mandou reformar. Nós já tínhamos voltado ao trabalho, e as pessoas haviam parado de questionar o que acontecera com Eva Galli.”

“Menos nós”, disse Sears. “E não falávamos no assunto. Tivemos alguns momentos tensos quando os construtores começaram a aterrar o lago quinze ou vinte anos atrás, mas não encontraram o carro. Enterraram tudo. Com o que tinha dentro.”

“Não havia nada dentro”, disse Don. “Eva Galli está aqui agora. Ela voltou. Pela segunda vez.”

“Voltou?”, questionou Ricky, levantando a cabeça de repente.

“Ela voltou como Anna Mostyn. E, antes, veio como Ann-Veronica Moore. Como Alma Mobley, ela se encontrou comigo na Califórnia e matou meu irmão em Amsterdam.”

“A srta. *Mostyn*?”, perguntou Sears com incredulidade.

“Foi isso o que matou Edward?”, perguntou Ricky.

“Tenho certeza. Ele deve ter visto o que Stringer viu. Ela deixou que ele visse.”

“Não consigo acreditar que a srta. Mostyn tenha alguma relação com Eva Galli, Edward ou Stringer Dedham”, argumentou Sears. “É uma ideia ridícula.”

“O que foi?”, perguntou Ricky. “O que ela deixou que ele visse?”

“Ela mudando de forma”, disse Don. “E acho que planejou que ele visse, sabendo que o mataria de medo.” Ele olhou para os dois homens idosos. “E tem mais. Acho que é bem provável que ela saiba que estamos aqui hoje. Porque tem assuntos inacabados a tratar com todos nós.”

VOCÊ SABE O QUE É SENTIR SAUDADE DE NEW ORLEANS?

14

“Mudar de forma”, disse Ricky.

“Mudar de forma mesmo”, repetiu Sears, com um tom bem menos compreensivo. “Você está dizendo que Eva Galli, a atrizinha de Edward e nossa secretária são a mesma pessoa?”

“Não uma pessoa. O mesmo ser. O lince que vocês viram do outro lado do lago provavelmente era ela também. Não é uma pessoa de verdade, Sears. Quando vocês sentiram o ódio de Eva Galli naquele dia em que ela foi ao apartamento do meu tio, acho que entraram em contato com a parte mais verdadeira dela. Acho que ela instigou vocês cinco a cometerem algum tipo de destruição… para arruinar sua inocência. Mas o tiro saiu pela culatra e vocês a machucaram. Pelo menos, é uma prova de que isso pode ser feito. Agora, ela voltou para fazer vocês pagarem. Eu também. Ela me deixou de lado para ir atrás do meu irmão, mas sabia que eu acabaria vindo parar aqui. E, assim, poderia nos eliminar um a um.”

“Era essa a ideia que você disse que nos contaria?”, perguntou Ricky.

Don assentiu.

“O que faz você imaginar que isso não é só uma péssima ideia?”, perguntou Sears.

“Peter Barnes, para começar”, respondeu Don. “Acho que isso vai convencer você também, Sears. E, se não funcionar, vou ler um trecho de um livro que deve resolver. Mas Peter primeiro. Ele foi até a casa de Lewis hoje, como eu disse antes.” E recontou tudo que aconteceu com Peter Barnes: a ida à estação abandonada, a morte de Freddy Robinson, o assassinato de Jim Hardie na casa de Anna Mostyn e os eventos finais e terríveis daquela manhã. “Acho inevitável chegar à conclusão de que Anna Mostyn é a ‘benfeitora’ que Gregory Bate mencionou. Ela dá vida a Gregory e Fenny. Peter diz que sabia, por intuição, que Greg pertencia a alguma coisa, que era como um cachorro selvagem obedecendo a um dono maléfico. Juntos, eles querem destruir a cidade inteira. Como o dr. Rabbitfoot do livro que eu estava elaborando.”

“Eles estão tentando fazer o livro virar realidade?”, perguntou Ricky.

“Acho que sim. Eles também disseram que eram vigilantes da noite. São engraçadinhos. Pensem nas iniciais. Anna Mostyn, Alma Mobley, Ann-Veronica Moore. Isso foi uma brincadeira, ela queria que notássemos as similaridades. Tenho certeza de que mandou Gregory e Fenny porque Sears já os tinha visto. Ou, anos atrás, eles apareceram para você porque ela sabia que poderia usá-los agora. E não foi por acaso que, quando vi Gregory na Califórnia, tenha pensado nele como um lobisomem.”

“Por que não foi por acaso, se é isso o que você está dizendo que ele é?”, perguntou Sears.

“Eu não estou dizendo que ele seja isso. Mas criaturas como Anna Mostyn ou Eva Galli estão por trás de todas as histórias de terror e contos sobrenaturais já escritos”, explicou Don. “São a origem de tudo o que nos assusta em relação ao sobrenatural. Na minha opinião, nas histórias, nós as criamos como criaturas que podem ser controladas. Mas as histórias pelo menos mostram que podemos destruí-las. Gregory Bate não é um lobisomem, muito menos Anna Mostyn. Ele é o que as pessoas costumavam descrever como um lobisomem. Ou como um vampiro. Ele se alimenta de corpos vivos. Se vendeu para sua benfeitora em troca da imortalidade.”

Don pegou um dos livros que tinha levado. “Este é um livro de referência, *Dicionário Padrão de Folclore, Mitologia e Lendas*. Tem uma descrição bem longa no verbete ‘Transmorfia’, escrito por um professor chamado R. D. Jameson. Escutem isto: ‘Embora não tenha sido feito um recenseamento de transmorfos, o número encontrado em todas as partes do mundo é astronômico’. Ele diz que essa criatura aparece no folclore de todos os povos. Continua por três colunas, é um dos verbetes mais longos do livro. Infelizmente, não oferece muita ajuda real além de mostrar que esses seres são citados em histórias folclóricas há milhares de anos, porque Jameson não descreve as formas, se é que existe

alguma, como essas criaturas podem ser destruídas, segundo as lendas. Mas escutem como ele termina o texto: ‘Os estudos feitos com raposas, lontras e outros transmorfos são sólidos, mas deixam passar o problema central da transmorfia em si. A transmorfia, no folclore, está claramente conectada à alucinação em psicologia mórbida. Até que o fenômeno nas duas áreas seja avaliado em detalhes, não teremos condições de ir além da observação geral de que nada é, de fato, o que parece ser’.”

“Amém”, disse Ricky.

“Precisamente. Nada é o que parece ser. Esses seres podem convencer você de que está ficando louco. Foi o que aconteceu com cada um de nós: vimos e sentimos coisas, e depois nos convencemos de que não eram reais. Não pode ser verdade, dizemos a nós mesmos; essas coisas não acontecem. Mas acontecem, sim, e nós vimos. Vocês viram. Viram Eva Galli se sentando no banco do carro e a viram aparecer em forma de lince logo depois.”

“Vamos supor”, propôs Sears, “que um de nós estivesse portando um rifle naquele dia e tivesse atirado no lince. O que teria acontecido?”

“Acho que vocês teriam visto uma coisa extraordinária, mas não consigo imaginar o quê. Talvez a criatura morresse. Talvez se transformasse em uma forma da preferência dela. Talvez, se estivesse com muita dor, passasse por uma série de mudanças. E talvez tivesse ficado indefesa.”

“São muitas possibilidades e nenhuma certeza”, comentou Ricky.

“É tudo o que temos.”

“Se aceitarmos sua teoria.”

“Se você tiver uma melhor, quero ouvir. Mas, por Peter Barnes, ficamos sabendo o que aconteceu com Freddy Robinson e Jim Hardie. Além disso, conversei com o agente dela e descobri algumas coisas sobre Ann-Veronica Moore. Ela veio literalmente do nada. Não existe registro nenhum dela na cidade onde disse que nasceu. Não poderia haver, nunca existiu nenhuma Ann-Veronica Moore até o dia em que fez sua matrícula em um curso de teatro. Ela simplesmente foi até lá, plausível e munida de documentos, na porta de um teatro, sabendo que era uma forma de chegar a Edward Wanderley.”

“Então essas… essas coisas que você acha que existem… são ainda mais perigosas. Elas têm inteligência”, disse Sears.

“Sim, elas têm inteligência. Adoram pregar peças, fazem planos de longo prazo e gostam do manitu dos índios, adoram se exibir. Este segundo livro dá um bom exemplo disso.” Ele pegou o livro e mostrou a lombada para os dois homens. “*Eu vim por aqui*, de Robert Mobley. Era o pintor que Alma alegava ser o pai dela. Cometi o erro de nunca ler sua autobiografia até hoje. Agora, acho que ela queria que eu lesse e descobrisse que, ao escolher o nome Mobley, estava

fazendo um trocadilho com uma aparição anterior. O quarto capítulo se chama ‘Nuvens negras’. Não é uma autobiografia muito bem escrita, mas quero ler alguns parágrafos desse capítulo.”

Don abriu o livro em uma página marcada, e os dois homens nem se mexiam.

“‘Mesmo em uma vida aparentemente tão afortunada como a minha tem sido, períodos sombrios e perturbadores atrapalharam e marcaram meses e anos com uma dor indelével. O ano de 1958 foi assim; apenas me dedicando com a maior concentração ao trabalho, acredito eu, foi que consegui manter a sanidade durante esse ano. Conhecendo as aquarelas ensolaradas e experimentações rígidas e formais com tintas a óleo que foram características do meu trabalho durante os cinco anos anteriores, as pessoas muitas vezes me questionaram sobre a transformação estilística que levou ao meu chamado Período Sobrenatural. Só o que posso dizer é que minha mente devia estar desequilibrada, e a desorganização violenta das minhas emoções encontraram expressão no trabalho que me obriguei a fazer.

“‘O primeiro evento doloroso do ano foi a morte da minha mãe, Jessica Osgood Mobley, cujo afeto e conselhos sábios…’ Vou pular uma ou duas páginas aqui.” Don verificou a página e a virou. “Aqui. ‘A segunda e mais sofrida perda foi a morte autoprovocada, em seu décimo oitavo ano de idade, do meu filho mais velho, Shelby. Mencionarei aqui apenas as circunstâncias relacionadas à morte de Shelby que levaram diretamente ao meu trabalho durante o chamado Período Sobrenatural, pois este livro se resume a um relato de minha vivência artística; ainda assim, devo afirmar que meu filho tinha um espírito alegre, inocente e vibrante, e tenho certeza de que apenas um grande choque moral, a percepção de um mal até então nunca imaginado, pode tê-lo levado a tirar a própria vida.

“‘Pouco tempo depois da morte de minha mãe, uma casa espaçosa perto da minha foi vendida para uma mulher atraente e evidentemente próspera de quarenta e tantos anos, cuja família consistia de uma sobrinha de catorze anos que se tornara responsabilidade dela após a morte dos pais. A sra. Florence de Peyser era simpática e reservada, uma mulher de modos encantadores que passava o inverno na Europa, como meus pais. Na verdade, parecia mais representativa de outra era que não a nossa, e por um tempo pensei em pintar seu retrato em aquarela. Ela colecionava quadros, conforme percebi quando fui convidado a ir a sua casa, e até conhecia meu trabalho — embora minhas abstrações do período combinassem muito mal com os seus simbolistas franceses. Mas, mesmo com todo o encanto da sra. de Peyser, a principal atração daquele lar parecia ser a sobrinha. A beleza de Amy Monckton era quase etérea,

e acredito que ela era o ser mais feminino que já tinha visto. Tudo o que ela fazia, fosse entrar em um aposento ou apenas servir uma xícara de chá, comunicava uma elegância silenciosa. A menina era um encanto, totalmente segura de si e modesta — tão delicada (mas talvez mais inteligente) quanto Pansy Osmond, por quem a Isobel Archer de Henry James se sacrificou de bom grado. Amy era uma convidada bem-vinda na nossa casa. Meus dois filhos se sentiam atraídos por ela.'

"E aí está ela", comentou Don. "Uma Alma Mobley de catorze anos, sob a tutela da sra. de Peyser. O pobre Mobley não sabia o que estava permitindo que entrasse em sua casa. Ele continua: 'Embora Amy tivesse a mesma idade de Whitney, meu filho mais novo, foi Shelby, o sensível Shelby, quem ficou mais próximo dela. Na época, achei que era prova da *politesse* de Shelby dedicar tanto tempo a uma garota quatro anos mais nova. Mesmo quando eu captava sinais evidentes de afeto (o pobre Shelby corava quando o nome da garota era mencionado), nunca poderia ter imaginado que eles se dedicavam a algum comportamento mórbido, degradante ou precoce. Na verdade, era um dos prazeres da minha vida observar meu filho alto e bonito andando pelo jardim com aquela bela garota. E não fiquei surpreso, embora tenha achado um pouco de graça, quando Shelby me contou em segredo que ele se casaria com Amy Monckton quando ela tivesse dezoito anos e ele, vinte e dois.

"'Depois de vários meses, reparei que Shelby estava ficando cada vez mais reservado. Não tinha mais interesse nos amigos e, nos últimos meses da vida, se concentrava exclusivamente no lar da sra. de Peyser e na srta. Monckton. Elas tinham contratado um criado de aparência sinistra e traços latinos chamado Gregorio. Desconfiei de Gregorio assim que o vi, e tentei alertar a sra. de Peyser a respeito, mas fui informado de que ela o conhecia e a família dele havia muitos anos, e que era um excelente chofer. Achei que não deveria dizer mais nada.

"'Neste curto relato, apenas posso dizer que a aparência de meu filho foi ficando desgrenhada e que ele se mostrou ainda mais distante durante as últimas duas semanas de vida. Banquei o pai durão pela primeira vez e o proibi de se comunicar com qualquer pessoa da casa da sra. de Peyser. A atitude dele me levava a acreditar que, sob a influência de Gregorio, ele e a criança estavam fazendo experiências com drogas, talvez também com sensualidade ilícita. Aquela erva nociva e depreciadora, a maconha, era encontrada, naquela época, nas regiões menos bem frequentadas de New Orleans. E eu também temia que eles estivessem experimentando uma forma baixa de misticismo creole. Esse tipo de coisa pode ser encontrado nos meios frequentados por usuários de drogas.

“‘Independentemente do tipo de coisa para a qual Shelby foi atraído, os resultados foram trágicos. Ele desobedeceu às minhas ordens e continuou a frequentar clandestinamente a casa da sra. de Peyser; então, no último dia de agosto, voltou para casa, pegou o revólver do exército que eu guardava em uma gaveta no meu quarto e atirou em si mesmo. Fui eu, que estava pintando no meu ateliê, quem ouviu o disparo e encontrou o corpo.

“‘O que aconteceu em seguida deve ter sido fruto do choque. Não pensei em chamar a polícia ou uma ambulância; caminhei até o lado de fora, imaginando que, de alguma forma, a ajuda já teria chegado. Eu me vi na rua em frente à nossa casa. Estava olhando para a residência da sra. de Peyser. O que vi quase me fez perder a consciência.

“‘Imaginei ter visto Gregorio em frente a uma das janelas superiores, rindo de mim. A malevolência parecia emanar dele. Estava exultante. Eu tentei gritar e não consegui. Olhei para baixo e vi coisa pior. Amy Monckton estava ao lado da casa, também olhando na minha direção, mas com um olhar calmo e sem expressão e o rosto sério. *Os pés dela não estavam tocando o chão!* Amy parecia flutuar vinte ou 25 centímetros acima da grama. Exposto a eles, senti pavor e encostei as mãos no rosto. Quando as tirei e consegui enxergar novamente, tinham sumido.

“‘A sra. de Peyser e Amy mandaram flores para o enterro de Shelby, mas já tinham partido para a Califórnia. Embora estivesse na época, e esteja agora, convencido de que imaginara a última visão que tive da garota e do chofer, queimei as flores em vez de permitir que decorassem o caixão de Shelby. Os quadros do meu chamado Período Sobrenatural, que me proponho a discutir agora, surgiram dessa experiência.’”

Don olhou para os dois homens idosos. “Li isso pela primeira vez hoje. Estão vendo o que quero dizer quando afirmo que eles gostam de se exibir? Querem que as vítimas saibam, ou pelo menos desconfiem, o tipo de coisa que lhes aconteceu. Robert Mobley sofreu um choque que quase o fez ter um colapso e inspirou os melhores quadros da sua vida. Alma queria que eu lesse sobre isso e soubesse que tinha morado em New Orleans com Florence de Peyser, utilizando outro nome, e que matara um garoto tão certamente quanto matou meu irmão.”

“Por que Anna Mostyn não nos matou ainda?”, perguntou Sears. “Ela teve todas as oportunidades. Não tenho como fingir que não estou convencido pelo que você nos contou, mas por que ela está esperando? Por que nós três já não estamos mortos, como os outros?”

Ricky pigarreou. “A atriz de Edward disse para Stella que eu seria um bom inimigo. Acho que ela estava esperando o momento em que saberíamos exatamente o que estávamos enfrentando.”

“Você quer dizer agora”, disse Sears.

“Você tem um plano?”, perguntou Ricky.

“Não, apenas algumas ideias. Vou voltar ao hotel para pegar minhas coisas e me mudar para cá. Talvez nas fitas que ela gravou com meu tio haja alguma informação que possa ser usada. E quero invadir a casa de Anna Mostyn. Espero que vocês venham comigo. Pode ser que a gente encontre alguma coisa lá.”

“O que você vai fazer lá é carimbar seu passaporte para o além”, disse Sears.

“Não, acho que eles não vão mais estar lá. Os três vão saber que nosso primeiro alvo vai ser a casa. Já devem ter encontrado outro lugar.”

Don olhou para Sears e Ricky. “Preciso dizer apenas mais uma coisa. Como Sears perguntou, o que teria acontecido se vocês tivessem atirado no lince? É o que vamos ter que descobrir. Desta vez, vamos precisar atirar no lince, o que quer que isso signifique.”

Ele sorriu para os dois. “Vai ser um inverno dos infernos.”

Sears James murmurou alguma coisa afirmativa. Ricky perguntou: “Que chances você acha que nós três e Peter Barnes temos de ver o fim disso?”.

“Poucas”, respondeu Sears. “Mas você fez o que pedimos para ser feito aqui.”

“E vamos contar para alguém?”, perguntou Ricky. “Devemos tentar convencer Hardesty?”

“Que absurdo”, disse Sears com deboche na voz. “Nós acabaríamos no hospício.”

“Eles que pensem que estão enfrentando marcianos”, disse Don. “Sears está certo. Mas vou fazer uma aposta bem melhor do que a sua.”

“Qual?”

“Aposto que sua secretária perfeita não vai trabalhar amanhã.”

Quando os dois homens idosos o deixaram na casa do tio, Don aumentou o fogo e ficou sentado no lugar quente ocupado por Ricky no sofá. Enquanto a neve se acumulava no telhado e tentava entrar pelas portas e molduras das janelas, ele se lembrou de uma noite morna, do cheiro de folhas queimando, de um pardal pousando no corrimão e de um rosto pálido e já amado com olhos luminosos voltados para ele, observando-o de uma porta. E uma garota nua olhando por uma janela escura e pronunciando palavras que ele só entendia agora: “Você é um fantasma”. Você, Donald. Você. Era a percepção infeliz no centro de todas as histórias de fantasmas.

II.
A cidade sitiada

Narciso, olhando para sua imagem no lago, chorou.
Quando seu amigo, passando pelo local, perguntou o motivo,
Narciso respondeu: "Eu choro porque perdi minha inocência".
O amigo respondeu: "Seria mais sábio chorar por já tê-la tido".

1

Dezembro em Milburn; Milburn se aproximando do Natal. A memória da cidade vem de longe, e esse mês sempre quis dizer certas coisas, bala de xarope de bordo, patinação no rio congelado, luzes e árvores nas lojas, esqui nas colinas dos arredores da cidade. Em dezembro, debaixo de vários centímetros de neve, Milburn sempre assumiu uma aparência festiva, quase mágica e bela. Uma árvore alta sempre era colocada na praça, e Eleanor Hardie decorava a fachada do Archer Hotel de maneira que ornasse com suas luzes. Crianças faziam fila na frente do Papai Noel na loja de departamentos Young Brothers e faziam suas exigências não negociáveis para o Natal — apenas os mais velhos reparavam que o bom velhinho parecia e cheirava um pouco como Omar Norris. (Dezembro sempre fazia Omar se reconciliar não só com a esposa, mas também consigo mesmo; ele reduzia a bebedeira pela metade e falava com os poucos amigos que tinha sobre "o bico na loja".) Assim como seu pai fazia, Norbert Clyde sempre levava o trenó puxado a cavalo pela cidade e deixava as crianças passearem nele, para que soubessem como era o som dos sinos de um trenó de verdade — e conhecessem a sensação de percorrer o ar com cheiro de pinheiro atrás de dois bons cavalos. E, como *seu* pai fazia, Elmer Scales abria o portão de um dos pastos e deixava o pessoal da cidade andar de trenó em uma colina na extremidade de sua propriedade. Eram sempre vistos uns seis carros parados perto da cerca, e uns seis pais jovens puxando Flexible Flyers com crianças empolgadas pela colina de Elmer acima. Algumas famílias preparavam caramelo na cozinha; outras assavam castanhas na lareira. Humphrey Stalladge colocava luzes verdes e vermelhas acima do bar e começava a fazer Tom and Jerries. As

esposas de Milburn trocavam receitas de biscoitos de Natal; os açougueiros recebiam pedidos de perus de nove ou dez quilos e distribuíam receitas de molhos. Crianças de colégio de oito anos recortavam árvores de papel colorido e colavam nas janelas da sala de aula. Alunos do ensino médio se concentravam mais em hóquei do que em inglês e história, e pensavam nos discos que poderiam comprar com os cheques que ganhariam de presente de tias e tios. O Kiwanis, o Rotary e o Kaycee organizavam uma grande festa no salão do Archer Hotel, com três barmen importados de Binghamton, e arrecadavam vários milhares de dólares para o fundo da terceira idade; depois dessa noite e de todas as festas que os residentes mais jovens e mais novos de Milburn davam (as pessoas que ainda não pareciam muito familiares a Sears e Ricky, embora talvez morassem em Milburn havia anos), todos voltavam a trabalhar com dores de cabeça e estômagos embrulhados.

Naquele ano, ainda houve algumas festas, e as mulheres ainda fizeram biscoitos de Natal, mas o mês de dezembro em Milburn estava diferente. As pessoas na loja de departamentos Young Brothers não diziam “Não é bom ter um Natal branquinho?”, e sim “Espero que essa neve não continue assim”; Omar Norris tinha que ficar no limpador de neve municipal o dia todo, e funcionários mais novos diziam que só vestiriam a roupa de Papai Noel se fosse esterilizada primeiro; o prefeito e os policiais de Hardesty montaram uma árvore enorme, mas Eleanor Hardie não teve ânimo para decorar a fachada do hotel — na verdade, começou a parecer tão atormentada e perdida que um casal de turistas de Nova York deu uma olhada nela e decidiu seguir em frente até encontrar outro hotel. E Norbert Clyde, pela primeira vez na vida, não tirou o trenó do celeiro e não passou óleo nas lâminas; desde que viu aquela “coisa” em seu terreno, entrou em um estranho declínio. Era possível ouvi-lo no Humphrey, ou em outros bares nos arredores da cidade, dizendo que o agente da secretaria de agricultura do condado não era capaz de diferenciar o cu do cotovelo e que, se as pessoas tivessem bom senso, começariam a prestar mais atenção em Elmer Scales, que não abrira o portão para que esquiassem na colina e deixava de jantar e rabiscava poesias malucas e ficava acordado a noite toda com a espingarda carregada nos joelhos. Sua tribo de filhos descia de trenó sozinha na colina, sentindo-se excluída. A neve caía dia e noite; levada pelo vento, primeiro cobrira as cercas, depois chegou às calhas das casas. Nas duas últimas semanas de dezembro, as escolas foram fechadas por oito dias. O sistema de aquecimento do colégio de ensino médio quebrou, e o comitê fechou suas portas até meados de janeiro, quando um engenheiro de Binghamton finalmente iria conseguir ir à cidade. A escola de ensino fundamental foi fechada alguns dias depois; as estradas estavam traiçoeiras e, depois que o ônibus escolar caiu em uma vala

duas vezes na mesma manhã, os pais deixariam os filhos em casa de qualquer jeito. As pessoas da idade de Ricky e Sears, que representavam a memória da cidade, lembravam-se dos invernos de 1947 e 1926, quando nenhum veículo chegou ou saiu de Milburn durante semanas, o combustível acabou, e os idosos (que não eram mais velhos do que a idade atual de Sears e Ricky) morreram congelados junto com Viola Frederickson, a mulher com o cabelo castanho e o rosto exótico.

Naquele dezembro, Milburn parecia menos um lugar em um cartão de Natal e mais uma cidade sitiada. Os cavalos das irmãs Dedham, esquecidos até por Nettie, passaram fome e morreram no estábulo. Naquele dezembro, as pessoas ficaram em casa mais do que estavam acostumadas, e os ânimos se exaltaram — alguns perderam a cabeça. Philip Kneighler, um dos novos moradores de Milburn, entrou em casa e deu uma surra na esposa depois que o limpador de neve quebrou na entrada. Ronnie Byrum, o sobrinho de Harlan Bautz, um fuzileiro naval que estava em casa de licença, discordou dos comentários inofensivos de um homem ao lado dele em um bar e arrebentou seu nariz. Teria quebrado o maxilar também se dois dos antigos colegas do ensino médio não tivessem segurado seus braços. Dois garotos de dezesseis anos chamados Billy Byrum (irmão de Ronnie) e Anthony "Espaçoso" Ortega provocaram uma concussão em um menino mais novo que insistia em falar durante a exibição das 20h25 de *A Noite dos Mortos-Vivos* no Cinema Rialto de Clark Mulligan. Em toda Milburn, casais trancados em casa discutiam sobre seus bebês, seu dinheiro, seus programas de televisão. Um diácono da Igreja Presbiteriana do Espírito Santo — a mesma da qual o pai de Lewis já tinha sido pastor — se trancou no prédio sem aquecimento duas semanas antes do Natal e chorou e praguejou e rezou a noite toda porque achou que estava ficando maluco. Imaginava ter visto pela janela o menino Jesus nu em um monte de neve em frente à igreja, implorando para que ele saísse.

No Bay Tree Market, Rhoda Flagler arrancou um punhado de cabelo louro da cabeça de Bitsy Underwood porque Bitsy tinha contestado o direito dela às três últimas latas de purê de abóbora: com os caminhões impossibilitados de fazer entregas, o estoque estava no fim. Em Hollow, um barman desempregado chamado Jim Blazek esfaqueou e matou um cozinheiro mulato de nome Washington de Souza porque um homem alto de cabeça raspada com roupa de marinheiro dissera para Blazek que de Souza estava se metendo com a esposa dele.

Durante os 62 dias desde primeiro de dezembro até o dia 31 de janeiro, dez cidadãos de Milburn morreram de causas naturais: George Fleischner (62), ataque cardíaco; Whitey Rudd (70), desnutrição; Gabriel Fish (58), exposição ao

frio; Omar Norris (61), exposição ao frio após concussão; Marion Le Sage (73), derrame; Ethel Bin (76), linfoma de Hodgkin; Dylan Griffen (cinco meses), hipotermia; Harlan Bautz (55), ataque cardíaco; Nettie Dedham (81), derrame; Penny Draeger (18), choque. A maioria faleceu durante as nevascas mais feias, e seus corpos, junto com os de Washington de Souza e vários outros, tiveram que ser guardados, empilhados e cobertos com lençóis, em uma das celas sem uso da pequena cadeia de Walter Hardesty — o carro do necrotério do condado não conseguia chegar a Milburn.

A cidade se fechou dentro das casas, e até a patinação no rio parou. No começo, aconteceu como sempre: em todas as horas do dia havia vinte ou trinta alunos do ensino médio, misturados com crianças do fundamental, correndo de um lado para o outro, brincando de trenzinho e patinando de costas, uma imagem de Currier e Ives. Mas, se os estudantes do primeiro e do segundo ano do ensino médio que patinavam no gelo não repararam na morte de três mulheres idosas e de quatro homens idosos e não lamentaram a morte do dentista, uma outra perda os acertou como um tapa na cara assim que começaram a deslizar no rio congelado. Jim Hardie fora o melhor patinador que Milburn já tinha visto, e ele e Penny Draeger desenvolveram coreografias que pareciam aos colegas tão boas quanto as que se viam nas Olimpíadas. Peter Barnes era quase tão bom quanto, mas se recusou a patinar naquele ano; até quando a neve deu uma trégua, Peter ficou em casa. Mas Jim era a pessoa de quem sentiam falta. Mesmo quando aparecia de manhã de olhos vermelhos e barba por fazer, animava todo mundo. Era impossível observá-lo sem tentar patinar um pouco melhor. Agora, nem Penny aparecia. Como Peter Barnes, tinha se recolhido à sua privacidade. Em pouco tempo, a maioria dos outros patinadores fez o mesmo; a cada dia, mais neve tinha que ser retirada do rio, e alguns dos garotos que faziam esse trabalho achavam que Jim Hardie não estava em Nova York, afinal. Tinham a sensação de que alguma coisa acontecera a Jim, algo em que não queriam pensar muito. Dias antes de comprovarem o fato, eles sabiam que Jim Hardie estava morto.

Um dia, durante o intervalo da tarde, Bill Webb pegou os patins velhos de hóquei no armário atrás do restaurante, foi até o rio e olhou com tristeza para os sessenta centímetros de neve fresca intocada na superfície. Naquele inverno, a patinação também tinha morrido.

Clark Mulligan nem se deu ao trabalho de agendar o novo filme da Disney que sempre exibia no Natal, oferecendo apenas longas-metragens de terror durante toda a estação. Em algumas noites, eram sete ou oito pagantes, em outras, só dois ou três; havia noites em que ele começava a exibir o primeiro rolo de *A Noite dos Mortos-Vivos* e sabia que estava passando o filme só para si

mesmo. A matinê de sábado costumava atrair dez ou quinze adolescentes que já tinham visto o filme, mas que não encontravam nada melhor para fazer. Ele começou a deixá-los entrar de graça. Todos os dias, perdia um pouco mais de dinheiro, mas pelo menos o Rialto o tirava de casa; enquanto as linhas elétricas permanecessem funcionando, poderia se manter aquecido e ocupado, e era apenas isso o que desejava. Uma noite, saiu da cabine de projeção para ver se alguém tinha se dado ao trabalho de entrar escondido pela porta de incêndio e viu Penny Draeger sentada ao lado de um homem com cara de lobo usando óculos de sol. Clark voltou correndo para a cabine de projeção, mas tinha certeza de que o homem sorriu para ele antes que pudesse se virar. Ele não sabia por que, mas aquilo o assustava — e muito.

Pela primeira vez na vida da maioria, os habitantes de Milburn viram o clima como algo malevolente, uma força hostil que os mataria se permitissem. Se você não subisse no telhado para remover a neve, as vigas rachavam e quebravam com o peso, e em dez minutos sua casa se tornaria uma casca gelada e destruída, inabitável até a primavera; o vento às vezes levava a sensação térmica para cinquenta graus negativos, e se ficasse do lado de fora por mais tempo do que o necessário para correr do carro para casa dava para praticamente ouvir o vento rindo no seu ouvido, sabendo que você estava bem onde ele queria. Esse era um inimigo, o pior que eles conheciam. Mas, depois que Walt Hardesty e um dos seus policiais identificaram os corpos de Jim Hardie e Christina Barnes e o boato a respeito da condição dos cadáveres se espalhou, as pessoas de Milburn passaram a fechar as cortinas e ligar a televisão em vez de ir para a festa do vizinho e se perguntar se tinha sido um urso mesmo que matou o belo Lewis Benedikt. E quando, como Milly Sheehan, viam que um filete de neve tinha conseguido atravessar o protetor contra tempestade da janela, indo pousar no parapeito interno, começavam a pensar no que mais poderia conseguir entrar. Então as pessoas, como a cidade, se fecharam; se encerraram; pensaram na própria sobrevivência. Poucas se lembraram de Elmer Scales de pé na frente da estátua, balançando a arma e reclamando de marcianos. Apenas quatro pessoas conheciam a identidade de um inimigo mais hostil do que o clima assassino.

JORNADA SENTIMENTAL

2

“Estou vendo no noticiário que está pior em Buffalo”, disse Ricky, falando mais por falar do que por achar que os outros dois estariam interessados. Sears estava dirigindo o Lincoln no estilo habitual: até a casa de Edward, onde pegaram Don, e agora, em direção à região oeste da cidade, ficou o tempo todo encolhido em cima do volante, deslocando-se a 25 quilômetros por hora. Acionava a buzina a cada cruzamento, avisando qualquer um que estivesse chegando que não pretendia parar.

“Pare de tagarelar, Ricky”, disse ele, apertando a buzina e seguindo pela Wheat Row até o lado norte da praça.

“Não precisava buzinar, o sinal estava verde”, observou Ricky.

“Humpf. Todo mundo está indo rápido demais para parar.”

Don, no banco de trás, prendeu a respiração e rezou para que o sinal de trânsito do outro lado da praça ficasse verde antes que Sears chegasse lá. Quando passaram pelos degraus de entrada do hotel, ele viu o sinal virado para a Main Street ficar amarelo; o que estava voltado para eles ficou verde no momento em que Sears apertou a palma da mão contra a buzina e entrou com o carro comprido como um galeão na Main Street.

Mesmo com os faróis acesos, os únicos objetos realmente visíveis eram os sinais de trânsito e os pontos vermelhos e verdes da iluminação da árvore de Natal. Todo o resto se dissolvia em um fundo branco espiralado. Os poucos carros que se aproximavam apareciam primeiro como raios de luz amarela e depois como formas indefinidas, parecendo grandes animais. Don conseguia ver a cor deles só quando estavam imediatamente ao seu lado, uma proximidade que Sears reconhecia com outro aperto imperioso na buzina do Lincoln.

“O que vamos fazer quando chegarmos lá, se chegarmos?”, perguntou Sears.

“Apenas dar uma olhada. Pode ajudar.” Ricky o encarou como se apenas um olhar bastasse, e Don acrescentou: “Não, acho que ela não vai estar lá. Nem Gregory”.

“Você trouxe uma arma?”

“Eu não tenho arma. Você trouxe?”

Ricky assentiu. Ele mostrou uma faca de cozinha. “Besteira, eu sei, mas…”

Don não achava besteira; por um momento, desejou também ter uma faca, já que não era possível ter um lança-chamas e uma granada.

“Só por curiosidade, em que você está pensando neste momento?”, perguntou Sears.

“Eu?”, perguntou Don. O carro começou a escorregar lentamente para o lado, e Sears virou o volante de leve para corrigir a direção.

“Sim.”

“Eu só estava lembrando uma coisa que acontecia quando eu era aluno do ensino médio no Meio-Oeste. Quando tivemos que escolher nossas faculdades, a equipe fazia palestras sobre ‘o Leste’. ‘O Leste’ era para onde queriam que nós fôssemos. Era puro esnobismo, e minha escola era muito antiquada nesse sentido, mas o colégio seria mais bem conceituado se uma quantidade significativa de alunos do último ano fosse para Harvard ou Princeton ou Cornell, ou até para uma universidade estadual na Costa Leste. Todo mundo pronunciava a palavra da mesma forma que um muçulmano deve falar o nome de Meca. E é onde estamos agora.”

“Você foi para o Leste?”, perguntou Ricky. “Não sei se Edward chegou a mencionar.”

“Não. Eu fui para a Califórnia, onde acreditavam em misticismo. Não afogavam bruxas, davam programas de entrevistas para elas.”

“Omar não chegou a limpar a Montgomery Street”, comentou Sears. Don, surpreso, se virou para a janela e viu que, enquanto ele falava, haviam chegado ao fim da rua de Anna Mostyn. Sears estava certo. Na Maple, onde estavam, a neve batida de uns cinco centímetros exibia marcas e sulcos fundos do limpador de neve de Omar Norris; parecia um leito branco de rio em meio a margens brancas e altas. Na Montgomery, a neve tinha mais de um metro de profundidade. Já se enchendo com a neve fresca que caía, as marcas fundas no meio da rua indicavam o caminho por onde duas ou três pessoas lutaram para passar pela Maple.

Sears desligou a ignição e deixou as lanternas acesas. “Se vamos em frente com isso, não vejo sentido em esperar.”

Os três saíram para a superfície gelada da Maple Street. Sears levantou a gola de pele do casaco e suspirou. “E pensar que já me recusei a pisar em cinco ou seis centímetros de neve no campo do Nosso Virgílio.”

“Eu odeio a ideia de entrar naquela casa de novo”, disse Ricky.

Os três viam a casa por rodopios de neve caindo. “Eu nunca invadi uma casa na vida”, confessou Sears. “O que você sugere fazer?”

“Peter disse que Jim Hardie quebrou uma vidraça da porta dos fundos. Só precisamos enfiar a mão e girar a maçaneta.”

“E se dermos de cara com ele? Se estiverem nos esperando?”

“Nesse caso, vamos tentar brigar melhor do que o sargento York”, disse Ricky. “Você se lembra do sargento York, Don?”

“Não”, disse Don. “Eu não me lembro nem de Audie Murphy. Vamos.” Ele pisou no monte de neve. Sua testa já estava tão gelada que parecia uma placa de metal transplantada. Quando ele e Ricky estavam no alto do amontoado de neve, ofereceram as mãos para Sears, que estava com os braços estendidos como um

garotinho, e o puxaram. Sears subiu como uma baleia entalada em um recife, e os três homens desceram daquele monte para a neve funda da Montgomery Street.

A neve ia até acima dos joelhos, e Don percebeu que os dois homens idosos esperavam que ele fosse na frente, então se virou e começou a andar pela rua na direção da casa de Anna Mostyn, fazendo o melhor possível para pisar nas depressões fundas deixadas por um transeunte anterior. Ricky foi atrás, seguindo pelas mesmas pegadas. Sears, inclinado e pisando a neve intocada, chegou por último. A barra do casaco preto se arrastava logo atrás como uma cauda de vestido.

Eles demoraram vinte minutos para alcançar a casa. Quando os três estavam de pé na frente da residência, Don viu de novo os dois homens olhando para ele e soube que não se moveriam até que os fizesse ir em frente. “Pelo menos vai estar mais quente lá dentro”, comentou.

“Eu detesto a ideia de entrar aí de novo”, disse Ricky, não muito alto.

“Você já falou isso”, lembrou Sears. “Pelos fundos, Don?”

“Pelos fundos.”

Mais uma vez, ele foi na frente. Conseguia ouvir Ricky espirrando enquanto cada um deles percorria a neve, que já estava quase na altura da cintura. Como Jim Hardie e Peter Barnes, pararam na janela lateral e olharam para dentro. Só viram um cômodo vazio. “Deserta”, disse Don, e seguiu para os fundos da casa.

Ele encontrou a janela que Jim Hardie tinha quebrado, e quando Ricky apareceu no degrau dos fundos, estendeu a mão e girou a maçaneta da porta da cozinha. Respirando pesadamente, Sears foi atrás.

“Vamos sair da neve”, disse Sears. “Estou congelando.” Foi uma das declarações mais corajosas que Don já tinha ouvido, e ele se viu obrigado a reagir com coragem similar. Empurrou a porta e entrou na cozinha da casa de Anna Mostyn. Sears e Ricky entraram logo atrás.

“Bom, aqui estamos”, disse Ricky. “E pensar que faz cinquenta anos, ou quase isso. Deveríamos nos separar?”

“Está com medo, Ricky?”, provocou Sears, limpando a neve do casaco com impaciência. “Vou acreditar nesses monstros quando os vir. Você e Don podem olhar nos quartos dos dois andares de cima. Vou cuidar deste andar e do porão.”

E, se a declaração anterior foi um ato de coragem, isso, Don sabia, era uma demonstração de amizade. Nenhum deles queria ficar sozinho naquela casa. “Tudo bem”, ele falou. “Vou ficar surpreso se encontrarmos alguma coisa. É melhor começarmos logo.”

Sears foi na frente, e eles saíram da cozinha para o corredor. “Vão em frente”, disse ele… ou ordenou. “Vou ficar bem. Assim vamos poupar tempo e,

quanto mais cedo acabarmos com isso, melhor.” Don já estava na escada, mas Ricky tinha se virado para Sears: “Se você encontrar alguma coisa, dê um grito”.

3

Don e Ricky Hawthorne estavam sozinhos na escada. “Não era assim”, disse Ricky. “Nem um pouco, sabe. Este lugar era tão bonito naquela época. Os aposentos de baixo… e o quarto dela, ali perto do patamar. Tudo lindo.”

“A casa de Alma também”, comentou Don. Ele e Ricky conseguiam ouvir os passos de Sears nas tábuas do aposento inferior. O som trouxe uma nova percepção para as feições de Ricky. “O que foi?”

“Nada.”

“Me diga. Seu rosto todo mudou.”

Ricky ficou vermelho. “É a casa com que sonhamos. Nossos pesadelos se passam aqui. Tábuas expostas, aposentos vazios, o som de alguma coisa se movendo, como Sears agora, lá embaixo. É assim que o pesadelo começa. Quando nós sonhamos, estamos em um quarto… lá em cima.” Ele apontou escada acima. “No andar do alto.” Ele subiu mais alguns degraus. “Tenho que ir até lá. Preciso ver o quarto. Pode ajudar… a acabar com o pesadelo.”

“Eu vou com você”, disse Don.

Quando chegaram no patamar, Ricky parou. “Peter não disse que foi aqui…?” Ele apontou para uma mancha escura na parede.

“Onde Bate matou Jim Hardie.” Don engoliu em seco involuntariamente. “Não vamos ficar aqui mais tempo do que o necessário.”

“Não me importo de nos separarmos”, Ricky se apressou em dizer. “Por que você não olha o antigo quarto de Eva e os aposentos perto do patamar da escada enquanto eu investigo o terceiro andar? Vai ser mais rápido assim. Se eu encontrar alguma coisa, chamo você. Também quero sair daqui, não consigo suportar estar neste lugar.”

Don assentiu, concordando totalmente. Ricky subiu a escada, e Don foi até o andar intermediário e abriu a porta do quarto de Eva Galli.

• • •

Vazio, desolado; em seguida, os ruídos de uma multidão invisível: pés apressados e sussurros, o farfalhar de papéis. Hesitante, Don deu um passo para dentro do quarto vazio, e a porta se fechou atrás dele.

“Ricky?”, chamou ele, sabendo que sua voz não estava mais alta do que os sussurros logo atrás. A luz fraca se derreteu; e, a partir do momento em que não conseguiu mais ver as paredes, Don sentiu que estava em um aposento bem maior. As paredes e o teto tinham se deslocado, expandindo-se e deixando-o em um espaço psíquico de onde ele não sabia como sair. Uma boca fria se encostou em seu ouvido e disse ou pensou a expressão: “Bem-vindo”. Ele se virou na direção da fonte do som, pensando tardiamente que a boca, como o cumprimento, tinha sido apenas um pensamento. Seu punho atravessou ar.

Como para puni-lo de brincadeira, alguém o derrubou, e ele caiu dolorosamente de quatro. Havia um tapete sob suas mãos. Foi tomando cor gradualmente, azul-escuro, e ele percebeu que conseguia enxergar de novo. Don levantou a cabeça e viu um homem de cabelo branco com um blazer da cor do tapete e calça cinza acima de mocassins pretos engraxados que brilhavam como espelhos à sua frente; o blazer cobria uma barriga proeminente. O homem deu um sorriso triste e ofereceu a mão; atrás dele, outros se moveram. Don soube na mesma hora quem ele era.

“Sofreu um acidente, Don?”, perguntou ele. “Aqui. Segure minha mão.” Ele o puxou para cima. “Que bom que você veio. Estávamos esperando por você.”

“Eu sei quem você é”, disse Don. “Seu nome é Robert Mobley.”

“Ah, claro. E você leu minha autobiografia. Eu só queria que você tivesse sido mais elogioso à minha escrita. Mas não importa, meu garoto, não importa. Não precisa pedir desculpas.”

Don estava olhando para o aposento, comprido e um pouco inclinado, terminando em um pequeno palco. Não havia portas visíveis, e as paredes pálidas tinham quase a altura de uma catedral: lá no alto, luzinhas piscavam e cintilavam. Sob esse céu falso, cinquenta ou sessenta pessoas circulavam e conversavam, como em uma peça. Do outro lado da sala, onde um pequeno bar tinha sido montado, Don viu Lewis Benedikt, que vestia uma jaqueta cáqui e segurava uma garrafa de cerveja. Estava falando com um homem de terno cinza com bochechas afundadas e olhos brilhantes e trágicos que deveria ser o dr. John Jaffrey.

“Seu filho deve estar aqui”, supôs Don.

“Shelby? Está mesmo. Aquele ali é Shelby.” Ele indicou um garoto no final da adolescência, que sorriu para eles. “Nós estamos aqui para um entretenimento que promete ser muito empolgante.”

“E estavam me esperando.”

“Bem, Donald, sem você, nada disso poderia ter sido planejado.”

“Eu vou embora daqui.”

“Embora? Meu rapaz, você não tem como! Vai ter que deixar o show acontecer, acredito. Você já reparou que não há portas aqui. E não existe nada a temer, nada aqui pode fazer mal a você. É só entretenimento, sabe? Meras sombras e imagens. Apenas isso.”

“Vá para o inferno”, esbravejou Don. “Isso é alguma armação dela.”

“De Amy Monckton, você quer dizer? Ela é só uma criança. Você não pode achar…”

Mas Don já estava se afastando, caminhando na direção da lateral do teatro. “Não adianta, meu querido”, disse Mobley. “Você vai ter que ficar conosco até acabar.” Don apertou as mãos contra a parede, ciente de que todo mundo estava olhando para ele. A parede era revestida de um material que parecia feltro, mas por baixo do tecido havia algo frio e duro como ferro. Ele olhou para os pontinhos brilhantes de luz. Em seguida, bateu na parede com as mãos abertas: não havia nenhuma depressão, nenhuma porta escondida, nada além de uma superfície lisa e vedada.

As luzes invisíveis diminuíram, assim como as imitações de estrelas. Dois homens o seguraram, um por um braço e o outro pelo ombro. Viraram-no à força para o palco, no qual um único holofote brilhava. No meio do facho de luz, havia um cavalete. O primeiro cartaz no cavalete dizia:

RABBITFOOT DE PEYSER PRODUÇÕES
TEM ORGULHO DE APRESENTAR

Uma mão surgiu na luz e removeu o cartaz.

UMA PALAVRINHA DO NOSSO PATROCINADOR

A cortina subiu e expôs um aparelho de televisão. Don achou que não havia nada ali até reparar em alguns detalhes na tela branca: os tijolos vermelhos de uma chaminé, a “neve” que era neve de verdade. A imagem ganhou vida para ele.

Era um panorama da Montgomery Street, filmado por cima do telhado da casa de Anna Mostyn. Imediatamente depois que ele reconheceu o ambiente, os personagens apareceram. Ele, Sears James e Ricky Hawthorne andando com dificuldade pelo meio da rua; ele e Ricky olhando para a casa pelo tempo que permaneceram na tela, Sears olhando para baixo, como se para dar um contraste consciente à imagem. Não havia som, e Don não conseguia se lembrar do que disseram uns para os outros antes de andarem até a casa. Três rostos em close: com as sobrancelhas cobertas de branco, eles pareciam soldados conduzindo uma operação de varredura em uma guerra ártica. O rosto cansado de Ricky era o de um homem que estava com um resfriado forte. Ele estava sofrendo; ficou bem mais claro para Don agora do que quando estavam do lado de fora da casa.

Uma imagem de si mesmo enfiando a mão pela janela quebrada. Uma câmera exterior seguiu os três homens para dentro da casa, acompanhando-os pela cozinha e até o corredor escuro. Mais conversas inaudíveis; uma terceira câmera acompanhou Don e Ricky subindo a escada, com Ricky apontando para a mancha de sangue. No rosto civilizado de Ricky havia a expressão de dor que ele vira. Eles se separaram, e a câmera deixou Don na hora em que empurrou a porta do quarto de Anna Mostyn.

Don viu com inquietação a câmera acompanhando Ricky escada acima. Um corte para o final de um corredor vazio: Ricky visto em silhueta parando em um patamar e chegando ao último andar. Outro corte: Ricky entrando no terceiro andar, experimentando a primeira porta e entrando em um quarto.

Dentro do quarto: Ricky entrou pela porta, com a câmera vigiando como um agressor escondido. Ricky respirando pesadamente, olhando para o quarto de boca aberta e olhos arregalados. O quarto do pesadelo, como ele supusera então. A câmera começou a se aproximar. Em seguida, ela, ou a criatura que ela representava, atacou.

Duas mãos seguraram o pescoço de Ricky, estrangulando-o. Ricky lutou, empurrando os pulsos do assassino, mas estava fraco demais para conseguir se soltar. As mãos apertaram, e Ricky começou a morrer. Não de forma limpa, como nos programas de televisão que aquele “comercial” imitava, mas com sujeira, com olhos esbugalhando e a língua sangrando. As costas se arquearam com impotência, fluídos escapavam pelos olhos e pelo nariz, e o rosto começou a ficar preto.

Peter Barnes disse que eles podem fazer você ver coisas, pensou Don. É isso *o que eles estão fazendo agora*…

Ricky Hawthorne morreu na frente dele, em cores, numa tela de 26 polegadas.

4

Ricky se obrigou a abrir a porta do primeiro quarto no último andar da casa. Queria estar em casa com Stella. Ela ficou muito abalada com a morte de Lewis, embora não soubesse nada sobre a história de Peter Barnes.

Talvez fosse o fim, pensou, e entrou no quarto.

E se obrigou a ficar imóvel, ainda que todo o ar de seu corpo quisesse fugir. Era o quarto do sonho, e todos os átomos do local pareciam impregnados pela infelicidade da Sociedade Chowder. Ali, eles suaram e ficaram gelados de medo;

naquela cama, agora com um único cobertor cinza por cima do colchão exposto, cada um deles, indefeso, lutou para se mover. Na prisão da cama horrenda, esperaram a vida terminar. Aquele quarto existia apenas para a morte; era um emblema da morte, e sua desolação vazia e fria compunha sua imagem.

Ele lembrou que Sears estava ou logo estaria no porão. Mas não havia um monstro do porão, assim como não havia Ricky Hawthorne suando e preso na cama. Ele se virou lentamente, observando todo o quarto.

Em uma parede lateral, a única anomalia, um pequeno espelho.

(*Espelho, espelho meu*… quem está com mais medo do que eu?)

(*Não eu*, disse a galinha vermelha.)

Ricky contornou a cama para se aproximar do espelho. Posicionado em frente à janela, refletia uma parte branca do céu. Pequenos flocos de neve flutuavam pela superfície e desapareciam na parte inferior da moldura.

Quando Ricky chegou mais perto do espelho, uma leve brisa soprou em seu rosto. Ele se inclinou para a frente, e uns poucos flocos de neve giraram para fora e tocaram sua bochecha.

Ricky cometeu o erro de olhar diretamente para o que agora, confuso, pensava ser uma pequena janela aberta que dava para a rua.

Um rosto apareceu na frente dele, um rosto conhecido, mas louco e perdido; depois, viu Elmer Scales se deslocando desajeitado pela neve, carregando uma espingarda. Como na primeira aparição, o fazendeiro estava sujo de sangue; o rosto com orelhas de abano estava esquelético, como ossos cobertos de pele, mas na magreza de Scales havia alguma coisa que forçou Ricky a pensar *ele viu alguma coisa bonita — Elmer sempre queria ver alguma coisa bonita*. Isso surgiu na mente de Ricky como uma bolha e estourou. Elmer estava gritando na tempestade, levantando a arma e atirando em uma pequena forma, lançando-a em um jorro de sangue…

De repente, Elmer e seu alvo sumiram, e ele estava olhando para as costas de Lewis. Havia uma mulher nua na frente de seu amigo, pronunciando palavras por meio de movimentos labiais. *Escrituras*, leu ele, e *está vendo as Escrituras no lago, Lewis?* A mulher não estava viva e nem era bonita, mas Ricky notou os contornos de desejo no rosto morto e soube que estava olhando para a esposa de Lewis. Tentou recuar e fugir da visão, mas percebeu que não conseguia se mover.

Quando a mulher chegou perto de Lewis, ambos se derretendo em formas irreconhecíveis, Ricky viu Peter Barnes agachado em um canto da tempestade. Não, em uma construção, um lugar que ele conhecia, mas não conseguia reconhecer. Um canto antigo e familiar, um tapete gasto, uma parede marrom curva com uma luz fraca em uma arandela… um homem que parecia um lobo

estava inclinado por cima do apavorado Peter Barnes, sorrindo para ele com dentes brancos proeminentes. Dessa vez, não havia neve derretendo misericordiosamente para esconder de Ricky Hawthorne aquela coisa horrenda: a criatura inclinada por cima do amedrontado Peter Barnes o pegou e, como um leão matando uma gazela, quebrou a espinha dele. Como um leão, mordeu a pele do garoto e começou a comê-lo.

5

Sears James inspecionou os aposentos da frente da casa e não encontrou nada; e nada, pensou, era o que provavelmente encontrariam no resto da casa. Uma mala vazia não justificava entrar mais de trinta centímetros além da porta com um tempo desses. Ele voltou para o corredor, ouviu Don andando sem rumo em um quarto no alto da escada e deu uma olhada rápida na cozinha. Pegadas molhadas, deles mesmos, marcavam o piso. Havia um único copo de água turva em uma bancada poeirenta. A pia estava vazia, as prateleiras estavam vazias. Sears esfregou as mãos e voltou para o corredor escuro.

Agora, Don estava batendo nas paredes do andar de cima — procurando um painel secreto, imaginou Sears, e sacudiu negativamente a cabeça. O fato de os três ainda estarem vivos xeretando a casa provava para Sears que Eva tinha se mudado sem deixar nada para trás.

Ele abriu a porta do porão. Degraus de madeira levavam à escuridão total. Sears ligou o interruptor, e uma lâmpada no alto da escada se acendeu. A luz revelou os degraus, e o chão de cimento no final deles, mas parecia se estender apenas pouco mais de dois metros a partir do pé da escada. Aparentemente, era a única iluminação; isso queria dizer, percebeu Sears, que o porão não era usado. Os Robinson nunca o transformaram em sala de jogos ou de TV.

Ele desceu alguns degraus e olhou na escuridão. O que conseguia ver era como qualquer porão de Milburn: espalhado por baixo da casa toda, com uns dois metros de altura, paredes pintadas de concreto. A velha caldeira ficava perto da parede do outro lado, lançando uma sombra de muitos braços que se mesclava com a escuridão; de um lado havia o cilindro tubular alto de água quente e duas pias de ferro desconectadas.

Sears ouviu um baque no andar de cima e seu coração deu um pulo. Estava bem mais nervoso do que gostaria de admitir. Inclinando a cabeça para o alto da escada, tentou ouvir mais barulhos ou sons de consternação, mas não escutou nada; devia ter sido só uma porta batendo.

Desça para brincar no escuro, Sears.

Sears deu um passo à frente e viu sua sombra gigantesca avançando pelo piso de concreto. *Venha, Sears*.

Não ouviu as palavras sendo faladas em sua mente, não viu imagens nem figuras; mas uma ordem lhe foi dada, e ele seguiu sua sombra inflada até o piso de concreto.

Venha ver os brinquedos que deixei para você.

Ele alcançou o piso e sentiu uma emoção prazerosa que não era sua.

Sears se virou, com medo de que alguma coisa estivesse avançando para cima dele, saindo da parte de baixo da escada de madeira. A luz desenhava listras no concreto, brilhando entre os degraus. Não havia nada lá. Ele teria que sair da proteção da luz e olhar nos cantos do porão.

Ele seguiu em frente, desejando intensamente ter levado uma faca, e sua dúvida se derreteu na escuridão. De repente, toda a dúvida sumiu. "Ah, meu Deus", disse.

John Jaffrey estava saindo da luz turva perto da caldeira. "Sears, velho amigo", falou ele. Sua voz não tinha entonação. "Graças aos céus você está aqui. Me disseram que estaria, mas eu não sabia… quer dizer, eu…" Ele sacudiu a cabeça. "Tudo anda tão *confuso*."

"Fique longe de mim", disse Sears.

"Eu vi Milly", contou John. "E sabe de uma coisa? Milly não me deixa entrar em casa. Mas eu a avisei. Quer dizer, eu pedi para ela avisar você… e aos outros. Sobre alguma coisa. Não consigo lembrar agora." Ele levantou o rosto afundado e contorceu a boca em um sorriso medonho. "Eu só fui. Não foi isso o que Fenny disse para você? Na sua história? Isso *mesmo*. Eu fui, e agora Milly não quer… não quer abrir… ah." Ele levou a mão à testa. "Ah, é horrível, Sears. Você não pode me ajudar?"

Sears estava recuando, sem conseguir falar.

"Por favor. Que engraçado. Aqui neste lugar de novo. Eles me fizeram vir até aqui para esperar você. Por favor, me ajude, Sears. Graças aos céus você está aqui."

Jaffrey saltou para a luz, e Sears viu a poeira cinzenta e fina cobrindo o rosto e as mãos estendidas, os pés descalços. Jaffrey estava se movendo em um círculo doloroso e senil, com os olhos também parecendo cobertos por uma mistura de poeira e lágrimas secas — isso demonstrava mais dor do que as palavras confusas e o caminhar arrastado, e Sears, que se lembrava da história de Peter Barnes sobre Lewis, finalmente sentiu mais pena do que medo.

"Sim, John", disse ele, e o dr. Jaffrey, aparentemente incapaz de enxergar na luz da lâmpada, se virou na direção da sua voz.

Sears se adiantou para tocar a mão estendida do dr. Jaffrey. No último minuto, fechou os olhos. Uma sensação de formigamento surgiu em seus dedos e subiu até metade do braço. Quando ele abriu os olhos, John não estava mais lá.

Ele tropeçou na escada e bateu as costelas dolorosamente. *Brinquedos*. Sears começou a esfregar mecanicamente a mão no casaco: seria obrigado a encontrar mais criaturas se arrastando, atordoadas como John?

Mas não, não era isso o que ele teria que fazer. Sears logo descobriu o motivo para o substantivo no plural. Andou para fora da luz, na direção da caldeira, e viu uma pilha de roupas largadas perto da parede. Uma pilha de botas e trapos descartados; era sinistramente semelhante aos corpos mirrados das ovelhas na fazenda de Elmer Scales. Ele queria se virar. As coisas verdadeiramente ruins começaram lá, com ele e Ricky congelando em uma colina branca e fria. Sears viu uma mão flácida, uma mecha de cabelo louro. Reconheceu, entre os trapos, o casaco de Christina Barnes. Estava achatado, quase vazio, jogado por cima de um segundo corpo achatado e vazio, e envolvia uma coisa cinzenta e murcha, terminando em fios de cabelo louro, que era o corpo de Christina.

Instintivamente, com o grito lhe escapando, chamou os outros dois; mas Sears se obrigou a manter o controle, foi até o pé da escada e começou a repetir bem alto, de forma metódica, sem vergonha nenhuma, os nomes deles.

6

"Vocês três os encontraram", disse Hardesty. "E parecem bem abalados." Sears e Ricky estavam sentados em um sofá na casa de John Jaffrey, com Don em uma poltrona ao lado deles. O xerife, ainda de casaco e chapéu, estava apoiado na lareira, tentando esconder o fato de que estava com muita raiva. As marcas molhadas de suas pegadas no tapete, uma fonte de irritação evidente para Milly Sheehan até Hardesty mandar que ela saísse da sala, mostravam um caminho circular, as pisadas firmes dos calcanhares e as pontas quadradas das botas.

"Você também", disse Sears.

"É. Acho que sim. Nunca vi corpos como aqueles. Nem Freddy Robinson estava tão mal. Você já viu corpos assim, Sears James? Viu?"

Sears sacudiu negativamente a cabeça.

"Não. Pode ter certeza de que ninguém nunca viu. E vou ter que guardá-los na cadeia até o rabecão conseguir chegar aqui. *E* eu sou o pobre filho da puta

que tem que levar a sra. Hardie e o sr. Barnes para olhar aquelas coisas malditas e identificá-las. A não ser que você queira fazer isso por mim, sr. James."

"É seu trabalho, Walt", disse Sears.

"Merda. Meu trabalho, é? Meu trabalho é descobrir quem fez o que com essas pessoas — e vocês, abutres velhos, só ficam sentados aí, não é? Vocês os encontraram sem querer, imagino. Só por acaso invadiram aquela casa em particular, só por acaso foram dar uma volta em um dia maldito assim, imagino, e pensaram em invadir uma casinha — Jesus, eu devia trancar vocês três na mesma cela com eles. Junto com Lewis Benedikt estraçalhado e aquele negro de Souza e o garoto Griffen que morreu congelado porque a mãe e o pai hippies foram avarentos demais para colocar um aquecedor no quarto dele. Droga. Era isso o que eu devia fazer." Hardesty, sem conseguir esconder a raiva, cuspiu na lareira e chutou a grade. "Jesus, eu moro naquela porra de cadeia, eu devia arrastar vocês três até lá para ver se gostam."

"Walt", disse Sears. "Calma."

"Claro. Por Deus, se vocês não passassem de dois advogados de cem anos com dentes nas palmas das mãos, eu faria isso mesmo."

"Estou querendo dizer, Walt", explicou Sears calmamente, "que, se parar de nos insultar por um momento, vamos dizer para você quem matou Jim Hardie e a sra. Barnes. E Lewis."

"Vão. Caramba. Acho que não preciso mandar pegar as mangueiras de borracha, então."

Silêncio por um momento. Hardesty disse: "E então? Eu ainda estou aqui".

"Foi a mulher que se apresenta como Anna Mostyn."

"Legal. Que incrível. Certo. Anna Mostyn. Tudo bem. A casa era dela, então foi ela. Bom trabalho. Agora, o que ela fez? Sugou-os até secarem, como um cachorro faz com um ovo? E quem os segurou, porque sei que nenhuma mulher conseguiria segurar aquele garoto maluco, o tal Hardie, sozinha. Hein?"

"Ela teve ajuda", explicou Sears. "Um homem que se apresenta como Gregory Bate ou Benton. Agora se segure aí, Walt, porque vem a parte difícil. Bate está morto há quase cinquenta anos. E Anna Mostyn…"

Ele parou. Hardesty tinha fechado os dois olhos.

Ricky assumiu a palavra. "Xerife, de certa forma você estava certo sobre isso desde o começo. Lembra quando fomos ver as ovelhas de Elmer Scales? E você nos contou sobre outros incidentes, vários, que aconteceram nos anos sessenta?"

Os olhos vermelhos de Hardesty se abriram.

"É a mesma coisa", disse Ricky. "Quer dizer, nós achamos que deve ser a mesma coisa. Mas eles vieram até aqui para matar pessoas."

“Então o que essa Anna Mostyn é?”, perguntou Hardesty, o corpo rígido. “Um fantasma? Um vampiro?”

“Alguma coisa assim”, disse Sears. “Uma transmorfa, mas esses nomes servem.”

“Onde ela está agora?”

“Foi por isso que fomos à casa dela. Para ver se conseguíamos descobrir alguma coisa.”

“E é isso o que vocês vão me contar. Mais nada.”

“Não tem mais nada”, disse Sears.

“Eu me pergunto se alguém consegue mentir como um advogado de cem anos”, disse Hardesty, cuspindo na lareira de novo. “Tudo bem. Agora eu vou dizer uma coisa. Vou divulgar um comunicado sobre essa Anna Mostyn e mais nada. É só isso o que vou fazer. Por mim, vocês dois, abutres velhos, e esse garoto aqui podem passar o resto do inverno caçando fantasmas. Vocês estão malucos. Na minha opinião, estão mesmo ruins da cabeça. E, se eu pegar algum maldito *assassino* que toma cerveja e come hambúrguer e leva o filho para passear no domingo, vou rir da cara de vocês. E vou cuidar para que as pessoas daqui nunca parem de rir quando ouvirem o nome de vocês. Estão entendendo?”

“Não grite conosco, Walt”, disse Sears. “Tenho certeza de que nós todos entendemos o que você disse. E entendemos mais uma coisa.”

“E o que é?”

“Que você está com medo, xerife. Mas está muito bem acompanhado.”

CONVERSA COM G

7

“Você é mesmo marinheiro, G?”

“Hum.”

“Viajou para muitos lugares?”

“Sim.”

“Como pode ficar tanto tempo em Milburn? Por acaso você não tem um navio para onde voltar?”

“Estou de licença.”

“Por que você nunca quer fazer mais nada além de ir ao cinema?”

“Por nenhum motivo.”

“Ah, eu gosto de estar com você.”

“Hum.”

“Mas por que você nunca tira os óculos de sol?”

“Por nenhum motivo.”

“Um dia, eu vou tirá-los.”

“Mais tarde.”

“Promete?”

“Prometo.”

CONVERSA COM STELLA

8

“Ricky, o que está acontecendo conosco? O que está acontecendo com Milburn?”

“Uma coisa terrível. Não quero contar agora. Em algum momento, isso vai acabar.”

“Você está me deixando com medo.”

“Eu também estou com medo.”

“Bom, eu estou com medo porque você está com medo.” Por um tempo, os Hawthorne só ficaram abraçados.

“Você sabe o que matou Lewis, não é?”

“Acho que sim.”

“Bom, eu descobri uma coisa impressionante sobre mim mesma. Às vezes eu sou covarde. Então não me conte. Sei que perguntei, mas não conte. Só quero saber que vai terminar.”

“Sears e eu vamos fazer com que isso aconteça. Com a ajuda do jovem Wanderley.”

“Ele *pode* ajudar?”

“Pode. Já ajudou.”

“Se ao menos essa neve terrível parasse.”

“É. Mas não vai parar.”

“Ricky, eu fui má com você?” Stella se apoiou no cotovelo para olhar nos olhos dele.

“Pior do que a maioria das mulheres”, disse ele. “Mas poucas vezes desejei alguma outra mulher.”

“Peço desculpas por já ter feito você sofrer. Ricky, eu nunca gostei tanto de um homem quanto de você. Apesar das minhas aventuras. Você sabe que isso

acabou, não sabe?”

“Imaginei.”

“Ele era um homem apavorante. Estava no meu carro, e eu tive a percepção sufocante do quanto você era melhor do que ele. Então o mandei embora.” Stella sorriu. “Ele gritou comigo. Ao que parece, eu sou uma vaca.”

“Às vezes, sem dúvida você é.”

“Às vezes. Sabe, ele deve ter encontrado o corpo de Lewis logo depois.”

“Ah. Eu bem que me perguntei o que ele estava fazendo lá.”

Silêncio. Ricky permaneceu com a mão no ombro da esposa, ciente de seu perfil atemporal ao lado dele. Se ela não tivesse aquela aparência, ele teria aguentado tanto tempo? Por outro lado, se não tivesse aquela aparência, ela não seria Stella. Era uma especulação impossível.

“Me conte uma coisa, amor”, sussurrou ela. “Quem era essa outra mulher que você desejava?”

Ricky riu. De repente, os dois, ao menos por um tempo, estavam rindo.

9

Dias imóveis: Milburn estava congelada sob a neve que se acumulava. Donos de oficinas tiravam os telefones do gancho, sabendo que já tinham limpeza de neve suficiente com os clientes habituais; Omar Norris carregava uma garrafa em cada bolso fundo do casaco e fazia o limpador de neve da cidade colidir com o dobro da cota habitual de carros estacionados — ele estava fazendo turno triplo, limpando as mesmas ruas duas ou três vezes por dia, e às vezes, quando voltava para a garagem municipal, Omar estava tão bêbado que simplesmente rolava para um colchão na sala do chefe em vez de ir para casa. Os exemplares d’*O Urbanita* se acumulavam em fardos amarrados nos fundos da gráfica — os entregadores não conseguiam chegar aos pontos de coleta. Por fim, Ned Rowles fechou o jornal por uma semana e mandou todo mundo para casa com um bônus de Natal: “Com um clima assim”, ele disse para a equipe, “não teremos mais nada acontecendo além desse tempo. Tenham um ótimo Natal”.

Mas, mesmo em uma cidade imobilizada, coisas acontecem. Dezenas de carros saíram da estrada e ficaram virados por dias, enterrados na neve fresca. Walter Barnes permaneceu na sala de TV ingerindo uma sucessão de bebidas e viu uma série de programas de prêmios com o som desligado. Peter preparava as refeições. “Eu poderia entender muitas coisas”, disse Barnes para o filho, “mas não consigo entender *isso*.” E voltava à bebedeira silenciosa e ininterrupta.

Numa sexta-feira à noite, Clark Mulligan colocou o primeiro rolo de *A Noite dos Mortos-Vivos* no projetor para a sessão do meio-dia de sábado, apagou todas as luzes, virou a tranca quebrada da porta de incêndio e decidiu mais uma vez não se incomodar com ela. Saiu na neve e encontrou o corpo de Penny Draeger parcialmente coberto de neve ao lado de um carro abandonado. Bateu no rosto dela e esfregou os pulsos da moça, mas nada que pudesse fazer devolveria a respiração à garganta dela e nem mudaria a expressão de seu rosto — G finalmente tinha permitido que ela tirasse seus óculos escuros.

E Elmer Scales enfim encontrou o homem de Marte.

10

Aconteceu na véspera de Natal. A data não significava nada para Elmer. Durante semanas, ele fez suas tarefas tomado por uma fúria cega e impaciente, batia nos filhos se chegassem perto demais e deixou as incumbências de Natal para a esposa; ela comprou os presentes e montou a árvore depois de ter desistido de Elmer até ele perceber que aquilo que estava esperando todas as noites não existia e jamais ficaria por ali de bobeira, aguardando para levar um tiro. Na véspera de Natal, a sra. Scales e as crianças foram para a cama cedo, deixando Elmer sentado com a espingarda no colo e papel e lápis na mesa à direita.

A cadeira de Elmer estava virada para a grande janela e, com as luzes apagadas, ele conseguia ver até o celeiro, um vulto enorme na escuridão. Exceto pelos lugares onde tinha removido a neve com a pá, o gelo ia até a cintura, o suficiente para atrasar a velocidade de qualquer criatura que estivesse atrás de outros animais seus. Elmer não precisava de luz para rabiscar os versos aleatórios nos quais pensava. Agora, não precisava mais nem olhar para o papel. Conseguia escrever olhando pela janela.

verão as velhas árvores estavam altas o bastante para planar delas

e

Senhor Senhor ser fazendeiro é uma tarefa exaustiva

e

alguma coisa que não é esquilo arranhando embaixo das calhas…

Versos que ele sabia que não dariam em nada, não eram poesia, eram coisas sem sentido, mas que precisava escrever porque surgiam em sua mente. Às vezes, outros versos os acompanhavam, parte de uma conversa que alguém estava

tendo com seu pai, e esses fragmentos ele também anotava: *Warren, podemos pegar seu carro emprestado? Prometemos devolver logo. Logo mesmo. Temos uma emergência*.

Às vezes, parecia que seu pai estava na sala escura com ele, tentando explicar alguma coisa sobre os arados antigos que finalmente tinha substituído por um John Deere, tentando dizer que eram bons cavalos, você tem que cuidar deles, garoto, eles foram bons para nós, esses cinco filhos que você tem podem ter muita alegria com cavalos bons como esses — cavalos mortos há 25 anos! —, tentando dizer alguma coisa sobre o carro. *Fique de olho nos dois advogados, filho, bateram meu carro e o perderam, enfiaram em um pântano, sei lá, me deram dinheiro, mas ninguém pode confiar em garotos assim, por mais ricos que os pais deles sejam* — uma voz velha e rachada chegando até ele como quando o coroa ainda estava vivo. Elmer escreveu tudo, misturando com a poesia que não era poesia.

De repente, viu uma forma deslizando na direção da janela, indo ao seu encontro pela neve, atravessando a noite com olhos brilhantes. Elmer largou o lápis e levantou a espingarda, quase disparando pelos dois canos antes de perceber que a criatura não estava fugindo — que sabia de sua presença ali e estava indo para cima dele.

Elmer chutou a cadeira e se levantou. Tateou os bolsos para ter certeza de que estava carregando balas extras, levantou a espingarda e mirou, esperando a coisa chegar perto o bastante para que pudesse ver o que realmente era.

Enquanto avançava, começou a duvidar. Se sabia que ele estava ali, esperando para estourá-la com uma força que a lançaria até o celeiro, por que não estava fugindo? Ele engatilhou a espingarda. A coisa estava se aproximando pelo caminho, entre dois montes de neve, e Elmer finalmente viu que era bem menor do que imaginava.

A criatura saiu do caminho e passou por cima da neve para colocar o rosto na janela, e Elmer viu que era uma criança.

Elmer baixou a arma, atordoado e confuso. Não poderia atirar em uma criança. O rosto na janela o espiava com um apelo frenético e perdido; era a face estampada da infelicidade, de toda desolação humana. Com aqueles olhos amarelos, implorava para que ele saísse, para que a salvasse.

Elmer foi até a porta e ouviu a voz do pai atrás de si. Parou com a mão na maçaneta, com a espingarda pendurada na outra, e abriu a porta.

O ar gelado e a neve sopraram em seu rosto. A criança estava parada na entrada com a cabeça virada. Alguém disse: “Obrigado, sr. Scales”. Elmer se virou e viu um homem alto de pé num monte de neve à esquerda. Ali no alto, equilibrado na neve como uma pena, sorria com gentileza para o fazendeiro. Seu

rosto parecia de marfim, e os olhos eram vibrantes acumulações de algo que, para Elmer, pareciam ser cem tons de dourado.

Era o homem mais bonito que Elmer já tinha visto, e ele sabia que não conseguiria atirar nem se ficasse parado na frente dele por uma década com uma espingarda carregada e engatilhada.

“Você… por quê…? Hã”, Elmer conseguiu dizer.

“Precisamente, sr. Scales”, disse o homem bonito, descendo sem esforço do monte de neve. Quando estava de frente para Elmer, os olhos dourados pareceram cintilar de sabedoria.

“Você não é marciano”, comentou Elmer. Ele nem estava mais sentindo frio.

“Ah, claro que não. Eu sou uma parte *sua*, Elmer. Você consegue ver isso, não?”

Elmer assentiu estupidamente.

A coisa bonita colocou a mão no ombro de Elmer.

“Vim falar com você sobre sua família. Você gostaria de vir conosco, não, Elmer?”

Elmer assentiu de novo.

“Então, temos alguns detalhes que você precisa resolver. No momento, você está um pouco… sobrecarregado, não? Você não pode imaginar o mal que as pessoas ao seu redor lhe fazem, Elmer. Infelizmente, há coisas sobre elas que você precisa saber.”

“Me conte”, pediu Elmer.

“Com prazer. E, depois, você vai saber o que fazer?”

Elmer piscou algumas vezes, confuso.

11

Algumas horas depois, na véspera de Natal, Walt Hardesty acordou no escritório e reparou que a aba do chapéu Stetson tinha uma mancha nova — ele derrubara um copo enquanto dormia na escrivaninha, e a pequena quantidade de bourbon que ficara no vidro encharcou o chapéu. “Babacas”, praguejou ele, referindo-se aos policiais, mas lembrou que seus homens tinham ido para casa horas antes e só voltariam em dois dias. Ele ajeitou o copo e olhou ao redor, piscando várias vezes. A luz do escritório desarrumado incomodava seus olhos, mas parecia estranhamente pálida — fraca e meio rosada, como se em um amanhecer de primavera no Kansas, quarenta anos antes. Hardesty tossiu e esfregou os olhos, sentindo-se um pouco como aquele pateta daquela velha história que foi dormir

um dia e acordou com cabelo branco e uma barba comprida, uns cem anos mais velho. “Rip van Bosta”, murmurou ele, e trabalhou um tempo para limpar o catarro da garganta. Depois, tentou secar a aba do chapéu na manga da camisa, mas a mancha, embora ainda úmida, estava firme. Ele levou o chapéu ao nariz: cheiro de County Fair. *Ah, que se foda,* pensou e chupou a mancha cor de café. Fiapos, poeira e um leve gosto de bourbon entraram em sua boca, junto com o sabor desagradável de feltro molhado.

Hardesty foi até a pia do escritório, enxaguou a boca e se inclinou para se olhar no espelho. Ali estava o verdadeiro Rip van Bosta, o famoso chupador de chapéus, uma visão que não lhe deu prazer, e ele estava perto de se virar quando finalmente percebeu que, mais atrás, à esquerda, visível acima do ombro, a porta das celas estava escancarada.

E isso era impossível. Ele só destrancava aquela porta quando Leon Churchill ou algum outro policial levava outro cadáver esperando para ser despachado para o necrotério do condado — da última vez foi Penny Draeger, com o cabelo preto comprido e sedoso fedorento e sujo de podridão e neve. Hardesty perdera a noção do tempo desde que encontrou os corpos de Jim Hardie e da sra. Barnes e a neve pesada começou, mas achava que Penny Draeger devia ter chegado pelo menos dois dias antes, e a porta estava fechada desde então. Mas agora estava aberta, escancarada, como se um dos corpos lá dentro tivesse saído, vendo que ele estava dormindo com a cabeça virada sobre a mesa, voltando depois para a cela e para o lençol.

Passou pelos arquivos e pela escrivaninha velha e foi até a porta, mexeu-a para a frente e para trás por um momento, e seguiu pelo corredor que conduzia até as celas. Ali havia uma porta alta de metal na qual ele não tocava desde que deixou lá o corpo da garota Draeger. Também estava destrancada.

“Jesus *Cristo*”, disse Hardesty, pois, embora os policiais tivessem a chave da primeira porta, apenas ele podia ficar com a chave daquela, e sequer olhava para aquela porta de metal havia dois dias. Ele pegou a chave grande no chaveiro pendurado ao lado de seu coldre, enfiou na fechadura e ouviu o mecanismo se fechando, movendo o pino. Olhou para a chave por um segundo, como se estivesse esperando para ver se abriria a porta sozinha, e experimentou destrancá-la: difícil como sempre, pois a chave demandava muita pressão para se mover. Ele começou a abrir a porta, quase com medo de olhar atrás dela, para as celas.

Lembrou-se da história maluca que Sears James e Ricky Hawthorne tentaram lhe contar, uma coisa saída dos filmes de terror de Clark Mulligan. Uma cortina de fumaça que acobertava o que eles realmente sabiam, uma coisa em que só um maluco acreditaria. Se fossem mais novos, ele teria caído em cima dos dois. Eles

o estavam ridicularizando, escondendo alguma coisa. Se não fossem advogados…

Ele ouviu um barulho vindo das celas.

Hardesty abriu a porta e entrou no corredor estreito de concreto entre as celas. Mesmo na escuridão, o ar parecia carregado de uma luz rosada suja, obscura e muito suave. Os corpos estavam embaixo dos lençóis, como múmias em um museu. Ele não poderia ter ouvido nenhum barulho, era impossível; a não ser que tivesse ouvido a própria cadeia estalando.

Percebeu que estava com medo, e se detestou por isso. Não conseguia nem dizer mais quem era quem, havia tantos, tantos corpos cobertos com lençóis… mas os cadáveres da primeira cela à direita, ele sabia, eram de Jim Hardie e da sra. Barnes, e aqueles dois nunca mais fariam barulho nenhum.

Ele olhou para dentro da cela através das grades. Os corpos estavam no chão duro embaixo do catre na parede mais distante, duas formas brancas imóveis. Nada de errado ali. *Espere um segundo*, pensou, tentando se lembrar do dia em que os havia colocado na cela. Ele não tinha deixado a sra. Barnes em cima da cama? Estava quase certo disso… e olhou para os dois agora. *Espere aí, espere só um minuto*, pensou, e mesmo no frio das celas sem aquecimento começou a suar. Um pacotinho coberto de branco que só poderia ser o bebê Griffen, que morreu congelado na própria cama, estava deitado no catre. “Espere um maldito segundo”, disse em voz alta, “não é possível.” Ele tinha colocado o bebê Griffen com de Souza em uma cela do outro lado do corredor.

O que mais queria fazer era trancar as portas novamente e abrir uma nova garrafa — *sair deste lugar agora mesmo* —, mas ele abriu a porta da cela e entrou. Tinha que haver uma explicação: um dos policiais foi lá e rearranjou os corpos, abriu mais espaço… mas não era possível, eles nunca iam até ali sem ele… Ele viu os cabelos louros de Christina despontando para fora do lençol. Um segundo antes, o lençol estava bem preso em volta da cabeça.

Ele recuou até a porta da cela, agora totalmente incapaz de ficar tão perto do corpo de Christina Barnes, e quando chegou à soleira da porta olhou de forma enlouquecida ao redor, para os outros corpos. Todos pareciam apresentar diferenças sutis, como se tivessem se movido dois centímetros, rolando e cruzando as pernas enquanto ele estava de costas. Hardesty ficou na entrada da cela, agora desagradavelmente consciente de que estava de costas para todos os outros corpos, mas incapaz de parar de olhar para Christina Barnes. Ele achava que tinha mais cabelo para fora do lençol.

Quando olhou para a pequena forma no catre, o estômago de Hardesty subiu até a garganta. Como se a criança morta tivesse se sacudido debaixo do lençol, o

topo da cabeça redonda e careca aparecia por uma abertura no tecido, uma paródia grotesca do nascimento.

Hardesty pulou para trás, saindo da cela para o corredor escuro. Embora não pudesse vê-los se mexendo, teve uma sensação louca e apavorante de que todos os corpos nas celas estavam em movimento — que, se ficasse ali no escuro por mais um segundo, apontariam para ele como os ponteiros de uma dezena de bússolas.

De uma cela do final do corredor, que ele sabia estar vazia, veio um som seco e arrastado, quase mudo. Uma risada. Esse som vazio de diversão se desdobrou em sua mente, mais um pensamento do que um som. Hardesty recuou com nervosismo pelo corredor até esbarrar na porta de metal, depois se virou e a fechou.

AS FITAS DE EDWARD

12

Don se encostou no parapeito da janela, olhando com ansiedade para a Haven Lane. Eles deveriam ter chegado quinze ou vinte minutos antes. A menos que Sears estivesse guiando. Se Sears tivesse insistido em dirigir, Don não fazia ideia de quanto tempo o trajeto desde a casa de Ricky levaria. Arrastando-se a dez a quinze quilômetros por hora pelas ruas, correndo o risco de colidir a cada cruzamento e sinal de trânsito: pelo menos, na velocidade de Sears, eles não teriam como morrer. Mas poderiam ficar isolados, longe do que supunham ser a segurança da casa de Ricky e de seu tio. Se ficassem sozinhos na neve, a pé, com o carro inutilizado, Gregory poderia se aproximar, falando de forma simpática, esperando que eles se movessem ou saíssem correndo.

Don desviou a visão da janela e perguntou para Peter Barnes: “Quer café?”.

“Não, obrigado”, disse o garoto. “Eles estão chegando?”

“Ainda não. Mas vão chegar.”

“A noite está terrível. A pior até agora.”

“Bem, tenho certeza de que eles vão chegar logo”, garantiu Don. “Seu pai não se importou de você sair de casa na véspera de Natal?”

“Não”, disse Peter, parecendo verdadeiramente infeliz pela primeira vez naquela noite. “Ele… acho que ele está de luto. Nem me perguntou aonde eu estava indo.” Peter manteve seu rosto inteligente firme, sem permitir que a dor transparecesse nas lágrimas que Don sabia que estavam próximas.

Don voltou para a janela e se inclinou para a frente, encostando as mãos no vidro frio. “Estou vendo alguém chegando.”

Peter parou atrás dele.

“Sim. Estão parando. São eles.”

“O sr. James está morando com o sr. Hawthorne agora?”

“Foi ideia deles. Nós todos achamos mais seguro assim.” Os dois viram Sears e Ricky saindo do carro e começando a lutar para chegar na calçada.

“Eu quero dizer uma coisa”, avisou Peter atrás dele, e Don se virou para olhar para o garoto alto. “Estou feliz de você estar aqui.”

“Peter”, respondeu Don, “se pegarmos essas coisas antes que elas nos peguem, vai ser principalmente por mérito seu.”

“Nós vamos”, Peter disse baixinho e, quando Don foi até a porta, soube que ele e o garoto estavam igualmente agradecidos pela companhia um do outro.

“Entrem”, disse ele para os dois homens mais velhos. “Peter já está aqui. Como está o resfriado, Ricky?”

Ricky Hawthorne sacudiu negativamente a cabeça. “Estável. Você tem alguma coisa e quer que a gente escute?”

“Nas fitas do meu tio. Vou ajudar com seus casacos.”

Um minuto depois, ele os estava guiando pelo corredor. “Tive dificuldade para encontrar as fitas certas”, contou ele. “Meu tio não etiquetava as caixas.” Ele abriu a porta do escritório. “É por isso que o lugar está assim.” Caixas brancas vazias e rolos de fita cobriam o chão. Outras caixas brancas cobriam a mesa.

Sears tirou um rolo de fita de uma cadeira e se sentou; Ricky e Peter se acomodaram em cadeiras dobráveis encostadas em uma parede coberta de livros.

Don foi para trás da mesa. “Acho que tio Edward tinha algum tipo de sistema de arquivamento, mas não consegui descobrir qual era. Tive que ouvir tudo para encontrar as fitas de Moore.” Ele se sentou atrás da mesa. “Se eu fosse outro tipo de escritor, nunca mais precisaria elaborar uma história. Meu tio ouvia mais sujeira extraoficialmente do que Woodward e Bernstein.”

“Seja como for”, disse Sears, estendendo as pernas deliberadamente para empurrar uma pilha de caixas brancas, “você as encontrou. E quer que escutemos alguma coisa. Vamos escutar logo.”

“Tem bebidas na mesa”, disse Don. “Vocês vão precisar. Sirvam-se.” Enquanto Ricky e Sears pegavam uísque, e Peter, uma Coca-Cola, Don descreveu a técnica de gravação do tio.

“Ele apenas deixava o gravador ligado, para captar tudo que a pessoa dissesse. Durante as sessões formais de gravação, claro, mas também durante refeições, bebidas, televisão, para gravar qualquer coisa que a pessoa pudesse

dizer. Assim, de tempos em tempos, a pessoa ficava sozinha em um aposento com o gravador ligado. Vamos ouvir alguns momentos em que isso aconteceu.”

Don girou a cadeira para ligar o gravador na prateleira atrás dele. “Está no ponto certo. Não vou precisar dizer em que prestar atenção.” Ele apertou o play, e a voz de Edward Wanderley surgiu na sala, saindo dos grandes alto-falantes posicionados atrás da mesa.

“Então ele batia em você por causa do dinheiro que você gastava com aulas de teatro?”

Uma voz feminina respondeu: “Não. Ele batia em mim porque eu existia”.

“Como você se sente em relação a isso agora?”

O silêncio se prolongou por um tempo, e a outra voz disse: “Você pode me servir uma bebida, por favor? Para mim é difícil falar sobre isso”.

“Sim, claro, eu entendo. Campari com água com gás?”

“Você se lembra. Que lindo.”

“Já volto.”

Barulhos de uma cadeira arrastando, passos; a porta se fechando.

Nos poucos segundos de silêncio que vieram em seguida, Don manteve o olhar em Sears e Ricky. Estavam olhando os rolos de fita chiando nos cabeçotes.

“Meus velhos amigos estão me ouvindo agora?” Era outra voz, mais velha, mais brusca, mais seca. “Quero dizer oi para todos vocês.”

“É Eva”, disse Sears. “É a voz de Eva Galli.” Em vez de medo, seu rosto exibia raiva. A aparência de Ricky Hawthorne mostrava que seu resfriado tinha piorado muito.

“Na última vez que nos encontramos, nós nos separamos de uma forma tão vergonhosa que eu queria que todos soubessem que me lembro de vocês muito bem. Você, querido Ricky; e você, Sears, que homens dignos vocês se tornaram! E você, belo Lewis. Que sorte você tem de estar ouvindo isso hoje! Nunca se perguntou o que teria acontecido se você tivesse entrado no quarto da garota em vez de deixar sua esposa atender ao chamado? E o pobre e feio John, preciso agradecer de antemão por dar uma festa tão maravilhosa. Vou me divertir muito na sua festa, John, e deixarei um presente, uma lembrança de futuros presentes para todos vocês.”

Don tirou o rolo do gravador e disse: “Não digam nada agora. Escutem o próximo rolo primeiro”. Ele colocou um segundo rolo e avançou até um ponto que anotara em um bloco. Em seguida, apertou o play de novo.

Edward Wanderley disse: “Quer fazer uma pausa? Posso preparar um almoço para nós”.

“Sim, por favor. Mas não se preocupe comigo. Vou ficar aqui olhando seus livros até tudo estar pronto.”

Depois que Edward saiu da sala, a voz de Eva Galli soou novamente nos alto-falantes.

“Oi, meus velhos amigos. E temos um novo amigo, mais jovem, com vocês?”

“Não você, Peter”, esclareceu Don. “Eu.”

“Don Wanderley está com vocês? Don, estou ansiosa para rever você também. Pois eu vou revê-lo, sabe? Vou visitar cada um de vocês e agradecer pessoalmente pelo tratamento que me deram um tempo atrás. Espero que estejam ansiosos pelas coisas extraordinárias que os aguardam.” Ela fez uma pausa, usando o espaço entre as frases para formar parágrafos separados.

“Vou levá-los a lugares aonde vocês nunca foram.

“E vou ver a vida se esvaindo de vocês.

“E vou ver vocês morrendo como insetos. *Insetos*.”

Don desligou a máquina. “Há mais uma fita que eu gostaria de colocar, mas acho que vocês já entenderem por que eu achei que deveriam ouvir isso.”

Ricky ainda parecia abalado. “Ela *sabia*. Sabia que nós sentaríamos aqui… para ouvi-la. Ouvir suas ameaças.”

“Mas ela falou com Lewis e John”, disse Sears. “Isso nos dá uma dica.”

“Exatamente. Você entendeu o que isso quer dizer. Ela não consegue prever as coisas, apenas é capaz de dar bons palpites. Achou que um de vocês verificaria essas fitas pouco depois da morte do meu tio. E que ficariam pensando nela por um ano, até que ela comemorasse o aniversário da morte de Edward matando John Jaffrey. Obviamente, achou que vocês me escreveriam, e que eu viria tomar posse da casa. Claro que colocar meu nome na fita significou que vocês teriam que fazer contato comigo. Sempre foi parte do plano dela que eu viesse para cá.”

Ricky disse: “No fim das contas, nós tiramos conclusões muito bem sozinhos”.

“Acho que ela provocou seus pesadelos. De qualquer forma, queria nós todos aqui, para poder nos pegar um a um. Agora quero que vocês escutem a última fita.” Ele tirou o rolo do mecanismo, pegou um terceiro ao lado dele e colocou no gravador.

Uma voz sulista cantante soou nos alto-falantes.

“*Don*. Nós não passamos momentos maravilhosos juntos? Não nos amamos, Don? Eu odiei deixar você. De verdade, fiquei de coração partido quando fui embora de Berkeley. Consegue se lembrar do cheiro de folhas queimadas quando você me levava para casa, o cachorro latindo em uma rua ali perto? Era tudo tão lindo, Don. E veja que coisa maravilhosa você fez disso! Eu senti tanto orgulho. Você pensou e pensou sobre mim, e chegou tão perto. Eu *queria* que você visse,

queria que visse tudo e tivesse a mente aberta para todas as possibilidades que representamos… pelas histórias de Tasker Martin e do X.X.X.…”

Ele desligou o gravador. “Alma Mobley”, explicou. “Acho que vocês não precisam ouvir o resto.”

Peter Barnes se remexeu na cadeira. “O que ela está tentando fazer?”

“Nos convencer da onipotência dela. Nos deixar com tanto medo a ponto de desistirmos.” Ele se inclinou para a frente. “Mas essas fitas provam que ela não é onipotente. Que comete erros. Então, os monstros dela podem cometer erros. Podem ser derrotados.”

“Bom, você não é Knute Rockne e isto não é o grande jogo”, disse Sears. “Eu vou para casa. Para a casa de Ricky, quer dizer. A não ser que existam outros fantasmas que você queira escutar.”

Surpreendentemente, foi Peter quem retrucou. “Sr. James, me perdoe, mas acho que você está errado. Este é o grande jogo; é um termo idiota e sei que foi por isso que você o usou, mas nos livrar dessas *coisas* horríveis é a coisa mais importante que vamos fazer na vida. E fico feliz de termos descoberto que eles podem cometer erros. Acho errado tratar o problema com esse sarcasmo. Você não agiria assim se os tivesse visto… se os tivesse visto matando alguém.”

Don esperou com resignação que Sears destruísse o garoto, mas o advogado apenas bebeu o resto do uísque e se inclinou para falar com Peter. “Você está esquecendo que eu os vi, sim. Conheci Eva Galli e a vi se levantando depois de morta. E conheço o animal que matou sua mãe, e o irmãozinho patético dele, o que segurou você e o fez testemunhar tudo, eu também o conheci. Quando era apenas um estudante retardado, eu tentei salvá-lo de Gregory, assim como você deve ter tentado salvar sua mãe, e também fracassei. E, como você, fico moralmente ofendido de ouvir a voz daquela criatura em qualquer uma das suas formas; fico moralmente ultrajado de ouvir aquela voz exultante. É indescritível a maneira como ela nos provoca depois de tudo que fez. Acho que eu só quis dizer que ficaria mais à vontade com um plano de ação mais específico.” Ele se levantou. “Sou um homem velho e estou acostumado a me expressar da forma que desejar. Às vezes, sou rude.” Sears sorriu para o garoto. “Isso também pode ser moralmente ofensivo. Mas espero que você viva o suficiente para apreciar o prazer de agir assim.”

Se um dia eu precisar de um advogado, pensou Don, é você que eu quero.

O discurso pareceu ter funcionado com o garoto também. “Não sei se eu teria seu estilo”, disse Peter, retribuindo o sorriso do idoso.

• • •

E assim, refletiu Don depois que todos foram embora, as vozes nas fitas fracassaram: as gravações tornaram os quatro ainda mais próximos. O comentário de Peter para Sears foi expresso de forma adolescente, mas foi admirável mesmo assim, e Sears demonstrou em sua resposta que gostava dele.

Don voltou ao gravador; Alma Mobley estava lá, presa em alguns rolos de material coberto de âmbar.

Franzindo a testa, ele apertou o play. Sedosa no começo, ensolarada, a voz dela voltou a soar.

"… e Alan McKechnie e todas as outras histórias que usei para esconder a verdade de você. É verdade, eu queria que você visse: sua intuição era melhor do que a de qualquer outra pessoa. Até Florence de Peyser ficou curiosa a seu respeito. Mas que benefício poderia ter surgido disso? Como sua 'Rachel Varney', eu estou viva desde a época em que a luz em seu continente vinha de pequenas fogueiras na floresta, desde que os americanos se vestiam de peles e penas, e mesmo então nossas espécies abominavam uma à outra. A sua é tão sem graça e arrogante e superficialmente confiante, e tão neurótica e temerosa e desesperada por afeto. Na verdade, nós abominamos vocês porque os achamos chatos. Poderíamos ter envenenado a sua civilização séculos atrás, mas vivemos voluntariamente nas extremidades, provocando erupções e brigas e pânico. Escolhemos viver nos seus sonhos e na sua imaginação porque apenas aí vocês são interessantes.

"Don, você estaria cometendo um erro grave se nos subestimasse. Você teria como derrotar uma nuvem, um sonho, um poema? Você está à mercê de sua imaginação humana e, quando nos procurar, deve sempre olhar nos cenários da sua imaginação. Nos cenários dos seus sonhos. Mas, apesar de toda essa falação sobre imaginação, nós somos implacavelmente reais, tão reais quanto balas e facas, pois essas também não são ferramentas da imaginação? E, se quisermos botar medo em você, seria para matá-lo de medo. Pois você vai morrer, Donald. Primeiro seu tio, depois o médico, em seguida Lewis. Então Sears e, depois dele, Ricky. Depois deles, você e quem mais tiver convocado para ajudar. Na verdade, Donald, você já está morto. Você já era. E Milburn também já era." Agora, o sotaque da Louisiana tinha sumido; até a feminilidade desaparecera. Era uma voz sem nenhuma ressonância humana. "Eu vou destruir Milburn, Donald. Meus amigos e eu vamos arrancar a alma dessa cidade patética e triturar os ossos dela com os dentes."

Um silêncio sibilante veio em seguida. Don arrancou a fita do dispositivo e jogou em uma caixa de papelão. Em vinte minutos, tinha colocado todas as fitas do tio em caixas. Levou as caixas para a sala e, metodicamente, jogou cada uma no fogo da lareira, onde soltaram fumaça e encolheram e federam e por fim

derreteram até sobrarem apenas bolhas pretas na lenha em chamas. Se Alma pudesse vê-lo, com certeza estaria rindo.

Você já está morto, Donald.

"Não estou morto porra nenhuma", disse ele em voz alta. Então se lembrou do rosto abatido de Eleanor Hardie, no qual a idade surgiu tão repentinamente; Alma estava rindo dele e da Sociedade Chowder havia décadas, diminuindo seus feitos e arquitetando suas tragédias, escondendo-se no escuro por trás de um rosto falso, esperando o momento para pular e dizer "Bu!".

E Milburn também já era.

"Não se pegarmos você primeiro", disse ele para o fogo. "Não se desta vez atirarmos no lince."

III.
O fim da Sociedade Chowder

“Você teria como derrotar uma nuvem, um sonho, um poema?”
— Alma Mobley

“E o que é inocência?”, perguntou Narciso ao amigo.
“É imaginar que sua vida é secreta”, respondeu o amigo.
“Principalmente imaginar que é um segredo entre você e um espelho.”
“Entendi”, disse Narciso. “É a doença cuja cura é olhar no espelho.”

1

Perto das sete horas, Ricky Hawthorne rolou na cama e grunhiu. Foi tomado por sentimentos de pânico, de urgência, tornando a escuridão incômoda; ele precisava sair da cama, se mover, impedir alguma tragédia terrível. “Ricky?”, murmurou Stella ao seu lado. “Eu estou bem”, respondeu ele, sentando-se na cama. A janela na extremidade do quarto mostrava uma imagem cinza escura no meio da nevasca que caía preguiçosamente, com flocos tão grandes que pareciam bolas de neve. Os batimentos de Ricky soavam: *ruína, ruína*. Alguém estava correndo um perigo terrível. Antes do despertar total, ele viu uma imagem e soube com muita aflição de quem se tratava. Agora, só sabia que era impossível ficar na cama. Ergueu as cobertas e botou uma perna para fora.

“Foi seu pesadelo de novo, amor?”, sussurrou Stella com voz rouca.

“Não. Não foi isso. Eu vou ficar bem, Stella.” Ele deu um tapinha no ombro dela e saiu da cama. A sensação de urgência permanecia. Ricky enfiou os pés nos chinelos, vestiu um roupão por cima do pijama e andou até a janela.

“Querido, você está inquieto, volte para a cama.”

“Não posso.” Ele esfregou o rosto; aquele sentimento louco de que alguém estava em perigo mortal ainda estava preso em seu peito como um pássaro. A neve transformara o quintal de Ricky em uma cadeia de colinas que se deslocava e formava buracos.

Foi a neve que o fez se lembrar, a neve soprando por um espelho na casa de Eva Galli e um vislumbre de Elmer Scales, com o rosto distorcido por um

compromisso que firmara com uma beleza mandona e cruel, correndo desajeitadamente entre os montes de neve. Levantando uma espingarda, transformando uma forma pequena em um jorro de sangue. O estômago de Ricky se contraiu de forma intensa, disparando uma dor que chegou até sua bexiga. Ele encostou a mão na pele macia embaixo do umbigo e grunhiu de novo. A fazenda de Elmer Scales. Onde o último estágio da agonia da Sociedade Chowder tinha começado.

"Ricky, o que foi?"

"Uma coisa que vi em um espelho", disse ele, empertigando-se agora que a dor tinha passado, ciente de que essa declaração não faria sentido para Stella. "Quer dizer, uma coisa a ver com Elmer Scales. Tenho que ir até a fazenda dele."

"Ricky, são sete horas de uma manhã de Natal."

"Não faz diferença."

"Você não pode. Ligue para ele primeiro."

"Sim", disse ele, já saindo do quarto, passando pelo rosto branco e assustado de Stella. "Vou tentar."

Ele estava no corredor em frente ao quarto, ainda com aquele despertar emergencial pulsando nas veias (*ruína*, *ruína*) e ficou indeciso por um segundo entre correr para o closet e vestir umas roupas para já estar pronto para sair ou ir às pressas como estava para o andar de baixo, a fim de pegar o telefone.

Um ruído no andar inferior o ajudou a tomar a decisão. Ricky colocou a mão no corrimão e desceu.

• • •

Sears, totalmente vestido e com o casaco de gola de pele pendurado braço, estava saindo da cozinha. A expressão de brandura agressiva que era uma constante nele tinha sumido; o rosto de seu velho amigo estava tão contraído quanto Ricky sabia que o seu estaria.

"Você também", comentou Sears. "Sinto muito."

"Acabei de acordar", respondeu Ricky. "Sei o que você está sentindo. Quero ir com você."

"Não interfira", disse Sears. "Só vou sair daqui, dar uma olhada por aí e verificar se está tudo bem mesmo. Estou me sentindo um gato em um telhado quente."

"Stella teve uma boa ideia. Vamos tentar ligar para ele primeiro. Depois, nós dois vamos juntos."

Sears fez que não com a cabeça. "Você vai me atrasar, Ricky. Vou estar mais seguro sozinho."

“Pare com isso.” Ricky colocou a mão no cotovelo de Sears e o guiou até o sofá. “Ninguém vai a lugar nenhum até tentarmos telefonar. Depois disso, podemos conversar sobre o que fazer.”

“Não temos nada para conversar”, disse Sears, mas se sentou mesmo assim. Ele se virou para olhar Ricky pegando o telefone na mesinha lateral. “Você sabe o número dele?”

“Claro”, disse Ricky e discou. O telefone de Elmer Scales tocou, tocou de novo e mais uma vez. “Vou dar mais tempo a ele”, comentou Ricky, deixando tocar dez, doze vezes. Ele ouviu novamente aquela pulsação frenética: *ruína, ruína*.

“Não adianta”, disse Sears. “É melhor eu ir. Acho que nem vou conseguir chegar com essas estradas.”

“Sears, ainda está muito cedo”, argumentou Ricky, colocando o telefone no lugar. “Talvez ninguém tenha ouvido tocar.”

“Às sete…” Sears olhou o relógio. “Às 7h10 da manhã de Natal? Em uma casa com cinco crianças? Você acha mesmo provável? Sei que tem alguma coisa errada por lá e, se eu conseguir chegar à casa, talvez seja capaz de impedir que fique pior. Não pretendo esperar você se vestir.” Sears se levantou e começou a vestir o casaco.

“Pelo menos ligue para Hardesty e deixe que ele vá até lá. Você sabe o que eu vi na casa.”

“Que piada sem graça, Ricky. Hardesty? Não seja idiota. Elmer não vai atirar em mim. Nós dois sabemos disso.”

“Sei que não”, disse Ricky, desolado. “Mas estou preocupado, Sears. É alguma coisa que Eva está fazendo, como o que ela fez com John. Nós não deveríamos deixar que ela nos separasse. Se formos correndo em direções diferentes, ela vai conseguir nos pegar, nos destruir. Precisamos ligar para Don e pedir que ele vá com a gente. Ah, eu sei que uma coisa terrível está acontecendo lá, estou convencido disso, mas você vai arrumar coisa pior se tentar ir sozinho.”

Sears olhou para um suplicante Ricky Hawthorne, e a impaciência em seu rosto desapareceu. “Stella nunca me perdoaria se eu deixasse você sair com esse resfriado horrível de novo. E Don demoraria meia hora ou mais para chegar lá. Você não pode me fazer esperar, Ricky.”

“Eu nunca consegui obrigar você a fazer nada que não quisesse.”

“Pois é”, disse Sears, abotoando o casaco.

“Você não é descartável, Sears.”

“E quem é? Você consegue pensar em uma pessoa que considere descartável, Ricky? Já perdi muito tempo, então não me faça esperar enquanto você tenta se justificar citando Hitler ou Albert de Salvo ou Richard Speck ou…”

“Mas do que é que vocês estão falando?” Stella estava na entrada da sala, ajeitando o cabelo com as mãos.

“Prenda seu marido no sofá e dê uísque quente para ele até eu voltar”, disse Sears.

“Não o deixe ir, Stella”, pediu Ricky. “Ele não pode ir sozinho.”

“É urgente?”, perguntou ela.

“Pelo amor de Deus”, murmurou Sears, e Ricky assentiu.

“Então é melhor ele ir. Espero que consiga ligar o carro.”

Sears foi na direção do corredor, e Stella chegou para o lado para deixá-lo passar. Mas, antes de entrar no corredor, ele se virou para olhar mais uma vez para Ricky e Stella. “Eu vou voltar. Não se desespere por mim, Ricky.”

“Você sabe que já deve ser tarde demais.”

“Já deve ser tarde demais há cinquenta anos”, disse Sears. Em seguida, se virou e foi embora.

2

Sears colocou o chapéu e saiu na manhã mais fria que já tinha visto. Suas orelhas e a ponta do nariz começaram a arder na mesma hora. Um momento depois, a parte desprotegida da testa também estava ardendo com o frio. Ele desceu com cuidado pela calçada escorregadia, reparando que a neve da noite anterior foi a mais fraca em três semanas; só havia doze ou quinze centímetros de neve fresca sobre a antiga, e isso queria dizer que havia uma boa chance de conseguir botar o velho Lincoln na estrada.

A chave entalou na metade da fechadura. Xingando com impaciência, Sears a puxou e tirou a luva para procurar o isqueiro no bolso. O frio maltratou seus dedos, mas o isqueiro acendeu. Sears passou a chama pela chave, e quando seus dedos pareciam prestes a cair, enfiou a chave com perfeição na fechadura. Ele abriu a porta e se acomodou no banco de couro.

Em seguida veio a tarefa interminável de ligar o motor. Sears cerrou os dentes e tentou fazer o carro pegar na base da força de vontade. Ele viu o rosto de Elmer Scales como quando estava acordando, encarando-o com olhos atordoados e desfocados e dizendo *Você tem que vir aqui, sr. James, eu não sei o que ando fazendo, mas venha até aqui, pelo amor de Deus*… O motor trincou e estalou, mas acabou pegando. Sears pisou no acelerador, fazendo o carro rugir, e se balançou para a frente e para trás para tirar o automóvel daquela depressão e empurrar a neve acumulada em volta.

Depois que virou o carro para a rua, Sears pegou o removedor de gelo no painel e tirou a neve do para-brisa. Os jorros grandes e inofensivos de neve rodopiaram ao seu redor em um amanhecer silencioso. Ele virou o removedor e usou sua lâmina para abrir um buraco de vinte centímetros diretamente à frente do volante. Deixaria o aquecedor fazer o resto.

"Coisas que é melhor você não saber, Ricky", ele disse para si mesmo, pensando nas pegadas de criança que viu nos montes de neve em frente à sua janela durante três manhãs seguidas. Na primeira manhã, tinha fechado as cortinas para o caso de Stella entrar no quarto de hóspedes a fim de arrumá-lo. Um dia depois, percebeu que Stella tinha uma abordagem bastante descuidada em relação à arrumação da casa, e que nem mesmo um suborno faria com que entrasse no quarto de hóspedes; ela estava esperando a faxineira conseguir voltar de Hollow. Por duas manhãs, essas pegadas de pés descalços marcaram a neve que subia incansavelmente até a janela, mesmo do lado protegido da casa em que Sears estava. Naquela manhã, depois que o rosto drogado de Elmer o arrancou do sono sem cerimônia, ele viu as pegadas no parapeito. Quanto tempo demoraria para Fenny aparecer dentro da casa dos Hawthorne, subindo e descendo a escada com alegria? Uma noite? Se Sears pudesse levá-lo para longe, talvez desse mais tempo para Ricky e Stella.

Enquanto isso, ele tinha que atender Elmer Scales e *ir até lá, pelo amor de Deus*… Ricky também havia captado o sinal, fosse o que fosse, mas felizmente Stella aparecera para mantê-lo em casa.

O Lincoln desceu para a rua e começou a abrir caminho na neve. Existe um consolo, pensou Sears: a esta hora, em uma manhã de Natal, a única outra pessoa que poderia encontrar na rua seria Omar Norris.

Sears afastou o rosto e a voz de Elmer Scales da consciência e se concentrou na direção. Omar tinha trabalhado durante boa parte da noite, ao que parecia, porque quase todas as ruas do centro de Milburn estavam limpas, sobrando apenas os últimos dez ou doze centímetros de neve congelada e dura. Nessas ruas, o único perigo era deslizar na cobertura gelada embaixo das rodas e sair girando até colidir com um carro coberto de neve… ele pensou em Fenny Bate no parapeito, abrindo a janela, entrando na casa, farejando em busca do cheiro de coisas vivas… mas não, aquelas janelas contavam com protetores contra as tempestades, e ele tinha cuidado para que as janelas internas estivessem fechadas.

Talvez estivesse fazendo a coisa errada. Talvez devesse dar meia-volta e retornar para a casa de Ricky.

Mas percebeu que não poderia fazer isso. Ultrapassou um sinal vermelho no alto da praça e tirou o pé do acelerador, deixando o Lincoln seguir por embalo

para a frente hotel. Não poderia voltar. A voz de Elmer pareceu ficar mais forte, revelando tons profundos de dor, de confusão *(Meu Deus, Sears, não consigo entender o que está acontecendo aqui)*. Ele virou o volante e endireitou o carro. A única parte difícil agora seria a rodovia, os poucos quilômetros de colinas traiçoeiras, carros caídos nas valas dos dois lados… ele talvez fosse obrigado a caminhar.

Meu Deus, Sears, não consigo entender todo esse sangue… parece que os invasores finalmente chegaram, e estou morrendo de medo, Sears, morrendo…

Sears pisou no acelerador, fazendo-o ceder uma fração de centímetro.

3

No alto da Underhill Road, ele parou. Estava bem pior do que esperava. Através da neve e da escuridão da manhã, conseguia ver as luzes vermelhas do limpador de neve de Omar, que seguia de forma enlouquecedora e lenta na direção da rodovia. Um morro de quase três metros que parecia uma onda ideal para um surfista se curvava na parte não desobstruída da Underhill Road. Se ele tentasse ultrapassar o limpador de neve de Omar, enterraria o Lincoln na neve.

Por um segundo, teve um impulso louco de fazer isso, meter o pé no acelerador e descer os cinquenta metros até o pé da colina e enfiar o Lincoln na neve, perfurando-a ao lado de Omar em seu trono de câmera lenta e explodindo pela montanha de neve na rodovia… parecia que Elmer o estava mandando fazer isso. *Bote esse carro em movimento, sr. James. Eu preciso muito de você…*

Sears apertou a buzina, comprimindo a mão com força. Omar se virou e olhou para ele, boquiaberto. Quando viu o Lincoln, balançou um dedo no ar, pelo vidro de trás da cabine. Sears o viu oscilando no assento, com o rosto coberto por uma máscara de esqui com uma camada de neve em cima, e soube de duas coisas ao mesmo tempo. Omar estava bêbado, quase morto de exaustão, e gritava com ele, mandando-o dar meia-volta e dizendo-lhe para não descer a colina. Os pneus do Lincoln não se manteriam firmes na descida.

A voz teimosa e persuasiva de Elmer o impedia de enxergar o que quer que fosse.

O Lincoln, desengrenado, desceu alguns centímetros na longa colina. Omar desligou o limpador de neve e se levantou, tirando metade do corpo para fora da cabine e apoiando-se na beirada da pá frontal. Estendeu a mão com a palma virada, como um guarda de trânsito. Sears pisou no freio, e o Lincoln tremeu na

superfície limpa e escorregadia. Omar estava fazendo movimentos circulares com a mão livre, mostrando-lhe que deveria dar meia-volta ou ré.

O carro de Sears desceu mais quinze centímetros pela ladeira, e ele segurou o freio de mão, sem pensar mais em como manusear o carro, apenas tentando fazê-lo parar. Ele ouviu Elmer dizendo *Sears… preciso… preciso*… aquela voz teimosa e aguda incentivando o carro a ir em frente.

E então ele viu Lewis Benedikt no pé da colina, correndo em sua direção, balançando os braços para fazê-lo parar, com uma jaqueta cáqui voando em suas costas e o cabelo balançando.

… preciso… preciso…

Sears soltou o freio de mão e enfiou o pé no acelerador. O Lincoln se projetou para a frente, com os pneus traseiros chiando, e despencou colina abaixo, derrapando de um lado para o outro. Atrás da figura de Lewis correndo, Sears viu um Omar Norris borrado, de pé e imóvel no limpador de neve.

Descendo a 120 quilômetros por hora, o Lincoln atravessou a figura de Lewis Benedikt. Sears abriu a boca e gritou, virando o volante desesperadamente para a esquerda. O Lincoln deu três quartos de volta e bateu no limpador de neve com o para-lama traseiro do lado direito antes de mergulhar na montanha de neve enorme e curva.

Com os olhos fechados, Sears ouviu o baque úmido e desesperador de um objeto pesado no para-brisa. Um momento depois, sentiu a atmosfera ao redor ficando pesada. No infinito segundo seguinte, o carro parou de repente, como se tivesse batido em uma parede.

Ele abriu os olhos e viu que estava na escuridão. Sua cabeça ardia no ponto em que tinha batido durante a colisão. Sears levou uma das mãos à têmpora e percebeu que havia sangue; com a outra, acendeu as luzes internas do carro. O rosto mascarado de Omar Norris, espremido contra o para-brisa, espiava com o olhar vazio o banco do passageiro. Como cimento, um metro e meio de neve seguravam firmemente o carro.

“Agora, irmãozinho”, disse uma voz grave na parte de trás do carro.

Uma mão pequena, com terra embaixo das unhas, surgiu e fez carinho na bochecha de Sears.

• • •

A violência de sua reação pegou Sears de surpresa: ele se jogou para o lado, tirando o corpo de baixo do volante sem planejamento ou pensamento prévio, movido por uma repulsa intensa. A bochecha parecia arranhada onde a criança havia tocado; e, no carro isolado, ele já conseguia sentir a podridão deles.

Estavam no banco de trás, inclinados para a frente, encarando-o com a boca aberta. Ele também os tinha assustado.

O nojo por aqueles seres obscenos cresceu nele. Ele não morreria passivamente em suas mãos. Sears se jogou para a frente e grunhiu, mirando o único soco que deu em sessenta anos. Acertou o malar de Gregory Bate e sua mão deslizou, arrancando a pele, até alcançar uma maciez úmida e fétida. Um fluido brilhante escorreu pela bochecha rasgada.

"Então dá para machucar você", disse Sears. "Por Deus, é possível."

Rosnando, os dois voaram para cima dele.

MEIO-DIA, NATAL

4

Ricky soube que Hardesty estava bêbado no momento em que sussurrou duas palavras ao telefone. Quando terminou uma série de frases, deu-se conta de que Milburn não tinha mais um xerife.

"Sabe onde você pode enfiar esse emprego?", disse Hardesty e arrotou. "Pode enfiar no cu. Está ouvindo, Hawthorne?"

"Estou, Walt." Ricky estava sentado no sofá e olhou para Stella, cujo rosto estava virado para o outro lado, aninhado em suas mãos. Já de luto, pensou ele, de luto porque o deixou ir sozinho, porque o enviou para a rua sem uma bênção, sem nem sequer um agradecimento. Don Wanderley estava agachado no chão ao lado da cadeira de Stella e colocou o braço ao redor dos ombros dela.

"É, você está me ouvindo. Então escute. Eu fui fuzileiro, sabia, advogado? Na Coreia. Cheguei a sargento, está ouvindo?" Um estrondo alto: Hardesty caíra em uma cadeira ou derrubara um abajur. Ricky não respondeu. "Sargento, porra. Fuzileiro naval. Pode me chamar de herói, não me importo. Bom, eu não precisei de você para me dizer para ir até aquela fazenda. Um vizinho foi lá por volta das onze e encontrou todos eles. Scales matou todos. Com tiros. Depois, se deitou embaixo daquela maldita árvore e se matou. A polícia estadual levou todos os corpos em um helicóptero. Agora me diga por que ele fez isso, advogado. E me diga como sabia que tinha acontecido alguma coisa lá."

"Porque uma vez eu peguei o carro do pai dele emprestado", disse Ricky. "Sei que não faz sentido, Walt."

Ao lado de Stella, Don olhou para ele, mas ela apenas escondeu ainda mais o rosto entre as mãos.

“Não faz… porra nenhuma. Que lindo. Bom, pode procurar um xerife novo para esta cidade. Vou cair fora assim que o limpador de neve do condado chegar. Posso ir para qualquer lugar com uma ficha como a minha. Para qualquer lugar? Não, por causa do que aconteceu lá, por causa do pequeno massacre de Scales. Você e seus amigos ricos sabiam de alguma coisa o tempo todo, *o tempo todo*, e seja lá o que for isso *faz* coisas, coisas piores do que um javali feroz. Certo? Foi até a casa de Scales, não foi? Entrou na *cabeça* dele. Pode ir para qualquer lugar, não pode? E quem atraiu isso tudo para nós, sr. advogado? Vocês. Hã?”

Ricky não disse nada.

“Podem chamar de Anna Mostyn, mas é pura conversa fiada de advogado. Caramba, eu sempre achei você um babaca, Hawthorne. Mas estou dizendo agora, se alguma coisa aparecer com ideias de me levar daqui, vou explodi-la ao meio. Você e seus amigos têm ideias estranhas, isso se tiver sobrado algum amigo, e podem cuidar das coisas aqui. Vou ficar só até as estradas estarem limpas, vou mandar os policiais para casa, e se alguém entrar aqui eu atiro primeiro. Faço as perguntas depois. E vou embora.”

“E Sears?”, perguntou Ricky, sabendo que Hardesty não contaria enquanto ele não perguntasse. “Alguém viu Sears?”

“Ah. Sears *James*. Pois é. Engraçado isso. A polícia estadual também o encontrou. Viu o carro quase enterrado em uma montanha de neve no pé da Underhill Road, o limpador de neve todo fodido… pode enterrá-lo quando quiser, amigo. Se todo mundo nessa cidade bizarra não acabar em pedacinhos ou sem uma gota de sangue ou partido no meio. Uf.” Outro arroto. “Estou bêbado como um porco, advogado. Vou ficar assim. Depois, vou dar o fora daqui. Quero que você e tudo o mais vá para o inferno.” Ele desligou.

Ricky disse: “Hardesty perdeu a cabeça e Sears está morto”. Stella começou a chorar; em pouco tempo, ela, Don e Ricky estavam abraçados, com os braços em volta uns dos outros naquele consolo primitivo. “Restou apenas eu”, disse Ricky, apoiado no ombro da esposa. “Meu Deus, Stella. Apenas eu.”

• • •

Naquela noite, cada um deles — Ricky e Stella em seu quarto, Don no quarto de hóspedes — ouviu a música tocando na cidade, trompetes exclamatórios e saxofones altos, a música rústica da noite das almas, a música fluida do outro lado dos Estados Unidos, e a ouviram com uma eloquência de libertação e abandono. A banda do dr. Rabbitfoot estava comemorando.

5

Depois do Natal, até os vizinhos pararam de se visitar, e os poucos otimistas que ainda tinham planos para a noite de Ano-Novo acabaram por esquecê-los silenciosamente. Todos os locais públicos permaneceram fechados, a Young Brothers e a biblioteca, as farmácias e igrejas e escritórios. Na Wheat Row, a neve subia pelas fachadas até as calhas. Mesmo os bares ficaram fechados, e o corpulento Humphrey Stalladge permaneceu na casinha atrás da taverna ouvindo o vento e jogando cartas com a esposa, esperando que, quando os limpadores de neve do condado chegassem, começaria a ganhar mais dinheiro do que a casa da moeda; nada levava tantas pessoas a bares como um período difícil. Sua esposa disse: “Não fale como um coveiro”, e isso matou a conversa e também o jogo por um tempo. Todo mundo sabia sobre Sears James e Omar Norris e, o pior de tudo, sabiam o que Elmer Scales fizera. Parecia que, se você ouvisse aquela neve sibilando por tempo suficiente, era possível não apenas ouvi-la dizendo que estava à sua espera, mas a ouviria contando um segredo terrível, que entregaria sua vida às trevas. Algumas pessoas de Milburn despertavam no meio da madrugada, às três ou quatro horas, e pensavam ter visto um dos pobres filhos de Scales no pé da cama, sorrindo para elas. Não dava para saber qual dos garotos, mas só poderia ser Davey, Butch ou Mitchell. E era necessário um comprimido para voltar a dormir e se esquecer da aparência do pequeno Davey, Butch ou seja lá quem estivesse ali, com as costelas se projetando embaixo da pele e o rosto encovado.

A cidade acabou sabendo a respeito do xerife Hardesty: que estava enfiado na delegacia com todos aqueles corpos esperando nas celas. Dois dos garotos Pegram tinham motos de neve e foram até a porta da delegacia para dar uma olhada nele e ver se estava realmente maluco como os boatos diziam. Um rosto peludo apareceu na janela quando eles desceram das motos. Hardesty mostrou o revólver para os garotos e gritou pelo vidro que, se não tirassem aquelas malditas máscaras de esqui e não mostrassem o rosto, não sobraria rosto nenhum. A maioria das pessoas conhecia alguém que tinha um amigo que foi obrigado a passar pela sala do xerife e jurava ter ouvido Hardesty gritando lá dentro, para o nada ou para si mesmo, ou com quem quer que fosse capaz de se deslocar livremente por Milburn naquele tempo, deslizando pelos seus sonhos, exultando nas sombras sempre que viravam a cabeça. O que quer que pudesse ser responsável pela música que alguns ouviram por volta da meia-noite de Natal, uma música inexplicável que deveria ter soado alegre, mas que era uma ferida infectada pelas emoções mais sombrias que conheciam. Eles afundavam a cabeça no travesseiro e diziam para si mesmos que era um rádio ou um truque do

vento; diziam qualquer coisa para não acreditar que havia alguma coisa lá fora que pudesse fazer um barulho tão apavorante.

Peter Barnes saiu da cama naquela noite depois de ouvir a música e imaginar que, dessa vez, os irmãos Bate, Anna Mostyn e o dr. Rabbitfoot de Don estavam em uma missão especial para pegá-lo. (Mas havia outro motivo, ele sabia.) Trancou a porta, voltou para a cama e apertou os ouvidos com as mãos, mas a música insana ficou mais alta, aproximando-se pela rua, cada vez mais alta.

Parou diretamente em frente à casa dele; e foi cortada no meio de uma nota, como se um botão em um toca-fitas tivesse sido apertado. O silêncio parecia mais carregado de possibilidades do que a música. Finalmente, Peter não aguentou mais a tensão e saiu da cama para olhar pela janela, em direção à rua.

Lá embaixo, onde uma vez ele viu o pai indo trabalhar deprimido e vestido como um russo, havia uma fileira de gente ao luar. Nada poderia impedido de reconhecer as pessoas de pé na neve fresca, onde a rua deveria estar. Olhavam para ele com os olhos tomados pelas sombras e as bocas abertas, os mortos da cidade, e Peter nunca saberia se estavam ali apenas na sua imaginação ou se Gregory Bate e sua benfeitora fabricaram aquelas réplicas e as fizeram se mover, ou se a cadeia de Hardesty e alguns túmulos tinham sido abertos para permitir que seus habitantes saíssem andando. Ele viu Jim Hardie olhando para sua janela, e o corretor de seguros Freddy Robinson, o velho dr. Jaffrey e Lewis Benedikt e Harlan Bautz, que morreu quando removia a neve com uma pá. Omar Norris e Sears James estavam ao lado do dentista. O coração de Peter se apertou ao ver Sears; ele soube que foi por isso que a música tocou de novo. Uma garota saiu de trás de Sears, e Peter piscou algumas vezes e viu Penny Draeger, com o rosto, antes belo, agora tão vazio e morto quanto os outros. Um pequeno grupo de crianças estava ao lado de um espantalho alto que segurava uma espingarda, e Peter balançou a cabeça, dizendo para si mesmo, com movimentos labiais, o nome “Scales”. Ele ainda não havia ficado sabendo. Em seguida, as pessoas abriram caminho para deixar sua mãe passar.

Não era o fantasma com a aparência de uma pessoa viva que ele viu no estacionamento do Bay Tree Market. Como os outros, estava desprovida de vida, vazia demais até para o desespero. Parecia animada apenas por necessidade, uma necessidade de um nível inferior a qualquer sentimento. Reduzida pelo seu ângulo de visão, Christina se adiantou pela neve até o limite da propriedade. Estendeu os braços para ele, e sua boca se mexeu. Ele sabia que nenhuma palavra humana poderia ter saído daquela boca, daquele corpo manipulado; devia ter sido apenas um gemido ou um grito. Ela e todos os outros estavam pedindo que Peter saísse. Ou estariam implorando pelo fim, pelo descanso? Peter começou a chorar. Eles eram sinistros, não assustadores. De pé ali, embaixo da

sua janela, tão lamentavelmente exauridos, eram como um sonho. Os Bate e a benfeitora deles os enviaram, mas era de Peter que precisavam. As lágrimas frias nas bochechas, ele se afastou da janela; tantos, tantos.

Ele se deitou de barriga para cima na cama e olhou para o teto. Sabia que eles iriam embora. Ou olharia de manhã e veria todos ainda lá, paralisados como bonecos de neve? Mas a música ganhou vida de novo, de repente se tornando tão real quanto um ferimento recém-aberto, e, sim, eles iriam embora, seguindo a batida animada do dr. Rabbitfoot.

• • •

Quando a música parou, Peter se levantou da cama e olhou pela janela. Sim. Sumiram. Nem deixaram marcas na neve.

Ele desceu a escada no escuro; quando estava nos últimos degraus, viu um filete de luz embaixo da porta da sala de TV. Peter a abriu devagar.

A televisão mostrava um desenho de pontos em movimento divididos por uma barra preta que subia lentamente. O cheiro forte de uísque ocupava o ambiente. Seu pai estava deitado na poltrona de boca aberta, com a gravata desamarrada, a pele do rosto e do pescoço cinzenta e ressecada, respirando com as inalações suaves e chiadas de um bebê. Uma garrafa quase vazia, um copo cheio no qual o gelo tinha derretido, estavam ao lado dele na mesa. Peter foi até a TV e a desligou. Em seguida, sacudiu o braço do pai com delicadeza.

"Hum." Seu pai abriu os olhos, atordoado e perdido. "Pete. Ouvi uma música."

"Você estava sonhando."

"Que horas são?"

"Quase uma."

"Eu estava pensando na sua mãe. Você se parece com ela, Pete. Meu cabelo, o rosto dela. Sorte… você poderia ter saído parecido comigo."

"Eu também estava pensando nela."

Seu pai se levantou da cadeira, esfregou as bochechas e olhou para Peter com uma clareza inesperada. "Você cresceu, Pete. Engraçado. Acabei de ver, você é um homem adulto."

Peter, constrangido, não disse nada.

"Eu não quis contar antes. Ed Venuti me ligou à tarde. Ele soube pela polícia estadual. Sabe Elmer Scales, um fazendeiro da zona rural da cidade? A hipoteca dele foi feita com a gente. Tantos filhos. Ed diz que ele matou todos. Atirou nos filhos, na esposa e depois se matou. Pete, esta cidade está ficando maluca. Simplesmente maluca."

"Vamos subir", disse Pete.

6

Durante alguns dias, Milburn ficou tão parada quanto o jogo de cartas de Humphrey Stalladge depois que a esposa emitiu a opinião que pareceu obscena para os dois; coveiros e covas eram tabus, considerando que todo mundo na cidade conhecia bem ou era parente de um dos corpos cobertos por lençóis na cadeia. As pessoas se sentavam em frente à televisão e comiam pizzas congeladas e rezavam para os cabos de energia continuarem funcionando; e evitavam umas às outras. Se você olhasse para a rua e visse seu vizinho da casa ao lado abrindo caminho pelo jardim cheio de neve para chegar à porta de casa, ele teria uma aparência sobrenatural, transformado, pelo estresse, em uma versão selvagem e desgrenhada de si mesmo. Você sabia que ele faria mal a qualquer um que ameaçasse tocar no suprimento cada vez menor de comida que tinha em casa. Fora tocado por aquela música selvagem da qual todos tentavam fugir e, se ele olhasse pela sua janela e o visse, seus olhos mal se pareceriam humanos.

E se o velho e bom Sam (gerente assistente do Horn's Tire Recapping Service e um tubarão no pôquer) ou o velho e bom Ace (encarregado aposentado de uma fábrica de sapatos em Endicott e um grande chato, mas que mandou o filho para a faculdade de medicina) não estivessem lá fora, olhando para você com a expressão faminta que queria dizer *tire os olhos de mim, filho da mãe*, era até pior, porque o que você veria não pareceriam homicidas, mas mortos. As ruas estavam intransitáveis, exceto a pé. Montanhas de neve de três, quatro metros, um rodopio branco constante no ar, um céu escuro. As casas da Haven Lane e da Melrose Avenue pareciam vazias, as cortinas fechadas para bloquear a desolação da rua. Na cidade, a neve se acumulava até os telhados e se espalhava pelas ruas. As janelas refletiam um vazio de arrepiar. Parecia que todos em Milburn estavam deitados imóveis debaixo de um lençol em uma das celas de Hardesty; e quando alguém como Clark Mulligan ou Rollo Draeger, que passaram a vida toda em Milburn, olhava para a cidade, um sussurro gelado de vento roçava seu coração.

Isso era durante o dia. Entre o Natal e o Ano-Novo, as pessoas comuns de Milburn, as que nunca tinham ouvido falar de Eva Galli nem de Stringer Dedham e achavam que a Sociedade Chowder (isso se achavam alguma coisa) era uma coleção de peças de museu, acabavam indo para a cama cada vez mais cedo — às dez, depois às 9h30 — porque, só de pensar no tempo escuro lá fora, tinham vontade de fechar os olhos e só abri-los ao amanhecer. Se os dias eram ameaçadores, as noites eram ferozes. O vento soprava nos cantos da casa, sacudindo as calhas e os protetores contra tempestades, e duas ou três vezes por noite um sopro forte batia na parede como uma onda enorme, com força

suficiente para fazer as luzes piscarem. E era nas pessoas comuns de Milburn a impressão de que, misturadas com toda a barulheira lá fora, havia vozes — vozes que não conseguiam conter sua alegria. Os filhos dos Pegram ouviram alguma coisa batendo na janela do quarto deles e, pela manhã, viram marcas de pés descalços na neve amontoada lá fora. O choroso Walter Barnes não era a única pessoa em Milburn que achava que a cidade estava enlouquecendo.

No último dia do ano, o prefeito finalmente conseguiu encontrar os três policiais e disse para eles tirarem Hardesty da delegacia e o levarem para um hospital; o prefeito tinha medo de que as pessoas começassem a promover saques se a neve das ruas não fosse removida. Indicou Leon Churchill como xerife em exercício, o maior e mais burro dos policiais, aquele que demonstrava uma maior probabilidade de seguir ordens, e disse que, se não consertasse o limpador de neve de Omar Norris e não começasse a limpar as ruas, ficaria permanentemente sem emprego. Assim, na véspera de Ano-Novo, Leon foi até a garagem municipal e viu que o limpador de neve não estava tão ruim quanto parecia. O carro grande de Sears James tinha entortado algumas das placas, mas tudo ainda funcionava. Ele levou o limpador de neve para a rua naquela manhã e, na primeira hora, adquiriu mais respeito por Omar Norris do que algum dia poderia ter pelo prefeito.

Mas, quando os policiais chegaram à delegacia, só encontraram uma sala vazia e um colchão fedido. Walt Hardesty tinha desaparecido em algum momento dos quatro dias anteriores. Deixara para trás seis garrafas vazias de bourbon, mas nenhum bilhete ou seu novo endereço — e nada que pudesse indicar o pânico absoluto que sentiu numa noite, quando levantou a cabeça da mesa para se servir de mais bebida e ouviu mais barulho vindo das celas. Primeiro, pareceu uma conversa, depois o som que um açougueiro faz quando bate com um filé cru na bancada. Não esperou quem estava lá se aproximar pelo corredor, apenas vestiu o casaco e o chapéu e saiu na nevasca. Foi até a escola, mas a mão de alguém se fechou em seu cotovelo, e uma voz calma disse em seu ouvido: “Não está na hora de nos conhecermos, xerife?”. Quando o limpador de neve o encontrou, Walt Hardesty parecia uma peça de mármore entalhado, uma estátua em tamanho real de um homem de noventa anos.

7

Embora a previsão do tempo tivesse anunciado mais neve durante a primeira semana de janeiro, a nevasca parou por dois dias. Humphrey Stalladge abriu o

bar e trabalhou sozinho no longo balcão; Annie e Anni, que moravam na zona rural, ainda estavam ilhadas. A movimentação acabou sendo tão grande quanto ele previu. Foram dias longos, trabalhando dezesseis ou dezessete horas, e quando a esposa ia preparar hambúrgueres ele lhe dizia: “Olha só, as ruas finalmente estão limpas o bastante para as pessoas botarem os carros em movimento de novo, e o primeiro lugar para onde elas vão é um bar. Onde ficam o dia todo. Isso faz sentido para você?”.

“Você já tinha previsto”, era tudo o que ela dizia.

“Mas o tempo está bom para beber mesmo”, dizia Humphrey.

• • •

Tempo bom para beber? Mais do que isso: Don Wanderley, indo com Peter Barnes de carro até a casa dos Hawthorne, achava que aquele dia cinza escuro, ainda terrivelmente gelado, era como o tempo seria dentro da mente de um bêbado. Não tinha nada daqueles vislumbres exóticos de cor que vira em Milburn no começo do inverno: nenhum batente ou chaminé brilhando, nenhuma cor repentina saltando aos olhos. Não havia nenhum desses truques de mágica. Tudo o que não era branco ficava manchado no tempo cinzento; sem sombras de verdade e com o sol escondido, tudo parecia intensamente nublado.

Ele olhou para trás, para o pacote embrulhado no banco. Suas pobres armas, encontradas na casa de Edward. Eram quase infantis de tão simples. Agora que tinha um plano e que os três lutariam, até o tempo deprimente parecia sugerir sua derrota. Ele e um garoto tenso de dezessete anos e um velho com um resfriado horrível. Por um momento, pareceu comicamente impossível. Mas, sem eles, não havia esperança.

“O policial não limpa a neve tão bem quanto Omar”, comentou Peter ao lado dele. Era só para interromper o silêncio, mas Don assentiu: o garoto estava certo. O policial tinha dificuldade de manter a pá de limpeza no mesmo nível, e quando acabava uma rua deixava-a com uma aparência estranha e irregular. As variações de oito a dez centímetros na superfície faziam o carro balançar como um trenzinho de parque de diversões. Dos dois lados da rua eles viam caixas de correspondência inclinadas loucamente nas montanhas de neve: Churchill as empurrara com a beirada do limpador.

“Desta vez, nós vamos fazer alguma coisa”, disse o garoto, pronunciando a frase quase num tom de pergunta.

“Vamos tentar”, respondeu Don, olhando para o garoto. Peter parecia um jovem soldado que tinha visto a luz do fogo mais de dez vezes em duas semanas; ao olhar para ele, dava para sentir a amargura da adrenalina desperdiçada.

“Estou pronto”, garantiu ele e, embora Don tenha ouvido a firmeza em sua voz, também ouviu nervos em frangalhos e se perguntou se o garoto, que fizera muito mais do que ele e Ricky Hawthorne, conseguiria aguentar mais.

“Espere até ouvir o que eu tenho em mente”, avisou Don. “Você pode não querer ir em frente. E não haveria problema, Peter. Eu entenderia.”

“Eu estou pronto”, repetiu o garoto, e Don conseguiu ouvi-lo tremendo. “O que nós vamos fazer?”

“Voltar para a casa de Anna Mostyn”, respondeu ele. “Vou explicar na casa de Ricky.”

Peter suspirou lentamente. “Eu ainda estou pronto.”

8

“Foi um trecho da mensagem na fita de Alma Mobley”, explicou Don. Ricky Hawthorne estava inclinado para a frente no sofá, olhando não para Don, mas para a caixa de Kleenex à sua frente. Peter Barnes olhou para ele por um momento e depois se virou, apoiando a cabeça no encosto do sofá. Stella Hawthorne tinha desaparecido no andar de cima, mas não sem antes lançar para Don um óbvio olhar de censura. “Foi uma mensagem para mim, e eu não quis sujeitar mais ninguém a ouvi-la”, explicou ele. “Principalmente você, Peter. Vocês podem imaginar o tipo de coisa que ouvi.”

“Guerrilha psicológica”, disse Ricky.

“Sim. Mas andei pensando em uma coisa que ela disse. Essa coisa… Poderia explicar onde ela está. Acho que ela a mencionou como uma pista ou uma dica, ou como vocês quiserem chamar.”

“Continue”, pediu Ricky.

“Ela disse que nós, seres humanos, estamos à mercê de nossa imaginação e que, se quisermos procurá-la, ou qualquer um deles, devemos olhar nos cenários dos nossos sonhos. Nos cenários da nossa imaginação.”

“‘Nos cenários dos nossos sonhos’”, repetiu Ricky. “Entendo. Ela está falando da Montgomery Street. Bom, eu devia ter imaginado que o nosso tempo naquela casa não tinha acabado.” Peter estendeu um braço no encosto do sofá e se encolheu ainda mais: rejeição. “Nós preferimos não levar você na primeira em vez que fomos até lá”, disse Ricky para o garoto. “É claro que agora você tem ainda mais motivos para não querer ir. O que você acha disso?”

“Eu tenho que ir”, disse Peter.

“Só pode ser o que ela quer dizer”, continuou Ricky, ainda avaliando delicadamente o garoto com o olhar. “Sears, Lewis, John e eu sonhávamos com aquela casa. Sonhamos com ela quase todas as noites durante um ano. E quando Sears, Don e eu fomos até lá, quando encontramos sua mãe e Jim, ela não nos atacou fisicamente, mas atacou nossa imaginação. Se isso serve como consolo, a ideia de voltar lá me deixa morrendo de medo também.”

Peter assentiu. “Claro que sim.” Por fim, como se outra admissão de medo o tivesse encorajado, ele se inclinou para a frente. “O que tem aí no pacote, Don?”

Don esticou a mão e pegou o cobertor enrolado ao lado da cadeira. “Apenas duas coisas que achei na casa. Talvez a gente possa usar.” Ele colocou o embrulho na mesa e desenrolou o cobertor. Todos os três olharam para o machado com cabo longo e para a faca de caça que agora estavam expostos no cobertor.

“Passei a manhã afiando e lubrificando os dois. O machado estava enferrujado; Edward usava para cortar lenha. A faca foi presente de um ator, ele a usou em um filme e deu para o meu tio quando o livro dele foi publicado. É uma linda faca.”

Peter se inclinou para a frente e pegou a faca. “É pesada.” Ele a revirou nas mãos: uma lâmina de vinte centímetros com uma ponta curva e cruel, chanfrada por todo o comprimento, com cabo entalhado à mão. Tinha sido feita com um objetivo apenas: era uma máquina de matar. Mas não, Don lembrou; era isso o que parecia, não o que era. Tinha sido feita para caber na mão de um ator, para ter uma boa aparência em fotografias. Mas, ao lado dela, o machado era brutal e sem graça. “Ricky tem uma faca”, comentou Don. “Peter, pode ficar com a faca Bowie. Eu fico com o machado.”

“Nós vamos lá agora?”

“Existe algum motivo para esperar?”

Ricky disse: “Esperem. Vou subir e dizer para Stella que vamos sair. Vou avisar que, se não voltarmos em uma hora, ela deve ligar para quem estiver na delegacia agora e pedir que enviem uma viatura até a casa dos Robinson”. Ele os deixou novamente e começou a subir a escada.

Peter estendeu a mão e tocou a faca. “Não vai levar uma hora”, disse ele.

9

“Vamos pelos fundos de novo”, disse Don para Ricky, inclinando-se para a frente para falar no ouvido dele. Estavam em frente à casa. Ricky assentiu.

“Vamos ter que fazer o mínimo de barulho possível.”

“Não se preocupe comigo”, disse Ricky. Sua voz transmitia a Don a impressão de que ele parecia mais velho e mais fraco do nunca. “Sabe, eu vi o filme em que essa faca foi usada. Tinha uma cena grande, bem longa, mostrando sobre como foi forjada. O homem que a fez derreteu um pedaço de asteroide ou meteoro que tinha e usou na faca. Supostamente, teria…” Ricky parou e respirou pesadamente por um momento, verificando se Peter Barnes estava ouvindo. “Supostamente, teria propriedades especiais. A substância mais dura que já se viu. Como magia. Do espaço.” Ricky sorriu. “Típica besteira de cinema. Mas parece uma faca bem bacana.”

Peter a tirou do bolso do casaco e, por um segundo, cada um deles, quase constrangidos por terem sido pegos cogitando tamanha infantilidade, olhou-a de novo. “O espaço sideral fez maravilhas pelo coronel Bowie”, comentou Ricky. “No filme.”

“Bowie…”, Peter começou a dizer, lembrando-se de uma coisa que ouvira numa aula de história do ensino fundamental, mas fechou a boca antes de continuar a frase. *Bowie morreu no Álamo*. Ele engoliu em seco, sacudiu a cabeça e se virou para a casa de Galli. Era o que ele devia ter aprendido com Jim Hardie: a boa magia estava no esforço humano, mas a magia ruim poderia vir de qualquer esquina.

“Vamos”, disse Don, olhando Peter intensamente para ter certeza de que ele sabia que deveria fazer silêncio.

• • •

Usando as mãos, empurraram a neve acumulada na porta dos fundos para abri-la; em seguida, andando silenciosamente em fila, eles entraram. Para Peter, a casa parecia quase tão escura quanto na noite em que ele e Jim Hardie a invadiram. Até que Don o conduzisse pela cozinha, não sabia se conseguiria passar pela soleira da porta. Mesmo então, temia um momento em que desmaiaria ou gritaria — o brilho da casa sussurrava acima dele.

No corredor, Don apontou para a porta do porão. Ele e Ricky pegaram as facas nos bolsos, e Don abriu a porta. O escritor o guiou sem dizer nada pela escada de madeira até lá embaixo.

Peter sabia que ali e o primeiro andar seriam os piores lugares para ele. Deu uma olhada rápida embaixo da escada e só viu uma teia de aranha. Ele e Don foram lentamente na direção da caldeira com braços de polvo enquanto Ricky Hawthorne ia para o outro lado do porão. A faca grande parecia sólida e confortável em suas mãos e, mesmo quando soube que teria que olhar para o lugar onde Sears encontrou sua mãe e Jim Hardie, Peter também se deu conta de

que não desmaiaria nem gritaria e tampouco faria algo infantil: a faca parecia lhe transferir parte de sua força.

Eles chegaram na área mergulhada nas sombras ao lado da caldeira. Don entrou atrás dela sem hesitação, e Peter foi junto, segurando o cabo da faca. *Você tem que cortar para cima*, ele se lembrou de alguma história antiga de aventura. *Se mover a lâmina para baixo, é mais fácil tirá-la de você*. Peter viu Ricky vindo pelo outro lado, já dando de ombros.

Don baixou o machado; os dois homens olharam embaixo da bancada de trabalho na parede mais próxima. Peter estremeceu. Era ali que eles estavam. Claro que não havia nada lá agora; ele sabia pela forma como Don e Ricky se empertigaram que nenhum Gregory Bate pulou de lá, pronto para começar a falar… não haveria nem manchas de sangue. Peter sentiu que os homens estavam esperando que ele se movesse, então se inclinou rapidamente e deu uma segunda olhada embaixo da bancada. Apenas uma parede de concreto em meio a sombras, um piso de cimento cinza. Ele se ergueu.

"Para o andar de cima, agora", sussurrou Don, e Ricky assentiu.

Quando chegaram à mancha marrom no patamar do primeiro andar, Peter segurou a faca com força e engoliu em seco, olhou rapidamente para trás para ver se Bate não estava lá embaixo com a peruca de Harpo Marx e os óculos de sol, sorrindo para eles, e verificou o lance de escadas seguinte. Ricky Hawthorne se virou para interrogá-lo com um olhar gentil. Ele assentiu — *tudo bem* — e seguiu silenciosamente atrás dos outros dois.

Do lado de fora da porta do primeiro quarto no alto da casa, Ricky parou e assentiu. Peter levantou a faca. Poderia ser o quarto com o qual os coroas sonharam, fosse lá o que isso pudesse significar, mas também era o quarto onde encontrou Freddy Robinson, o quarto onde ele poderia ter morrido. Don entrou na frente de Ricky e segurou a maçaneta com firmeza. Ricky olhou para ele, apertou os lábios, assentiu. Don girou a maçaneta e abriu a porta. Peter viu uma linha abrupta de suor escorrendo pela lateral do rosto do escritor, tão repentina quanto uma fonte jorrando, e tudo nele ficou seco. Don se moveu rapidamente pela porta, levantando o machado ao atravessá-la. As pernas de Peter o carregaram para dentro do quarto como se uma corda invisível o puxasse.

Ele observou o cômodo, vendo uma série de imagens fixas: Don ao seu lado, curvado, o machado erguido junto ao corpo; uma cama vazia; o chão empoeirado; uma parede nua; a janela que ele abriu à força séculos antes; Ricky Hawthorne parado ao seu lado, boquiaberto, segurando a faca como se estivesse tentando se livrar dela; uma parede com um pequeno espelho. Um quarto vazio.

Don baixou o machado, com a tensão cautelosamente deixando seu rosto; Ricky Hawthorne começou a andar pelo quarto como se precisasse ver cada

centímetro do local para acreditar que Anna Mostyn e os Bate não estavam escondidos lá. Peter se deu conta de que estava segurando a faca com a mão frouxa ao lado do corpo; percebeu que estava relaxado. O cômodo era seguro. E, se aquele quarto era seguro, a casa também era. Ele olhou para Don, que ergueu os cantos da boca em um sorriso tenso.

Ele se sentiu um idiota parado ao lado da porta, sorrindo para Don, e se adiantou para verificar novamente todos os lugares que Ricky Hawthorne já tinha examinado. Nada debaixo da cama. Um armário vazio. Ele foi até a parede mais distante; um músculo tremeu em sua lombar, afrouxando com um estalo como se fosse um elástico. Peter passou os dedos pela parede: fria. E suja. Uma substância cinzenta grudou nos seus dedos. Ele olhou para o espelho.

Inesperadamente alta, a voz de Ricky Hawthorne gritou para ele do outro lado do quarto: “O espelho não, Peter!”.

Mas já era tarde demais. Ele já tinha sido atingido por uma brisa vinda das profundezas do espelho e se virou sem pensar para olhar lá dentro. Seu rosto estava se tornando um contorno pálido e, por baixo do contorno, do outro lado dele e aparecendo aos poucos, estavam as feições de uma mulher. Ele não a conhecia, mas a observou como se estivesse apaixonado: sardas claras, cabelo louro-castanho macio, olhos brilhantes e suaves, a boca ladeada pelas linhas mais leves que já tinha visto. Ela tocou em toda a tensão que havia nele, em todos os sentimentos que ele tinha, e Peter viu no rosto dela coisas que sabia estarem além de sua compreensão, promessas e músicas e traições que não conheceria por anos. Sentiu toda a superficialidade e isolamento dos seus relacionamentos com as garotas que conheceu e beijou e abraçou, e viu que as áreas nele que se envolveram com as mulheres nunca foram suficientes, nunca foram completas. E, em uma onda de carinho, uma nuvem envolvente de emoção, ela começou a lhe falar. *Lindo Peter. Você quer ser um de nós. Já é um de nós*. Ele não se mexeu nem falou, mas assentiu e disse sim. *Seus amigos também, Peter. Você pode viver por todos os tempos, cantando a música que é a minha — pode ficar comigo e com eles para sempre, se movendo como uma música. É só usar a faca, Peter, usar a sua faca, você sabe como, faça isso lindamente, erga a faca, levante a faca, erga a faca e vire…*

Peter estava levantando a faca quando o espelho caiu, ainda falando musicalmente, embora ele não conseguisse ouvir tão bem com o som de uma batida e uma voz perto da sua cabeça: o espelho caiu no chão e se partiu.

“Foi um truque, Peter”, disse Ricky Hawthorne. “Eu deveria ter avisado antes, mas fiquei com medo de falar.” Seu rosto e seus olhos experientes estavam tão perto do rosto de Peter que ele, com expressão de choque, viu as

voltas apertadas da gravata-borboleta de Ricky com uma nitidez surreal. “Apenas um truque.” Peter estremeceu e o abraçou.

Quando eles se separaram, Peter se inclinou até as duas metades do espelho e colocou a palma da mão acima de uma delas. Um vento delicioso (*a música que é a minha música)* veio de lá. Ele sentiu ou pressentiu Ricky enrijecendo ao seu lado; metade de uma boca suave cintilou sob sua mão, levemente visível. Ele afundou o calcanhar no espelho quebrado repetidas vezes, transformando os cacos prateados em peças espalhadas de um quebra-cabeça.

10

Quinze minutos depois, eles estavam no carro, rumando lentamente para o centro da cidade pelas trilhas aleatórias e tortas das ruas niveladas pelo limpador de neve. “Ela quer fazer a gente ficar igual a Gregory e Fenny”, falou Peter. “Foi isso o que ela quis dizer. ‘Viver por todos os tempos.’ Ela quer nos transformar naquelas *coisas*.”

“Nós não precisamos deixar que aconteça”, disse Don.

“Você fala com tanta coragem às vezes.” Peter sacudiu negativamente a cabeça. “Ela disse que eu já *era* um deles. Porque, quando eu vi Gregory virar um… vocês sabem, ele disse que era eu. Era como Jim. Só seguia em frente. Sem nunca parar. Sem nunca duvidar.”

“E você gostava disso em Jim Hardie”, falou Don, e Peter assentiu, com o rosto banhado de lágrimas. “Eu também teria gostado”, disse Don. “Energia é uma coisa fácil de se gostar.”

“Mas ela sabe que eu sou o elo mais fraco”, argumentou Peter, colocando a mão no rosto. “Ela tentou me usar e quase funcionou. Poderia me usar para atingir você e Ricky.”

“A diferença entre você, entre todos nós, e Gregory Bate”, disse Don, “é que Gregory queria ser usado. Ele escolheu isso. Procurou por isso.”

“Mas ela quase me fez escolher também”, disse Peter. “Deus do céu, que ódio eu sinto deles.”

Ricky falou no banco de trás: “Eles levaram sua mãe, a maioria dos meus amigos e o irmão de Don, Peter. Nós todos os odiamos. Ela poderia fazer com qualquer um de nós o que fez com você lá”.

Enquanto Ricky continuava falando de forma reconfortante no banco de trás, Don seguia dirigindo, sem se dar ao trabalho de reparar na desolação provocada pela neve: haveria mais em uma hora, em um dia ou dois, no máximo, e então

Milburn estaria não apenas isolada de tudo ao redor, mas também se tornaria uma armadilha. Mais uma nevasca pesada poderia causar uma onda de morte que levaria metade da cidade.

"Pare o carro", pediu Peter. "*Pare*." Ele riu. "Eu sei onde eles estão. O cenário dos sonhos." Sua gargalhada soou aguda e trêmula, espiralando da histeria do garoto. "O cenários dos sonhos, não foi o que ela disse? E qual é o único lugar da cidade que ficou aberto durante todas as tempestades?"

"Do que você está falando?", perguntou Don, virando-se no banco para observar o rosto de Peter, de repente tão franco e seguro.

"Ali", disse Peter, e Don seguiu a direção de seu dedo indicador.

Do outro lado da rua, em letras vermelhas gigantes de neon:

RIALTO

E, mais abaixo, em letras pretas menores, uma última prova da inteligência de Anna Mostyn:

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS

11

Stella olhou para o relógio pela sexagésima vez e se levantou para comparar o que viu lá com o relógio sobre a lareira. O da lareira estava três minutos adiantado, como sempre. Ricky e os outros dois tinham saído entre trinta e 33 minutos antes. Ela achava que sabia como Ricky se sentira na manhã de Natal: se não saísse de casa e começasse a agir, uma coisa terrível aconteceria. E agora Stella sabia que, se não fosse para a casa dos Robinson imediatamente, Ricky estaria correndo um sério perigo. Ele disse para aguardar uma hora, mas era tempo demais. O que assombrava Ricky e o resto da Sociedade Chowder estava naquela casa, esperando para atacar de novo. Stella jamais se descreveria como feminista, mas percebera havia muito tempo que os homens presumiam equivocadamente que tinham que fazer tudo sozinhos. As Milly Sheehans da vida trancavam as portas e tinham alucinações, ou o que fosse, quando seus homens morriam ou as abandonavam. Se uma catástrofe inexplicável levava seus homens embora, elas se escondiam por trás da passividade feminina e esperavam pela leitura do testamento.

Ricky simplesmente concluiu que ela não era adequada para se juntar a eles. Até um garoto era mais útil do que a esposa. Ela olhou novamente o relógio.

Mais um minuto tinha se passado.

Stella foi até o armário do andar de baixo e vestiu o casaco; mas logo o tirou, pensando que, afinal, talvez não pudesse ajudar Ricky. “Loucura”, disse ela em voz alta, vestindo o casaco novamente e saindo pela porta.

Pelo menos não estava nevando agora. E Leon Churchill, que a olhava boquiaberto desde que era um garoto de doze anos, tinha limpado algumas das ruas. Len Shaw, da oficina, outra conquista teleguiada, limpou a entrada deles assim que seu limpador conseguiu chegar na casa dos Hawthorne. Em um mundo injusto, Stella não tinha escrúpulos no momento de tirar uma vantagem injusta de sua aparência. Ela ligou o carro com facilidade (Len, por não poder ter Stella, dava uma atenção quase erótica ao motor do Volvo) e saiu para a rua.

Àquela altura, Stella, tendo decidido ir até lá, estava com uma pressa quase frenética de chegar à Montgomery Street. O acesso direto estava bloqueado pelas ruas que ainda não tinham sido desobstruídas, então ela enfiou o pé no acelerador e seguiu o labirinto de vias que Leon tinha liberado. Grunhiu quando percebeu que estava sendo levada diretamente para a escola de ensino médio. De lá, teria que percorrer a School Road até a Harding Lane, depois a Lone Pine Road para depois pegar a Candlemaker Street, passando pelo Rialto. Elaborando o mapa na mente, Stella deixou o carro chegar quase à velocidade normal de direção. As quedas e elevações causadas pela maneira como Churchill operava o limpador de neve a jogavam contra o volante, mas ela virou a esquina para a School Road às pressas, sem enxergar na luz difusa que o nível da rua despencava quase vinte centímetros. Quando a frente do veículo bateu na neve compacta, Stella meteu o pé no acelerador, ainda tentando pensar nas ruas que poderiam levá-la até a Montgomery quando saísse da Candlemaker Street.

A traseira do carro derrapou para o lado, bateu em uma cerca de metal e em uma caixa de correspondência e continuou a virar, fazendo Stella seguir de lado pela rua. Em pânico, ela puxou o volante quando o Volvo caiu em outra depressão feita por Churchill. O carro rolou para o lado, as rodas girando, e voltou para o lugar, ainda em movimento, indo na direção da cerca de metal.

“*Droga*”, disse ela, apertando as mãos no volante e respirando fundo, obrigando-se a parar de tremer. Stella abriu a porta e olhou para baixo. Se escorregasse do banco e ficasse com as pernas penduradas, estaria a quase um metro do chão. O carro poderia ficar onde estava; teria que ficar, de qualquer modo. Ela precisaria de um reboque para tirá-lo da cerca. Deixou as pernas penderem pela porta aberta, respirou fundo novamente e se lançou do banco.

Ela caiu com força, mas permaneceu de pé e começou a andar pela School Road sem olhar para o carro uma única vez. A porta aberta, a chave na ignição, encostado na cerca como um bicho de pelúcia… ela precisava encontrar Ricky.

Quatrocentos metros à frente, a escola de ensino médio era uma nuvem marrom-escura indistinta.

Stella tinha acabado de se dar conta de que seria obrigada a pedir carona, quando um carro azul apareceu no meio da mancha cinza atrás dela. Pela primeira vez na vida, Stella Hawthorne se virou para um carro que se aproximava e espichou o polegar.

O carro azul veio na sua direção e começou a frear. Stella recolheu o braço quando o carro parou ao seu lado. Ao se abaixar para olhar, viu um homem gorducho dando um olhar tímido de boas-vindas. Ele se inclinou por cima do banco vazio e abriu a porta do passageiro para ela. “É contra os meus princípios”, disse ele, “mas você parece precisar de uma carona.”

Stella entrou e se recostou no assento, esquecendo por um momento que aquele homenzinho prestativo não seria capaz de ler sua mente. Em seguida, Stella e o carro foram jogados para a frente, e ela disse: “Ah, por favor, me desculpe, acabei de sofrer um acidente e não estou pensando direito. Eu preciso…”.

“Por favor, sra. Hawthorne”, disse o homem, virando a cabeça e sorrindo para ela. “Poupe seu fôlego. Suponho que você esteja indo para a Montgomery Street. Não precisa se incomodar. Aquilo tudo foi um erro.”

“Você me conhece?”, perguntou Stella. “Mas como você sabia…”

O homem a silenciou estendendo a mão com uma rapidez de boxeador e encostando em seus cabelos. “Macio”, disse ele, e sua voz, antes aduladora e tímida, como sua aparência, soou como a mais suave que ela já tinha ouvido.

12

Don foi o primeiro deles a ver o corpo de Clark Mulligan. O dono do cinema estava encolhido no tapete atrás da bancada de doces, mais um cadáver com os sinais dos apetites dos irmãos Bate. “Sim, Peter”, disse ele, desviando-se do corpo, “você está certo. Eles estão lá dentro.”

“O sr. Mulligan?”, perguntou Peter baixinho.

Ricky foi até a bancada e olhou. “Ah, não.” Ele puxou a faca do bolso do casaco. “Nós ainda não sabemos se o que estamos tentando fazer é possível, não é? Segundo dizem, precisamos de estacas de madeira ou balas de prata ou fogo ou…”

“Não”, disse Peter. “Nós não precisamos de nada dessas coisas. Temos tudo de que precisamos aqui.” O garoto estava muito pálido e evitou olhar atrás da

bancada para o corpo de Mulligan, mas a determinação em seu rosto não se parecia com nada que Don tivesse visto: era a negação do medo. “Era assim que matavam vampiros e lobisomens, o que achavam que eram vampiros e lobisomens. Poderiam ter usado qualquer coisa.” Ele desafiou Don diretamente. “Não é isso o que você acha?”

“Sim”, confirmou Don, sem acrescentar que apresentar uma teoria numa sala confortável e apostar sua vida nela eram coisas diferentes.

“Eu também acho”, disse Peter. Ele estava segurando a faca com a lâmina voltada para cima com tanta firmeza que Don conseguia sentir a rigidez dos músculos dele ao longo do braço inteiro. “Eu sei que eles estão lá dentro. Vamos entrar.”

Ricky afirmou o óbvio com toda a simplicidade. “Nós não temos escolha.”

Don ergueu o machado e o segurou na altura do peito; foi silenciosamente até as portas dos camarotes e entrou. Os outros dois foram atrás.

• • •

Ele se encostou na parede no cinema escuro, percebendo que nunca tinha pensado que o filme poderia estar sendo exibido. Formas gigantescas se moviam pela tela, berrando, destruindo. Os Bate deviam ter matado Clark Mulligan menos de uma hora antes da chegada deles. Clark colocou o filme, botou para rodar como em todos os outros dias durante as tempestades, e encontrou Gregory e Fenny à sua espera no saguão. Don tateava pela parede, procurando movimento nos bancos à frente.

Conforme seus olhos se ajustaram, viu as costas arredondadas dos assentos se repetindo até a frente. A lâmina pesada do machado estava encostada em seu peito. A trilha sonora do filme enchia sua cabeça de gritos e berros. Estava sendo exibido para um cinema vazio. E, de todos os espetáculos que os inimigos lhe ofereceram, Don achava que aquele era o mais estranho — o horror na tela, o tormento de vozes e música na escuridão com todas aquelas cadeiras vazias. Ele olhou para o lado, para Peter Barnes, e mesmo na escuridão conseguiu ver a expressão em seu rosto. Ele apontou para o corredor mais distante; depois, se inclinou para olhar para Ricky, que era apenas uma sombra na parede, e fez sinal para o corredor amplo do meio. Peter foi na mesma hora em direção ao outro lado do cinema. Ricky foi mais lentamente para o centro e verificou a posição de Peter e Don antes de se inclinar para ter certeza de que Gregory e Fenny não estavam escondidos ali. Em seguida, os três foram adiante, verificando cada fileira de uma vez.

E se Ricky os encontrar?, pensou Don. *Poderíamos chegar lá a tempo de salvá-lo? Ele está exposto, num ponto mais vulnerável*.

Mas Ricky, segurando a faca junto ao corpo, seguiu pelo corredor amplo do meio, olhando calmamente para os dois lados como se estivesse procurando um bilhete perdido. Estava sendo tão cuidadoso quanto foi na casa de Anna Mostyn.

Don seguiu no mesmo ritmo dos outros, se esforçando para enxergar na escuridão entre as fileiras. Embalagens de balas, papel rasgado, o que parecia ser uma camada de poeira digna de um inverno inteiro, fileiras de bancos, alguns rasgados, alguns remendados com fita, outros com braços quebrados… e, no meio de cada fileira, um poço de escuridão que desejava sugá-lo. Mais acima, logo à frente, o filme exibia uma sucessão de imagens que Don via como quadros desconexos sempre que erguia o olhar do piso do cinema. Cadáveres saindo de túmulos, carros dobrando esquinas perigosamente rápido, o rosto abalado de uma garota… Don olhou para a tela e pensou por um momento que estava vendo um filme dele mesmo no sótão de Anna Mostyn.

Mas não, claro que não, a cena era parte do filme, um homem diferente dele em um sótão que não era o de Anna. A família do filme tinha se isolado no porão, e a trilha sonora explodia com os sons de portas fechando: *talvez seja assim que se luta com eles, escondendo-se em algum lugar até que decidam ir embora… mordendo o lábio e fechando os olhos e torcendo para que peguem seu irmão, seu amigo, qualquer um antes de pegarem você…* e isso, ele se deu conta, foi o que os vigilantes da noite fizeram. Olhou por cima das cadeiras, vendo-as agora ocupadas pelas vítimas de Gregory, e também viu Ricky e Peter encarando-o com curiosidade. Ele estava duas fileiras atrás. Don se inclinou de novo, viu-se olhando fixamente e um tanto constrangido para um pacote amassado de pipoca e seguiu apressadamente pelos degraus largos até alcançar os demais.

• • •

Quando chegaram à primeira fileira do cinema sem encontrar nada, Don e Peter foram até a fila do meio para se juntar a Ricky. “Nada”, disse Don.

“Mas eles estão aqui”, sussurrou Peter. “Têm que estar.”

“Ainda tem a cabine de projeção”, disse Don. “Os banheiros. E Mulligan devia ter algum tipo de escritório.”

Na tela, uma porta bateu: o barulho de vida encurralada junto com a morte.

“Talvez no balcão”, disse Peter e olhou para a tela. “E o que tem atrás disso? Como se chega lá?”

Mais uma vez, uma porta bateu. Vozes que não eram humanas e que se equiparavam ao tom das pessoas na tela, tomadas de emoções fingidas, chegaram até eles pelos alto-falantes.

A porta se abriu com um barulho seco e curto — o mesmo som produzido quando uma barra de metal, ao ser comprimida, faz soltar uma trava. Em seguida, a porta se fechou novamente.

“Claro”, disse Ricky, “é lá que eles…” Mas os outros dois não estavam prestando atenção. Tinham reconhecido o som e estavam olhando para a entrada de um túnel luminoso à direita da tela. Acima do túnel havia um letreiro em que se lia SAÍDA.

A trilha sonora chegou até eles e, ao lado, formas gigantes faziam uma pantomima suficientemente romântica para a música, mas o que eles ouviram foi um som leve e seco vindo do corredor de saída em direção à luz: um barulho parecido com palmas. Era o som de pés descalços.

Uma criança apareceu no final do corredor e parou na beirada da luz. Olhou na direção deles, uma aparição digna de um estudo dos anos 1930 sobre a pobreza rural, um garoto pequeno com os flancos trêmulos, costelas proeminentes e um rosto sujo e escuro que jamais seria tomado por pensamentos. Ele estava sob os últimos resquícios de luz do corredor, um pouco de baba se formando no lábio inferior. O garoto levantou os braços, segurando as mãos unidas à frente do corpo, e gesticulou como se estivesse movendo uma barra de aço para cima e para baixo. Em seguida, inclinou a cabeça e riu; e mais uma vez fez o gesto de fechar uma porta pesada.

“Meu irmão está dizendo que as portas estão trancadas”, disse uma voz vinda de cima. Eles se viraram, Don com o machado nos braços, e viram Gregory Bate de pé no palco ao lado das cortinas vermelhas que ladeavam a tela. “Mas três aventureiros tão corajosos não esperavam outra coisa, não é? Vocês vieram para isso, não? Principalmente *você*, sr. Wanderley, vindo da Califórnia. Fenny e eu lamentamos não termos sido apresentados adequadamente lá.” Ele seguiu tranquilamente para o centro do palco, e o filme se partiu e foi projetado na superfície do seu corpo. “E vocês acham mesmo que podem nos ferir com esses objetos medievais que estão carregando? Ora, cavalheiros…” Ele estendeu os braços, com os olhos brilhando. Cada parte dele estava coberta de formas gigantes — uma mão aberta, um abajur caindo, uma porta estilhaçada.

E, por baixo disso tudo, Don viu o que mostrara para Peter Barnes: que a dicção cavalheiresca e o comportamento teatral eram vestimentas insubstanciais que escondiam uma concentração terrível, um propósito tão implacável quanto o de uma máquina. Bate estava de pé no palco, sorrindo para eles. “*Agora*”, disse ele num tom como o de um deus conjurando luz.

Don pulou para o lado e ouviu uma coisa passar correndo por ele, vendo o pequeno corpo de Fenny se chocando contra o de Peter Barnes. Nenhum deles tinha visto a criança se movendo; agora, já estava em cima de Peter, forçando

seu braços contra o chão do cinema, rosnando, segurando o rosto de Peter enquanto se contorcia em cima dele, fazendo um ruído agudo que se perdeu nos gritos dos alto-falantes.

Don levantou o machado e sentiu uma mão forte se fechando em seu pulso. (*Imortal*, o sussurro subiu pelo seu braço, *você não quer ser?*)

"Você não gostaria de viver para sempre?", perguntou Gregory Bate em seu ouvido, soprando um odor fétido na sua cara. "Mesmo que precise morrer primeiro? É um bom negócio, afinal."

A mão o girou com facilidade, e Don sentiu sua força se esvaindo, como se o toque de Bate em seu pulso a arrancasse dele como um ímã. A outra mão de Bate segurou seu queixo e o empurrou para cima, obrigando Don a olhá-lo nos olhos. Ele se lembrou de Peter contando como Jim Hardie morreu, que Bate o sugou pelos olhos, mas era impossível não olhar. Seus pés pareciam flutuar, as pernas viraram água, no fundo do dourado brilhante havia uma sabedoria abrangente e, por baixo, uma irracionalidade total, uma violência intensa, puro frio, um vento invernal assassino atravessando uma floresta.

"Olha isso, seu safado", ele ouviu Ricky dizendo ao longe. De repente, a atenção de Bate se desviou dele, e suas pernas pareceram se encher de areia, e a lateral da cabeça do lobisomem se afastou de seu rosto lentamente, como em um sonho. Alguma coisa estava fazendo uma barulheira impressionante, e a cabeça de Bate, em perfil, passou diante dele, com pele de mármore e uma orelha perfeita como a de uma estátua… Bate o jogou longe.

"Está vendo isto, seu lixo?", Ricky estava gritando, e Don, caído por cima do machado *(para que era isso mesmo?)*, meio enfiado embaixo de uma das cadeiras da primeira fila, olhou com expressão sonhadora e viu Ricky Hawthorne cortando a nuca de Fenny Bate.

"Mau", sussurrou ele, e "não", e sem saber mais se aquilo fazia ou não parte da ação obscura e gigantesca acontecendo acima dele, viu Gregory empurrando o homem idoso por cima do corpo imóvel de Peter Barnes.

13

"Não precisamos criar caso, não é mesmo, sra. Hawthorne?", disse o homem, segurando seu cabelo. "Você está me ouvindo, não está?" Ele puxou o cabelo dela com força.

Stella assentiu.

“E ouviu o que eu disse? Não há necessidade de ir até a Montgomery Street, necessidade nenhuma. Seu marido não está mais lá. Ele não encontrou o que estava procurando e foi para outro lugar.”

“Quem é você?”

“Um amigo de uma amiga. Um bom amigo de uma boa amiga.” Ainda segurando o cabelo dela, o homem estendeu a mão para mover o câmbio automático e saiu dirigindo devagar. “E minha amiga está muito ansiosa para conhecer você.”

“Me solta”, disse Stella.

Ele a puxou para perto. “Chega, sra. Hawthorne. Você tem momentos muito interessantes pela frente. Então chega. Nada de resistir. Caso contrário, mato você aqui. E seria um desperdício terrível. Agora, prometa que vai ficar quieta. Nós só vamos até Hollow. Certo? Você vai ficar quieta?”

Stella, apavorada e com medo de que um chumaço de cabelo fosse arrancado de sua cabeça, disse: “Sim.”

“Muito inteligente”. Ele soltou o cabelo dela e pressionou a mão contra a lateral de sua cabeça. “Você é uma mulher tão bonita, Stella.”

Ela se encolheu, afastando-se do toque dele.

“Vai ficar quieta?”

“Vou”, sussurrou ela, e o motorista seguiu lentamente na direção da escola. Ela olhou pela janela traseira e não viu nenhum outro carro. O seu, inclinado na cerca, foi ficando cada vez menor, deixado para trás.

“Você vai me matar”, disse ela.

“Só se você me obrigar, sra. Hawthorne. Sou uma pessoa bem religiosa na minha vida atual. Odiaria ter que tirar uma vida humana. Nós somos pacifistas, sabe?”

“Nós?”

Ele repuxou os lábios em um sorrisinho irônico e indicou o banco de trás. Stella olhou e viu dezenas de exemplares de *A Torre de Vigia* no banco.

“Então sua amiga vai me matar. Como Sears, Lewis e os outros.”

“Não exatamente, sra. Hawthorne. Bem, talvez um pouco como o sr. Benedikt. Esse foi o único do qual nossa amiga cuidou pessoalmente. Mas posso garantir que o sr. Benedikt viu muitas coisas incomuns e interessantes antes de falecer.” Eles estavam passando pela escola agora, e Stella ouviu um ruído estridente e familiar antes de reconhecê-lo. Olhou freneticamente pela janela e viu o limpador de neve da cidade enfrentando uma montanha de três metros e meio de gelo.

“Na verdade”, continuou o homem, “seria possível dizer que ele se divertiu como nunca. E, quanto a você, vai ter uma experiência que muitos invejariam.

Vai olhar diretamente para dentro de um mistério, sra. Hawthorne, um mistério que existe na sua cultura há séculos. Alguns diriam que valeria morrer por isso. Principalmente porque a alternativa é morrer de forma suja aqui."

Agora, até o limpador de neve era apenas um bloco atrás deles. A rua limpa mais próxima, a Harding Lane, estava seis metros à frente, e Stella se viu sendo levada para longe da segurança, para longe de Leon no limpador de neve, em direção ao perigo terrível, passiva nas mãos daquele testemunha de Jeová maluco.

"Na verdade, sra. Hawthorne", disse o homem, "como você está cooperando tão bem…"

Stella deu um chute com toda a força e sentiu a ponta da bota acertando solidamente o tornozelo dele. O homem gritou de dor e se virou em sua direção. Ela se jogou, colocando-se entre o volante e o corpo do homem, que estava batendo em sua cabeça, e forçou o carro na direção da montanha de neve deixada pelo limpador.

Agora, se ao menos Leon olhasse, rezou ela; mas o carro atingiu a neve quase sem ruído.

O homem a arrancou do volante e a empurrou contra a porta, girando as pernas dela dolorosamente. Stella levantou as mãos e bateu no rosto dele, mas o religioso colocou todo o seu peso em cima dela e afastou suas mãos. *Fique parada!*, soou o grito em sua mente, e Stella quase perdeu a consciência. *Mulher burra, muito burra*.

Ela abriu bem os olhos e encarou o rosto logo acima do seu, flácido, com carne em excesso, poros pretos e abertos no nariz grosso, suor na testa, olhos vermelhos e submissos; o rosto de um homenzinho esnobe que dizia para caroneiros que era contra os seus princípios dar carona. Estava batendo na lateral de sua cabeça, e a cada golpe soltava um jato de saliva em cima dela. *Mulher burra!*

Grunhindo, ele enfiou um joelho entre as pernas dela e se inclinou para a frente, agarrando o seu pescoço.

Stella se debateu e conseguiu dar um soco no queixo dele. Não foi suficiente. O homem continuou a esmagar seu pescoço, com a voz em sua mente repetindo *burra burra burra*…

Ela se lembrou.

Stella baixou as mãos, mexeu na lapela com a mão direita, encontrou a base de pérola do alfinete de chapéu. Usou toda a força que tinha para enfiar o objeto pontudo e comprido na têmpora do homem.

Os olhos dóceis saltaram, e a repetição monótona de palavras na mente dela se tornou uma balbúrdia de vozes atônitas. *O que o que (ela) não essa (espada)*

mulher o que — as mãos do homem ficaram inertes em seu pescoço, e ele caiu em cima dela como uma pedra sem vida.

Nesse momento, ela conseguiu gritar.

Stella teve dificuldades, mas abriu a porta e caiu para fora do carro. Por um momento depois que rolou para fora, ficou ofegando no chão, sentindo gosto de sangue na boca misturado com neve suja e sal. Ela se levantou, viu a cabeça careca do homem pendendo na beirada do assento, choramingou e se levantou.

Stella se afastou do carro e correu pela School Road na direção de Leon Churchill, que estava agora de pé ao lado do limpador de neve, olhando para alguma coisa escura que tinha desenterrado. Ela gritou o primeiro nome dele, diminuiu o ritmo das passadas, e o policial se virou para observar sua aproximação.

Leon olhou novamente para a coisa escura e andou na direção dela. Stella estava perturbada demais para perceber que o policial estava quase tão chocado quanto ela. Quando a alcançou, ele a deteve e disse: “Sra. Hawthorne, você não vai querer ver aquilo. Qual é o problema? Sofreu um acidente, sra. Hawthorne?”.

“Eu matei um homem”, disse ela. “Peguei uma carona no carro dele. Ele tentou me machucar. Enfiei um alfinete de chapéu na cabeça dele. Eu o matei.”

“Ele tentou machucar você?”, perguntou Leon. “Hã…” Ele olhou para o limpador de neve e novamente para o rosto de Stella Hawthorne. “Venha, vamos dar uma olhada. Aconteceu ali?” Ele apontou para o carro azul. “Você sofreu um acidente.”

Enquanto era acompanhada até o carro, ela tentou explicar. “Eu sofri um acidente com o meu carro, ele parou para me dar uma carona e tentou me machucar. Ele me machucou. E eu tinha um alfinete de chapéu comprido…”

“Bom, você não o matou”, disse Leon, olhando para ela de forma quase indulgente.

“Não seja condescendente.”

“Ele não está no carro”, disse Leon. Então colocou as mãos no ombro dela e a virou para que visse a porta aberta, o banco da frente vazio.

Ela quase desmaiou.

Leon a segurou e tentou explicar. “O que deve ter acontecido é que você ficou abalada depois do acidente, esse cara que deu uma carona saiu para ajudar e talvez você tenha desmaiado. Você bateu a cabeça quando o carro saiu da estrada. O que acha de eu levá-la para casa no limpador de neve, sra. Hawthorne?”

“Ele não está aí”, disse Stella.

Um cachorro branco enorme subiu numa montanha de gelo que estava na frente do jardim de uma das casas vizinhas, andou por ali e pulou na rua em uma

chuva de neve.

“Sim, me leve para casa, por favor, Leon”, disse Stella.

Leon olhou com preocupação para a escola. “Tudo bem, preciso ir para o escritório mesmo. Fique aqui, que eu volto com o limpador de neve em cinco segundos.”

“Tudo bem.”

“Não é exatamente uma carruagem”, disse Leon e sorriu para ela.

14

“Agora, sr. Wanderley”, disse Bate, “voltando ao tópico que estávamos discutindo.” Ele começou a andar pelo corredor na direção de Don.

Gritos, gemidos, o som do vento se precipitando ocupavam o cinema.

… *viver para sempre*

… *viver para sempre*

Don esticou as pernas e olhou atordoado para a pilha de corpos embaixo da escada que levava ao palco. O rosto branco do homem idoso estava virado para ele, caído por cima do corpo de uma criança descalça. Peter Barnes estava sob a pilha, movendo as mãos debilmente.

“Nós deveríamos ter concluído a questão dois anos atrás”, ronronou Bate. “Tantos problemas teriam sido evitados se tivéssemos feito isso. Você se lembra do que aconteceu dois anos atrás, não é?”

Don ouviu Alma Mobley dizendo *O nome dele é Greg. Nos conhecemos em New Orleans* e se lembrou de um momento tão vividamente que foi como se estivesse lá de novo: ele de pé em uma esquina em Berkeley olhando chocado para uma mulher nas sombras ao lado de um bar chamado The Last Reef. Uma intensa sensação de traição o impedia de se mover.

“Tantos problemas”, repetiu Bate. “Mas isso torna este momento ainda mais saboroso, não acha?”

Peter Barnes, com uma bochecha sangrando, saiu de baixo do amontoado de corpos.

“Alma”, Don conseguiu dizer.

O rosto de mármore de Bate ganhou vida. “Sim. Sua Alma. E a Alma do seu irmão. Você não pode se esquecer de David. Não era tão divertido quanto você.”

“Divertido.”

“Ah, sim. Nós gostamos de diversão. É justo, considerando que a oferecemos tanto. Agora, olhe para mim de novo, Donald.” Ele estendeu a mão para levantar

Don do chão, sorrindo friamente.

Peter grunhiu enquanto se libertava. Don o encarou com confusão e viu que Fenny também estava se movendo, rolando, com o rosto sujo em uma careta de grito mudo.

“Eles machucaram Fenny”, disse Don, piscando algumas vezes, e viu a mão de Bate se aproximando lentamente. Ele esticou as pernas e se desvencilhou de Bate, movendo-se depressa como nunca na vida. Don ficou de pé, entre Gregory e Peter, que estava…

… *viver para sempre*…

piscando e olhando para a forma agitada e carrancuda de Fenny Bate. “Eles *machucaram* Fenny”, disse Don, e o significado do sofrimento de Fenny o percorreu como uma corrente elétrica. Os sons amplificados do filme soaram novamente em seus ouvidos. “Você não”, disse ele para Bate e olhou debaixo das cadeiras. Seu machado estava fora de alcance.

“Não?”

“Você não vai viver para sempre.”

“Nós vivemos bem mais do que você”, disse Bate, e o tom civilizado de sua voz deixou transparecer a verdadeira violência que estava oculta. Don recuou na direção de Peter, olhando não para os olhos de Bate, mas para sua boca.

“Você não vai viver nem mais um minuto”, falou Bate, e deu um passo para a frente.

“Peter…”, disse Don, olhando por cima do ombro para o garoto.

Peter estava segurando a faca Bowie acima do corpo de Fenny, que se contorcia.

“Vá *em frente*”, gritou Don, e Peter enfiou a faca no peito de Fenny. Uma coisa branca e podre explodiu, um gêiser de fedor, na caixa torácica de Fenny.

Gregory Bate se jogou em cima de Peter, berrando, e lançou Don com selvageria por cima da primeira fileira de assentos.

Ricky Hawthorne primeiro pensou que estivesse morto, com uma dor nas costas tão forte que achou que apenas a morte ou sua aproximação poderiam causá-la, mas viu o carpete gasto sob o rosto, com os fios parecendo ter vários centímetros de altura, e ouviu Don gritando. Estava vivo. Ele moveu a cabeça. A última coisa de que se lembrava era de cortar a nuca de Fenny Bate. Em seguida, uma locomotiva passou por cima dele.

Alguma coisa ao seu lado se mexeu. Quando levantou a cabeça para ver o que era, o peito nu de Fenny se projetou um metro no ar, parecendo ter quase dois metros de comprimento. Pequenos vermes brancos andavam por sua pele pálida. Ricky se encolheu e, embora estivesse aparentemente com as costas destruídas, ele se obrigou a se sentar.

Ao seu lado, Gregory Bate estava levantando Peter Barnes do chão, uivando como se seu peito fosse uma caverna transpassada por ventos. Parte da luz do projetor se refletia nos braços de Greg e no corpo de Peter, e manchas pretas e brancas se moveram por eles por um segundo. Ainda aos uivos, Bate lançou Peter na tela.

Ricky não estava vendo sua faca e ficou de joelhos para procurá-la. Seus dedos se fecharam em um cabo de osso, e uma lâmina comprida refletiu uma linha de luz cinza. Fenny, que se debatia ao seu lado, rolou por cima de sua mão e pronunciou um grito agudo, deixando escapar ar morto. Ricky puxou a faca que estava embaixo do corpo de Fenny, sentindo sua mão ficar molhada quando se obrigou a ficar de pé.

Gregory Bate estava subindo no palco a fim de atravessar o rasgo na tela e ir atrás de Peter, então Ricky estendeu sua mão livre e agarrou a gola grossa da japona dele. Bate ficou rígido de repente, com reflexos rápidos como os de um gato, e Ricky soube, num momento de terror, que ele o mataria, que se viraria com as mãos assassinas e os dentes afiados, se ele não fizesse a única coisa que estava ao seu alcance.

Antes que Bate pudesse se mover, Ricky enfiou a faca Bowie nas costas dele.

Agora, ele não ouvia nada, nem os ruídos da trilha sonora do filme, nem o grito que deveria ter saído pela boca de Bate. Estava imóvel segurando o cabo da faca, ensurdecido pela enormidade do que tinha feito. Bate caiu para trás e se virou, revelando para Ricky Hawthorne um rosto que ele carregaria consigo por toda a vida: olhos tomados por vendavais e nevascas e uma boca escura aberta como uma caverna.

“Lixo”, disse Ricky, quase chorando.

Bate caiu na direção em que ele estava.

• • •

Carregando o machado, Don passou por cima das cadeiras com uma pressa desesperada para alcançar Bate antes que ele pudesse rasgar o pescoço de Ricky; mas viu o corpo musculoso ficando inerte, e Ricky, ofegante, o empurrando. Bate caiu na frente do palco e ficou de joelhos. Um fluido escorria por sua boca.

“Se afaste, Ricky”, pediu Don, mas o advogado não conseguia se mexer. Bate começou a engatinhar na direção dele.

Ele parou ao lado de Ricky, e Bate inclinou a cabeça, olhando diretamente nos olhos dele.

… viver para sempre

Don levantou o machado apressadamente acima da cabeça e acertou o pescoço de Bate com a lâmina afiada, cortando fundo na direção do peito. Com o

golpe seguinte, cortou a cabeça fora.

• • •

Peter Barnes engatinhou para fora do rasgo na tela, atordoado pela dor e pela luz do projetor. Obrigou-se a seguir pelos poucos metros de madeira até a beirada do palco, ouvindo uma gritaria louca, e pensando que, se conseguisse alcançar a faca antes que Gregory Bate o visse, talvez fosse capaz de salvar Don. Ricky tinha sido morto com o primeiro golpe, ele sabia. Tinha visto a força. Mas um raio de luz passou por cima de sua cabeça, e Peter viu o que Don estava fazendo. Gregory Bate, sem cabeça, se contorcia sob os golpes de machado; ao lado dele, Fenny rolava de um lado para o outro, coberto de uma massa branca em movimento.

"Podem deixar", disse ele, e Ricky e Don o olharam com rostos pálidos.

Quando Peter estava no chão do cinema ao lado deles, ele pegou o machado da mão de Don e o movimentou com as mãos fracas, olhando para baixo, percebendo que sua histeria e seu ódio afetariam o golpe; mas ele se sentiu mais forte de repente, como um lenhador, como se estivesse brilhando, cheio de luz, e levantou a arma sem esforço, com toda a dor se esvaindo, então desceu o machado mais uma vez; e mais uma; e mais uma. Em seguida, se virou para Fenny.

Quando eles estavam reduzidos a tiras de pele e ossos esmagados, uma brisa leve soprou dos corpos destruídos e rodopiou no raio de luz do projetor, passando por Peter com tanta força que o derrubou.

Peter se inclinou na direção daquela destruição toda e pegou a faca Bowie.

"Por Deus", disse Ricky e andou até uma das cadeiras.

Quando saíram do cinema, mancando, com as mentes entorpecidas, eles sentiram um vento impaciente e apressado ainda no saguão — que parecia rodopiar pelo espaço vazio, sacudindo pôsteres e o saco de batatas fritas na bancada de doces, procurando a saída —, e quando abriram a porta o vento soprou por cima deles para se juntar à pior nevasca da estação.

15

Atravessando a tempestade, Don e Peter praticamente carregaram Ricky Hawthorne para casa; e então passaram a ser dois os convalescentes no lar dos Hawthorne. Peter forneceu a seguinte explicação para o pai: "Estou com o sr. e a sra. Hawthorne, pai. Estamos presos na casa deles. Don Wanderley e eu tivemos

praticamente que trazer o sr. Hawthorne para casa em uma maca. Os dois estão de cama, porque ela está se sentindo mal depois do acidente de carro…”

“Vai haver muitos acidentes nas ruas esta tarde”, comentou seu pai.

“Nós finalmente arrumamos um médico para vir dar um sedativo para ela, e o sr. Hawthorne está com um resfriado horrível que o médico disse que pode virar uma pneumonia se ele não descansar, então Don Wanderley e eu estamos cuidando deles.”

“Quero entender isso direito, Pete. Você estava *com* esse Wanderley e o sr. Hawthorne?”

“Isso mesmo”, disse Peter.

“Bom, seria melhor se você tivesse pensado em ligar antes. Eu estava morrendo de preocupação. Você é tudo que eu tenho, e sabe disso.”

“Me desculpe, pai.”

“Bom, pelo menos você está com boas pessoas. Tente voltar para casa quando puder, mas não se arrisque na tempestade.”

“Tudo bem, pai”, disse Peter e desligou, agradecido por seu pai parecer sóbrio e ainda mais por não ter feito tantas perguntas.

Peter e Don prepararam uma sopa para Ricky e levaram para o quarto de hóspedes, onde ele descansava enquanto a esposa poderia dormir sem ser perturbada no quarto do casal.

“Não sei o que aconteceu comigo”, disse Ricky. “Só não conseguia dar mais um passo. Se eu estivesse sozinho, teria morrido congelado na rua.”

“Se qualquer um de nós estivesse sozinho”, comentou Don, e não foi necessário terminar a frase.

“Ou se fôssemos apenas dois”, acrescentou Peter. “Nós estaríamos mortos. Ele teria nos matado com facilidade.”

“É, mas não matou”, disse Ricky bruscamente. “Don estava certo sobre eles. E, agora, dois terços do que temos que fazer está feito.”

“Você quer dizer que devemos encontrá-la”, falou Peter. “Acha que a gente consegue?”

“Nós vamos conseguir”, garantiu Don. “Stella talvez possa nos contar alguma coisa. Talvez tenha descoberto alguma coisa ou ouvido algo. Acho que não há dúvida de que o homem no carro azul era o mesmo que estava atrás de você. Podemos tentar falar com ela à noite.”

“Vai ajudar em alguma coisa?”, perguntou Peter. “Estamos presos novamente por causa da neve. Não vamos conseguir dirigir para lugar nenhum, mesmo se a sra. Hawthorne souber de algo.”

“Nós vamos andando”, disse Don.

“Sim”, concordou Ricky. “Se for necessário, nós vamos andando.” Ele se recostou nos travesseiros novamente. “Sabem, *nós* somos a Sociedade Chowder agora. Nós três. Depois que Sears foi encontrado morto, eu pensei… eu falei que era o único que tinha sobrado. Me sinto muito desolado. Sears era meu melhor amigo, era como um irmão. E vou sentir falta dele enquanto viver. Mas sei que, quando Gregory Bate encurralou Sears, ele deve ter dado um trabalho danado. Ele fez o melhor que pôde para salvar Fenny muito tempo atrás, e sei que deu o melhor de si outra vez quando chegou sua hora. Não, não precisam se sentir mal por causa de Sears. Mesmo sozinho, deve ter se saído melhor do que qualquer um de nós.”

Ricky colocou o prato vazio de sopa na mesa de cabeceira. “Mas agora temos uma nova Sociedade Chowder, e aqui estamos. Sem uísque nem charutos, e não estamos vestidos da forma certa. E, céus, olhem para mim! Não estou nem de gravata-borboleta.” Ele puxou a gola aberta da camisa do pijama e sorriu para eles. “E vou dizer mais uma coisa. Chega de histórias horríveis e de pesadelos. Graças a Deus.”

“Eu não tenho tanta certeza sobre os pesadelos”, disse Peter.

• • •

Depois que Peter Barnes foi para o quarto se deitar por uma hora, Ricky se sentou na cama e olhou candidamente para Don Wanderley através das lentes dos óculos.

“Don, quando chegou aqui, deve ter percebido que eu não gostei muito de você. Não gostei do fato de você estar aqui, e até ver que era como seu tio em alguns sentidos, não permiti muita proximidade pessoal. Mas nem preciso dizer que tudo mudou, não é? Meu bom Deus, estou tagarelando como uma matraca! O que tinha na injeção que o médico me deu, afinal?”

“Uma dose gigante de vitaminas.”

“Bom, estou me sentindo bem melhor. Cheio de energia. Ainda estou com um resfriado horrível, claro, mas me sinto assim há tanto tempo que a doença já parece uma amiga. Mas escute aqui, Don. Depois do que passamos, eu não poderia me sentir mais próximo de você. Se eu considerava Sears como um irmão, você é como um filho para mim. Mais próximo do que meu próprio filho, na verdade. Robert, o meu filho, não consegue falar comigo, e eu sou incapaz de iniciar uma conversa com ele. Isso acontece desde que ele tinha uns catorze anos. Então, acho que vou adotar você espiritualmente, se não tiver objeções.”

“Isso me dá orgulho demais para ter qualquer objeção”, disse Don e segurou a mão de Ricky.

“Tem certeza de que só tinha vitaminas naquela injeção?”

“Bem…”

“Se é assim que as drogas fazem as pessoas se sentirem, eu consigo entender por que John virou um viciado.” Ricky se deitou e fechou os olhos. “Quando isso acabar, se ainda estivermos vivos, vamos manter contato. Vou levar Stella em uma viagem pela Europa. E enviarei um monte de cartões-postais para você.”

“Claro”, disse Don, e começou a dizer alguma coisa, mas Ricky já estava dormindo.

• • •

Logo depois das dez horas, Peter e Don, que tinham comido no térreo, levaram um bife grelhado, uma salada e uma garrafa de vinho da Borgonha para o quarto de Ricky. Havia outro prato na bandeja com um filé para Stella. Don bateu na porta, ouviu Ricky dizer “Entre” e entrou, carregando a bandeja pesada.

Stella Hawthorne, com o cabelo preso em um lenço, olhou para Don de onde estava, ao lado do marido na cama do quarto de hóspedes.

“Eu acordei uma hora atrás mais ou menos”, disse ela, “e me senti tão sozinha que vim até aqui ficar com Ricky. Isso é comida? Ah, vocês são maravilhosos, os dois.” Ela sorriu para Peter, que estava parado timidamente na porta.

“Enquanto vocês dois estavam comendo, tive uma conversinha com Stella”, disse Ricky. Ele apanhou a bandeja, botou no colo da esposa e pegou um dos pratos. “Quanto luxo! Stella, acho que deveríamos ter empregadas há anos.”

“Acho que você chegou a falar sobre isso uma vez”, disse Stella. Embora ainda obviamente abalada e exausta pelo choque, Stella tinha melhorado muito ao longo da noite. Não parecia uma mulher na casa dos quarenta anos agora, e talvez nunca mais voltasse a parecer, mas seus olhos estavam límpidos.

Ricky serviu vinho para si e para Stella e cortou um pedaço de bife.

“Não há dúvida de que o homem que deu carona para Stella foi o mesmo que seguiu você, Peter. Até disse para Stella que era testemunha de Jeová.”

“Mas ele estava *morto*”, disse Stella, e por um momento pareceu chocada. Ela segurou a mão de Ricky e a apertou. “Estava mesmo.”

“Eu sei”, disse Ricky e se virou para os outros dois novamente. “Mas, depois que ela voltou com ajuda, o corpo tinha sumido.”

“Vocês podem me contar o que está acontecendo?”, pediu Stella, já à beira das lágrimas.

“Eu vou contar”, disse Ricky, “mas não agora. Nós ainda não terminamos. Vou explicar tudo para você no verão. Quando sairmos de Milburn.”

“Sairmos de Milburn?”

“Eu vou levar você para a França. Nós vamos para Antibes, St. Tropez, Aries e para qualquer outro lugar que pareça bom. Vamos ser um casal de turistas esquisitos. Mas, primeiro, você tem que nos ajudar. Tudo bem?”

A praticidade de Stella falou mais alto. “Tudo, se você estiver realmente prometendo, e não apenas tentando me subornar.”

“Você viu mais alguma coisa perto do carro quando voltou com Leon Churchill?”, perguntou Don.

“Não tinha ninguém lá”, respondeu Stella, mais calma novamente.

“Não estou falando de outra pessoa. Algum animal?”

“Não me lembro. Eu estava me sentindo tão… meio irreal. Não, nada.”

“Tem certeza? Tente se lembrar daquele momento. O carro, a porta aberta, o monte de neve onde você bateu…”

“Ah”, disse ela, e Ricky deteve o garfo que estava a caminho da boca. “Você tem razão. Eu vi um cachorro. Por que isso é importante? Ele pulou na montanha de neve que estava na frente da casa de alguém e seguiu para a rua. Reparei porque era lindo. Branquinho.”

“Aí está”, disse Don.

Boquiaberto, Peter Barnes olhou para Don e então para Ricky.

“Não quer um pouco de vinho, Peter? E você, Don?”, perguntou Ricky.

Don fez que não com a cabeça, mas Peter disse “Claro”, e Ricky passou a taça para ele.

“Você consegue se lembrar de alguma coisa que o homem disse?”

“Foi tudo tão horrível… eu pensei que ele fosse maluco. Depois, achei que me conhecia porque me chamou pelo nome e disse que eu não deveria ir até a Montgomery Street porque você não estava mais lá… Onde você estava?”

“Eu conto tudo com uma garrafa de Pernod. Na primavera.”

“Se lembra de mais alguma coisa?”, perguntou Don. “Ele disse para onde estava levando você?”

“Para uma amiga”, disse Stella, e estremeceu. “Falou que eu veria um mistério. E mencionou Lewis.”

“Não disse nada sobre o local onde a amiga estava?”

“Não. Espere. Não.” Ela olhou para o prato e empurrou a bandeja para o pé da cama. “Pobre Lewis. Já chega de perguntas. Por favor.”

“É melhor vocês nos deixarem sozinhos”, pediu Ricky.

Peter e Don estavam na porta quando Stella respondeu: “Eu me lembro. Ele disse que estava me levando para Hollow. Tenho certeza de que foi isso que ele falou.”

“Já chega por enquanto”, disse Ricky. “Vejo vocês de manhã, cavalheiros.”

• • •

De manhã, Peter e Don levaram um susto ao encontrar Ricky Hawthorne na cozinha quando desceram. Ele estava fazendo ovos mexidos, parando de vez em quando para assoar o nariz em um lenço de papel de uma caixa próxima. “Bom dia. Querem me ajudar a pensar sobre Hollow?”

“Você deveria estar na cama”, disse Don.

“Nada disso! Você não consegue perceber, pelo cheiro, que estamos chegando *perto*?”

“Só consigo sentir cheiro dos ovos”, disse Don. “Peter, pegue uns pratos no armário.”

“Quantas casas existem em Hollow? Cinquenta? Sessenta? Não mais do que isso. E ela está *em* uma delas.”

“Em uma delas, à nossa espera”, disse Don, e Peter, que estava colocando os pratos na mesa da cozinha dos Hawthorne, parou e pousou o último mais lentamente. “E deve ter caído uns sessenta centímetros de neve ontem à noite. Ainda está nevando. Não dá para dizer que é uma nevasca, mas podemos facilmente ter outra nevasca à tarde. Boa parte do estado se encontra em situação de emergência. Vocês querem pegar carona até Hollow e bater em cinquenta ou sessenta portas?”

“Não, eu quero que a gente pense”, disse Ricky e carregou a frigideira até a mesa, servindo uma porção de ovos em cada prato. “Vamos colocar pão na torradeira.”

Quanto tudo estava pronto, torradas, suco de laranja e café, eles comeram, acompanhando Ricky. Ele parecia vibrante, sentado à mesa com o roupão azul; quase eufórico. E obviamente tinha pensado muito sobre Hollow e Anna Mostyn.

“É a única parte da cidade que não conhecemos bem”, comentou Ricky. “E é por isso que ela está lá. Não quer ser encontrada ainda. E deve saber que suas criaturas estão mortas. Por enquanto, seus planos foram adiados. Ela vai querer reforços, mais criaturas como Bates ou outras como ela mesma. Stella se livrou da única por aqui com o alfinete de chapéu.”

“Como você sabe que ele era o único?”, perguntou Peter.

“Porque eu acho que teríamos encontrado outros se estivessem por perto.”

Eles comeram em silêncio por um momento.

“Eu acho que ela está entocada, provavelmente em um prédio vazio, até mais deles chegarem. Não vai estar à nossa espera. Provavelmente acha que não vamos conseguir nos deslocar com essa neve.”

“E deve estar querendo vingança”, disse Don.

“Também pode estar com medo.”

Peter levantou a cabeça. “Por que você diz isso?”

“Porque eu ajudei a matá-la uma vez. E vou dizer mais uma coisa. Se não a encontrarmos logo, tudo o que fizemos vai ter sido à toa. Stella e nós três ganhamos tempo para a cidade, mas assim que o tráfego de fora conseguir entrar…” Ricky mordeu uma torrada. “As coisas vão ser piores do que antes. Ela não vai estar apenas vingativa, mas furiosa. Nós conseguimos impedi-la duas vezes. É melhor avaliarmos tudo que pudermos sobre Hollow. E é melhor que seja agora.”

“Lá não era originalmente o lugar onde os empregados moravam?”, perguntou Peter. “Na época em que todo mundo tinha empregados?”

“Sim”, disse Ricky, “mas deve haver mais. Estou pensando no que ela disse na fita de Don. ‘Nos cenários dos seus sonhos.’ Nós encontramos um cenário desses, mas estou pensando que deve haver outro, um lugar para onde poderíamos ter sido atraídos se não tivéssemos encontrado Gregory e Fenny no Rialto. Mas não consigo…”

“Você conhece alguém que mora lá?”, perguntou Don.

“Claro que conheço. Eu moro aqui desde que nasci. Mas não consigo ver a conexão…”

“Como era Hollow?”, perguntou Peter. “Antigamente.”

“Antigamente? Quando eu era jovem? Ah, bem diferente, bem melhor. Bem mais limpo do que agora. Um pouco vulgar. Nós víamos Hollow como a parte boêmia da cidade. Tinha um pintor em Milburn na época, que fazia capas de revistas. Ele morava lá, tinha uma barba branca esplêndida e usava uma capa, era do jeito que achávamos que pintores deveriam ser. Ah, nós passávamos muito tempo lá. Tinha um bar com uma banda de jazz. Lewis gostava de ir lá, pois havia um salão de dança. Como o bar do Humphrey, só que menor e mais arrumado.”

“Um banda?”, perguntou Peter, e Don também levantou a cabeça.

“Ah, sim”, disse Ricky, reparando na empolgação deles. “Uma bandinha de seis ou oito instrumentos, mas muito boa em comparação com qualquer coisa que se poderia ouvir aqui, no interior…” Ele pegou os pratos, levou até a pia e passou água quente. “Ah, Milburn era adorável naquela época. Nós andávamos quilômetros, até Hollow e de volta, só para ouvir música, tomar uma ou duas cervejas, caminhar pelo campo…” Com os braços enfiados na água com sabão, Ricky parou de se mexer abruptamente. “Senhor. Já sei. Já sei.” Ainda segurando um prato ensaboado, ele se virou para os dois. “Era Edward. Era Edward, sabem? Nós íamos ver Edward em Hollow. Ele se mudou para lá quando quis ter seu próprio apartamento. Eu era da Liga Socialista da Juventude e meu pai

odiava isso…” Ricky deixou o prato cair e, sem perceber, pisou nos cacos. “… e o dono foi um dos nossos primeiros clientes negros. O prédio ainda existe! O conselho da cidade o condenou na primavera, e vai ser demolido ano que vem. Nós conseguimos aquele apartamento para Edward, Sears e eu.” Ele limpou as mãos no roupão. “É isso. Tenho certeza. O apartamento de Edward. *O cenário dos seus sonhos.”*

“Porque o apartamento de Edward…” começou Don, sabendo que o homem estava certo.

“Foi onde Eva Galli morreu e nossos sonhos começaram”, disse Ricky. “Por Deus, nós a pegamos.”

16

Eles colocaram todas as roupas quentes que Ricky tinha, vestindo várias camadas por baixo, duas camisas — as camisas de Ricky não podiam ser abotoadas sobre as outras duas, mas mantinham o ar quente preso — e suéteres. Dois pares de meias; até Don conseguiu enfiar os pés em um velho par de botas de Ricky. Pela primeira vez, Ricky teve motivo para ficar agradecido por ser tão apegado às suas roupas. “Nós temos que viver o suficiente para chegar lá”, comentou ele, remexendo na caixa de cachecóis velhos. “Vamos enrolar alguns em volta do rosto. A distância daqui até Hollow deve ser de pouco mais de um quilômetro. Que bom que estamos em uma cidade pequena. Quando tínhamos vinte e poucos anos, íamos a pé daqui até o apartamento de Edward e voltávamos duas ou três vezes por dia.”

“Então você tem certeza de que consegue encontrar o lugar?”, perguntou Peter.

“Tenho quase certeza”, disse Ricky. “Agora, vamos dar uma olhada em nós.” Pareciam três bonecos de neve cobertos por algumas camadas de roupas. “Ah, chapéus. Bom, eu tenho muitos chapéus.” Ele colocou um de pele na cabeça de Peter, escolheu para si um chapéu de caça vermelho que devia ter meio século vida e disse para Don: “Este sempre foi meio grande para mim”. Era de tweed verde e coube perfeitamente no escritor. “Comprei para pescar com John Jaffrey. Usei uma vez. Odiei pescar.” Ele espirrou e limpou o nariz com um lenço de papel cor de pêssego que levava no bolso. “Naquela época, eu preferia caçar.”

• • •

No começo, as roupas de Ricky os mantiveram aquecidos, e conforme seguiam pela neve suave que caía em uma luz intensa, eles passaram por alguns homens que trabalhavam na frente de casa com pás e sopradores de neve. Crianças com roupas de inverno coloridas brincavam nos morros de neve, pontos ativos de cor em um branco brilhante. Estava quinze graus negativos, e o frio atacava as áreas expostas do rosto deles, mas era perfeitamente possível confundi-los com três homens normais que saíram para uma tarefa comum: procurar crianças perdidas ou uma loja aberta.

Mas, mesmo antes da mudança do tempo, caminhar foi difícil para eles. Os pés começaram a sentir o frio primeiro, e as pernas se cansaram do esforço de andar na neve funda. Eles logo abriram mão do luxo da fala, pois gastava energia demais. A respiração condensava nos cachecóis pesados de lã, e a umidade esfriava e congelava. Don sabia que a temperatura estava despencando mais depressa do que ele jamais vira: a neve caía com mais força, seus dedos formigavam nas luvas, até as pernas começaram a sentir o frio.

E às vezes, quando dobravam uma esquina e olhavam para uma rua que estava obstruída por um monte de neve largo de quase cinco metros de altura, eles achavam que os três pareciam fotografias de exploradores polares, homens condenados, mas motivados, com os lábios escuros e a pele congelada, pequenas figuras em uma paisagem branca e ondulada.

Na metade do caminho para Hollow, Don teve certeza de que a temperatura tinha caído muitos graus abaixo de zero. O cachecol já se transformara numa máscara dura presa ao rosto, resultado da sua própria respiração. O frio maltratava suas mãos e seus pés. Peter, Ricky e ele estavam passando pela praça; vinham erguendo os pés da neve funda e se inclinando para a frente, a fim de dar mais um passo largo em seguida. Da árvore que o prefeito e os policiais colocaram na praça, restaram visíveis apenas alguns galhos que se projetavam de uma montanha branca. Enquanto limpava a Main Street e a Wheat Row, Omar Norris acabou por enterrá-la.

Quando alcançaram o sinal de trânsito, a claridade tinha sumido, e a neve acumulada não cintilava mais. Parecia tão cinzenta quanto o ar. Don levantou os olhos e viu milhares de flocos rodopiando entre as nuvens densas. Eles estavam sozinhos. Pela Main Street, os topos de alguns carros pareciam pires emborcados nas montanhas de neve. Todas as construções estavam fechadas. A neve recente girava ao redor dos três. O ar estava escurecendo e se aproximando de um negrume completo.

“Ricky?”, chamou ele. Sentia gosto de lã congelada; suas bochechas, em contato com o ar, ardiam.

“Não falta muito”, ofegou Ricky. “Continuem. Eu vou conseguir.”

“Como você está, Peter?”

O garoto espiou Don por baixo do chapéu de pele coberto de neve. “Você ouviu o chefe. Continue.”

• • •

A neve primeiro caiu inofensivamente, um obstáculo não muito maior do que o algodão doce que enfrentaram no início do trajeto; porém, quando eles percorreram mais três quarteirões, atravessando um vento que não parava de aumentar, e com os pés de Don parecendo agora dois blocos de gelo dolorosamente presos aos tornozelos, a neve que chegava era sem dúvida uma tempestade: não caía na vertical ou rodopiava lindamente, mas despencava com força na diagonal, em intervalos que vinham como ondas. Causava dor onde quer que acertasse. Sempre que chegavam ao fim de uma das montanhas arqueadas, a neve caía em cima deles, seguindo as correntes do vento, açoitando seus peitos e rostos.

Ricky caiu para trás e ficou sentado, afundado na neve até a altura do peito, como um boneco. Peter se inclinou para oferecer o braço. Don se virou para ver se poderia ajudar e sentiu o vento carregado de neve batendo em suas costas. Ele chamou: “Ricky?”.

“Só preciso. Sentar. Um pouco.”

Ele respirou fundo, e Don soube que o frio estaria arranhando sua garganta, gelando seus pulmões.

“Só faltam uns dois ou três quarteirões”, informou Ricky. “Deus, meus *pés*.”

“Acabou de me ocorrer um pensamento terrível. E se ela não estiver lá?”

“Ela está lá”, disse Ricky, segurou a mão de Peter e se levantou. “A *criatura* está lá. Faltam poucos quarteirões.”

Quando Don se virou novamente para a tempestade, não conseguiu enxergar por um momento; mas logo viu milhares de partículas brancas se movendo rapidamente em sua direção, tão juntas que pareciam linhas de força. Véus amplos e translúcidos o separavam de Ricky e Peter. Visível apenas em parte ao seu lado, Ricky fez sinal para que ele fosse em frente.

Don nunca soube direito quando eles entraram em Hollow. Na tempestade, o lugar não parecia ser diferente do resto de Milburn. Talvez as construções fossem um pouco mais pobres; talvez menos luzes brilhassem fracamente nos aposentos, como se estivessem a milhares de metros de distância. Em certa ocasião, ele escrevera em seu diário que o local tinha “uma espécie de beleza sépia dos anos trinta”; isso parecia absurdamente remoto agora. Tudo o que havia ali eram tijolos cinza escuros sujos e janelas bloqueadas. Exceto pelas poucas luzes fracas tremeluzindo atrás de cortinas, o local parecia ameaçador e

deserto. Don se lembrou de outras palavras afáveis que escrevera no diário: *se algum problema surgir em Milburn, não terá começado em Hollow*. Um problema surgiu em Milburn, e foi ali, em Hollow, num dia ensolarado de meados de outubro, há cinquenta anos, que tudo começou.

Os três estavam sob a luz fraca de um poste de luz, com Ricky Hawthorne trôpego, espremendo os olhos para tentar enxergar três prédios altos idênticos de tijolos que se encontravam no outro lado da rua. Mesmo com os barulhos da tempestade, Don conseguia ouvi-lo respirando. “Ali”, disse Ricky com dificuldade.

“Qual deles?”

“Não sei”, respondeu Ricky, sacudindo a cabeça e fazendo uma chuva de neve cair do chapéu de caça vermelho. “Não sei mesmo.” Ele olhou a tempestade e inclinou a cabeça como um cachorro. O prédio da direita. Depois, o do meio novamente. Levantou a mão que segurava a faca e apontou para as janelas do terceiro andar. Estavam sem cortina, e uma estava entreaberta. “Ali. O apartamento de Edward. Aquele ali.”

O poste acima deles se apagou, e a luz foi sumindo ao redor.

Don olhou para a janela alta no prédio desolado, meio à espera de que um rosto aparecesse lá e acenasse para eles; sentiu-se paralisado por um medo pior do que a tempestade.

“Finalmente aconteceu”, disse Ricky. “A tempestade acabou com as linhas de energia. Vocês têm medo do escuro?”

Os três atravessaram a rua coberta de neve.

17

Don abriu a porta da frente do prédio, e os outros dois o seguiram até o vestíbulo. Eles tiraram os cachecóis do rosto, e suas respirações faziam subir vapores no pequeno espaço frio. Peter tirou a neve do chapéu de pele e da parte da frente do casaco. Ninguém falou nada. Ricky se encostou na parede, parecendo quase fraco demais para subir a escada. Havia uma lâmpada queimada logo acima.

“Casacos”, sussurrou Don, pensando que as peças molhadas os deixariam lentos; no escuro, colocou o machado no chão, desabotoou o casaco e o largou por ali. Depois o cachecol, que estava com cheiro de lã molhada; seu peito e seus braços ainda estavam limitados pelos suéteres apertados, mas pelo menos o peso

das outras peças não forçava mais seus ombros. Peter também tirou o casaco e ajudou Ricky com o dele.

Don olhou para aqueles rostos brancos diante de si e se perguntou se aquele seria o último ato; eles portavam as mesmas as armas que destruíram os irmãos Bate, mas os três estavam exaustos. Os olhos de Ricky Hawthorne estavam fechados; com a cabeça inclinada para trás, os músculos flácidos, seu rosto era uma máscara de morte.

"Ricky?", sussurrou Don.

"Um minuto." A mão de Ricky tremeu quando ele a levantou para soprar os dedos. Ele inspirou, segurou o ar por um momento e expirou. "Tudo bem. É melhor você ir primeiro. Eu fico na retaguarda."

Don se inclinou e pegou o machado. Atrás dele, Peter limpou a lâmina da faca na manga. Don encontrou o primeiro degrau com o dedão dormente, subiu e olhou para trás. Ricky estava atrás de Peter, se apoiando na parede da escadaria. Seus olhos estavam fechados de novo.

"Sr. Hawthorne, quer ficar aqui embaixo?", sussurrou Peter.

"Por nada na vida."

Com os outros dois logo atrás, Don subiu o primeiro lance de escada. Em outra época, três jovens abastados em início de carreira na advocacia e na medicina, bem como o filho de um pastor de dezessete anos, subiram e desceram essas mesmas escadas; tinham quase vinte anos nos anos vinte daquele século. E por aquela escada também subira a mulher por quem todos estavam apaixonados, assim como Don foi apaixonado por Alma Mobley. Ele chegou no segundo patamar e olhou para o alto do último lance. Em parte, desejava encontrar uma porta aberta, um aposento vazio, a neve voando despercebida em um apartamento desabitado…

O que viu o fez recuar na mesma hora. Peter espiou por cima do ombro dele e assentiu; e finalmente Ricky apareceu no patamar e olhou para a porta no alto da escada.

Uma luz verde fosforescente saía por baixo da porta, iluminando o patamar e as paredes com uma tonalidade verde-clara.

Silenciosamente, eles subiram os últimos degraus da escada até a luz fosforescente.

"No três", sussurrou Don e aninhou o machado quase na altura da cabeça. Peter e Ricky assentiram.

"Um. Dois." Don segurou o corrimão com a mão livre. "*Três*."

Juntos, eles bateram na porta, que cedeu ao seu peso.

Todos ouviram claramente uma palavra, mas a voz que a enunciou soou diferente para cada um. A palavra foi *Oi*.

18

Don Wanderley, pego de surpresa, se virou ao ouvir a voz do irmão. Uma luz calorosa surgiu ao redor dele, além de ruídos de tráfego. Suas mãos e pés estavam tão frios que poderiam estar congelados, mas era verão. Verão em Nova York. Ele reconheceu a esquina quase imediatamente.

Estava no East Fifties, tão familiar para ele porque ali perto, bem perto, havia um café com mesinhas externas onde se encontrava com David para almoçar sempre que ia para Nova York.

Não era uma alucinação, ao menos não uma alucinação qualquer. Ele *estava* em Nova York, e era verão. Don sentiu um peso na mão esquerda e, ao olhar para baixo, viu que estava carregando um machado. *Um machado? Mas o quê…?* Ele largou a arma, como se a coisa tivesse pulado da sua mão. Seu irmão chamou: "Don! Aqui!".

Sim, estava carregando um machado… eles viram a luz verde… ele estava se virando, se movendo rapidamente…

"Don!"

Ele olhou para o outro lado da rua e viu David, parecendo saudável e extremamente próspero, de pé junto a uma das mesinhas externas, sorrindo acenando. David em um terno azul leve e impecável, óculos de aviador cobrindo os olhos, as hastes desaparecendo nos cabelos louros e brilhantes. "Acorde!", chamou seu irmão, sobrepondo-se ao som do trânsito.

Don esfregou o rosto com as mãos geladas. Era importante não parecer confuso na frente de David; seu irmão o tinha convidado para almoçar. David tinha algo para lhe contar.

Nova York?

Sim, era Nova York, e ali estava David, olhando para ele com alegria no olhar, feliz por vê-lo, ávido para lhe contar alguma coisa. Don olhou para a calçada. O machado tinha sumido. Ele correu entre os carros e abraçou o irmão, sentindo cheiro de charuto, xampu caro, colônia Aramis. Ele estava ali, e David estava vivo.

"Como você está se sentindo?", perguntou David.

"Eu não estou aqui e você está morto", foi o que saiu de sua boca.

David pareceu constrangido e disfarçou com outro sorriso. "É melhor você se sentar, irmãozinho. Não deveria mais estar falando assim." David segurou seu cotovelo e o guiou até uma cadeira embaixo de um guarda-sol. Um martíni com gelo fazia um copo suar.

"Eu não deveria…", começou Don. Ele se sentou pesadamente na cadeira; o trânsito de Manhattan passava pela agradável rua do East Fifties; do outro lado,

por cima dos carros, viu o nome de um restaurante francês escrito em letras douradas num vidro escuro. Até seus pés quase congelados conseguiam perceber que o chão estava quente.

"Aposto que não", disse David. "Pedi um filé para você, está bom? Achei que não ia querer nada gorduroso demais." Ele olhou com solidariedade para Don do outro lado da mesa. Os óculos modernos escondiam seus olhos, mas o rosto bonito de David esbanjava calor. "Esse terno está bom, aliás? Encontrei no seu armário. Agora que você saiu do hospital, vai ter que comprar roupas novas. Use minha conta na Brooks, certo?" Don olhou para o que estava vestindo: um terno marrom-claro de verão, uma gravata listrada marrom e verde, sapatos marrons. Tudo parecia meio fora de moda e velho em comparação com a elegância de David.

"Agora olhe para mim e me diga que estou morto", disse David.

"Você não está morto."

David suspirou com alegria. "Tudo bem. Que bom. Você me deixou preocupado, amigão. Agora… você se lembra de alguma coisa do que aconteceu?"

"Não. Hospital?"

"Você teve o pior colapso nervoso já visto, irmão. Foi quase um bilhete só de ida. Aconteceu logo depois que terminou o livro."

"*O Vigilante da Noite?*"

"E que outro poderia ser? Sua mente pareceu ficar vazia, e quando você dizia algo, eram apenas coisas malucas sobre o fato de eu estar morto e Alma ser uma coisa horrível e misteriosa. Você estava no espaço sideral. Se não se lembra de nada disso, é por causa dos tratamentos de choque. Agora, temos que ajeitar sua vida de novo. Falei com o professor Lieberman, e ele disse que pode marcar um encontro com você no outono. Ele gostou mesmo de você, Don."

"Lieberman? Não, ele disse que eu era…"

"Isso foi antes de saber o quanto você estava doente. Mas eu tirei você do México e o internei em um hospital particular em Riverdale. Paguei todas as contas até você ficar bem de novo. O filé vai chegar em um minuto. É melhor tomar o martíni. O vinho tinto da casa não é nada mau."

Don tomou obedientemente um gole da bebida: aquele gosto marcante, frio e familiar.

"Por que estou com tanto *frio*?", ele perguntou a David. "Estou congelando."

"Efeito colateral dos medicamentos." David deu um tapinha na mão dele. "Me disseram que você sentiria isso por um ou dois dias, que ficaria com frio, inseguro ainda. Vai passar. Eu prometo."

Uma garçonete chegou com a comida. Don deixou que ela levasse o copo de martíni.

“Você estava cheio de ideias deturpadas”, explicou seu irmão. “Agora que está bem de novo, vai ficar chocado com elas. Você achou que a minha esposa era algum tipo de monstro que tinha me matado em Amsterdam, estava convencido disso. O médico disse que você não conseguia aceitar o fato de que a tinha perdido. Foi por isso que nunca veio aqui conversar sobre o assunto. Acabou pensando que aquilo que escreveu no seu livro era real. Depois que mandou o livro para o seu agente, você se fechou em um quarto de hotel sem comer nem tomar banho… não se levantava nem para cagar. Eu tive que ir até a Cidade do México para trazer você de volta.”

“O que eu estava fazendo uma hora atrás?”, perguntou Don.

“Estava tomando uma injeção de sedativo. Colocaram você em um táxi e o mandaram para cá. Eu achei que você gostaria de rever este lugar. Uma coisa familiar.”

“Eu fiquei um ano no hospital?”

“Quase dois. Nos últimos meses, fez grandes progressos.”

“Por que não consigo lembrar?”

“Simples. Porque não quer. Para você, seu nascimento foi cinco minutos atrás. Mas tudo vai voltar aos poucos. Você pode se recuperar na nossa casa na ilha. Tem muito sol, areia, algumas mulheres. Que tal?”

Don deu uma piscadinha e olhou ao redor. Seu corpo inteiro parecia irracionalmente gelado. Uma mulher alta andava pela calçada na direção deles, puxada por um cão de guarda enorme em uma coleira. Era magra e bronzeada, usava óculos de sol no alto da cabeça, e por um momento foi o símbolo da realidade: o epítome de tudo o que não era alucinação nem imaginação, da sanidade. Não era ninguém importante, era uma estranha, mas, se o que David estava dizendo era verdade, ela representava saúde.

“Você vai ver muitas mulheres”, disse David, quase gargalhando. “Não queime os olhos com a primeira que cruza seu caminho.”

“Você está casado com Alma agora”, falou Don.

“Claro. Ela está louca para ver você. E sabe de uma coisa?”, continuou David, ainda sorrindo, segurando um garfo com um pedaço de carne cuidadosamente cortado, “Ela ficou meio lisonjeada com seu livro. Sente que deu uma contribuição para a literatura! Mas eu quero dizer uma coisa.” David aproximou sua cadeira. “Pense em quais seriam as consequências se o que você escreveu no seu livro fosse verdade. Se criaturas assim existissem… e você achou que existiam, eu sei.”

“Eu sei”, disse Don. “Eu achei…”

“Espere. Me deixe terminar. Você não consegue ver como pareceríamos inferiores aos olhos delas? Nós vivemos… o quê? Uns míseros sessenta ou setenta anos, talvez. Elas viveriam por séculos, por um século de séculos, poderiam se tornar o que quisessem. Nossas vidas ocorrem por acidente, por coincidência, por uma combinação cega de genes. Elas se fazem por vontade própria. Elas nos detestariam. E estariam certas nisso. Perto delas, nós seríamos detestáveis.”

“Não”, retrucou Don. “Isso está errado. Elas são selvagens e cruéis, vivem de morte…” Ele sentiu vontade de vomitar. “Você não pode dizer essas coisas.”

“Seu problema é que você ainda está preso na história que estava contando para si mesmo. Apesar de estar fora dela, essa história ainda se esconde em algum lugar da sua memória. Sabe como é? Seu médico me disse que nunca viu nada assim. Quando você surtou, foi para dentro de uma *história*. Andava pelo corredor do hospital e tinha conversas com gente que não estava lá. Estava todo envolvido em algum tipo de enredo. Impressionou muito os médicos. Você começava a falar com eles, e eles respondiam, mas você começava a agir como se estivesse conversando com um cara chamado Sears ou com um outro chamado Ricky…” David sorriu e sacudiu a cabeça.

“O que aconteceu no fim da história?”, perguntou Don.

“Hã?”

“*O que aconteceu no final da história?”* Don colocou o garfo no prato e se inclinou para a frente, olhando para o rosto vago do irmão.

“Não deixaram você chegar ao fim”, revelou David. “Ficaram com medo. Parecia que você estava preparando tudo para ser morto. Sabe? Isso era uma parte do seu problema. Você inventou essas criaturas fantásticas e belas, depois se ‘inseriu’ na história como inimigo delas. Mas nada assim poderia ser derrotado. Por mais que você tentasse, elas sempre venceriam no final.”

“Não, isso não está…”, disse Don. Isso não estava certo; ele só conseguia se lembrar dos contornos da “história” sobre a qual David estava falando, mas tinha certeza de que seu irmão estava errado.

“Seus médicos disseram que foi o jeito mais interessante de um escritor cometer suicídio de que já ouviram falar. Por isso, eles não podiam deixar você ir até o final, entende? Tinham que tirar você daquilo.”

Don ficou parado como se estivesse exposto ao vento congelante.

• • •

“Oi, e bem-vindo de volta”, disse Sears. “Nós todos tivemos aquele sonho, mas imagino que você deve ser o primeiro a sonhar em uma das nossas reuniões.”

“O quê?”, perguntou Ricky, levantando a cabeça e vendo diante de si a amada biblioteca de Sears: as estantes com portas de vidro, as poltronas de couro dispostas em círculo, as janelas escuras. Bem na sua frente, Sears tragou o charuto e olhou para ele com expressão de leve irritação. Lewis e John, segurando os copos de uísque e vestidos como Sears, de fraque, pareciam estar mais constrangidos do que irritados.

“Que sonho?”, perguntou Ricky, sacudindo a cabeça. Ele também estava de trajes de gala: pelo charuto, pela espécie de escuridão, por mil detalhes familiares, soube que estavam no estágio final de uma reunião da Sociedade Chowder.

“Você cochilou”, disse John. “Logo depois que terminou a sua história.”

“História?”

“E no fim”, acrescentou Sears, “olhou para mim e disse: ‘Você está morto’.”

“Ah. O pesadelo”, disse Ricky. “Ah, sim. Eu disse mesmo? Meu Deus, estou com frio.”

“Na nossa idade, a circulação é péssima”, comentou o dr. Jaffrey.

“Que dia é hoje?”

“Você realmente *apagou*”, disse Sears, erguendo as sobrancelhas. “É dia nove de outubro.”

“E Don está aqui? Onde está Don?” Ricky procurou freneticamente pela biblioteca, como se o sobrinho de Edward pudesse estar escondido embaixo de uma poltrona.

“Francamente, Ricky”, resmungou Sears. “Nós acabamos de fazer uma votação para decidir se escreveríamos para ele, se é que você se lembra. É mais do que improvável que ele apareça antes que a carta seja escrita.”

“Nós temos que contar a ele sobre Eva Galli”, disse Ricky, lembrando-se da votação. “É imperativo.”

John deu um sorriso débil, e Lewis se encostou na poltrona, olhando para Ricky como se achasse que ele tinha perdido a cabeça.

“Você muda de opinião das maneiras mais incríveis”, falou Sears. “Cavalheiros, como nosso amigo aqui evidentemente precisa dormir, talvez seja melhor encerrarmos a noite.”

“Sears”, disse Ricky, de repente iluminado por outra lembrança.

“Sim, Ricky?”

“Na próxima vez em que nos encontrarmos, quando formos à casa de John, não conte a história que você tem em mente. Você não pode contar essa história. Isso vai ter as consequências mais horrendas.”

“Fique aqui um momento”, ordenou Sears enquanto levava os outros dois até a porta.

Ele voltou carregando um novo charuto e uma garrafa. “Você parece precisar de uma bebida. Deve ter sido um sonho e tanto.”

“Eu fiquei muito tempo apagado?” Ele ouviu Lewis tentando ligar o Morgan na rua.

“Dez minutos. Não mais do que isso. O que foi mesmo que você disse sobre minha história no próximo encontro?”

Ricky abriu a boca, tentou relembrar o que tinha sido tão importante minutos antes e percebeu que deveria estar parecendo muito tolo. “Não sei mais. Alguma coisa sobre Eva Galli.”

“Posso jurar que eu não pretendia falar sobre isso. Não consigo imaginar nenhum de nós mencionando esse assunto, e acho que é melhor assim, você não acha?”

“Não. Não. Nós temos que…” Ricky percebeu que citaria Don Wanderley novamente e corou. “Imagino que deve ter sido parte do meu sonho. A janela está aberta, Sears? Estou congelando. E estou tão cansado. Não consigo imaginar o que…”

“Idade. Nada mais, nada menos. Nós estamos chegando ao fim da vida, Ricky. Todos nós. Já vivemos o bastante, não foi?”

Ricky fez que não com a cabeça.

“John já está morrendo. Dá para ver no rosto dele, não?”

“Sim, eu achei que vi…” disse Ricky, lembrando-se de um momento, no início da reunião — uma mancha escura na testa de John Jaffrey —, que agora parecia ter acontecido anos antes.

“Morte. Foi isso o que você achou que viu. É verdade, meu velho amigo.” Sears deu um sorriso benevolente para ele. “Ando pensando muito nisso, e o fato de você mencionar Eva Galli… bom, faz tudo vir à tona. Vou dizer em que ando pensando.” Sears tragou o charuto e se inclinou para a frente. “Acho que Edward não morreu de causas naturais. Na minha opinião, teve uma visão de beleza tão terrível e sobrenatural que o choque causado no seu pobre organismo mortal o matou. Acho que andamos contornando as beiradas dessa beleza nas nossas histórias há um ano.”

“Não, não é beleza”, disse Ricky. “É uma coisa obscena… uma coisa terrível.”

“Espere. Quero que você considere a possibilidade de existir outra raça de seres… seres poderosos, oniscientes, belos. Se eles existissem, nos detestariam. Nós pareceríamos gado em comparação. Eles viveriam por séculos. Por um século de séculos, e você e eu pareceríamos crianças aos olhos deles. Eles não seriam regidos por acaso, coincidência ou uma combinação cega de genes. E estariam certos de nos odiar: perto deles, nós seríamos detestáveis.” Sears se

levantou, colocou o copo na mesa e começou a andar. “Eva Galli. Foi aí que nós perdemos nossa chance. Ricky, nós poderíamos ter visto coisas que valeriam a pena ser vistas na nossa vida patética.”

“Eles são ainda mais vaidosos do que nós, Sears”, argumentou Ricky. “Ah. Agora eu lembro. Os *Bate*. Essa é a história que você não pode contar.”

“Ah, isso já foi”, disse Sears. “Tudo isso já acabou.” Ele caminhou até Ricky e se inclinou na frente da poltrona para encará-lo. “Imagino que, de agora em diante, todos nós estamos… é *hors commerce* ou *de combat*?”

“No seu caso, tenho certeza de que é *hors de combat*”, disse Ricky, lembrando-se de suas falas. Ele se sentia terrivelmente doente, estremecendo, os efeitos do pior resfriado da sua vida. Ocupava seus pulmões como fumaça e pesava nos braços como um inverno inteiro de neve.

Sears se inclinou ainda mais em sua direção. “É verdade para todos nós, Ricky. Mas foi uma jornada e tanto, não?” Sears tirou o charuto da boca e estendeu a mão para apalpar o pescoço de Ricky. “Eu achei *mesmo* que tinha visto glândulas inchadas. Você vai ter sorte se não morrer de pneumonia.” A mão enorme de Sears envolveu o pescoço de Ricky.

Indefeso, Ricky espirrou.

• • •

“Preste atenção em mim”, disse David. “Você entende a importância disso? Você se colocou em uma posição em que o único final lógico é a sua morte. Então, apesar de ter imaginado conscientemente que esses seres que inventou eram criaturas más, de forma inconsciente percebia que eram superiores. Era por isso que a sua ‘história’ era tão perigosa. Inconscientemente, de acordo com o seu médico, você sabia que eles o matariam. Você inventou uma coisa tão superior a si mesmo que desejava dar sua vida a eles. É uma coisa perigosa, garoto.”

Don sacudiu a cabeça.

David colocou o garfo e a faca no prato. “Vamos fazer um experimento. Posso provar que você quer viver. Certo?”

“Eu sei que eu quero viver.” Ele olhou para o outro lado da rua indiscutivelmente real e viu a mulher indiscutivelmente real seguindo em frente pela calçada do outro lado, ainda puxada pelo cachorro. Não, não seguindo em frente, ele percebeu, mas voltando, da mesma forma como tinha acabado de passar ao lado dele. Era como um filme em que os mesmos figurantes aparecem em cenas diferentes, em papéis diferentes, incomodando com sua presença, fazendo lembrar que aquilo é pura invenção. E ali estava ela, movendo-se bruscamente atrás do belo cachorro, não uma invenção, mas parte da rua.

“Eu vou provar. Vou colocar as mãos no seu pescoço e enforcar você. Quando quiser que eu pare, me mande parar.”

“Isso é ridículo.”

David estendeu a mão rapidamente por cima da mesa e segurou o pescoço dele. “Pare”, disse ele. David contraiu os músculos e se levantou da cadeira, empurrando a mesa. A jarra virou, derramando vinho na toalha. Nenhuma das outras pessoas pareceu perceber, todos continuaram comendo e falando do jeito indiscutivelmente real de antes, colocando indiscutivelmente comida em suas bocas indiscutivelmente reais. “Pare”, Don tentou dizer, mas agora as mãos de David estavam apertando com muita força, e ele não conseguiu formar a palavra. O rosto de David era o de um homem que escreve um relatório ou espanta uma mosca; ele derrubou a mesa com o quadril.

De repente, o rosto de David não era o dele, mas a cabeça de um cervo com chifres ou a cabeça enorme de uma coruja ou as duas coisas.

Absurdamente perto, um homem soltou um espirro explosivo.

• • •

“Oi, Peter. Então você quer conhecer os bastidores.” Clark Mulligan se afastou da porta da sala de projeção, convidando-o a entrar. “Foi gentileza sua trazê-lo, sra. Barnes. Não recebo muitas visitas aqui. O que foi? Você parece meio confuso, Pete.”

Peter abriu a boca e a fechou novamente. “Eu…”

“Você poderia agradecer, Peter”, disse sua mãe secamente.

“O filme deve ter sido perturbador”, argumentou Mulligan. “Causa esse efeito nas pessoas. Já vi centenas de vezes, mas sempre me afeta. Foi só isso, Pete. Um filme.”

“Um filme?”, perguntou Peter. “Não. Nós estávamos subindo a escada…” Ele levantou a mão e viu a faca Bowie.

“Foi aí que o rolo terminou. Sua mãe disse que você tinha interesse em ver como tudo é daqui de cima. Como vocês são os único no cinema, não tem mal nenhum nisso, tem?”

“Peter, o que você está fazendo com essa faca?”, perguntou sua mãe. “Entregue para mim *imediatamente.*”

“Não, eu tenho que… ah. Eu tenho que…” Peter se afastou da mãe e olhou com uma expressão confusa para a pequena cabine de projeção. Um casaco de veludo estava pendurado em um gancho; um calendário, um pedaço de papel mimeografado pendurado na parede dos fundos. Estava muito frio, como se Mulligan estivesse projetando o filme na rua.

“É melhor você se acalmar, Pete”, sugeriu Mulligan. “Aqui você pode ver nossos projetores, o último rolo está pronto para ser exibido por este aqui, está vendo? Eu preparo tudo antes e, quando uma marquinha aparece em alguns quadros, sei que tenho uma certa quantidade de segundos para começar o…”

“O que acontece no final?”, Peter quis saber. “Não consigo entender direito o que…”

“Ah, eles todos morrem, claro”, disse Mulligan. “Não tem outro jeito de terminar, não é? Quando você os compara com aquilo contra o que estão lutando, eles parecem meio patéticos, não? São apenas pessoas pequenas e acidentais, afinal, e estão lutando com… bem, o esplêndido, na verdade. Se quiser, você pode assistir ao final aqui comigo. Tudo bem por você, sra. Barnes?”

“É melhor que ele assista”, disse Christina, chegando mais perto. “Ele entrou em algum tipo de transe lá embaixo. Me dê essa faca, Peter.”

Peter escondeu a faca nas costas.

“Ah, mas ele vai ver logo, sra. Barnes”, disse Mulligan e mexeu em um interruptor no segundo projetor.

“Vou ver o quê?”, perguntou Peter. “Eu estou morrendo de frio.”

“Os aquecedores estão quebrados. Vou acabar tendo frieiras aqui. Ver o quê? Bem, os dois homens morrem primeiro, claro, e depois… mas veja você mesmo.”

Peter se inclinou para olhar pela abertura na parede, e ali estava o interior vazio do Rialto, com o raio de luz se ampliando na direção da tela…

Ao seu lado, um Ricky Hawthorne invisível espirrou alto, e ele percebeu que tudo estava mudando de novo, as paredes da cabine de projeção pareceram oscilar, e viu uma coisa recuar com nojo, uma coisa com a cabeça enorme de um animal se encolhendo como se Ricky tivesse cuspido nela, e Clark Mulligan voltou ao lugar de antes, dizendo: “O filme está com uma parte ruim aqui. Acho que já ficou bom de novo”. Mas a voz dele estava tremendo, e sua mãe dizia: “Me dê a faca, Peter”.

“É um truque”, falou ele. “É outro *truque* nojento.”

“Peter, não seja grosseiro”, disse sua mãe.

Clark Mulligan olhou para ele com preocupação e confusão no rosto, e Peter, se lembrando do conselho de uma antiga história de aventura, enfiou a faca Bowie na barriga protuberante de Mulligan. Sua mãe gritou, já começando a derreter como tudo ao redor, e Peter fechou as duas mãos no cabo de osso e puxou a faca para cima. Ele soltou um grito de lamento e infelicidade, e Mulligan caiu em cima dos projetores, derrubando-os dos suportes.

19

“Ah, *Sears*”, disse Ricky… ofegou. Sua garganta ardia. “Ah, meus pobres amigos.” Por um momento, todos voltaram a estar vivos, e seu mundo frágil voltou a estar inteiro. A perda dupla dos amigos e do mundo confortável reverberou por todo o seu ser, e as lágrimas fizeram seus olhos arder.

“Olhe, Ricky”, ele ouviu Don dizendo, e a voz foi convincente o bastante para fazê-lo virar a cabeça. Quando viu o que estava acontecendo no chão do apartamento, ele se sentou. “Foi Peter”, ele ouviu Don dizer ao seu lado.

O garoto estava a três metros deles, com os olhos grudados no corpo da mulher que jazia um pouco mais afastado. Don estava de joelhos, massageando o pescoço. Ricky encarou Don bem nos olhos, viu horror e dor neles, e os dois se voltaram para Anna Mostyn.

Por um momento, ela estava como quando a viu pela primeira vez, na sala de recepção em Wheat Row: uma jovem com um lindo rosto fino de raposa e cabelo escuro. Mesmo agora, o advogado via inteligência real e humanidade falsa na face ovalada. A mão dela segurava o cabo de osso, projetado logo abaixo do esterno. Sangue escuro já escorria do ferimento. A mulher estava se debatendo no chão, contorcendo as feições; os olhos tremiam. Flocos aleatórios de neve entravam pela janela aberta e caíam neles.

Os olhos de Anna Mostyn se abriram, e Ricky se preparou, achando que ela diria alguma coisa; mas os lindos olhos perderam o foco, parecendo não reconhecer nenhum dos homens. Uma onda de sangue jorrou do ferimento; em seguida outra, espalhando-se em volta de seu corpo e alcançando os joelhos dos dois homens. Ela deu um meio-sorriso, e uma terceira onda brotou do corpo e fez uma poça no chão.

Por um instante apenas, como se o cadáver de Anna Mostyn fosse um filme, uma transparência fotográfica revestindo uma outra substância, os três homens viram uma vida se contorcendo na pele da mulher morta; não era um simples cervo ou uma coruja, não era um corpo humano nem animal, mas uma boca se abriu embaixo da boca de Anna Mostyn, e um corpo contido dentro das roupas sangrentas de Anna Mostyn se moveu com uma energia feroz. Era tão agitado e variado quanto uma mancha de óleo, e se virou com ódio para eles no momento em que se fez visível. Mas logo escureceu e sumiu, e apenas a mulher morta permaneceu no chão.

No instante seguinte, seu rosto ganhou uma tonalidade branca como giz, e os membros se curvaram para dentro, empurrados por um vento que os outros não sentiam. A mulher morta se encolheu como uma folha de papel lançada ao fogo, ficando menor, o corpo todo se curvando para dentro, bem como os braços e as

pernas. Ela tremeu e encolheu na frente deles, assumindo metade do seu tamanho, depois um quarto, não mais humana, apenas um pedaço de carne torturada se encolhendo e murchando na frente dos três, açoitada e golpeada por um vento que ninguém sentia.

O aposento em si pareceu expirar, soltando um suspiro surpreendente humano através do que restava da garganta dela. Uma luz verde piscou ao redor, acendendo-se como mil fósforos. O restante do corpo de Anna Mostyn tremeu mais uma vez e desapareceu em si mesmo. Ricky, agora inclinado para a frente, de quatro, viu que as partículas de neve que caíam onde o corpo estava rodopiaram em um vórtice e o seguiram até o nada.

A treze quarteirões de distância, a casa em frente à de John Jaffrey, na Montgomery Street, implodiu. Milly Sheehan ouviu o estouro e, quando correu para a janela da frente, chegou a tempo de ver a fachada da casa de Eva Galli se dobrar para dentro, como se fosse feita de papelão, e depois se quebrar, com os tijolos voando em direção ao fogo que já ardia no centro da casa.

• • •

"O lince", sussurrou Ricky. Don tirou os olhos do chão, desviando-os do ponto em que Anna Mostyn sumiu no ar, e viu um pardal pousado no parapeito da janela aberta. O passarinho inclinou a cabeça para os três; Don e Ricky já se deslocavam na direção dele; Peter ainda olhava para o chão vazio, e o pardal levantou voo e saiu pela janela.

"É isso, não é?", perguntou Peter. "Acabou agora. Nós acabamos com tudo."

"É, Peter", disse Ricky. "Acabou."

E, por um momento, os dois homens trocaram um olhar de concordância. Don se levantou e, fingindo casualidade, andou até a janela, mas viu apenas uma tempestade mais fraca. Ele se virou para o garoto e o abraçou.

20

"Como você está se sentindo?", perguntou Don.

"Ele vem me perguntar como eu estou me sentindo", disse Ricky, apoiado em travesseiros na cama do hospital de Binghamton. "Pneumonia não é divertido. Afeta o organismo intensamente. Eu aconselho você a não pegar uma."

"Vou tentar", respondeu Don. "Você quase morreu. Abriram a rodovia a tempo da ambulância chegar e trazer você para cá. Se não tivesse sobrevivido,

eu teria que levar sua esposa para a França na primavera.”

“Não diga isso para Stella. Ela vai entrar correndo aqui e arrancar os meus tubos.” Ele deu um sorriso irônico. “Está tão ansiosa para ir à França que até aceitaria a companhia de um pirralho como você.”

“Quanto tempo você vai ter que ficar aqui?”

“Mais duas semanas. Fora as coisas que sinto, não é ruim. Stella conseguiu apavorar todas as enfermeiras, então elas cuidam muito bem de mim. Obrigado pelas flores, aliás.”

“Eu senti sua falta”, disse Don. “Peter também.”

“Sim”, Ricky respondeu simplesmente.

“É engraçada essa história toda. Me sinto mais próximo de você e de Peter… e de Sears, acho que devo dizer, do que de qualquer pessoa desde Alma Mobley.”

“Bom, você sabe o que eu acho sobre isso. Falei tudo quando aquele jovem médico me dopou. A Sociedade Chowder está morta, vida longa à Sociedade Chowder. Sears disse uma vez que queria não ser tão velho. Fiquei um pouco surpreso na época, mas concordo com ele agora. Eu queria poder ver Peter Barnes crescendo, queria poder ajudá-lo. Você vai ter que fazer isso por mim. Nós devemos nossa vida a ele, você sabe.”

“Eu sei. Justamente a parte que não devemos ao seu resfriado.”

“Eu fiquei totalmente confuso naquele quarto.”

“Eu também.”

“Bem, agradeço a Deus por Peter. Fico feliz por você não ter contado para ele.”

“Concordo. Ele já passou por coisa suficiente. Mas ainda tem um lince que precisa levar um tiro.”

Don assentiu.

“Do contrário”, continuou Ricky, “ela voltará novamente. E vai continuar voltando até que todos nós e a maioria dos nossos parentes estejamos mortos. Sustentei meus filhos por tempo demais para querer vê-los morrer assim. E, por mais que eu deteste dizer, parece que o trabalho é seu.”

“Sem dúvida nenhuma”, concordou Don. “Foi você quem acabou de verdade com Gregory e com Fenny. E Peter matou a chefe deles. Eu tenho que cuidar do que restou.”

“Não invejo a tarefa. Mas tenho confiança em você. Está com a faca?”

“Eu a peguei do chão.”

“Que bom. Eu odiaria pensar que tinha se perdido. Sabe, naquele quarto terrível, acho que vi a resposta para um dos enigmas sobre os quais Sears, os

outros e eu conversávamos. Acho que vimos o que causou o ataque cardíaco no seu tio.”

“Também acho”, disse Don. “Só por um segundo. Eu não sabia que você também tinha visto.”

“Pobre Edward. Deve ter entrado no quarto de hóspedes de John esperando, no máximo, encontrar a atriz na cama com Freddy Robinson. Mas ela… como posso dizer? Tirou a máscara.”

Ricky agora estava muito cansado, e Don se levantou para ir embora. Ele colocou uma pilha de livros e um saco de laranjas na mesa ao lado da cama.

“Don?” Até a voz do homem estava carregada de exaustão.

“Sim?”

“Não precisa me mimar. Só atire em um lince por mim.”

21

Três semanas depois, quando Ricky foi finalmente liberado do hospital, as tempestades tinham passado completamente, e Milburn, não mais isolada, convalescia e cicatrizava como o velho advogado. Suprimentos chegaram às mercearias e supermercados. Rhoda Flagler viu Bitsy Underwood no Bay Tree Market, ficou vermelha como um rabanete e correu para pedir desculpas por ter puxado o cabelo dela. “Ah, que dias horríveis”, comentou Bitsy. “Eu provavelmente teria batido na sua cabeça se você tivesse chegado às malditas abóboras primeiro.”

As escolas reabriram; empresários e banqueiros voltaram a trabalhar, abrindo cortinas e enfrentando as pilhas de papéis que tinham se acumulado em suas mesas; lentamente, as pessoas que faziam corridas e caminhadas voltaram a aparecer nas ruas de Milburn. Annie e Anni, as lindas atendentes de Humphrey Stalladge, ficaram de luto por Lewis Benedikt e se casaram com os homens com quem moravam; conceberam com uma semana de diferença. Se tivessem meninos, elas os chamariam de Lewis.

Alguns negócios nunca voltaram a abrir. Alguns homens foram à falência, pois é preciso pagar aluguel e impostos quando se tem uma loja, mesmo quando está soterrada na neve. Outros fecharam por motivos mais tristes. Leota Mulligan pensou em cuidar do Rialto, mas acabou vendendo o local para uma cadeia de cinemas e se casou com o irmão de Clark seis meses depois. Larry era menos sonhador do que Clark, mas era um homem de confiança, uma boa companhia e gostava da comida dela. Ricky Hawthorne fechou o escritório, mas

um jovem advogado o convenceu a vender o nome e a reputação da firma. O novo dono readmitiu Florence Quast e mandou fazer placas novas para a porta e para a frente do prédio. Hawthorne & James era agora Hawthorne, James & Whittacker. “Pena que o nome dele não é Poe”, disse Ricky, mas Stella não achou muito engraçado.

Durante todo esse tempo, Don esperou. Quando via Ricky e Stella, eles conversavam sobre os livretos de viagem que agora cobriam a enorme mesa de centro. Quando via Peter Barnes, falavam sobre Cornell, sobre os escritores que o garoto estava lendo, sobre seu pai, que estava se ajustando à vida sem Christina. Por duas vezes, Don e Ricky foram de carro até Pleasant Hill e colocaram flores em todos os túmulos novos que foram abertos desde o enterro de John Jaffrey. Enterrados juntos em uma fila reta, estavam Lewis, Sears, Clark Mulligan, Freddy Robinson, Harlan Bautz, Penny Draeger, Jim Hardie — tantos túmulos novos, montes separados de terra ainda altos. Com o tempo, quando a terra assentasse, eles teriam lápides. Christina Barnes estava enterrada mais ao longe, embaixo de outro monte de terra remexida, ocupando metade do espaço que Walter Barnes tinha comprado. A família de Elmer Scales foi enterrada mais perto do topo da colina, no lote da família Scales comprado pelo avô de Elmer. Um anjo de pedra maltratado pelo tempo zelava por eles. Flores também foram colocadas por lá.

“Nem sinal do lince ainda”, disse Ricky quando eles estavam voltando para a cidade.

“Nada de lince”, respondeu Don. Os dois sabiam que, quando aparecesse, não seria um lince; e a espera poderia levar meses, anos.

Don lia, esperava com ansiedade seus jantares com Ricky e Stella, via sequências inteiras de filmes na televisão (Clark Gable de roupa de safári que virava Dar Duryea num terno de gângster que virava o gracioso e encantador Fred Astaire, no estilo da Sociedade Chowder), e descobriu que não conseguia escrever. Esperava. Muitas vezes, acordava no meio da noite chorando. Ele também precisava cicatrizar.

• • •

Em meados de março, num dia escuro de inverno parecido com os que ele e a Sociedade Chowder enfrentaram, um caminhão entregou um pacote pesado de uma empresa de aluguel de filmes em Nova York. Foram necessários dois meses para conseguir uma cópia de *Pérola da China*.

Ele preparou o projetor do tio, montou a tela e percebeu que suas mãos estavam tremendo tanto que ele precisaria de três tentativas para acender um cigarro. O simples fato de estar se preparando para assistir ao único filme de Eva

Galli trouxe de volta a aparição de Gregory Bate no Rialto, onde todos eles poderiam ter morrido. E Don percebeu que receava que Eva Galli tivesse o rosto de Alma Mobley.

Ele acionou os alto-falantes para o caso de alguém ter acrescentado uma trilha sonora musical. Feito em 1925, *Pérola da China* era um filme mudo. Quando ligou o projetor e se sentou para assistir, segurando uma bebida para acalmar os nervos, descobriu que o título tinha sido alterado pela distribuidora. Não era apenas *Pérola da China*, mas o número 38 de uma série chamada *Clássicos do Cinema Mudo;* além de trilha sonora, comentários foram acrescentados. Don sabia que isso queria dizer que o filme deveria ter sofrido muitas modificações.

"Um dos maiores astros da era do cinema mudo foi Richard Barthelmess", disse a voz sem vida do anunciante, e a tela mostrou o ator andando por uma imitação de rua em Singapura. Estava cercado de filipinos e japoneses de Hollywood vestidos de malaios — a intenção era que parecessem chineses. O narrador prosseguiu e descreveu a carreira de Barthelmess, depois resumiu uma história sobre um testamento, uma pérola roubada, uma falsa acusação de assassinato: o primeiro terço do filme tinha sido cortado. Barthelmess estava em Singapura procurando o verdadeiro assassino, que tinha roubado "a famosa Pérola do Oriente". Teve a ajuda de Vilma Banky, dona de um bar "frequentado pela escória da beira-mar", mas "como uma garota de Boston, seu coração era do tamanho de Cape Cod…".

Don desligou os alto-falantes. Durante dez minutos, viu o atorzinho de batom olhar com intensidade para Vilma Banky, combater a vilania da "escória da beira-mar", correr por entre os barcos. Don esperava ser capaz de reconhecer Eva Galli, caso ela aparecesse naquela versão picotada. O bar de Vilma Banky abrigava uma variedade de mulheres que se jogavam para cima dos clientes e tomavam languidamente drinques altos. Algumas dessas prostitutas eram comuns, outras eram lindíssimas. Ele supunha que qualquer uma poderia ser Eva Galli.

Mas então apareceu uma garota na porta do bar, com neblina artificial atrás, fazendo beicinho para a câmera. Don olhou para o rosto sensual de olhos grandes e sentiu o coração congelar. Ele correu para ligar o som novamente.

"…a notória Sal de Singapura", disse o narrador. "Ela irá até o nosso herói?" Claro que ela não era a notória Sal de Singapura, aquilo era invenção de quem escreveu o comentário inútil. Mas ele sabia que aquela era Eva Galli. Ela andou pelo bar e se aproximou de Barthelmess; acariciou a bochecha dele. Quando ele afastou sua mão, ela se sentou em seu colo e ergueu uma perna no ar. O ator a jogou no chão. "É o fim de Sal de Singapura", disse o narrador.

Don soltou os plugues do alto-falante, parou o filme e voltou para a entrada de Eva Galli, para rever a sequência de cenas.

Esperava que ela fosse bonita, mas não era. Por baixo da maquiagem, era apenas uma garota de aparência comum. Não era nem um pouco parecida com Alma Mobley. Ele percebeu que ela gostava de atuar, fazendo o papel de uma garota ambiciosa, um papel que a divertia. Como teria gostado do estrelato! Como Ann-Veronica Moore, ela repetiu a ideia; mesmo Alma Mobley parecia adequada para o cinema. Poderia ter encaixado aquele rosto passivo e lindo em mil personagens. Mas, em 1925, ela calculou mal, cometeu um erro. As câmeras expunham demais, e o que você via quando olhava para Eva Galli na tela era uma jovem antipática. Mesmo Alma Mobley não era simpática. Até Anna Mostyn, quando vista de verdade, como na festa dos Barnes, parecia friamente perversa, motivada por uma determinação implacável. Elas puderam por um tempo evocar o amor humano, mas eram incapazes de retribui-lo. O que você via ao final era o vazio. Elas conseguiam disfarçar por um tempo, mas nunca para sempre, e esse era seu grande erro; um erro do seu próprio ser. Don achava que conseguiria reconhecê-lo em qualquer lugar agora, em qualquer vigilante da noite que fingisse ser um homem ou uma mulher.

22

No começo de abril, Peter Barnes foi visitá-lo. O garoto, que parecia estar se recuperando do inverno terrível, afundou em uma poltrona e passou as mãos pelo rosto. “Me desculpe interromper. Se estiver ocupado, eu posso ir embora.”

“Você sempre pode vir me ver”, disse Don. “Não precisa pensar duas vezes. Estou falando sério, Peter. Eu sempre vou ficar feliz em ver você. Garantido.”

“Eu tinha esperanças de você dizer qualquer coisa assim. Ricky vai viajar em uma ou duas semanas, não?”

“Sim. Eu vou levá-los ao aeroporto na sexta. Os dois estão muito animados com a viagem. Mas, se você quiser ver Ricky agora, é só eu ligar para ele. Ele vem.”

“Não, por favor”, disse o garoto. “Já é ruim eu estar incomodando você…”

“Pelo amor de Deus, Peter”, reclamou Don. “Qual é o problema?”

“Bom, é que eu ando passando por dias horríveis ultimamente. Era por isso que eu queria ver você.”

“Que bom que você veio. O que houve?”

“Eu ando vendo a minha mãe”, disse Peter. “Quer dizer, eu sonho com ela o tempo todo. Parece que estou de volta na casa de Lewis, vendo aquele Gregory Bate pegá-la de novo… e sonho com o jeito como ele ficou no chão do Rialto. Todos aqueles pedaços estilhaçados dele se mexendo. Se recusando a morrer.” O garoto estava à beira das lágrimas.

“Você conversou com seu pai sobre isso?”

Peter assentiu. “Eu tentei. Queria contar tudo, mas ele não quer me ouvir. Não de verdade. Ele me olha como se eu tivesse cinco anos e estivesse contando um absurdo. Então, parei antes mesmo de começar.”

“Não dá para culpá-lo, Peter. Ninguém que não estava com a gente vai conseguir acreditar. Se ele ouvir uma parte e não achar que você está maluco, talvez já baste. Parte dele estava ouvindo. Talvez essa parte até acredite. Acho que tem outro problema, sabe. Você pode estar com medo de que, se abrir mão do horror e do medo, também vai estar abrindo mão da sua mãe. Ela amava você. E agora está morta, e morreu de um jeito terrível, mas dedicou o amor dela para você por dezessete ou dezoito anos, e ainda tem muito disso aí dentro. A única coisa que você pode fazer é levá-lo consigo.”

Peter assentiu.

Don disse: “Eu conheci uma garota que passava o dia na biblioteca e dizia que tinha uma amiga que a protegia da maldade. Não sei o que aconteceu na vida dela, mas sei que ninguém pode proteger ninguém da maldade. Nem da dor. Só dá para evitar que a dor parta você no meio e tentar seguir em frente até chegar do outro lado”.

“Eu sei que isso é verdade”, disse Peter, “mas parece tão difícil.”

“Você está fazendo o certo agora. Vir até aqui para falar comigo faz parte do processo de chegar ao outro lado. Ir para Cornell vai ser outra parte importante. Você vai ter tanta coisa para fazer lá que não vai ter tempo de ficar pensando em Milburn.”

“Posso ver você de novo? Depois que eu for para a faculdade?”

“Você pode vir me ver sempre que quiser. E, se eu não estiver em Milburn, vou escrever avisando meu paradeiro.”

“Que bom”, disse Peter.

23

Ricky mandou cartões-postais da França. Peter continuou a visitá-lo, e aos poucos Don percebeu que o garoto estava deixando Anna Mostyn e os irmãos

Bate sumirem no passado das experiências que viveu. No tempo quente, com uma nova namorada que também ia para Cornell, Peter começou a relaxar.

Mas era uma paz falsa, e Don continuava esperando. Não deixava Peter perceber sua tensão, mas ela crescia a cada semana.

Ele observou os recém-chegados a Milburn, conseguiu ver todos os turistas que se hospedaram no Archer Hotel, mas nenhum ofereceu a emoção do medo que Eva Galli projetou na tela mesmo após cinquenta anos. Várias noites, depois de beber demais, Don ligou para o número de telefone de Florence de Peyser e disse: “Aqui é Don Wanderley. Anna Mostyn está morta”. Na primeira vez, a pessoa do outro lado simplesmente desligou o telefone; na segunda, uma voz feminina disse: “Não é o sr. Williams do banco? Acho que seu empréstimo vai ser cancelado, sr. Williams”. Na terceira vez, a voz de uma telefonista disse que o número já não constava na lista telefônica.

O fato de estar ficando sem dinheiro também lhe causava ansiedade. Sua conta bancária não tinha mais do que duzentos ou trezentos dólares. Agora que estava bebendo de novo, era suficiente para uns dois meses apenas. Depois disso, teria que arrumar um trabalho em Milburn, e qualquer tipo de emprego o impediria de patrulhar as ruas e lojas em busca do ser cuja chegada fora prometida por Florence de Peyser.

Ele passava duas ou três horas por dia, agora que o tempo estava quente, sentado em um banco perto do playground do único parque de Milburn. Você precisa se lembrar da escala de tempo deles, dizia para si mesmo. Precisa lembrar que Eva Galli esperou cinquenta anos para voltar e ir atrás da Sociedade Chowder. Uma criança crescendo discretamente em Milburn poderia dar a ele e a Peter Barnes quinze ou vinte anos de aparente segurança antes de começar a brincar com eles. E então seria uma pessoa que todo mundo conhecia; teria um lugar em Milburn; não seria tão visível quanto um estranho. Dessa vez, a vigilante da noite tomaria mais cuidado. O único limite temporal seria que a criatura poderia querer agir antes que Ricky morresse de causas naturais, então talvez tivesse que estar pronta em dez anos.

Quantos anos a coisa teria que ter agora, então? Oito ou nove. Talvez dez.

Se.

24

E foi assim que ele a encontrou. Primeiro, ficou em dúvida ao observar a garota que apareceu no parquinho numa tarde. Não era bonita, nem atraente; era

sombria e intensa, e suas roupas nunca pareciam estar limpas. As outras crianças a evitavam, mas crianças faziam isso com frequência; e o ar de distanciamento que ela mostrava, balançando-se sozinha em arcos solitários ou subindo e descendo em uma gangorra vazia, poderia ser a defesa de uma criança que enfrenta a rejeição.

Mas talvez as crianças percebessem mais rápido do que os adultos a verdadeira diferença.

Ele sabia que precisaria tomar uma decisão rapidamente; sua conta tinha murchado para cento e vinte e cinco dólares. Mas, se pegasse a garota e estivesse errado, o que ele seria? Um maníaco?

Ele começou a levar consigo a faca Bowie, presa na lateral do corpo embaixo da camisa, sempre que ia ao parquinho.

Mesmo que estivesse certo e a garota fosse o "lince" de Ricky, ela poderia seguir seu papel — se ele a levasse, a criança poderia lhe fazer um mal irreparável optando por não revelar nada, apenas esperando que a polícia os encontrasse. Mas a vigilante da noite o queria morto. Se estivesse certo, ele achava que ela não deixaria que a polícia e as leis o punissem em seu lugar. Ela gostava de conclusões mais espalhafatosas.

Ela pareceu não reparar nele, mas começou a aparecer em seus sonhos, sentada ao seu lado, observando-o sem expressão, e ele imaginou que, mesmo quando estava sentada no balanço, parecendo concentrada, a garota estava olhando em sua direção.

Don só tinha uma pista real de que ela não era a criança comum que parecia ser, e se agarrava a ela com um desespero de fanático. Na primeira vez em que a viu, ficou gelado.

• • •

Ele se tornou uma presença constante no parque, um homem imóvel que nunca cortava o cabelo e raramente se barbeava, depois de algumas semanas tão esperado naquele lugar no banco quanto os balanços no parquinho. No começo da primavera, Ned Rowles escreveu um artigo curto sobre ele n'*O Urbanita*, então Don era reconhecido, mas não era incomodado e tampouco os policiais o expulsavam de lá. Era escritor, deveria estar pensando em um livro. Era proprietário de uma residência em Milburn. Se as pessoas o achavam estranho, também gostavam de ter um excêntrico famoso na cidade. E ele era visto como um amigo dos Hawthorne.

Don fechou a conta no banco e sacou o restante do dinheiro. Não conseguia dormir, nem quando bebia muito. Sabia que estava voltando aos padrões do

colapso que sofrera após a morte de David. Todas as manhãs, grudava a faca na lateral do corpo antes de andar até o parque.

Ele sabia que, se não agisse, um dia não conseguiria sair da cama. Sua indecisão se espalharia por todos os átomos de seu corpo. Ficaria paralisado. Dessa vez, não conseguiria escrever para sair do buraco.

Numa manhã, ele chamou outra criança, e o garotinho se aproximou timidamente.

“Qual é o nome daquela garota?”, perguntou ele, apontando.

O garoto mexeu os pés, piscou algumas vezes e disse: “Angie”.

“Angie o quê?”

“Não sei.”

“Por que ninguém nunca brinca com ela?”

O garoto o encarou, inclinando a cabeça. Ao decidir que poderia confiar nele, inclinou-se para a frente de um jeito encantador e colocou a mão em concha ao redor da boca, num gesto de quem estava contando um segredo sombrio. “Porque ela é *horrível.”* Ele saiu correndo, e a garota ficou se balançando, cada vez mais alto, sem se importar.

Angie. Sentado, com as roupas molhadas de suor debaixo do sol quente das onze horas, ele congelou.

Naquela noite, no meio de um sonho agitado, Don caiu da cama e ficou de pé, trôpego, segurando uma cabeça que parecia ter se partido como um prato que caiu no chão. Foi até a cozinha para pegar um copo d’água e uma aspirina, e então viu — imaginou que viu — Sears James sentado na sala de jantar jogando paciência. A alucinação olhou para ele com repulsa e disse: “Está na hora de você dar um jeito nas coisas, não?”, e continuou a jogar.

Ele voltou para o quarto e começou a jogar roupas em uma mala, tirou a faca Bowie de cima da cômoda e a enrolou em uma camisa.

Às sete horas, sem conseguir esperar mais, ele dirigiu até o parque, sentou-se no banco e esperou.

A garota apareceu andando pela grama úmida às nove. Usava um vestido rosa velho que ele tinha visto muitas vezes e se movia com agilidade, envolta, como sempre, em seu isolamento. Eles ficaram sozinhos pela primeira vez desde que Don teve a ideia de observar o parquinho. Ele tossiu, e ela o encarou diretamente.

E Don pensou ter compreendido que todas aquelas semanas, com ele sentado naquele banco e temendo por sua sanidade, e a garota alheia e brincando sozinha e compenetrada, fizeram parte do jogo dela. Até sua dúvida (que ainda não o deixava) era parte do jogo. Ela o cansou, o enfraqueceu, o torturou da mesma

forma que devia ter feito com John Jaffrey antes de convencê-lo a pular da ponte para o rio gelado. Se ele estivesse certo.

“Você”, disse ele.

A garota sentada no balanço olhou para ele, do outro lado do parquinho.

“Você.”

“O que você quer?”

“Venha até aqui.”

Ela se levantou do balanço e começou a andar na sua direção. Ele não conseguiu suprimir o medo que sentia dela. A garota parou meio metro à frente e olhou diretamente para o seu rosto com olhos ilegíveis.

“Qual é o seu nome?”

“Angie. Ninguém nunca fala comigo.”

“Angie de quê?”

“Angie Messina.”

“Onde você mora?”

“Aqui. Na cidade.”

“Onde?”

Ela apontou vagamente para o oeste. Na direção de Hollow.

“Você mora com seus pais?”

“Meus pais morreram.”

“Então com quem você mora?”

“Com umas pessoas.”

“Você já ouviu falar de uma mulher chamada Florence de Peyser?”

Ela sacudiu a cabeça negativamente. Talvez fosse verdade, talvez a menina nunca tivesse ouvido falar dela.

Ele olhou para o sol, suando, sem conseguir falar.

“O que você quer?” a garota quis saber.

“Quero que você venha comigo.”

“Para onde?”

“Dar uma volta.”

“Tá”, disse ela.

Tremendo, ele levantou do banco. Foi simples assim. *Foi simples assim*. Ninguém os viu partindo.

Qual foi a pior coisa que você já fez? Sequestrou uma garota sem amigos e dirigiu sem dormir, quase sem comer, roubando dinheiro depois que o seu acabou… você apontou uma faca na direção do peito ossudo dela?

Qual foi a pior coisa? Não o ato em si, mas as ideias a respeito do ato, o filme de mau gosto se desenrolando em sua mente.

EPÍLOGO
MARIPOSA EM UM FRASCO DE VENENO

“Largue a faca”, disse a voz de seu irmão. “Você está me ouvindo, não está, Don? Largue. Não adianta mais.”

Don abriu os olhos e viu o restaurante a céu aberto ao redor, as letras douradas do outro lado da rua. David estava sentado do outro lado da mesa, ainda bonito, ainda irradiando preocupação, mas vestindo um saco que já tinha sido um terno. As lapelas estavam cinzentas, empoeiradas, com as costuras aparecendo. O mofo crescia nas mangas.

O filé e a taça de vinho pela metade estavam à frente; na mão direita, ele segurava um garfo e, na esquerda, uma faca Bowie com cabo de osso.

Don abriu um botão da camisa e enfiou a faca entre a roupa e a pele. “Estou cansado desses truques”, disse ele. “Você não é meu irmão, e eu não estou em Nova York. Nós estamos em um quarto de hotel na Flórida.”

“E você não tem dormido o suficiente”, falou seu irmão. “Parece estar em péssimo estado.” David apoiou um cotovelo na mesa e tirou os óculos de aviador. “Mas talvez você esteja certo. Não perturba você tanto quanto antes, não é?”

Don fez que não com a cabeça. Até os olhos do irmão estavam perfeitos; pareceu indecente ela ter imitado os olhos dele tão fielmente.

“Prova de que eu estava certo”, diz ele.

“Sobre a garotinha no parque, você quer dizer. Bom, claro que você estava certo sobre ela. Era para você encontrá-la mesmo. Ainda não entendeu isso?”

“Sim. Entendi.”

“Mas, em poucas horas, a pequena Angie, a pobre órfã, vai estar de volta ao parque. Em dez ou doze anos, terá a idade certa para Peter Barnes, você não diria? Claro que o pobre Ricky já vai ter cometido suicídio bem antes disso.”

“Suicídio.”

“É bem fácil de arranjar, querido irmão.”

“Não me chame de *irmão*”, disse Don.

“Ah, mas nós somos irmãos, sim”, insistiu David, sorrindo enquanto estalava os dedos.

No quarto de hotel, um homem negro com aparência cansada se sentou numa cadeira, de frente para ele, e soltou um saxofone da tira em volta do pescoço. “Agora eu sou alguém que você conhece, claro”, disse ele, colocando o saxofone em uma mesinha de cabeceira.

“Dr. Rabbitfoot.”

“O célebre.”

O músico tinha uma expressão grave e autoritária, mas, em vez do traje espalhafatoso de menestrel que Don o imaginou usando, estava vestindo um terno marrom amassado com fios iridescentes de um marrom mais claro, quase rosado. Também parecia amassado, cansado de uma vida passada na estrada. Os olhos do dr. Rabbitfoot eram tão rasos quanto os da garotinha, mas a parte branca era amarelada como teclas velhas de piano.

“Eu não imaginei você muito bem.”

“Não importa. Eu não me ofendo com facilidade. Você não pode pensar em tudo. Na verdade, não pensou em muitas coisas.” A voz ofegante e confiante do músico tinha o timbre do saxofone. “Algumas vitórias fáceis não significam que você venceu a guerra. Parece que ando fazendo as pessoas se lembrarem disso com frequência. Você me trouxe aqui, mas para onde levou *a si mesmo?* Esse é um exemplo do tipo de coisa que você precisa ter em mente, Don.”

“Eu consegui me colocar frente a frente com você”, disse Don.

O dr. Rabbitfoot levantou o queixo e riu; e, no meio da gargalhada, que foi dura e explosiva, tão regular quanto uma pedra quicando na água, Don se viu no apartamento de Alma Mobley, com todos os objetos luxuosos nos antigos lugares ao redor, e Alma estava sentada em uma almofada à sua frente.

“Ah, mas isso não é novidade, é?” perguntou ela, ainda rindo. “Frente a frente… é uma posição em que fizemos muitas vezes, pelo que me lembro. O inverso também.”

“Você é desprezível”, disse ele. Essas transformações estavam começando a funcionar: seu estômago queimava, e suas têmporas doíam.

“Eu achei que você já tinha superado isso”, disse ela com a voz direta e alegre. “Afinal, sabe mais sobre nós do que praticamente qualquer um neste

planeta. Se não gosta da nossa personalidade, deveria pelo menos respeitar nossos talentos.”

“Tanto quanto respeito os truques desonestos de um mágico de bar.”

“Então vou ter que ensinar você a respeitá-los”, disse ela, inclinando-se para a frente e se transformando em David, com o crânio parcialmente esmagado, o maxilar quebrado e a pele rompida, sangrando em mais de uma dezena de lugares.

“Don? Pelo amor de Deus, Don… Você não pode me ajudar? Minha nossa, Don.” David se virou de lado no tapete Bokhara e grunhiu de dor. “*Faça* alguma coisa, pelo amor de Deus…”

Don não conseguiu suportar. Correu em volta do corpo do irmão, sabendo que, quando se inclinasse para ajudar David, eles o matariam, então abriu a porta do apartamento de Alma, gritou “*Não!*” e se viu em uma sala lotada e quente, uma espécie de bar (foi porque eu disse *bar*, pensou, ela captou a palavra e me puxou para dentro), onde pessoas negras e brancas estavam sentadas juntas em pequenas mesas redondas de frente para um palco.

O dr. Rabbitfoot estava sentado na beirada do palco, assentindo para ele. O saxofone estava pendurado no pescoço, e ele mexia em suas teclas enquanto falava.

“Sabe, garoto? Você *precisa* nos respeitar. Nós podemos pegar seu cérebro e transformá-lo em mingau de milho.” Ele se levantou e foi andando na direção de Don. “Em pouco tempo”, e agora, de forma chocante, a voz de Alma saía de sua boca enorme, “você não saberá onde está e nem o que está fazendo, tudo dentro de você ficará misturado, você não saberá o que é mentira e o que não é.” Ele sorriu. E, novamente com a voz do doutor, levantando o saxofone na direção de Don, ele disse: “Veja este instrumento aqui. Posso dizer para garotas que as amo por este saxofone, e provavelmente é mentira. Ou posso dizer que estou com fome, e isso não vai ser mentira. Ou posso dizer alguma coisa bonita, e quem sabe se é mentira ou não? É complicado, entende?”.

“Está muito quente aqui”, comentou Don. Suas pernas estavam tremendo, e a cabeça parecia girar em arcos amplos. Os outros músicos no palco estavam afinando os instrumentos, alguns acompanhando o lá que o pianista estava tocando, outros fazendo escalas. Don ficou com medo de que, quando eles começassem a tocar, a música pudesse parti-lo em pedacinhos. “Podemos ir?”

“Pode deixar”, disse o dr. Rabbitfoot. O amarelo em volta das pupilas brilhou.

O baterista bateu em um címbalo, e uma nota vibrante do baixo se espalhou pelo ar úmido como um pássaro, levando seu estômago junto, e todos os músicos tocaram em harmonia, com o som o atingindo como uma onda enorme.

E ele estava andando por uma praia do Pacífico com David, os dois descalços, uma gaivota revoando mais acima, e ele não queria olhar para David, que estava usando o terrível terno mofado do enterro, então se voltou para a água e viu camadas cintilantes e iridescentes de óleo deslizando pelas poças ao redor. “Eles sabem tudo”, dizia David, “eles nos observaram por tanto tempo que nos conhecem nos mínimos detalhes, sabe? É por isso que não temos como vencê-los… é por isso que estou assim. Você pode ter outros golpes de sorte como teve em Milburn, mas, acredite, eles não vão deixá-lo se safar agora. E não é tão ruim.”

“*Não?*”, sussurrou Don, quase pronto a acreditar, e olhou para além da terrível cabeça de David, vendo, em um penhasco, o “chalé” onde ele e Alma ficaram milhares de anos antes.

“É como quando comecei a advogar”, explicou David. “Eu achava que era o tal, Don. Meu Deus, chava que viraria tudo de cabeça para baixo. Mas os coroas daquela firma, Sears e Ricky, eles sabiam tantos truques, eram lisos como graxa, cara. E eu fui a única coisa que foi virada de cabeça para baixo. Por isso escolhi aprender, irmão. Eu me fiz de aprendiz deles e decidi que, se quisesse chegar a algum lugar, tinha que aprender a ser como eles. Foi assim que eu me superei.”

“Sears e Ricky?”, perguntou Don.

“Isso mesmo. Hawthorne, James e Wanderley. Não era assim?”

“De certa forma, sim”, disse Don, piscando para o sol vermelho.

“De uma forma *importante*. E é isso o que você tem que fazer agora, Don. Precisa aprender a honrar seus superiores. Humildade. Respeito, se você preferir. Sabe como é? Esses caras, eles vivem para sempre e nos conhecem por dentro e por fora, e quando você pensa que conseguiu prendê-los, eles se libertam e voltam tão novos quanto as folhas na primavera, assim como os antigos advogados da minha primeira firma. Mas eu aprendi, sabe? E agora tenho tudo isso.” David fez um gesto amplo, apontando para os arredores, a casa, o mar, o sol.

“Tudo isso”, disse Alma ao lado dele agora, com um vestido branco, “e eu também. Como seu saxofonista diz, é complicado.”

Os desenhos que o óleo formava na água se aprofundaram, e as cores elusivas envolveram suas canelas.

“O que você precisa, garoto”, disse o dr. Rabbitfoot ao seu lado, “é de uma saída. Você está com gelo na barriga e uma estaca na cabeça, e tão cansado quanto estaria passando três semanas de verão na Geórgia. Você tem que chegar ao último bar. Precisa de uma porta, filho.”

“Uma porta”, repetiu Don, pronto para cair, e se viu olhando para uma porta alta de madeira de cabeça para baixo na areia. Havia uma folha de papel presa

nela à altura do olho. Don chegou perto e viu as letras datilografadas na folha.

Gulf View Motor Lodge

1. A gerência solicita que todos os hóspedes saiam ao meio-dia ou paguem mais uma diária pelo bangalô.
2. Nós respeitamos seus bens. Por favor, respeitem os nossos.
3. É proibido fritar, grelhar ou cozinhar alimentos nos bangalôs.
4. A gerência dá boas-vindas, deseja uma feliz estada e uma partida significativa.

A gerência.

“Está vendo?”, disse David atrás dele. “Uma partida significativa. Você tem que fazer o que a gerência manda. Era disso que eu estava falando. Abra, Don.”

Don abriu a porta e a atravessou. O sol ardente da Flórida o atingiu, refletindo no asfalto brilhante do estacionamento. Angie estava parada na sua frente, segurando a porta do carro aberta. Don cambaleou e se apoiou na lateral vermelha pelando de uma van Chevrolet; o homem que parecia Adolf Eichmann, protegido numa cabine de concreto, virou a cabeça e o encarou. A luz cintilou nos óculos dourados finos.

Don entrou no carro.

“Agora, apenas dirija”, disse o dr. Rabbitfoot ao seu lado, recostado no banco do carro. “Você encontrou a porta de que precisava, não? Vai dar tudo certo.”

Don pegou a pista de saída. “Qual é o caminho?”

“Qual é o caminho, filho?” O homem negro riu e depois deu uma gargalhada ofegante e explosiva. “Ora, o *nosso* caminho. É o único que você tem. Nós vamos seguir sozinhos pelo interior, entende?”

Claro que ele entendia: ao entrar na estrada, afastando-se de Panama City, viu não a estrada, mas um campo amplo, uma toalha quadriculada na grama, um moinho se movendo ao sabor da brisa aromática. “Não”, disse ele. “Não faça isso.”

“Tudo bem, filho. Apenas dirija.”

Don olhou para a frente, viu a linha amarela que dividia a estrada, puxou o ar com dificuldade. Estava cansado o suficiente para adormecer no volante.

“Cara, você está fedendo como um bode. Está precisando de um banho.”

Assim que a voz musical parou, uma chuva intensa bateu no para-brisa. Ele ligou os limpadores e, quando as janelas ficaram limpas por um momento, ele viu a chuva caindo na estrada, cortando o ar escurecido de repente.

Don gritou e, sem saber que faria isso, enfiou o pé no acelerador.

O carro disparou, com a chuva entrando pela janela aberta, e eles caíram pela beirada da estrada, descendo a encosta.

• • •

Sua cabeça bateu no volante, e ele soube que o carro estava capotando, virando uma vez e fazendo-o quicar no banco, virando de novo e parando na posição certa, apontando para baixo, seguindo livremente na direção dos trilhos do trem e do Golfo.

Alma Mobley estava de pé nos trilhos, levantando as mãos como se isso pudesse fazê-los parar. Sumiu como uma lâmpada se apagando quando o carro bateu nos trilhos e ganhou velocidade na direção da estrada de acesso.

“Seu branquelo maldito”, gritou o dr. Rabbitfoot, lançado violentamente em cima dele e depois contra a porta.

Don sentiu uma dor repentina por baixo de sua camisa, colocou a mão em cima e encontrou a faca. Ele abriu a camisa, gritando alguma coisa que não eram palavras, e quando o homem negro pulou em cima dele o que encontrou primeiro foi a lâmina.

“Branquelo… *maldito*”, o dr. Rabbitfoot, ofegante, conseguiu dizer. A faca bateu em uma costela; os olhos do músico se arregalaram e sua mão se fechou no pulso de Don, que empurrou *com vontade*. A lâmina escura raspou a costela e encontrou o coração.

O rosto de Alma Mobley apareceu no para-brisa, enlouquecido e vermelho como o de uma bruxa, gritando com ele. A cabeça de Don foi jogada contra o pescoço do dr. Rabbitfoot; ele sentiu sangue escorrendo em sua mão.

O carro se ergueu quinze centímetros do chão, içado por um sopro interno de vento que jogou Don contra a porta e rasgou sua camisa, que lhe cobriu rosto. Eles quicaram pela estrada de acesso e seguiram para a morte do vigilante da noite, precipitando-se no Golfo.

• • •

O carro caiu na água, e Don viu o corpo do homem tremer e encolher, como aconteceu com o de Anna Mostyn. Sentiu uma quentura no pescoço e percebeu que a chuva tinha parado antes de ver a luz do sol atravessando a forma agitada e torturada que tremia no banco do carro. A água entrava pelas portas; jorros rodopiavam e se juntavam à última dança do dr. Rabbitfoot. Os lápis e mapas que estavam no painel também giravam na água.

Mil vozes gritando o envolveram.

“Agora, seu filho da mãe”, sussurrou ele, esperando o gemido do espírito que habitava aquela forma em desvanecimento.

Um lápis que flutuava na água sumiu de repente. Uma luz esverdeada vibrante coloriu tudo como um brilho de relâmpago verde. *Branquelo*, sussurrou uma voz do nada, então o carro tremeu violentamente, e raios de cores também violentas, como se o automóvel fosse um prisma, explodiram do centro da água em redemoinho.

Don mirou em um ponto que se encontrava a alguns centímetros acima do vórtice e estendeu as mãos, jogando-se para a frente no momento em que seu ouvido registrou aquele último sibilar de voz que se tornou um zumbido furioso e prolongado.

Suas mãos se fecharam em volta de uma forma tão pequena que, num primeiro momento, achou que a tinha deixado escapar. Seu movimento o impulsionou para a frente, suas mãos unidas acertaram a beirada da janela, e então ele caiu do banco, indo parar na água.

A coisa em suas mãos o ferroou.

ME SOLTE!

A coisa o ferroou novamente, e sua mão parecia estar do tamanho de uma bola de futebol. Ele juntou as mãos e passou a coisa para a mão esquerda.

ME LARGUE!

Ele apertou a coisa com os dedos e foi ferroado de novo antes que a voz reverberando em sua cabeça se tornasse um grito agudo e trêmulo.

Chorando agora, em parte por causa da dor, mas principalmente em virtude de uma sensação selvagem de triunfo que o fez sentir que brilhava como o sol, emitindo luz por todos os poros, Don usou a mão direita para pegar a faca no assento encharcado e abriu a porta do passageiro na água agitada do Golfo.

A voz na cabeça dele se amplificou como uma sirene. A vespa o ferroou duas vezes rapidamente, acertando a base de dois dedos.

Chorando, Don rastejou pelo banco do carro e caiu na água, que estava na altura de sua cintura. É hora de ver o que acontece quando *atiramos no lince*. Ele se levantou e viu um grupo de homens de pé a setenta metros, do lado de fora dos armazéns, olhando para ele sob a luz do sol. Um homem acima do peso que usava um uniforme de segurança corria em direção à beira da água.

Está na hora de ver o que acontece. Está na hora de ver. Ele acenou com a mão direita para dispensar o segurança e enfiou a esquerda embaixo da água para atordoar a vespa.

O guarda viu a faca em sua a mão e levou a dele ao coldre. “Você está bem?”, gritou ele.

“Vá embora!”

“Olha, amigo…”

ME SOLTE!

O guarda baixou a mão, recuou alguns centímetros na praia, com a confusão afastando a beligerância de seu rosto.

VOCÊ TEM QUE ME SOLTAR!

“Mas não mesmo”, disse Don, indo até a areia e ficando de joelhos, empurrando a mão esquerda para baixo de novo. “É hora de atirar no lince.”

Ele levantou a faca acima da mão inchada e em chamas e abriu os dedos lentamente. Quando uma parte do corpo da vespa, com as patas agitadas e o traseiro protuberante, estava descoberta, ele abriu a mão e enfiou a faca.

NÃO! VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO!

Ele virou a palma da mão e largou a parte cortada da vespa na areia. Em seguida, partiu o restante do bicho ao meio.

NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! NÃO PODE!

“Ei, moço…”, disse o segurança, aproximando-se pela areia. “Você está com a mão toda cortada.”

“Foi necessário”, respondeu Don, largando a faca ao lado dos pedaços da vespa. A voz alta e enfurecida tinha se tornado um grito agudo e estridente.

O guarda, ainda com o rosto vermelho e confuso, olhou para os pedaços da vespa se contorcendo e rolando com desespero na areia.

“Uma vespa”, comentou ele. “Achei que talvez tivesse sido a tempestade maluca que jogou você para fora da… hã…” Ele esfregou a boca. “Deve ter ferroado você bem naquela hora, hein? Caramba, eu não sabia que essas coisas sobrevivem quando… hã…”

Don estava enrolando a camisa na mão ferida e a enfiou na água salgada para ajudar na cicatrização.

“Acho que você queria se vingar da filha da puta, né?”, disse o guarda.

“Sim”, disse Don, olhando para a expressão atordoada do homem e rindo. “Isso mesmo, eu queria.”

“É, e conseguiu”, disse o guarda. Os dois olharam os pedaços cortados da vespa se mexendo na areia. “Essa coisa *nunca* vai deixar seu espírito ir embora.”

“É o que parece.” Don usou o sapato para jogar areia nas partes da vespa que ainda se contorciam. Até as marcas na areia mostravam que a coisa continuava a lutar.

“A maré vai chegar e vai levar ela embora”, comentou o guarda. Ele fez sinal para os armazéns, para o amontoado de homens curiosos. “Podemos fazer alguma coisa por você? A gente pode chamar um caminhão, ligar da usina para tirarem seu carro daí.”

“Vamos fazer isso. Obrigado.”

“Está com pressa para chegar a algum lugar?”

“Com pressa não”, disse Don, sabendo na mesma hora o que deveria fazer. “Mas preciso visitar uma mulher em San Francisco.” Eles começaram a andar na direção dos armazéns e dos homens silenciosos. Don parou para olhar para trás; viu apenas areia. Agora, não conseguia nem mesmo discernir o local onde a havia enterrado.

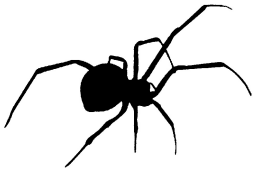
“A maré vai levar aquela filha da mãe quase até a Bolívia”, disse o guarda obeso. “Não precisa mais se preocupar com ela, amigo. Vai virar comida de peixe até o fim da tarde.”

Don prendeu a faca no cinto e sentiu uma onda de amor por tudo o que era mortal, por tudo aquilo que possuía um tempo de vida breve e específico — um carinho por tudo o que era capaz de dar à luz e morrer, por todas os seres que podiam viver, como aqueles homens, sob a luz do sol. Sabia que era apenas uma grande onda de alívio e adrenalina, mas, mesmo assim, era um sentimento místico, talvez sagrado. Querido Sears. Querido Lewis. Querido David. Querido e desconhecido John. Queridos Ricky e Stella, e querido Peter também. Queridos irmãos, querida humanidade.

“Para um cara que tá com o carro enferrujando no sal, você parece muito feliz”, disse o guarda.

“É”, respondeu Don. “Eu estou mesmo. Só não me peça para explicar.”

PETER STRAUB nasceu em Milwaukee, Wisconsin, em 1943, primeiro de três filhos de um vendedor e de uma enfermeira. O pai queria que ele fosse atleta, a mãe queria que fosse médico, mas Peter só queria saber de aprender a ler. Revirava as bibliotecas do colégio em busca de piratas, soldados, detetives e espiões, e ganhou a reputação de contador de histórias rapidamente. Ao mergulhar na carreira de escritor, já adulto, Peter Straub se tornou um dos autores de horror mais prolíficos e aclamados de todos os tempos, com inúmeros romances, contos, poemas e novelas publicadas. Entre leitores notáveis de seu trabalho encontra-se Stephen King, também um parceiro criativo em obras como *O Talismã* e *A Casa Negra*. Straub recebeu diversos prêmios, entre eles o Bram Stoker Award, o World Fantasy Award e o International Horror Guild Award. Em 2006, foi agraciado com o Life Achievement Award pela Horror Writer's Association. Saiba mais em peterstraub.net

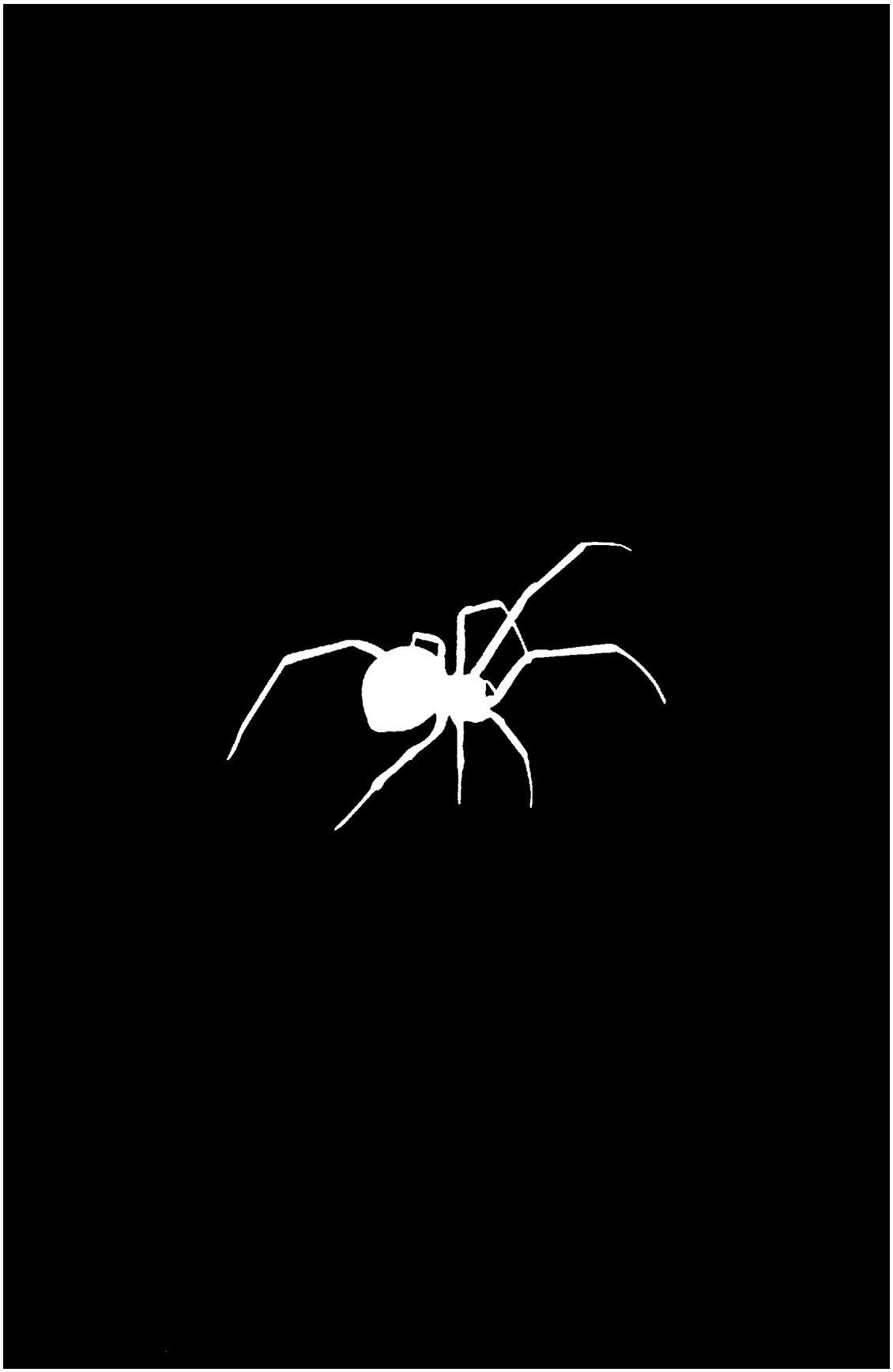


O fino véu entre os mundos se abre para permitir um momento de reconexão.

DIVIDIMOS NOSSO MUNDO COM FANTASMAS

— HALLOWEEN DE 2019 —

DARKSIDEBOOKS.COM



GHOST STORY
© 1979 by Peter Straub

Tradução para a língua portuguesa
© Regiane Winarski, 2019

Ilustração de capa
© Sam Weber

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente Comercial
Giselle Leitão

Gerente de Marketing Digital
Mike Ribera

Editores
Bruno Dorigatti
Raquel Moritz

Editores Assistentes
Lielson Zeni
Nilsen Silva

Capa e projeto gráfico
Retina78

Designers Assistentes
Arthur Moraes
Sergio Chaves

Finalização
Sandro Tagliamento

Revisão
Alexandre Boide
Cecília Floresta
Isadora Torres
Jessica Reinaldo
Retina Conteúdo

Impressão e acabamento
Gráfica Geográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Andreia de Almeida CRB-8/7889

Straub, Peter
Ghost Story / Peter Straub ; tradução de Regiane Winarski.
— Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2019.
448 p.

ISBN: 978-85-9454-184-0
Título original: *Ghost Story*

1. Ficção norte-americana 2. Fantasmas
I. Título II. Winarski, Regiane

19-0451 | CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
DarkSide® *Entretenimento LTDA.*
Rua Alcântara Machado, 36, sala 601, Centro
20081-010 – Rio de janeiro – RJ – Brasil
www.darksidebooks.com

eBook: Argon
Versão 1.0